

Amor sob encomenda



VERUS
EDITORA

CARINA RISSI



CARINA RISSI

Amor sob
encomenda

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2019



VERUS
EDITORA

Editora executiva

Raïssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Maria Lúcia A. Maier

Imagens da capa

© Shutterstock

Personagem: Irina Alexandrovna

Roas: Fedorov Ivan Sergeevich

Celular: Guteksk7

Diagramação da versão impressa

Juliana Brandt

ISBN: 978-85-7686-799-9

Copyright © Verus Editora, 2019

Direitos mundiais em língua portuguesa reservados por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R483a

Rissi, Carina

Amor sob encomenda [recurso eletrônico] / Carina Rissi. – 1. ed. – Campinas [SP] : Verus, 2019.
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-799-9 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.
19-60058

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Uma parte sua não devia sempre ser tão mais sensata que a outra, nem suspeitar sempre de que a outra era pior que na realidade.

— JANE AUSTEN, *Persuasão*

Sumário

[1](#)

[2](#)

[3](#)

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[Agradecimentos](#)

1

Se minha vida fosse um conto de fadas, eu nunca seria a Cinderela. Dependendo do dia, eu poderia ser a fada madrinha com uma agenda bastante apertada. Em outros, um dos ratos responsáveis por levar a princesa ao baile. Na manhã daquela quarta-feira, eu era o dragão furioso cuspidor de fogo do alto do meu colchão, e nem era por culpa da briga que se desenrolava no quarto ao lado.

— Como assim roubaram o caminhão do bufê, Tália? — perguntei ao telefone para minha chef favorita, tentando ignorar a gritaria de Fabiola e o namorado.

— ... pensa que eu sou seu brinquedinho, Alan? — A voz abafada da minha

melhor amiga passou por debaixo da porta.

— Isso de novo não! — devolveu ele.

Esfreguei a testa, mirando as prateleiras de livros ao lado da janela. Alguns raios de sol perpassavam a cortina cinza, incidindo diretamente no puxador da primeira gaveta da cômoda de laca branca, indicando que eu deveria ter saído da cama fazia algum tempo.

— Levaram tudo, Melissa — me contou Tália, do outro lado da linha. — Os utensílios de cozinha, os mantimentos, o celular do motorista e até os óculos do coitado. Vou dar um jeito para a formatura desta noite, mas não posso prometer que não vai haver atrasos.

Eu odiava a palavra “atraso” tanto quanto a irmã dela: “improviso”. Nada de bom saía de nenhuma das duas. Por culpa dessas palavras, o meu cronograma caía feito um daqueles caracóis de dominó.

Como tudo podia dar tão errado se eu ainda nem tinha escovado os dentes?

Caramba, eu planejava aquela festa por seis meses! Era minha função fazer tudo funcionar feito as engrenagens muito bem lubrificadas de um relógio suíço. Por mais louco que fosse o pedido do contratante, eu o realizava.

Uma formatura com o cenário tão realista que faria os convidados se sentirem em Paris? É claro que eu podia fazer.

Uma festa corporativa com o tema Las Vegas? Bastava me dar uma data!

Um casamento nos moldes de um dos romances de Jane Austen? Ah, por favor!

As pessoas tinham um sonho. Eu era paga para transformá-lo em festas inesquecíveis. Entretanto, para que isso acontecesse, os fornecedores não podiam ter seus caminhões furtados.

Fechei os olhos, massageando as têmporas. Se a comida não estivesse no salão até a hora do almoço, eu teria que executar o plano B: acionar o bufê que forneceria a comida para a convenção de um partido político no dia seguinte, uma alternativa ruim em vários níveis, pois o cardápio não era o mesmo, além de gerar um efeito cascata caso não houvesse tempo para repor o estoque. Expliquei tudo isso a Tália, que prometeu dar o seu melhor para produzir o jantar daquela noite, nem que tivesse que pedir panelas emprestadas. Tudo bem, Tália era competente. Trabalhávamos juntas havia cinco anos. Ela não ia me deixar na mão agora, certo?

Encerrando a chamada, joguei os lençóis para o lado e esperei que Fabiola e Alan terminassem a briga — algo relacionado a uma garota do escritório de marcas e patentes onde ele trabalhava ter mandado uma mensagem suspeita.

Meu gato balofo pulou para o chão, se espreguiçando, sinuoso, antes de começar a arranhar a porta em seu desespero para fazer uma visita à caixa de

areia. Eu também estava apertada, mas tivemos que esperar dez minutos até a porta da frente e a do cômodo ao lado do meu baterem com tanta violência que um dos livros na prateleira sobre minha cama tombou. Eu o endireitei antes de colocar meia cabeça para fora entre a porta e o batente. Loki correu para a lavanderia, e eu para o quarto da minha melhor amiga.

— Fabi. — Bati de leve.

— Preciso de um minuto, Mel.

Eu pretendia insistir, mas realmente precisava ir ao banheiro, de modo que fui para o pequeno cômodo no final do corredor, tropeçando em alguma coisa no caminho — os sapatos de Fabi, constatei.

Nós dividíamos o apê havia três anos, mas eu ainda não compreendia a capacidade de Fabi de bagunçar a casa com tanta rapidez. Era quase uma intervenção cósmica conseguir driblar as inúmeras tralhas largadas pelo caminho e encontrar a porta da sala todas as manhãs. Sempre que eu mencionava o assunto, Fabiola ficava na defensiva e atirava na minha cara coisas aleatórias e muito injustas, como o fato de eu só ter um emprego graças a ela. Era só *parcialmente* verdade. Fabi me alertara sobre a vaga de assistente de produção na Allure, cinco anos antes. Entretanto, sobreviver à entrevista de emprego e convencer Sônia Ribeiro — também conhecida como minha chefe ou *a razão dos meus pesadelos* — de que eu era digna de sua agência foi (e ainda era) uma luta vencida à base de muito suor frio.

Preocupada com minha amiga e o sumiço do caminhão, não me demorei no chuveiro. Limpa, ergui os fios loiros ainda úmidos em um rabo de cavalo alto e apliquei uma quantidade de fixador potencialmente prejudicial à camada de ozônio na tentativa de manter meu penteado apresentável até o fim do evento daquela noite. Também fiz uma maquiagem básica, dando um trato especial aos cílios, na esperança de que fios mais escuros desviassem a atenção das meias-luas arroxeadas sob meus olhos castanhos. Ao terminar, encarei meu reflexo e gemi. A palidez ressaltava as sardas que se espalhavam pelo rosto, braço e outras partes que nunca viam a luz do dia, e nem o batom vermelho conseguiu mascarar a exaustão evidente. Até minhas sobrancelhas pareciam cansadas.

Eu guardava a maquiagem de volta na nécessaire — Loki tinha uma atração inexplicável pelos meus produtos de beleza, sobretudo os que ficavam na beirada da bancada — quando o telefone estremeceu sobre o granito. Relanceei a foto do belo homem de cabelo cor de areia encaracolado e sorriso de comercial de consultório odontológico e sorri de volta, abrindo a mensagem.

Podemos nos encontrar esta noite?

Seria um sonho, Fred. Mas não vai dar.

Estou toda enrolada hoje. Tudo o que podia dar errado está dando.

Eu preciso mesmo falar com você, Melissa. Não tem problema se a gente se vir tarde da noite.

O tom urgente na curta mensagem do meu namorado acendeu uma luz vermelha em minha mente. Achei melhor especular.

Aconteceu alguma coisa?

Nada que eu possa dizer pelo telefone. Vou te esperar em casa.

Até mais tarde.

Humm... Fred não era dado a mistérios. Nem a espontaneidade. Ou a coisas

banais tipo passar a noite largado no sofá vendo um seriado, ir ao cinema ou sair de casa de modo geral. Meu namorado tinha o próprio escritório financeiro, a Lanza Consultoria. Graças ao sorriso carismático e à maneira simples de explicar economia para leigos, ele agora integrava o elenco do *Jornal da Manhã*, onde todo dia às sete e meia dava dicas de investimentos para pessoas que não manjavam nada do assunto. Mas a fama repentina cobrava um preço, e, discreto como era, Fred preferia não expor sua vida privada (no caso, a mim), de modo que raramente deixávamos seu apartamento. Talvez o que ele pretendia dividir comigo com tanta urgência fosse relacionado ao trabalho. Fazia algum tempo que ele e a emissora discutiam a possibilidade de um programa sobre finanças apresentado apenas por Fred nas manhãs de domingo.

Eu ainda pensava nisso ao sair do banheiro e praticamente trombar em Fabiola, perdida dentro do imenso roupão preto, parecendo ainda menor que seu um metro e sessenta, os cachos escuros embolados em um coque displicente, como se Loki tivesse brincado ali nas últimas duas horas, os olhos inchados e vermelhos.

Argh! Eu devia ter dado um fim nele fazia tempo. No roupão, quero dizer, embora fazer desaparecer o cretino que uma vez por semana brincava de arremessar o coração da minha amiga contra a parede fosse uma fantasia que eu acalentava em um cantinho especial do coração, junto ao sonho de um parente muito rico aparecer diante da minha porta dizendo que eu era sua única herdeira.

— Você está bem? — perguntei, preocupada.

— Sei lá. — Ela deu de ombros, se arrastando para a cozinha. — Tô com tanta raiva que não sei direito.

Fui atrás dela, quase tropeçando em Loki, parado ao lado de sua tigela, miando ansioso pelo café da manhã. Abri o armário sobre a pia e apanhei o saco de ração ao mesmo tempo que Fabiola se colava à pia para preparar a cafeteira. O perfume de café preencheu a pequena cozinha azulejada.

— O que aconteceu dessa vez? — eu quis saber, derramando os grãos coloridos na tigela de Loki.

— Uma colega do escritório mandou mensagem para ele agora há pouco. Eu perguntei se estava tudo bem, porque ainda era muito cedo, aí ele surtou e me acusou de controlá-lo e blá-blá-blá... A gente terminou só porque eu queria saber se ele estava com problemas no emprego! — Fechou a tampa da cafeteira com mais força do que deveria. — Qual é o meu problema, Mel? Por que só me envolvo com idiotas?

Honestamente, eu também não entendo, pensei, me abaixando para servir o café da manhã para o meu gato, que atacou a comida sem hesitar. Fabiola era uma mulher inteligente e linda, mas sempre se deixava cegar por idiotas feito o

Alan. Eu desconfiava que o problema estivesse em seu coração; era do tamanho do mundo, e tinha um fraco por desajustados e por produtos da Guerlain. Fabiola nunca admitiria, mas eu sabia que, secretamente, ela tentava “restaurar” os homens com os quais se envolvia, de um jeito semelhante ao que fazia com as artes gráficas da Allure, e isso nunca dava certo porque a) ela só se relacionava com paspalhos com problemas emocionais; e b) ninguém muda ninguém. As pessoas são como são até que elas mesmas decidam fazer algo diferente. A motivação — se acontece — parte do indivíduo, e não de algum sentimento de dever, amor ou qualquer baboseira do gênero. É meio parecido com o cabelo: você pode tentar alisar um cacho ou criar anéis em um liso absoluto, mas ao primeiro sinal de umidade ele vai assumir sua verdadeira natureza e te deixar descabelada, frustrada e com a sensação de que desperdiçou uma parte preciosa de sua vida tentando domá-lo.

Abri a boca para explicar tudo isso a ela pela centésima vez, mas desisti. Que sentido tinha? Abordar sua vida amorosa era idêntico a explicar para Loki por que ele não devia fazer sua sujeira fora da caixa de areia.

— Tente ver o lado positivo. — Voltei ao armário, apanhando um par de canecas, dois pratos e o pacote de pão, e os empilhei na mesa de fórmica branca, empurrando com o cotovelo a bolsa de Fabi. — Agora você está livre para encontrar o cara inteligente, carinhoso e com uma pegada incrível que está por aí, esperando o momento de te conhecer.

Brincando com a pontinha do cinto do roupão, ela arregalou os olhos.

— Quer saber? Tem toda a razão! — exclamou, subitamente animada. — Preciso parar de me envolver com os caras errados e encontrar logo o sr. Amor da Minha Vida. E até sei como!

Eu me perguntei se minha amiga tinha perdido a cabeça de vez, pois foi procurar o amor da sua vida dentro da geladeira. Fabiola parecia meio fora de si ao atirar coisas aleatórias sobre a mesa e depois analisar o que havia pescado: uma maçã, o pote de mel e um pacotinho de cravo. Começou a se abaixar no banquinho, mas eu a segurei pelos ombros, impedindo que se sentasse.

— Fabi, desculpa. Eu sei que o momento é ruim, mas você precisa se arrumar ou vai se encrascar com a Sônia. Deixa que eu preparo o café da manhã.

Ela me encarou como se eu tivesse dito que fazia parte de uma seita secreta comedora de focas bebês. Mordi o lábio para não gemer. Honestamente, ela nunca ia esquecer o episódio do brigadeiro? A culpa foi da fiação antiga, não minha. Até os bombeiros concordaram comigo. Mais ou menos...

— Eu consigo picar uma fruta. — Revirei os olhos. — Vá se arrumar, ou vamos acabar desempregadas.

A contragosto, ela aquiesceu. No entanto, em vez de ir para o quarto, se

esticou sobre a mesa para pegar sua bolsa, espremida entre a maçã e o pacote de pão. Rasgou uma página do bloco de notas e me entregou junto com um marca-texto rosa brilhante.

— Pique a maçã em quatro — instruiu, saindo da cozinha. — Depois espete os cravos na casca, tá?

Ok. Não parecia tão complicado, embora fosse esquisito. Mas, ei, o que eu sabia sobre culinária além de abrir embalagens e depois colocar o que quer que fosse no micro-ondas?

— Eu juro, Mel — ela gritou do quarto. — Dessa vez acabou mesmo. Não quero mais saber do Alan.

— Espero que você esteja falando sério dessa vez.

Ela apareceu no vão da porta, abotoando o sutiã preto, o vestido azul-marinho pendurado no ombro.

— Ah, mas eu estou! A partir de hoje eu só quero saber do cara certo. O *meu* cara. Espeta um pouco mais de cravo — ensinou, de olho na maçã. — Precisa parecer um ouriço.

— Se pelo menos essa bobagem de cara certo existisse... — resmunguei baixinho, tomando cuidado para as extremidades pontiagudas das florezinhas rígidas não perfurarem minha pele à medida que eu as cravava na fruta porosa.

Imaginei que Fabiola tivesse voltado para o quarto, mas, ao elevar os olhos, vi que ela estava imóvel sob o umbral da porta, ainda de calcinha e sutiã.

— Você sabe que a sua carreira estaria em risco se mais alguém te ouvisse dizendo isso por aí, né? — Ela me deu um olhar comprido. — Como pode não acreditar no amor verdadeiro? Justo você, Mel, cujo trabalho é *celebrar* o amor!

— E é justamente por causa do nosso trabalho que eu fico surpresa que você ainda acredite nessa bobagem de *para sempre*. Você sabe muito bem quantas festas de divórcio, com direito a bem-separado e tudo, fizemos no ano passado.

Impaciente, puxou a roupa do ombro e a sacudi, atraindo a atenção de Loki, que se esticou sobre as patas traseiras, tentando pegá-la.

— Tá. Foram sete. — Abriu o zíper com um movimento rápido. — Mas e quanto aos trinta e seis casamentos que nós produzimos? Não contam?

— Em menos de cinco anos vamos ter trinta festas de divórcio, Fabi.

— Você não tem como saber!

Mas eu tinha, sim. E ela também. Estávamos naquele ramo fazia tempo demais para conhecer os números. O casamento, ao que parecia, expirava assim que as luzes da festa se apagavam.

— E quanto ao Fred? — Enfiou as pernas pela saia do vestido, se requebrando para subi-lo pelos quadris largos. — Ele não é o seu amor verdadeiro?

— Você sabe que eu não acredito nisso. A gente se entende. É o bastante.

Com a minha agenda, ter um namorado já era praticamente um milagre. A maioria dos homens não entendia que o fim de semana era a minha “semana útil”, período em que a maioria das festas acontece. Por sorte, Fred era tão ocupado aos sábados e domingos quanto eu, perdido em infinitas reuniões de planejamento do quadro diário do *Jornal da Manhã*, ou com seus clientes na Lanza Consultoria. Então, nosso relacionamento ia muito bem, obrigado, fazia um ano.

Para mim também era difícil acreditar que estivesse durando tanto. Nós nos conhecemos em uma livraria no início do ano anterior, ambos interessados em um mesmo livro. O debate sobre a trama levou a um café, depois a um almoço, um jantar, uma noite de sexo, e estávamos namorando sem que eu percebesse como aconteceu. É claro que eu amava Fred, mas essa história de amor verdadeiro... revirar o estômago, a cabeça, pupilas dilatadas e pulsação errática são coisas que só se encontram nas prateleiras das livrarias ou nos casos de coma alcoólico. Afinidade, respeito, carinho, era nisso que eu acreditava.

Um *zuuuup* chiou na sala no momento exato em que espetei o último cravo na fruta. Loki subira no banquinho e espiava o resultado do meu esforço culinário, um pouco intrigado com o aspecto ouriçado. É, eu também não tinha entendido. Será que Fabiola pretendia cozinhar aquela maçã?

— O que eu faço agora? — Ergui o rosto.

Minha amiga, já vestida, continuava parada na entrada da cozinha, a expressão semelhante à de Sônia depois de uma das suas adoradas sessões de Botox. O único sinal de mobilidade eram os olhos, apenas duas fendas estreitas.

— Pode fazer uma anotação pra mim enquanto arrumo o cabelo? — Ela me deu as costas. — Naquele papel que eu te dei!

Apoiei o quadradinho na mesa, anotando a palavra que Fabiola gritou do banheiro.

— Beleza, “amor”. O que mais?

— Só isso! — Ela voltou para a cozinha, pulando em uma perna para calçar o sapato. Tombou sobre o banquinho cromado, assustando Loki. — Agora dobre algumas vezes e coloque dentro da maçã. Aí derrame o mel por cima de tudo.

Parei de dobrar o papelzinho e a contemplei, em absoluto horror.

— Diz que tá brincando comigo — supliquei, exasperada. — Diz que isso não é um feitiço.

— Uma simpatia — corrigiu, com um sorriso selvagem. — No fim das contas, acho que, de nós duas, você é quem precisa mais. “Se entender” não é o bastante, Mel. Não passa nem perto.

Dei um pulo, me afastando da mesa até esmagar o quadril contra a pia.

— Fabiola! Não acredito que você me fez perder tempo com essa bobagem!

Nós precisamos estar na Allure daqui a trinta minutos! O caminhão do bufê foi roubado, nós temos um milhão de coisas pra resolver! E eu já *tenho* um namorado. — Bati as mãos na pia. As pulseiras de pedras arredondadas em meu pulso estalaram contra o granito, se enterrando em minha pele.

Ignorando a dor, eu trouxe o braço para perto do rosto, preocupada que alguma conta tivesse se partido. Eu amava aquele trio de pulseiras. Não era porque a combinação de houlita branca, turquesa e lápis-lazúli funcionava bem demais em quase todos os looks, nem porque eram minhas únicas joias de valor. As pulseiras foram o último presente de aniversário que ganhei da minha mãe, três anos antes.

— Só por garantia... — Fabiola deu um muxoxo e indicou o prato com o nariz. — ... acho melhor terminar. Nunca se sabe o que pode acontecer se você deixar uma simpatia inacabada. Vai que rola uma maldição ou coisa assim. Ou você tem medo de descobrir que o homem da sua vida não é o Fred?

— Não é medo, Fabi. Só não quero fazer papel de idiota. Como você pode acreditar que uma maçã vai resolver a vida amorosa de alguém?

Um princípio de sorriso dançou em seus lábios.

— Se não vai funcionar, não precisa ter medo de finalizar a simpatia.

Arggh! Que saco! Se eu não concluísse a porcaria, ela nunca ia me deixar sair daquele apartamento. Impaciente, joguei o papel dobrado no prato de qualquer jeito e verti o mel por cima.

— Pronto. Satisfeita? — Olhei feio para ela.

— Quase. — Bateu palmas, entusiasmada. — Agora você precisa recitar: “Traga o amor para mim”. Tem que dizer três vezes. E ser convincente, tem que vir do fundo da alma. Vai, Mel, você já fez quase tudo. Me deixa feliz! Não esquece que eu acabei de terminar com o Alan e estou *supertriste*. — O lábio inferior tremulou.

Esfreguei a testa, me perguntando se toda garota tinha vontade de esganar a melhor amiga pelo menos uma vez por dia. E acabei cedendo. Era mais rápido que tentar trazê-la à razão.

— Traga o amor para mim. — Fechei os olhos com força. — Traga o amor para mim. Traga o amor para mim.

Eu estava pronta para chutar Fabiola porta afora se fosse preciso, mas paralisei ao sentir o aroma de cravo, maçã e mel espiralar sua doçura pelo ar e me envolver em um casulo. Lampejos sem sentido de estrelas se derramando por um chão vermelho dançaram atrás de minhas pálpebras. Assustada, abri os olhos, e a imagem se dissipou feito fumaça.

Satisfeita com a conclusão, Fabiola apanhou o prato e o colocou sobre a geladeira — a única mobília que Loki não conseguia escalar —, ao mesmo

tempo que eu corri para a sala a fim de apanhar a bolsa, jogada sobre o sofá listrado de azul e branco.

Eu estava com tanta pressa ao empurrar Fabiola para fora e passar a chave na porta que não percebi que alguém descia as escadas. Por pouco o vizinho do 332 não atropelou minha amiga. Uma experiência nem um pouco ruim, a julgar pela expressão abobalhada que coloriu o rosto dela de vermelho.

— Opa! — ele exclamou.

A caixa de papelão que Dante carregava se precipitou em direção ao chão. Em seu afobamento para salvá-la, por acidente, esbarrou a mão no joelho de Fabiola. Posso ter imaginado coisas, mas eu conseguiria jurar ter ouvido minha amiga miar. Não que eu não a compreendesse. Dante Montini, o dono e redator-chefe da revista *Tempo*, fazia um estilo nerd irresistível demais para alguém suportar.

— Desculpa. — Apoiou a caixa na cintura para empurrar os óculos pretos pelo nariz, sorrindo meio sem jeito. — Não vi vocês a tempo. A caixa...

— Dante, é pra levar o Lego também? — A morena de cachos espetaculares e uma barriga redonda e pontuda surgiu no alto da escada com mais uma caixa.

Dante empalideceu.

— Luna, pelo amor de Deus! — Em dois largos saltos ele a alcançou, aliviando os braços dela ao equilibrar a segunda caixa sobre a que já transportava. — Eu falei que eu carrego tudo. Não quero que você se esforce.

— Eu não estou inválida, Dante — ela objetou, achando graça. — Só grávida.

— Por isso mesmo. — Ele ergueu uma das coxas para equilibrar melhor a carga. — Me deixa fazer alguma coisa enquanto você tem todo o trabalho pesado de gerar o nosso bebê. — Ele beijou o nariz da namorada. Noiva. Esposa... Ah, eu não sabia direito o que rolava entre eles, só que era bastante sério.

Dante passou por mim e Fabiola, antes que Luna pudesse reclamar — o que ela visivelmente estava prestes a fazer.

Sorri para ela.

— Dia de faxina? — perguntei.

— Mudança — explicou. — Nós conseguimos um apartamento perto da *Tempo*, bem espaçoso e com dois elevadores. — Acariciou o alto da barriga. — As escadas têm se tornado um verdadeiro desafio a cada dia. Eu não consigo mais enxergar os meus pés. É meio parecido com quando eu visitava minha avó, antes de engravidar. Ela nunca me deixa sair da casa dela sem antes me empanturrar com tudo o que tem na despensa, não importa se eu já comi alguma coisa. Ela finge não ouvir. — Revirou os olhos, me fazendo rir.

— Boa sorte na casa nova — acenei.

Ela devolveu o cumprimento, suspendendo um dos lados do vestido, e voltou

para o terceiro andar com alguma dificuldade. A gravidez deixara Luna ainda mais reluzente, e ela continuava sendo uma das mulheres mais lindas que eu já vira. Não sabia muito sobre ela — a moça parecia tão ocupada com sua carreira quanto eu —, mas fiquei triste ao saber que se mudaria. Eu gostava de vê-la pelo prédio. Luna parecia carregar uma energia boa por onde passava.

Fabi também sentiu a novidade, mas por um motivo completamente diferente.

— Não acredito que eles vão se mudar. Vou sentir saudade de olhar para o Dante — ela cochichou, enlaçando o braço ao meu para descermos as escadas juntas. — Foi a avó da Luna que me ensinou a simpatia, sabia? Nós ficamos de papo na entrada outro dia. A avó dela é cigana de verdade. Conhece feitiços que realmente funcionam.

— E é claro que você acredita nisso. — Não era nenhuma surpresa. Fabiola também achava que biscoitos da sorte eram grandes pensadores.

— Mas é óbvio que eu acredito. Você já viu o namorado da neta dela? Se um cara desses piscasse pra mim, eu sairia correndo na mesma hora pra comprar o vestido de noiva. — Ela cutucou minha cintura com o cotovelo ao passarmos pelas portas de vidro duplas na entrada do prédio. — Você um dia vai me agradecer por eu ter escutado a cigana Safira.

— É melhor não colocar dinheiro nisso.

Chegamos à calçada e a brisa morna agitou meu rabo de cavalo, o sol já refletindo nas janelas dos prédios baixos, anunciando que teríamos um dia quente — e nem estávamos no verão ainda. A dona da sorveteria acenou ao nos ver, suspendendo as portas do comércio. O mesmo aconteceu quando passamos em frente à farmácia. Era uma das coisas que eu mais amava naquele bairro: um pedacinho do sossego de uma cidadezinha bem no meio da metrópole. Além de, é claro, nosso apartamento estar convenientemente localizado a somente duas quadras da Allure, de modo que em apenas oito minutos nós passávamos pela entrada do edifício cinzento de dez andares, esfregando os crachás nos leitores. Minhas sapatilhas guincharam contra o piso de granito branco e preto conforme eu me apressava em direção aos elevadores. Dênis já estava por lá.

— Bom dia — saudei, pressionando o botão (já aceso) para chamar o elevador. — Como foi o jantar com o Felipe?

— Não foi. Ele ficou preso no plantão. — Fez uma careta, ajeitando a alça da mochila no ombro.

— De novo? Que saco, Dênis. Sinto muito. — Apertei o círculo luminoso novamente. — Mais alguém já chegou? A Sônia?

— Não que eu tenha visto.

Sem tanta pressa, Fabiola parou atrás de mim, dando uma conferida nas notificações do Facebook.

— Tá vendo? — Ela fez um biquinho. — Eu falei que não precisava dessa correria toda.

Os olhos cinzentos de Dênis ficaram ainda mais translúcidos ao me ver esmagar novamente o botão com o punho fechado.

— Você sabe que não vai fazer o elevador chegar mais depressa na base da pancada, né? — Ele riu e eu quis socá-lo.

Pouca coisa abalava Dênis. Eu o conhecera no ano anterior, em uma das minhas raras saídas. Na época, ele trabalhava em uma joalheria e tínhamos uma amiga em comum. Sua beleza me atordoara logo de cara. Muito alto, de porte atlético, olhos cinzentos em contraste com o tom quente de sua pele negra, aliados a um sorriso meio atrevido — a combinação era quase hipnótica. Além disso, era gentil, educado e bem-humorado, via o lado bom de tudo, uma das coisas que eu mais amava nele. E das mais irritantes também, como naquele instante.

Miraculosamente, as portas se abriram e eu empurrei os dois para dentro. Nós nos esprememos mais no fundo para dar espaço ao pessoal da construtora no quarto andar. Mal as portas se fecharam, me estiquei para alcançar o painel, pressionando o número 7 repetidamente.

— Por favor, para de rir, Dênis — supliquei. — Você também estaria morrendo de pressa se soubesse o que aconteceu.

Sua postura mudou, a diversão abrindo espaço para o assombramento.

— Sério? Ele já fez o pedido? — Sem cerimônia, pegou minha mão direita e a virou, correndo o polegar pelo meu anular. Franziu a testa. — Uééé...

— Ué o quê? Que pedido? — Eu me ouvi indagar, embora meu sexto sentido me alertasse que talvez fosse melhor não saber.

— É, que pedido? — Fabiola abaixou o celular, interessada.

O pessoal da construtora desceu. Assim que ficamos sozinhos e o elevador tornou a subir, Dênis deixou escapar um suspiro resignado.

— Desculpa, Mel. — Pressionou os lábios fartos até se tornarem uma pálida linha fina. — Eu não queria estragar a surpresa.

— Que surpresa? — Por que eu continuava fazendo perguntas?

O elevador estacou no sétimo andar. Não que eu tivesse ouvido o sinal sonoro; meu coração zumbia com violência nas orelhas. Imagino que Dênis tenha percebido, pois espalmou minha coluna, me escoltando para fora da caixa metálica. Andei apenas dois metros, empacando diante da fachada envidraçada da Allure, aguardando a resposta dele.

Visivelmente chateado, ele empurrou a mochila para o lado, trocando o peso de uma perna para a outra.

— Eu encontrei a Lolô hoje, no ônibus. Ela me atualizou sobre o que anda

acontecendo no mundo dos diamantes. Estava empolgada porque ontem atendeu um cara da TV na joalheria.

— Jura? — Minha amiga se animou. — Quem?

Por favor, não diga Fred. Por favor, qualquer nome menos Fred.

— O Fred Lanza comprou um anel de diamantes — sentenciou, um sorriso lindo se desenhando em seus lábios. — Três majestosos quilates engastados em um belíssimo aro de platina.

Com a mesma expressão que exibiria se alguém a convidasse para morar em uma das lojas da Sephora, Fabiola me segurou pelos ombros. Não gostei da insinuação por trás daquele sorriso. Não gostei nem um pouquinho.

— Ah, meu Deus, Mel! — exclamou, eufórica. — O Fred vai te pedir em casamento!

Era a conclusão a que eu também chegava.

Ah, merda...

2

— O Fred vai te pedir em casamento! — repetiu Fabiola na entrada da agência, a ponto de desmaiar.

Eu também estava, mas por motivos totalmente diferentes.

— Não vai, não! — retruquei de imediato, me livrando das mãos da minha amiga para buscar ajuda no olhar de Dênis. Tudo o que recebi dele foi um daqueles sorrisos de comercial de pasta de dente.

Não. Não. Não. Devia ter outra explicação. *Tinha* que ter. Eles deviam estar completamente malucos se achavam que Fred pretendia pedir minha mão. Meu

namorado não podia estar pensando em... Nunca sequer discutimos o assunto! Por que ele ia propor um absurdo desses? Quer dizer, estávamos juntos fazia pouco mais de um ano, e, sim, ele não tinha problemas em dizer o quanto me amava, mas casar?

— É claro que ele vai! — declarou Fabiola, irredutível. — Que outra razão ele teria para comprar um anel? De *três* quilates!

— Pode ser por uma infinidade de assuntos... — arrisquei.

— Por exemplo? — incentivou Dênis, aquele traidor.

Mordisquei a unha do polegar.

— Pode ser... pode ser... — Olhei de um para o outro, as engrenagens do meu cérebro diminuindo o ritmo a cada segundo.

Droga, qual era a dificuldade em pensar um único motivo que fosse?

Um imenso sorriso esticou a cara de Fabiola.

— Vou te dizer o que vai acontecer, Mel — anunciou. — O Fred vai te levar para o apartamento dele, te seduzir com champanhe, luz de velas e palavras doces, e amanhã de manhã você vai acordar com um anel do tamanho de uma maçaneta no dedo anular!

— Não vai acontecer. Ele não faria uma coisa dessas. — Abri a bolsa, procurando as chaves da agência.

Fred sabia o que eu pensava a respeito de casamento. Ele não estragaria nosso relacionamento com esse assunto, certo? Por que ele seria estúpido a ponto de querer casar? Ele não me amava mais?

Putá merda, o que eu diria a ele? “Sim” estava fora de cogitação. Eu não queria me casar com Fred. Isto é, não queria me casar com ninguém. Eu estava totalmente focada na carreira e na recuperação da minha mãe. Se — e era um gigantesco *se* — um dia eu pensasse em dividir a vida com alguém, seria depois que eu tivesse me estabilizado no mercado de eventos, e que mamãe ao menos se lembrasse do meu marido.

Além disso, Fred era um homem ponderado. Ele sempre conferia duas vezes se a camisinha estava bem encaixada, pelo amor de Deus! É claro que não ia se arriscar a pedir minha mão sem sondar o terreno. Se ele tivesse a intenção, eu teria percebido, certo? Tinha ouvido centenas de histórias sobre pedidos de casamento e em nenhuma o noivo simplesmente lançava a bomba, assim do nada.

Evoquei a memória da última vez em que estivemos juntos... Como sempre, nos encontramos em seu apartamento, Fred pediu comida e comemos enquanto ele assistia a um programa de economia e eu tentava discretamente limpar com a ponta da meia o macarrão que deixei cair acidentalmente no sofá. Nem um pouco romântico.

Eu estava me deixando levar pelos meus amigos e pela mente fantasiosa e romântica de Fabiola, pensei ao entrar na agência e passar pela recepção alta em frente ao painel em preto e branco da silhueta de um casal apaixonado num cenário campestre. Não havia motivos para surtar.

Antes que eu pudesse atravessar o corredor de mesas perfiladas diante do gigantesco mural de pôsteres dos eventos mais bonitos que já produzimos e me esconder em minha sala, meus pés se colaram ao piso de madeira. Encarei sem ver a porta vermelho-berrante da sala da minha chefe, no fundo do andar, conforme a mensagem de Fred e sua insistência em me encontrar naquela noite explodiram em minha mente.

Ah, meu Deus!

— Não adianta fugir, Mel — Fabi insistiu, e eu me virei a tempo de vê-la fazer uma dancinha muito ridícula.

Ao mesmo tempo, Dênis jogou a mochila sobre sua mesa, as portas do elevador se abriram e André chegou ao andar, mas minha melhor amiga não percebeu e continuou falando.

— Eu estava errada. Completamente equivocada. O Fred é o seu amor verdadeiro! Ele... — Seus olhos se arregalaram ainda mais. — DEUS DO CÉÉÉÉÉÉU! Melissa, a simpatia deu certo!

— O que deu certo? — André quis saber, mordendo um bolinho de chocolate, um saco de papel pardo na outra mão.

— A simpatia! — ela respondeu, ainda rebolando. — A Mel vai casar.

— Vou nada! — Eu a fuzilei.

É claro que a simpatia não tinha funcionado porcaria nenhuma. Coisas assim nem existem de verdade. Imagina se Fred — o sensato Fred — iria simplesmente perder o contato com a razão só porque eu piquei uma maçã e espetei cravos nela. Era tão ridículo quanto pensar que o horóscopo pode mudar a vida das pessoas que o leem. Além disso, Fred estivera na joalheria no dia anterior e eu tinha feito a coisa com a maçã só naquela manhã. Entretanto, era mais fácil tentar convencer Fabiola de que eu podia me transformar em um ornitorrinco a persuadi-la de que aquela ideia era uma grande bobagem.

— Vai sim! — Fabiola me ignorou, avançando para o saco de papel de André. — Ainda tem algum?

— A receita rendeu mais do que eu esperava. — Lambeu o dedo lambuzado de creme marrom, entregando o saco a ela. — Que simpatia foi essa?

Bom, não era exatamente uma surpresa que André parecesse tão interessado. O engenheiro elétrico que lembrava vagamente o cantor Harry Stiles era o mais velho de nós na agência, e até onde eu sabia seu relacionamento mais longo fora com sua mochila. Eu até tive uma quedinha instantânea por ele logo que o

conheci, mas a paixãoite desapareceu após cinco minutos de conversa, depois que ele me contou que seu cocô se parecera com uma Pokebola naquela manhã. André não fazia por mal, descobri em todos esses anos de convivência. Ele era um dos caras mais legais que eu conhecia, só não tinha filtro, um problema que se agravava sempre que ele ficava cara a cara com uma mulher bonita. Então, é claro que ele ouviu com bastante atenção uma ávida Fabiola discorrer sobre a simpatia.

— Não acredito que a simpatia funcionou e eu a passei pra você. — Excitada demais para dar atenção aos detalhes, ela mordeu um bolinho e não notou o nome da confeitaria na parte de baixo da forminha de papel. — Era para eu ter sido pedida em casamento. Em vez disso, estou me entupindo de calorias pra esquecer que terminei com o Alan.

André deu a ela um olhar de “De novo?”, ao passo que um palavrão foi proferido em alto e bom som na entrada. Gabriela, um pouco atrapalhada com a mochila e o copo de café, tropeçou em alguma coisa, e a bebida quente tingiu de marrom a frente da saia amarela.

Peguei alguns lenços da caixa sobre a mesa de Fabiola e fui acudi-la, mas ela deu um jeito antes, puxando um calhamaço de documentos do balcão na entrada e o pressionando na roupa.

Eu gemi. A garota de cabelo preto até a cintura ainda não tinha um cargo definido, como acontecera comigo cinco anos antes. Ela fazia de tudo um pouco, de recepção a cafezinho, e era pau pra toda obra durante os eventos. No entanto, ao contrário de Dênis, contratado quase na mesma época que Gabi e que absorvia tudo o que eu tentava transmitir, a garota vivia em seu próprio mundo e não via problemas em usar contratos como lencinho de papel.

Antes que eu pudesse pedir que ela parasse, meu celular vibrou dentro da bolsa, e pensei que fosse Tália com alguma notícia sobre a comida roubada. Mas era uma notificação do Instagram. Tudo bem, não era uma notificação qualquer; era um aviso de que Camila Bueno atualizara seu status.

Meu coração bateu mais rápido. Aquela poderia ser *a postagem* que eu andava esperando fazia tanto tempo.

Camila Salles de Castro Bueno era a única herdeira de Helena Castro Bueno, dona do Banco Bueno. Além de porta-voz do banco da família, a garota também era vice-presidente de uma empresa de tecnologia cujo nome eu nunca lembrava. Também era uma das mulheres mais influentes, estilosas e amadas do país. Em outras palavras, tudo de que eu precisava para convencer minha chefe a me promover. Se eu um dia organizasse um evento de alguém como Camila, minha carreira iria explodir, e, por consequência, também o meu saldo bancário. Outra cliente minha poderia conseguir esse feito, mas infelizmente Alicia Moraes de

Bragança e Lima tinha optado por um casamento intimista e longe da mira da imprensa... Enfim, se eu tivesse Camila, seria o mesmo que acertar os seis números da Mega-Sena, com todos os prêmios da história acumulados.

Eu a vira de relance no ano anterior. Ela era uma das convidadas de um casamento que produzi, mas a loucura da festa me manteve ocupada quase o tempo todo e, quando fui procurá-la para me apresentar, ela já havia ido embora. Mas eu ainda não desistira, e sonhava que Camila pudesse ser uma das minhas noivas um dia. Só havia um pequeno detalhe: Camila não tinha um namorado ou namorada, até onde a mídia sabia. Por isso eu a acompanhava no Instagram com a mesma ansiedade que contava os dias no calendário à espera das folgas, sempre na esperança de que sua próxima publicação mencionasse um novo amor. Porque, assim que ela mudasse seu status, eu iria atrás dela. Ah, se iria...

Tristemente, aquele não era meu dia de sorte, percebi, ao admirar a foto de Camila segurando uma caneca bojuda, refestelada no sofá branco da cobertura onde morava com a mãe, sobre a legenda “Recarregando as energias”.

Tudo bem. Enfie o celular no bolso. Quem sabe na próxima.

O sinal agudo do elevador anunciou a chegada de alguém. Dei um pulo, arrancando o pacote de muffins da mão de Fabiola e o escondendo atrás das costas, mas não fui rápida o suficiente. Nossa chefe entrou na agência batendo os saltos no piso de madeira, a bolsa fúcsia balançando ameaçadoramente no antebraço, os olhos absorvendo cada detalhe: os farelos ao redor da boca de Fabiola, a cobertura brilhante na bochecha de André, a mancha de café na saia de Gabriela.

— Melissa, na minha sala. Agora. — Sem esperar por uma resposta, seus quadris se requebraram em direção à porta vermelha.

Um pouco zonza, entreguei o saco pardo a Gabriela e segui minha chefe. *Ah, merda.* Ela ia me perguntar sobre o andamento do evento daquela noite e eu teria que dizer a verdade, porque Tália ainda não dera sinal de vida. Mas não era só a formatura da turma do colégio particular cuja mensalidade era equivalente a uma turmalina paraíba de cinco quilates que provocava um tremor na boca do meu estômago. Era a possibilidade de que minha grande chance passasse por mim de novo e acenasse, antes de seguir para o oceano de oportunidades perdidas.

A mulher de quase cinquenta anos, corpo mignon e guarda-roupa duvidoso, não era uma pessoa fácil de lidar, sobretudo nas manhãs de segundas e sextas-feiras, quando voltava de sua sessão de acupuntura (e eu coincidentemente sempre tinha algo superimportante para fazer em algum canto da cidade), e então disparava mensagens aleatoriamente, em Caps Lock, com tantos pontos de exclamação e interrogação que, juro, meu celular chegava a perder uma parte da bateria de tanto pavor. Esse foi um dos motivos pelos quais Eleonor — sócia e

única produtora da Allure na história da agência — decidira pôr um fim à parceria de mais de dez anos e abrir sua própria agência, no começo do ano anterior, levando consigo metade dos funcionários e clientes, o que deixara Sônia desconfiada da própria sombra e com um humor parecido com o do Incrível Hulk.

Com a saída de Eleonor e só um terço dos funcionários, ficamos soterrados em trabalho, desempenhando tantas funções que eu mesma tinha de me esforçar para lembrar qual era meu cargo ali. “Assistente-geral“, diziam minha carteira de trabalho e meu contracheque, mas na prática eu assumira o posto de Eleonor, cuidando dos contratos, das equipes de apoio, fornecedores, prestadores de serviços, acompanhando o pré e o pós-festa... Não era justo eu assumir toda a responsabilidade e não ser remunerada por isso. Eu dava o meu melhor e só queria o que era meu por direito.

Pela cara de Sônia assim que coloquei os pés em sua sala, ela não me chamara ali para me promover. Mantive a postura ereta ao me aproximar de sua mesa, parando atrás de uma poltrona florida em tons de vermelho. Não me atrevi a sentar.

— Quem é o responsável por aquela bomba de calorías? — ela perguntou, jogando a bolsa na mesa de madeira escura.

— O pessoal da construtora deu uma festa e deixou alguns bolinhos pra gente — inventei. Sônia não podia demitir um funcionário de outra empresa. Eu tinha quase certeza disso.

— Livre-se deles e alerte o pessoal do quarto andar de que eu sou intolerante a açúcar. — Puxou a cadeira de couro branca e se acomodou nela. — Quanto à aparência da equipe, se algum deles se atrever a comparecer em um evento da Allure naquele estado vai ser transformado em chaveiro, fui clara?

— Bastante.

Revirando a bolsa, puxou de lá de dentro a agenda, batucando as unhas pintadas de verde-berrante na capa de couro escura ao me examinar de cima a baixo.

— Tudo pronto para esta noite?

— Ah... sim. — Forjei um sorriso na base do desespero.

Não era mentira. Estava *realmente* tudo pronto. É claro que Tália não podia dizer o mesmo, mas Sônia não perguntara nada sobre a chef, certo?

— Excelente. Eu te chamei aqui porque temos uma possibilidade incrível diante de nós. Um artista plástico muito promissor pretende expor as suas obras na cidade... — Ela me explicou sobre o tal João Pinot, um pintor que vivia em uma cidade mais ao sul e que prometia ser o Salvador Dalí de sua geração.

Eu me apressei em apanhar o bloquinho na bolsa e a caneta que Fred me dera

no último Natal — chique, com cristais na tampa — e comecei a tomar notas.

— Pinot aceitou recebê-la no seu estúdio — concluiu. — Amanhã, às seis e meia da manhã. Você embarca esta noite. Prepare algo marcante e de bom gosto, que o convença a assinar com a Allure.

Anuí em concordância, rabiscando as informações na agenda. Então prestei atenção ao que havia escrito, mais especificamente à palavra “embarque”, grifada duas vezes.

Arqueei o pescoço para encarar minha chefe.

— Mas, Sônia, nós temos a formatura. Preciso ir para o salão daqui a uma hora. Iniciamos a montagem ontem, mas ainda há muito o que fazer.

— Tenho certeza que você vai conseguir preparar algo digno do bom nome desta agência.

Quando?, eu quis perguntar. Como eu poderia improvisar uma apresentação para o dia seguinte se passaria o dia todo no Terraço Blargio perdida entre tecidos e flores?

Abri a boca para dizer que eu não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo, que deixar o pessoal na mão, num evento para quatrocentos convidados e cuja comida continuava desaparecida, para me dedicar a um novo projeto era impensável. Não havia a menor possibilidade de eu conseguir criar uma apresentação remotamente decente enquanto me equilibrava em uma escada para ajustar a cortina, ou tinha os braços repletos de pratos e talhares.

Entretanto, Sônia me enxotou de sua sala com um gesto de mão, colocando um ponto-final na conversa.

De sua mesa, Fabiola me viu parada diante da porta vermelha e arqueou a sobrancelha. Apenas abanei a cabeça e fui para minha sala, me embrenhando entre amostras de tecidos, pilhas de modelos de convites e todo tipo de sobra de decoração. Pretendia ligar para Tália e, sei lá, ter um ataque caso ela ainda não tivesse notícia da comida, mas meu telefone tocou antes.

— Estou pensando em fazer aquela polenta que você adora, Mel — minha mãe contou, empolgada, assim que atendi. — Quer aparecer para o jantar?

— Quem dera eu pudesse, mãe. — Suspirei, abrindo o arquivo de PowerPoint de um vernissage antigo para usar como base na apresentação de João. — Mas vou me encontrar com um cliente em outra cidade amanhã e viajo hoje à noite. Como está se sentindo? — perguntei, prendendo o fôlego, incapaz de frear a esperança.

— Bem. Ganhei uma folga hoje. A direção decidiu aproveitar o Dia dos Professores para dedetizar a escola. Nós tivemos uma infestação de formigas no prédio inteiro. Estou cuidando do jardim agora, e, sabe, aconteceu uma coisa curiosa.

— É mesmo?

— Sim. Eu tinha certeza que ontem os jacintos estavam floridos e exuberantes, mas hoje só encontrei botões ainda verdes. Será que eu sonhei que tinham desabrochado? Você sabe que eu fico ansiosa quando espero a floração e... — ela continuou me contando sobre as amadas flores, e eu me limitei a ouvi-la. Sua voz era o melhor som do mundo, mesmo que as palavras às vezes me ferissem.

Contudo, mesmo que eu tenha me conservado calada, respirando sem fazer barulho para não interromper seu raciocínio, alguma coisa deve tê-la distraído, pois ouvi vários estalos, e então seus passos se afastando.

— Mãe? — chamei. — Mãe, você está aí?

Esperei um minuto inteiro antes de desligar, assaltada pela costumeira sensação de desespero.

E ali estava a razão pela qual eu sonhava acordada com um casamento épico que atrairia as atenções da imprensa e da minha chefe para mim. Eu não desejava tanto ser promovida por causa de realização profissional — embora, é claro, pudesse ser legal demais —, mas o que realmente me interessava era o salário de produtora, quatro vezes maior que o meu atual. Aí eu não teria mais que passar as noites em claro preocupada em como conseguir dinheiro para bancar o tratamento da minha mãe sem ter que assaltar um banco.

Mamãe se envolvera em um grave acidente de carro, dois anos antes. Foram semanas de incerteza até ela sair do coma e eu poder respirar de novo. No entanto, poucos dias depois de ela acordar, percebemos que havia algo errado com seu cérebro. Papai costumava me consolar dizendo que ninguém enfrenta uma batalha com a morte sem sequelas. As marcas da minha mãe não eram visíveis, ficavam no hipocampo, a parte do cérebro responsável por armazenar memórias, mais especificamente o pedacinho onde as recentes eram processadas. Minha mãe se lembrava de absolutamente tudo até o dia do acidente. Depois disso, mais nada. Nenhuma nova lembrança se fixava em seu cérebro machucado. Ela conseguia acompanhar uma conversa, mas, se algo a distraísse — o vento, uma linha solta na roupa, o canto de um pássaro —, os últimos minutos se apagavam e ela se via perdida, sem compreender onde estava, com quem falava. Isso a deixava em pânico.

Descobrimos o problema na mesma semana em que meu pai foi demitido da fábrica de tecidos em que atuava como contador desde antes de eu nascer. Quando mamãe teve alta e voltou para casa, logo ficou claro que não era mais capaz de cuidar de si mesma. Nem de lecionar. De modo que, aos vinte e três anos, me vi como a chefe da família, com um salário que mal cobria minhas próprias despesas. Eu já perdera as contas de quantas vezes havia renegociado a

fatura do cartão ou quantos empréstimos eu ainda precisava quitar. Mas eu não me importava. Não me importava que tivesse apenas cinco horas de sono por noite, que meu turno de trabalho durasse quinze horas. Desde que eu conseguisse cuidar dos meus pais, estava tudo bem para mim. Havia pouca coisa nesse mundo que eu não faria por eles.

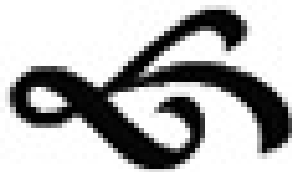
E foi com meus pais em mente que me endireitei na cadeira, inserindo o nome de João Pinot no Google na esperança de ter alguma iluminação de sua personalidade e assim criar algo que o agradasse. Depois iria para o salão e permaneceria no evento até a hora do embarque (“comprar passagens“, rabisquei no alto da agenda). Aproveitaria os cinquenta minutos de voo para dar os últimos retoques no projeto. E poderia continuar trabalhando madrugada adentro, assim que chegasse ao hotel...

Então, em meio ao gosto amargo que a possibilidade de falhar deixara em minha boca, percebi algo de suma importância: eu estaria em outra cidade naquela noite. Não conseguiria me encontrar com Fred. E, se eu não podia vê-lo, meu namorado não teria chance de me pedir em casamento!

Quer dizer, não que eu acreditasse que Fred tivesse mesmo a intenção de fazer isso. Devia haver uma boa explicação para o anel... Mas e se Fabiola tivesse razão? Eu não poderia dizer “sim“ a ele. E recusar certamente teria consequências. Eu estava prestes a perder a única coisa normal em minha vida?

Encarei o gráfico azul e branco até a tela do computador se apagar e me perguntei qual era o meu problema. Por que eu não conseguia ficar feliz ao saber que meu namorado me amava a ponto de querer dividir o restante de sua vida comigo?

Pelo que eu estava esperando?



As rodinhas da pequena mala ronronavam contra o mármore do saguão enquanto eu corria para a área de embarque, o celular colado à orelha, tentando contatar Fabiola outra vez. Mas a chamada caiu na caixa postal depois de alguns toques. As dezoito mensagens que eu enviara pelo WhatsApp ainda não tinham sido entregues. O sinal no Terraço Blargio não era lá essas coisas.

Saco. Eu continuava preocupada com a formatura, mesmo que Tália, inacreditavelmente, tivesse tudo pronto quando deixei o Blargio e fui para casa apanhar a mala e alimentar Loki. Ainda assim, eu me sentia como se estivesse pulando do barco ao avistar o iceberg no horizonte.

Eu estava a poucos metros de um quiosque que vendia cadeados, e o celular tremeu em minha mão. Pensei que Fabi finalmente tinha conseguido sinal e retornava minhas ligações, mas não reconheci o número na tela.

— Melissa, oooooi — disse a moça, entusiasmada. — Meu nome é Camila. Consegui seu contato com uma amiga. Você cuidou do cerimonial da Bia, no ano passado. Não sei se vai se lembrar...

Como eu poderia esquecer? Eu flagrara o noivo de Bia fazendo um boquete no padrinho atrás da central de gás, nos fundos do salão do hotel Paradise. Não foi nenhuma surpresa a moça ter entrado com o pedido de divórcio apenas um mês após o casamento. Foi nessa festa que eu quase conheci Camila Bue...

Por pouco não deixei o telefone cair assim que o nome explodiu em minha mente.

— Camila Bueno? — perguntei, pressionando o aparelho contra a orelha com mais força e assegurando ao meu coração que não havia motivos para tanta comoção. Não podia ser ela. A mulher que poderia tornar meus sonhos realidade simplesmente não ligaria assim do nada. Esse tipo de coisa só acontece no cinema. Devia ser outra Camila.

Mas então ela respondeu:

— Sim, sou eu mesma! Não acredito que já ouviu falar de mim! Bem que a Bia disse que você é a melhor.

Se eu tinha ouvido falar dela?! Eu sabia que ela adorava tomar suco verde no café da manhã e fazia caminhadas matinais no parque perto de sua cobertura debaixo de chuva ou sol. Sua bolsa preferida era uma Chanel amarela. Mas quem ali stalkeava alguém?

— Foi por isso que eu te liguei. Eu acabei de ficar noiva — ela anunciou. — E quero você!

Ouvi um coro de anjos, as luzes fluorescentes ficaram mais brilhantes e a gasolina aeronáutica, mais perfumada. Estava acontecendo! A doce, linda, *it girl* podre de rica Camila Salles de Castro Bueno estava noiva. E me queria.

AIMEUDEEEEEEEUS!

— Estou tão animada! — confessou, gargalhando. — Nós vamos ter aproximadamente quinhentos convidados, e eu quero *tu-do*, Melissa. Luzes, flores, orquestra e um tapete vermelho. Quero arroz e carros com latinhas penduradas. Eu quero um casamento de conto de fadas igual ao da Bia! Mas que dure mais... — adicionou depressa.

— Sim, claro. O que você quiser, Camila. Eu consigo.

Agenda. Eu precisava da minha agenda!

Equilibrando o telefone entre a orelha e o ombro, apoiei a bolsa na perna e vasculhei meus pertences até encontrar o bloquinho de notas. Comecei a rabiscar conforme uma empolgada Camila Bueno discorria sobre os detalhes com os quais andava sonhando.

— Quando podemos nos encontrar? — ela quis saber. — Precisamos começar o mais rápido possível. Só temos três meses.

Minha caneta pairou imóvel sobre o papel.

— Três anos. — Pisquei depressa. — Foi isso que você quis dizer, né?

— Não, são três meses mesmo. Eu sei que é meio apertado, mas nós queremos casar antes que o verão termine.

Três meses? Míseros noventa dias para planejar um casamento de sonhos para quinhentas pessoas? Ela tinha perdido a cabeça?

Mesmo que eu pudesse me dedicar exclusivamente a Camila — e eu não poderia —, precisaria de uma igreja, um salão e datas disponíveis, algo praticamente impossível sem uma dianteira de pelo menos um ano. Também teria que agendar o bufê — Tália, tinha que ser ela —, a floricultura, docinhos e lembrancinhas, equipe de fotografia e filmagem, salão de beleza, traslado para os convidados, os músicos, criar o mapa das mesas, convites... De que jeito eu colocaria um casamento desse porte em prática em míseras doze semanas?

Estava bom demais para ser verdade...

— Camila... — vacilei, segurando o telefone pela base. — Com esse prazo, não sei se um casamento dessas proporções seria uma alternativa realista.

— Aaaaaah... — Sua voz murchou. — Poxa. Eu realmente queria que você fosse a responsável pelo cerimonial, mas, se você não consegue...

Ah, inferno. Eu ia perdê-la. Esperei a vida inteira por aquele telefonema e agora ia perder Camila. Cerrei as pálpebras, desejando bater a cabeça na parede.

Vamos, diga alguma coisa! Qualquer coisa!

— Mas realismo e casamento não combinam! É claro que eu consigo produzir a festa que você sonhou em três meses. — Ou parir um unicórnio. As chances de que eu obtivesse sucesso em qualquer um dos assuntos eram as mesmas.

Camila deu um gritinho e nós marcamos um almoço para o dia seguinte. Eu teria que adiantar o voo da volta, ponderei ao desligar, as têmporas latejando.

Tá legal, nada de pânico. Um desafio é sempre a oportunidade de demonstrar a si mesma a própria capacidade. Eu ia conseguir. Já havia passado por muita coisa e nunca falhara. Não seria agora, com Camila Bueno, certo?

Meu voo foi anunciado no autofalante do aeroporto. Juntei minhas coisas e me dirigi ao portão de embarque, sem notar o belo homem de cabelo claro, em um terno azul-marinho bem cortado, abrindo caminho por entre os passageiros, até ele começar a gritar meu nome.

Pensei que Fred fosse me tomar em seus braços e me arrebatara com um beijo. Aí as pessoas ao redor aplaudiriam, alguma música do The Cardigans ou da Sandy tocaria ao fundo. Talvez ele tivesse um buquê de rosas escondido atrás das costas e imploraria para eu não entrar no avião, do contrário morreria, igualzinho acontece nos filmes quando o cara vai atrás da garota no aeroporto. Imagino que Hollywood seja a grande culpada pelas frustrações amorosas de hoje em dia. Porque, na vida real, o mocinho não beijou a garota, nem despejou sobre ela juras de amor ou implorou que ela ficasse.

O que Fred disse foi:

— Você esqueceu a pomada para espinha na última vez que passou lá em casa.

Ah, bem... Nunca fui fã de comédias românticas mesmo.

O olhar dele passeou por mim de alto a baixo, das sandálias de tiras finas amarradas aos tornozelos, minha silhueta oculta no jeans preto e na blusa de mangas longas de mesma cor, o cabelo preso em um rabo de cavalo. Faíscas cintilaram nas íris castanhas, uma emoção diferente e complexa, quase... tensão. Uma parte minha estava exultante em vê-lo. A outra... bom, a outra temia a súbita urgência em sua expressão.

— Podemos conversar? — perguntou, ansioso, olhando para os lados.

Ai, não. Ele ia me pedir em casamento, e com tudo o que tinha acontecido naquele dia não me sobrava tempo para bolar uma resposta que não o magoasse.

— Eu já estava indo pra área de embarque — arrisquei.

— Acabou de começar. É só o tempo de um café, Melissa.

Quase me desmanchei em uma poça de alívio, rebatendo a vontade de cair na gargalhada. Se Fred tivesse a intenção de fazer o pedido, teria escolhido vinho ou champanhe, nunca um café. É isso o que acontece quando se dá ouvidos à amiga cuja mente é movida a romances fictícios. Ela projeta seus desejos em você e tudo vira uma grande lambança.

Eu sabia. Sabia que Fred não ia estragar tudo falando de casamento.

Aliviada e mais confiante, eu o acompanhei até o café do aeroporto. Ele escolheu uma das mesas no pequeno salão interno, oculta por um imenso vaso de samambaia. Empurrei a bagagem sob a mesa enquanto o garçom nos recebia e

anotava o pedido.

— Desculpa ter furado hoje, Fred — falei, assim que o rapaz se afastou. — Vou me encontrar com um artista plástico que parece ser a nova sensação do mercado. A Sônia não me deu alternativa. Eu tenho que ir.

— Eu sei. — Uma coleção de rugas decorou sua testa, a boca contorcida num esgar desanimado. — Melissa, eu te amo. Eu me apaixonei por você desde a primeira vez que te vi. Eu sabia que não devia, mas me apaixonei mesmo assim.

Eu quis dizer que também o amava, mas sua fala me incomodou um pouco. Ele não devia me amar?

A veia pulsando com urgência em seu pescoço e os olhos afogados em uma tristeza profunda me alertaram de que eu não iria gostar muito do que viria a seguir.

— Eu comprei o anel — anunciou baixinho.

Ah, merda, não! Eu ainda não tinha inventado uma resposta. Eu não queria me casar, mas também não queria perder Fred. Agir no improviso sempre acaba em merda, como eu sabia fazia algum tempo. Mas que alternativa eu tinha? Avaliei o pequeno salão do café em busca de inspiração.

— Fred... eu... humm...

— Eu não pretendia — atalhou, girando o organizador de sachês de açúcar e adoçante entre nós. — Não estava pensando nisso agora.

— Então não vamos mais tocar nesse assunto! — Eu me apressei, espalmando a mão sobre a dele, impedindo que continuasse com o gira-gira. — Não precisamos seguir por esse caminho.

Elevando o rosto, ele agarrou meus dedos como se fossem um bote salva-vidas, deixando meus instintos em alerta. Se ele tinha que segurar minha mão, o que teria a dizer seria difícil, doloroso ou humilhante. E, infelizmente para mim, eram as três coisas juntas.

— Não dá mais, Melissa. — Sua voz tremeu. — Por causa do bebê, não dá mais.

Pisquei algumas vezes, sem entender. De onde ele tinha tirado aquela ideia? Eu não estava grávida. Levei um instante a mais que o necessário para compreender que ele não falava de mim.

Ah, cacete... Fred tinha dito... ele disse...

— Ela está grávida — soltou de chofre. — Vamos nos casar.

O mundo começou a rodar desconfortavelmente enquanto eu era sugada para um redemoinho de emoções, assistindo a nuvens escuras se agruparem, massivas e violentas, à espera do momento em que tocariam o solo e liberariam o inferno.

— Você tem outra — balbuciei, tão baixinho que mal ouvi minha voz.

Mas Fred escutou e assentiu uma vez.

— Sim. Eu tenho outra. — Ele esfregou o rosto, mortificado, antes de adicionar: — Você, Melissa.

3

Eu não tinha escutado direito. Meu namorado não acabara de dizer que tinha outra mulher. Ele não dissera em alto e bom som que eu era sua amante. Eu devia estar alucinando.

Só que, ao contemplar o homem do outro lado da mesa do café, a angústia que empalidecia sua pele rosada, fugir da realidade se tornava impossível.

Esperei que a qualquer momento alguém me acordasse e tudo ficasse bem de novo.

Mas não ficaria. Fred tinha me enganado da pior maneira que existia, a mais

baixa, a mais cruel, se aproveitando dos meus sentimentos. Fred tinha outra mulher: eu. E ia se casar com a namorada oficial.

Umedeci os lábios à medida que meu estômago ameaçava botar para fora tudo o que tinha ali dentro.

— Eu tentei contar antes... — Fred tentou pegar minha mão. Eu a escondi sob o tampo da mesa. Ele suspirou, resignado. — Tentei dizer a verdade. Mas fiquei com medo de te perder e... não contei.

— Não — concordei, entorpecida. — Não contou.

Eu nunca desconfiei de nada. Fred era sempre carinhoso e atencioso, e jamais deu indícios de que levava uma vida dupla. Exceto pela agenda complicada, é verdade. Entretanto, a minha própria agenda era uma bagunça...

Se um punhal não estivesse atravessando meu coração naquele exato momento, eu teria rido da minha estupidez. Esse era o motivo pelo qual nunca íamos ao cinema ou ao teatro, a restaurantes ou mesmo um passeio no shopping, e não por ele temer que sua quase fama desencadeasse uma perseguição de paparazzi. Pela mesma razão não aparecera na agência uma única vez para me apanhar e sempre inventava uma desculpa assim que eu mencionava Fabiola — apresentá-lo aos meus pais seria um passo grande demais para mim. Quando eu tentava tirar uma foto dele, Fred reclamava que eu nunca pegava seu melhor ângulo, agarrava o celular e ele mesmo fazia alguns flashes, onde aparecia sem cabeça, ou apenas um pedaço do olho, da orelha. Aí eu reclamava, e ele me atirava um olhar cobiçoso, explicando que se distraía com a minha beleza. E eu acreditava no canalha! Fred também sempre dava um jeito de sair da cidade caso soubesse que o evento que eu organizaria seria dentro do seu círculo de amigos, e me pedia para não mencionar nosso namoro a ninguém, pois ele pretendia me apresentar aos amigos de maneira grandiosa — o que nunca aconteceu, claro, porque ele estava sempre muito ocupado.

Com a namorada que não era eu!

Ah, meu Deus, os sinais estavam todos lá, eu só não quis enxergá-los.

Melissa, sua burra!

Fred tinha uma namorada. Uma noiva, corriji. E pior que saber que eu fora enganada durante o último ano inteiro foi constatar que era eu quem estava na condição de amante.

A bile me queimou o fundo da garganta conforme eu o encarava, incerta quanto à maneira de reagir. Uma parte minha queria saltar sobre a mesa e arrancar a cabeça dele usando a colherzinha de café. A outra metade desejava se encolher sob a toalha, enfiar o rosto entre as mãos e abrir o berreiro.

— Quantas mulheres você tem? — impus alguma dignidade na voz. Ainda assim, ela vacilou.

— Não faz isso. — Cerrou as pálpebras, mortificado. — Eu não vou suportar se você me odiar. Você sabe que eu não sou um canalha.

— Do mesmo jeito que sabia que você tinha uma namorada? — O formigamento abaixo do pescoço retrocedeu um pouco ao passo que um sentimento mais venenoso e corrosivo se espalhava com velocidade pela minha corrente sanguínea. — Quantas, Fred?

Ele relanceou a mesa ao lado, afrouxando o nó da gravata com um puxão brusco antes de se voltar para mim, irrequieto.

— Só você e ela, Melissa. Eu não planejei me apaixonar por você, certo? Aconteceu. Não me trate como se eu tivesse feito tudo de caso pensado.

— Sério? Então, você me enganou esse tempo todo e foi um filho da puta por acidente?

Minhas palavras o atingiram na boca do estômago. Sei disso porque Fred ficou meio verde. Eu também estava a um suspiro de vomitar.

O garçom chegou com nosso café. Fred se reclinou na cadeira, lhe dando espaço, e esperou que ficássemos sozinhos para retomar a conversa.

— Escute, eu e ela namoramos desde o colegial. — Ele se concentrou em girar a xícara no sentido anti-horário. — Nós estávamos passando por uma fase difícil quando eu te conheci.

— Aí, em vez de terminar com ela, você resolveu que ia acertar tudo arranjando uma amante.

Ele levantou os olhos abatidos.

— Não, Melissa. Não foi assim. Eu estava num momento ruim. Você me ajudou a superar.

— Uau. Devo me sentir lisonjeada? — ironizei.

Minúsculas gotas de suor brotaram em sua testa.

— O que você quer que eu diga? Fiquei louco por você depois que nós trocamos meia dúzia de palavras naquela livraria. Pensei que a minha namorada acabaria percebendo que eu não estava tão inteiro na relação, que eu andava distante e...

— Ela está grávida, Fred — interrompi, minha voz subindo várias oitavas. — Como é que você não estava inteiro? Como assim estava distante? Quando é que você esteve louco por mim? Na cama dela?

Murmurando um *shhhhhh*, ele espiou o interior do café, tenso.

— Por favor, não faça cena. Não quero nem imaginar o que iria acontecer se essa história chegasse aos ouvidos dela ou da imprensa.

Naquela frase eu percebi duas coisas. A primeira é que Fred tinha algum respeito pela namorada. De um jeito distorcido, mas tinha. A segunda constatação foi que nosso relacionamento era seu segredinho sujo, e ele queria

varrê-lo para debaixo do tapete o mais depressa possível.

Eu quis dizer algo cortante e inteligente, talvez virar a mesa e sair do café de ombros eretos, igualzinho acontecia nos filmes. Mas a vida real é uma merda, e eu não tinha grana para pagar pela porcelana ou qualquer outra coisa que quebrasse (incluindo o nariz de Fred), de modo que tudo o que consegui fazer foi me levantar.

Fred também ficou de pé, um tanto instável.

— Eu sei que você não esperava nada disso. — Trincou a mandíbula. — Tem todo o direito de estar furiosa. Até eu estou. Mas assim que a raiva passar e você pensar sobre tudo o que conhece a meu respeito, vai perceber que eu não fiz nada de caso pensado. Eu realmente me apaixonei por você, Melissa.

Como ele ainda tinha coragem de me dizer aquilo? Qualquer coisa que Fred sentira por mim se perdera na feiura da farsa que ele criara para nós. A raiva que eu tentava manter sob controle explodiu.

— Não sei o que é mais difícil aceitar neste momento, Fred. — Eu me empertiguei. — Saber que você tem uma namorada e me fez pensar que eu ocupava esse posto ou continuar ouvindo que você me ama, estando noivo de outra mulher. Eu não estou furiosa com você. O que eu sinto neste momento é nojo.

Puxando a mala de debaixo da mesa e pendurando a bolsa no ombro, comecei a sair do café.

Meu namorado... ex-namorado... amante... *Argh!* Fred saltou na minha frente e me segurou pelo braço.

Eu me liberei de seus dedos com um safanão brusco.

— Nunca mais me toque — cuspi, enfurecida. — Não se atreva a me procurar. Pela primeira vez desde que nós nos conhecemos, demonstre um pinga de respeito por mim e esqueça que eu existo. — Passei com as rodinhas da mala por cima dos pés dele (que resmungou um *aaaa!* mais agudo do que necessário) e deixei o café.

Engraçado, refleti, me afastando da cafeteria sem realmente ver que direção tomava. Nos livros ou filmes, o vilão é sempre definido por um arquear maligno de sobrelha, uma roupa vermelha ou uma fumaça verde. É fácil identificar quem é confiável, quem está mentindo, quem vai quebrar o coração da mocinha. Na vida real, não é tão simples. Eu havia idealizado Fred, projetado nele o namorado que eu gostaria que fosse, me negando a encarar seu verdadeiro eu. E mesmo agora, com a cortina da mentira amontoada a seus pés, meu coração sangrava por imaginá-lo na cama com outra garota, lhe dando um anel, lhe dizendo as mesmas coisas amorosas que ele costumava sussurrar em meu ouvido. Recordar de cada beijo, cada palavra, agora me dilacerava.

Mas, se havia algo que eu havia aprendido com a vida, era compartimentar sentimentos, trancafiá-los em um canto da alma onde, com sorte, sumiriam. Eu era boa nisso. Tive que aprender a ser.

Perdida em uma espécie de torpor, elevei uma redoma ao redor do meu coração, e qualquer sentimento — bom ou ruim — ficou do lado de fora. Consegui manter sob controle a umidade em meus olhos enquanto ficava na fila dos raios x, entrava na aeronave e acomodava minha mala no bagageiro. Também não chorei ao ocupar a poltrona no corredor e afivelar o cinto. Eu me preparei para não sentir absolutamente nada pelos cinquenta minutos seguintes, mantendo a mente totalmente em branco. Mas não é tão fácil se concentrar no meio de uma confusão.

— Opa! Foi mal aí — disse alguém no corredor.

Eu me inclinei no braço da poltrona para entender o que estava acontecendo e acabei com o nariz a dez centímetros de uma braguilha jeans e de um cinto velho de couro preto. Um pedaço de pele bronzeada e pelos negros faziam uma aparição na pequena fenda entre a barra da camiseta branca e o jeans escuro. Elevei o rosto, percorrendo toda a silhueta, passando pelo peito largo, os ombros fortes, o pescoço, cujo diâmetro era maior que o da minha coxa, chegando aos braços, que trabalhavam no bagageiro e escondiam seu perfil. Mas tive um vislumbre do queixo. Eu tinha certeza de já ter visto o maxilar quadrado com ar atrevido. Onde foi mesmo?

Meu estômago se retraiu assim que ele abaixou os braços, revelando meio que em câmera lenta sua identidade. Primeiro avistei os espessos fios escuros cor de nanquim caindo na testa, as sobrancelhas retas sobre olhos inteligentes em um tom de azul tão profundo quanto as águas do Atlântico. Entre eles, o nariz de linhas retas austero divergia da curva travessa da boca.

Ah, saco.

De imediato, eu me endireitei e encarei a pequena TV nas costas da poltrona da frente, acompanhando pela visão periférica ele terminar de guardar sua bagagem, e rezei para que não me reconhecesse.

Beirando o um metro e noventa, ele precisou se curvar para não bater a cabeça no bagageiro ao tentar alcançar a poltrona ao meu lado, de modo que os bolsos de trás de sua calça passaram a cinco centímetros do meu nariz. Ao cair no assento da janela, deslizou com o pé a mochila no vão embaixo do banco a sua frente. Obviamente, a cadeira era projetada para comportar o corpo de uma criança, não de um homem daquele tamanho. Seus joelhos se enterraram na poltrona dianteira, os ombros invadindo meu espaço.

— Uma lata de sardinha voadora — se desculpou, me observando pela primeira vez. O reconhecimento iluminou sua expressão ao descansar o braço no

apoio (o meu apoio!) e sorrir. — Ei, Melissa, não é? A noiva dos meus primos.

Engoli um gemido. Ficar trancada em uma aeronave por quase uma hora ao lado do irritante Nicolas Cassani, logo depois de descobrir que meu namorado tinha uma namorada... *É, é exatamente do que eu preciso nesse momento*, pensei, aborrecida.

O problema com a vida é que ela não se importa. Não faz diferença se a sua cabeça está totalmente fora do lugar, se o seu mundo foi revirado, reduzido a pedaços ou a pó, se o seu coração está capenga, tentando manter o ritmo das batidas, ou tão quebrado a ponto de nem sequer arriscar. A vida não está nem aí; simplesmente segue em frente, e, se você não tentar acompanhá-la, ela te atropela com tudo.

Descobri isso assim que Nicolas Cassani me atirou um sorriso malicioso.

— Quais as chances de dois conhecidos se sentarem um ao lado do outro em um voo numa cidade com mais de dez milhões de habitantes?

— Depende muito do carma de cada um — suspirei. — No meu caso, as chances são de mil por cento.

Pensei que reencontraria Nicolas apenas no casamento de Alicia e Max. Não que eu tivesse pensado nele ou algo parecido; só preferiria não ter que cruzar com o cara mais idiota que já pisou na face da Terra.

Nicolas Cassani era primo de um dos meus noivos... dos meus contratantes, quero dizer. Max Cassani estava de casamento marcado com Alicia Moraes de Bragança e Lima, herdeira de metade do planeta até onde eu sabia. O casamento — um miniwedding, *argh!* — já devia ter acontecido, mas tinha sido adiado depois do sequestro de Marcus, o irmão caçula de Max. Na verdade, Marcus Cassani também fora um dos meus noivos por um curto período... é uma história meio longa e muito complexa para explicar agora envolvendo um noivado de mentira, uma festa caríssima, uma paixão muito real e uma senhora de sessenta e poucos anos gravemente doente.

Dênis era o melhor amigo de Júlia, a noiva de Marcus, e certa vez me disse que os Cassani tinham essa coisa de amar intensamente. Era assim com Max, e também com Marcus, o que me levava a especular se Nicolas Cassani não era adotado, já que trocava de mulher com a mesma frequência que eu tomava banho.

Eu soube disso na primeira vez que nossos olhares se encontraram dentro da pequena igreja onde acontecia o ensaio do casamento de Max e Alicia. Nicolas aparecera trançando as pernas, uma mancha de batom decorando o colarinho da camisa e um sorriso cínico pregado na cara. Eu conhecia o tipo: homem ciente de sua aparência e poder de sedução, que os utiliza sem restrição sobre qualquer coisa que use calcinha, sempre na esperança de tirá-la, obviamente.

Naquele ensaio, ele me admirara de um jeito tão intenso que tive a impressão de que me vira por dentro. Realmente me vira, de um jeito que ninguém jamais fez antes, me deixando muito irritada. Eu me sentira exposta, vulnerável, assustada. Por mais que tivesse tentado ignorá-lo — e, ah, eu tentara —, ele simplesmente não parou de me encarar. Nem mesmo quando o acompanhei ao fundo da igreja com os outros padrinhos e ele se recostou num pedestal, o cotovelo esbarrando na imagem de um santo que, se eu não tivesse agido depressa, teria se espatifado no chão. Para manter a integridade de santo Antônio, eu empurrara Nicolas para longe dele. Foi parecido com tentar mover o monte Everest.

— Você entra depois da Mari e do Marcus — eu tinha explicado a ele. — Vai ficar posicionado do lado esquerdo. Tem uma marca vermelha no piso; não deve ser difícil identificar, mesmo no seu estado.

— Eu normalmente não gosto de receber ordens. — Ele correria uma das mãos pelo cabelo negro, me mostrando uma coleção de dentes brancos perfeitos. — Mas, por alguma razão, estou me divertindo com você.

— Não estou aqui para te divertir.

— Tem certeza? Uma dose de diversão seria mais que bem-vinda esta noite. — Sua voz era puro veludo e segundas intenções.

Relanceando a imagem sacra que ele quase derrubara, me perguntei se santo Antônio ficaria muito chateado caso eu o arremessasse em direção ao nariz de Nicolas Cassani. Como ele se atrevia a insinuar aquele tipo de coisa *dentro* de uma igreja?

— Você não tem vergonha?

— Normalmente, não. — Esfregou o pescoço, lutando para manter o olhar embotado em meu rosto. — Vergonha de que, especificamente?

— Hum, me deixe pensar... Será que é pelo fato de você aparecer bêbado e atrasar o meu ensaio? Ou será que é por tentar me envolver em um jogo de palavras? Ou ainda por estar em uma igreja pensando nessas *coisas*? — Baixei a voz nessa última parte. Estávamos em um templo sagrado, afinal. — Eu tenho namorado.

Um pouco oscilante, ele relanceou o casal mais atrás antes de se curvar em minha direção e sussurrar:

— Que bom pra você. — Esfregou o queixo. — Mas você pode ter razão quanto ao fato de eu estar bêbado, porque não sei se estou acompanhando essa conversa.

— Eu acredito nisso. Você não me parece muito inteligente. Faz mais o tipo de cara que pensa com o... — Cobri a boca antes que a palavra escapasse e eu me condenasse à danação eterna.

Infelizmente, Nicolas pareceu adivinhar os rumos que meus pensamentos tomavam e se endireitou, abrindo um sorriso estonteante.

— Preciso dizer que estou surpreso. E um pouco lisonjeado por saber que você está pensando em mim. — Cruzou os braços, as mãos desaparecendo nas dobras da camisa. — Ou em determinadas partes de mim.

— Eu não estou! — Tive certeza de que o rubor em minhas bochechas podia ser avistado a olho nu da estação espacial. — Você que começou com isso!

O “hein?” se desenhou naquele franzir de sobrancelhas. Então, algo deve ter iluminado seu cérebro embriagado, porque Nicolas riu. Um *hehehehe* profundo, quente e contagiante, num peito grande o bastante para amplificá-lo, que me aqueceu por dentro e fez algo muito esquisito vibrar em meu estômago. Que porcaria era aquela?

— Quando eu mencionei um pouco de diversão — explicou ele —, estava pensando que talvez você pudesse encontrar uma bebida. Os padres sempre têm uma garrafa de vinho escondida em algum lugar. — Nicolas escrutinou meu rosto, se detendo em minha boca, e nela se demorou muito mais do que a educação permitia. — Mas a sua ideia de diversão é bem melhor. — Piscou, buscando apoio na parede. Errou a mira e acabou acertando a tigela de água benta sobre um suporte de granito embutido.

— Quer parar de tentar quebrar a igreja? — Olhei feio para ele, realinhando a tigela no centro da pedra.

— Eu nem sabia que estava tentando quebrar alguma coisa, pra começo de conversa. — Secou a mão na perna da calça.

Tomei fôlego, implorando por paciência.

— Pro fim da fila ou Deus me ajude! — Eu o empurrei para trás dos padrinhos, dando por falta de um deles. — Cadê o Marcus?

Assim que fui procurar o irmão do noivo na sacristia, me deparei com sua cadeira de rodas vazia, um rastro de sangue no piso. A família Cassani ficou desorientada, e tudo o que tive tempo de fazer foi respirar fundo algumas vezes e tentar demonstrar uma calma que não sentia, para não apavorá-los ainda mais. A polícia chegou pouco depois, e fui uma das primeiras a falar com o investigador, cujo nome já não me lembro mais. Como sempre acontece quando fico nervosa, perdi o controle sobre a língua.

— Não sei — eu dissera ao policial, retorcendo as pulseiras em meu pulso com tanta força que minha mão começou a ficar azul. — Não sei de motivo algum para alguém fazer uma coisa dessas com o Marcus. Não o conheço muito bem. Ele é só meu noivo.

— Não sabia que vocês estavam envolvidos. — O cara de cabeça raspada subitamente ficou alerta, ao mesmo tempo que ouvi Nicolas gemer, lícido

àquela altura, sentado no banco um pouco mais atrás.

— N-não estamos! — me apressei. — Eu quis dizer que o Marcus é meu noivo, como o Max também é.

— É mesmo? — O sujeito rabiscou alguma coisa no caderninho de notas. — Você se envolveu com os dois irmãos? Como eles reagiram quando souberam disso? Como o Max reagiu?

E é por coisas assim que eu detesto perder o controle sobre minhas emoções. Minha língua destrava e as palavras saem a toda a velocidade, sem qualquer filtro ou polimento, resultando em situações muito constrangedoras. Aquela, porém, foi a primeira vez que corri o risco de acabar na cadeia, se Nicolas não tivesse decidido interferir.

— A Melissa é a cerimonialista dos meus primos — declarou, se levantando do banco, visivelmente impaciente. — Foi isso que ela quis dizer. Ela estava explicando nossos papéis na cerimônia antes de ir procurar o Marcus na sacristia. Qualquer um aqui pode confirmar. Será que nós podemos seguir para alguma coisa que realmente nos leve ao paradeiro do meu primo? — acrescentou, desamparado e assustado de tal maneira que por um momento bastante louco senti um desejo quase incontrolável de ir até ele e abraçá-lo.

Aí veio a notícia de que Marcus havia sido encontrado, Nicolas e a família dispararam porta afora e eu nunca mais os vi, exceto por Max, que me procurara três meses atrás para remarcar o casamento.

Agora que Nicolas e eu nos reencontrávamos naquele avião, pela maneira como seu olhar se apagou, tive certeza de que o horror daquela noite também rondava seus pensamentos.

Mas sua tristeza logo foi suplantada por outra coisa.

— O mundo é realmente uma arruela, não? — comentou, e fez aquilo de novo: fixou os olhos nos meus com tanta intensidade que minhas bochechas queimaram, as mãos começaram a suar, os batimentos cardíacos dispararam numa espécie de salto com obstáculos.

E essa era a razão pela qual eu não gostava de Nicolas Cassani, além do fato de ele ser um sedutor incorrigível e ter assistido de camarote enquanto eu me comportava feito uma idiota na frente daquele policial em plena crise. Nada em mim funcionava direito perto dele.

— Se importa de se manter no seu espaço? — Bastante irritada comigo mesma, empurrei o braço que descansava no apoio com o cotovelo. — Não tinha outro lugar para você nesta aeronave? Um mais espaçoso, de repente?

— Bem que eu gostaria — comentou, sonhador. — Não sobrou nenhuma poltrona com espaço extra. Se bem que eu gosto da vista daqui. Me refiro à janela, antes que pense que estou dando em cima de você de novo. Odeio viajar

no corredor.

Seu sorriso irritantemente largo me fez desejar ter algo mais útil à mão que o folheto informativo de segurança. Um taco de beisebol seria perfeito.

Inclinando-se para a janela, ele se escorou no apoio rente à fuselagem e tentou se encaixar no minúsculo vão. Não conseguiu muito espaço para as pernas, porém, e acabou separando os joelhos. Um deles se enterrou em minha coxa. Cruzei as pernas com dificuldade, a atenção toda na aeromoça, que deslizava a mão pelas portas do bagageiro conferindo se estavam travadas, e tentei fazê-lo desaparecer com a força do pensamento. Não era tão fácil. Assim tão de perto, seu perfume — uma mistura inebriante de mar, folhas e homem — embalava minha pele em um abraço.

Eu senti, mais do que vi, seu olhar se fixar em meu rosto.

— Como é possível que eu já tenha te irritado? — perguntou, exasperado. — Tudo bem, eu admito que essa situação não é a mais confortável do mundo. Mas você é uma mulher alta, pros padrões brasileiros. Deve ter um metro e setenta...?

— Tenho um e setenta e três — respondi de má vontade, sem me virar.

— Então você sabe que eu não estou fazendo de propósito. Por que eu te irrito tanto, Melissa? Por que você parece tão disposta a me odiar? Eu só tentei um diálogo amistoso, já que nós vamos dividir o mesmo espaço pelos próximos cinquenta minutos. Não sabia que isso te ofendia — zombou, se acomodando direito na poltrona conforme o avião iniciava o taxiamento. — Você é assim arredia com todo mundo ou só comigo?

Eu me preparei para lhe dar uma resposta atravessada e *muito* arredia, mas ele falou antes.

— Como é que o seu namorado conseguiu atravessar essa cerca de espinhos?

A menção a Fred despertou a raiva que eu tentava sufocar desde que deixara o café e fluiu pelas minhas veias feito ácido, corroendo minha razão.

Eu me virei para Nicolas.

— Tenho certeza que ninguém melhor do que ele para te ajudar nesse assunto, já que o babaca é especialista em pular a cerca.

Uma porção de linhas decorou sua testa conforme me estudava com atenção. O problema é que ele parecia enxergar muito além do que eu gostaria que qualquer pessoa visse — que eu mesma enxergasse —, por isso lutei para manter a guarda e expulsá-lo, mas, com as emoções bagunçadas e sua presença, não fui forte o bastante. Nicolas viu tudo.

— Ah. — Deitou a cabeça no encosto, incrédulo ao constatar a verdade. — O idiota te traiu.

Ou quase toda a verdade.

Em outra ocasião, eu talvez tivesse me controlado e mantido a boca e meus

assuntos longe do intrometido Nicolas Cassani. Mas era exigir muito do meu parco autocontrole naquela noite.

— O Fred traiu a namorada — expliquei, meu corpo se moldando à poltrona à medida que o avião arrancava. — Ao contrário do que eu acreditava, essa não sou eu. O canalha tem uma namorada desde o colegial. Eu nem suspeitei de nada, e olha que tinha mais de um motivo...

As palavras foram saindo sem controle, e Nicolas ouviu, descrente, tudo o que eu havia descoberto, incluindo a gravidez, o noivado e o fato de meus amigos acreditarem que ele pretendia me propor casamento. Precisei morder a parte interna da bochecha para frear o falatório. Eu estava a um passo de abrir o berreiro.

— Caralho... — Ele cruzou os braços (seu cotovelo roçou de leve meu antebraço), ocultando as mãos nas axilas, como se as forçasse a permanecer ali. O relógio em seu pulso cintilou. — Sinto muito.

A compaixão em seu tom me atingiu na boca do estômago e em meu ego destruído. Meu nariz começou a escorrer. Os olhos também vazavam. *Saco.*

— Droga de ar-condicionado — resmunguei, me curvando para apanhar a bolsa sob a poltrona da frente com certa dificuldade devido à mudança da gravidade na decolagem. Meus dedos esbarraram em todo tipo de coisa, exceto no que eu procurava. Onde estava a porcaria dos lenços?

Uma mão larga e bronzeada, de aspecto incrivelmente viril, entrou em meu campo de visão embaçado.

— Deixa que eu pego pra você — ele ofereceu, em tom baixo e gentil.

Devagar, Nicolas puxou a bolsa pela alça, parecendo surpreso assim que sentiu o peso. E ficou ainda mais atônito ao remexer meus pertences e encontrar um pequeno rolo de fita adesiva dupla face, uma caixinha com próteses dentárias e um envelope cheio de zíperes em diversas cores.

Qual é? Que tipo de produtora despreparada ele pensava que eu era?

Por fim, encontrou os lenços e me estendeu a caixinha.

— Obrigada. — Puxei um deles, esfregando-o no nariz de maneira nada elegante. — Saber que ele me manipulou, me fez sua amante sem que suspeitasse, é a pior parte. Ele me usou duplamente! Eu nunca mais vou me envolver com homem nenhum.

Com um movimento tão rápido que meu cérebro mal registrou, ele devolveu minha bolsa ao vão da poltrona. Seu cotovelo esbarrou em meu joelho, enviando uma descarga elétrica para o centro dos meus ossos. Ao se endireitar, perscrutou meu rosto, os olhos cintilando com uma emoção que só podia ser interpretada como incredulidade, antes de se concentrar na telinha à sua frente.

— Deve gostar desse cara pra cacete — comentou, desinteressado — se vai

permitir que ele estrague tudo pra você desse jeito. Não devia dar tanto poder a ele. Nem a ninguém. É burrice.

Não fui capaz de fazer muito além de contemplar seu belo perfil, surpresa ao notar que ele não tinha dito aquilo para interromper a choradeira. Naquele apertar de mandíbula e unir de sobrancelhas, percebi que ele desprezava Fred quase tanto quanto eu, e isso mexeu um pouco comigo.

— Não era pra você tomar partido e ficar do lado dele? — Puxei outro lenço, assoando o nariz. — Vocês dois são homens, e os homens se protegem. Não importa o tamanho da canalhice, vocês sempre passam pano uns para os outros.

Meu comentário serviu para expulsar a compaixão de sua expressão. Ao menos uma notícia boa.

Bom, mais ou menos. O esgar de canto de boca me alertou que eu o tinha ofendido. Gravemente. Uma emoção feroz, indignação misturada a algo ainda mais violento, escureceu as íris, que, assim de perto, não eram completamente azuis, mas salpicadas de dourado, muito semelhantes às contas lápis-lazúlis em meu pulso. Seus lábios chegaram a formar uma sílaba, mas a comissária se debruçou nos encostos dianteiros.

— Tudo bem por aqui? — perguntou, relanceando meu rosto molhado antes de sorrir para Nicolas. — Sua namorada precisa de alguma coisa?

— Ela não é minha namorada — ele respondeu de pronto. — Mas um pouco de água talvez ajude.

A comissária se iluminou feito uma árvore de Natal.

— É claro. Volto num instantinho. — Ela abriu um sorriso pintado de vermelho-sangue, que ficava ainda mais lindo graças ao rico tom amendoado de sua pele, e saiu requebrando os quadris, que Nicolas não chegou a ver, ocupado demais em me olhar fixamente, de cara feia.

Ou tão feia quanto alguém com a compleição de Nicolas era capaz. Enfim...

— Não me coloque no mesmo pacote que esse cara. — Trincou a mandíbula. — Existe uma enorme diferença entre mim e ele. Tanto eu quanto as mulheres com quem me envolvo sabemos exatamente o que queremos, onde estamos nos metendo, o que podemos esperar. E o que não adianta desejar porque não vai acontecer.

— Então, basicamente, é só sexo com zero envolvimento emocional — pensei alto. — Sua vida deve ser meio confusa, se o seu pau é quem a governa.

— De vez em quando, se alguém tenta burlar as regras. O que importa é que ninguém embarca no escuro. — Ele investigou meus traços, se demorando em meus olhos molhados. — E ninguém chora no final.

Um pouco envergonhada, me concentrei em dobrar o lenço até reduzi-lo a um triângulo fofo.

— Mas... — prosseguiu, estendendo o braço no apoio, colando-o ao meu de propósito — ... fico mais tranquilo ao saber que você voltou a pensar em certos aspectos da minha anatomia. Parece que, apesar do coração partido, sua mente funciona perfeitamente.

Se não houvesse outras oitenta pessoas na aeronave, eu teria escancarado a porta de emergência e empurrado Nicolas para fora em plena decolagem.

Empinei o queixo.

— Você é um idiota, sabia?

— Devo ser. — Bateu o joelho na fuselagem ao tentar se mexer. — Já que por um momento pensei que poderia te consolar de alguma maneira.

— Pois não pode. Nem sei por que estou falando com você sobre essas coisas. — Só que eu sabia. Eu estava nervosa, além do limite, e Nicolas tinha aquela estranha habilidade de embaralhar minhas ideias. — Eu não me relaciono com gente igual a você, que se acha o dono do mundo, espera que todas te amem, se sintam gratas por receber sua atenção. Não quero que você fale comigo, que seja gentil ou faça qualquer coisa por mim.

Minhas palavras duras surtiram efeito. Nicolas se enrijeceu de alto a baixo e qualquer traço de civilidade desapareceu das íris azuladas, revelando... mágoa?

Ah, saco. Eu não quis dizer aquilo. Nem mesmo para Nicolas, cujo coração eu imaginava ser um cubo mágico de impossível solução. Só estava ferida demais e acabei descontando na primeira pessoa que se aproximara. De todas as pessoas no mundo, por que justo ele ocupou a poltrona ao lado da minha naquele voo? Por que tinha que ser ele em meu momento mais frágil? Não era para ofendê-lo. Não queria ser tão grosseira. Eu só... ele só... As coisas que ele involuntariamente despertava dentro de mim me tiravam dos eixos.

Tentei me desculpar pelo ataque injustificado, mas ele se antecipou.

— Agora entendo por que você foi enganada durante todo esse tempo. — Sua voz não tinha qualquer inflexão. — Se é através desse filtro distorcido que você enxerga as pessoas. O que me surpreende é o cara ter ficado por perto por tanto tempo.

Foi a minha vez de ficar ofendida. Antes que eu pudesse rebatê-lo, a comissária retornou.

— Aqui está, querida. — Enfiou um copo debaixo do meu nariz.

— Obrigada — murmurei, aceitando a bebida.

— Por nada. E esse eu trouxe especialmente pra você. — Entregou a Nicolas um copo de uísque envolto num guardanapo dobrado em um triângulo.

— Foi muita gentileza. — Ele abriu um sorriso que deixou a moça meio abobalhada. — Obrigado...

— Sarah. — Roçou a unha vermelha na plaquinha dourada sobre o seio

esquerdo. — Me chame se precisar de alguma coisa.

Anuindo, Nicolas abaixou a mesinha presa ao assento e encaixou o copo ali. O guardanapo se desenrolou, revelando a bonita caligrafia de Sarah e o número de seu telefone.

Ah, que ótimo. Minha vida amorosa naufragava enquanto a de Nicolas era regada a uísque gratuito e oferta de sexo sem que ele nem se esforçasse. Era muito, muito injusto.

Irritada e sem conseguir pensar em nada inteligente além de bufar ou resmungar, sustentei o olhar na TV, decidida a ignorá-lo pelo restante do percurso.

Entretanto, eu não devia ter me dado o trabalho. Nicolas passou os quarenta minutos seguintes com o olhar perdido na janela, embora a noite não permitisse admirar a paisagem. Ainda assim, foi perturbador, pois alguma parte dele sempre tocava alguma parte minha: o joelho batia no meu, o cotovelo roçava meu antebraço, o bíceps grudava em meu ombro. Sua mão acidentalmente cobriu a minha uma vez, mas ele a puxou depressa, como se tivesse tocado em algo viscoso. Eu queria poder dizer que fiz o mesmo, mas a verdade é que nem reagi. Experimentava uma sensação confusa, meio parecida com uma fanfarra sem maestro, cada instrumento vibrando em um tom, uma música diferente. Tudo o que eu sabia era que tinha que impor a maior distância possível entre mim e Nicolas Cassani se quisesse ouvir meus próprios pensamentos. E, pelo jeito como ele me dava as costas, eu havia acabado de garantir isso.

Ou ao menos foi o que eu pensei.

4

Passava das dez quando consegui chegar ao hotel, as rodinhas da mala zumbindo atrás de mim conforme eu atravessava o lobby. Não havia muita gente na recepção àquela hora da noite, apenas dois caras conversando nos largos sofás negros, outro lendo um livro próximo à mesinha de canto, uma mulher trabalhando em algo importante em seu laptop no bar, e um casal relaxando com um drinque ali perto, de modo que não tive problemas ao fazer o check-in.

Quer dizer...

— Estamos com a capacidade máxima de hóspedes, srta. Melissa — alegou o

recepcionista, analisando atentamente a tela do computador. — Não estou encontrando sua reserva.

— Mas eu fiz. Hoje, na hora do almoço. Por favor, eu tive um dia e tanto. Só quero um lugar pra deitar. Aceito até um canto na governança. — Escorei a bolsa no balcão, os ombros rijos feito uma tábua. — Só não me manda embora.

— De maneira alguma. — Ele se apressou, ansioso. — É que hoje é meu primeiro dia e estou pouco familiarizado com o sistem... ah, aqui está.

Soltei um suspiro de puro alívio cinco minutos mais tarde, ao envolver os dedos no cartão do quarto número 221. Quando entrei no elevador a caminho do segundo andar, sentia cada músculo tensionado, a ardência no centro do peito, que se intensificava com o passar dos segundos. Eu me esforçava para me concentrar nos movimentos do meu corpo e manter a mente em branco. Se não pensasse, não teria que lidar com os problemas, só com os ecos da dor.

A visão da cama king no centro do quarto amplo quase me fez chorar. Deixei a mala ao lado da porta mesmo e me estirei no colchão fofo, usando um pé para descalçar uma das sandálias. O aroma de limão e vapor espiralava pelo cômodo, dando à mobília escura e ao tom cinzento das paredes um aspecto mais acolhedor e quente. Abafado, na verdade...

Saltei da cama ao ouvir a porta do banheiro se abrir e me abaixei para pegar o sapato, segurando-o feito uma arma. Um homem alto e forte saiu de lá, secando o cabelo... totalmente nu.

Gritei tanto que minha garganta arranhou, assustando o cara.

Nicolas, percebi, com desespero.

— Cacete! — ele exclamou, se apressando para envolver a toalha nos quadris. — Que diabos você está fazendo no meu quarto? — perguntou, corado.

Meu rosto também pegou fogo.

— O que *você* está fazendo no meu quarto? E pelado! — *Tão* pelado! Tudo o que lhe cobria o corpo era uma fina camada de pelos escuros, sombreando o tórax em todos os lugares interessantes, e algumas gotículas de água. Sua pele estava ligeiramente avermelhada com o calor remanescente do banho.

Devia estar realmente quente naquele banheiro, porque, caramba, até eu comecei a transpirar e ofegar.

— Por que você tá pelado no meu quarto? — repeti, um pouco mais firme.

— O que *você* está fazendo, invadindo o meu quarto desse jeito? — Enfiou a ponta na toalha no cós do envelope que criara ao redor dos quadris.

E de que adiantava? A imagem de segundos antes teimava em dançar em frente à minha retina, sobretudo o nada modesto...

— Fico lisonjeado com a atenção, mas não estou interessado — ele resmungou, de cara amarrada, me salvando de meus próprios pensamentos.

Mas então compreendi o que ele disse e empurrei o constrangimento para o lado, empunhando a sandália que ainda segurava.

— Eu é que não estou interessada em você. Nem um pouco. E esse é o meu quarto. — Puxei a chave de cima do edredom branco para que ele visualizasse os números. Se meus dedos parassem de tremer, talvez ele conseguisse. — Você está dentro dele. E quero que saia agora.

— Não vou a lugar algum. Este é o *meu* quarto. Cheguei antes, como você pode ver. Logo, é você que vai embora. — Cruzou os braços, os pés separados por alguns bons centímetros.

Pés bem grandes. Talvez tamanho 43 ou 44... Por que isso importava?

— Pois eu não vou sair daqui. — Eu me sentei na cama. O bico do sapato que eu ainda segurava espetou minhas costelas.

Silencioso e sinuoso feito uma pantera de frente para sua caça, Nicolas se aproximou da cama. Eu devia ter me levantado e o enfrentado. A questão é que meu cérebro entrara em descanso de tela e se recusava a reiniciar. Era muita pele bronzeada para absorver. E a tatuagem na parte interna do braço esquerdo tinha algum significado especial ou ele apenas curtira o desenho da bússola negra, de traços elegantes, que ganhava vida a cada respiração? Uma gotinha de água reluzia bem na ponta da agulha negra, e eu me flagrei querendo secá-la com a pontinha do dedo. A língua seria ainda melhor...

— Melissa, você precisa ir embora.

Sua voz, imperativa e impaciente, me salvou daquele vórtice de pensamentos errantes.

— Já disse que não vou. — Bati a mão no edredom fofo. — Estou exausta. Eu paguei pelo quarto. Mas fique à vontade. — Apontei para a porta.

Seus traços se moldaram em uma carranca aborrecida, e por um instante maluco eu pensei que Nicolas me atiraria sobre o ombro largo esculpido com muitas horas de academia e me jogaria para fora do quarto. Tenho quase certeza de que algo parecido lhe ocorria, pela maneira como suas íris se inflamaram. Mas os rumos de seus pensamentos devem ter mudado, porque os cantinhos de sua boca se elevaram.

— Com prazer. — Sem nenhuma cerimônia, ele soltou a toalha que lhe cobria os quadris com um puxão decidido e voltou a friccioná-la no cabelo, de modo que eu fiquei cara a cara com seu enorme...

— O que você está fazendo?! — gritei, tentando ocultar com a sandália a visão daquela parte dele que o definia como homem.

— O que você sugeriu. Ficando à vontade.

Vermelha até a raiz dos cabelos, quente de indignação... e outra coisa que não tive tempo de averiguar... eu me levantei da cama, que subitamente parecia feita

de lava.

— Não foi isso que eu quis dizer! — protestei. — Quer fazer o favor de se cobrir?

— Eu devia. É o que os meus instintos me dizem para fazer. Mas aí eu estaria sendo educado, e você não quer isso, lembra?

Ele tornou a esfregar o tecido felpudo no cabelo úmido, indo até a mala sobre o suporte cuja existência só agora eu notava. Jogou a toalha no chão e se curvou para trabalhar no cadeado.

Eu não queria olhar. Essa era a última coisa de que eu precisava naquele momento — embora eu não soubesse exatamente o que queria naquele momento —, mas meus olhos foram arrastados para o desenho em tinta negra na parte interna do bíceps esquerdo potente. (O direito era igualmente forte, mas não havia tatuagem ali. Eu conferi. Duas vezes.) Também procurei mais desenhos nos ombros largos, no relevo das costas, no côncavo do traseiro de aspecto rijo, nas coxas poderosas e até nos calcanhares. Não. Mais nenhuma tattoo.

Distraída, me perguntei qual seria a sensação de encaixar meu corpo cansado naquela musculatura de aparência tão quente, deixar minhas mãos se aventurarem por todo...

Argh! O que diabos eu estava pensando?

— E-eu acho que houve um engano. — Eu me apressei em apanhar a bolsa sobre a cama. — Nos colocaram no mesmo quarto.

— Sério? Eu não tinha pensado nisso... — ironizou, me observando por sobre o ombro. — Vou descer e verificar o que aconteceu. Só preciso me trocar antes. Você pode ficar e continuar assistindo ao show.

— Eu faço isso. Digo, ir até a recepção. Não assistir ao seu show e... humm... então, tá.

Instável, com uma sandália no pé e outra na mão, enganchei a alça da mala no braço e vooi porta afora. Minha respiração saía aos trancos, pesada, trêmula. Parei diante do elevador no instante em que as portas se abriam e o cara da recepção desceu, colidindo em cheio comigo. O sapato e minha bolsa foram para o chão, e eu só não me juntei a eles porque a parede me amparou.

— Srta. Melissa, me desculpe! — Ele se ajoelhou, recolhendo meus pertences às pressas. — Eu acabei de perceber que cometi um terrível equívoco. O quarto ao qual designei a senhorita já foi preenchido. Isso não devia ter acontecido. Eu a coloquei em uma suíte superior. Espero que o conforto do quarto seja o bastante para apagar qualquer constrangimento.

Eu duvidava de que algo fosse capaz de apagar o que eu acabara de ver. A imagem de Nicolas nu, molhado e quente parecia tatuada em minha retina.

O rapaz carregou minha mala até o quarto certo e se desculpou outra vez antes

de me deixar sozinha. Ainda estava trêmula quando parei no minibar e apanhei uma garrafinha de vodca. *Humm... uísque*, corrigi após provar um gole.

Pensei em ligar para Fabiola e contar o que havia acontecido, mas me lembrei de que também teria que mencionar Fred. Falar sobre o assunto era a última coisa que eu desejava. Então me deitei na cama, ainda vestida, sorvendo todo o conteúdo da garrafinha de uísque, como se com isso pudesse drenar as emoções de dentro do coração, uma ilusão tão fraca que não se sustentou por mais de três segundos. A bebida afrouxou meus músculos retesados, mas não teve muito efeito sobre o zumbido irritante em meus pensamentos. Por isso liguei a TV, aumentando o volume até que não pudesse mais ouvir a algazarra em minha mente.

Juro que fiz tudo o que pude para me concentrar no que acontecia na tela, mas nem *Dirty Dancing* conseguiu capturar minha atenção. Na ficção, a mocinha se perde do herói, antes de encontrá-lo em um apoteótico final e tudo acabar em uma dança apaixonada. O herói nunca se casa com outra garota. O herói nunca engana a mocinha por um ano inteiro. Não engravida outra mulher. Eu não teria o meu final feliz, então desliguei a TV para impedir que Baby e Johnny também tivessem o seu, e fui para o bar outra vez, voltando para a cama com todas as garrafinhas que pude encontrar.

Eu sabia que não devia beber muito. Precisaria estar inteira na reunião com João, na manhã seguinte, e no almoço com Camila Bueno. Não podia me dar ao luxo de me encolher em um canto e chorar, permitir que a derrota me consumisse e assim espantasse minha criatividade. Fred tinha arrasado com meu coração, meu orgulho. Eu não ia deixar que fizesse o mesmo com minha carreira.

Nicolas dissera muita coisa estúpida naquele voo, mas isso porque ele era um idiota, não podia evitar. Um idiota com um corpo delicioso, meu cérebro tratou de me mostrar todos os ricos detalhes da bela anatomia, sobretudo das costas generosas, a tatuagem elegante, as covinhas na... *Aonde eu pretendia chegar mesmo?*, me perguntei, sorvendo um grande gole de vodca. *Não. Uísque de novo*, corrigi, sentindo a bebida queimar no fundo da garganta.

Ah, sim! Ainda que Nicolas fosse idiota e lindo, tinha dito algo relevante durante a viagem.

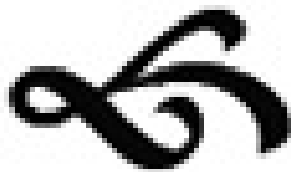
“Você não devia dar tanto poder a ele.”

E eu não ia. Não permitiria que Fred estragasse mais nada. Nem ele nem homem algum. Jamais voltaria a me envolver emocionalmente com outra pessoa. Nunca mais permitiria que alguém tivesse o poder de me ferir daquela forma. A partir daquele momento, eu me tornaria uma rocha impenetrável, mantendo meu coração escondido sob um iceberg. Eu seria... eu seria... o Nicolas Cassani de

seios! Eu era boa nisso. Não, não em ser parecida com Nicolas, Deus me livre. Mas havia aprendido a continuar respirando mesmo com um punhado de cacos afiados no lugar de um coração. Era ótima em empurrar tudo aquilo que eu não era capaz de lidar para um canto escuro da alma, onde raramente me permitia revisitar. Fora o que eu fizera dois anos atrás. Era o que eu ainda fazia.

Eu me remexi na cama e algo espetou minha bunda. Surpresa e muito confusa, examinei as três garrafinhas sobre o edredom branco. Todas vazias. Humm... isso explicava por que o quarto girava tanto, me deixando com a sensação de estar deitada sobre as turbinas de um jato, ligadas na potência máxima.

— Ixxo vai doer amanhã... — resmunguei, empurrando as garrafinhas para fora do colchão. Apaguei antes mesmo de elas atingirem o carpete.



— Querida, você está parecendo um zumbi! — papai diz na calçada em frente ao prédio da agência.

— Sérgio, não seja implicante. — Mamãe olha feio para ele. Mas me analisa com mais atenção. — Você realmente parece cansadinha. Quando foi a última vez que teve uma noite inteira de sono?

— Foi... aaaaaah... — Antes de Fabiola começar a sair com o tal de David. Os dois estão na fase “transar a qualquer hora, em qualquer lugar”. Paredes finas estúpidas! Voltar para a casa dos meus pais começa a parecer boa ideia. Por mais que eu ame Fabi, não gosto de acompanhar sua vida sexual tão de perto assim. — Não lembro. Mas vou ter folga na segunda. O que vocês fizeram hoje?

— Bem, não muita coisa. — Mamãe enlaça o braço no meu e começa a me conduzir pela calçada. — Hoje é Dia dos Professores. Deveríamos ter conselho

de classe, mas a diretoria resolveu aproveitar a janela para dedetizar o prédio. Estamos com uma infestação horrível de formigas. Aproveitei a folga para fazer uma limpa no jardim, pela manhã. Depois o seu pai e eu fomos até o shopping. Ele queria comprar uma furadeira nova, mas não gostou dos preços.

— Aí, como estávamos aqui perto — os lábios de meu pai se esticam sob o bigode escuro —, resolvemos dar uma passada e perguntar se você tem tempo para nos acompanhar em uma pizza.

— Eu preciso estar no salão de festas daqui a duas horas. Mas acho que dá tempo.

Meu pai cutuca minha mãe com o cotovelo.

— Não falei? Filha minha nunca recusaria pizza. — Então, se volta para mim. — Pensamos naquela pizzeria que você adora desde criança.

— Ah, pai, seria um sonho. Mas ela fica do outro lado da cidade. Eu conheço um lugar bacana no caminho do salão. Deve estar pouco movimentado a esta hora, e eu teria um pouco mais de tempo com vocês.

Meu pai sorri e indica o carro no final do quarteirão...

Eu me sentei abruptamente, a mão espalmada sobre o peito ofegante. Tateando na escuridão, procurei o celular no criado-mudo. Meus dedos tremiam sobre a tela ao tentar fazer a chamada, e me pareceu uma eternidade até que ela completasse e alguém atendesse.

— Mãe! — Apertei o telefone, como se em vez do aparelho pudesse abraçá-la com força.

— Sua mãe está dormindo. — Meu pai cochichou. — São quatro e cinquenta da manhã, querida.

Soltei um suspiro, empurrando os cabelos para longe do rosto.

— Pai... desculpa... Eu não vi as horas. Só queria... falar com vocês antes de começar o trabalho. Meu dia vai ser cheio hoje.

Ouvi o farfalhar de lençóis sendo empurrados para o lado, depois seus passos e uma porta se fechando suavemente.

— Filha, acho que você deve diminuir o ritmo. Tem testado seus limites nesses últimos dois anos e precisa parar com isso, encontrar um ponto de equilíbrio, ou não vai aguentar. Outro dia assisti a uma reportagem sobre essa síndrome... É um nome em inglês. De quando o cérebro pifa...

— *Burnout* — ajudei, caindo de costas no travesseiro e sentindo muita falta do corpinho peludo de Loki enroscado ao meu.

— Isso mesmo. Esgotamento físico e mental. É coisa séria, Mel. Com a cabeça não se brinca. Você sabe disso.

Uma batida na porta me fez gemer no escuro.

— Eu estou bem, pai. Juro. — Ou ficaria, em algum momento. — Estão batendo na porta. Vou ter que desligar, mas pretendo ir visitar vocês hoje à noite, antes de ir pro evento.

Ele estalou a língua.

— O que eu acabei de dizer entrou por um ouvido e saiu pelo outro?

Eu ri, garantindo a ele que estava longe de sofrer um *burnout* antes de desligar e tatear a cabeceira da cama, à procura dos botões da central de comando da iluminação. Não encontrei, então lancei as pernas para fora do colchão, o que foi péssima ideia. Meu cérebro pesava cerca de uma tonelada, ondas violentas o jogavam de um lado para o outro. Todo o restante de mim parecia ter caído dentro de um moedor de carne. E essa não era a notícia ruim: todo o álcool que eu tinha ingerido não derreteria meu cérebro nem afogara as lembranças da noite anterior nas águas turvas do esquecimento.

Gemendo, me arrastei até a porta, tropeçando em algumas garrafinhas pelo caminho.

— Srta. Melissa, está tudo bem? — Era o mesmo rapaz da noite passada, o que me colocara no quarto errado.

— Sim, claro. — Apoiei a cabeça latejante na porta. — Por que não estaria?

— Um dos hóspedes ligou para a recepção. Ele a ouviu gritar como se *lutasse por sua vida*. — Fez aspas com os dedos.

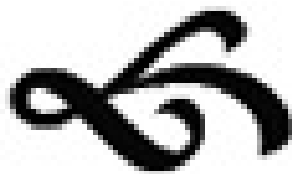
— Ah. — Que merda. Era por causa daquilo que eu nunca dormia com ninguém. Nem mesmo na casa de Fr...

Segurei o pensamento bem ali e me concentrei no rapaz de uniforme cor de vinho, inventando que havia me assustado com uma barata. Percebi tarde demais que devia ter inventado um agressor, pois o cara iniciou um discurso inflamado sobre o hotel seguir fielmente o cronograma de dedetização, e que entraria em contato com a empresa que prestava serviços exigindo explicações.

Quando finalmente consegui me livrar dele, já eram quase cinco e vinte da manhã. Era melhor me arrumar, pensei ao rastejar para o banheiro, repassando mentalmente o pouco que me lembrava da agenda daquela quinta-feira:

- convencer João Pinot de que eu podia fazer sua exposição brilhar mais que o sol;
- retornar à cidade a tempo de almoçar com Camila Bueno;
- dar um pulo na casa dos meus pais;
- apagar meu ex-namorado do coração antes de cair na cama.

Eu me encolhi com o último item. Tudo bem, uma coisa de cada vez.



Disparei para fora do elevador, a mala saltitando pelo sétimo andar de um jeito irritante. Gabriela, sentada a sua mesa, levantou os olhos escuros atrás do balcão ao me ver passar pela recepção, mas a lixa continuou deslizando pela ponta das unhas pintadas de roxo.

— E aí, como é que foi? — perguntou, entediada.

— Consegui o contrato. Só não sei se isso é uma coisa boa.

João Pinot era... bom... eu não entendia nada de arte, então era melhor não mencionar os quadros, embora eles talvez voltassem para assombrar meus sonhos. O problema é que a nova promessa do mundo das artes era um pé no saco. Não seria nada fácil trabalhar com ele, e nem era porque a primeira coisa que ele me disse na reunião foi: “Ei, por acaso a gente já transou? Você me parece familiar...” Quando respondi que não, da maneira mais profissional que pude, ele adicionou um cínico: “Estaria aberta à possibilidade?”

Eu podia lidar com idiotas, fazia isso sempre que pegava o ônibus... e topava com Nicolas Cassani, adicionei depressa. Mas o principal problema do rapaz de estatura mediana e barba estilo lenhador era seu temperamento. Ele tivera um verdadeiro ataque de diva, incluindo gritos, choro e coisas atiradas contra a

parede, assim que o alertei de que não conseguiríamos o auto de vistoria do corpo de bombeiros se ele insistisse na ideia de usar fogueiras reais em um local fechado. Mas acabou assinando o contrato, e eu ainda não conseguia me decidir se era sorte ou um golpe de azar.

De sua mesa, Fabiola me viu chegar e parou tudo o que estava fazendo para pular na minha frente.

— Você não vai acreditar! A simpatia funcionou para nós duas! Olha! — Ergueu a mão esquerda, um anel de brilhantes reluzindo no anular.

— Você está noiva! — Soltei a mala, que tombou para trás.

— O Alan foi me pegar depois da formatura e me pediu em casamento. — Ela levantou a mão, rodopiando, fazendo Dênis rir e André revirar os olhos. — Eu vou casar! Nem acredito nisso!

— Ninguém aqui acredita — André murmurou, carrancudo.

Ela o encarou como se ele tivesse dito que a perfumaria da Versace era melhor que da Guerlain.

— Você só está com inveja porque a partir de hoje eu sou uma mulher seriamente comprometida. — E continuou, se voltando para mim: — Tentei te ligar pra contar, mas só dava caixa postal. O Alan ficou tão empolgado com a ideia de dividirmos a vida que já levou algumas coisas lá pra casa. Eu quase disse não. Mas aí lembrei que o Fred ia pedir sua mão, e eu ia ficar sozinha naquele apartamento enorme, então aceitei! Vamos morar juntos!

Pisquei por um minuto inteiro.

— Aaaaaah... isso é maravilhoso, Fabi.

Fabiola e Alan iam se casar, dar o próximo passo do relacionamento. Quem sabe agora ele parasse de bancar o idiota e finalmente se tornasse o homem que Fabiola merecia.

A notícia ruim era que eu teria que encontrar um novo lugar para morar. De maneira alguma eu ia melar o romance da minha melhor amiga. Voltar a viver com meus pais seria um problema. Era preciso tomar três ônibus e uma van para ir e voltar do trabalho — motivo pelo qual eu acabara indo morar com Fabiola, para começo de conversa. Como eu ia pagar o aluguel de um quarto ou coisa parecida se mal conseguia manter a conta do celular em dia?

— Tive uma ideia genial! — Ela parou de girar, sorrindo de orelha a orelha. — A gente podia fazer um casamento duplo! Imagina que coisa mais fofa! Quando você vai ver o Fred, pra ele poder te pedir em casamento?

Evitando seu olhar, segurei a alça da bolsa e me dobrei para endireitar a mala.

— Humm... O Fred me procurou ontem, no aeroporto.

— Por que você não contou logo?! — Sem aviso, ela apanhou minha mão esquerda com tanto ímpeto que a mala tornou a ir para o chão com um baque

surdo. Mas sua animação esfriou quando não encontrou nenhum anel em meu anular. Elevou o rosto, as sobrancelhas bem desenhadas quase unidas. — O que aconteceu?

— Nada importante. — Puxando a mão com delicadeza, peguei a mala e fui para minha saleta, com a esperança de que Fabiola entendesse que eu não queria falar sobre o assunto.

Por um momento, esqueci com quem estava lidando.

Ela passou por trás de mim antes que eu pudesse fechar a porta e se deixou cair em uma das cadeiras, fazendo uma careta assim que a amostra de tecidos sobre o assento lhe espetou a bunda.

— Você disse "não"? — Puxou a cartela e a atirou sobre o tampo da mesa.

— Não. Ele não fez o pedido pra mim, Fabi.

Ela não compreendeu minha delicada escolha de palavras.

— E pra que ele foi até o aeroporto, se não era para fazer um gesto romântico? Tem certeza que ele não deixou alguma coisa subentendida e você não percebeu? Porque é a sua cara fazer isso, Mel. Me conta exatamente o que foi dito. Palavra por palavra.

Pendurei a bolsa na cadeira e acomodei o notebook na mesa.

— Não lembro direito, Fabi. Acho que eu o mandei ir para o inferno depois que ele me contou que ia se casar com outra mulher, e que eu fui amante dele esse tempo todo.

O silêncio que se seguiu me deixou preocupada. Mas então ela se levantou tão depressa que por pouco a poltrona não tombou para trás.

— Ele o QUÊ?!

— Ela está grávida. — Dei de ombros, puxando de dentro da bolsa a pasta com o contrato assinado por João, enquanto contava resumidamente o que havia acontecido na noite anterior. — Você poderia pedir para a Gabriela tirar uma cópia autenticada no cartório? — Estendi o documento.

A boca da minha amiga se abriu tanto que quase pude ver o belo trabalho do canal que ela tratara no ano anterior ao apanhar a pasta rija.

— Eu vou matá-lo! — Fabiola apertou o plástico até reduzi-lo a um canudo longo. — Homens do tipo do Fred deviam ser castrados toda vez que machucam alguém.

— Só dá para castrar um homem uma única vez — assinalei.

— Pra você ver a injustiça do mundo! — Apontou o canudo para mim, revoltada. — Eu vou dar uma surra no canalha. Com isto aqui! — Brandiu a pasta enrolada.

Acabei rindo.

— Obrigada, Fabi. Você é a melhor amiga do mundo. E não tenho dúvida de

que também seria uma capanga excelente. Mas não preciso de nada além de me concentrar no trabalho. — Ocupar a mente com algo produtivo era o melhor a fazer, ainda que menos divertido que fantasiar a castração do meu ex.

Frustrada, ela atirou a pasta agora torta sobre a mesa e se largou na cadeira, algo semelhante a horror empalidecendo seu rosto.

— Ah, meu Deus! — Tocou a base da garganta. — Você não está noiva e eu concordei em morar com o Alan.

— Não tem nada de errado nisso — garanti a ela, com sinceridade. — Vocês vão casar e querem ficar juntos. É natural.

— Sim, mas eu não quero que você se mude! — Seus olhos marejaram. — Você não tem que se mudar. Vamos ser felizes juntos. Nós quatro. Eu, o Alan, você e o Loki. Nada precisa mudar, né?

Dando a volta na mesa, encostei os quadris no tampo e agarrei sua mão gelada.

— Fabi, ninguém começa um casamento com a melhor amiga morando no quarto ao lado. Vocês precisam de privacidade. Eu vou arranjar outro lugar para morar. E está tudo bem.

— De verdade? — Seu lábio inferior tremeu.

Coloquei um sorriso corajoso na cara.

— De verdade. Eu estou feliz por você. — Apertei seus dedos. — E você vai ficar feliz por mim quando souber quem me ligou ontem, um pouco antes de eu embarcar...

Contei a ela sobre a ligação de Camila e tudo o que havíamos conversado. Seu rosto foi de absoluta tristeza para a mais incrível exultação em um átimo de segundo. Infelizmente, durou só até eu mencionar o estilo de casamento, o número de convidados e o prazo que teríamos.

— Mas você só enrolou a moça ao topar essa maluquice, né? — Fabiola empalideceu. — Porque não existe nenhuma chance de a gente conseguir um casamento desse porte em três meses.

— Eu falei sério, Fabi. — Me encolhi, as mãos caindo sobre as coxas. — Era isso ou a Camila Bueno ia procurar outra agência para cuidar do cerimonial.

— Em que merda voc... — começou, mas uma cabeça despontou na porta aberta.

— Acabei de ouvir o nome de Camila Bueno na minha agência? — questionou Sônia, entrando na sala, à espera de uma explicação.

Comecei com o encontro com João e a assinatura do contrato, e fui o mais coesa possível ao relatar a possibilidade de conseguir um contrato com Camila Bueno naquela tarde. Interrompi a narrativa ao ouvir um rangido, e, assustada, percebi que era o rosto rígido da minha chefe resmungando um protesto ao

sorrir, coisa que não acontecia desde... bom... eu não sabia. Talvez desde a queda do meteoro que extinguiu os dinossauros.

— Bem, Melissa, você me surpreendeu de maneira positiva — comentou, os olhos dardejando, e eu não tinha dúvida de que em sua mente ela abria uma planilha do Excel e separava em colunas todos os benefícios que o casamento de Camila traria à Allure, sem esquecer o saldo astronômico. — Muito bem. Consiga Camila Bueno e então vai merecer ocupar o cargo de produtora de eventos da Allure.

Senti os olhos de Fabiola dispararem em minha direção. Tudo o que fiz foi continuar observando minha chefe, esperando alguém gritar que era uma pegadinha. Quando ninguém da TV apareceu, dei um passo à frente.

— Está falando sério?

— Você sabe que eu nunca brinco. Consiga esse contrato e vai ser promovida a produtora. — Seus olhos então se apertaram. — Mas, caso você cometa um erro nesse almoço e perca Camila Bueno usando o nome da Allure Eventos, bem, não precisa se dar ao trabalho de voltar. — Sem dizer qualquer outra palavra, me deu as costas e foi para sua sala parecendo flutuar.

Parte de mim começou a tremer com a ameaça da demissão. Mas preferi focar minhas energias no que ela nunca havia dito antes. Se eu conseguisse Camila, seria a nova produtora!

— Puta merda, Mel! — Fabiola se lançou sobre mim, me sufocando com um abraço. — Até que enfim! Ela vai te promover.

Ah, meu Deus. Ah, meu Deus. Ah, meu Deus!

A realização de um longo e exaustivo trabalho finalmente seria recompensada. Depois de dar o sangue pela agência, minha chefe finalmente me promoveria.

Meu corpo todo pareceu mergulhar em creme morno, os lábios se distendendo sem que eu pudesse reprimi-los. Eu seria quem sempre sonhara: Melissa Gouvêa, produtora de eventos. Soava bem. Soava bem demais! Mas melhor que tudo isso seria o novo salário. Eu não teria mais que escolher entre pagar a conta de água, comprar o salmão que o médico recomendara para a dieta da mamãe ou seu remédio caro para a memória. E tudo o que eu tinha de fazer era conseguir que Camila Bueno assinasse na linha pontilhada. E depois organizar o casamento do século em apenas doze semanas.

Certo, uma coisa de cada vez.

— A gente precisa sair pra comemorar. — Fabiola me soltou. Então a empolgação murchou um pouco. — Mel, sobre o que aconteceu com o Fred...

— Não. Está tudo bem — cortei, gentilmente me afastando dela com a desculpa de ligar o computador. — Eu estou bem. Sério.

— Não minta pra mim. Nem pra si mesma — ela murmurou, deixando a sala.

Eu não estava mentindo. Nem sequer teria tempo para isso, pensei ao me sentar na cadeira, esperando que o computador ganhasse vida. Tinha poucas horas para bolar uma estratégia para impressionar Camila. Precisava daquele contrato mais que qualquer outro. Não devia ser difícil, afinal ela me procurara. Eu seria promovida. De maneira alguma perderia aquela chance, ou não me chamava Melissa Gouvêa.

Em meio ao turbilhão que minha mente se tornara, percebi que a promoção simbolizava muito mais que cuidar da minha família. Quatro vezes maior que meu atual salário, o de produtora seria suficiente para manter meus pais e ainda sobrar para alugar um lugar pequeno só para mim. Quem sabe ali pelo bairro mesmo, assim eu poderia manter um olho em Alan e ainda ficar perto da Allure...

A lembrança de Dante carregando caixas na manhã anterior explodiu em minha mente como um trovão. Ah, meu Deus, talvez eu não tivesse que deixar o edifício, apenas o apartamento de Fabi.

Sem perder tempo, puxei o celular do bolso e digitei o nome da *Tempo* na barra de pesquisa do Google. Cliquei no conjunto de números que apareceu na tela, espremendo o telefone entre a orelha e o ombro para alcançar o bloquinho de notas na bolsa. Tocou quatro vezes antes que alguém atendesse.

— Oi, bom dia — eu disse, apressada. — Eu gostaria de falar com Luna Braga, por favor...

5

Minhas pernas reclamavam do ritmo frenético que eu impunha na pressa de chegar logo à casa de dona Elza. Não, a dona do apartamento de Luna e Dante não retornara minha ligação, e, sim, eu sabia que não devia aparecer na porta de ninguém sem avisar, mas o que mais poderia fazer? Alan devia estar levando suas coisas para o nosso apartamento naquele momento. Luna aconselhara que eu corresse. Um cara tinha visitado o apartamento mais cedo e afirmara ter a intenção de fazer uma oferta. Então ali estava eu, praticamente correndo até a sorveteria da esquina sob o sol escaldante do meio-dia, rezando para que a viúva

não me recepcionasse com um balde de água gelada. Eu precisava estar apresentável na reunião com Camila, que aconteceria em uma hora.

Avistei o interfone meio escondido entre o estreito portão de ferro escuro e a fachada da sorveteria. Ergui a mão para pressionar o botão, mas alguém surgiu detrás do poste ao mesmo tempo com a mesma intenção, de modo que esbarrei nos dedos grossos de unhas quadradas um pouco roídas. Uma bela mão masculina, reparei. Do tipo que abarca a cintura de uma garota quase por completo.

O toque rápido e casual disparou uma rajada violenta pelo meu corpo, arrepiando minha pele, mandando minha pulsação para a estratosfera. Uma parte minha se irritou; a outra se distraiu com a sensação formigante. Acompanhei com o olhar o comprimento do braço oculto em um paletó cinza que não fazia um bom trabalho em disfarçar os músculos, passando pelo ombro, o pescoço largo, o queixo quadrado com um ar petulante e...

Ah, não!

— Nicolas!

— Ei, Melissa! — A surpresa vergou suas sobrancelhas.

Não pela primeira vez, lampejos inconvenientes de Nicolas, molhado e nu, naquele quarto de hotel transformaram minhas bochechas em dois tomates incandescentes.

Ok, eu estava de coração partido, e Nicolas era um tremendo idiota, como provara no avião. Eu ainda não gostava dele — ou de pensar nele pelado, só para constar. Infelizmente, nada disso apagava o fato de que ele era um homem bonito. Muito bonito. Tipo lindo mesmo, o que explicava por que meu útero dançava reggaeton toda vez que eu o via. Eram dois milhões de anos de evolução humana agindo sobre mim, exigindo que eu continuasse a perpetuar a espécie; apenas biologia. Ridículo em tantos níveis que nem me dei ao trabalho de pensar em outra explicação para o que acontecia desde que eu o encontrara na igreja, alguns meses antes. Já ele não parecia nem um pouco afetado e mantinha a expressão alerta e o olhar cravado em mim como se eu fosse uma psicopata.

Tudo bem, confesso que eu não estava em meu juízo perfeito na noite anterior, mas também não era para tanto. Não fui eu quem ficou pelada naquele quarto de hotel, fui?

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, depois de um tempo.

— Vim falar com uma pessoa — expliquei no automático, meio atabalhoada.

— E você? Pensei que ficaria fora da cidade por uns dias.

— Desembarquei hoje de manhã. A mala ainda está no carro.

Eu me sobressaltei ao vê-lo se curvar em minha direção, mas tratei de acalmar a respiração ao perceber que seu alvo era o interfone, o que não impediu seu

perfume de me envelopar em um abraço fragrante.

Uma voz fina e trêmula saiu da caixinha do aparelho.

— Bom dia, senhora. É Nicolas Cassani — ele anunciou, ainda me analisando.

Levou menos de dois segundos para o *clec* agudo da trava do portão ecoar pela rua. Nicolas o escancarou e indicou as escadas com o queixo num claro “Você primeiro”, com um sorriso tão bonito que me desarmou. Anuindo, fui na frente e me arrependi antes mesmo de meus pés tocarem o terceiro degrau. Nicolas me seguia de perto, e seu corpanzil preenchia por completo o corredor estreito, de modo que o único sentido possível era para cima.

— Você conhece alguém aqui? — especulei, os dedos acompanhando as nervuras do desgastado corrimão de madeira.

— Só por telefone. Foi por isso que nós marcamos essa reunião. E você?

— Bem que eu tentei marcar uma reunião, mas não consegui. Vou arriscar um encontro forçado, ainda que eu devesse estar do outro lado da cidade. Tenho uma reunião importante daqui a uma hora. É a reunião da minha vida e... — Mordi a bochecha para deter a tagarelice ao chegarmos ao primeiro andar e a escadaria se abrir em um minúsculo saguão. Eu me virei para ele. — Boa sorte na sua reunião. — *Tá vendo?*, eu quis acrescentar. *Eu não sou uma maníaca invasora de quartos.*

Ele me deu mais um daqueles sorrisos de canto de boca.

— Pra você também, Melissa.

Acenando, fui para o segundo lance de escadas. Tinha deduzido que Nicolas estava ali para implantar um programa de gerenciamento na sorveteria de dona Carlota ou algo assim. Dênis me contara que Nicolas era fera em programação. Mas não devia ser isso porque, em vez de bater na porta da mulher, ele continuou me seguindo degraus acima.

Se ele não pretendia falar com a dona da sorveteria do bairro, aonde estava indo?, especulei, ao alcançarmos o segundo andar. Porque a única outra moradora do sobradinho de três andares era...

Girei sobre os calcanhares no hall diante da porta de madeira entalhada de dona Elza.

— Você! — acusei, entendendo tudo. — Você é o cara que visitou o apartamento da Luna. Você pretende alugá-lo!

Alheio ao meu desespero, Nicolas bateu na porta de leve.

— As notícias correm depressa por aqui — comentou, achando graça.

Sem achar nada engraçado, me enfiei entre ele e a porta, arqueando o pescoço para poder encará-lo.

— Você não pode fazer isso, Nicolas. Aquele apartamento é meu. Quer dizer,

eu pretendo ficar com ele assim que a Luna e o Dante se mudarem — expliquei, apressada. — Eu já moro no prédio.

Cruzando os braços de um jeito que as mãos desapareciam nas dobras da camisa, ele me estudou do alto de seus quase dois metros.

— Vou me lembrar desse inconveniente quando estiver assinando o contrato. — O humor iluminou sua expressão. — E talvez considerar um seguro contra terceiros.

Meus dedos pinicaram, e achei prudente mantê-los presos à alça da bolsa para evitar um acidente. Nicolas terminar o dia com o nariz quebrado, por exemplo.

— Estou falando sério, Nicolas. Minha amiga ficou noiva e eu preciso me mudar. A Allure fica a poucas quadras daqui. Eu não dirijo, sabia? — Tentei apelar para seu bom senso.

O que antes era só um ensaio de sorriso se transformou em um espetáculo grandioso.

— Eu compreendo por que quer tanto ficar. É um bom bairro, com jeitão de interior bem no meio da cidade grande. Cresci num lugar assim. Vou gostar de morar aqui.

Estreitei os olhos. Sabia que ele não tinha coração.

Optei por mudar a abordagem.

— É, bom, pode parecer tranquilo, mas não poderia estar mais distante da verdade. — Dei de ombros. — É bem violento, pra ser sincera. Especialmente à noite. Bocas de fumo em todo lugar... Uma delas fica bem na entrada do prédio!

— Sei. — Ele apertou os lábios, e ainda assim pareceu sorrir.

— Essa violência anda tirando o sono dos moradores — continuei. — Outro dia mesmo eu vi um...

A porta se abriu, me impedindo de prosseguir com as mentiras. Eu me virei para encarar a mulher de pouco mais de um metro e meio, uma faixa de cabelo branquinho visível sob o lenço estampado de vermelho. Ela entortou o pescoço para poder examinar Nicolas, depois retornou a uma posição mais natural ao sorrir para mim.

— Ah. Que surpresa agradável. Entrem. — Ela arrastou os tamancos de couro pelo assoalho de madeira, liberando a entrada.

— Entrem. Entrem. Entrem. *Prrrrr!* — alguém repetiu do lado de dentro ao mesmo tempo que um cachorro latia.

Nicolas e eu nos entreolhamos. Ele fez um gesto com o braço para que eu fosse na frente, mas não deixei me enganar pela galanteria. Nicolas tramava alguma coisa. Eu podia ver isso naquelas íris azuis maquiavélicas. Pois que tentasse. Se havia algo em que eu era boa era em não desistir de uma batalha sem antes lutar até alguém cair. Normalmente, meu oponente.

Empinando o queixo, fui atrás de Elza pelo apartamento surpreendentemente amplo. Tomei um susto assim que um vulto verde passou raspando em meu rabo de cavalo e se empoleirou sobre a cristaleira.

Dona Elza riu, vindo me acudir.

— Não se assuste, minha filha. Ele é mansinho. — Ela estendeu o braço para o papagaio. — Venha cá, Precioso. Venha conhecer os nossos novos amigos.

O pássaro deu alguns pulinhos antes de se acomodar no braço fino da mulher, que alisou as penas com as costas dos dedos de aspecto frágil.

A casa de dona Elza era uma espécie de caixa de memórias. Parte da mobília havia passado por algumas gerações, vasos de plantas coloriam o ambiente entulhado e mesmo a iluminação tinha dificuldade em circular pelo ambiente. No fundo do cômodo, em uma espécie de poleiro, uma cacatua branca de crista amarela eriçada... latiu?

— Não, Leopoldina — dona Elza disse à cacatua, indo para a parte da sala menos amontoada. — Não pode latir para as visitas, minha filha. É deselegante.

— Dona Elza. — Tropecei em um baú antigo ao ir atrás dela. — Tentei falar com a senhora pelo telefone, mas não consegui. Eu me chamo Melissa Gouvêa. Moro no prédio da senhora, no 112.

— Cento e doze! Cento e doze! — repetiu o papagaio, saltitando no ombro esquálido.

— Ah, sim. Uma das meninas das festas. — Ela apertou os olhos e me deu um caloroso sorriso enrugado. — Bem que me disseram que você é uma boneca.

— Só se estiverem se referindo à Anabelle... — Ri, sem jeito.

A mulher entortou as sobrancelhas ao mesmo tempo que Nicolas foi assaltado por uma crise de riso, que tentou disfarçar com uma tosse. Senti o rosto esquentar, me perguntando por que receber elogios era sempre tão desconfortável. Por que eu não podia responder um simples "obrigada" e não me constranger ainda mais?

Nicolas se recompôs em tempo recorde, analisando o lugar com os braços cruzados atrás das costas. A cacatua acompanhou seu movimento, pulando para a pontinha do poleiro, e arrulhou com doçura. Nicolas achou graça e roçou um dedo no pé da ave antes de dar a volta no sofá de braços de madeira e ficar frente a frente com dona Elza, um sorriso estonteante pregado na cara.

Ah. Então esse é o plano dele. Matar a mulher do coração e ficar com o apartamento.

— Conforme mencionei ontem pelo telefone, dona Elza — ele disse, com brandura —, eu sou analista de sistemas e atuo como gerente de projetos da uma grande empresa de tecnologia. Nicolas Cassani, ao seu dispor. — Estendeu a mão.

Piscando, meio abobalhada, ela deitou os dedos finos em sua palma.

— Você constrói foguetes, meu filho?

Nicolas soltou um longo suspiro melancólico.

— Infelizmente não. Mas eu poderia criar o programa de computador que possibilitaria o lançamento do foguete. — Ainda segurando a mão dela, o safado abriu um sorriso enviesado que teria feito um jardim brotar bem no meio da sala.

— Aaaaaah! Então você ganha bem. — A idosa deu uma palmadinha em seu braço.

— O bastante para arcar com o depósito de três aluguéis antecipados.

Ai, não. Eu não tinha nem para um, que dirá três meses de aluguel adiantados. Pior ainda: dona Elza, cuja mão ainda estava na de Nicolas, parecia enfeitiçada pelo charme dele e não demoraria para concordar com o que quer que ele propusesse. Eu precisava agir depressa.

— Mas é importante conhecer quem vai ocupar o imóvel — ponderei, me aproximando deles e conseguindo a atenção de dona Elza. — Pessoas de caráter, que não vão dar festas toda noite. Imagine que pesadelo seria? O entra e sai de gente estranha a toda hora, talvez até drogas...

— Deus me livre! — Ela espalmou o coração. — Quero arruaceiros bem longe do meu prédio.

Soltando a mulher, Nicolas me deu um olhar irritado e, de alguma maneira, também divertido. Endireitei a coluna. O movimento desalojou a bolsa do meu ombro, e ela começou a ir de encontro ao chão. Tentei pegá-la antes que caísse e um universo de coisas se esparramasse pelo assoalho de madeira, mas Nicolas teve a mesma ideia, e sua mão voou para a alça, encobrindo a minha. Foi parecido com estar molhada e encostar em um fio desencapado. Um formigamento violento teve início no ponto onde ele me tocava, rapidamente se espalhando para o restante de mim. Eu não estava certa se Nicolas também tinha sentido. Talvez sim, já que suas sobrancelhas quase se uniram, as íris azuladas escurecendo dois tons conforme escrutinavam meu rosto.

Recuei um passo, saindo de seu alcance, inesperadamente interessada em uma coleção de aves de louça na cristaleira do século passado. O tremor no estômago parecia aumentar, me deixando enjoada. Mesmo de costas para ele, ainda sentia seu olhar em mim.

Eu não entendia qual era o problema com Nicolas — ou comigo —, mas de uma coisa estava certa: aquele cara não me fazia bem.

— Vocês querem ficar com o apartamento? — Elza perguntou, me forçando a virar.

— Eu quero muito, dona Elza — assegurei a ela, assentindo. — Fica pertinho do meu trabalho. Tem um ponto de ônibus bem na esquina. Minha melhor amiga

mora no primeiro andar. Conheço todo mundo no mercadinho, na farmácia. Eles podem garantir para a senhora que eu sou uma pessoa responsável.

Acomodando-se na cadeira de couro marrom desgastada ao lado do que parecia ser uma mesa de chá, ela balançou a cabeça em concordância.

Nicolas chegou mais perto, se sentando na beirada do sofá, os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos unidas entre eles.

— Eu não conheço ninguém ainda, exceto pela Melissa — declarou, sério. — Mas posso garantir que sou um homem bastante comprometido e responsável, caso contrário não ocuparia um cargo tão importante na empresa onde eu trabalho. Prometo cuidar do seu imóvel muito bem.

O silêncio recaiu sobre a sala. O único som que eu ouvia era o apito de uma chaleira em algum lugar, o arrulhar da cacatua e os resmungos do papagaio. Dona Elza nos avaliava com atenção, e fiz o melhor que pude para me manter ereta e sorridente e não ceder à tensão que achatava meu estômago. Não sei como Nicolas se comportava. Ainda não conseguia enfrentá-lo.

Depois do que me pareceu ser uma eternidade, a mulher juntou nos dedos finos as saias do vestido e se levantou, a velha cadeira rangendo com o movimento. Precioso bateu asas e foi se empoleirar no peitoril da janela.

Nicolas também ficou de pé, parecendo ansioso ao deslizar as mãos para dentro dos bolsos da calça. Eu prendi o fôlego, à espera do veredito.

— Muito bem, está decidido — anunciou a mulher. — O apartamento é vosso. Nicolas e eu nos entreolhamos.

— Nosso? — dissemos em uníssono.

— Sim, sim. Fico mais tranquila sabendo que o meu imóvel vai estar em boas mãos. É difícil arranjar bons inquilinos hoje em dia, não é? Que bom que eu encontrei um casal tão dedicado e apaixonado.

— C-casal? — exclamei, horrorizada.

Esperei que Nicolas partilhasse da minha indignação e explicasse, com seu charme ridículo, que não éramos sequer amigos. Mas tudo o que ele fez foi observar a mulher diminuta à sua frente, sem que eu pudesse ler qualquer emoção em sua expressão.

— Vocês me parecem perfeitos. — Ela abriu um sorriso amarelado. — Exatamente o que eu procurava. Não vou alugar o apartamento para solteiros. Eles nunca ficam por muito tempo. Os outros moradores reclamam de estranhos pelas dependências. Nunca dá para saber se é o novo namorado de alguém, um amigo ou um ladrão. Os tempos mudaram. Preciso pensar no bem de todos. Aceitam um chá? Eu estava preparando um antes de vocês chegarem.

Sacudi a cabeça enfaticamente.

— Dona Elza — meio ri, meio gemi —, a senhora não entendeu. Nós não...

— ... queremos incomodá-la mais do que já incomodamos — Nicolas me interrompeu, apressado. — Obrigado pelo seu tempo, dona Elza. Voltaremos outra hora para assinar a papelada.

— Quê?! — exclamei, zonha.

Antes que eu pudesse piscar, ele estava do meu lado, e, para minha surpresa, passou o braço pelo meu ombro, me encaixando na lateral de seu corpo.

O que raios está fazendo?, eu teria perguntado, se não estivesse muda de surpresa. Ainda assim, acho que ele compreendeu, pois me dirigiu um longo olhar penetrante que certamente explicava o motivo pelo qual ele me abraçava no meio da sala de dona Elza, e que eu teria entendido se não estivesse prestes a entrar em combustão espontânea por causa de todo aquele calor.

Ele disse mais alguma coisa para a mulher, que respondeu com entusiasmo, mas não cheguei a ouvir nenhum dos dois. Nicolas tinha sugerido... ele tinha inventado que éramos um casal para a senhora de quase oitenta anos para conseguir o apartamento? E que nós iríamos dividi-lo?

Antes que eu pudesse abrir a boca e explicar que era um engano, ele me empurrou para a porta, depois pelas escadas, e quando dei por mim já estávamos na calçada. A brisa fresca do fim da manhã soprou alguns fios do rabo de cavalo em minha boca, que se colaram ao batom.

Nicolas soltou o ar com força, esfregando a nuca.

— Tudo bem. Pode começar.

— O que, a gritar com você? — perguntei ao encontrar minha voz, afastando os fios com um safanão ríspido. — Nicolas, nós não podemos enganar a dona Elza desse jeito. É errado. Além disso, você ficou doido? Eu não vou morar com você.

— Por que não? — Ele ergueu os ombros, parecendo nem um pouco arrependido. — Pensei que você quisesse o apartamento.

— Não com você dentro! Como você pôde imaginar que eu aceitaria morar com um cara que não consegue manter as calças abotoadas?

Um sorriso preguiçoso estirou seus lábios.

— Minhas calças nunca saem da sua cabeça? — Escondeu as mãos nos bolsos do jeans escuro, atraindo meus olhos para o volume nada modesto atrás da braguilha.

Argh!

— Eu não estava pensando nas suas calças! — Empinei o queixo. Mas, saco, fiquei vermelha. — Em nenhuma parte de você, aliás.

— Ótimo. Mais uma razão para considerar a ideia — afirmou, com um brilho estranho no olhar.

— De jeito nenhum. Vou subir e esclarecer o mal-entendido pra dona Elza. —

Comecei a refazer o caminho para o sobrado.

Ele bloqueou o portão com o corpo.

— Não, espera. — Então correu os dedos pelo cabelo, soprando uma longa respiração. — Eu sei que não devia ter inventado que nós somos um casal para a mulher. Juro que não me sinto bem com a situação, mas não encontrei outra maneira, Melissa. Você a ouviu: a dona Elza não vai alugar o apartamento para solteiros. Separados, nem eu e nem você temos chance de ficar com o imóvel. Mas juntos...

— Não. Nem pensar. — Balancei a cabeça. — Não está certo, além de ser um total absurdo...

— Só escuta, por favor. — Nicolas se apressou quando tentei passar por ele. — Vou ter que entregar o apartamento até o fim da semana que vem. A filha do proprietário vai casar, e ela e o marido pretendem ocupá-lo. Faz semanas que estou procurando um imóvel, e esse não é só o mais próximo do meu emprego como é o mais espaçoso, sem que eu tenha que desembolsar uma pequena fortuna para pagar o aluguel.

Mordi o lábio inferior.

— Não justifica você ter mentido. Ou ter pensado que eu aceitaria dividir o apartamento com você.

Ele sustentou o olhar calando a cacofonia de carros, buzinas, pessoas caminhando apressadas, me deixando com a sensação de que só eu e ele existíamos no mundo.

Como conseguia provocar todas aquelas reações apenas com um olhar?

A menos que não fosse ele, ponderei. Talvez Nicolas simplesmente estivesse no lugar e na hora errados e eu confundisse tudo.

Caramba, podia ser isso! Eu não andava dormindo muito e, se adormecia, era assombrada por pesadelos. Não me lembrava quando havia sido a última vez que tive uma noite tranquila. Eu flertava com a exaustão fazia tempo, e a conta inconvenientemente me era apresentada na forma irritante de Nicolas Cassani. Um acaso sem nenhuma relação com o cara.

É, devia ser isso mesmo. E vamos combinar: era muito mais sensato deduzir que eu chegava ao limite do esgotamento físico do que um homem ter o poder de bagunçar minhas emoções com um simples olhar.

Alheio à balbúrdia que acontecia dentro de mim (graças a alguma intervenção divina, *obrigada, Senhor!*), Nicolas se curvou, alinhando nossos olhares.

— Admito que esse não era exatamente o plano. — Seu tom de barítono combinava com a expressão grave. — Mas tive que improvisar. Me diz uma coisa... — Tocou meu antebraço com a ponta de dois dedos. A descarga elétrica perpassou meu corpo ao mesmo tempo que ele franziu as sobrancelhas. Agitou a

cabeça para clareá-la e retomou o assunto. — Você ia morar sozinha nesse apartamento ou pretendia encontrar alguém para dividi-lo com você?

Cruzei os braços, esfregando discretamente o local onde seus dedos haviam estado segundos antes e que agora formigava.

— Isso não tem importância nenhuma, Nicolas, porque essa pessoa *nunca* seria você.

Abriu os braços, um pouco ofendido.

— Por que não? É bem fácil conviver comigo. Que diferença faz se vai ser eu ou outra pessoa? É só nós estabelecermos algumas regras e tudo vai dar certo.

— Duvido muito...

Se ele notou meu horror crescente, foi educado em não mencionar e continuou falando.

— Eu quero esse apartamento, Melissa — proferiu, com urgência. — E essa é a única forma, ou nós vamos ter que continuar procurando um lugar pra morar. E já adianto que não é nada fácil encontrar um apartamento bem localizado por um aluguel tão justo.

Eu também queria aquele apê. Era dos bons, espaçoso, com a mesma planta daquele em que eu morava com Fabi. Loki não sentiria tanto a mudança. Também seria mais simples para minha mãe. Eu continuaria no mesmo endereço, apenas em outro andar. Entretanto, dividi-lo com Nicolas era impensável. Estar perto dele era parecido com entrar em um carrinho de montanha-russa e esquecer de abaixar a trava. Perturbador, nauseante e possivelmente fatal.

— Não vou morar com você — garanti a ele, com menos firmeza do que deveria. — A gente mal se conhece. Você é praticamente um estranho.

— Assim você me magoa. Meus primos são seus noivos. Isso nos torna praticamente parentes. — Piscou, e eu desejei esfregar seu sorrisinho desaforado no asfalto.

Nicolas não era só um idiota com um sorriso perturbador. Ele despertava um formigamento esquisito sempre que me tocava ou sorria. A lembrança de nós dois naquele quarto de hotel na noite anterior ainda estava muito fresca em minha memória, motivo suficiente para derrubar a teoria de que era fácil conviver com ele. Todo o meu corpo gritava para que eu corresse dele e não em sua direção.

— Não estou te propondo nenhum absurdo — ele alegou, calmo e ponderado, embora suas íris ardessem com uma emoção que, em meio ao meu nervosismo, não fui capaz de identificar. — Só vamos dividir um teto, nada além disso. Eu não paro muito em casa. Desconfio que você também não. Seria meio semelhante a vivermos na mesma pensão; a diferença é que dividiríamos o

banheiro. Mas podemos estipular um esquema ou algo assim, para facilitar a nossa convivência.

É claro que eu poderia elaborar uma lista do que era aceitável — forçar Nicolas a segui-la era um assunto a pensar em outro momento. E ele tinha razão; graças a minha agenda, eu talvez nem notasse que ele estaria por perto. Quer dizer, eu costumava voltar para casa no meio da madrugada e sempre saía antes das oito. Eu o veria, no máximo, sei lá... vinte minutos por dia. Talvez até menos.

Peraí. Eu estava considerando morar sob o mesmo teto que Nicolas Cassani?

— Eu não sei. — Abanei a cabeça; a ponta do rabo de cavalo raspou em meu ombro. — Preciso pensar.

— Tudo bem. Mas seja rápida. Esse imóvel não vai ficar disponível por muito tempo. Meu telefone é... — Ele ditou os números.

Meio atabalhoada, acabei salvando seu contato no celular. Não sei direito por que me dei ao trabalho. Eu não ia morar com Nicolas. Não ia, certo?

Anunciando que precisava voltar para o escritório, ele se despediu com um gesto casual, resvalando o indicador no dorso de minha mão antes de atravessar a rua com aquele seu andar confiante e desaparecer dentro de um Jeep verde-musgo.

Um pouco vacilante, tomei a direção do ponto de táxi, esfregando o local onde ele havia me tocado, que agora latejava. Esperava que a sensação passasse até eu chegar ao restaurante para a reunião com Camila. Não poderia me distrair com aquele tipo de coisa.

Estava decidido. Eu não perderia um segundo pensando naquele arranjo maluco. Não ia morar com ele de jeito nenhum.

Naquela manhã, coloquei Nicolas na mesma categoria dos carboidratos: a de coisas a serem evitadas. No entanto, resolução e destino nunca caminharam juntos, não é mesmo?

6

O lugar que Camila escolheu para nosso encontro dizia muito sobre a garota. O restaurante de comida japonesa (baixas calorias, alto custo) tinha um quê de encantamento e elegância, em parte pelo revestimento de bambu em uma das paredes. Em parte, pelos vidros que iam do chão ao teto e permitiam à clientela apreciar a vista do jardim colorido.

Graças aos céus esses almoços são reembolsáveis, pensei ao espiar o cardápio e avaliar que desembolsaria o equivalente ao valor de um foguete da NASA no fim da refeição. Deixei o menu e o assunto de lado ao avistar a garota dos meus

sonhos passar pela porta e se dirigir ao maître. Acenei para ela, me levantando. Camila abriu um sorriso largo, vindo ao meu encontro sem esperar pelo garçom, que se atrapalhou com os cardápios.

Não pude evitar sentir uma pontada de inveja da maneira como o vestido branco de grife flutuava ao redor das pernas longas, destacando ainda mais o cabelo castanho e brilhoso, ou dos sapatos caros que mal faziam barulho ao tocar o chão, a bolsa amarela pendurada no antebraço, balançando delicadamente. Eu me perguntei que tipo de boa ação seria necessária para nascer com aquela sorte em minha próxima vida. Tudo bem, Camila trabalhava duro, pelo que eu lia na imprensa. Mas eu também dava o sangue pela Allure, então onde estava minha bolsa Chanel? Ou o anel de brilhantes que cintilava feito um arco-íris em seu anular? Onde estava um namorado confiável e apaixonado que queria se casar comigo, e não com outra mulher? Está certo que eu pretendia dizer "não", mas Fred *nem* chegou a me fazer a pergunta.

— Me perdoe pelo atraso, Melissa. — Ela me cumprimentou com um firme aperto de mão. — Tive um problema de última hora. É um prazer finalmente conhecer você. — Enroscou a bolsa no encosto da cadeira antes de se acomodar.

— O prazer é todo meu, Camila. Acredite.

O garçom alcançou nossa mesa, se desculpando. Depois de pedirmos sucos e ficarmos sozinhas, comecei a fazer as perguntas de praxe... cores de que ela gostava, tipos de flores preferidos, algo marcante que eu deveria saber, essas coisas. Camila decidiu que era uma boa ideia me contar sobre como seu noivo a pedira em casamento: ela estava no iate da família (*ah, sim, onde estava o meu iate mesmo?*), comemorando o aniversário do pai, com pasta d'água na cara toda, quando o namorado fez a grande pergunta. A julgar pelo anel em seu dedo anular, cujo diamante tinha aproximadamente o diâmetro do planeta Mercúrio, o cara a idolatrava.

Deixando minhas divagações de lado, aproveitei a chegada das bebidas para abrir a bolsa, vasculhando a parafernália que eu carregava para baixo e para cima em busca da caneta e do bloquinho. Mas olhei para cima assim que a mão fina e bem cuidada de Camila tocou meu braço.

— Se importa em esperar mais um pouquinho para começarmos? — pediu, com um sorriso de desculpas. — Meu noivo deve aparecer a qualquer instante.

— Ah! Claro. Fico feliz que ele queira participar. — Devolvi o bloquinho à bolsa. — A maioria foge assim que eu apresento a escolha dos guardanapos. Exceto por uma vez, quando foi a noiva que fugiu. — Eu já tinha desistido de convencer Alicia a fazer parte do próprio casamento.

— Ele fugiria se soubesse do que se trata este almoço. — Jogou suas ondas cor de mogno por sobre o ombro, rindo. — Mas eu ocultei uma informação ou

outra. Podemos pedir algumas coisinhas enquanto ele não chega.

— Dois saquês? — sugeri.

Camila suspirou, sonhadora.

— Eu amaria. Mas estou proibida de me aproximar de qualquer coisa alcoólica pelos próximos oito meses. — Delicadamente, tocou a barriga plana.

Ah. Agora sua insistência em um casamento a toque de caixa fazia sentido. Camila Bueno estava grávida!

— Que notícia maravilhosa, Camila. Parabéns!

— Ainda é segredo. — Ela enroscou uma mecha atrás da orelha, sorrindo um pouco. — Não quero a imprensa me perseguindo. Já foi supercomplexo esconder o nosso romance esse tempo todo. É por isso que eu preciso me casar logo, Melissa. Antes que a barriga apareça e os paparazzi comecem a me perseguir. Você vai mesmo conseguir produzir o casamento dos meus sonhos com o prazo que nós temos?

Tomei um gole do suco de morango antes de enfrentar os grandes olhos amendoados, avaliando a melhor maneira de continuar. Sônia ameaçara me demitir caso eu não conseguisse aquele contrato. Mas mentir e depois não atingir as expectativas de Camila não me levaria ao mesmo resultado?

— Eu poderia dizer: “sim, claro!” — Inspirei fundo antes de lhe dar a verdade. — Mas eu não estaria sendo sincera. Com tão pouco tempo para organizar um evento dessa magnitude, é impossível garantir que tudo vai sair como planejado. Encontrar o local que acomode a festa já vai ser um desafio em si. A maioria dos salões é reservada com um ano de antecedência.

— Entendo — ela murmurou, visivelmente decepcionada.

— Eu sei que não era o que você esperava ouvir, e sinto muito. — Eu me encolhi. — Mas não posso brincar com as suas expectativas desse jeito, Camila. Não é assim que eu trabalho. Tudo o que eu posso garantir é que vou fazer o possível para alcançar as suas expectativas.

Minha voz continuou ecoando pelo restaurante. Prendi o fôlego ao vê-la bebericar seu suco, os olhos não se prendendo a nada por quase um minuto inteiro. Quando estava muito perto de perder a cabeça e sacudi-la, implorando para que dissesse alguma coisa, ela resolveu pôr um fim em minha aflição.

— Bem... — Lambeu os lábios, depositando o copo na mesa sem fazer barulho. — Obrigada por ser franca. Mentira é algo que eu abomino! — Seu rosto de traços delicados se iluminou. — Eu estava pensando... Se eu tivesse o espaço para a festa, iria facilitar alguma coisa, não é?

— *Muita* coisa. Eu poderia começar a agendar todos os serviços, especialmente as flores e o bufê, que são as minhas maiores preocupações. Se um dos dois der errado, toda a festa fica comprometida.

Ela deliberou por mais um instante, e então um sorriso lindo tingiu seu rosto de luz.

— Então eu tenho a solução, Melissa. Vai ser perfeito, porque eu queria um casamento inspirado em Bali. A Indonésia é superimportante para nós... — Camila me explicou que ela e o noivo se conheceram na quinta série, mas ele só resolveu se declarar na viagem de formatura do ensino médio para Bali (o que me fez especular que tipo de colégio faz viagens de formatura para a Indonésia). — Na última vez em que estivemos na ilha, foi totalmente mágico! Nós fizemos amor no mar, e de fundo dava para ouvir o Michael Bublé cantando “Everything”...

— Acho que entendi a importância de Bali. — Ergui as mãos espalmadas, rindo. Eu não precisava de tanta informação assim.

Bali, batuquei as unhas nas contas coloridas em meu pulso. Um tapete de flores em vez de veludo. Muito branco e verde. Algumas lanternas orientais penduradas no teto, cortinas de luzes e tecidos diáfanos... Meu pulso correu mais depressa conforme eu passava pelas possibilidades, imaginando tudo o que o orçamento ilimitado de Camila Bueno me permitiria inventar. Seria elegante. Inesquecível. E mágico!

— Usando detalhes sutis e alguns mais impactantes nos lugares certos — pensei alto —, acho que podemos bolar uma coisa original e de muito bom gosto.

— É exatamente o que eu quero! Deus do céu! Nós duas estamos em total sintonia! Vai ser o casamento perfeito! — Ela bateu palmas. O anel em seu dedo capturou um raio de sol que escapava da imensa vidraça, lançando minúsculos raios coloridos na cara do rapaz que trabalhava com seus cutelos, mais ao fundo do salão.

— Posso esboçar alguma coisa mais tarde. Mas o que você quis dizer ainda agora, sobre ter a solução? Você encontrou um local que possa acomodar um evento desse porte?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Minha família tem uma casinha na praia, com um imenso gramado. Eu adoraria me casar lá.

Engoli um resmungo. Teria preferido que ela voltasse a me contar sobre sua vida sexual. Casar na praia era o sonho de quatro entre dez noivas, e o pesadelo de dez dentre dez produtoras e cerimonialistas. Muita coisa pode dar errado, a começar pela questão climática. Muito sol, muito vento — o que significa areia na cara, no cabelo, no batom, na comida, na bebida —, possibilidade de chuva ou trovoadas, a umidade destruindo os penteados e transformando as gravatas em cobras encantadas (um terror para a equipe fotográfica). O transporte podia

não ser eficiente e algum padrinho mais animado sempre tem a péssima ideia de entrar no mar totalmente chapado no fim da festa, e no dia seguinte aparece no noticiário local junto da legenda "vítima de afogamento".

Mas era para isso que eu era paga, certo? Para que o contratante não tivesse que se preocupar com nada. Essa era a minha função.

— Eu vou precisar avaliar o local. — Mordisquei a unha do dedão. — A quantidade de banheiros, o espaço da cozinha... Se houver a possibilidade de receber um evento desse porte, por que não?

— Você vai *a-maaar*, Mel! Nós temos um chalezinho afastado da casa que é uma graça...

Ela detalhou tanto quanto pôde se lembrar sobre a propriedade e eu fui anotando mentalmente tudo o que julguei importante. Ela discorria sobre a área da piscina, e que adoraria cobri-la e transformá-la em uma pista de dança, mas se interrompeu no meio de uma frase e sorriu para alguém na entrada do restaurante.

Girei na cadeira, ansiosa para conhecer a identidade do cara que roubara o coração de Camila Bueno. No entanto, não tive chance, pois, em vez do noivo de Camila, avistei Fred em um de seus ternos caros falando com o maître.

Virei-me para a frente de imediato. *Merda*.

Nunca é fácil encontrar o ex. Geralmente o evento é marcado por desconforto, ansiedade e conversa sem sentido — da minha parte, pelo menos. Em geral se tem um tempo para digerir o fim do relacionamento, percorrer todos os estágios do término aos poucos. Por isso eu não podia encontrar Fred naquela tarde, pensei, o indicador automaticamente serpenteando por entre as pulseiras. Eu nem tinha chegado à fase 1 ainda: chorar abraçada a uma panela de brigadeiro.

Pior que isso! E se ele estivesse ali para se encontrar com a noiva? Eu não queria saber quem ela era. Não queria projetar um rosto na culpa que eu carregava nos ombros desde a noite anterior. Ao mesmo tempo, de maneira doentia e punitiva, eu precisava saber quem ela era. Era meio parecido com ter um joelho ralado. Você sabe que deve manter a casquinha sobre a ferida, que vai doer se puxar, e mesmo assim não consegue parar de cutucar.

Vasculhei com os olhos todo o restaurante, procurando uma garota com a expressão abobalhada, mas a única assim era Camila. Pelo reflexo na enorme parede de vidro, divisei Fred tomar minha direção.

Droga, ele tinha me visto.

Relanceei a entrada do banheiro. Se eu corresse bem depressa...

Não, não dava mais tempo.

— Oi, amor — ele foi dizendo.

Como ele se atrevia? Como se atrevia a falar comigo naquele tom depois do

que tinha aprontado? Inspirei fundo, erguendo o rosto para ele, pronta para mandá-lo ir para o inferno. Só que...

Muito confusa, assisti a meu namorado... ex-namorado... apoiar uma das mãos no encosto da cadeira ocupada por Camila e dar um daqueles seus sorrisos charmosos.

— Desculpe o atraso. Fiquei preso no estúdio.

— Cinco minutos nem pode ser considerado atraso, xanxão — respondeu uma sorridente Camila.

Então, com o coração retumbando alto nas orelhas, eu o testemunhei se curvar e beijá-la.

Na boca.

Merda.

Que grandessíssima merda!

— Você não me disse que traria uma amiga... — Fred desgrudou os olhos de Camila e finalmente me viu. E mudou de cor.

Minha expressão não devia ser muito diferente. Como poderia, se eu acabava de descobrir que a noiva de Fred, a mulher que ele namorava desde os tempos do colégio e que estava grávida, a que ele pedira em casamento depois de tê-la traído o último ano inteirinho (comigo. *Argh!*), era Camila Bueno?

7

Dizem que o destino tem um senso de humor doentio, mas estão errados. É demoníaco!

Fred estava noivo da garota que simbolizava todos os meus sonhos e ambições profissionais. Eu estava frente a frente com a outra mulher que Fred enganara, e, pela maneira como ele suava feito uma garrafa de cerveja em uma tarde de dezembro, os olhos dardejando à procura de uma rota de fuga, não parecia disposto a dizer nada disso a ela.

Uma parte minha curtiu vê-lo tão assustado. A outra se concentrou em não

vomitou em Camila.

— Fred, eu quero que você conheça uma pessoa. — Sorrindo meio tímida, ela fez as apresentações, o que tornou tudo ainda pior, pois Fred me estendeu a mão, como se nunca tivesse me visto antes na vida.

Como se não tivéssemos dividido a cama no último ano.

Como se ele não conhecesse cada sarda em meu corpo.

Desejei que o teto do restaurante desabasse. De preferência, em cima do meu ex-namorado. Como ele podia fazer aquilo comigo? Como podia ter aceitado aquele encontro? Que espécie de doente ele era?

Ah, espera. Camila tinha explicado que ele não sabia. Ainda assim, eu não conseguia parar de pensar em roubar uma das facas do sushiman para transformar Fred em um temaki gigante. Era terrível saber que eu havia sido traída daquela maneira, mas era dez vezes pior compreender que eu tinha involuntariamente enganado *Camila Bueno*, minha possível melhor cliente e garantia de promoção.

Eu o fuzilei, mas não sei ao certo se ele notou. Fred parecia prestes a perder os sentidos. E Camila percebeu.

— Não fique bravo. — Ela acariciou a manga do seu paletó. — Marquei esse almoço não só porque estava com saudade. A Melissa vai cuidar do nosso casamento, e eu quero muito que você participe de todas as decisões.

A ira que fervilhava dentro de mim de repente desapareceu, como se alguém tivesse girado o botão e apagado a chama à medida que eu me dava conta de que havia algo muito pior que descobrir que a noiva do meu ex era a noiva dos meus sonhos. Eu estava ali para ser a *produtora* do casamento do meu ex-namorado!

Não, não, não, não, não.

Sem chance.

NÃO!

Eu podia suportar muita coisa. Estava acostumada às pequenas humilhações diárias — a maioria delas provocada por Sônia, é bem verdade —, mas tudo tem limite. O meu era cuidar do casamento de Fred.

— Não! De jeito nenhum! — Fred empalideceu, caindo na cadeira entre mim e Camila.

— Não precisa ficar nervoso! — Camila se sobressaltou com sua veemência. — Você só vai ter que me ajudar a escolher as cores dos...

— Nós não precisamos de uma agência nem de uma cerimonialista — ele atalhou, afrouxando o nó da gravata. — Podemos cuidar de tudo sozinhos.

— Você ficou louco? — Camila achou graça. — Nós nunca iríamos conseguir cuidar de um casamento desses. Nem da metade, xanxão.

Ah. Eles tinham apelidinhos ridículos. Eu teria rido se não estivesse tão

preocupada com a algazarra em meu estômago. Fred parecia padecer do mesmo mal, o que era totalmente justo, no caso do canalha enganador de mulheres.

— Você não pode contratar um cerimonial sem me consultar, Camila — argumentou Fred, movimentando as mãos, inquieto. Acabou atingindo meu suco, e por pouco não ensopou de vermelho a roupa da noiva.

— Você disse que eu podia fazer tudo do meu jeito. — Um pouco chateada, se apressou em apertar o guardanapo na poça rubra. — E eu quero a Melissa. Ela foi a cerimonialista da Bia, lembra? Ah, não. Você estava viajando...

Aquilo ficava cada vez pior. Fred sabia que Camila e eu tínhamos estado na mesma festa. Eu me lembrava de ele ter perguntado a respeito do casamento — algo que ele raramente fazia —, especulando sobre quem esteve lá, se eu tinha conseguido fazer novos contatos. Na época, imaginei que estivesse sendo fofo, se preocupando com a minha carreira, mas o safado só queria se certificar de que sua amante e sua namorada não haviam se esbarrado.

Fuzilei o cretino com tanta raiva que foi um milagre ele não começar a derreter bem na minha frente. O filho da mãe se encolheu e teria se escondido debaixo da mesa se Camila não tivesse puxado sua gravata.

— A Melissa é a melhor da cidade. — Exibiu um magnífico trabalho dentário. — Mais de uma pessoa a recomendou.

— Mas... mas... — Meu ex esfregou a boca, a atenção no sujeito no bar que agitava uma coqueteleira. E algo na cena deve ter lhe apresentado uma solução, pois seu semblante ganhou um pouco de cor. — E a Paris? Ela disse que queria organizar o casamento! De que jeito nós vamos negar isso a ela?

— A Paris quer cuidar de tudo? — Camila riu um pouco. — Mas ela mal consegue manter a ordem nas gavetas de calcinhas.

Evitando meu olhar, Fred tateou o bolso do paletó e apanhou o celular.

— Acho que você devia falar com ela antes de fechar qualquer coisa com uma agência — disse, pressionando a tela algumas vezes antes de levar o aparelho à orelha. — É melhor nós resolvermos isso imediatamente, antes que você assine algo de que vai se arrep... Oi, Paris. Sim, tudo bem. É sobre o que você me disse na semana passada, do seu desejo de cuidar do casamento. Sim, foi exatamente o que você disse. A Camila ficou empolgada com a ideia. Por que vocês duas não discutem o assunto? — Sem dar tempo de reação, enfiou o telefone na mão da noiva.

— Fred! — ela silvou, corando violentamente.

Desculpando-se com um sorriso curto, Camila pediu licença e se levantou para falar com a amiga.

Fred não esperou que ela estivesse a dois passos de distância para se curvar sobre a mesa e sussurrar:

— Pelo amor de Deus, Melissa, você tinha que vir atrás da minha noiva?

— E de que jeito eu poderia saber da existência de uma noiva se até a noite passada eu pensava que a sua namorada era eu?

Ao menos Fred teve a decência de parecer envergonhado.

— Não quero vocês duas juntas — enfatizou.

— Jura? Você gostou bastante de ter as duas na sua cama no último ano.

Não que eu estivesse pensando em seguir adiante com aquela loucura. Em hipótese alguma eu organizaria o casamento do meu ex. Apenas não gostava que ninguém me dissesse o que fazer. Muito menos aquele babaca enganador de mulheres.

Esfregando a testa, Fred espiou a noiva, que andava de um lado para o outro diante da larga entrada dos lavabos.

— Não temos tempo para isso agora. — Ele tragou saliva. — Vamos conversar mais tarde, só nós dois, em um lugar reservado bem longe da Camila. O que eu quero agora é...

— Porcaria nenhuma, Fred — atravessei. — Você quer porcaria nenhuma. Perdeu o direito de querer qualquer coisa a meu respeito. Na verdade, nunca teve esse direito.

— Eu sabia. — Apertou os lábios com força, batendo a mão na mesa. — Você veio contar para a Camila sobre nós.

Eu o encarei com desprezo.

— Eu vim me encontrar com uma cliente. Não sabia quem ela era até te ver chegar. Mas, é, eu pretendo contar que você enganou a nós duas, já que você é covarde demais para assumir o que fez.

Era a única coisa certa a fazer. Camila ia embarcar em um relacionamento supostamente para a vida inteira sem conhecer todas as facetas do canalha com quem pretendia dividir a vida. Eu só não tinha ideia de como conseguiria olhar em seus olhos e dizer que transei com seu namorado nos últimos doze meses.

Mas eu precisava ser franca. Até porque Camila insistiria em me contratar como sua cerimonialista se eu não dissesse nada, e não compreenderia quando eu a recusasse.

Eu podia dar adeus à Allure, porque Sônia tinha tanta compaixão quanto um demônio. Eu não perderia apenas o emprego, mas também o benefício do plano de saúde, algo do qual eu era dependente mais do que de ar, nos últimos tempos.

A menos que você ignore a existência de Fred e faça seu trabalho, uma vizinha sussurrou em minhas ideias.

Não. Nada disso. Eu não podia fazer isso com Camila.

Não podia fazer isso comigo.

Mas podia fazer com minha mãe? Ela precisava de mim mais do que nunca, e

eu iria falhar com ela só porque a alternativa para manter o emprego e seu tratamento me embrulhava o estômago?

Fred estendeu o braço para me tocar. Recuei tão abruptamente que por pouco não tombei a cadeira para trás. Ele envolveu os dedos no guardanapo sujo de suco, transformando-o em uma bola.

— Por favor, Melissa, não faça isso — suplicou, desesperado. — Ela está grávida. A Camila é frágil, a verdade vai arreventá-la. Não quero que ela sofra. A Mila não merece.

E eu merecia. Era isso o que estava nas entrelinhas. Não sabia o que era mais dolorido: entender que ele não se importava com meus sentimentos, ou que se importava de verdade com os de Camila.

Abri a boca para despejar a tormenta furiosa que bafejava em meu peito, mas Camila retornou.

— Pronto. Tudo resolvido — ela anunciou com um largo sorriso, se acomodando na cadeira. — Você entendeu errado, xanxão. A Paris nunca mencionou que queria organizar o casamento. Ela disse que ia se embriagar nele.

Fred apertou a mão dela, admirando-a meio de lado do mesmo jeito que costumava fazer comigo sempre que eu perguntava se poderíamos sair para jantar, para variar.

— Que pena. — Estalou a língua. — A Melissa acabou de me informar que não vai conseguir uma data para nós. Vamos ter que procurar outra agência.

— Ah, não! — Ela murchou.

Eu me empertiguei na cadeira. Quem aquele idiota pensava que era para decidir qualquer coisa por mim?

"Você deve gostar desse cara pra cacete se vai permitir que ele estrague tudo pra você desse jeito", a voz de Nicolas espiralou pela minha mente turbulenta sem que eu a evocasse, e me perguntei em que momento ele passara a ser uma espécie de guru da minha vida.

Seja como for, ele tinha razão. O que eu estava fazendo? Que raios eu fazia, dando tanto poder assim a um canalha? Depois de tudo o que minha mãe passara, as dificuldades que ainda tinha que enfrentar a cada novo amanhecer, eu ia desistir de tudo só porque um cara quebrou meu coração? Ia ter que contar ao meu pai que perdi o emprego e assistir à vergonha tomar conta dele por já não ser mais capaz de cuidar da nossa família? Fred valia tudo o que eu tinha? Meus pais, meu emprego, minha carreira, o projeto da minha vida?

Não. Não. Não. E NÃO!

Observei Camila, a outra mulher que ele enganara deliberadamente, e implorei em silêncio que ela compreendesse que eu não fazia por mal.

— Na verdade... — Engoli o caroço que obstruía minha garganta e fiz o melhor que pude para sorrir. — ... eu acho que você ouviu mal, Fred. Eu estou totalmente disponível para a Camila.

O grito animado da garota atraiu a atenção de alguns clientes, mas ela não pareceu notar, ocupada demais em beijar seu noivo. Se ela percebeu que Fred havia se transformado em uma estátua de cera, não deixou transparecer.

— Eu vou ter o casamento mais espetacular do mundo! — exclamou, corada. — A imprensa vai ficar doida quando souber.

— Não. — Fred a cortou, ríspido.

— Por que não, Fred? — ela interpelou, analisando-o com atenção. — Me dê um bom motivo para que a Melissa não organize o nosso casamento.

É, Fred. Conte a ela.

O olhar castanho do meu ex dardejou, a veia em sua têmpora suada pulsando com violência, claramente revirando as ideias atrás de uma desculpa. E não encontrou nenhuma.

— Pensei que você talvez quisesse falar com outras agências — ele alegou por fim, a derrota escorrendo em sua voz. — Ter algumas opções para que seja tudo da maneira que você sonhou.

— Ah, xanxão... — Ela se derreteu um pouco, enlaçando os dedos aos dele. Fred os apertou, mantendo a vista no tampo da mesa. — Não precisa se preocupar. Eu já sei o que eu quero. — E, para mim, acrescentou: — Estamos acertadas, Melissa? Você vai organizar o meu casamento?

Uma pequena rebelião acontecia dentro de mim.

Ainda está em tempo de desistir.

Não faça isso consigo mesma.

Esqueça essa história.

Vamos correr para o bar mais próximo e encher a cara.

Eu só concordava com esta última.

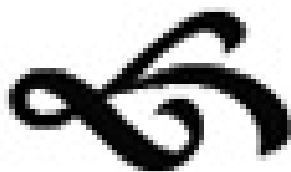
Camila Bueno me concedia uma chance única. Ela mesma lembrara que a imprensa iria se deleitar com o seu romance assim que a novidade vazasse. O que não diriam da festa de conto de fadas que eu pretendia organizar?

Fred era um inconveniente? Sim, feito um elefante brincando com cristais na corda bamba. Mas, entre poupar meus sentimentos e abandonar minha mãe à própria sorte, eu escolhia encarar o desafio. Era um pequeno preço a pagar.

— É, estamos acertadas, Camila. — Puxei uma grande quantidade de ar. — Vou ser a sua cerimonialista.

Era isso. Eu ia organizar o casamento do meu ex-namorado.

A vida é realmente uma grande merda.



O sobradinho amarelo ficou visível tão logo dobrei a esquina. O sol das três da tarde banhava o exuberante jardim na entrada, o grande orgulho de Olivia Gouvêa — mamãe podia ter problemas de memória, mas seu talento com a jardinagem permanecia intacto.

Passei pelo portão, que rangeu ao mesmo tempo que as sacolas enroscadas em meu punho farfalhavam. Admirei as roseiras e o coqueiro, o canteiro de jacintos ainda em tímidos botões verdes, me deleitando com os muitos perfumes. Um rosto surgiu no vão da janela saliente entreaberta.

— Filha! — Mamãe sorriu, surpresa, antes de correr para abrir a porta.

E lá estava ela. O vestido de algodão azul-celeste, com bordados coloridos nas mangas, tinha aquele quê meio hippie que ela tanto adorava. Ela prendera uma parte do cabelo longo em um rico tom de mel, de modo que os fios grisalhos mal apareciam. As linhas ao redor dos olhos denunciavam seus cinquenta e seis anos, e, mesmo sem maquiagem, ela ainda era a mulher mais linda que eu conhecia.

Ela me recebeu com um abraço apertado, inspirando fundo o alto da minha cabeça como fazia desde que eu me conhecia por gente.

— O que você está fazendo aqui a esta hora, meu amor? — perguntou ao me soltar. — Não deveria estar na Allure?

— Eu tenho uma inauguração no shopping daqui a pouco, mas consegui dar uma escapadinha. Estava com saudade. E trouxe algumas coisas. — Ergui as sacolas.

Ela espiou os pacotes de linhaça, quinoa, salmão, a caixinha de morangos, a imensa garrafa de suco de uva integral, e fez uma careta.

— Eu já disse que você não deve gastar dinheiro com isso — censurou. — Você não ganha muito. Use o seu dinheirinho para as suas coisas. O que eu e o seu pai ganhamos é mais que suficiente para manter a casa.

— Estava tudo em oferta. Não gastei muito — improvisei para acalmá-la. Então a vi puxar a embalagem do caro remédio importado que eu ainda não conseguira comprar desde que ela se acidentara. — Ah, são do... humm... Dênis.

Da mãe dele. — Apanhei a caixinha, enfiando-a no bolso da calça de alfaiataria raso demais, de modo que metade ficou para fora. — Cadê o papai? — perguntei por hábito e imediatamente mordi a língua ao vê-la piscar algumas vezes.

Saco. Às vezes escapava. Perguntas com “onde está”, “você se lembra” ou qualquer coisa que a fizesse buscar uma resposta, para dar de cara com um imenso vazio, a deixavam em um estado de agitação tão grande que faziam meus olhos pinicarem.

Eu não me orgulhava nem um pouco de todas as mentiras. Para ser franca, estava de saco cheio de inventar, das meias verdades. A questão é que não era sobre mim, o que eu queria. Era sobre mamãe e com o que ela podia lidar, como facilitar seu dia, manter seu equilíbrio e o pouco de saúde mental que restava. Por um tempo, papai e eu tentamos lhe dar a verdade toda vez que sua mente ficava à deriva, mas logo descobrimos que só piorava o quadro, pois ela entrava em um estado de perturbação tão profundo que necessitava de um calmante. Mentir, ainda que parecesse horrível, era a alternativa menos cruel.

— Ei, mãe, você não vai acreditar! Eu fui promovida! — Apressei-me em dizer, desesperada para distraí-la.

Deu certo.

— Melissa, que notícia maravilhosa! — ela arfou, tocando o fino cordão no pescoço, de onde pendia uma bonequinha dourada, antes de me esmagar em mais um abraço e me levar para dentro de casa.

Deixei as sacolas de compras no aparador perto da porta, onde fotos minhas em todas as idades se espremiavam em uma fileira, para contar mais detalhes sobre a futura promoção. A ideia era que ela não se distraísse, mas fiz uma pausa na narrativa para inspirar fundo o aroma das flores que enfeitavam a pequena mesa de jantar perto da porta da cozinha, das velas de canela na mesinha de centro diante da estante, cuja TV desaparecia sob as pilhas de livros. Um deles estava aberto sobre o sofá verde, quase escondido pelas almofadas coloridas, seus óculos marcando a página.

— Meu amor, estou tão orgulhosa — ela declarou assim que nos sentamos no sofá, fechando o livro com os óculos ainda dentro. — Foi tudo tão rápido... Você entrou na agência tem apenas três anos. Não que eu esperasse outra coisa. Você sempre foi brilhante. A mais inteligente, bondosa e criativa... Melissa, que foi? — perguntou, preocupada, tocando minha bochecha. — Por que você está com essa carinha?

— Eu fiz uma coisa que sabia que era errado, mas tive de fazer mesmo assim. — Eu me encolhi, mordendo o lábio. — Eu enganei uma pessoa hoje. Quer dizer, não contei a verdade, então é como se eu tivesse enganado, né?

— Por que você não pôde ser honesta?

Mirei suas sandálias amarelas.

— Fiquei com medo de perder o emprego. — E, em vez disso, seria promovida. O gosto amargo arranhou o fundo da minha garganta.

— Melissa, olhe para mim. — Forçou meu queixo para cima até eu encontrar seu olhar verde. — Não é feio, muito menos errado, lutar pela própria sobrevivência. Muitas vezes nós precisamos fazer coisas das quais não gostamos, seja no trabalho ou na vida pessoal. É parte do desenvolvimento humano aprender a lidar com as frustrações, conviver com as consequências...

— Deslizou os dedos, carinhosos, pelo meu rabo de cavalo e franziu a testa. — Você me parece diferente de ontem pra hoje. Seu cabelo...

— Eu aparei as pontas no começo da semana. Como está se sentindo hoje? — Tentei distraí-la.

E funcionou outra vez. Sempre funcionava. E eu morria por dentro mais um pouco.

— Muito bem. Estou de folga, já que a direção resolveu dedetizar o prédio. Vou cuidar dos jacintos mais tarde. Estão tão bonitos, bem floridos. — Ela observou meu rosto com atenção. — Estou te achando muito magrinha. Vou pegar alguma coisa para você comer, meu amor.

— Mãe, não precisa. Eu...

Mas ela já havia sumido. Suspirei, escorregando pelo sofá até afundar a cabeça em uma das almofadas bordadas. Pés apressados batucando na escada de madeira escura me fizeram erguer o pescoço, pouco antes de o homem magro com uma simpática barriguinha pontuda despontar no vão da escada.

— Mel! — Um sorriso enorme se desenhou sob o largo bigode negro. — Eu estava no banho, não te ouvi chegar.

— Entrei faz cinco minutos, pai.

Depois de abraçá-lo e ouvi-lo reclamar do vizinho da frente, que andava resmungando sobre lagartas por culpa das palmeiras do nosso jardim, fui direto ao assunto antes que minha mãe retornasse à sala.

— Eu trouxe alguns dos alimentos que o neurologista indicou. Também comprei o remédio para a memória. — Puxei do bolso a caixinha, agora esmagada, e a enfiei em sua palma.

— Melissa! — Ele coçou a sobrancelha com o polegar, do mesmo jeito que fazia quando eu mostrava uma nota vermelha no boletim escolar. — Você não devia ter feito isso. Esse medicamento é muito caro e não há garantias de que possa fazer algo pela sua mãe.

— Bom, agora a gente vai tirar a prova.

— Eu queria tanto poder ajudar você. — Ele puxou as pernas da calça antes de se sentar ao meu lado, meio encurvado. — Me mata deixar a responsabilidade

nas suas costas. Esses cinco anos que ainda faltam para eu poder dar entrada na aposentadoria não vão passar tão rápido.

— Credo, pai. Está falando como se você e a mamãe fossem um fardo.

Ele mirou os olhos castanhos infelizes nos bicos de seus chinelos de couro.

— E somos.

Papai sempre fora um homem ativo. Por muitos anos, tinha trabalhado na contabilidade de uma fábrica de tecidos, e seu salário era mais que o bastante para manter a casa e até sustentar alguns luxos, tipo idas a restaurantes e férias na praia. Então veio o acidente da mamãe, na mesma época em que a Argentina parou de importar, de modo que a empresa precisou fazer cortes. Os maiores salários foram os primeiros da lista, e isso incluía meu pai. É claro que ele tentou encontrar uma nova colocação mesmo fora de sua área, mas o currículo e a idade não ajudavam. Era capacitado demais ou velho demais, e o mercado buscava mão de obra jovem e barata. Por muitas vezes, depois de voltar de uma entrevista de emprego infrutífera, ou notar que eu havia quitado a conta de luz, eu o ouvira chorar escondido no banheiro, e isso me destruí.

— São nada. — Cheguei mais perto e deitei a cabeça no seu ombro. — Para com isso. A gente já tem problema demais pra você se preocupar com bobagem. Além do mais, eu vou ser promovida, pai. Consegui um contrato muito importante.

A novidade varreu a melancolia para longe e um sorriso exultante e orgulhoso deu as caras. Antes que ele pudesse pronunciar qualquer coisa, mamãe adentrou a sala com os braços cheios de roupas e me viu, os lábios se espichando sobre os dentes brancos levemente separados. No instante seguinte, ela atirava a pilha de roupas sobre a mesa de jantar redonda e corria para me abraçar com tanto ímpeto que por pouco não caímos em cima de papai.

— Você está tão bonita — disse, se espremendo entre mim e papai no sofá. — O que está fazendo aqui a esta hora? Não deveria estar no trabalho? Sérgio, por que você não me avisou que Melissa estava em casa?

— Eu ia fazer isso agora mesmo, Olivia. — Ele alisou o bigode.

— Não faz mal. — Ela enroscou os dedos nos meus. — Eu sabia que você viria. Alguma coisa me dizia que eu iria ver você hoje. Ganhei uma folga. A escola aproveitou o dia de conselho para dedetizar.

— É mesmo, mãe?

Ela fez que sim, sorrindo.

— Eu vou aproveitar para cuidar do jardim. As flores estão muito bonitas, galhos inteiros coloridos...

Continuei segurando sua mão bem apertado, esperando que a sensação de segurança me atingisse como costumava acontecer quando eu era criança. Que a

certeza de que tudo iria ficar bem me envolveria junto do perfume delicado da minha mãe, deixando as dores do lado de fora de minha bolha. Mas já não funcionava mais.

Desejei mais do que nunca poder voltar no tempo e impedir que ela entrasse naquele carro. Às vezes eu fantasiava uma realidade diferente, onde ela nunca teria ficado presa entre o metal retorcido, nem sido levada inconsciente para o CTI, ou lutado pela vida por tantas semanas, e, no processo, se perdido dentro de si mesma. Nessa realidade paralela, ela ainda lecionava história. A essa altura do ano começaria a se preocupar com a formatura, porque sempre era convidada por alguma classe para ser a paraninfa, e me ligaria em uma noite qualquer para perguntar se seus vestidos indianos eram pouco formais para a ocasião.

Mas o devaneio durava pouco e eu logo era atirada de volta à realidade, e ao poço de desespero ao vê-la encarcerada para sempre naquele eterno quinze de outubro. O neurologista não nos dera muitas esperanças de cura; mesmo o caríssimo remédio importado não garantia melhoras. Ainda assim, tanto eu quanto meu pai nutríamos a esperança de que um milagre pudesse acontecer a qualquer momento. Que opção tínhamos?

Por isso, realmente importava que eu me sentisse tão mal por não dizer nada a Camila Bueno e aceitar produzir seu casamento?

— ... está me ouvindo? Melissa? — mamãe chamou, sacudindo minha mão, preocupada. — Filha, está tudo bem?

Por sobre seu ombro, captei um vislumbre de meu pai franzindo as pestanas negras, questionando.

Apenas abanei a cabeça para os dois.

— Vai ficar. — Pisquei por entre a nuvem turva que embaçou minha visão. — Agora vai ficar.

8

A única vantagem de ser adulta é ter autorização para ingerir todo o álcool que quiser sem ter que prestar contas a ninguém, exceto ao dono do bar, ponderei, matando o que restava do chope em meu copo.

Eu saíra da casa dos meus pais e fora direto para a inauguração da loja de bijuterias, no shopping. Abençoadamente, ela acabara às nove em ponto. Ao perceber que eu não estava bem, Fabiola me pressionara até eu confessar toda a história sobre Camila. Minha amiga ficou tão horrorizada que ameaçou ir atrás de Fred com um martelo, de modo que todo mundo acabou ouvindo. É claro que

fui convocada a acompanhar o pessoal até o bar mais próximo.

Então, ali estava eu, sentada em uma mesa na calçada do nosso bar favorito, com uma coleção de copos de chope vazios sobre o tampo, com vários olhares contrariados fixos em mim. O de Fabiola era o mais violento.

— Você ficou louca, sabia? — ela resmungou pela enésima vez, sacudindo a perna num tique pra lá de nervoso. — Não pode organizar o casamento do cara que era o seu namorado até ontem. E não estou usando uma metáfora, Melissa Gouvêa.

— Fabi, eu já expliquei que não tive escolha. Ou aceitava a Camila ou podia dar adeus à Allure. E não vou ficar desempregada por causa do Fred.

Sentado na ponta da mesa, Dênis descascava o porta-copos de papelão sem parecer se dar conta do que fazia.

— Você vai se machucar, Melzinha — ele advertiu, apreensivo. — Não faça isso. Ainda dá tempo de desistir. A Camila não assinou nada.

— Eu já disse isso também! — Fabiola cruzou os braços, bufando. — Mas deu no mesmo que falar com um sapato.

Brinquei com o copo vazio, acompanhando com o olhar um senhor de boina e bengala passeando com seu chihuahua na calçada do outro lado da rua.

— Eu me machucaria mais se desistisse da minha carreira por causa de um cara — expliquei, exausta. — Tenho doze dias para criar a festa e apresentá-la para a Camila, conseguir agradá-la e ganhar uma assinatura na linha pontilhada, e aí vou produzir o casamento dos meus sonhos. E ter um belo aumento de salário.

Fabi estreitou os olhos, batucando as unhas no tampo de madeira escura.

— Por acaso o noivo nesse sonho era o seu ex-namorado? — indagou.

— Todo casamento que se preze precisa de um drama. — Dei de ombros e ela jogou as mãos para o alto, rugindo.

Gabi apanhou o último croquete do prato e o enfiou inteiro na boca.

— *Xe* a Mel acha que aguenta o tranco, ela deve *xaber* o que tá *faxendo*. — Engoliu a comida, lambendo o óleo dos dedos. — Pega leve, Fabi.

Sua resposta foi tomar um largo gole de chope e depois bater o copo na mesa com tanta violência que um pouco de bebida respingou na mão de André, que tratou de lambê-la.

— Será que a gente pode esquecer esse assunto e partir pra mais um chope? — implorei, girando meu copo vazio. — Foi para isso que vocês me arrastaram até aqui. Pra me deixar bêbada, e eu ainda estou quarenta por cento sóbria.

— Você está é cem por cento louca. — Fabiola cruzou as pernas sob a mesa, chutando meu tornozelo. Tenho quase certeza que não foi acidental.

Ignorando-a, tentei chamar o garçom. O movimento nas mesas era intenso, e

não foi uma surpresa eu ter sido completamente ignorada.

— Deixa que eu pego outra rodada pra vozê, Mel. — Já bem alto, André apoiou a mão em meu ombro, protetor. Acabou errando a mira e acertou minha orelha. Meu brinco pulou sobre a mesa. — Vozê acabou de perder o namorado. E viu o cara com outra mulher. E *zoube* que ele *ze* importa com a outra e não com vozê. E que vai ter que organizar o casamento dos *zonhos* pro ex. Não *preziza ze* preocupar com o chope também.

— Obrigada por não esquecer nenhum detalhe, André — falei, carrancuda, inclinando a cabeça para encaixar o brinco no furo.

Ele alisou meu ombro.

— É pra *izzo* que *zervem* os amigos... — Ele se levantou e tropeçou no pé da cadeira. — Me desculpe — disse para a mobília antes de ziguezaguear pelo caminho de lajotas escuras que levava para dentro do bar.

Dênis revirou os olhos.

— É melhor eu ir atrás. Do jeito que está, é provável que ele se meta em confusão.

— Eu vou com você — Gabriela arrastou a cadeira e se ergueu sobre as pernas. — Quero ver se eles têm aquela caipirinha com picolé dentro.

Mal eles se afastaram, Fabiola começou a quicar na cadeira, apertando as mãos firmemente entre as coxas. Dei risada ao vê-la se contorcer.

— Vai logo no banheiro, Fabi. Eu cuido da mesa.

— De jeito nenhum vou te deixar sozinha hoje. Você já fez merda o suficiente por um dia. — Ela me dirigiu um olhar comprido.

— Eu tô bem. Só... — Tomei fôlego. — Fabi, eu devia contar pra Camila? Sobre mim e o Fred?

— Você ficou louca?! Para e pensa só um instantinho. O que a Camila vai pensar assim que você contar tudo a ela?

— Que o Fred é um canalha? — arrisquei, girando o copo entre as palmas das mãos.

Ela negou com a cabeça, as ondas escuras balançando sobre os ombros com graça.

— Nada disso, amiga. Ela vai achar que você está querendo o cara de volta, ou que está tentando se vingar ou... sei lá, destruir o casamento por capricho. Ela nunca vai acreditar que você também foi vítima dele. É por isso que você precisa fazer alguma coisa pra agilizar o processo de esquecer esse idiota. Vai ser mais fácil aguentar o que está por vir se você tiver onde afogar as mágoas. Um pouco de diversão adulta, sem compromisso ou expectativas, e músculos fortes com uma pegada incrível seria perfeito.

— Ah, é. — Contemplei o céu escuro meio encoberto, exaurida. — É

justamente o que eu preciso neste momento. Me envolver em mais confusão sem nem ter saído da última...

Minha melhor amiga fez uma careta, se encolhendo.

— Essa parte não é *bem* verdade. Você nunca se envolve pra valer. Não aconteceu nem com o Fred. Você não se mostra pra ninguém, porque não acredita ser merecedora da felicidade desde que...

— Puta merda, Fabi, você é muito irritante quando quer — atalhei, irritada.

Tudo bem, eu não tinha a mesma facilidade que ela para me entregar ao que sentia, mas as pessoas são diferentes, certo?

Fabiola continuou me observando, mas já não havia mais fúria em seu semblante, apenas um profundo pesar.

— Eu pensei que tivesse funcionado de verdade. A simpatia — murmurou, os olhos marejados. — Me sinto horrível por ter feito você pensar que o Fred ia te pedir em casamento. Desculpa, Mel.

— Para com isso. — Estendi a mão sobre a mesa a fim de apertar seu braço. — Eu nunca acreditei nessa teoria. Nem teria aceitado se ele tivesse me pedido em casamento. Nunca me vi com o Fred pelo resto da vida. Na verdade, com ninguém.

Ela fungou, sorrindo um pouco.

— Eu sei. Só checando.

Já que ela havia trazido o assunto à tona...

— Você não deveria estar em casa ajudando seu noivo com a mudança? — eu quis saber, me recostando à cadeira.

— Devia. — Fez uma careta engraçada, pressionando as coxas com mais força. — Mas aí eu teria que ajudar a guardar toda a tralha dele e prefiro beber com você... Ah, droga, não vai dar pra segurar, Mel. Ou eu corro para o banheiro agora ou vai acontecer um desastre. Não faz nenhuma merda até eu voltar! — Ela se levantou tão depressa que a cadeira tombou na mesa ao lado.

Eu me alonguei para endireitá-la, pedindo desculpa aos vizinhos de bar. Um deles, o de barba longa e coque, piscou para mim, para em seguida levar uma cotovelada da namorada, de modo que preferi ficar meio de costas para eles, observando a rua.

Mencionar a mudança de Alan carregou meus pensamentos para Nicolas. Com tudo o que acontecera naquele dia, eu havia me esquecido de sua proposta. Longe dele, a ideia não era tão terrível assim. Por que mesmo me parecera tão maluca?

Meu olhar foi atraído para a calçada oposta, para o homem alto, esguio, num terno bem cortado que lhe fazia parecer um tentador bombom refinado, e eu estava muito a fim de desembrulhar e dar uma mordida. Meu corpo todo

amoleceu, esquentou, ao passo que meu coração errou uma batida. Talvez a ideia da Fabi não fosse exatamente ruim. Eu não me importaria de ter um pouco de diversão adulta com *ele*.

Acompanhei seu caminhar confiante, consciente de que o mundo lhe pertencia — até o ar parecia abrir caminho. O cabelo negro esvoaçava com a brisa, o rosto anguloso revestido pela pele dourada trazia uma expressão soturna, mas era suavizada pelo azul vibrante das íris profundas...

Peraí.

Apertei a vista, examinando com mais atenção os contornos do sujeito que eu comia com os olhos e... Ele me flagrou e abriu um sorriso de canto de boca, parte surpresa, parte insolência.

Depressa, tentei me esconder atrás do copo vazio, mas isso não o impediu de me abordar. É claro que não.

— Você também acha isso meio esquisito? — perguntou Nicolas, parando diante da mesa em carne, ossos, muitos músculos e aquele sorriso que me deixava quente por nenhum motivo. — Não importa para onde eu vá, você sempre está lá. Começo a pensar que alguma coisa fica jogando a gente no caminho um do outro.

— Sim. Provavelmente o carma — resmunguei, emburrada.

Seu sorriso ficou mais largo.

— Não entendo muito do assunto, mas, se é assim, acho melhor acabarmos com isso de uma vez por todas, não? — Sem esperar um convite, ele afastou a cadeira e se acomodou de frente para mim, jogando a pasta de couro no assento ao lado.

Se não tivesse uma imensa quantidade de álcool na minha corrente sanguínea naquele momento, eu provavelmente teria pensado em uma maneira de me livrar dele. Mas meu cérebro estava meio que em marcha lenta, e não consegui resmungar nada muito brilhante além de um *puff!*

A moça na mesa ao lado, a que se irritara com o namorado pouco tempo antes, fixou o olhar em Nicolas, umedecendo os lábios. Mas Nicolas não percebeu, interessado na bagunça de copos e pratos sobre minha mesa, nas cadeiras desocupadas.

— Está comemorando alguma coisa? — Empurrou alguns copos do caminho, liberando o espaço entre nós.

— Minha provável internação em um manicômio, segundo meus amigos.

— O que houve? — Ele franziu a testa. — Aquela sua reunião importante não saiu do jeito que você esperava?

Pisquei algumas vezes, admirada que ele se recordasse da reunião. Eu a mencionara vagamente em nosso encontro nas escadas de dona Elza.

— Ah, eu consegui a conta. — Apanhei meu copo e o levei à boca, apenas para me lembrar de que ainda estava vazio. Grunhi ao devolvê-lo à mesa. — Vamos assinar o contrato daqui a duas semanas.

— Certo. Qual o problema, então? Cliente difícil? — Sinalizou para o garçom trazer mais uma rodada.

É claro que ele foi notado e seu pedido registrado. A vida era assim para Nicolas: fácil e servil.

— Bem, ela quer se casar na praia. — Deslizei a ponta do indicador pelo copo ainda suado. — Me dá calafrios só de pensar nos imprevistos que nós podemos ter. Mas o problema não é esse. É o Fred. Ele estragou até isso. — Eu nunca iria perdôá-lo.

A confusão criou dois vincos profundos entre suas sobrancelhas.

— O que o seu ex tem a ver com... — ele se interrompeu, me avaliando meio de lado. Percebi o instante exato em que fez a conexão. Os olhos ridiculamente azuis se alargaram tanto que era possível entrever a parte branca ao redor das íris. — Tá de brincadeira. A moça da reunião é a noiva grávida do seu ex?

Anuí de novo. Ele já sabia grande parte da minha história degradante. Que sentido tinha esconder o desfecho? Eu estava quase certa de que não pensaria da mesma maneira na manhã seguinte, mas naquele momento só queria arrancar de dentro de mim o peso daquela história sem que ninguém gritasse comigo. Comecei a soltar tudo, cada detalhe, incluindo minha incapacidade de dizer a verdade sobre Fred para a noiva. Eu falava depressa, emendando uma frase na outra, de modo que Nicolas se perdeu algumas vezes, mas não fez nenhum comentário. Apenas continuou me ouvindo com um assombro que beirava a incredulidade.

— Cacete! — Esfregou a boca quando concluí a história, meio sem ar. — E você vai embarcar nisso?

— Não tenho saída. — Eu ri, muito embora desejasse subir no colo dele e chorar agarrada ao seu pescoço. — Você estava certo, afinal. E foi por causa do que você disse que eu não desisti da Camila. Acho que devo te agradecer. — Como tudo o que ele fez foi piscar, me apressei em explicar. — Você mencionou que eu não devia dar tanto poder para o Fred. E foi o que eu fiz. Não vou ficar desempregada por causa daquele cafajeste.

Nicolas não poderia ficar mais atônito nem se eu tivesse dito que era a responsável pela morte de pinguins bebês. Chegou a abrir a boca para revidar, mas foram necessárias três tentativas para, meio rindo, meio atônito, conseguir murmurar:

— Melissa, quando eu afirmei que você não devia dar tanto poder ao seu ex, não quis dizer que você deveria se sujeitar a uma situação tão... — Afundou os

dedos no cabelo negro, em busca da palavra certa. — Tão...

— Degradante? — ajudei. — Ridícula? Humilhante?

— ... dolorosa. — Soprou o ar com força. — Mas acho que um pouco dessas coisas também.

Ergui os ombros.

— Vou ficar bem. Pretendo me concentrar na Camila, só nela, e esquecer que o meu ex existe.

Inclinando a cabeça ligeiramente para o lado, Nicolas me admirou daquele jeito que implodia minhas muralhas e ia direto ao meu cerne. Toquei a garganta, experimentando na ponta dos dedos a pulsação errática. Pensei captar um vislumbre de admiração em sua expressão, mas podia ser efeito do chope.

— Ainda assim — ele prosseguiu, com uma seriedade que eu só vira nele uma vez, na igreja depois do sequestro de Marcus. — E, sem ter nada a ver com isso, eu gostaria de pedir que você reconsiderasse. Não sei... quem sabe explicar a situação para a sua chefe e passar a festa para outro profissional da agência? — aconselhou.

— Não ia adiantar. A Camila me quer à frente do cerimonial. E a minha chefe tem um pedaço de Halls preto no lugar do coração, nunca entenderia. A Sônia deixou claro que, se eu perder esse casamento, ela vai me colocar na rua.

Uma garota sentada a duas mesas de distância tinha o olhar cravado em Nicolas e mordida a unha, parecendo debater consigo mesma se deveria se levantar ou esperar que ele a notasse. Não teria muita sorte com a segunda opção, já que Nicolas não apartava o olhar do meu um único segundo.

— Eu tenho certeza que a sua chefe sabe que o mercado de eventos iria comemorar se você saísse da Allure. Eu te vi em ação nas piores circunstâncias possíveis. — Uma sombra escura encobriu o semblante de Nicolas conforme a lembrança o transportava para a terrível noite do ensaio do casamento do primo. — E você fez tudo o que pôde para facilitar a situação para todo mundo, mesmo visivelmente abalada. Eu te admirei muito naquela noite, Melissa. Nunca tive a chance de te dizer isso, mas é a verdade. Você me deixou sem fôlego.

Um tanto surpresa... não, *muito* surpresa... assisti a suas pupilas se expandirem pouco a pouco, até que tudo o que restava do azul era um fino aro brilhante. Uma sensação morna envolveu meu peito, se espalhando rapidamente pelo restante de mim, e parecia nascer no olhar de Nicolas, nos conectando.

Inquieta, rolei as pulseiras ao redor do pulso.

— Você só está dizendo essas coisas porque está com medo de que eu comece a chorar de novo, como aconteceu no avião — brinquei, desesperada para quebrar a conexão que parecia ligar meu peito ao olhar dele.

Se é que era possível, ela pareceu se intensificar assim que Nicolas ergueu as

mãos espalmadas, rindo.

— Agora você me pegou.

Um silêncio irrequieto recaiu sobre nossa mesa. Pensei que ele finalmente perceberia que não tínhamos assuntos em comum e iria embora, me libertando daquele frisson enervante, mais e mais denso a cada segundo. Em vez disso, ele esticou as pernas sob a mesa e cruzou os tornozelos, de modo que o bico de seu sapato quase tocou minha panturrilha.

— Suponho que uma das coisas que andam ocupando tanto a sua agenda seja o casamento do Max e da Alicia — puxou conversa, girando uma das bolachas de papelão entre os dedos.

— É. — Mudei de posição, mantendo as pernas longe das dele. — Apesar de o projeto estar pronto há meses, é agora, nas semanas que antecedem o casamento, que tudo vira uma doideira.

— Ainda não acredito nisso. Que os meus primos se amarraram desse jeito. O Max está planejando a viagem de lua de mel para a *Disneylândia* — enfatizou, com uma careta agoniada de dar pena. — Já o Marcus só fala de marcar a data do casamento com a Júlia. Eu perdi dois bons soldados. Bom, um — se corrigiu, rindo de leve. — O Max sempre foi o mais certinho de nós três.

Por alguma razão, me recordei dos números no guardanapo que a aeromoça lhe entregara no voo que dividimos.

— Tenho certeza que você está se esforçando bastante para honrá-los da melhor maneira possível — ironizei.

— É, eu estou — concordou, com uma piscada. Então algo mudou, a seriedade dominou sua expressão e seus ombros, e ele se inclinou em minha direção, sem nenhum traço de zombaria. — Você já pensou na minha proposta?

Minhas bochechas se aqueceram de maneira ridícula e irritante. Por que eu não era capaz de controlar meu próprio corpo sempre que Nicolas estava por perto?

Enfim, apesar de não ter tido tempo para refletir sobre o assunto, o zumbido em meu peito era resposta mais que suficiente para a minha pergunta e a dele, não era?

— Já pensei, sim. — Cruzei as pernas sob a mesa, tomando cuidado para não esbarrar em nenhuma parte dele. — Não vai dar, Nicolas. Não posso fazer isso. Sinto muito.

Ele me observou por um minuto inteiro, e temi que pudesse ver mais do que eu desejava mostrar.

— Eu também lamento — murmurou, um pouco decepcionado. — Pensei que a procura tivesse chegado ao fim. — Enrolando os dedos na alça da pasta transversal, ele se levantou. — Bom, já que essa é a primeira vez que nós

conversamos sem discutir, é melhor não abusar da sorte.

Também fiquei de pé, sem saber direito o motivo. No entanto, assim que me firmei sobre as pernas, todo o álcool que eu tinha ingerido subiu para minha orelha, afogando meu equilíbrio. Oscilei para o lado e teria tombado sobre a mesa vizinha se Nicolas não tivesse agido depressa e me segurado pelo cotovelo.

— Firme aí, Melissa.

— Eu estou. — No entanto, para meu constrangimento, meus joelhos resolveram discordar e vacilaram, me obrigando a enroscar os dedos na frente da sua camisa.

Ele riu de novo; a caixa torácica vibrou sob meus dedos. Elevei o rosto e me surpreendi com sua proximidade. E como Nicolas era lindo. Sobretudo seus olhos. Pelos tons azulados, deveriam ser frios, mas eram cálidos, selvagens. Indômitos.

Um pouco sem graça — e um bocado quente —, eu me afastei dele. Não notei que o garçom se aproximava com nossas bebidas até me chocar contra ele. A bandeja que o rapaz carregava tombou, lavando meu braço, seu avental e a camisa de Nicolas.

— Ah, meu Deus, sinto muito! — murmurei, sem saber ao certo a qual dos dois homens eu me dirigia.

— Acontece, relaxa — respondeu Nicolas.

— Vou pegar um pano para a senhorita — se apressou o garçom, indo para a parte interna do bar.

Avaliei o estrago em minhas roupas, me sentindo menos envergonhada ao constatar que não era tão ruim quanto deveria, já que eu vestia preto da cabeça aos pés. A camisa azul de Nicolas não teve a mesma sorte, porém, e uma imensa mancha amarela se abria sobre sua barriga.

— Ah, que droga, Nicolas. Estraguei sua camisa. Eu juro que não vi que ele estava do meu lado. Juro!

— Tudo bem. Não é um crime grave, exceto pelo desperdício de uma boa cerveja — brincou.

Não achei graça. Estava ocupada demais enchendo a mão de guardanapos de papel e pressionando-os contra a camisa molhada, evitando prestar atenção aos gomos que o tecido ensopado revelava. Por mais que eu tenha me empenhado em me livrar da mancha, tudo o que consegui foi fazer com que alguns guardanapos se desfizessem.

— Melissa, sério, não é necessário...

— Acho que vai manchar. — Mordi o lábio inferior de tanta frustração. Sua camisa agora se assemelhava a um tie-dye que dera muito, muito errado. — É melhor tirar. — Levei a mão ao botão sob o colarinho e o removi da casa. —

Vou lavar no banheiro e secar naquele treco de...

Mãos grandes e másculas se fecharam ao redor dos meus pulsos, impedindo que eu continuasse a abrir sua camisa.

— Se você pretende tirar a minha roupa, pelo menos podia me oferecer uma bebida antes. — E me deu um sorriso torto.

Então — só então — me dei conta de que estava tentando despir Nicolas no meio da rua. Meu rosto ficou em brasa. Nicolas não me empurrou, como imaginei que faria. O que ele fez foi suspender minhas mãos e alojá-las de encontro ao peito e à musculatura rija. Sem nenhum convite, os contornos de seu corpo nu surgiram em minha mente, me lembrando no momento mais inoportuno possível de tudo o que o tecido escondia.

— Está tudo bem, Melissa — afirmou, todo gentil. — De verdade. É só uma camisa... — Ele disse mais alguma coisa, mas não cheguei a ouvir. Estava distraída demais com seus polegares, passeando sem pressa sobre a parte interna dos meus pulsos. O toque era quente, imperativo, e ainda assim delicado.

Meu batimento cardíaco apitou nos ouvidos, abafando a cacofonia produzida por copos, conversas e risos, talheres contra a porcelana, carros passando ali perto. Entreabri os lábios, em busca de ar, pois a proximidade de Nicolas fizera desaparecer todo o oxigênio do planeta. Desconfiei que ele se deu conta de que estávamos praticamente colados no mesmo instante que eu, pois seu coração bateu mais forte sob minha palma, as íris adquiriram o mesmo tom azul-escuro do céu sobre nós, e eu podia jurar que a temperatura subiu diversos graus em questão de meros segundos.

Um alerta agudo soou em minha mente. Eu corria perigo. Pior que isso, eu encarava o perigo, permitia que ele me segurasse junto de si e ansiava por... não sei ao certo.

Eu sempre fui prudente, calculava tudo duas vezes, nunca agia por impulso. Jamais gostei de apostar, assumir riscos. Mas, naquele momento, não conseguia me afastar de Nicolas, nem quebrar a conexão que se formara no instante em que nossos olhares se prenderam e nossa pele se encontrou.

Foi sem pensar que eu o agarrei pelo colarinho e o puxei para baixo, ficando na pontinha dos pés.

A surpresa atravessou sua expressão, trazendo um pouco de lucidez à minha mente dopada de álcool e hormônios.

Ah, não. Eu estava prestes a beijar Nicolas Cassani.

Eu me desvencilhei dele de imediato, retrocedendo alguns passos até bater o quadril no espaldar da cadeira do bar.

— Eu... ah... — Gostaria de ter dito alguma coisa, uma piadinha ou algo inteligente, mas eu ainda estava fora de controle e não fiz nada além de ruborizar

e articular resmungos indistintos. Não ajudava muito que Nicolas sustentasse uma expressão grave, e os olhos, um tom mais escuro, fixos nos meus.

Eu quis beijar Nicolas. *Quase* o beijei. No meio de um bar lotado, Deus do céu! O que estava acontecendo comigo? Quer dizer, um beijo não ia arrancar pedaço. Não era como se eu estivesse me comprometendo nem nada, mas justo Nicolas? Eu quis beijar o maior sedutor que conhecia?

Por que ele tinha a horrível capacidade de me fazer perder o controle? E por que raios ainda me encarava daquele jeito, como se também quisesse me beijar? Ele se esquecera de que não estava interessado?

Esfreguei a têmpora com força para me livrar dos pensamentos perturbadores. Devia ter uma justificativa para o impulso imperioso que ainda me arrastava para ele. Sim, com certeza havia uma lógica por trás de tudo, eu só estava bêbada demais para descobrir qual era. Ou talvez o álcool falasse — e tentasse beijar pessoas — por mim. Era uma possibilidade, certo?

Irritada com todas as coisas que aconteciam em meu interior e que não deveriam acontecer, conservando a vista longe dele, achei melhor impor a maior distância entre nós. No entanto, antes que eu pudesse dar um passo, uma morena com aproximadamente dois quilômetros de pernas parou atrás dele e tocou seu ombro.

Nicolas se virou e pareceu genuinamente confuso com a presença da moça.

— Por pouco não nos desencontramos, Nick. — Ela sorriu, meio sem graça. — Confundi sua mensagem. Pensei que você fosse me esperar no restaurante da esquina.

Correndo as mãos pelo cabelo, Nicolas chegou para o lado e reassumiu a postura irreverente de sempre.

— Eu ia, Amanda. Mas encontrei uma conhecida antes e parei para dizer um "oi".

Ele não nos apresentou. Ainda assim, a moça voluptuosa estilo Rihanna — então aquele era o tipo de mulher que o atraía... um pouco previsível, mas nada surpreendente — me avaliou de alto a baixo e torceu o nariz.

Se Nicolas notou o desagrado no rosto da garota, não deixou transparecer e passou a alça da pasta pelo tronco, me dando um último olhar. Parecia querer me dizer alguma coisa... que eu nunca vou saber, pois, pressionando os lábios, ele fez um aceno rápido e escoltou a moça pela calçada, se afastando da bagunça de mesas.

Enquanto observava o par descer a rua, não pude deixar de pensar que Nicolas era meio parecido com Loki. Lindo, enganosamente fofo e não podia avistar uma fêmea que tentava pular a janela para ir atrás dela. A diferença é que Nicolas não mijava no armário de ninguém, imaginei. Se bem que a comparação não era

muito justa. Gatos são domesticáveis, Nicolas não.

Foi uma boa coisa a morena ter aparecido. Só reforçava que eu havia tomado a decisão certa ao pôr um fim naquela proposta ridícula de morarmos juntos, e não era só pelo fato de ele ter uma mulher para cada dia da semana no armário. Eu não estava interessada. Nem um pouco interessada. Não mesmo. O que tinha acontecido foi... foi... ah, sei lá. Eu não estava interessada e ponto-final.

Não demorou para que meus amigos retornassem à mesa. Por sorte, estavam bêbados demais para suspeitar que meu estado de agitação tivesse qualquer coisa a ver com Nicolas, e continuamos bebendo por mais um bom tempo. Perto da meia-noite, os garotos já tinham ido embora quando meu cartão deu problema — uma coisinha de nada chamada *falta de limite disponível*. Fabiola foi pegar o carro enquanto eu raspava a carteira para pagar minha parte. Depois fui para a calçada esperar minha amiga, me mantendo próxima a uma moça que também parecia aguardar sua carona.

Sozinha e meio alta, não consegui manter as rédeas do meu cérebro e um par de íris azul-escuras insistiu em se infiltrar pelos meus pensamentos. Para escapar delas, resolvi dar uma espiada nos e-mails enquanto Fabi não aparecia. Encontrei um da Camila Bueno, com fotos da casa de praia da família, e quase gargalhei. Eu devia ter previsto que a “casinha” teria pelo menos mil metros quadrados, um gramado que poderia abrigar uma final da Copa do Mundo e uma piscina oito vezes maior que meu apartamento.

Eu poderia erguer a tenda principal no centro do gramado. E o altar perto do píer, com o mar enquadrando o lugar onde Fred esperaria a noiva...

Ignorando o aperto no peito ao pensar nele, guardei o celular na bolsa, fitando o céu escuro, sem nenhuma estrela naquela noite. Perguntei ao universo o que eu estava fazendo da minha vida, e se havia alguma chance de sobreviver a ela.

Ainda que estivesse furiosa com meu ex, não conseguia ignorar a tristeza. A traição cobria nossa história com um véu obscuro, mas as partes boas ainda estavam muito nítidas. E era um saco porque, mesmo sob a correnteza violenta da raiva e da mágoa, eu ainda me recordava da maneira ansiosa como ele sempre me aguardava sair do elevador da porta do apartamento, como se não pudesse esperar nem mais um segundo para estar comigo. Ou como ele sempre pedia pizza em vez de comida japonesa — a sua favorita —, porque sabia que peixe cru me embrulhava o estômago. Ou quando estávamos no sofá e puxava minhas pernas sobre as coxas, e brincava com o meu pé enquanto víamos alguma coisa na TV. Eu não queria me lembrar de nada disso.

A garota ao meu lado arfou, chegando um pouco mais perto. Com razão, pensei, ao divisar um homem emergir de trás de uma árvore e caminhar decidido em nossa direção.

Mas ela não precisava temê-lo. Quem precisava era eu.

— Fred! — ofeguei.

— Nós temos que conversar — ele bufou, inquieto, espiando o movimento na entrada do bar.

Por um segundo imensurável, nós nos encaramos a menos de um metro e... bem, foi estranho. Uma parte de mim odiava Fred. A outra sentia falta dele. *Saco.*

Meu ex, por outro lado, não parecia sofrer nenhum tipo de conflito romântico e me puxou para longe da entrada do bar e da garota, me levando para uma parte da rua mais arborizada e escura, onde ninguém pudesse ouvir nossa conversa.

— Como você pôde? — Uma veia saltou em seu pescoço. — Não sei que tipo de joguinho você está fazendo. Mas vai parar com isso agora mesmo.

Aprumei os ombros, a visão embaçada por uma névoa vermelha.

— Eu não recebo ordens nem faço joguinhos, Fred. Faço casamentos, e muito bem. Por esse motivo a sua noiva me contratou. Acredite ou não, a minha vida não gira ao seu redor.

Ele ignorou meu sarcasmo e chegou mais perto, até apenas alguns centímetros nos separarem, e me fuzilou com raiva. E desespero, é bem verdade.

— Por tudo o que nós vivemos, Melissa — proferiu entredentes. — Desista disso em nome de tudo o que nós vivemos.

— A grande mentira que você criou pra nós dois, você quer dizer?

Ele se encolheu, exalando impotência por todos os poros.

— Você não entende? — Segurou o cabelo. — Está doendo ficar longe de você, saber que te machuquei. Já estou recebendo o castigo que mereço. Não precisa se dar ao trabalho de me punir. O que eu preciso fazer para que você desista dessa ideia de produzir o meu casamento?

Analisei o homem que até a noite anterior simbolizava um pouco de normalidade em minha vida e quis chorar. Em vez disso, apertei a bolsa entre meu braço e as costelas, empinando o queixo.

— Não existe nada que me faça desistir, Fred. Não vou renunciar à minha carreira por nada. Foi você que nos meteu nessa. Devia ter imaginado que haveria consequências. Tudo sempre tem. — Comecei a me afastar.

Ele agarrou meu braço e me fez girar.

— Quem era aquele cara que quase te beijou agora há pouco? — Seus olhos se inflamaram, os dedos em meu bíceps se fechando feito um torno. — Você já está saindo com alguém?

— Você estava me espionando? — perguntei, atônita, me livrando do seu aperto com um safanão.

— Eu tinha que falar com você. — Ele se limitou a dar de ombros.

Perdi a paciência de vez.

— O que rola entre mim e aquele cara, ou com qualquer outro, não é da sua conta nem da de ninguém — rosnei. — Tudo o que você precisa saber a meu respeito é que eu sou a responsável pelo seu casamento. Qualquer dúvida com relação ao assunto, basta ligar para a Allure e falar com alguém da equipe. No mais, *não se intrometa* nos meus assuntos.

Girei sobre os calcanhares e tornei a andar, mas o som de seus sapatos caros contra as lajotas da calçada continuou me acompanhando. Mantive o compasso, indo o mais rápido que podia para a esquina, bem mais iluminada. Droga, onde estava a Fabiola que não aparecia?

— Não posso permitir que você continue com isso — Fred disse para minhas costas. — Se não vai desistir dessa ideia, eu vou ser obrigado a interferir.

Eu pretendia seguir andando, mas sua última sentença reverberou pela noite e pelos meus pensamentos, de modo que diminuí o passo até parar sob o facho de luz de um poste, e o observei por sobre o ombro perdido nas sombras das árvores.

— Você não ousaria — murmurei entredentes.

— Não tenho escolha. — Abriu os braços, desamparado. — Eu já perdi você, Melissa. Não posso perder a Camila também. Se você não vai desistir do meu casamento, só me resta fazer a Camila mudar de ideia quanto a ter você no comando de tudo.

Sem esboçar nenhuma culpa ou arrependimento, Fred me deu as costas e praticamente correu pela calçada, desaparecendo na escuridão da noite.

9

O horizonte atrás dos prédios parecia uma aquarela em tons de cor-de-rosa, laranja e roxo no fim da tarde daquela terça-feira. Fabiola encostou o carro diante da portaria do nosso prédio. Sem evento naquela noite, demos o expediente por encerrado às cinco e meia da tarde. Sônia nos mataria se soubesse. Por sorte, ela não aparecia na agência desde a quarta-feira anterior. Gabriela desconfiava de que quando retornasse à Allure teria uma parte nova do rosto. Cansada ao extremo para elaborar minha própria teoria, preferi concordar com ela. Entre preparar a apresentação de Camila, desenvolver o projeto de

vernissage de João e retomar o casamento de Alicia e Max, que aconteceria em pouco mais de dois meses, sem contar os eventos do fim de semana, não restaram muitas horas para coisas improdutivas tipo comer e dormir nos últimos cinco dias. Ou para pensar em assuntos dos quais eu não queria lembrar.

A verdade é que a apresentação de Camila me fornecera a chance de fugir de pensamentos que eu não queria ter, o que era bastante irônico, já que, ao concordar em organizar o casamento de Camila Bueno com meu ex, cheguei a imaginar que viveria me retorcendo em lamúrias, a cara enfiada dentro de um pote de sorvete. Mas eu estava errada. Um casamento daquele porte exigia tudo de mim, e isso incluía minhas emoções.

Depois do lapso no avião, duas semanas antes, nunca mais me permiti chorar por Fred. Não que eu não sentisse uma vontade absurda de abrir o berreiro de vez em quando, mas era uma questão de princípios. Fabiola me acusava de não sofrer direito. Minha amiga não entendia que eu decidira soterrar parte do meu passado recente e evitava a todo custo até mesmo pensar no nome do meu ex-namorado. Tudo bem, às vezes era necessário, já que ele era peça fundamental no casamento de Camila, e eu estava mergulhada no projeto até as orelhas. Mas nos últimos cinco dias eu havia aprendido a pensar nele como “o noivo”, um truque que a cada minuto se tornava mais fácil de executar. Eu realmente era boa em compartimentar sentimentos e deixar alguns escondidos até de mim mesma.

É claro que Fred tinha me ajudado, tenho que confessar. Ter aparecido no bar e tentado me intimidar havia feito maravilhas pelo meu coração partido. Uma coisa era ele me enganar, outra era ameaçar minha carreira. Parte do sentimento que eu ainda nutria por ele morreu naquela noite, e eu tinha esperanças de que o pouco que restava logo se apagaria também.

Eu não sabia se ele falara sério ou se apenas tentara me forçar a bater em retirada — nem qual das alternativas me machucava mais. Não ouvira nada dele desde que me emboscara na saída do bar. Mas eu conversava com Camila pelo telefone todos os dias. E, em nenhuma ocasião, ela parecera reticente ou cautelosa. Ao contrário, eu praticamente tinha que inventar um compromisso para conseguir encerrar a ligação, apenas para mais tarde encontrar uma centena de mensagens dela com milhares de ideias para a cerimônia, a despedida de solteira ou o chá de panelas. Ainda assim, eu me recusava a baixar a guarda e estaria pronta caso Fred quisesse mesmo transformar aquilo numa guerra.

Com aquela noite livre, eu tinha planejado visitar meus pais, mas, se enfrentasse dois ônibus e uma van, esgotada do jeito que estava, eu provavelmente adormeceria no caminho e acordaria na garagem da empresa. Então achei melhor não arriscar e aproveitar para colocar o sono em dia. Sobretudo porque Alan e Fabiola pretendiam sair.

— Estou um pouco nervosa — Fabiola confessou, ao trancar o Chery e seguirmos para a entrada do prédio. — Não sei o que o Alan está aprontando. Será que ele vai me levar no Varanda? Eu sonho em comer naquele restaurante desde que li o especial Dia dos Namorados na revista *Tempo*. Parece que é o lugar mais romântico da cidade... — Parou sob o arco da entrada, seus cachos pulando ao redor dos ombros. — Ou será que ele reservou um quarto pra gente no Paradise? Deus do céu, seria tão perfeito!

— Ah, é. — Sobretudo para mim.

Quer dizer, é claro que eu estava feliz porque as coisas entre ela e o noivo corriam bem. Alan dera início à mudança na semana anterior e terminara naquela tarde. Em seguida, ligara para Fabiola, avisando que havia planejado uma noite especial em comemoração. Eu torcia para que fosse o hotel, porque a parede que separava meu quarto do deles era muito fina, e Fabiola era bastante verbal em *todos* os aspectos de sua vida. Nos últimos dias, eu encontrava dificuldade em encarar minha melhor amiga sem ficar vermelha. Eu realmente precisava encontrar um canto para mim e Loki.

— O que eu devo vestir? — indagou, ansiosa. — Não posso ir para o Paradise com qualquer roupa. Não tenho nada chique o bastante. Será que ainda dá tempo de a gente correr pro shopping e...

— Você ia se atrasar — atalhei, tentando acalmá-la. — Por que você não usa o vestido verde-claro? Aquele que tem uns bordados na saia. Você fica linda e elegante com ele. Serve pra qualquer ocasião, inclusive o Paradise ou o Varanda.

— Éééé... Pode ser. — Ela beliscou o lábio inferior. — E sabe o que ia combinar muito com ele? Um batom coral! — gritou, fazendo a volta e correndo pela calçada. — Vai subindo. Vou dar um pulo na farmácia da esquina.

Louca para tirar os sapatos e me livrar do peso da bolsa, fiz o que ela sugeriu, grunhindo a cada degrau transposto. Não desconfiei de que deveria bater na porta da minha própria casa. Uma imprudência da qual me arrependi assim que girei a maçaneta e passei pelo batente, dando de cara com Alan no centro da sala, uma rosa vermelha entre os dentes, as mãos nos quadris... completamente nu.

— AAAAAHHHH! — gritamos em uníssono.

De dentro da estante, Loki se assustou, disparando para o meu quarto.

— Mel! — Ele puxou o xale vermelho que cobria uma parte do sofá manchada de esmalte preto e o enrolou nos quadris. — A Fabiola disse que você ia visitar os seus pais. Pensei que iria dormir lá.

Naquele momento, me perguntei por que raios não tive a mesma ideia.

— Eu pensei que vocês fossem sair. — Virei de costas para ele, o rosto em brasa. — Mas já estou indo pro quarto. — Isso é, se eu conseguisse transpor

todas as caixas que ele havia espalhado pelo apartamento inteiro.

Por algum milagre, consegui chegar ao meu quarto e tranquei a porta antes de cair na cama, esgotada. Eu me estiquei para deixar a bolsa no criado-mudo e grunhi ao avistar minha nécessaire toda manchada. *Argh!* Eu não queria me lembrar do momento em que meu coração quase parou naquela manhã, ao encontrar minha maquiagem espalhada por todo o piso do banheiro, reduzida a pedaços de plástico e pozinhos coloridos cintilantes. Ela sobrevivera às patinhas curiosas de Loki, mas não às mãos desajeitadas de Alan.

Loki pulou para o colchão e subiu em minha barriga, extremamente ansioso.

— Que foi? — Afaguei sua mandíbula, recebendo lambidas no pulso em retribuição. — Todas aquelas caixas te deixaram empolgado, né? Já sabe de qual gostou mais?

Meu gatinho me usou como ponte para chegar ao criado-mudo e de lá saltou para a prateleira de livros mais alta, avançando meio abaixado, o olhar vidrado na cômoda. Que estranho. Loki nunca caçava em meu quarto. O que eu tinha esquecido de guardar?

Eu me sentei para examinar o tampo da cômoda e me deparei com um aquário que nunca vira antes. Dentro dele estava a razão da agitação de Loki: uma imensa aranha peluda.

Berrando, agarrei Loki em pleno voo e corri para a sala. Fabiola havia retornado e discutia alguma coisa com Alan, ainda embrulhado no xale.

— T-t-tem uma aranha no meu quarto! — gaguejei. — Grande e p-peluda e... *grande!*

— Ah, sim. É a Carmem. — Alan fez um gesto com a mão. — Eu a deixei lá porque a iluminação é melhor. Ela gosta de sol.

O horror me deixou lívida.

— Você pretende deixar a sua aranha no *meu* quarto?

— Tem uma aranha na minha casa?! — Fabiola perguntou ao mesmo tempo, o queixo quase se desprendendo do crânio.

Fabiola tinha pavor de insetos, sobretudo aranhas. Uma vez acordei com o ruído de coisas se quebrando no quarto ao lado e, quando fui verificar, a encontrei sobre a cama, atirando tudo o que havia na mesinha de cabeceira em uma aranha presa ao teto, do tamanho de um grão de feijão.

— Ela é inofensiva — Alan garantiu a nós duas, suspendendo o tecido que ameaçou escorregar dos quadris. — As tarântulas não são peçonhentas. Os pelinhos que cobrem o corpo da Carmem só produzem urticária. Ela é um amor.

Estremeci, apertando Loki contra o peito, que lutou para se libertar ao mesmo tempo que Fabiola pulou para o sofá, mesmo que o inseto estivesse no quarto.

— Ela vai estar morta se não sumir desta casa em cinco minutos! — minha

amiga esbravejou, quase aos prantos.

Eles iniciaram uma discussão acalorada sobre limites e o que era permitido naquela casa. Por um momento bastante egoísta, baseado no puro terror de dividir o quarto com uma tarântula, desejei que eles brigassem de novo e Alan e sua aranha nojenta sumissem da nossa vida. Mas, se isso acontecesse, Fabi ficaria de coração partido. Vê-la sofrer era a última coisa que eu queria.

— Gente, espera — me intrometi na discussão, soltando Loki sobre o sofá. — Acho que eu exagerei um pouco. A aranha não sai do aquário? — perguntei a Alan.

— Não. A menos que...

— Não se atreva, Melissa! — Fabiola apontou um dedo imperioso para mim. — Você não vai dormir com uma aranha. E nem eu. — E, para o namorado, disse entredentes: — Logo, ou ela vai embora ou vão vocês dois, Alan!

Dez minutos depois, Alan passou pela porta da frente carregando o aquário nos braços. Ia deixar Carmem na casa da irmã até pensar em outra solução. Fabiola foi para o banheiro tomar um banho porque, segundo ela, “sentia patinhas peludas andando sobre a pele”, mesmo que tivesse se mantido a três metros de distância do inseto.

— Gastei dinheiro à toa no batom novo — resmungou, emburrada, ao fechar a porta.

Voltei para o quarto, me sentindo culpada e infeliz. Eles teriam tido uma noite especial se eu não tivesse surpreendido Alan. Fabi teria adorado a surpresa e me contado cada detalhe na manhã seguinte, entre suspiros e risadas. E eu havia estragado o momento deles. Desconfiava que situações como aquela — onde eu aparecia e jogava água na fervura — se tornariam cada vez mais frequentes.

Meu gato percebeu que eu precisava de um pouco de alento e veio se enrolar em uma rosinha de encontro às minhas costelas. Perto da meia-noite, ouvi a porta da frente se abrir, uma conversa sussurrada na sala que culminou no cômodo ao lado, e então foi silenciada pelo protesto do colchão e gemidos agudos. Eu me estendi para apanhar os fones de ouvido e o celular dentro da bolsa, ligando uma playlist qualquer, aliviada por não ter arruinado a noite deles por completo. Ainda assim, não consegui deixar de pensar que Loki e eu estávamos sobrando. Eu precisava fazer alguma coisa.

Voltar para a casa dos meus pais não funcionaria. Ainda me lembrava dos dois anos em que a rotina de eventos quase me transformara em um zumbi. Saía de casa às cinco da manhã para chegar à agência no horário e muitas vezes voltava de um compromisso às três da madrugada, de modo que restava pouco mais de sessenta minutos para que eu tivesse que me arrumar e começar tudo de novo. Então, Fabiola me convidara para morar com ela, mesmo sabendo que eu não

poderia pagar minha parte no aluguel, apenas contribuir com as contas da casa. Minha melhor amiga sempre esteve lá por mim, sobretudo depois do acidente, no período mais sombrio de minha vida. Sem ela, não sei se eu teria sobrevivido a tamanho desespero.

Agora que ela e o namorado iniciavam uma nova fase no relacionamento, eu precisava me mudar o mais depressa possível para que ela pudesse viver o seu felizes para sempre do jeito certo. E Nicolas me oferecera uma saída...

Não, não, não. Nem pensar. Nicolas não era uma alternativa, só um inconveniente.

Mas um inconveniente que poderia me manter a dez minutos da Allure e só dois andares longe da Fabi...

Antes que pudesse me impedir ou ponderar sobre o que estava fazendo, destravei a tela do celular e abri a agenda, procurando pelo contato. Quando o encontrei, pressionei o botão verde antes que mudasse de ideia.

Ele atendeu no terceiro toque.

— Ei, Nicolas, é a Melissa. — Escorreguei pelo colchão com cuidado para não incomodar Loki e apoiei os ombros na cabeceira. — Desculpa ligar tão tarde, mas será que eu posso te fazer umas perguntas?

— Claro... — ele devolveu em uma voz rouca, cautelosa.

— Tudo bem. O que você acha dessa coisa de terra plana?

Ouvi o farfalhar do lençol conforme ele se remexia. Estava mais desperto ao indagar:

— Você me ligou à uma da manhã para me perguntar isso?

— Só responde, por favor. É importante.

Nicolas exalou pesadamente; eu podia apostar que revirava os olhos. No entanto, ele me deu uma resposta.

— A ideia é tão absurda que não deveríamos sequer discuti-la. Sobretudo à *uma da madrugada* — frisou.

À medida que a tela se apagava, me deixando na completa escuridão, mordi a bochecha para não rir e acordar Loki.

— Tudo bem. E qual a sua opinião a respeito da dominação do mundo pelos Illuminati?

— O quê?! — Ele meio riu, meio grunhiu. — Melissa, me desculpa por ser tão direto, mas você está bêbada?

— Não.

— Chapada, então? — arriscou.

Brinquei com o fio do fone de ouvido, rindo baixinho.

— Também não.

— Então por que me ligou a essa hora para me interrogar sobre teorias da

conspiração malucas?

Soltei um longo suspiro aliviado. Nicolas não era um lunático paranoico com a cabeça repleta de teorias conspiratórias. Era um bom começo.

Aparentemente, não fui tão sutil quanto imaginara em minha breve investigação, pois seu riso denso e profundo vibrou em meu ouvido e pelo meu estômago, arrepiando minha pele.

— Ah. Saquei — falou, divertido. — Isso é uma espécie de avaliação, certo?

— Se eu vou morar com você, preciso saber se não é um psicopata que vai me atacar enquanto eu estiver dormindo. Vou precisar dos seus dados para consultar a sua ficha de antecedentes criminais. A menos que você prefira me enviar. Vou providenciar a minha... — Virei de lado, escorregando para o travesseiro. — Quer dizer, se a sua proposta ainda estiver de pé.

— Está. — Mais ciciar de tecidos remexidos, de madeira rangendo, e Nicolas pareceu totalmente alerta ao inquirir: — Voltou a considerar a possibilidade de nós dividirmos o apartamento?

Segurando a ponta do travesseiro, me enrolei ao redor do corpo quentinho de Loki.

— Sim. Por isso eu tenho uma última pergunta. A mais importante de todas. O que você acha de gatos?

— Gatos? — repetiu devagar.

— Eu não posso obrigar o Loki a morar com alguém que não goste dele.

Ainda que o quarto estivesse escuro, vislumbrei as orelhas do bichano adormecido estremecerem à menção ao seu nome, mas não se deu ao trabalho de levantar as pálpebras.

— Você deu ao seu gato o nome do deus da trapaça? — Ele riu. — Que tipo de gato você tem?

— Um muito lindo com os olhinhos mais expressivos que alguém já viu — cochichei, deslizando dois dedos pela pelagem macia do gato dorminhoco. — Mas o nome dele não tem nada a ver com o deus nórdico e nem com o vilão do filme da Marvel. É por causa da música. Sabe, *I found no angel, I found myself...* — cantarolei. — “Loki Cat”, do Jimmy Chamberlin. Conhece?

Uma pausa. Longa o bastante para que meu estômago se revirasse com a ideia de que ele havia desistido de dividir o apartamento comigo por causa de Loki.

Mas então Nicolas soprou uma longa lufada de ar e, em uma voz um tanto surpresa, disse:

— É, eu conheço o Jimmy Chamberlin. E gosto de bichos, em geral.

— Tipo aranhas? — perguntei, em pânico.

— Eu não iria tão longe... — Sua risada grave vibrou em minha orelha. — E aí, passei no teste?

Cravei os dentes no lábio inferior.

— Passou, sim.

— Quer dizer que nós vamos dividir o apartamento? — ele quis saber, ansioso.

Vacilei. Metade de mim queria muito dizer "sim" e liberar Fabiola da minha intromissão. A outra metade, a que ficava tonta perto de Nicolas, essa não tinha tanta certeza do que responder.

— Caso eu aceite a sua proposta, nós precisamos discutir alguns pontos. — Tentei ganhar tempo. — Sobretudo no que se refere à nossa convivência.

— Imaginei que você teria algumas regras. — Ainda que eu não pudesse vê-lo, senti seu sorriso crescer.

Um longo gemido vindo do quarto ao lado passou por debaixo da porta, me fazendo encolher.

— Não são tantas assim — me defendi. — Em resumo, se você pensar em mim como um cara, nós vamos ficar bem.

— Não preciso disso para saber que preciso respeitar os limites de uma mulher, Melissa. — Soou um pouco ofendido.

E aquela era a resposta certa, a mais importante de todas.

Inspirei profundamente. E uma segunda vez. E ainda uma terceira. Não acreditava no que estava prestes a fazer. Simplesmente não podia acreditar.

— Tudo bem, Nicolas. — Soltei o ar com força. — Vamos lá. Vamos dividir o apartamento.

10

Fabiola e eu arrastamos a cama para perto da parede e depois tombamos sobre o colchão ainda à espera de um lençol, exaustas. Uma fina película de suor, farpas de madeira e poeira de papelão revestia minha pele, formando uma espécie de armadura, e nem a brisa que soprava pela janela escancarada refrescava a tarde quente daquela segunda-feira.

Ainda havia muito o que fazer: minhas coisas se espalhavam pelo cômodo dentro de caixas, as prateleiras jaziam no piso, desmontadas, ao lado de uma alta coluna de livros. A princípio parecera fácil levar minha pequena mudança para o

terceiro andar. Eu só tinha a mobília do quarto e algumas caixas com itens menores. Mas, depois de subir com a cama e a cômoda, pela primeira vez na vida fiquei feliz por não ter um guarda-roupa.

Então ali estávamos, espatifadas na cama do meu novo quarto, que se parecia demais com o antigo graças à planta do prédio, só que invertido. Eu torcia para que isso facilitasse a adaptação de Loki à casa nova e ele não tentasse fugir para a antiga na primeira oportunidade. Ao que parecia, ele ainda não se dera conta de que nossa vida mudara, distraído demais batendo na tampa de uma das caixas para pensar em um plano de fuga.

— Tá legal... e agora? — perguntou Fabiola, o peito subindo e descendo pelo esforço excessivo. — Arrumar a cômoda ou instalar as prateleiras?

Relanceei a pilha de madeira no canto e cogitei a hipótese de conviver com ela daquele jeito. Era uma pilha até que jeitosinha.

— Sabe de uma coisa? Acho que eu não preciso tanto assim de um lugar para guardar livros. — Gemi, encarando o teto. — Eu não sabia que cílios podem doer, mas até isso está latejando.

Ela riu, cutucando minhas costelas com o cotovelo.

— Depois de todo o trabalho que nós tivemos para trazê-las aqui para cima, você vai pendurá-las na parede sim, e vai gostar disso. Você devia ter contratado uma equipe de mudança, que nem o Nicolas fez.

— Pensei que teria que economizar para comprar alguma mobília para a sala ou a cozinha. Mas o Nicolas já tinha tudo. Usei uma parte do dinheiro na instalação das telas das janelas. Não podia trazer o Loki pra cá sem elas. — Indiquei a vidraça com o queixo. Meu pescoço estalou.

Ela virou a cabeça para me encarar, as ondas negras se derramando sobre o colchão de tecido brilhante.

— Não sabia que o Nicolas tinha tanta grana. Pelo menos sete itens da sala estão no catálogo da Tok Stok — comentou, impressionada.

— O Dênis me contou que o Nicolas se deu bem na profissão. Parece que foi contratado por uma fábula pela... Não lembro o nome.

Meu novo colega de apartamento havia se mudado no último sábado, um dia inviável para mim, de modo que apenas naquela manhã de folga eu conseguira levar minha tralha para o terceiro andar. Na noite anterior, ao subir para avisar Nicolas de que me mudaria, me surpreendi com sua oferta de ajuda. Claro que recusei prontamente. Eu era capaz de cuidar de minha própria mudança — eu não considerara o peso de um colchão escada acima; física nunca foi meu forte —, mas achei legal da parte dele ter se oferecido. Eu ainda não o vira naquele dia. Ele já havia saído para o trabalho quando Fabi e eu chegamos com as primeiras caixas, e fiquei impressionada com o que ele havia feito no

apartamento, sobretudo por não avistar nenhuma esquisitice.

Não sei bem como eu imaginara o lugar onde Nicolas Cassani morava. Algo parecido com um sex shop talvez chegasse perto. Por isso fiquei agradavelmente surpresa ao me deparar com uma casa de verdade. Quer dizer, toda aquela madeira escura, couro preto e objetos cromados pela sala criavam um ambiente bastante masculino e quase intimidador. Mas os detalhes suavizavam o aspecto austero e transformavam o apê em um lar: uma pilha de livros amontoadas na estante baixa sob o painel da imensa TV, uma bola de basquete bastante gasta encostada nas lombadas. Ele usara uma das encadernações como apoio para a caneca de café e a esquecera sobre o sofá cinza-escuro. Em vez de uma mesa de jantar, ele preferira uma de trabalho com um gaveteiro e a posicionara sob a janela, onde o iMac cuja tela era quase tão grande quanto a TV brigava por espaço com o suporte para o headphone, uma impressora laser, mais livros — esses sobre tecnologia da informação — e um porta-retratos de uma versão mais jovem de Nicolas abraçado aos pais. A semelhança entre ele e o pai era impressionante.

E seu quarto... bom... era a cara de Nicolas, de um jeito que eu não tinha antevisto. Eu meio que fora atraída para aquele cômodo assim que Fabiola desceu para pegar mais caixas e me vi sozinha no apartamento. Convencera a mim mesma de que fora a curiosidade que dominara meus pés e me levava para dentro do quarto dele. Qual é? Era a primeira oportunidade que eu tinha de admirar os domínios de um conquistador com C maiúsculo. É claro que eu estava curiosa para conhecer o lugar onde ele fazia sua mágica e me decepcionei um pouco ao perceber que era tudo muito normal. Em vez de uma cama redonda, espelho no teto e uma cadeira esquisita para estripulias sexuais, havia uma cama alta e larga coberta por lençóis cinzentos, com cabeceira simples em madeira escura, também presente no guarda-roupa e nos criados-mudos. Sobre um deles havia uma luminária cromada de linhas retas que apontava para um relógio digital, um bloquinho de notas e um livro de Arthur Conan Doyle. E era isso. Simples e acolhedor, bem diferente do motel barato que eu havia idealizado. Normal o bastante para eu me sentir menos aflita com relação à decisão que tomara.

Loki conseguiu levantar um dos lados da tampa da caixa e enfiou metade do corpo dentro dela. Com um esforço hercúleo e um gemido dolorido, me forcei a continuar com a arrumação, primeiro tirando meu gatinho do caminho, depois as roupas, tomando cuidado para não desdobrá-las ao empilhar tudo sobre a cômoda. Assim que esvaziei a primeira caixa, girei-a para que a abertura ficasse de lado. Loki não perdeu tempo e se atirou dentro dela com tanto ímpeto que a caixa deslizou alguns centímetros pelo piso liso.

Fabiola rolou no colchão, dobrou o braço e apoiou a cabeça na mão, me observando abrir outra caixa.

— Nem parece você, sabia? — comentou, contente. — Se jogando em uma novidade desse jeito. Morar com um estranho...

— O Nicolas não é tão desconhecido assim. É da família de dois dos meus noivos. Mas eu fiz umas perguntas antes de topar dividirmos este apê e dei uma olhada nos antecedentes dele. Ele não é perigoso.

— Minha amiga, você já olhou bem para aquele homem? — Ela caiu de costas na cama, suspirando. — O Nicolas exala perigo por cada poro!

Ah, eu me lembrava bem disso. Ainda não havia superado o fato de ter desejado beijá-lo no bar. Perdi as contas de quantas vezes tentei resolver a questão, e a única conclusão a que cheguei foi que o impulso se originara na quantidade de álcool em meu corpo. Eu teria me atirado sobre uma abobrinha se ela tivesse sido legal comigo naquela noite. E Nicolas era... bom, era atraente para cacete, tinha um magnetismo absurdo e havia dito coisas bacanas a meu respeito. É claro que tinha sido isso. Sóbria, eu estava certa de que não me sentiria nem um pouco tentada a experimentar sua boca. Ou o queixo teimoso. E nem pensar em deslizar a pontinha da língua ao longo do pescoço largo e...

— Eu preciso ir agora. — Fabiola se levantou, massageando os ombros, e interrompeu minha linha de raciocínio. Ou a falta dele, devo dizer. — A minha mãe quer conhecer o Alan e marcou um jantar. Fui intimada a ajudar na cozinha. — Franziu o nariz. — A menos que você ainda precise de mim.

— Vou terminar de arrumar as roupas e depois quero dar uma revisada no projeto da Camila. Tudo tem que estar perfeito para a apresentação de amanhã. Você já fez bastante. Muito mais do que deveria. — Enfiei uma pilha de calcinhas na gaveta e me virei para abraçá-la, meio sem força. — Obrigada, Fabi. Por tanta coisa.

Ela me deu um aceno corajoso, mas apoiou o queixo trêmulo no meu ombro.

— Não acredito que a gente não vai mais morar junto — resmungou, chorosa.

— Ei, até parece que a gente nunca mais vai se ver. Estou só a dois andares de distância. — Eu a segurei com mais energia quando um soluço ecoou pelo quarto. — Ah, não, Fabi. Chorar é golpe baixo. Nós não somos esse tipo de pessoa que c-chora p-por qualquer c-coisa... — Mas nós duas sabíamos que não era assim tão simples. Um capítulo se encerrava em nossa vida e um novo começava. E nenhuma das duas sabia se estava pronta para o que viria.

Nós nos soltamos ao mesmo tempo um pouco depois, entre risos e olhos molhados. Eu a acompanhei até a porta, e, antes de tomar o rumo da escada, ela se deteve para me observar, os dentes cravados no lábio inferior.

— Mel, toma cuidado, tá? — pediu, a preocupação estampada na testa. — O

Nicolas não é o tipo de cara com quem se deva brincar.

— Não pretendo brincar com ele. Pode confiar. Vou ficar absolutamente bem.

Até porque, nos últimos tempos, ele andava sendo quase agradável, o que me dera esperanças de que o arranjo podia dar certo. Além disso, eu estava naquela casa desde as oito da manhã e nem sinal de Nicolas Cassani ainda. Com meus horários malucos e a rotina de escritório dele, mal nos veríamos. *É isso aí*, pensei, animada, ao fechar a porta depois de Fabiola ir embora. Ia dar tudo certo.

— Miau!

Olhei para baixo e vi meu gato sentado sobre as patas traseiras, orgulhoso de sua mais nova caçada: uma esponja de cozinha.

Rindo, me curvei para envolvê-lo nos braços e agradei o presente roçando o queixo em sua cabecinha.

— O que você acha, Loki? Eu fiz uma grande besteira ao trazer a gente pra cá?

Ele lambeu alguma coisa em minha bochecha. Um pedaço de fita adesiva, constatei.

— Tem razão. Não dá mais pra mudar de ideia. — Com ele em um braço e a esponja na outra mão, fui terminar nossa mudança.



A noite já havia caído quando desliguei o chuveiro. A água morna havia feito muito pouco pelos meus músculos doloridos. Mas ao menos eu me sentia humana de novo. Empurrei a porta do box e levei a mão ao suporte de toalhas, mas encontrei apenas uma preta que não reconheci. Corri os olhos pela bancada onde eu organizara meus produtos de higiene em uma bandeja espelhada. Nicolas era bastante econômico nesse departamento: um desodorante, escova de

dentes dentro de um copo e um perfume ocupavam o outro lado. O problema é que minha toalha não estava lá.

Fiquei tentada a usar a toalha dele, mas desisti da ideia. Não queria que essa fosse a primeira impressão que ele tivesse de mim — utilizar suas coisas sem pedir permissão. Praguejando, abri uma frestinha da porta e espiei, apurando os ouvidos. O apartamento continuava silencioso. Nicolas não tinha chegado. Sem perder tempo, corri para o quarto, ainda pingando, e fechei a porta ao passar por ela.

Um silvo reverberou pelo cômodo; grave demais para pertencer ao meu gatinho.

Girei sobre os calcanhares de imediato, a tempo de ver Nicolas, agachado ao lado das prateleiras ainda no chão, lentamente se levantar, os olhos arregalados se erguendo enquanto acompanhavam minha silhueta.

— Ah, merda! — exclamei, me cobrindo do jeito que deu ao mesmo tempo que ele se virou para a parede.

Voei para a cama, puxando o lençol ainda dobrado, lutando para me enrolar a ele, a vergonha queimando em minhas bochechas.

— E-esqueci de pegar a toalha — balbuciei, mortificada. — Pensei que você ainda n-não tivesse voltado pra casa.

— Cheguei faz dois minutos. Vim oferecer ajuda com a montagem de alguma coisa, mas... humm... parece que você está com tudo no lugar. Quer dizer... tudo está no lugar certo. No quarto. — Seu pescoço ficou muito vermelho. — Eu acho que vou... humm... — Sem olhar em minha direção, Nicolas deu a volta e fechou a porta depois de passar por ela.

Caí sentada na cama, a respiração curta.

— Droga. — *Que belo começo, hein?*

É claro que eu teria preferido nunca mais sair daquele quarto e ter que encarar Nicolas enquanto vivesse. Mas eu odiava demonstrar fraqueza. Além disso, não era nada de mais.

Então, meu colega de quarto me viu pelada... Fabiola me via sem roupa o tempo todo. Era normal acontecer de vez em quando, certo?

Eu ainda tentava me convencer disso ao ir para a sala, alisando o vestido soltinho de malha com toda a dignidade que não sentia. Nicolas estava no sofá, os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos unidas entre eles, chacoalhando uma das pernas nervosamente. Ergueu o rosto ao me ouvir chegar. Não consegui decifrar o que divisei em sua expressão, e ainda assim corei da raiz dos cabelos à sola dos pés.

— Nicolas, eu não sabia que você estava em casa. — Umedeci os lábios secos. — Desculpa. Não vai acontecer de novo.

— Tudo bem. Está com fome? Eu trouxe o jantar. — Indicou a sacola de papel e as duas latas de cerveja sobre a mesinha, sem aquela desenvoltura característica.

Eu pisquei.

— Por quê?

Meu comentário fez um dos cantos de sua boca se elevar, e sua postura relaxou.

— É tão estranho assim querer dar as boas-vindas à pessoa que vai viver comigo de hoje em diante?

— Não. C-claro que não. — Fiquei ainda mais vermelha. — Foi um gesto bacana. Obrigada.

Me sentindo meio idiota ali, de pé olhando para ele, fui me sentar na poltrona, mantendo seguros dois metros de distância dele. Nicolas sorriu de leve, mas, o que quer que o divertisse, preferiu não dividir comigo e se curvou para abrir a sacola. Reparei no logotipo japonês no papel e meu apetite desapareceu.

Ah, credo. Sushi.

— Não sei se tenho forças para levantar o braço — comentei, como quem não quer nada. — Acho que não vou conseguir comer.

— Tem mais que o bastante para nós dois. — Ele abriu uma cerveja e me entregou. — Tem certeza?

— Obrigada — agradei —, mas tenho sim.

Dando de ombros, ele ergueu o anel da outra lata e tomou um grande gole antes de retirar uma caixinha e um hashi de dentro do pacote. Mordeu o envelope que protegia os pauzinhos e desencaixou as abas da caixa. O aroma de legumes e molho shoyu explodiu no ar e acertou meu nariz com a mesma delicadeza de um soco. Meu estômago rosnou, faminto.

Nicolas ouviu e arqueou uma sobrancelha, abocanhando uma porção generosa de yakissoba numa pergunta muda.

— Sabe de uma coisa? Acho que mudei de ideia. — O saco de papel farfalhou conforme eu o revirei em busca de comida. — Bananas caramelizadas também! — me animei ao ver a caixinha retangular no fundo do pacote. Como ele sabia que yakissoba e banana caramelizada eram as únicas comidas orientais de que eu gostava? — Não pode ser mais dolorido que trazer meu colchão aqui para cima.

— Você devia ter aceitado a minha ajuda — comentou, limpando a boca no guardanapo.

— Consegui trazer tudo. — Dei de ombros, e me arrependi ao sentir um músculo fisgar. — Só falta instalar as prateleiras. Vou tentar pendurar na quarta. O evento não deve acabar muito tarde.

— Você vai encontrar uma furadeira no armário da área de serviço. — Ele

voltou a comer. — Fique à vontade para usá-la. Ou espalhar o que quiser pela casa. A cozinha está abastecida. Acho que deixei tudo à mão, mas pergunte se tiver dificuldade para encontrar alguma coisa. Deixei algumas gavetas livres pra você. — Apontou com o hashi para o gaveteiro sob a mesa de trabalho.

Franzi a testa, surpresa por ele ter se esforçado para facilitar as coisas para mim. Não era o tipo de atitude que eu esperava de Nicolas. Era uma boa descoberta.

— Agradeço a gentileza, Nicolas, mas não vou precisar da gaveta. Só tenho um notebook e uma agenda. Já estou acostumada a trabalhar na cama. E, quanto à cozinha, não tenho autorização para me aproximar do fogão. — Abocanei um brócolis.

Sorvendo mais um gole de cerveja, limpou os lábios nas costas da mão, me encarando com a testa encrespada.

— Desde quando?

— Desde que tentei fazer brigadeiro e terminei a aventura com uma pedra dura marrom, um pano de prato em chamas e uma conversa bastante desagradável com um bombeiro. Eu sobrevivo à base de sanduíches e congelados.

A gargalhada lhe sacudiu os ombros, e sua caixinha tombou de leve, respigando um pouco de molho em seu polegar.

— Vou me lembrar de comprar um extintor. — Levou o dedo à boca, sugando o molho.

Por um instante muito constrangedor, tudo o que consegui foi observá-lo à medida que o mundo girava mais devagar, ficava mais quente e barulhento.

Seu olhar se fixou em um ponto abaixo do imenso painel da tv.

— Não sei se estou sendo admirado ou se ele está tramando alguma coisa perversa contra mim.

Esticando o pescoço, vislumbrei os olhinhos desconfiados de Loki entre a pilha de livros e a bola de basquete.

— Ele só está assustado com a mudança — expliquei —, se acostumando com os novos cheiros, esconderijos. Ele vai sair quando estiver pronto. O Loki teve um início de vida bem ruim e desconfia de todo mundo...

Narrei como dois anos antes eu encontrara meu gato dentro de um saco de lixo, sem comida ou água, abandonado na calçada perto da Allure. Havia mais três gatinhos, mas não tiveram a mesma sorte e já estavam mortos quando eu apareci. O pobrezinho era pouco maior que a minha palma, basicamente só pelo e osso. Mas fora valente, me arranhando o caminho todo até em casa.

Ironicamente, minha mãe era a única de quem ele jamais desconfiou, o que me partia o coração, pois eu o adotara alguns meses após o acidente, de modo

que Loki não existia na memória de mamãe. Mas achei que Nicolas não precisava saber de nada disso.

— Que espécie de gente faz uma maldade dessas com um animal indefeso? — perguntou, perplexo e indignado.

— Bem que eu gostaria de saber. — Mastiguei uma rodela de cenoura. — Ele passou semanas se escondendo. A primeira vez que se aproximou sem tentar cravar as garras em alguma parte do meu corpo eu estava ouvindo “Loki Cat”, me arrumando para um evento, então ele meio que escolheu o próprio nome. Daí em diante entendeu que podia confiar em mim, mas eu ainda carrego as marcas da batalha do nosso relacionamento. — Puxei as pulseiras para cima para que ele visse a fina cicatriz em meu antebraço. — Acho que é a isso que as pessoas se referem quando dizem que o amor dói.

Ele me estudou por um momento, um discreto sorriso curvando os cantinhos da boca.

— Acho que vocês dois têm muito em comum — ele disse, num tom provocativo.

Empunhei os hashis como se fossem uma espada.

— Se você mencionar as minhas sardas...

— As garras, Mel — atalhou, bebericando a cerveja. — Desconfio que em breve eu também vou ter algumas marcas de batalha para exibir.

O que aquilo significava? Nicolas pensava que ia ter algum tipo de relacionamento comigo?

Ah, espera. Já tínhamos um. O apartamento. Devia ser isso que estava passando pela sua cabeça.

Não sei precisar o momento em que a atmosfera mudou. Creio que tenha sido no instante em que nossos olhares se chocaram. As íris azuis ficaram mais escuras, profundas, chamejantes. Uma espécie de conexão se formou, faíscas de eletricidade se agitando no espaço que nos separava.

O ar escapou de meus lábios em um sopro instável. O silvo suave pareceu despertar Nicolas, que sacudiu a cabeça, tentando desembaralhar os pensamentos, imaginei, e se concentrou em sua comida.

Eu já não tinha mais fome. Encaixei as abas, fechando minha caixinha, e fiquei de pé.

— É melhor eu ir pra cama — falei, sem saber onde colocar as mãos. — Vou apresentar um projeto amanhã e não quero parecer um zumbi. — Parecia convincente o bastante.

Eu me curvei para recolher as embalagens rasgadas dos hashis, mas Nicolas teve a mesma ideia, de modo que nossos dedos se esbarraram. A força de um raio perpassou meu corpo. Recuamos ao mesmo tempo, ambos confusos e muito

sem graça.

— Pode deixar. — Ele clareou a garganta, ficando de pé, apanhando a caixinha de minhas mãos e tomando cuidado para que sua pele não encontrasse a minha. — Eu arrumo tudo. Já fez coisas demais por um dia.

Com meio metro entre nós, Nicolas continuou me observando daquele jeito todo dele, que parecia enxergar minha alma. Eu me senti tonta, fraca. E quente.

Era melhor ir para longe dele, decidi.

— Boa noite, Nicolas — consegui dizer, convencendo minhas pernas a se movimentarem.

Um sorriso que eu não soube muito bem como interpretar tocou seus lábios.

— Boa noite, Mel.

Por um segundo, cogitei a hipótese de lhe dizer que ele não tinha autorização para usar meu apelido — nem Fred me chamava assim —, mas preferi ignorar o excesso de intimidade e apanhei Loki a caminho do quarto, um pouco assustada com esse Nicolas. Era o mesmo que encontrei no bar — e que eu quis beijar, é bom lembrar. Ele era bem diferente do que aquele que eu conhecera na igreja. Eu não sabia lidar com esse Nicolas gentil, atencioso e educado e que trazia comida para mim.

Ainda pensava nisso depois de escovar os dentes e me esticar na cama, esperando Loki se aconchegar em minha barriga. Deduzi que passaria a noite em claro, estranhando os ruídos da casa, os perfumes, mas a exaustão me nocauteou em poucos minutos e me perdi na escuridão. Sonhei com uma tempestade em um oceano turbulento, que aos poucos se acalmava conforme o sol se abria, salpicando a superfície azul de ouro puro, transformando o mar em um grande lago pacífico da cor de uma lápis-lazúli.

11

— Mel, a Camila está subindo — anunciou Gabriela, colocando a cabeça entre o batente e a porta da sala de apresentação da agência.

— Finalmente! — resmungou Fabiola, acomodando os guardanapos na mesa de centro.

— Ok. Já estou pronta. — Alisei a blusa preta, dando uma última checada para ter certeza de que tudo estava onde deveria estar.

Branco das paredes à mobília, o espaço reservado para conquistar o cliente ganhara vida com os buquês de orquídeas roxas que eu encomendara (as flores

favoritas de Camila, segundo a revista *Tempo*) e com as almofadas em tons dourados sobre o estofado. Dez quadros com fotografias em preto e branco pendurados acima do sofá exibiam os cenários mais bonitos criados pela agência — seis deles produzidos por mim. A bandeja de petiscos sobre a mesa de centro brilhante perfumava o ambiente com aromas salgados e doces. Eu já testara a conexão da tv embutida no bonito painel de laca, que graças ao laptop sobre a mesa de vidro mais ao canto apresentava o logo dourado da Allure em um fundo roxo.

Eu estava pronta para a apresentação da minha vida. Nervosa, mas pronta.

Fabiola notou minha tensão e passou o braço no meu conforme íamos recepcionar a noiva na entrada da agência.

— Quer que eu te ajude com a apresentação? — ofereceu.

Neguei com um firme abanar de cabeça.

— Vai ser fácil, Fabi. Nunca tive uma noiva tão disposta a ser agradada quanto a Ca... — Parei de falar ao chegar à sala principal e ver minha noiva saltar do elevador... de braço dado com meu ex.

— Ah, cacete... — Fabiola gemeu baixinho, partilhando meu horror.

Vesti uma expressão alegre ao me adiantar para encontrá-los, mas me coloquei em guarda. Eu não tinha certeza de qual era o motivo de Fred estar ali. Meu sexto sentido me dizia que não era para decidir se serviriam champanhe francês ou um cava espanhol na recepção.

Eu os saudei da maneira mais profissional que pude, evitando olhar para ele. Uma mulher cujas fotos estampavam o caderno de economia quase toda semana também os acompanhava. Helena de Castro Bueno retirou os óculos de sol e os bateu na palma da mão, o olhar arguto avaliando cada detalhe da agência, cada um dos funcionários, até se deter em mim. Ela me examinou de alto a baixo, franzindo o nariz.

Verifiquei se não tinha nada preso na blusa... um rato morto, a julgar pela aversão no semblante da mulher... mas não. Estava tudo em ordem com minha roupa. Qual era o problema?

— Melissa — se adiantou Camila, com uma empolgação quase infantil —, esta é minha mãe, Helena.

— Muito prazer, senhora. — Estendi a mão.

Helena a pegou de um jeito meio frouxo, quase como se não quisesse me tocar. Sua filha não percebeu nada, pendurada no ombro de Fred, parecendo ansiosa e impaciente.

— Os dois querem participar de todas as decisões — a noiva me contou, numa empolgação só. — Na verdade, a Paris também queria vir, mas ficou presa no escritório.

— Quanto mais gente para te ajudar a tomar decisões, melhor. — Forcei um sorriso. — Estou com tudo pronto. Por aqui. — Apontei com o braço para o corredor que levava para a sala de apresentação.

Esperei que fossem na frente antes de segui-los e me surpreendi ao ver Fabiola passar atrás de Helena e afinar o passo com o meu. Antes que eu pudesse perguntar o que ela pretendia, Sônia saiu de sua sala, ajeitando um fio solto imaginário na cabeleira dura de spray, e interceptou os recém-chegados antes que entrassem na sala.

— Ah, que tarde gloriosa! — Ela estendeu os braços, toda maternal para Camila. — Querida Camila, que prazer, enfim, conhecê-la.

Aproveitei a distração do grupo para me inclinar para Fabiola e cochichar:

— Fabi, eu posso fazer isso sozinha.

— Pode mesmo — concordou, me pegando pela mão. — Mas não precisa. E nem vai.

Um pouco irritada com a intromissão, e muito grata por ter encontrado Fabiola neste mundo, fomos juntas para a sala e eu assumi meu posto ao lado da TV enquanto Fabiola se acomodava atrás do computador, aguardando que os convidados entrassem. Dois minutos depois, os noivos se sentaram bem diante da tela — Camila exalando alegria, e Fred desconforto. Helena e Sônia se ajeitaram no sofá menor.

Inspirei fundo, preguei um sorriso na cara e fiz o que sabia fazer melhor: transportar as pessoas para a terra mágica da fantasia. Camila arfou ao vislumbrar a ilustração em 3D de sua casa na praia, a festa grandiosa se esparramando pelo gramado. Fabiola tinha feito um trabalho e tanto naquelas imagens, transpondo para a tela tudo aquilo que eu visualizara em minha imaginação.

Minha noiva conservava os olhos bem abertos, com medo de piscar e perder alguma coisa. Eu a conquistara. Sabia disso tão bem quanto sabia que teria que insistir que ela usasse um penteado meio preso em seu dia especial, para evitar que o vento litorâneo o bagunçasse muito. Até Helena e Sônia pareciam — ofensivamente — impressionadas. Fred foi o único a não esboçar qualquer emoção.

— Melissa! — Camila piscou várias vezes assim que encerrei a apresentação, ainda hipnotizada pela imagem congelada do interior da tenda. — É a coisa mais romântica que eu já vi. Está in-crí-vel! Você colocou tudo o que eu pedi e ainda mais! Não ficou perfeito, mamãe?

Helena anuiu uma vez, meio a contragosto. Qual era o problema daquela mulher?

Do canto, Fabiola me deu uma piscada. “Bom trabalho”, pareceu querer dizer.

É, a gente tinha conseguido.

Sônia se levantou, deslizando as mãos pelas laterais do vestido roxo, e mostrou os dentes.

— A Allure está muito feliz em saber que conseguiu atender as suas expectativas, Camila — anunciou, altiva. — É nossa melhor recompensa.

O contrato milionário não tinha nada a ver com a expressão de êxtase da minha chefe, é claro.

O que importava era que Camila tinha gostado, minha chefe estava de volta ao escritório com novas sobrancelhas, e eu terminaria o dia com a palavra “produtora” gravada em minha carteira de trabalho.

Era o que teria acontecido se o mundo fosse perfeito e Fred não existisse.

— Eu não gostei — meu ex declarou, em alto e bom som.

— De que parte? — Camila quis saber, assombrada.

— De todas as partes. — Ele abanou a mão para a tela. — Parece tudo muito infantil. Essa coisa de arcos de flores e luzes mais parece o desejo de uma garota de quinze anos que não sabe como a vida adulta funciona. É tudo muito cor-de-rosa.

O alarme soou alto e estridente pelos meus pensamentos. Não. Ele não seria tão idiota e mesquinho assim...

Camila conservou o sorriso, mas algo em seus olhos se apagou. Cada um dos pontos assinalados por Fred tinha sido ideia dela. “Vai lembrá-lo de Bali”, me dissera, entusiasmada.

Alheio à mágoa que causava na noiva, ele acrescentou:

— Nós agradecemos o empenho, mas vamos estudar outras opções. Alguma coisa mais tradicional. — Ele se levantou, esticando as mangas do paletó com um firme puxão antes de pegar uma atarantada Camila pelo braço e ajudá-la a ficar de pé.

O sorriso de Sônia vacilou. Mísseis saíam de seus olhos direcionados para minha cabeça.

“Faça alguma coisa!”, pareceu ordenar.

Filho da mãe. Que grande filho da mãe. Ele não estava ali para ajudar a noiva a decidir porcaria nenhuma. Sua intenção era me causar problemas, como tinha prometido na calçada em frente ao bar duas semanas antes, mesmo que ao fazer isso ferisse sua noiva. Ele ia mesmo levar adiante a ameaça de me afastar de Camila.

Um rosnado baixo vibrou em minha garganta. A mão fina de Fabiola pousou em meu ombro.

— Calma — ela pediu baixinho.

Eu devia mesmo estar fora de controle, pois nem sequer a ouvi se aproximar.

Mas como eu poderia ficar calma se aquele cafajeste tentava roubar minha melhor cliente?

Entretanto, ninguém nunca ganhou uma guerra com gritos, não? Inspirei fundo e coleí no rosto uma expressão jovial que me custou algumas horas de vida.

— Ter várias opções é sempre boa ideia, sr. Lanza — concordei, conseguindo a atenção dos noivos. — Assim se tem certeza do que se quer quando se toma uma decisão.

— É ótimo que você pense assim — ele anuiu com firmeza, puxando Camila para a porta.

— É por isso que eu preparei uma segunda apresentação. — Sorri.

O queixo de Fred quase se desprende do crânio, dando a chance de Camila se desvencilhar de sua pegada.

— Não é inspirada em Bali — expliquei a ela. — É bem clássica, com um quê bucólico, e eu acho que seria perfeita para você.

— Estou totalmente aberta a novas possibilidades. — Ela tornou a se sentar, puxando a mãe pela mão para ocupar o espaço ao seu lado.

Encarando-me como se me esganasse mentalmente, meu ex arrastou os pés para perto das duas mulheres. Qual é? Que tipo de profissional despreparada ele imaginava que eu era? Eu podia não conhecer Fred da maneira que pensava, mas ele também não fazia ideia de quem eu era.

Fabiola trocou os arquivos e me ajudou a apresentar o projeto gráfico do casamento. *O casamento*. A festa luxuosa e requintada digna da realeza com a qual eu sonhara por dois anos inteiros. Sônia, em pé ao lado da porta feito um leão de chácara — certamente para impedir que alguém saísse daquela sala —, parecia atônita conforme eu passava de uma imagem a outra, ampliando os detalhes e discorrendo sobre a importância de cada um deles. Os olhos de Camila brilharam, comovidos e apaixonados pela festa mais incrível que minha mente já conseguira criar. Fred permaneceu impassível, mas seu olhar o traía. Ele estava impressionado. Admirado até.

A apresentação acabou e eu desliguei a tv.

— Ai, meu Deus, Mel! — Camila piscou algumas vezes. — Estou total, completa e absurdamente ma-ra-vi-lha-da! — Eufórica demais para se manter sentada, ela ficou de pé, o olhar ainda fixo na tela apagada. — Como você conseguiu algo tão... tão... magnífico?!

— Pra ser franca, esse é o casamento dos meus sonhos. Eu venho trabalhando nele há algum tempo. Tinha esperança de que um dia tivesse a chance de apresentá-lo para alguém que o merecesse.

Ainda sob o impacto da apresentação, ela me sufocou com um abraço. Por sob

seu ombro, vi Fred fechar a cara.

É isso aí, cretino. Eu sou boa nisso.

Sônia arqueou uma sobrancelha para mim. Era o mais próximo de um elogio que eu recebia da minha chefe desde que entrara na agência.

— Eu quero isso! — Camila me soltou e contemplou o noivo, retorcendo os dedos na altura da cintura. — O cenário elegante, o clima de requinte... o romantismo em cada detalhe sem pesar demais... é o que eu quero, xanxão.

A súplica em seu tom arrastou os olhos do meu ex para os dela.

— Tem certeza? Nós podemos analisar outros projetos, outras agências, antes de decidir.

— E para que, se esse é o final feliz que eu sempre sonhei para nós dois? Nós três. — Ela se abraçou à barriga lisa.

Nitidamente exausto, ele fechou os olhos e soltou o ar com força.

— Tudo bem, Camila. Que seja do jeito que você sonhou.

Dando um gritinho, ela atacou o noivo com um beijo, e eu me concentrei na bandeja de canapés intocada, ignorando a dor no centro do peito. Por mais que eu evitasse pensar nele, Fred e eu tínhamos terminado fazia duas semanas. Vê-lo beijar outra mulher ainda era algo que eu não sabia bem como enfrentar.

— Acho que nós deveríamos abrir um champanhe para celebrar este momento — ouvi Sônia sugerir, exultante. — Por que não me...

— Só um momento, Sônia — a voz aguda de Helena cortou minha chefe.

Surpresa que alguém tivesse se atrevido a tal façanha, arqueei o pescoço, percebendo um pouco tarde demais que Helena, ainda sentada de pernas cruzadas no sofá mais longo, me avaliava com muita atenção, em especial minha mão esquerda.

— Não vejo uma aliança no seu dedo. Você ainda é solteira? — ela quis saber.

— Sim, senhora. — respondi, sem entender.

— Humm... — Ela se ergueu e foi para perto da filha. — Não acho prudente que uma moça solteira bonita fique tão próxima do seu noivo.

Tentei manter a expressão enquanto Fabiola se engasgava e Camila arfava.

— O quê? — A noiva riu, totalmente sem graça. — Mamãe, que coisa mais absurda de se dizer.

— Se eu tivesse sido mais absurda, como você diz — ela persistiu, sem nenhuma entonação na voz —, o meu marido não estaria agora com a secretária pelas ruas de Nova York.

Aquilo era ofensivo em tantos níveis que as palavras ficaram entaladas em minha garganta. Que tipo de serviço ela pensava que vendíamos na Allure? Tudo bem que eu namorei o traste que ela logo chamaria de genro, mas eu não sabia

que ele tinha uma namorada.

— Você não deve arriscar o seu futuro desse jeito, Camila. — Helena abriu a bolsa e encaixou os óculos escuros na cara. — É melhor procurar outra agência.

— Concordo — se apressou Fred, aquele ordinário.

Esperei que Camila impusesse sua vontade. Em vez disso, ela gaguejou um “Mas... mas...”, olhando da mãe para o noivo.

E foi assim que eu percebi que Camila era submissa aos desejos da mãe e do noivo. Se Helena ou Fred não concordassem com sua escolha, então ela desistiria.

Imagens de Sônia gritando comigo em sua sala e atirando coisas aleatórias em mim antes de me expulsar de sua agência explodiram em minha mente. Eu contendo para meu pai que havia perdido a única fonte de renda da nossa família...

Não, não, não, não, não!

Eu tinha que pensar em alguma coisa. E depressa, pois Helena segurou a mão de Camila e parecia pronta para deixar a agência. Mas, raios, o que eu poderia dizer para convencer a mulher de que eu não representava — não mais — uma ameaça à sua filha?

Enquanto eu ia de uma ideia estapafúrdia para outra ainda mais ridícula, Fabiola, que até então acompanhava a tudo calada, decidiu interferir.

— Eu entendo a sua preocupação, dona Helena. — Minha amiga cruzou os braços atrás das costas. — E faz bem em se preocupar assim com a sua filha, mas pode ficar descansada. A Melissa está muito apaixonada pelo namorado. Acabou de se mudar para a casa dele. Estão praticamente noivos.

Eu me virei para ela de imediato.

— O quê?! — Mas foi Fred quem perguntou.

O que você está fazendo?, eu a fulminei.

Ela manteve os lábios congelados em um sorriso que dizia “salvando seu emprego”.

— Ah, meu Deus, Melissa! — Camila se soltou da mãe e bateu palmas, animada. — Por que você não me contou que também está noiva? Como se conheceram? Quem é ele?

Completamente muda de desespero e horror — mas quem podia me culpar? Minha melhor amiga me arrumara um noivo! —, não consegui produzir nada coerente além de resmungos. O que foi um tremendo erro, já que Fabiola continuou falando.

— Eles se conheceram no ensaio do casamento do primo do cara — ela se animou, ignorando meus olhares assassinos. — Aí eles se reencontraram um tempo depois, e a paixão... *buuum!* ... explodiu.

— Bem... — Helena tamborilou os dedos em sua bolsa Gucci caríssima. — Isso muda tudo, então. Uma mulher comprometida sabe respeitar o homem alheio. — E, se dirigindo à filha, adicionou, com brandura: — Mila, minha linda, o seu casamento vai entrar para os anais da história. Vai ser uma festa realmente maravilhosa.

— Eu sei, mamãe! — Camila apertou as mãos dela.

Mantive o sorriso, rolando as pulseiras para cima e para baixo ao longo do punho.

— Eu... ah... vou preparar o contrato. Fabiola, poderia me acompanhar? — Mas o que eu realmente quis dizer foi “eu vou te matar”!

Ela assentiu com uma expressão totalmente inocente e começou a me acompanhar para fora da sala de apresentação. Antes que eu fechasse a porta, porém, ouvi Sônia dizer:

— Eu preciso debater um pequeno detalhe com Melissa. Volto num instantinho. — Então passou pela porta, fechando-a suavemente.

Depressa, Fabiola ergueu os ombros, animada com o adiamento de seu assassinato, e começou a se afastar pelo corredor quase aos pulos.

Eu não fazia ideia do que Sônia queria comigo. Tudo o que eu sabia era que tinha que voltar para aquela sala e explicar para Camila que Fabiola andava tomando uns alucinógenos antes que a noiva descobrisse que eu a havia enganado. Duas vezes. Meu Deus, Sônia ia me esganar assim que ouvisse tudo. Mas eu não podia permitir que a mentira se prolongasse nem mais um segundo. Era errado. Muito, muito errado.

Por isso, tremendo dos pés à cabeça, encarei minha chefe e tentei fazer a verdade sair.

— Sônia, houve um mal... — comecei.

— Por que não tem champanhe na sala? — exigiu, furiosa, me pegando pelo braço e me arrastando para longe da porta.

— Porque a Camila está grávida. — Tropecei atrás dela. — Eu não sabia que o noivo e a mãe viriam. Ela não me avisou.

Parando no limite do corredor, de costas para a agência, ela não percebeu que seus funcionários se amontoavam na mesa de Fabiola para nos espiar.

— Eu preciso que você resolva uma questão com a imprensa. — Alisou a gola do vestido cor de berinjela. — Parece que um jornalista viu a Camila entrando no prédio e quer saber se nós temos algo a ver com isso. Alinhe tudo com a noiva depois que preparar o contrato.

— Tudo bem. Mas eu queria...

— E, por favor, tome cuidado com o que vai dizer aos jornais. Não quero a minha produtora dizendo asneiras por aí.

Eu sempre preferia tratar com a imprensa por e-mail ou mensagens para evitar ficar nervosa e acabar tagarelando, e pretendia explicar isso a ela, mas, em meio à bagunça que eram meus pensamentos, notei o uso da palavra que ela não pronunciava desde a saída de Eloísa.

Inclinei a cabeça para o lado, trinta e seis por cento confusa, quarenta descrente e vinte e quatro esperançosa.

— Você está... me promovendo? — experimentei. — De verdade?

— Sabendo que você está em um relacionamento sério, que acabou de começar uma vida a dois, portanto precisa da renda, imagino que você não vai ter ideias de arriscar um novo negócio pelas minhas costas e fico mais tranquila em deixar você assumir o posto. Eu vi a apresentação. Você está pronta. Ou muito perto disso. Agora vá preparar o contrato. Você tem dez minutos.

Antes que eu pudesse encontrar minha voz, ela me empurrou em direção a minha sala e fez a volta, retornando apressada para junto dos noivos.

Eu era a nova produtora da Allure. Sônia *finalmente* havia me promovido. Não porque me achava competente. Não por conta da minha dedicação ou de todas as horas extras não remuneradas das quais nunca reclamei. Ela me promovera porque eu tinha deixado que ela e todo mundo acreditasse que eu estava noiva de Nicolas.

Ah, *meu Deus*, pensei, tateando em busca de apoio. Encontrei uma mão estendida e permiti que ela me guiasse até uma cadeira — a de Fabiola, concluí, ao divisar a coleção de batons perfilada atrás do teclado.

— A gente escutou tudo. Você é a produtora! — Ouvi a voz de Gabi.

— Você conseguiu! — Alguém apertou meu ombro. Dênis, percebi, ao erguer o rosto. Ele sorria. — Até que enfim.

— A gente precisa comemorar! — André ergueu a mão.

Eu me limitei a olhar para sua palma, piscando.

— Gente, calma — pediu Fabiola, agachada diante de mim. — Acho que ela está entrando em choque.

— O que você fez, Fabi? — balbuciei.

Revirando os olhos, ela se levantou para acariciar minhas costas.

— Salvei seu emprego. Era mentir ou aquela mulher doida ia acabar provocando a sua demissão. Ou o próprio Fred. “Não gostei. Muito cor-de-rosa” — imitou, com uma careta.

Arqueei o pescoço para olhar em seu rosto.

— Mas, Fabi, agora todo mundo pensa que eu namoro o Nicolas! Eu fui promovida por causa disso! Não posso mentir desse jeito. Preciso esclarecer essa história. — Eu me levantei da cadeira.

Vários pares de mãos entraram em meu campo de visão, me forçando para

baixo outra vez.

— Ô-ô. Calminha aí. — André manteve as mãos pesadas em meus ombros.

— Para e pensa um pouquinho antes de fazer besteira — aconselhou Dênis.

— Vou pegar uma água pra você! — Gabriela saiu correndo em direção à copa.

Fabiola plantou as mãos no apoio de braço da cadeira e se dobrou para me encarar.

— Respira fundo, Mel — pediu, à meia-voz. — E para pra pensar no que a Sônia vai fazer se descobrir que foi enganada.

— Ela vai me demitir. — Abri os braços. — Mas não posso mentir pra todo mundo desse jeito. É errado, antiprofissional e... errado!

Aprumando a coluna, ela fez uma careta.

— Tecnicamente, fui eu que menti. Você só engasgou... Ei! — Correu para o outro lado da mesa quando meus dedos voaram em direção ao seu pescoço. — Me esganar não vai mudar o que aconteceu!

Grunhi, levando as mãos à cabeça para puxar o elástico e soltar o rabo de cavalo, na esperança de diminuir a pulsação latejante em minhas têmporas.

— Você não entende o que acabou de acontecer? — Ofeguei. — Eu meti o Nicolas nisso, uma pessoa de carne e osso, que vai rir de mim para o resto da vida assim que souber da história.

— E de que jeito ele vai descobrir se o seu ex e o Nicolas não coexistem no mesmo planeta? — Ela usou os dedos para amansar meus fios eriçados. — Você precisa aprender a relaxar. Vai dar tudo certo. Pensa na sua mãe.

Eu estava pensando. E mamãe me arrancaria as orelhas se soubesse que eu havia mentido para todo mundo. Por outro lado, como ela iria se lembrar de ficar brava comigo se eu ficasse desempregada e tivesse que interromper o tratamento?

Estudei o rosto de meus amigos, lutando para não chorar.

— O que eu faço agora?

André apertou os lábios, erguendo os ombros. Dênis, o mais sensato de nós, parecia partilhar do meu desespero e ainda assim não encontrou nada para me dizer. Fabiola, apesar da expressão culpada, não parecia arrependida pela enrascada na qual nos metera.

— Já está feito, Mel — murmurou ela, suavemente. — Espere o Fred se sentir menos tenso com a ideia de você e a Camila juntas, e então conte a ela como quem não quer nada que você e o Nicolas terminaram, se isso te faz se sentir melhor. Dessa forma ninguém se machuca. Sobretudo você, amiga.

Tudo bem. Diante de tudo a solução dela parecia quase razoável. Em um aspecto, minha amiga desmiolada tinha razão. Nicolas e Fred não frequentavam

os mesmos lugares. As chances de que um dos dois descobrisse que eu (bom, a Fabiola) tinha inventado um romance de mentira para salvar meu emprego eram quase zero. Meu ex e meu “atual” namorado jamais se cruzariam. E talvez agora Fred me deixasse em paz. Quem sabe se ele se convencesse de que eu estava em outra mudaria de ideia quanto a tentar me afastar de Camila?

Já Nicolas... bom, não tinha jeito. Eu teria de contar tudo a ele. Eu não podia esconder do cara com quem dividia um teto algo tão importante. Não parecia certo. E ele não poderia me culpar — muito —, afinal ele se valera do mesmo artifício para conseguir o apartamento, certo? Não poderia me julgar por ter deixado a mentira de Fabiola se estender para eu não perder o emprego, poderia?

Era isso. Assim que chegasse em casa eu ia contar a Nicolas, de preferência de um jeito descontraído, que o faria rir em vez de gritar comigo, e aí eu não me sentiria tão idiota.

Não havia motivo para não aproveitar minha vitória. Tudo bem que Sônia mencionara que o fato de eu não ser mais solteira contara para acelerar minha promoção. Mas ela também afirmara que eu estava pronta depois de assistir à apresentação. Eu ia me agarrar a isso.

Depois de tanto trabalho duro, eu era, enfim, a produtora da Allure. Eu tinha chegado lá! Devia comemorar. Então de onde vinha aquela incômoda sensação de que, em vez de subir a montanha, eu tinha acabado de rolar para o abismo?

12

Passava um pouco das oito da noite quando cheguei ao meu prédio, carregando três sacolas de compras, e gemi ao me lembrar de que, em vez de um, agora tinha três lances de escada para escalar. Eu mal conseguia mover as sobrancelhas.

Por alguma razão, ao parar diante da porta 332, meu estômago se contorceu, não pela fome nem pela exaustão. Contar a Nicolas que eu deixara minha chefe e Camila Bueno acreditar que éramos noivos em vez de apenas colegas de apartamento não era exatamente uma tarefa que eu ansiava desempenhar.

Fui entrando, um pouco sem jeito, tentando convencer meu cérebro de que eu agora morava ali. A primeira coisa que vi foi Loki sobre a mesinha de centro, se fartando com os restos de um prato de comida.

— Loki, não! — Corri para ele.

O bichano se assustou com o grito, pulando sobre as almofadas do sofá cinzento. Apanhei o prato com sobras do que parecia ser um macarrão à bolonhesa e o levei para a cozinha, encontrando dificuldade em colocá-lo dentro da cuba, pois Nicolas criara uma escultura pós-moderna com as louças sujas. O restante da pequena cozinha não era muito melhor. Guardei as compras na geladeira e comecei a recolher tudo o que pudesse ser um problema para meu gato. Nicolas e eu precisávamos discutir a manutenção da casa, com urgência.

Eu tinha a intenção de tomar um banho, por isso fui até o quarto em busca do meu pijama preferido, uma camiseta preta combinada com um shortinho com estampa de gatinhos. Não cometeria o mesmo erro duas vezes. Foi por isso que demorei para notar as cinco tábuas sobre a cômoda, perfeitamente alinhadas e prontas para receber os livros. Alguém instalara as prateleiras.

Espiei meu gato parado ao lado da porta.

“Nem olha para mim”, pareceu dizer, lambendo a pata. “Sem polegares opositores.”

Nicolas provavelmente vira a pilha de madeira no meio do caminho e resolvera montar o móvel. Uma onda morna de... bom, gratidão preencheu meu peito.

Soltei um suspiro pesaroso. Eu tinha mesmo que contar a ele o que acontecera naquela tarde, ainda que morresse de vergonha. Era o mínimo que eu podia fazer. Então, depois de dar um jeito na cozinha como agradecimento e jantar um sanduíche de queijo e tomate, fui para o sofá aguardar sua chegada. Aproveitei o tempo para criar um cronograma de rotina doméstica, separando as tarefas em colunas, e depois usei a impressora de Nicolas para imprimi-lo. Eu enfiava a pontinha do papel sob o teclado do computador dele quando ouvi uma batida na porta. Imaginei que pudesse ser Beatriz, a vizinha da frente e irmã de Dante, talvez pedindo que guardássemos a correspondência dos parentes ou nos dando as boas-vindas.

Mas o cara de terno e expressão furiosa em frente à porta definitivamente não era Beatriz.

— Fred?! O que você está fazendo aqui a esta hora?

— Então é verdade. — Sem esperar por um convite (ele não teria um), meu ex passou por mim e foi entrando.

Do sofá, Loki bufou alto, os dentes arreganhados, a cauda e os pelos imediatamente em pé. Fred se assustou e pulou para trás, batendo a perna na bola

de basquete em cima da estante, que rolou para o chão, quicando. Loki não se deixou distrair e continuou enfrentando Fred, pronto para defender seu território.

— O que você veio fazer aqui? — Eu me abaixei para apanhar a bola e devolvê-la ao seu lugar.

— Eu precisava saber se o que a sua amiga disse é verdade. Sobre você morar com outro cara. — Ele examinou a sala, captando todos os sinais de Nicolas: a comprida mesa de trabalho sob a janela, as garrafas de cerveja vazias ao lado do computador, a foto dele com os pais. — Ela não mentiu. Faz só duas semanas que nós terminamos e você já está transando com outro cara? *Morando* com ele? — acusou, enojado.

Ele só podia estar brincando comigo.

— Olha só! — Ri, massageando a têmpora. — Eu tive um dia dos infernos e não estou com paciência para um ataque de ciúme do sujeito que me enganou por um ano e está de casamento marcado com a minha melhor cliente, só para te lembrar. Então, obrigada pela visita. — Fui até a porta e a escancarei.

Meu ex deu ares de que iria relutar, mas Loki subiu para o braço do sofá e abaixou o traseiro, pronto para saltar sobre ele, de modo que Fred tropeçou nos próprios pés na pressa de chegar ao hall.

Comecei a fechar a porta, mas ele me impediu, espalmando a mão no painel de madeira.

— Andei perguntando sobre esse cara. — Seu semblante fervilhava. — Ele não é o tipo de homem que assume compromisso.

— Uma boa mudança com relação ao meu último namorado, que assumiu vários, não é?

Ele se encolheu como se tivesse levado um soco na boca do estômago.

— Eu signifiquei assim tão pouco pra você, Melissa?

Bufando, bati a porta com tanta força que o lustre da sala chacoalhou de leve.

— Dá pra acreditar nesse cara? — perguntei a Loki, que me encarava meio decepcionado por ter deixado Fred escapar antes que conseguisse pegá-lo.

Tudo bem, admito que por meio minuto curti a inversão de papéis, não ser a pessoa enganada naquela história. Mas a ilusão logo se dissipou. Fui dominada por uma tristeza tão profunda que mal conseguia respirar.

Desistindo de esperar que Nicolas voltasse para casa, cansada e infeliz, fui para o quarto. Até tentei imitar Loki e dormir um pouco. Mas a visita do meu ex me deixara agitada demais. Fiquei encarando o teto em meio à penumbra por um bom tempo, lutando para expulsar do coração aquele sentimento que pesava em meu peito. Por mais que estivesse me esforçando — e eu estava —, ainda restava um pouco de amor dentro de mim, e eu não sabia o que fazer para sufocá-lo. Quanto mais ainda iria doer?

Ainda estava acordada perto da uma da manhã, quando ouvi a porta da frente bater. Nicolas havia, enfim, retornado para casa. Com cuidado para não despertar meu gatinho, levantei os lençóis e coloquei as pernas para fora da cama. Não importava que fosse tarde, que minha cabeça estivesse uma bagunça. Eu ia falar com ele e resolver pelo menos um dos meus problemas antes que eles me soterrassem.

Era o que eu teria feito se vozes abafadas não tivessem escorrido por debaixo da porta. Apurei os ouvidos na escuridão, captando o tom mais agudo de uma voz feminina. Nicolas tinha companhia, concluí, um pouco decepcionada, tornando a me deitar.

Ouvi risos no corredor, uma porta se abrindo e fechando, algo pesado caindo no colchão. Então vieram os gemidos. Revirando os olhos, tateei o criado-mudo até encontrar o celular e o fio comprido embolado.

— Olá, fone, meu velho amigo... — Encaixei as saídas de som nas orelhas, abrindo a primeira lista de reprodução que encontrei, já que os gemidos se convertiam em um *nhec-nhec-nhec* ritmado seguido por um “oh, Niiiiiick” alto demais.

Aumentei o volume para abafar tudo o que me cercava, mas, ao que parecia, a acústica desse quarto era ainda pior que a do meu antigo dormitório, e parecia que o casal estava bem ali comigo. Eu me concentrei na música, pela primeira vez prestando atenção ao que ouvia. “Closer”, do Nine Inch Nails. Cada refrão se referia exatamente ao que acontecia no cômodo ao lado.

— Não, não, não. — Fui para a música seguinte.

“The Hard Stuff”, do Justin Timberlake. Bom, essa era segura, mas de jeito nenhum eu ia associar meu cantor favorito à vida sexual de Nicolas. Por isso eu a pulei também, o que não foi boa ideia, já que a próxima da lista era Christina Aguilera e sua voz incrivelmente sexy.

Melhor não.

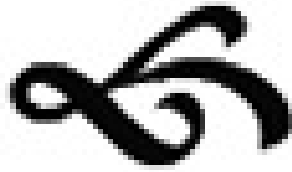
“Shape of You”, de Ed Sheeran. *Nãããã.*

“Bang”, da Anitta.

Argh! Qual era o problema daquela playlist?

Caí de costas no colchão, os tímpanos quase estourando com o volume excessivo e ainda assim eu ouvia o *nhec-nhec-nhec* se resumir a um *bam-bam-bam* frenético.

— Paredes finas estúpidas — grunhi, cobrindo a cabeça com o travesseiro.



A pata de Loki tocou meu nariz.

— Estou acordada — acariciei o espaço entre suas orelhas pontudas, soerguendo as pálpebras.

Meus olhos pareciam cheios de terra, uma força invisível me puxava para baixo. Fazia três horas que eu ouvira a garota se espreitando pela casa e a porta da frente batendo. O apartamento caíra no mais absoluto silêncio, mas, incomodada com a festinha do meu vizinho de quarto, não fui capaz de pegar no sono. Quando percebi, o sol já tocava a janela e era hora de me levantar. Fui para o banheiro, batendo a porta com força. Se eu não podia dormir, ele também não.

Tomei um banho demorado, esperando que a água quente e o perfume adocicado do xampu me ajudassem a dissolver os nós em meus ombros. Depois, enrolada na toalha, liguei o secador profissional de 3.000 watts e sequei os fios antes de puxá-los em um rabo de cavalo. Mas abaixei o aparelho ao ver meu pote de hidratante entreaberto e a tampa do meu desodorante mal encaixada. A garota tinha usado minhas coisas?!

Terminei de me trocar e saí do banheiro pisando duro, atirando olhares homicidas para a porta de Nicolas. Loki estava ansioso pelo café, então tratei de alimentá-lo e limpar sua caixa de areia. Foi nesse momento que escutei Nicolas entrar no banheiro e ligar o chuveiro. Depois de engolir um iogurte e uma barrinha de granola e lavar o que eu havia sujado — uma colher —, fui esperá-lo no corredor, o cronograma de tarefas nas mãos.

Dez minutos se passaram até que ele saísse.

— Você chegou a ler? — Enfiei o papel em sua cara assim que ele abriu a porta.

— Bom dia, Melissa. — Suspendeu a toalha para me lembrar que o tecido felpudo era tudo o que ele vestia, além de gotinhas brilhantes espalhadas no peito levemente sombreado por pelos.

Meu rosto sapecou conforme eu tornava a mirar seu rosto.

— Você não pode deixar restos de comida pela casa — alertei. — Alguns

alimentos são perigosos para o Loki. Café, álcool, cebola...

— Eu já ia recolher tudo. — Ele tentou passar por mim, mas bloqueei o caminho com o corpo.

— Já fiz isso. Eu não sou sua empregada, Nicolas. Tente se lembrar de que não é a única pessoa que vive neste apartamento, ok?

— Acabou? — bufou, impaciente. — Eu tenho reunião com a diretoria daqui a uma hora. Poderia me deixar passar?

— Ainda não. Eu fico grata por você ter montado a estante, mas isso não dá o direito de as suas amigas usarem o meu desodorante. É *pessoal*. Nem você pode jogar tudo o que quiser em qualquer lugar. No seu quarto, tudo bem. Mas fora dele, não. Nós dividimos os espaços comuns, assim como o aluguel, então é justo que cheguemos a um termo civilizado. Eu fiz um esquema para manter a ordem. — Empurrei o planejamento para ele. Já que ele permaneceu imóvel, enfiei o papel em seu peito... bastante duro, reparei. — Começamos a partir de hoje. Você fica com a coluna um, e eu, com a dois. Invertemos na semana que vem e... Ei! O que você está fazendo?

Mas minha revolta chegou tarde, e Nicolas já envolvia as mãos largas sob meus braços, me suspendendo do chão como se eu pesasse o mesmo que meu gato. Girou até nossas posições se inverterem antes de me colocar de volta no chão. Sufocada de indignação, não consegui externá-la a tempo, dando a ele a chance de dizer:

— Eu vou adorar ouvir o seu sermão mais tarde, mas agora eu preciso correr. Pode continuar gritando comigo quando eu voltar. — E desapareceu no quarto, encostando a porta antes que eu pudesse reagir.

Eu queria ir atrás dele e atirar palavrões e algo mais pesado em sua cara... seu computador, por exemplo, mas meus lábios pareciam selados, o coração martelando de encontro às costelas. Meio trôpega, apanhei a bolsa no sofá e saí de casa, os ouvidos zumbindo.

Fabiola fechava a porta assim que meus pés tocaram o primeiro andar e não demorou para perceber meu estado de espírito.

— Parece que alguém xingou a sua mãe... — Franziu o nariz.

— Pior, Fabi. Muito pior. — Esbravejei toda a minha frustração com a festinha que me manteve acordada a noite toda, a bagunça na casa e a audácia de Nicolas ao me pegar como se eu fosse uma boneca.

Em vez de compartilhar minha fúria, minha amiga achou graça.

— É engraçado o jeito como esse cara mexe com você... — Mordeu o lábio inferior para impedir que se espichasse.

Lancei a ela um olhar fulminante.

— Não vejo graça nenhuma. O Nicolas testaria a paciência de uma monja.

— Arrã... — Deu um sorriso cínico, que preferi ignorar.

Eu precisava marcar com a transportadora a retirada dos quadros do ateliê de João, discutir com Tália os possíveis cardápios das bodas de Camila e ligar para Alicia a fim de alinharmos os últimos detalhes de seu casamento. Minha vida já estava uma bagunça sem que eu acrescentasse Nicolas Cassani à lista de problemas.

Mas então Fabiola me lembrou de algo que esfriou minha raiva.

— Falou com ele sobre o noivado de mentira?

— Não deu. — Suspirei pesadamente. — Mas vou tentar de novo esta noite.

O problema é que nós tivemos uma festa de bodas de prata naquela noite, que se estendeu muito além do que deveria, e eu cheguei em casa quase de manhã. E algo semelhante aconteceu no dia seguinte. Então chegou o fim de semana e eu nem sequer o vi. Pretendia falar com Nicolas na segunda, mas ele voltou para casa acompanhado e eu passei outra noite em claro com os fones ligados no volume máximo. O que se repetiu três dias depois.

O padrão se tornou uma constante: eu dava duro durante o expediente na agência, corria de um lado para o outro nas festas madrugada adentro e, nas raras noites em que pude tentar aliviar o cansaço, Nicolas e suas amantes não me deixaram dormir, de modo que um mês se passou sem que eu me desse conta. Eu mal o vi nas últimas semanas, mas sua presença rondava o apartamento, mesmo em sua ausência. Era estranho, e eu me flagrava ansiosa pelo próximo encontro em estado quase paranoico.

Também esperava com ansiedade que o novo medicamento surtisse algum efeito na memória de minha mãe. Todo fim de tarde eu ligava para ela ou dava um jeito de visitá-la, mas nem eu nem meu pai notamos qualquer progresso.

De todo modo, com uma média de sono de duas horas por noite nas últimas quatro semanas, não era nenhuma surpresa que eu me sentisse um schnitzel que apanhou do martelo de carne mais do que deveria na manhã daquela quinta-feira, e procurava não pensar no vernissage que aconteceria no fim do dia. Enquanto eu mastigava o cereal, usando a colher para refletir um raio de sol no piso frio, que Loki tentava capturar, muitas coisas ainda me preocupavam: o fato de alguns jornalistas terem aceitado o convite do vernissage, por exemplo. João chegara no dia anterior para acompanhar a montagem, e por muito pouco não joguei tudo para o alto. Ele discutira com André, tentando ensinar ao mais competente dos engenheiros elétricos a melhor maneira de utilizar a luz, gritara com Fabiola, fizera Gabriela chorar e quase saíra no braço com o motorista do caminhão que trouxera suas obras. Se ele se comportasse daquela maneira birrenta na frente da imprensa...

Distraída com meus problemas, não percebi que alguém andava pela casa até

a moça com uma linda cabeleira crespa adentrar a cozinha, os sapatos em uma das mãos, o paletó azul-marinho na outra.

Assim que a viu, Loki esqueceu o pontinho reluzente e foi se esconder sob a mesa.

— Ah, oi. — Ela ficou vermelha. — Eu só pretendia pegar um copo de água e ir embora.

Ainda era muito cedo, e a privação de sono deixou meu cérebro mais lento, de modo que não consegui me lembrar de onde eu conhecia a garota de lábios fartos e cabelo negro quase azulado. O broche da companhia aérea preso à lapela do paletó refrescou minha memória. Era a comissária do voo que eu dividira com Nicolas.

Entreguei um copo de água a Sarah, lembrei de repente ao me recordar de seu nome e telefone no guardanapo que dera a Nicolas, retribuindo o favor.

— Obrigada — agradeceu ao pegar a bebida, sorrindo amarelo. — O Nick mencionou que dividia o apartamento com alguém, mas não imaginei que fosse uma garota. Vocês são...

— Só dividimos o apartamento — eu me apressei em dizer.

— Ah! — Exalou aliviada, tomando um grande gole d'água. — Pensei que ele tivesse mentido quanto a ser solteiro. Alguns caras fazem isso, sabe?

— Sei bem como é — aquiesci, pensando em meu ex à minha porta algumas semanas antes, exigindo explicações. A canalhice de Fred não tinha limites. Ao menos eu não o vira desde então. Era um consolo.

Terminando sua água, ela me entregou o copo e encaixou os sapatos nos pés.

— Bem, eu preciso correr para o hotel e me arrumar ou vou acabar perdendo a minha ponte. Foi um prazer te conhecer. — Sorriu de leve. — Talvez a gente se veja de novo.

Pelo rodízio de mulheres naquele apartamento, eu duvidava muito. Mas acompanhei a garota até a saída, incomodada em muitos aspectos — não devia ser Nicolas a se despedir de suas amantes? E isso foi antes de eu abrir a porta para Sarah e dar de cara com o rosto enrugado da locatária do apartamento.

— Dona Elza! — quase gritei.

— Bom dia, minha filha. Passei para ver como você e o seu namorado estão se saindo.

Ao ouvir a última parte, a aeromoça arregalou os olhos, empalidecendo.

— Mas você disse... — balbuciou a moça.

— Eu adoraria cuidar da festa da companhia aérea — atalhei, desesperada, pois dona Elza a examinava de alto a baixo, atenta ao cabelo bagunçado de quem acabava de sair da cama, a roupa amarrotada. — Mas estou com a agenda cheia. Me desculpe. — Então me dirigindo à senhora: — Por que não entra e toma um

chá comigo, dona Elza?

Sem esperar que nenhuma das duas respondesse, puxei uma mulher para dentro e empurrei a outra para fora. Pela cara indignada da comissária, era melhor Nicolas não ter muitas expectativas com relação a ela.

— Essa moça passou aqui antes de ir para o trabalho — fui dizendo para dona Elza, que ainda me analisava com desconfiança. — Vai ter uma pequena comemoração na empresa, e ela queria que eu organizasse, mas as nossas agendas não bateram.

— Entendo. — Dona Elza parou aos pés do sofá, o olhar perspicaz passeando pelo cômodo e assimilando cada coisa fora do lugar. Todas de Nicolas.

Mesmo com poucas horas livres, eu me esforçava para cumprir minha parte no cronograma, que Nicolas não se dera ao trabalho de ler — que dirá de seguir.

Então me apressei em recolher as garrafas de cerveja esquecidas sobre a mesinha.

— O Nicolas e eu... hã... fizemos uma pequena comemoração ontem à noite. — *Ah, as mentiras.* Eu nunca iria conseguir me livrar delas? — Eu fui promovida faz algumas semanas e ainda não tinha sobrado tempo para comemorar. Por que não me acompanha até a cozinha?

Ela ergueu as mãos finas, recusando.

— Não vim incomodá-los. Você parece pronta para sair. Eu só queria fazer uma perguntinha, minha filha. Alguns vizinhos estão reclamando de pessoas estranhas andando no prédio durante a madrugada. Jovens mulheres, basicamente. — Uniu as mãos na altura da barriga. — Você e o seu namorado sabem alguma coisa a respeito?

— Mulheres? Aaaaaah.... Não. Não vi nada. Eu tenho chegado em casa muito tarde e tão desarrumada que nem pareço eu mesma. Talvez alguém não tenha me reconhecido. — Forcei um sorriso, abraçando as garrafas com mais força.

Ela anuiu, me encarando com tanta intensidade que comecei a suar. Pensei que tivesse percebido que eu mentia descaradamente e fosse exigir explicações, mas então ela disse:

— Bem, me avise se vir alguma coisa suspeita.

— Sim, sim, claro, dona Elza.

Eu a acompanhei até a saída, soprando o ar com força ao trancar a porta. Quase ao mesmo tempo, Nicolas saiu do quarto e atravessou a sala a caminho da cozinha. Irritada, fui atrás dele.

— Nicolas, a gente precisa... — Parei de falar assim que ele fechou a porta da geladeira e percebi que estava só de cueca. — Ei! Você não pode andar pela casa pelado.

— Por que não? — Equilibrando a caixinha de suco de laranja, se esticou para

apanhar um copo na pia. O que sua amante havia usado.

— Porque eu tô aqui!

Servindo-se de um pouco de suco, ele sorveu tudo em um único longo gole.

— Você me confunde, Melissa. — Limpou a boca nas costas da mão. — Quando nós acertamos que dividiríamos o apartamento, você me pediu para te tratar como um cara. É o que eu estou fazendo.

— Novas regras. Nada de andar sem roupa pela casa. — Ergui um dedo. Depois outro. — E o entra e sai de mulheres vai ter que parar.

Deixando o copo na mesa, ele cruzou os braços, as mãos se escondendo nas axilas, e me fitou por entre os cílios negros espessos.

— Me dê um bom motivo pra isso.

Bufei, impaciente.

— Na pia. O lugar da louça suja é dentro da pia. — Coloquei o copo na cuba com estardalhaço antes de me virar para enfrentá-lo. — Em primeiro lugar, as festinhas que você e as suas amantes fazem na madrugada estão atrapalhando o meu sono. Todo aquele “Oh, Niiick” está me deixando louca. Eu juro que, se tiver de passar mais uma noite em claro ouvindo a sua transa, vou entrar no quarto e jogar água fria em vocês dois. Tô falando sério.

Suas bochechas se acenderam. Nicolas Cassani, o maior conquistador da face da Terra, estava vermelho?

— Eu não sabia que dava para ouvir. — Ele mudou o peso de uma perna para outra, relaxando os braços.

— Pois dá. E tem mais, o segundo e mais importante argumento: a sua vida sexual anda perturbando os vizinhos. A dona Elza acabou de bater aqui em casa. Alegou que queria conferir se nós estávamos bem instalados, mas desconfio que foi só um pretexto para verificar se nós somos mesmo um casal. Ela topou com a sua comissária de bordo. Não vai demorar para que a dona Elza descubra que não somos namorados, e aí você vai ter que arrumar outro lugar pra vadiar, e eu também. Pensa em como isso me afeta, tá legal? Já considerou que esse entra e sai de mulheres me incomoda? Eu não gosto de pessoas estranhas mexendo nas minhas coisas, usando meu desodorante, meus hidratantes ou meus batons. Eu tenho que juntar um bom dinheiro para poder comprá-los. Isto não é um hotel. É a minha casa! — terminei, sem fôlego.

Nós nos enfrentamos por um instante, meu peito subindo e descendo rápido demais, e levei um pouco mais de tempo para perceber como estávamos próximos. E que roupas não brotam magicamente, então ele continuava só de cueca. Mesmo que toda aquela proximidade me deixasse zozinha, eu não ia bater em retirada. Aquela agora era minha casa também.

— Concordo — ele disse depois de um tempo, assumindo uma postura mais

séria. Ou tão séria quanto a falta de roupas lhe permitia. — Eu adoraria chegar em casa e não encontrar meu travesseiro molhado de mijo de gato.

Abri a boca para contestar a acusação, mas me detive, espiando o gato, que se esgueirava pela porta. Droga. Loki estava marcando território de novo, como fizera assim que Alan começara a dormir no nosso apartamento, pouco depois que ele e Fabiola engataram o romance.

— Bom... — Mordi o lábio. — Isso não aconteceria se você fechasse a porta do quarto antes de ir para o trabalho.

— A culpa do seu gato não saber onde fazer a sujeira agora é minha?

— De certa forma. Francamente, Nicolas, olha o caos que você cria. — Abri os braços para a zona generalizada que era a cozinha. — Pelo menos chegou a olhar o cronograma que eu te dei faz quatro semanas? Você podia pelo menos lavar a louça que suja.

Suas bochechas inflaram conforme soltou o ar com força.

— Lá vem você com isso de novo. Regras e mais regras. Você se esforça bastante para destruir a vida das pessoas desse jeito ou é algo que acontece naturalmente, Melissa?

Seu comentário me acertou bem na boca do estômago, me deixando nauseada. Ele não teria me machucado mais nem se tentasse. A culpa que eu aprendera a manter sob controle roçou as garras em meu peito, ameaçando se libertar. Eu a rebati da melhor maneira que pude e acho que ele percebeu a batalha que eu travava internamente, pois apoiou as mãos nas laterais dos quadris e encarou meus pés, qualquer traço de irritação desaparecendo de seu semblante.

— Mel, escute, não foi o que eu...

Mas eu já saía da cozinha. Foi sem ver por onde ia que caminhei até a calçada e entrei no ônibus. Pretendia passar a próxima meia hora do trajeto que me levaria ao salão onde ocorreria o vernissage da mesma maneira: alheia, distante de meus próprios pensamentos. Entretanto, as palavras de Nicolas permaneciam lá, tatuadas em meu cérebro.

"Você se esforça bastante para destruir a vida das pessoas desse jeito ou é algo que acontece naturalmente?"

Com o estômago revirado, puxei o telefone do bolso e teclei o número que eu conhecia de cor desde a adolescência. Meus olhos umedeceram assim que ouvi sua voz do outro lado da linha.

— Mel, que saudade, filha — disse mamãe, animada.

Cerrei as pálpebras bem apertado, absorvendo a alegria com que ela sempre me recebia.

— Eu também, mãe. Queria ir te ver hoje, mas não vou conseguir. — Sequei o nariz nas costas da mão e conferi alguma empolgação na voz. — Como você

está se sentindo hoje?

Mas ela devolveu minha pergunta com outras.

— Melissa, você está chorando? Aconteceu alguma coisa?

Eu me perguntei se as mães possuíam algum tipo de poder mágico, que detectava problemas em seus filhotes só pelo jeito que respiravam.

— Não, mãe. — Respirei fundo algumas vezes, procurando me acalmar. — Eu só... acho que estou ficando resfriada.

— Ah, Mel. Você precisa se alimentar melhor, meu amor. Esses congelados só têm porcarias dentro. Uma boa canja e um pouco de suco de laranja podem te fazer bem. E chá de alho. Sabia que ele é riquíssimo em vitamina c? Pode colocar umas gotinhas de limão e...

Ela então entrou no modo mãe, discorrendo sobre os benefícios trazidos pelas frutas, e eu deixei que ela falasse, mesmo que já tivesse ouvido cada uma daquelas palavras pelo menos vinte vezes. Eu amava ouvir sua voz; ela me acalmava.

Entretanto, não tive sorte dessa vez. O comentário de Nicolas ainda rastejava em minha mente, envenenando-a.

Balancei a cabeça e fiz tudo o que pude para me concentrar no discurso de minha mãe. Enquanto mantivesse a mente focada em seu timbre doce, antioxidantes e ômega-3, poderia ignorar Nicolas e fingir que o que ele dissera não era a triste verdade.

O vernissage havia começado fazia pouco mais de meia hora e eu circulava por entre as telas e painéis, conferindo se tudo corria conforme planejado. Eu conseguira alocar o espaço onde muito tempo antes funcionava um armazém. A estrutura com canos e tubulações à mostra nas paredes de tijolos à vista era perfeita para receber as obras de João. Um giro no tempo, de volta a um mundo onde a tecnologia ainda não existia. Eu optara por moveis rústicos, com um toque de modernidade na tinta amarela que revestia os aparadores, nas mesas tipo bistrô onde os convidados podiam apoiar os copos, nos sofás e nas cadeiras

de design arrojado em um tom de mostarda.

Percebi que os apetitosos e requintados canapés de Tália desapareciam das bandejas, o vinho espumante cintilava nas mãos dos convidados, a iluminação baixa evidenciando as telas — não sabia se era uma boa coisa.

O tema do vernissage de João Pinot era “O milênio do ostracismo”. A coleção de manchas de tinta em tons de verde e marrom em quase todas as obras devia simbolizar algum tipo de isolamento autoimposto, mas me fazia pensar em uma manhã após uma noite de bebedeira. Mas, ei, eu era produtora de eventos, não crítica de arte.

Avistei Fabiola na entrada do armazém recepcionando uma senhora enfeitada por imensas joias e um chapéu cor-de-rosa com um penacho. Minha amiga fez um sinal de positivo discretamente, me garantindo que tinha tudo sob controle. Dênis também circulava pelo salão, calmo e sorridente. André estava perto de um painel cuja iluminação lhe dera um trabalho danado naquela tarde e mirava a lâmpada fixamente, desafiando-a a dar defeito de novo.

Pressionei o botão do ponto eletrônico em meu ouvido para me certificar com Gabriela de que tudo estava certo na cozinha, mas o rapaz de boina xadrez e suspensório sobre a camisa de manga curta bloqueou minha visão.

— Por que nós não temos jornalistas? — João exigiu, de cara amarrada. — Por que esta merda não tá lotada?

— Fique tranquilo. Esta é sua primeira exposição, as pessoas ainda estão conhecendo o seu trabalho. Além disso, continua chegando gente. Está indo bem, João.

— Não tá bosta nenhuma. Era pra ter gritos, fotos, autógrafos. Como é que eu vou postar este fiasco no Instagram, porra?

O artista temperamental me deu as costas, indo para o cavalete no centro da exposição, e sacou um pincel do aparador, levando adiante a ideia audaciosa de pintar um quadro durante o evento para leiloá-lo no final. Algumas pessoas se aproximaram para observar, ao mesmo tempo que rebati um tremor. Muita coisa podia acontecer com aquela tela com tantos cotovelos e mãos não muito estáveis devido ao champanhe. Até tentei explicar os riscos a João, mas teria tido mais sorte se quisesse fazer crescer um braço extra em meu corpo usando a força do pensamento. Ao menos o lugar não estava lotado e nenhum dos poucos jornalistas presentes ouvira as palavras tão gentis que o artista me dirigira. Se João Pinot se comportasse com a imprensa da mesma maneira que agia comigo e o restante da equipe, teríamos um enorme problema para resolver na manhã seguinte. Luna era a única profissional ali que eu conhecia, e, no momento, estava mais interessada em uma bandeja de canapés de salmão do que em João.

Fiz a volta, disposta a dar um pulo na cozinha e perguntar a Tália se ela

precisava de algo, mas acabei com a cara enfiada em um peito largo.

— Me desculpe... — sussurrei.

Ele envolveu meu cotovelo para me ajudar com o equilíbrio, o que não funcionou, já que o toque disparou uma violenta onda de arrepios por todo meu corpo. Eu não precisava levantar o rosto para saber a quem aquela mão pertencia. O que eu queria saber era o que diabos Nicolas fazia na exposição. Não me lembrava de ter visto seu nome na lista de convidados.

Meu primeiro pensamento foi confrontá-lo, mas a razão me impediu de protagonizar uma discussão em meu ambiente de trabalho, de modo que, mirando a porta dos fundos, eu o contornei e comecei a andar.

— Melissa, espere — chamou, dois passos depois.

Tomando fôlego, eu me detive ao lado de um painel imenso e me virei para encará-lo, me odiando por reparar que ele estava bonito naquela camisa cinza-escura, com as mangas dobradas até os cotovelos.

Qualquer pessoa com meio olho em condições se sentiria mexida com todo o borogodó de Nicolas Cassani, isso eu compreendia. E me perguntei onde estava a justiça no mundo, já que pessoas iguais a ele tinham absolutamente tudo, enquanto eu nem conseguia convencer Loki a fazer xixi na caixa de areia em vez de no travesseiro de Nicolas.

Suas mãos desapareceram nos bolsos da calça preta.

— Podemos conversar, por favor? — adicionou baixinho.

— O que você quer, Nicolas? Me atormentar em casa não é suficiente? Precisa fazer isso no meu trabalho também?

Ele pressionou os lábios até se tornarem uma pálida linha fina.

— Não foi pra isso que eu vim. Só preciso de um minuto.

Soltei um suspiro contrariado, mas continuei onde estava. Ele confundiu minha falta de ação com aquiescência e se adiantou até praticamente respirar o mesmo ar que eu, mantendo contato visual. Se é que encarar alguém daquela maneira era considerado apenas contato visual...

— Melissa, sinto muito pelo que eu disse mais cedo.

— Desculpas aceitas. — Aprumei os ombros e tentei dar a volta.

— Espera, por favor. — Ele se esticou para enganchar o indicador no meu.

O toque me paralisou, pois despertou aquela onda elétrica irrequieta, partindo do ponto onde nossa pele se unia para o restante de mim, o fogo consumindo rapidamente tudo o que encontrava pelo caminho.

Depressa, puxei a mão, cruzando os braços atrás das costas, fechando os dedos em um punho para que parassem de formigar. Ainda não tinha certeza se ele também sentia aquela força pulsar entre nós. Pareceu vacilar por um ínfimo segundo, mas foi tão rápido que posso ter imaginado tudo. Nicolas era muito

bom em manter a expressão impassível.

— Não tive intenção de te magoar hoje de manhã — comentou sem aquela desenvoltura característica. — Me desculpe pelo que eu disse. Você tem passado por muita coisa nos últimos tempos, e eu não tinha o direito de fazer uma crítica tão... tão cruel. Eu não acredito que você destrua a felicidade das pessoas. Não foi o que você fez com a noiva do seu ex. Foi por isso que o meu comentário te atormentou tanto, não é?

Eu me concentrei nos botões de sua camisa e não dei resposta alguma. Os botões ficaram mais nítidos conforme ele se adiantou, chegando tão perto que eu podia sentir seu calor sapecar minha pele.

— Não tenho uma desculpa para o meu comportamento. — Soltou o ar com força. — Não só por hoje. Eu só... você me...

— Te tiro do sério...? — ajudei, levantando o olhar.

Ele me mostrou um sorriso triste.

— Alguma coisa nessa linha. A verdade é que saber que você escuta o que acontece no meu quarto me deixou muito sem graça. Eu não queria te expor a esse tipo de situação. Eu prometi uma convivência fácil e fiz o oposto. Além do mais, eu não... humm... Isso é irrelevante. — Sacudiu a cabeça, inquieto. — O que importa é que eu realmente não sabia e lamento muito ter perturbado o seu sossego. Foi por isso que eu vim. Para me desculpar e dizer que ouvi tudo o que você disse.

— Tudo *tudo*? — Arqueei uma sobrancelha. — Quer dizer que você vai ler meu cronograma?

O sorriso que ele me deu me desarmou.

— Eu já li. Você é boa com organização. De tudo. — Seu olhar percorreu o armazém. — Você criou uma coisa especial para essas telas. Elas quase passam despercebidas.

— Essa *definitivamente* não era a intenção.

— Mas devia ser. Você já olhou bem para essas coisas? — Fez uma careta engraçada para uma pintura e eu ri um pouco. Ele me acompanhou, correndo uma das mãos pela cabeleira negra, parecendo aliviado e mais alguma coisa. Desejoso de... não sei ao certo o quê.

Fosse o que fosse, foi o suficiente para agitar as partículas de tensão no espaço que nos separava, reagrupando-as para formar uma espécie de elo inquebrável. Dessa vez Nicolas também a sentiu. Sei disso porque suas íris escureceram dois tons, ficando mais profundas que o oceano, o calor de seu corpo quebrando sobre mim em ondas cálidas.

O ar escapou de meus lábios em um sopro trêmulo. O silvo suave pareceu despertar Nicolas, que oscilou de leve, como se centenas de pregos tivessem

brotado nas solas de seus sapatos. Meio corado, se pôs a contemplar um dos quadros.

— “O advento das mídias eletrônicas” — leu na plaquinha sob a obra, em que uma caveira saía da tela de um computador para devorar um cérebro humano. — Não sei se acho graça ou fico pessoalmente ofendido.

Tive que morder o interior da bochecha para não rir outra vez. Toda a diversão se foi, porém, quando ele se afastou para ter uma melhor visão da obra, ficando bem ao meu lado — e com isso quero dizer que seu cotovelo encostou no meu braço —, e o contato disparou um tremor violento pelo meu corpo.

Discretamente, eu me afastei um pouco na esperança de interromper o que quer que fossem aquelas sensações novas. Talvez eu estivesse prestes a ficar doente ou coisa parecida.

— Fazia tempo que eu não visitava uma exposição — comentou do nada. — Nunca sobra tempo.

— Eu entendo. Já não me lembro da última vez que consegui ir a um museu ou ao cinema sem ter relação com o trabalho. Às vezes fico com a sensação de que estou fazendo tudo errado.

Ele deu as costas para a tela e delicadamente me puxou mais para o lado quando uma garçonete passou apressada, a bandeja ficando a centímetros do meu ombro. Relanceei o salão, averiguando se tudo estava em ordem. João iniciara o quadro e parecia mais contente com a atenção que as pinceladas conseguiam. Tudo caminhava bem. Ok, eu ia ficar ali só mais um minuto e então voltaria ao trabalho.

— Eu sei o que você quer dizer — ele respondeu, um sorriso compreensivo curvando os cantos da boca. — Me pergunto todo dia quando acordo e dou o nó na gravata por que eu passo tanto tempo correndo atrás do futuro se não me sobra tempo pra aproveitar o presente. Consegue imaginar como seria diminuir o ritmo por apenas um dia? Não ter que voltar correndo do almoço pra não perder a reunião, nem se desesperar por culpa de um projeto de última hora ou porque alguma coisa não saiu como planejado?

— Fracamente, não. — Ri de leve. — Mesmo nas folgas eu não consigo parar de pensar em tudo que tenho que fazer no dia seguinte. Não tiro férias faz tanto tempo que nem lembro como é não pensar em trabalho. A última lembrança que eu tenho é de uma curta temporada na praia, pouco depois de eu começar na Allure. Foi um pesadelo.

— Por quê?

Eu não tinha a intenção de continuar com o papo, mas sua curiosidade e o olhar penetrante me compeliram a abrir a boca.

— Uma amiga da Fabiola alugou uma casa no litoral e convidou a gente —

expliquei. — Foi na semana do meu aniversário. Eu tinha ganhado da Fabi a sandália mais fofa do mundo. Era uma Melissa preta com uma carinha de gato na ponta... Nem tenta fazer piada com o meu nome e a marca da sandália. Já tive minha cota — eu o alertei, séria.

— Não vou. — Ergueu as mãos espalmadas em um juramento solene.

Por algum motivo, achei que podia confiar nele.

— Bom, eu me apaixonei pela sandália — prossegui. — Aí, teimei que não tinha problema nenhum levá-la para a praia. Eu estava fazendo vinte anos. Ainda restava um pouquinho da teimosia adolescente...

— Só nessa época. — Açou graça, se recostando ao lado da tela de caveira.

Lancei a ele um olhar atravessado.

— Se você está insinuando que eu sou teimosa, é bom que saiba que está enganado. Só gosto das coisas do jeito certo.

— Que, por coincidência, é o seu jeito.

Abri os braços, num claro “o que eu posso fazer?” que o fez gargalhar alto, atraindo a atenção de alguns convidados. Mas ele não percebeu e apoiou o ombro na parede, cruzando os tornozelos para me examinar melhor.

— Continue. Você levou a sua Melissa pra praia, e aí... — se interrompeu, aguardando.

Soltei um longo e sentido suspiro.

— Aí que a porcaria da areia dilacerou a minha pele pela fricção com o plástico, e eu só percebi quando voltei pra casa. Chorei por horas. A Fabiola pensou que era por causa das feridas, mas a verdade é que eu estava chorando por causa da sandália. Ficou toda riscada, fosca. Detesto praia desde então. Também odeio comida oriental, exceto yakissoba — lembrei, sem entender por que subitamente me pareceu importante dizer isso a ele. — Para meu azar, quase todos os meus clientes adoram peixe cru e sempre marcam comigo em um restaurante japonês. Sendo franca, eu preciso dizer que detesto cozinha de maneira geral. Sou tão ruim nela que fui proibida de usar o micro-ondas da Allure depois que eu acidentalmente derreti um pote plástico ao tentar esquentar o almoço. Já te contei isso... — Mordi a língua para impedir que algo ainda mais embaraçoso escapasse.

— Não. Você me contou que tentou fazer brigadeiro e teve que se explicar com o bombeiro.

— Ah, não. Dessa vez não teve bombeiro. Só ativou o sensor de fumaça.

Seus lábios se espicharam lentamente, uma faísca iluminando as íris ainda mais profundas naquela noite, de um jeito que me revirava do avesso, despertando uma comichão em minha garganta e meu baixo-ventre.

— O quê? — perguntei, retorcendo as pulseiras em meu pulso.

— Isso é novo. Estar com você por mais de cinco minutos e não te irritar. — Esfregou o pescoço, meio chateado. — O que eu estou fazendo de errado?

Tentei segurar o riso. E falhei.

— Não se preocupe. Não vai demorar para você dizer alguma coisa que vai me deixar *muito* irritada.

— Espero que sim. — Aquele delicioso *he-he-he-he* sensual, que despertava um calor súbito em meu peito, se espalhou pelo vernissage feito névoa morna. Foi impossível não sorrir de volta. — Até que isso não aconteça... — Ele estendeu o braço. — ... amigos?

Estudei a mão grande e forte. Nicolas sabia me irritar como ninguém, mas a oferta de uma trégua facilitaria minha vida em casa, então encaixei minha palma na dele, já antecipando as reações que tal ação desencadearia pelo meu corpo. E não me decepcionei.

Eu me desvencilhei de seu toque assim que foi possível, apertando os dedos ao redor das pulseiras na tentativa de impedir que o formigamento se espalhasse para o restante de mim. É claro que não deu certo. Cruzei os braços, com medo de que ele percebesse que algo bastante insensato acontecia dentro das taças do meu sutiã.

— Podemos tomar alguma coisa mais tarde, então? — ofereceu, como quem não quer nada. — Depois que o vernissage acabar?

Vergonhosamente, precisei de alguns segundos para ordenar os pensamentos e compreender o que ele realmente tentava me dizer.

— Você está me convidando pra sair?

Ele não podia me convidar para sair. Não apenas porque tinha deixado claro que não estava interessado... assim como eu. Toda aquela taquicardia certamente tinha uma explicação médica ainda não revelada. Nicolas tinha casos, amantes, seja lá o termo que ele preferisse usar. O que importava é que eu não me metia nesse tipo de confusão.

E Nicolas era uma tremenda confusão. Não havia apenas beleza em seus traços. A astúcia aquecia seu olhar, a dureza do queixo se opunha à insolência esculpida em seus lábios, e o mesmo ocorria com a constituição elegante de seus membros e a maneira relaxada como os movia. Em resumo, ele era lindo com um ar inteligente e irreverente, dono de um carisma potente o suficiente para atrair para sua órbita qualquer coisa com útero num raio de dois quilômetros. Ele e eu agora dividíamos o apartamento. Sair com Nicolas seria o mesmo que fazer malabarismo com tochas flamejantes vestindo roupas encharcadas de álcool. Então, não, ele não podia me convidar para sair.

Imagino que as emoções piscassem em minha testa, pois ele soltou o ar com força, exasperado, se desencostando da parede.

— É só uma cerveja ou um café — disse, convencido. — É só um pedido de desculpas formal para selar a paz entre nós. Pronto. Uma parte do mistério resolvida. Agora falta desvendar a parte que se refere à sua resposta. — Ele deu um passo para mais perto, me obrigando a arquear o pescoço para conseguir alcançar seus olhos. — E ela é...

Não. De jeito nenhum. Claro que não.

Qualquer uma dessas respostas seria adequada ao pedido inexplicável de Nicolas. O cara que tinha mais amantes do que eu tinha calcinhas na gaveta, notoriamente conhecido pelos romances de apenas uma noite. Por outro lado, ele deixara claro que não era um encontro romântico, mas um gesto amistoso, uma oferta de amizade do meu colega de apartamento. Não dava para dizer não, dava?

Antes que eu conseguisse me decidir, uma agitação na entrada da exposição atraiu minha atenção, assim como a de quase todo mundo. Os poucos jornalistas presentes fizeram uma espécie de minicordão, disparando flashes sobre o casal recém-chegado. Vi Camila distribuir um largo sorriso ao mesmo tempo em que encaixava o quadril em uma pose despojada para lá de treinada, a mão com o anel de noivado pendurada no braço de Fred. Mais atrás, Helena mantinha uma expressão de enfado. Meu ex não estava assim tão distraído com a imprensa e varreu o vernissage com os olhos até pousá-los em mim. Contraiu os lábios sobre os dentes ao vislumbrar o belo homem ao meu lado.

Então — e só então — me recordei de que ainda não tinha tido a oportunidade de esclarecer a farsa do noivado por conta da loucura em que o último mês se transformara. Olhei do meu ex para o sujeito que ele pensava que era meu atual namorado, e para Fabiola, que agitava os braços, na entrada do vernissage.

Vai dar ruim, ela fez com os lábios, aflita.

Ruim foi quando ela deixou meu computador cair na piscina de um hotel após uma convenção de dermatologia. *Ruim* foi ela ter dormido bêbada na sala e vomitado dentro da minha única bolsa. *Ruim* foi ela me obrigar a fazer aquela simpatia ridícula. O que iria acontecer agora ia muito além de ruim, seria o fim. O meu fim. Se Fred ou Helena descobrissem que eu mentira sobre Nicolas, a que outra conclusão poderiam chegar além de que eu estava tentando provocar ciúme (no caso de Fred) ou armando para me aproximar do noivo (no caso de Helena)? Camila me dissera logo que nos conhecemos que abominava mentiras, então eu poderia esquecer que ela existia. Aí eu teria que procurar emprego em outro lugar, tipo no reino dos céus, para onde Sônia me despacharia.

E quanto a Nicolas, que conhecia minha trágica vida amorosa? Se ele soubesse da farsa do noivado, o que mais poderia deduzir além de que eu era uma garota patética incapaz de conseguir um namorado de verdade, por isso

inventara um?

Pior que isso: ele poderia seguir o exemplo de Helena e supor que eu ainda estava a fim do meu ex. Por alguma razão que me escapava, eu não queria que ele pensasse tão pouco de mim.

Entretanto, havia algo mais urgente que tentar adivinhar a maneira como Nicolas reagiria assim que soubesse que eu deixei as pessoas acreditarem que estávamos juntos. Camila finalmente me viu e abriu um sorriso surpreso ao notar que eu não estava sozinha. Puxou a manga do paletó de Fred, empurrando-o para longe da mira dos jornalistas, o que os colocou diretamente em minha direção e na de Nicolas.

Ah, merda. Suuuupermerda.

Eu tinha que tirar Nicolas dali. Não podia permitir aquele encontro de jeito nenhum.

O problema é que Camila estava a poucos passos, e não dava mais tempo de arrastar Nicolas para a porta de serviço. Só havia um jeito de mantê-los afastados.

Eu me virei para Nicolas, que franziu o cenho ao analisar minha expressão apavorada.

— Tá tudo bem?

Em outro momento, eu talvez tivesse reconsiderado. Mas, em plena crise, só tive tempo de agir. Fiquei na ponta dos pés, agarrei o colarinho da camisa de Nicolas e o puxei para baixo. Seus olhos se alargaram, surpresos, e foi tudo o que tive tempo de registrar antes de grudar a boca na dele.

Tudo bem, não foi meu momento mais brilhante, confesso, mas, naquele estado de agitação, beijar Nicolas foi a única ideia que me ocorreu para impedir que ele soubesse a verdade. E nem era propriamente um beijo... era mais um estático grudar de bocas muito espantadas.

Nicolas se manteve totalmente imóvel, seu coração martelando de encontro às minhas palmas, os olhos travados nos meus, inquirindo. *Merda*. Ele ia me empurrar, e então esbravejaria sobre assédio sexual ou algo tão terrível quanto, bem no meio do vernissage com jornalistas presentes.

Não era justo. Não era nem um pouco justo que eu tivesse que pagar pela mentira inventada por Fabiola. Está certo que eu também não a desfiz, mas só porque não tinha tido tempo ainda...

Mas isso era irrelevante. Eu tinha que encontrar uma maneira digna de sair da situação. E talvez até tivesse êxito, se meu cérebro perturbado não registrasse algo que soterrou qualquer pensamento em um canto escuro da minha mente e mudou a atmosfera de imediato: Nicolas moveu os lábios. Foi sutil, um roçar delicado, lento, quase experimental. O poder que teve em mim, no entanto, foi avassalador. Algo semelhante a ser atingida por um raio e sobreviver. Havia fogo por toda a parte! Meu coração assustado saltou do peito para a garganta, a respiração pesada, curta, conforme eu caía em um abismo infinito.

Alarmada, eu o soltei, pulando um metro longe. Nicolas me encarou meio atordoado, meio ofegante, as chamas dançando nas íris, consumindo tudo o que encontrava pela frente. Minha boca pinicou de vontade de voltar para a dele.

— Eu... aaaaaah... preciso... — *ir para longe de você* — ... cuidar de umas coisas aí.

Sem dar a ele a chance de pronunciar qualquer palavra, girei sobre os calcanhares e praticamente corri para o fundo da exposição. Não reparei que Dênis e Fabiola me observavam da porta de serviço, boquiabertos, até praticamente colidir com eles.

— Você beijou o Nicolas! — balbuciou ela. — Beijou mesmo!

— Em pleno expediente. — Dênis piscou rápido, sorrindo meio preocupado. — Não sei qual dos motivos me deixa mais abismado.

Tentei manter a calma o melhor que pude, evitando encarar os dois.

— Não tenho tempo pra explicar nada, mas preciso que vocês fiquem de olho no Nicolas. Não deixem o Fred nem a Helena chegar a dois metros dele. A Camila também...

Dênis assentiu de pronto, e eu me lancei para dentro da área restrita aos funcionários. Tália ergueu os olhos escuros dos canapés que decorava.

— Ah, não. O que deu errado? — ela quis saber, o rosto de traços marcantes tomado pela preocupação.

Apenas meneei a cabeça, consumida pelos arrepios e calores, e não percebi que Fabiola tinha me seguido até ela se colocar entre mim e a bancada onde Tália e sua equipe trabalhavam.

— Já estava na hora de isso acontecer — minha amiga comentou. — Faz quase dois meses que você terminou com aquele traste. E beijou justo o Nicolas! Você e o Nicolas! Você e o NICOLAAAAHHHH! — Fez uma dancinha boba, sem se importar com os risinhos do pessoal do bufê, perdida demais no mundo da fantasia para escutar qualquer coisa que não fosse sinos badalando.

Ao ver a empolgação de minha amiga, Tália compreendeu que não havia uma crise em andamento e voltou ao trabalho. Se ao menos ela soubesse...

— Não acredito que você o beijou no meio de todo mundo! — Fabi repetiu.

Eu a empurrei para uma das cadeiras próximas à torre de caixas de vinho. E me soltei na que estava ao lado, tomando fôlego.

— Poxa vida, Fabiola — reclamei, ressentida. — Você devia estar sofrendo comigo, não dançando.

Seus olhos se tornaram duas fendas apertadas.

— Ah, é. Coitadinha de você. Ter que dar uns pegos num homão daqueles. Tô quase chorando de tanta pena.

Eu bufei, segurando-a pelos ombros.

— Fabiola, pelo amor de Deus, presta atenção. Eu agora moro com o Nicolas. E o beijei para evitar que o Fred e a Camila contassem que nós estamos noivos *sem que ele saiba disso*.

— Essa parte pode ser esquisita. — Uma porção de riscos enrugou seu nariz. — Ou a solução dos seus problemas. Pelo que você andou ouvindo nas madrugadas, as habilidades do sr. Cassani na cama poderiam te ajudar a apagar o seu ex do... Calma aí! — Ela arqueou as costas, recuando de minhas mãos perigosamente próximas a sua garganta. — Eu só estava brincando, Mel. Eu não sabia que eles viriam ao vernissage. Os nomes não estavam na lista. É por isso que os penetras me irritam tanto. Eles bagunçam todo o esquema. — Estalou a língua.

Incerta quanto a gritar com ela ou cair no choro logo, acabei enterrando o rosto entre as mãos.

— O que bagunçou tudo foi esse noivado de mentira que você me arrumou. Eu devia me preocupar com a porcaria do leilão e a possibilidade de que ninguém dê um lance, já que nenhuma tela foi vendida ainda. Só que eu tô aqui me descabelando porque o Fred e o Nicolas estão no mesmo salão e todo mundo pode descobrir que eu sou uma grande idiota. Pior ainda, eu *beijei* o Nicolas — gemi, desolada.

— Eu juro que vou dar na sua cara se você continuar dizendo isso como se fosse uma coisa pavorosa. — Cutucou minha cintura. Eu apenas bufei. Ela riu. — Já disse que acho interessante o jeito como você reage toda vez que alguém diz o nome do Nicolas? Você pode não admitir, mas eu sei o que eu vejo no seu rosto agora. Você está brilhando, Mel! Parece feita de glitter. O Nicolas te acendeu.

— Você tá vendo coisa onde não existe. — Joguei as mãos para o alto, impaciente.

— Sabe qual foi a última vez que eu te vi desse jeito? Foi quando

desembrulhou a sandália de gatinho que eu te dei. Tem alguma coisa aí, Mel. E você devia se dar uma chance pra descobrir. Pode ser importante.

Aprumei a coluna para fitá-la com desespero.

— Fabiola, eu ataquei o cara feito uma maníaca. — Massageei as têmporas latejantes de culpa. — De que jeito eu vou explicar o beijo pra ele? O que eu posso dizer sem parecer uma maluca ou que estou a fim dele?

— Fica calma. — Ela alisou meu ombro. — Vamos pensar nisso depois. No momento, o importante é manter o Nicolas longe da família Bueno. Vou tentar mantê-lo ocupado. Deixa tudo comigo.

Antes que eu pudesse implorar para que ela não fizesse mais nenhuma bobagem que pudesse resultar em nossa demissão, ela desapareceu de vista.

Escorreguei os dedos pelo rabo de cavalo, ainda trêmula.

Não devia ser assim. Aquela mentira idiota não devia ter ido adiante. Eu não podia ter beijado Nicolas. No desespero para afastá-lo de minha mentira, eu acabara por reforçá-la ainda mais, me dei conta, mortificada. Pior ainda: Nicolas, um total inocente... naquela história, pelo menos... nem desconfiava do que eu tinha aprontado.

Avistei um balde de gelo com três espumantes perto do cotovelo de Tália e avancei para a garrafa.

— Ei, posso ficar com essa? — perguntei a ela.

Minha chef preferida arqueou uma das delicadas sobrancelhas, quase a ocultando sob a barra da bandana branca, de onde os fios lisos na altura do queixo escapavam.

— Deve ter acontecido alguma coisa realmente fenomenal — ela me observou, preocupada. — Você nunca bebe em serviço.

Também não inventava noivados nem atacava pessoas com beijos, então achei que não tinha problema quebrar as regras só uma vez.

Eu me servi de uma taça, virando a bebida em um gole só. Abençoadamente, Tália não fez mais nenhum comentário e voltou a esculpir a cobertura dos doces.

Mesmo gelado, o espumante não conseguiu aplacar a ardência em meus lábios, nem apagar a lembrança daquele beijo — tão breve, tão suave, tão quente —, ou o gosto da boca de Nicolas.

Mas um evento, como tudo mais na vida, é marcado pelo girar dos ponteiros do relógio, de modo que tive que voltar para o salão minutos depois, mesmo que por dentro parecesse uma panela de pressão com a válvula entupida.

Avistei o grupo de Camila conversando próximo a um painel vermelho com três quadros menores. Continuei esquadrinhando a exposição até encontrar a cabeleira escura de Nicolas. Não foi difícil; ele sobressaía em relação aos demais com toda aquela altura. Dênis conversava com ele sob a vigilância de Fabiola, a

três metros deles.

Uma profusão de cachos negros encobriu minha visão.

— Luna, oi! — saudei, um pouco nervosa. — Que bom te ver.

— Estou cobrindo a Adrielle. Normalmente é ela quem participa desse tipo de evento, mas ficou presa do outro lado da cidade. O Dante não gostou que eu viesse. Ele anda meio paranoico por causa da gravidez. Se ele pudesse fazer tudo do jeito dele, eu estaria na cama agora, sendo monitorada por paramédicos. Nem quero imaginar como vai ser quando chegar a hora de o bebê nascer. — Deu risada, acariciando a barriga muito redonda.

O ponto em meu ouvido estalou. Abri o canal, vasculhando o salão em busca do problema. Mas era só Gabriela brincando com o dispositivo, totalmente distraída com a fonte de lama vermelha feita com placas de computadores em vez de verificar a circulação das bandejas.

— Já sabem o sexo? — Eu me virei para Luna.

— O ultrassom apontou uma coisa, mas a minha avó garante que está errado. — Deu de ombros. — Ela nunca erra.

Ah, errava sim. A porcaria da maçã melecada de mel era argumento mais que suficiente. Porque o meu amor verdadeiro não entrou na minha vida. E Alan, por mais que estivesse se comportando nas últimas semanas, não era exatamente o príncipe encantado que Fabiola esperava ou merecia. Mas é claro que eu não iria dizer isso a Luna.

Até porque eu não acreditava em nada daquilo.

— Como vai a casa nova? — Ela trocou o peso de uma perna para a outra, arqueando de leve a coluna, que parecia matá-la. — Tá curtindo o apartamento?

— Ah, sim. Ele é ótimo. Bastante espaçoso e... — Parei de falar assim que minha segunda melhor cliente parou ao meu lado. E Alicia Moraes de Bragança e Lima só ocupava a vice-liderança por ter optado por um casamento intimista.

Antes de conhecê-la, eu imaginara que a herdeira de Narciso Moraes de Bragança e Lima escolheria um casamento na linha “quanto mais, melhor”. Sempre lia a respeito dela nos sites de fofocas (ela até tinha Instagram, mas quase nunca o atualizava), e a vida de Alicia era uma festa sem hora para acabar até o avô falecer, no ano anterior. Por isso me surpreendi quando ela me contou que queria uma celebração simples e longe da imprensa. Até a data do casamento era mantida em sigilo, sobretudo por causa do sequestro de Marcus.

— Não sabia que você organizava esse tipo de evento. Você é boa! — constatou Alicia, ofensivamente surpresa.

— Você saberia disso se aparecesse nas reuniões, em vez de enviar a sua melhor amiga — impliquei, contemplando a moça de olhar enganosamente doce ao lado do rapaz que se parecia tanto com Nicolas, exceto pelo cabelo claro. —

Ou o seu noivo — adicionei. — Como vai, Max?

— Um pouco ansioso, pra ser honesto. — Abriu um sorriso gentil ao trocarmos um aperto de mão.

Sempre muito educado, ele cumprimentou Luna. Fiz as apresentações, e alguns sorrisos foram disparados. Tudo ia bem até o nome da revista *Tempo* ser mencionado e Alicia se retrair. Ela realmente odiava a imprensa.

Se Luna percebeu, não fez nenhum comentário e aceitou uma taça de água assim que o garçom nos abordou.

— O que estão achando da exposição? — Luna perguntou aos noivos. — Se interessaram por alguma obra?

Max se encolheu, ao passo que Alicia franziu o nariz.

— Meu Deus, não. — Ela contemplou um quadro ali perto. Uma vagina gigante parindo uma CPU. — O João e eu estudamos na mesma turma de Artes. Eu pensei que ele tivesse adquirido um pouco mais de...

— Alicia Moraes de Bragança e Lima! Não a-cre-di-to!

Apenas uma pessoa que eu conhecia conseguia transformar qualquer palavra em um superlativo ao proferir as sílabas separada e animadamente. Camila Bueno nos abordou pelas costas, com Fred a reboque, parecendo irritado e entediado ao mesmo tempo.

Alicia também não pareceu feliz ao vê-los e deu ares de que pretendia escapular, mas Camila se apressou em apresentar o noivo ao grupo, e Alicia se viu na obrigação de retribuir o favor.

— Camila, esse é o meu noivo, Maximus Cassani — disse, de cara amarrada. — Max, essa é a Camila Bueno, a menina que inventou para o colégio inteiro que eu e a Mari estávamos de caso na quinta série só porque eu tive que cortar o cabelo bem curto.

— Meu Deus. — Camila tocou a bochecha rubra, ao mesmo tempo que Luna arqueava uma sobrancelha, já sacando o celular. — Não acredito que você ainda lembra disso. Nós éramos tão novinhas e imaturas!

— Ah, eu lembro. — Os pálidos olhos azuis de Alicia se estreitaram.

Max passou o braço pela cintura da noiva e a puxou um pouquinho para trás. Cheguei para o lado para dar mais espaço a eles e captei Helena do outro lado do armazém acompanhando as últimas pinceladas do artista sem esconder seu fascínio.

Era melhor eu me dedicar mais ao vernissage. Tinha que levar o cavalete e a tela para o pequeno tablado assim que João terminasse. Além disso, ainda queria esganar Fred por ter sugerido outra agência durante a apresentação. Se ficasse perto dele por muito tempo, com seu pescoço a uma distância tão conveniente...

Mas era seguro deixar meu ex traidor com minhas clientes números 1 e 1.5?

Não tinha chegado a um veredito quando mergulhei em um par de íris azul-escuras, no extremo da exposição. Pelo jeito como Nicolas apertava as sobancelhas, parecia me observar havia certo tempo.

— Como se sente sendo a cerimonialista de casamentos tão importantes, Melissa? — investigou Luna.

Com algum esforço, consegui escapar da avaliação de Nicolas e me concentrar na jornalista, cujos dedos voavam sobre a tela do celular.

— Acho que eu sou uma garota de sorte por ter a chance de realizar o sonho de duas mulheres tão incríveis. — Sorri amarelo.

— Onde vai ser a cerimônia de vocês? — Camila perguntou a Alicia.

— Na igreja onde os pais da Alicia se casaram — explicou Max, um pouco sem graça, depois de notar que sua noiva não parecia muito disposta a fazê-lo.

— Se nos derem licen... — Alicia tentou empurrar o noivo para o outro lado.

— Ah, Lili, que ideia mais linda! — Camila espalmou o coração, sem notar o olhar cortante que Alicia lhe dirigiu ao ouvir o apelido que eu só escutava nos lábios de sua melhor amiga. — Eu e o Fred vamos nos casar na casa de praia da minha família. É claro que vocês vão ser convidados. Faço questão que compareçam. — Camila deu início a uma narrativa detalhada dos planos para a lua de mel do casal, em Nova York, e eu deduzi que, com ela monopolizando a conversa, seria seguro deixá-los com Fred por perto.

Eu me preparei para sair de fininho, mas então minha noiva revelou algo que me deixou quente.

— ... hospedados no Four Seasons — anunciou Camila, rindo. — Nós estivemos lá em abril. O Fred me sequestrou no fim de semana da Páscoa. Foi ma-ra-vi-lho-so!

Naquele feriado, ele me dissera que tinha passado o feriado ao lado da mãe no hospital, acometida por uma terrível crise de hipertensão. Só que estava em Nova York transando com a namorada. NO FOUR SEASONS!

Encarei meu ex, que secou a testa e se colocou mais atrás de Camila, que continuou falando.

— O Fred até sugeriu que nós cancelássemos todos os planos e nos casássemos no Four Seasons — disse, puxando o cabelo escuro por sobre o ombro. — Seria um sonho, é claro, mas não acho viável. São muitos convidados. Quase quinhentos...

Parei de ouvi-la, lívida. Então esse era o plano de Fred? Seduzir Camila com um casamento em Nova York no hotel mais romântico do mundo? Qual é? Até eu aceitaria me casar no Four Seasons, e nem precisava saber com quem.

A ira, antes apenas um vulto, tomou forma e ganhou intensidade. Imagino que Fred tenha percebido, pois empinou o queixo daquele seu jeito que antes eu

achava bonitinho, mas que naquele momento me fez querer enfiar sua cara dentro da tela da vagina gigante. Fred não era um homem, nem sequer um rato. Meu ex-namorado era um saco de batatas.

Aquele... aquele...

Eu preciso de outra bebida.

Era isso ou apertar o pescoço de Fred até os olhos pularem das órbitas.

Por sorte, um garçom com uma bandeja repleta de taças suadas de vinho branco passava ali perto. Eu me virei em sua direção sem prestar atenção por onde ia, e acabei me colando a um corpo maciço, o nariz na altura do pescoço largo... e muito cheiroso. Tudo dentro de mim rodopiou feito uma bailarina.

O que Nicolas estava fazendo ali a meio metro de Fred e Camila? Por que Dênis ou Fabiola não o interceptaram?

— Desculpa. Pensei que fosse o vinho. — Eu me desgrudei dele, ajeitando as roupas, como se também pudesse organizar a bagunça em meu interior.

— Acontece o tempo todo. — Um sorriso meio cínico e, de algum modo, cheio de segredos aqueceu seu semblante e elevou a temperatura do salão.

Talvez porque eu estivesse no limite da razão, achei graça e ri um pouco.

— Desculpa, Mel — a voz de Dênis chiou no ponto em meu ouvido. — Eu tentei distraí-lo, mas ele queria dizer "oi" para o primo. Não consegui impedi-lo.

Max socou o ombro de Nicolas.

— Não sabia que você viria, Nick. Está sozinho?

E com apenas meia frase eu seria a mais nova piada da cidade. *Que ótimo.*

Entretanto, quem quer que fosse o responsável por acionar o botão do desastre em minha vida deve ter dado uma corridinha ao banheiro, pois, em vez de aniquilar minha carreira me expondo diante de minhas duas melhores clientes e uma jornalista, Nicolas disse:

— Decidi de última hora. — Ele estudou Camila e Fred com curiosidade. — Eu não sabia que você viria, Camila.

— Também resolvi no último instante. — Ela enroscou uma mecha castanha atrás da orelha. — Confesso que usei o vernissage para fugir do Eduardo. Ele não parou de me atormentar o dia todo com a implantação de um novo programa de segurança na Brasitecno.

— Também ouvi essa história no almoço — meu colega de apartamento fez um aceno curto.

Meu olhar voou para Nicolas, depois para Camila. Nicolas trabalhava em uma empresa de TI. E Camila era vice-diretora de uma.

Ah, meu Deus. Nicolas e Camila trabalhavam juntos! A garota para quem eu inventara um noivado trabalhava com meu noivo de mentira.

Merda. Merda. Merda.

Por que Fabiola tinha que ter inventado aquela história? Por que eu tinha que ter beijado Nicolas? Por que alguém não me trancava em uma cela para me impedir de fazer tanta merda?

— Bem, Nicolas... — Camila relanceou Luna, que continuava anotando tudo o que ouvia no celular. *Maravilha*. — Imagino que amanhã toda a Brasitecno vai ficar sabendo que eu estou noiva. Esse é Frederico Lanza. Fred, o Nicolas Cassani é o cara de quem eu falei na semana passada, uma das melhores contratações da Brasitecno dos últimos tempos.

O que mais faltava acontecer? Eu descobrir que Camila e Nicolas eram amigos de infância e trocavam segredinhos durante o almoço? Como eu poderia mantê-los longe um do outro se eles se viam todos os dias? E de que jeito eu poderia explicar o mal-entendido a qualquer um dos dois, com Luna atenta a cada suspiro?

Mas essa nem foi a pior parte. Não foi, não. O pior de tudo foi assistir a Nicolas fazer a ligação de que Camila, sua colega de escritório, era a mesma pessoa que Camila, minha cliente, a noiva grávida do meu ex-namorado.

“Ela?”, questionou com o olhar, atônito.

Dei um aceno curto, desejando que o chão se abrisse e me tragasse para suas entranhas.

Não. Que engolissem Fred, aquele canalha.

Não tinha outro jeito. Eu precisava abrir o jogo com Nicolas antes que Camila ou Fred o fizessem e ele entendesse tudo errado.

Engoli em seco ao tocar a manga da sua camisa.

— Nicolas, será que a gente poderia...

— Tem certeza de que eu tenho que segurar? — a voz de André soou abafada no ponto em minha orelha, me calando. — Tá meio mole.

De imediato, me virei para o palco da exposição, onde Fabiola, profissional e linda, ajudava André a subir no tablado equilibrando nos braços a tela recém-pintada.

Pressionei o botão no aparelho em meu ouvido, sob o olhar confuso de Nicolas.

— André, o que você está fazendo? Onde está o cavalete?

Supus que meu tom tenha alertado Nicolas de que tínhamos um problema e ele olhou em volta, a testa contraída, procurando.

— O João não quer o suporte — esclareceu André. — Disse que vai interferir no conceito da obra.

Soltando Nicolas, tomei a direção da entrada, driblando apressada os convidados.

— Isso é idiotice, André. A tinta está fresca. Os seus dedos vão acabar

estragando alguma parte. Vou buscar o cavalete.

— A Fabiola já tentou convencê-lo. — Bufou. — Mas o cara ameaçou atirar tinta nela.

— Nós não podemos nos responsabilizar pelas ideias malucas do João. Ele vai ter que aceitar o cavalete. Aguenta aí, já estou chegando.

Voei para o centro do armazém, agora menos movimentado. Pela visão periférica, avistei Gabriela e Dênis entrando no banheiro feminino às pressas, e me esforcei muito para não me preocupar com a expressão lívida no rosto da garota e me concentrar no cavalete muito mais pesado do que eu imaginara, percebi, ao experimentar erguê-lo pela base. As pernas da coisa se fecharam, quase guilhotinando meus dedos.

Saco. Eu precisaria desmontar.

O som agudo do microfone explodiu no ambiente.

— Muito bem, pessoal, aqui está o talentoso artista — anunciou Fabiola sobre o palco. — Acho que este é o momento mais aguardado da noite. Vamos iniciar o leilão desta bela obra, ainda fresca, do artista plástico mais... jovem do país, o queridíssimo João Pinot!

João pulou para o tablado, acenando com as duas mãos.

— Não! Espera! — chamei Fabiola pelo ponto. — Ainda não, Fabi! Enrola um pouco.

Mas não havia mais tempo. Deleitando-se com os aplausos, João não percebeu que André tinha dificuldade em manter em pé a tela ainda molhada e apanhou o microfone.

— Eu quero agradecer a todos por me apoiarem nesta loucura que é a arte — anunciou o artista. — A ideia deste vernissage surgiu quando a minha namorada me enviou uma mensagem. Ela estava na cozinha, e eu na sala...

— Inferno! — Lutei contra a trava do cavalete. — Como é que solta esta merda? Dênis, o que está acontecendo aí no banheiro?

— Nada muito bom. Um cretino teve a infeliz ideia de jogar rolos de papel higiênico dentro da privada de todos os reservados e apertar as descargas. Uma delas emperrou. Tá vazando água pra todo lado.

— Mel — a voz de André me chegou aos ouvidos com um toque de desespero. — Você pode ser mais rápida? Essa bosta tá escorregando. O tecido parece a ponto de rasgar.

Desisti da desmontagem e optei por arrastar, com dificuldade, o cavalete em madeira de lei (exigido por João, apenas para constar) por entre as pessoas. Após meio metro de tropeções e palavrões, cogitei entrar debaixo das pernas do cavalete e literalmente vesti-lo. Mas a madeira de repente perdeu o contato com o chão e escapou de meus dedos.

Arqueei o pescoço a tempo de ver Nicolas apoiar a base no ombro. Ele me observava e viera me salvar ou apenas estava por perto?

Fosse o que fosse, eu não tinha tempo para conjecturas. Tinha que me apressar.

— Obrigada! — ofeguei, surpresa. — Por favor, eu preciso deste cavalete no palco. E tem que ser rápido.

— Eu desconfiei — ele disse, já em movimento.

Fui na frente, abrindo caminho a cotoveladas, esperando assim facilitar a vida dele.

— ... se tornou um mioma na nossa sociedade — continuava João —, infectando nosso sistema sem que percebamos.

Aplausos não muito entusiasmados nos cercaram.

— Enrola, Fabiola — cuspi pelo rádio, empurrando uma senhora para o lado e me desculpando com um sorriso pouco convincente. — Segura mais um pouco.

— Muito interessante — minha amiga disse ao microfone. — E por que você não conta pra nós sobre a sua inspiração para... se tornar um artista plástico?

— E a foto para a imprensa?! — se animou alguém do outro lado da plateia. Por um segundo soou como a voz de Helena Bueno, mas não cheguei a verificar, paralisada ao ver João dar ouvidos à sugestão e se aproximar do quadro recém-pintado.

Então, tudo aconteceu em câmera lenta. André tentou apoiar a tela nos bíceps — manchando a camisa preta —, ao mesmo tempo que João, muito idiota, se esqueceu de que a tinta estava molhada e apoiou o cotovelo no canto do quadro. Os olhos do meu amigo se arregalaram no mais profundo horror e desespero, espelhando os meus assim que a tela escorregou para baixo.

— Nãããã! — Eu me lancei para a frente feito uma bola de demolição, mas já era tarde.

A peça deslizou pelos braços de André e aterrisou no piso de madeira com um *sblosh*. O salão caiu em absoluto silêncio, indeciso quanto à cena ser parte do espetáculo ou um acidente de verdade.

— Cacete — Nicolas murmurou bem perto da minha orelha.

Tudo bem. Nem tudo estava perdido ainda. Poderíamos fingir que a destruição do quadro era parte do vernissage, que era o que João pretendia o tempo todo, tipo aquele cara que picotou seu grafite depois de ser leiloado por milhões de dólares. Não seria difícil convencer os convidados. Eu só precisava que João colaborasse comigo.

Infelizmente o artista estragou meu plano de contenção de danos antes mesmo de eu concluí-lo. Seu grito de horror cortou o ar, os olhos se reviraram nas órbitas, os joelhos encontraram o assoalho. Então um baque surdo conforme o

restante dele desabou no chão, desmaiado.

— Meu bebê! Vocês arruinaram o meu bebê! — João soluçou, sentado na beirada do palco, escondendo o rosto com a boina xadrez.

— Eu lamento muito, João — tentei consolá-lo. — Foi um terrível acidente... Ele ergueu os olhos vermelhos ejetados de fúria.

— Terrível acidente? — esbravejou. — Você e a sua equipe de merda arruinaram a minha carreira e você *acha* que foi só um terrível acidente?! Essa era a noite mais importante da minha vida. Meu Deus! Amanhã eu vou estar em todos os jornais, desmaiado feito uma garotinha em perigo!

Pressionei os lábios para não gemer. Se ele não tivesse surtado e atirado comida e tinta para todo lado...

Mas em um ponto ele tinha razão: eu falhara. Em vez de me preocupar com a exposição, eu me distraíra com os problemas que a farsa do noivado traria para minha carreira caso fosse desmascarada, me esquecendo de João por completo.

— Eu devia estar por perto — murmurei, mortificada. — Me desculpe. Ainda podemos enviar uma nota com as fotos oficiais do evento para todos os meios de comunicação. Vamos...

Com um pulo, ele ficou de pé, os cantos da boca espumando ira.

— Você não vai fazer mais nada! Suma daqui! Você e essa agenciazinha de merda vão pagar caro por destruírem a minha carreira, Melissa. Muito caro!

Eu não queria piorar ainda mais a situação, então me segurei e comecei a me afastar. Falaria com ele pela manhã, quando estivesse mais calmo e lúcido para compreender que sua carreira não havia acabado coisa nenhuma, se agíssemos depressa. Não existe propaganda negativa na área das artes desde que o nome do artista seja grafado corretamente.

Ao deixar o prédio, avistei meus amigos perto do portão, carregando os equipamentos para a van da Allure com um ar de derrota tão grande quanto o meu. O pessoal do bufê já havia partido fazia vinte minutos.

Mais do que ansiosa por dar aquela noite horrenda por encerrada, fui na direção deles e não notei que havia alguém encostado na lateral do carro até ele se endireitar e vir ao meu encontro, as mãos nos bolsos dos jeans, por sorte, livres de tinta ou comida.

— Nicolas! — falei, surpresa, a bolsa escorregando pelo meu ombro. Eu a puxei para cima antes que tombasse. — Pensei que você tivesse ido embora logo que o João começou a atirar comida nas próprias telas.

— E perder a parte mais divertida da noite? — Ele scrutinou meu rosto demoradamente. — Como você está depois de tudo isso?

Abri os braços para que ele visse a bagunça de manchas de creme de salmão e calda de maracujá salpicadas em meu vestido preto. João não atingira somente seus quadros.

— Frustrada! É assim que eu me sinto. Eu passo semanas calculando cada detalhe, cada mínima possibilidade de algo dar errado. Crio um plano B, e um C e um D! Aí eu me distraio por cinco minutos e o artista joga tudo pelos ares, literalmente.

— Ele precisa de um tempo pra botar as ideias em ordem — me consolou, avaliando-me com a cabeça inclinada. — E você também. Aquela bebida vai cair bem, afinal.

— Que bebida? Aaaaaah... — Droga, com tudo o que acontecera naquela

noite, eu tinha esquecido completamente do assunto.

Por mais que naquele momento uma bebida fosse tudo o que eu mais desejasse no mundo, se eu aceitasse o convite de Nicolas, daria a ele a chance de perguntar sobre o beijo. E, descompensada como estava, o provável era que eu acabasse me enrolando ainda mais na história.

Busquei as pedrinhas redondas em meu pulso, retorcendo-as nos dedos enquanto vasculhava as ideias em busca de uma desculpa convincente. Antes que a encontrasse, porém, ouvi Nicolas rir. Um som diferente do que eu conhecia... débil, sem vida, que me arrepiou de alto a baixo, e não de um jeito bom.

— Não acredito que entrei nessa. — Afastou o cabelo que lhe caía na testa com um movimento impaciente, me dando um ângulo melhor da emoção que endureceu seu queixo. Não era exatamente raiva, mas chegava perto. — Desde que você me beijou e depois eu descobri que a vice-presidente da Brasitecno é a noiva do seu ex, um vermezinho irritante ficou sussurrando na minha cabeça que você só me usou para provocar ciúme no Fred. Mas aí eu descartei a hipótese, porque você não ia se aproveitar de alguém desse jeito... Foi manipulada por alguém e sabe como isso incomoda. Só que eu pensei errado, não pensei?

— Não. Não é nada disso. — Nervosa, me adiantei um passo, perdendo o controle da bolsa, que escorregou para meu cotovelo e bateu contra seu quadril. Eu a segurei pela alça. — Desculpa. Eu sei que preciso explicar, mas que tal se a gente deixar pra outra hora? Eu tive uma noite horrível, e não queria piorar ainda mais se... — Não, espere. Não era isso que eu pretendia dizer.

Faminta, exausta, frustrada e com a presença de Nicolas perturbando meu raciocínio, precisei de um instante para reorganizar os pensamentos. Infelizmente, não tive chance de me expressar direito.

— E eu vou piorar a sua noite — concluiu, em um tom diferente das outras vezes em que implicamos um com o outro. Não havia mais calor nos olhos de lápis-lazúli. Tinham se apagado.

Merda.

— Não foi isso que eu quis dizer! — me apressei. — Saiu errado. Se você só me deixar...

— Não é necessário. Eu já entendi. Você me usou, e eu fui idiota o bastante para permitir. — Ele dizimou a curta distância que nos separava, curvando o pescoço de modo que seu rosto zangado ficasse a um suspiro do meu. — Mas eu não cometo o mesmo erro duas vezes.

Uma emoção infinitamente pior que mágoa ferveceu sob a superfície turva das íris sempre quentes. E me atingiu bem na boca do estômago: decepção. Eu tinha desapontado Nicolas.

Tentei engolir e não consegui.

Antes que eu pudesse encontrar um jeito de me explicar, ele endireitou a coluna e me deu as costas.

— Não, Nicolas, espera aí! — chamei, indo atrás dele.

O cara tinha dois metros de pernas, e, mesmo correndo para acompanhá-lo, não consegui ser rápida o bastante e ele passou pelo portão de ferro, desaparecendo dentro do Jeep estacionado no fim da rua antes que eu transpusesse a grade.

— Droga. — Chutei o portão antes de voltar para a van.

André atirou sua sacola verde de ferramentas na traseira do carro. Os metais dentro dela tilintaram.

— Pegou pesado, Mel. — Ele me olhou de cara amarrada.

— O cara só quis ser legal. — Gabriela juntou os cabelos nas mãos, improvisando um coque alto ao mesmo tempo que me dirigia uma expressão reprovadora.

— Vocês estavam ouvindo a conversa?!

Empilhando duas caixas plásticas repletas de fios enrolados, Dênis me olhou atravessado.

— Não deu pra não ouvir. Vocês estavam a dois metros da gente. Você podia ter sido menos... humm...

— Idiota! — ajudou Fabiola, apontou um dedo imperioso para meu peito. — Tem horas que eu quero te matar, sabia? A vida te envia um presentão desses, e você diz que ele piora as coisas? Esse desastre no vernissage aconteceu por sua culpa. É seu carma dizendo que você só faz merda.

Joguei a bolsa dentro da van.

— Eu não quis dizer o que eu disse, ok? Saiu errado. O Nicolas bagunça minha cabeça.

— E, como sempre, você vai deixar por isso mesmo. — Cruzou os braços, ainda me fuzilando. — Porque você não reconheceria uma coisa boa entrando na sua vida nem se ela agitasse uns pompons na sua cara!

— Agora o Nicolas é uma coisa boa? — rebati, aborrecida. — Pensei que tivesse ouvido você me pedir para tomar cuidado.

Tudo o que ela fez foi bufar e me dar as costas.

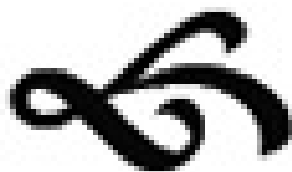
Sem olhar para nenhum dos meus amigos, apanhei a caixa metálica forrada de espuma, onde se aninhavam as luzes de LED, e fui guardá-la na van, me esforçando para apagar da mente a expressão que vira no rosto de Nicolas.

Eu queria muito poder contradizê-lo, falar que estava enganado e tudo não passava de um mal-entendido. Mas não podia, porque eu o usara descaradamente sem nem ao menos me preocupar com as maneiras como o afetaria. Nicolas

tinha razão. Eu havia me comportado da mesma forma que Fred.

Dispus a caixa junto das outras e bati a porta do carro com tanta força que ele sacolejou. Recostei a testa no vidro frio da janela traseira na esperança de que ele apaziguasse a tormenta em meu cérebro. Não funcionou.

— Saco.



— A tia Mirian ligou — me conta mamãe, empoleirada entre os bancos dianteiros do Corolla de papai. — Ela está pensando em passar uns dias em Buenos Aires, na semana do Natal. Nos convidou para ir com ela.

— Ótimo. Vocês nunca saem. Muito menos tiram férias. Coloca o cinto, mãe.

Ela revira os olhos enquanto meu pai ri ao meu lado. Mas faz o que eu pedi.

— A questão — continua — é que ela não convidou só a mim e ao seu pai. A gente não viaja em família há tanto tempo, Mel...

Solto um suspiro.

— Mãe, você sabe que eu não posso. A semana antes do Natal vira uma loucura de formaturas, casamentos, festas de empresa. Não dá pra mim.

— Nem por uns dois dias? — Papai mantém o olhar na avenida expressa. — Você vai mesmo me deixar sozinho com sua tia?

Dou risada. Papai e tia Mirian nunca se entenderam. Acho que tem a ver com ele ter quebrado um anão de jardim no primeiro almoço de Páscoa como marido da mamãe.

— Desculpa, pai. Não vai dar mesmo.

Ele estala a língua.

— Não existe álcool suficiente no mundo para que eu possa sobreviver a uma semana com a Mirian.

Mamãe ri baixinho.

— Ah, não seja tão duro com a minha irmã. A Mirian não implica com você por mal. Ela age assim com todo mundo. Não pode evitar. E ela não te atormentaria se você se esforçasse para se entender com ela. A coitadinha até fez o pudim que você gosta na última vez que a visitamos.

— Você não diria isso se tivesse provado o doce — ele rebate. — O que ela colocou no pudim? Papelão?

Os dois continuam discutindo, e eu sorrio. Assim são Sérgio e Olivia desde que consigo me lembrar. Qualquer assunto leva a um debate, para dali a poucos minutos alguém flagrá-los aos beijos escondidos em algum canto da casa.

O sol de fim de tarde transformou o para-brisa do carro em um arco-íris quente, cintilando pequeninas estrelas dançarinas no painel. O vento que entra pela janela agita meu cabelo, preenchendo a cabine com os muitos aromas da cidade. Eu teria sorrido ao sentir o vento em meu rosto. Adoro a sensação, mas não dessa vez. Ainda que buzinas, motores e gritos espiralem pela rua, há uma quietude no ar. Não uma quietude pacífica. É mais como se o planeta estivesse prendendo o fôlego.

Eu estou.

— Meu Deus! — meu pai ofega.

Olho para o lado e me deparo com a grade de um caminhão a poucos centímetros do nosso carro, entrando em um dos acessos da avenida a toda a velocidade sem pisar no freio...

O berro alto e estridente parecia nascer em minha alma machucada, arranhando minha garganta. Braços fortes me puxaram de encontro ao corpo quente e rijo, mas eu me debati, ainda gritando, ainda chorando. No entanto, eram insistentes, resolutos, e, sem que eu entendesse direito como aconteceu, enlaçaram meus ombros. Meu rosto se aninhou no peito largo, onde o coração batia apressado.

— Calma. — Nicolas murmurou em meu ouvido, afagando meu cabelo. — Está tudo bem. Foi só um sonho ruim.

O que ele não entendia é que o sonho ruim já durava dois anos. Ainda assim, ele me deixou extravasar a dor, me segurando tão apertado contra o peito que era quase impossível respirar. Não consegui encontrar forças para pedir que me soltasse. Eu não queria me soltar dele.

Agarrada a Nicolas, chorei até meus olhos queimarem de angústia, de raiva e desespero por não ser capaz de alterar o passado. Demorou para que a consciência reassumisse o barco... minutos ou horas, não sei ao certo. O tempo fica sem sentido quando se está sofrendo.

O surpreendente é que Nicolas ficou comigo enquanto eu me perdia naquela agonia, murmurando palavras de consolo, acariciando meu cabelo, minhas costas, massageando meus dedos cerrados em punho sobre seu peito até conseguir afrouxá-los.

Assim que recobrei algum controle, percebi que eu estava agarrada ao homem a quem tinha tratado muito mal naquela noite. Um homem que havia lido o meu cronograma e se esforçara para melhorar nossa convivência, e fizera a bagunça desaparecer, constatei ao entrar em casa naquela madrugada. E como eu retribuía? Usando Nicolas sem me preocupar com seus sentimentos.

Eu o soltei, mantendo as vistas nos lençóis revirados.

— Desculpe, Nicolas. Não queria te acordar.

— Tá tudo bem. — Afastou com extrema delicadeza uma mecha que encobria minha visão. Eu devia ter me assustado com o toque. Em vez disso, me flagrei ansiando por outros mais íntimos. — Você está bem?

— Sim. — Sequei o nariz nas costas da mão. — Foi só um pesadelo. Já passou.

Ele não pareceu convencido.

— Quer falar sobre o assunto? — perguntou, com suavidade. — Talvez ajude de alguma forma.

— Foi só um sonho ruim.

Empurrei o cabelo para trás, tomando fôlego, e vislumbrei a bolota de pelos laranja dentro de uma gaveta da cômoda entreaberta, espiando Nicolas como se... bom, se Loki tramasse algo terrível. Eu pretendia brincar com Nicolas sobre o assunto, mas, ao me voltar para ele, notei a cueca boxer preta e nada mais além de pele nua.

— Pensei que a gente tivesse concordado que não era legal andar pelado pela casa. — Eu o espiei de viés por entre as pestanas úmidas.

Ele relanceou o teto.

— Eu te ouvi gritar às três da manhã, como se alguém estivesse empalando uma faca no seu peito. É, eu devia ter pensado em vestir uma roupa antes de vir te salvar de um assassino cruel... — Estalou a língua, e mesmo ainda fungando acabei rindo. Mas ele estava muito sério ao acrescentar, em voz baixa: — Você me assustou. Eu quase preferia ter encontrado alguém no seu quarto. Pelo menos eu poderia lutar contra ele. Não sabia o que fazer quando te vi naquele estado, perdida dentro de si mesma.

Mordi o lábio inferior para impedir que tremesse.

— Foi mal. Não queria ter te assustado. Peça desculpas pra garota que estiver com você hoje.

— Não tem ninguém comigo. — Depois de hesitar, ficou de pé, me analisando de toda a sua altura. — Quer alguma coisa? Uma bebida forte ou... humm... uma bebida ainda mais forte?

— Eu estou bem. — Sorri de leve. — De verdade. Obrigada por vir dar uma espiada no que estava acontecendo. Foi... foi bem bacana.

Ele assentiu, ainda sério. Parecia querer dizer mais alguma coisa, mas desistiu no último instante e começou a se retirar.

Eu me ajoelhei no colchão e o chamei de volta.

— Nicolas, espera. Sobre a noite passada... — comecei, nervosa.

A musculatura em suas costas se enrijeceu de súbito, e ele parou, mas não se virou.

— A gente fala disso outra hora.

— Não. Precisa ser agora. — Apreensiva, retorci a ponta do lençol entre os dedos. — Me desculpe. Eu não devia ter te beijado. Eu agi sem pensar esta noite... a noite passada — corrigi. — Mas não tive a intenção de te usar pra fazer ciúme no Fred. Juro que não.

Esperei que Nicolas rebatesse meus argumentos, que me deixasse falando sozinha. Mas ele permaneceu calado e foi apoiar as costas na porta, os braços cruzados esperando que eu continuasse.

Muito bem, era melhor fazer aquilo direito.

— Também não quis dizer o que eu disse — continuei, meio enrolada. — Eu estava frustrada por tudo ter dado tão errado no vernissage e não consegui me expressar direito. Às vezes eu faço isso. Fico nervosa e engasgo com as palavras, como naquela noite na igreja. Se você está por perto acontece com mais frequência. Não sei direito por quê. Ainda estou tentando descobrir. Só queria dizer que lamento muito a forma como eu agi com você hoje.

Ele continuou imóvel, apenas me estudando daquele seu jeito que ia direto ao assunto, e fiquei na dúvida se tinha me ouvido. Tudo bem, eu esperava reação semelhante. Ao menos conseguira expor o que realmente sentia, me consolei. Já era alguma coisa. Não o bastante para que eu encontrasse conforto, mas era um começo.

Após um século inteiro de absoluto silêncio, ele finalmente resolveu dar um fim à minha angústia e abriu a boca.

— Sabe o que mais me deixou furioso? — Cerrou os dentes, se desencostando da porta. — Foi perceber que você um dia confiou num canalha feito o Fred, mas nem ao menos me deu o benefício da dúvida. Pra você eu sou e sempre vou

ser o tipo de homem que você mais despreza. Ironicamente, você me colocou na categoria que seu ex deveria ocupar — escarneceu.

Eu me encolhi, envergonhada. Não sabia muito sobre Nicolas, mas ele tinha tentado ser legal comigo. Tudo o que ele fizera até então fora me ajudar — na igreja com o policial, tentando me animar no bar ao saber que eu iria produzir o casamento do meu ex, carregando o cavalete para o palco sem que eu pedisse, me oferecendo uma saída ao propor que dividíssemos o apartamento... Ele *era* um cara legal. Então por que eu sempre agia errado com ele? Por que me incomodava tanto que ele trocasse de mulher como quem troca de roupa? Ele tinha todo o direito de curtir sua solteirice da maneira que quisesse. Não era da minha conta nem da de ninguém. Por que eu o tratava como se ele fosse o demônio tentando me convencer a aceitar um convite para uma festinha privada no inferno? Por que ele me assustava tanto?

— Desculpa, Nicolas. Pelo que eu disse. E fiz — adicionei depressa, observando meus joelhos descobertos. — Nunca mais vou fazer nada parecido com aquilo. Eu juro.

E isso incluía fazer as pessoas acreditarem que Nicolas era meu noivo. Assim que me encontrasse com Camila eu iria deixar claro para ela e Fred que Nicolas e eu não estávamos juntos. Eu não podia seguir adiante com aquilo. Não era justo com ele.

— Pelo menos funcionou? — Seu timbre desinteressado pareceu fora de contexto com o que eu via em sua expressão. — Ele já te ligou?

— Quem... aaaaaah, o Fred? Não. Nem espero que ligue. Eu falei a verdade, Nicolas. Não foi por causa dele que eu te beijei.

E, inacreditavelmente, ele pareceu acreditar em mim. Em duas largas passadas, estava diante da cama.

— Então, por quê, Mel?

Eu podia ter contado que minha amiga me inventara um noivo, e que eu ficara tão assustada com a possibilidade de perder o emprego e não poder cuidar dos meus pais que me deixei levar. Podia ter explicado que, por causa disso, eu acabara sendo promovida e, em vez de satisfação pessoal, eu me sentia uma fraude. Também podia ter me voluntariado para o programa de colonização em Marte, pois, se ele soubesse de tudo isso, o planeta vermelho seria o único lugar onde eu poderia andar de cabeça erguida. De algum modo, contar a ele que eu era uma idiota completa me angustiava mais que todas as outras justificativas juntas.

— Quando eu vi o casal chegar... — afastei os cabelos do rosto, inspirando fundo — ... a última coisa que eu queria era ter que falar com eles. Quase não suporto na Allure. Aí eu pensei que, se estivesse ocupada... tipo muito ocupada,

eu os manteria afastados — concluí, sem jeito e ridiculamente aliviada. Não era toda a verdade, mas uma parte era melhor que nada.

Qual é? Existe um limite até onde alguém é capaz de ser compreensivo, e eu já testara a paciência dele naquela noite. Além disso, a farsa do noivado acabaria em alguns dias. Na terça-feira eu explicaria a Camila que havíamos terminado, e o assunto nunca mais seria mencionado. Eu podia falar com ele depois, quando estivesse num momento mais bem-humorado e... humm... eu não estivesse vestindo um pijama de gatinhos e ele usasse um pouco mais de roupa. Isso me ajudaria a manter o foco.

Nicolas ouviu a tudo calado, a expressão vazia, embora o olhar cravado no meu feito uma talhadeira abrisse buracos pelas minhas defesas, disposto a dar uma espiada atrás do muro no qual eu me escondia. Meu estômago se contraiu, centenas de pedrinhas de gelo saltitando ao mesmo tempo que meu rosto e pescoço esquentaram.

Por sorte, Loki resolveu regressar para o aconchego dos lençóis e saltou da gaveta para a cama, se aninhando sobre minhas coxas, de modo que tive uma desculpa para fugir do escrutínio de Nicolas.

Mais ou menos um século se passou até ele resolver romper o silêncio de novo.

— Não gosto de não saber onde estou pisando, Melissa. Nem de ser manipulado — anunciou, em um tom duro.

— Nunca mais vou fazer nada parecido, prometo. — Eu o espiei, meio sem graça. — Me sinto péssima por ter te beijado.

Ele meio riu, meio bufou, empurrando o cabelo para trás.

— Taí uma coisa que todo homem sonha ouvir...

— Você entendeu o que eu quis dizer! — Fiquei vermelha. — Tem alguma coisa que eu possa fazer pra que você esqueça que eu agi tão mal? Aquele drinque, talvez... como um pedido formal de desculpas? — lembrei, de repente.

Espera. O quê?! Eu estava convidando Nicolas para sair? Eu tinha perdido a cabeça de vez? Ele podia não ser o idiota que eu idealizara, mas ainda era Nicolas Cassani, e, levando em conta que me deixava zonzinha sempre que sorria... e ele sorria bastante...

O que diabos eu estava fazendo?

Tudo bem, não era como se eu estivesse pedindo Nicolas em casamento. Eu só ia tomar alguma coisa — caso ele aceitasse, é claro —, provar que estava arrependida e cair fora. Era só uma bebida. Eu tomava dúzias com clientes e nunca acabei na cama com nenhum deles.

Não que eu estivesse pensando em cair na cama de Nicolas nem nada. Só mencionei por causa do... da... ah, sei lá. Era só um drinque. Nada de mais.

E ele podia nem aceitar, ponderei, esperançosa. Podia estar tão furioso comigo que não suportaria olhar na minha cara mais que o necessário. Sim, ele podia muito bem rejei...

— Tudo bem — concordou, com um firme aceno. — Mas eu escolho o lugar.

Nicolas deixou meu quarto sem fazer barulho, fechando a porta depois de passar por ela.

Eu voltei a me deitar. Loki saltou para perto do meu ombro, se enrolando. Afundei o rosto em seus pelos sedosos.

— Tá legal. Então eu tenho um encontro com o Nicolas. Não, não um encontro, Loki. Só uma saída sem nenhum interesse romântico envolvido. — Eu me afastei para encarar os olhinhos amarelos sonolentos. — Vai ser apenas uma bebida entre amigos. Eu posso fazer isso, né? Agora que está tudo esclarecido... ou quase... nós podemos ser amigos, certo?

Ele escondeu o focinho com uma das patas, num claro “sei lá, posso dormir agora?”.

— Você é um péssimo conselheiro, sabia?

Um vibrar suave ressonou pelo quarto e não vinha do meu gato dorminhoco. Eu me estiquei para apanhar o telefone sobre o criado-mudo, e por um momento maluco pensei que poderia ser Nicolas cancelando o encontro.

O drinque. Cancelando o *drinque*. Não era um encontro.

Mas quem me escrevera não era o homem que andava bagunçando minhas ideias. Era o que quebrara meu coração quase dois meses antes.

A gente estava junto quando você começou a trepar com o babaca?

Faltava pouco para as nove da noite quando desci do ônibus e tive que caminhar por duas quadras para chegar ao endereço enviado por Nicolas. Não podia estar certo, foi a primeira coisa em que pensei, analisando o arco tomado por rosas trepadeiras na entrada de uma espécie de vila, onde se lia “Viela Restaurante”. Apanhei o celular e conferi o endereço. Sim, eu estava no lugar certo. A segunda coisa que me ocorreu conforme eu adentrava a vila foi que o Viela era ainda mais espetacular do que eu imaginara. O conjunto de pequenas casas, de fachadas em estilo europeu, tinha um quê bucólico devido às luzinhas

enroscadas nos troncos das árvores e ao cordão iluminado sobre todo o pátio. Um jazz suave saía das caixas de som estrategicamente posicionadas, envolvendo o lugar em uma atmosfera de romance contagiante.

A terceira coisa em que pensei foi que eu ia matar Nicolas. Devíamos nos encontrar em um café ou bar sem personalidade, não em um cenário saído direto de uma comédia romântica.

Eu caminhava pelas lajotas da viela principal, me aproximando de um chafariz iluminado, quando meu celular começou a zumbir. Vi de relance o nome do meu ex na tela e namorei a ideia de afogar o aparelho na fonte. Fred me escrevera durante toda a madrugada. Eu não me dera ao trabalho de ler nenhuma das mensagens — não mais do que a notificação permitia. Mas tinha entendido o suficiente: ele estava furioso (*rá-rá!*) porque desconfiava de que eu o traía durante o período em que estivemos juntos. Ao menos ele tinha parado de falar sobre me afastar da organização do seu casamento, então, de um jeito bem estranho e torto, como todo o restante da minha vida naquele momento, acho que a mentira de Fabiola tinha servido para alguma coisa. Não posso dizer que não me diverti com a inversão de papéis, no início. Agora era só *muito* irritante.

Como se esse dia já não estivesse ruim o bastante, pensei, jogando o celular dentro da bolsa. O clima de velório se abatera sobre a Allure na manhã daquela sexta-feira. Fotos de Camila e Fred estampavam todos os portais de notícias. A primeira aparição do casal em público na noite passada dera o que falar. Mas a novidade nas capas de quase todas as revistas também mencionava o vernissage e o desastroso final. João inclusive dera uma exclusiva a um dos jornalistas presentes depois que fui embora, alegando que fora vítima de sabotagem. Claro que o nome da Allure e o meu foram citados muitas vezes. Por isso, eu soube que estava encrocada assim que avistara minha chefe entrando na agência, perto das oito e meia — ela nunca chegava antes das dez —, com um jornal na mão, mais furiosa que um tubarão com um anzol preso na barbatana. Os berros indignados de Sônia puderam ser ouvidos de uma estação espacial, disso eu estava certa.

Por algum milagre ela não me demitira, embora eu tivesse certeza de que a ideia de me atirar pela janela tenha lhe ocorrido mais de uma vez, então eu só podia agradecer a convenção de urologia daquela tarde, que acabara fazendo pouco mais de meia hora e tinha me dado a chance de impor vários quilômetros entre mim e Sônia.

Do centro da pequena vila, avistei uma mão se erguendo em uma das varandas, segundos antes de ele se levantar. Meus saltos repicaram contra as pedras do calçamento, pontuando minha irritação conforme eu seguia em sua direção. Acho que Nicolas notou meu humor a distância, pois alisou a camisa

azul-marinho, depois correu os dedos pelo cabelo.

À medida que chegava mais perto, reparei que seus olhos estavam ainda mais azuis sob a parca iluminação e ressaltavam o bronzeado de sua pele. Eu me perguntei como ele conseguia. Não era para ele ter aquela cor cinza-lagartixa de escritório, igualzinho ao restante de nós?

Também percebi os vários olhares femininos fixos nele, ainda em pé. Mas Nicolas não pareceu notar ou se incomodar, me acompanhando com o olhar. *Claro que não se incomodaria*, pensei, subindo os dois degraus da varanda. Ele devia estar acostumado a ter o mundo a seus pés. Nicolas tinha aquela autoconfiança de quem sabe que metade do mundo lhe pertence e a outra metade é só questão de tempo. Ia ficar bastante frustrado quando descobrisse que eu não pertencia a nenhum dos grupos. Porque eu não estava interessada, e mesmo se estivesse não poderia. Os eventos desastrosos da noite anterior eram prova de que eu não podia me distrair; precisava focar toda a minha energia no trabalho se quisesse mantê-lo. E Nicolas não era apenas uma distração, era um acontecimento.

— Pensei que a gente fosse tomar só um café ou uma cerveja — acusei, ao parar diante dele.

— E vamos. Eles têm os dois no cardápio. Já conferi. E uma porção de outras coisas, caso você esteja a fim. — De um jeito educado enervante, puxou a cadeira para que eu me sentasse.

Pendurei minha bolsa no encosto, bufando ao avistar o vasinho de rosas polpudas e a vela tremulante bem no centro da mesa. *Ah, que maravilha...*

— Como foi o evento de hoje? — perguntou ele, ocupando a cadeira à minha frente.

— Foi uma convenção de urologia. Muito didática. Agora eu sei tudo a respeito de amputação peniana. — Sorri, toda inocente.

Nicolas entendeu a ameaça velada e estremeceu de leve.

— Taí um assunto que não me fascina nem um pouco...

Então não devia me trazer num lugar como esse!

Mas, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, o garçom nos abordou, me estendendo o cardápio. Recusei com um gesto de mão.

— Só uma cerveja, obrigada. — Era melhor acabar logo com aquilo antes que, sei lá, um trio de violinistas aparecesse em nossa mesa e iniciasse uma serenata.

— Duas, por favor — pediu Nicolas, sem apartar o olhar de meu rosto.

Parecendo chateado, o garçom colocou o menu debaixo do braço e foi atender outra mesa. Meu acompanhante se encostou à cadeira, me observando com atenção por quase um minuto inteiro.

— Você está brava comigo — concluiu, abrindo um sorriso torto.

— Eu normalmente estou brava com você, Nicolas.

E foi aí que eu entendi a escolha do restaurante. Ele sabia que todo aquele clima de romance me deixaria desconfortável. O Viela era minha punição pela maneira como eu o tratara na noite anterior. *Filho da mãe.*

— É verdade. Mas pelo menos dessa vez eu sei o motivo. — Ele apoiou os cotovelos na mesa, cruzando os braços sobre o tampo. Seu perfume me atingiu com a sutileza de uma marreta. — Apenas se lembre de que agora nós somos amigos e estamos aqui porque você me beijou desavergonhadamente ontem.

— Eu não...

Eu me calei quando o garçom estacionou ao lado da mesa e depositou duas long necks sobre a toalha. Achei melhor ocupar minha boca com a bebida, ou acabaria gritando com Nicolas e estragando o encontro. *A saída, corrigi.*

A bebida, droga.

— Percebeu que nós moramos juntos e não sabemos quase nada um do outro? — puxou conversa, completamente relaxado ao cutucar o rótulo da garrafa com a ponta da unha meio roída. — A gente mal se encontra em casa.

— Quem diria que milagres acontecem...

Ele me deu um olhar enviesado, mas apertou os lábios para conter o sorriso.

— Você sempre tem as noites e os fins de semana ocupados pelo trabalho? — quis saber.

Suspirei, aliviada por ele sugerir um tópico seguro.

— Normalmente. Poucas pessoas preferem se casar ou oferecer um coquetel numa segunda-feira de manhã.

— E o que você costuma fazer nas folgas? — indagou, parecendo realmente interessado.

Brinquei com minha garrafa, girando-a entre as palmas suadas.

— Humm... saio com os amigos. Visito os meus pais. Fico jogada na cama com um livro na mão e o gato dormindo em minha barriga. Basicamente isso.

— Nada de festas, então? — Um brilho de interesse tilintou nas íris azuis.

— Evito sempre que posso. Não consigo desligar. Fico com a sensação de que devia estar fazendo alguma coisa, resolvendo um problema... Ou então idealizo a maneira como eu teria composto a decoração, o cardápio... É um saco. Mas acho que isso só acontece comigo, porque a Fabiola não para em casa. E você, o que faz quando não está na Brasitecno? — perguntei, por educação. Mas então a curiosidade se apoderou de minha língua. — O que faz quando *está* na Brasitecno?

— Tento me virar para tirar do papel todas as ideias malucas dos clientes. — Segurando a garrafa pelo gargalo, ele a fez rodopiar sobre a toalha feito uma bailarina, mas não a levou à boca. — Sou o responsável por todos os projetos em

andamento. Desenvolver novos softwares ocupa metade do meu tempo. A outra metade eu ocupo fazendo papel de idiota.

Eu o observei por um momento, surpresa com a maneira como aquela última parte me soou familiar. Mas havia uma enorme distância entre mim e Nicolas. Um continente inteiro, na verdade. Pelas roupas que usava, a mobília cara, dava para perceber que seu salário era uma fábula. Já o meu não passava de uma piada bastante sem graça até o mês anterior.

— Acho difícil acreditar nisso — balbuciei.

Ele tomou um grande gole da bebida. Um pouco de espuma se grudou no lábio superior. Por um momento, tudo o que pude fazer foi olhar para ele.

— Porque você não conhece a história ainda. — Suas sobrancelhas quase se uniram. — Eu fui pra Brasitecno faz pouco tempo. Atraí a atenção da diretoria depois que criei um sistema de segurança de rede. Me convidaram para ser o novo gerente de projetos. Só que muita gente por lá esperava ocupar a vaga e... bom, digamos que eu não sou muito popular agora. — Fez uma careta desgostosa.

Eu podia visualizar a cena. Talentoso, bonito e cara nova na empresa, Nicolas devia ter vários apelidinhos pelos corredores da Brasitecno, não muito melhores do que os que inventávamos para a Sônia.

— Deve ser bem frustrante — cedi, empática.

Meu comentário o fez rir.

— Não sei se essa é a palavra certa... — Ele se ajeitou na cadeira, apoiando um cotovelo na mesa, a garrafa ainda na mão, em uma postura descontraída e quase íntima demais. — Hoje, por exemplo, eu tive uma reunião com a diretoria. Trabalhei duro no projeto de um novo dispositivo portátil de armazenamento de dados, e estava confiante de que ia receber o *ok* dos diretores. Achei que a apresentação estivesse indo bem, porque ninguém na sala piscava enquanto eu descrevia as vantagens do novo produto. Aí alguém começou a rir. Depois outro. Virei para a tela para conferir se tinha alguma coisa errada. E tinha. — Assentiu uma vez, os lábios levemente retesados. — Por alguma razão eu salvei as fotos que o Marcus me enviou da despedida de solteiro do Max no arquivo da apresentação.

Arqueei as sobrancelhas.

— Mulheres seminuas e tudo mais?

— Antes fosse. — Balançou a garrafa, um sorriso enviesado se desenhando nos lábios largos. — O Max morre de medo de magoar a Alicia, então nós fomos para a casa do Marcus encher a cara e assistir futebol. Mas era muita bebida, Mel, e não era tanta gente assim, então alguns soldados ficaram pelo caminho. Eu fui um deles. Acordei na manhã seguinte, no meio da sala do Marcus, com a

maior ressaca da minha vida e dezenas de garrafas de cerveja vazias contornando o meu corpo, mais ou menos como *O homem vitruviano*, do Da Vinci.

— Ah, meu Deus. — Mordi a bochecha para não gargalhar. — Você estava pelado?!

— Não. Mas estava sem um pé do sapato, a cara cheia de bolotas de creme dental e batatas fritas espetadas nelas. — Soltou um suspiro pesaroso. — Foi essa foto que eu exibi para a diretoria da Brasitecno.

O riso escapou antes que eu pudesse engoli-lo.

— Espera. Fica pior — disse Nicolas, resignado. — Depois da apresentação, o Eduardo, o diretor financeiro, me chamou na sala dele para dizer que a bebida é um péssimo conselheiro, que ele mesmo luta contra o vício faz um tempo, e que tudo iria ficar bem sem o álcool. Para me incentivar, me deu carta branca para tocar o projeto, junto com um cartão dos Alcoólicos Anônimos.

— Ah, meu Deus, Nicolas. — Gargalhei ainda mais.

— Eu sei. — Correu os dedos pelo cabelo negro. — Estou na dúvida se conto a verdade para o Eduardo e corro o risco de perder a aprovação do projeto ao qual dediquei muito tempo e esforço, ou se o acompanho na próxima reunião do AA. Então, *frustrado* não é exatamente a palavra que eu usaria quanto ao que eu sinto trabalhando na Brasitecno.

A gargalhada se intensificou, a ponto de eu me dobrar na cadeira e pensar que teria que correr para o banheiro. Nicolas também riu, daquele seu jeito sexy e rouco, com ruguinhas ao redor dos olhos e tudo mais.

— O que você vai fazer? — eu quis saber depois de me recompor um pouco, secando os olhos com leves batidinhas para não terminar com a cara toda borrada de rímel.

Tomando mais um gole da cerveja, ele se encolheu.

— Não faço ideia, Mel. A diretoria da Brasitecno é meio paranoica, sempre à espera de uma invasão, sabotagem, espionagem industrial... Tenho medo de que alguém perceba que eu não sofro com o alcoolismo e comece a imaginar que sou um espião tentando roubar informação sigilosa. — Deixou a garrafa na mesa, a diversão se apagando conforme o olhar se enevoava. — Eu gostaria muito de pegar pelo pescoço o responsável pelo desenrolar da minha vida. Supondo que seja outra pessoa, e não eu.

— Eu sei exatamente o que você quer dizer — murmurei, impressionada que tivéssemos algo mais em comum além de pertencermos à raça humana. — O que te impede de procurar outro emprego, se você não está feliz na Brasitecno? A grana?

Aquiescendo, voltou a puxar o rótulo da garrafa e me contou sua história. O pai morrera havia três anos. A mãe, perdida em tristeza com a morte do marido,

acabou sendo demitida da multinacional onde atuava como psicóloga. Nicolas era filho único e se virou na obrigação de aceitar o cargo (e o salário astronômico) na Brasitecno em vez de permanecer na Fillmert, uma pequena empresa de softwares onde tinha sido analista, sua verdadeira paixão. A mãe morou com ele logo que ingressou na Brasitecno, mas não se adaptou ao agito da cidade grande e voltou para a cidadezinha onde passara a vida toda com o marido, de modo que agora Nicolas tinha duas casas sobre os ombros.

— Em outros tempos, eu teria recusado. — Ele se recostou na cadeira, o olhar vago fixo em um ponto atrás de mim. — Dinheiro nem sempre é o mais importante. Até que passa a ser, e você precisa ser adulto.

Senti uma conexão instantânea se formar entre nós. Ele discorria sobre sua vida, mas podia muito bem ser sobre a minha. Então eu me dei conta de que tinha uma visão distorcida de Nicolas. Eu pensava nele como um desses playboys cuja existência se resume a festas, mulheres e muito sexo. Não duvidava de que uma parte de sua vida fosse assim, mas nunca me ocorreu que ele pudesse ter problemas reais. Era uma boa surpresa descobrir esse lado mais comum do meu colega de apartamento, sobretudo porque eu meio que estava gostando de falar com ele.

— E você? — Sacudiu a cabeça para recuperar o foco. — Qual a história por trás de ter aceitado cuidar do casamento do seu ex? A verdadeira — acrescentou, baixinho. — Jogar a sua carreira no lixo por causa do Fred foi só uma parte do motivo, não é?

Aquela pergunta geralmente me fazia retrair e fugir da resposta. Mas sua expressão aberta, franca, me deixou ansiosa por dividir algo com ele.

— Sim. O grande motivo são os meus pais — admiti, encarando a chama da vela se esticando perigosamente em direção a uma pétala da rosa vermelha. — Eu também sou a chefe da casa faz um tempo. Não posso perder o emprego principalmente por causa do plano de saúde. A minha mãe está em tratamento por tempo indefinido. Ela sofreu um acidente de carro dois anos atrás. — Eu me encolhi com a lembrança, afastando a flor da língua de fogo. — Ainda lida com as sequelas.

Sem hesitar, ele estendeu o braço para apertar meus dedos, ainda ao redor do vaso.

— Eu sinto muito, Mel.

Seu toque quente produziu um zumbido em meus pensamentos, retumbando em meu peito. Quase imediatamente, Nicolas puxou a mão, parecendo confuso, como se eu o tivesse queimado ou coisa assim. Desviei o olhar, me abraçando, fingindo não perceber como o ponto onde ele tocara formigava, ou a razão que me fizera revelar tanto a ele. Então fiquei ali, observando a chama da vela e me

perguntando por que eu havia tocado no assunto, para começo de conversa.

— Ainda acho estupidez seguir adiante com isso — sussurrou à meia-voz, me obrigando a enfrentá-lo. Sua expressão era uma mistura de preocupação e assombro. — Mas não posso dizer que não compreendo os seus motivos. Nem que não te admiro demais pelo caminho que tomou.

A ternura em seu timbre me pegou desprevenida, e por um instante tudo o que fiz foi me perder em seu oceano profundo, comovida com o fascínio quase reverente cintilando na superfície, intensificando o rebuliço que acontecia em meu peito.

Como era possível que Nicolas mexesse tanto comigo por... bom... só de me olhar?

Era hora de dar no pé, concluí, antes que algo mais ridículo acontecesse. Tipo eu começar a afogar, ou confessar que andava desenhando sua tatuagem toda vez que me distraía com uma caneta na mão.

— Eu preciso ir agora. — Girei para apanhar a bolsa e puxei a carteira, em busca do cartão de crédito.

Nicolas se esticou para espalmar a mão sobre a carteira, me impedindo de abri-la, tomando cuidado para que nossas peles não se encontrassem.

— Você ainda não terminou a sua bebida — apontou, apressado. — E nem eu a minha.

Eu tinha que ir embora. Algo me dizia que Nicolas era muito mais perigoso do que eu havia me dado conta. Eu estava descobrindo que gostava de sua companhia, me sentia confortável perto dele, e *esse* era o problema.

— É que eu preciso acordar cedo amanhã — justifiquei.

Novamente, ele fez aquilo de olhar bem para dentro de mim. E avistou algo que confirmava minha história, pois largou minha carteira, pendendo contra a cadeira.

— Ok. Vamos pra casa. — Solto uma pesada respiração contrariada.

Pisquei feito uma tonta.

— Juntos?

— Melissa, nós moramos na mesma casa — disse, devagar.

É claro que eu sabia. Só pensei... Ok, economizar a grana do ônibus seria legal, mas ficar trancada com ele em uma cabine com pouco menos de três metros quadrados? Ainda me lembrava da experiência do avião, e não estava a fim de repetir, sobretudo agora, quando eu meio que não o odiava mais.

— Tudo bem. — Ele riu, mas não havia humor em seu olhar. — Não precisa inventar desculpa para recusar a carona. Já saquei que te deixo desconfortável.

— Deixa nada.

Deixa sim.

— Você não é tão boa em mentir quanto pensa. — Seu olhar cintilou.

O que ele queria dizer com aquilo? Camila tinha dito alguma coisa ou eu tinha e nem havia me dado conta?

Antes que eu começasse a hiperventilar, ele acrescentou:

— Eu sei que você não quer pegar carona comigo, como também sei que você está com fome, mas vai embora de estômago vazio porque não quer que eu pense que isto é um encontro.

Tudo bem, ele estava me assustando. O que mais ele sabia? O motivo pelo qual meu coração estava tão agitado e meu rosto todo quente, por exemplo?

Meio largado na cadeira, tamborilou os dedos na lateral da cerveja, me examinando.

— E se eu disser que não tenho a intenção de tentar nada com você esta noite? — propôs, apertando os olhos.

— Não é por isso que eu estou indo embora. Eu sei que você não está interessado e que só me trouxe neste restaurante nojento de romântico pra me atazanar. É melhor eu ir embora antes que algo ainda mais constrangedor apareça. Tipo um violinista e você me tire pra dançar com uma rosa entre os dentes.

Ele riu com gosto, e uma deliciosa satisfação me inundou de alto a baixo. E foi isso que disparou um alarme sonoro em minha mente com a mesma sutileza de um *riff* de guitarra: eu gostava de fazer Nicolas rir?

Como se pudesse ler meus pensamentos, ele se curvou sobre a mesa, ficando um pouco mais perto.

— Bom, já que você estragou a surpresa, acho que não tem problema ficar. A menos que exista outro motivo para fugir de mim. — O desafio cintilou na curva atrevida de sua boca.

Umedeci os lábios, tentando desenrolar o novelo emocional que se embolava em minha garganta.

— E por que você ia me convidar pra jantar? Eu não vou transar com você — garanti a ele e ao galope desvairado em meu peito.

Inclinando a cabeça para o lado, ele me mostrou um sorriso quase indecente.

— Não lembro de ter feito qualquer movimento que desse a impressão de que eu queira te levar pra cama esta noite.

Se eu ficasse mais vermelha, alguém poderia me confundir com uma lagosta e me atirar dentro de uma panela de água fervente. Não mudaria muita coisa, porém; meu cérebro já tinha cozinhado fazia algum tempo.

— Eu só quero a sua companhia. — Encolheu os ombros, a diversão abandonando sua expressão. — Descobri que gosto de falar com você.

Infelizmente, eu também gostava de falar com ele. Nicolas era divertido, e eu

queria ouvir mais sobre ele. Eu me perguntei se talvez pudéssemos ser amigos de verdade.

Uma parte de mim se agitou em um “Vamos fazer isso!”. Nicolas era um cara legal e me fazia rir. A outra parte minha gritou um “VOCÊ FICOU LOUCA DE VEZ???” e se apressou em me lembrar de todas as vezes em que estive com ele e fui acometida pela sensação de me equilibrar no fio de uma teia de aranha esticada sobre as cataratas do Iguaçu.

Eu tinha alguns amigos do sexo oposto. Dênis e André, por exemplo. Claro que nenhum dos dois deixava minha boca seca. Para ser bem franca, eu desconfiava de que todas aquelas coisas que eu experimentava perto de Nicolas tivessem uma explicação bastante simples e tremendamente complexa ao mesmo tempo. Tudo o que eu não precisava agora era de mais complicação em minha vida.

— É só um jantar, Mel — insistiu, parecendo sincero. — Não vou tocar em você. Prometo.

Ele não precisava ficar repetindo que não estava interessado. Eu já tinha entendido, o que era bem conveniente, já que eu não tinha nenhum interesse em Nicolas. Só não entendi direito por que subitamente desejei sair correndo do restaurante...

Enquanto eu tentava produzir uma resposta, algo atrás da minha cabeça capturou a atenção de Nicolas. Sua postura mudou de descontraída para séria e rija em um milésimo de segundo.

— Acho que vamos ter companhia. — Trincou o queixo.

— O quê? Quem? — Eu me virei, acompanhando seu olhar, fixo na entrada da pequena vila.

Então eu quis chorar.

É nisso que dá, ponderei, aborrecida. Enganar uma pessoa, mesmo que não se saiba que está enganando. O carma começa a te perseguir. E o meu carma atendia pelo nome de Camila Bueno e Frederico Lanza.

Ah, cara... Isso já é ridículo, pensei, assistindo ao casal se desviar das mesas, se aproximando cada vez mais depressa. Encontrar dinheiro em uma roupa usada fazia tempo? Topar com um bilhete premiado jogado na calçada? Entrar na agência e dar de cara com minha chefe de bom humor? Não, essas coisas não aconteciam comigo. Mas trombar com meu ex e sua noiva onde quer que eu fosse? Ah, supernormal.

— Talvez eles não nos vejam. — Olhei esperançosa para Nicolas. — Ou a gente possa pagar a...

— Mel! Que coincidência in-crí-vel! — disse Camila atrás de mim.

Pulei da cadeira tão depressa que bati a coxa na quina da mesa. *Saco*. Não dava mais tempo, concluí, friccionando o ponto dolorido na perna sob o olhar curioso de Nicolas. Eu tinha dado sorte no vernissage... nesse aspecto, pelo menos. Mas não podia contar com ela de novo. Tudo bem, eu sei que tive a noite toda para me explicar para Nicolas, mas, em minha defesa, eu não queria arruinar a primeira vez que nós realmente nos entendíamos.

Camila parecia brilhar mais que uma estrela ao nos admirar. A expressão de quem chupou limão com pimenta de Fred nem era uma surpresa. Eu precisava me livrar deles antes que o pior acontecesse. Mas, diabos, de que jeito?

— Não sabia que encontraríamos vocês aqui. — Ela jogou suas ondas de mogno para o lado. — Não é ma-ra-vi-lho-so, Fred?

Meu ex murmurou um “ãrrã”, muito mais interessado em encarar Nicolas como se ele fosse o responsável pela disfunção erétil.

E Nicolas entendeu o recado. Lentamente, ele se ergueu sobre as pernas, o corpo maciço e longo se desenrolando com graça, e deu ao meu ex um sorriso insolente. Como ele podia sorrir num momento daqueles, pelo amor de Deus?

Tudo bem, talvez se um pouco de cerveja caísse “acidentalmente” na roupa de Camila... Ou na cara de Fred...

Mas então, abençoadamente, Camila disse:

— Bem, não queremos atrapalhar. Espero que vocês aproveitem o jantar. A comida daqui é fa-bu-lo-sa! Tem alguma coisa no ar deste lugar. O clima de romance perdura a noite toda! — Piscou para mim.

Desde que descobrira que Camila Bueno era a noiva de Fred, não tive um único pensamento contra a garota. Nunca senti vontade de esfregar sua cara no asfalto ou afogá-la na pia do banheiro, por exemplo. Até ela sugerir uma noite de sexo incrível com Nicolas. Quer dizer, ela não mencionou o “incrível”, mas, por tudo o que eu vira aquela noite no hotel, e ouvira do meu quarto...

Abanei a cabeça. Esse não era o ponto. Aonde eu queria chegar mesmo?

Ah, espere. Camila envolveu o braço de Fred e começou a puxá-lo para o outro lado. Eles estavam indo embora! É claro que iriam. A herdeira do Banco Bueno era educada demais para atrapalhar o que imaginava ser um jantar romântico, e Fred estava perdido naquela disputa idiota de quem mija mais alto com Nicolas para se opor a qualquer coisa.

Um alívio violento me atordoou, e tive que me segurar no encosto da cadeira para não afundar no chão. Nicolas notou e me deu um olhar preocupado.

Ah, por favor, Deus, que ele não tenha entendido tudo...

Menos absorto do que eu imaginava, Fred contornou a cintura da noiva com o braço, impedindo que se afastasse.

— Espere, Camila — disse ele. — Você não queria discutir uma ideia com a nossa cerimonialista?

— Não no meio de um jantar, xanxão. — Ela sorriu amarelo.

— A nossa mesa ainda não está pronta. Que momento mais apropriado que um encontro casual? Eu estou disponível.

Os cantos da boca de Nicolas apontaram para baixo ao mesmo tempo que eu respondia:

— Mas eu não estou, sr. Lanza.

Meu comentário cortante não teve nenhum efeito em Fred, que me analisou de alto a baixo, depois deu o mesmo tratamento a Nicolas, ainda de pé ao meu lado, e franziu o nariz.

— Parece bastante disponível para mim — desdenhou Fred, deliberadamente puxando uma cadeira para se sentar.

— Fred! — Camila levou a mão à garganta, as bochechas em chamas. — Você está sendo indelicado.

O noivo se aproveitou do seu vacilo e a puxou pelo braço, derrubando-a no assento que Nicolas ocupara instantes antes. Bastante sem graça, Camila distribuiu olhares de desculpas e tentou se levantar. Fred tornou a forçá-la para baixo.

— Eu tenho certeza que Melissa compreende sua ansiedade. — O brilho raivoso no olhar do meu ex me desafiava a contradizê-lo. — Afinal, é o trabalho dela cuidar da noiva.

Uma mistura de surpresa e irritação endureceu os traços de Nicolas.

“Eu bato nesse cara ou você faz isso?”, seu olhar pareceu indagar.

Honestamente, eu me satisfaria com qualquer uma das alternativas. Mas de que adiantaria socar Fred? Ele estava determinado a atrapalhar minha noite e não ia sair dali até conseguir, por isso apenas fiz que “não” com a cabeça. Não valia a pena arranjar problemas com Camila por conta daquele traste.

Com uma calma oposta ao que eu sentia, Nicolas puxou a cadeira para que eu me acomodasse e escolheu o assento entre mim e Fred, dando a impressão de que queria me proteger do meu ex com o próprio corpo. Não que eu precisasse. Eu podia lidar com Fred sozinha. Ainda assim, sua preocupação me comoveu. Ele era bem fofo quando queria.

— O que você gostaria de discutir, Camila? — Quanto antes ela falasse, mais cedo eu me livraria do casal.

Passando o olhar de mim para Nicolas, ela mordiscou o lábio inferior, o rubor colorindo suas bochechas.

— Desculpa, gente, mas não vou conseguir me segurar até terça-feira — explicou, meio mortificada, meio empolgada. — Mel, eu andei pensando se nós

poderíamos ter um telão imenso atrás da pista de dança e exibir as nossas fotos durante a valsa. Também queria perguntar se seria possível espalhar aqueles aromatizadores de ambiente. Nós temos muitas memórias olfativas, e seria incrível se pudéssemos utilizar uma fragrância de abacaxi. — Ela se voltou para o noivo. — Lembra daquela tarde de março em Aruba?

Fred aquiesceu, ainda confrontando o homem ao meu lado, parecendo disposto a pular em sua garganta. A calma de Nicolas ao bebericar sua cerveja só o enervou mais.

Mas minha noiva não percebeu nada disso e tocou meu braço.

— Nós passamos a tarde em uma praia particular perto de Oranjestad — confidenciou Camila, reluzindo mais que o diamante em seu dedo. — Desconfio que o nosso bebê tenha sido feito lá! Vocês precisam visitar Aruba. O lugar é má-gi-co!

A mão pesada de Nicolas envolveu meu joelho, impedindo que continuasse a se sacudir, e imediatamente fui assolada por uma avalanche de sensações bastantes distrativas. Estava pronta para empurrá-la na tentativa de manter o foco, mas então, em tom sereno e casual, ele anunciou:

— A Mel não é muito fã de praia.

Ele se lembrava?

Eu me virei para ele de imediato, mergulhando naquele escuro oceano turbulento. Nicolas olhou tão dentro de mim que luzinhas douradas piscaram em minha retina, dificultando que eu compreendesse o que ele estava fazendo. Não tinha percebido que eu já estava encrocada até a medula por culpa do nosso noivado fajuto? Por que parecia que ele me tocava e dizia coisas que davam a entender que éramos íntimos? Por que ele estava me ajudando a manter a farsa?

Ah, espere. Ele não sabia nada sobre esse assunto. Então... Então o que Nicolas estava fazendo?

Antes que eu conseguisse encontrar uma resposta, Camila arfou, de modo que voltei a atenção para ela na esperança de entender alguma coisa.

— Sério, Mel? — Arregalou os olhos amendoados. — Ah, meu Deus, eu não sabia que você não gostava de praia! Meu casamento vai ser um pesadelo para você?

Nem faz ideia...

— O seu casamento vai ser só um desafio, Camila. Sobretudo pelo pouco tempo que nós temos — garanti, meio entorpecida, pois a mão quente de Nicolas ainda em meu joelho enviava pulsos elétricos por toda a minha coluna.

Camila suspirou, arriando os ombros.

— Acho que você não vai gostar do segundo assunto que eu queria debater com você. — Enrolou uma de suas ondas no indicador, tensa. — É que o Fred e

eu nunca tivemos uma festa de noivado. Pensei que nós poderíamos fazer alguma coisa simples, na casa de praia, só para as famílias.

Mais trabalho. Mais tempo com Camila e Fred. Eu teria alguma sorte naquela história?

— Ah... — Retorci uma das pulseiras no indicador. — Eu vou... dar uma olhada na agenda.

Meu nervosismo não escapou da avaliação de Fred, cuja atenção estava na mão em minha perna. Eu também estava preocupada com ela. A mão de Nicolas, quero dizer. Seus dedos eram meio encantados; todo o meu corpo vibrava, se arrepiava, derretia.

A noiva interpretou minha hesitação de outra maneira, porém.

— É claro que não vamos precisar dos seus serviços o *tempo todo*. Você poderia levar alguém para te fazer companhia nos momentos de folga e...

— Você se acha capaz — atalhou Fred, o olhar exigindo o meu — de administrar um casamento da magnitude do nosso ao mesmo tempo que se distrai com o namorado?

E ali estava. O fim da farsa criada por Fabiola. Soltei um suspiro entrecortado. É claro que tinha que ser o idiota do Fred a me desmascarar. Claro que seria ele.

— Fred, pelo amor de Deus. — Ouvi Camila exclamar. — Desculpe, Melissa. O Fred anda nervoso com qualquer coisa estes dias.

Ao meu lado, Nicolas se remexeu na cadeira, ficando mais alto, mais largo, ganhando um ar meio... bom... feroz, como eu esperava. Só que não encontrei acusação em seu semblante. Não havia espaço. Seus olhos reluziram tons avermelhados, perigosos, o maxilar trincado, as veias no pescoço mais evidentes. E *aquilo* era fúria, me dei conta. O que Nicolas me dirigira na noite anterior era apenas uma faísca, uma fagulha se comparado com o que eu vislumbrava agora. No entanto, a explosão nuclear não era reservada a mim.

— Até porque — proferiu ele, em um tom enganosamente plácido, encarando Fred — não é da conta de ninguém com quem a Melissa se relaciona.

Fred, sempre tão covarde, encontrou vestígios de seu brio no pior momento possível e aceitou o desafio com um enrijecer de queixo.

— Só estou me certificando de que a minha noiva vai ter o que quer. Que a cerimonialista não vai estar com a cabeça em outro lugar que não seja o nosso casamento.

Aquilo foi a gota d'água. Eu havia tolerado tudo em nome da ética profissional, mas havia um limite, e o meu era duvidarem de minha capacidade.

— Não se preocupe, Fred. — Empinei o nariz, fuzilando o homem que um dia ocupou todos os espaços do meu coração. — A Camila terá o que deseja, mesmo que a escolha dela não seja a melhor. Para o local do evento — me apressei em

dizer, ao ver o horror cruzar o rosto dela. — Por causa do clima. Sempre tenho diversos planos de contenção envolvendo tendas e toldos.

— Ah, que susto. — Ela tocou a base da garganta. — Pensei que eu tivesse feito uma escolha errada e ninguém tivesse me dito nada.

Mordi o lábio para não gritar. Ou começar a chorar. Camila tinha feito uma péssima escolha de noivo, mas não era minha função abrir os olhos dela, certo? Era como Fabiola havia dito: ela nunca acreditaria na ex-namorada abandonada.

Então, por que o sabor amargo da culpa me provocava um embrulho no estômago?

A moça pretendia dizer alguma coisa, mas o garçom se aproximou, meio esbaforido, avisando que a mesa deles estava pronta, graças aos céus. Camila se levantou de imediato, puxando Fred pela manga do paletó.

— Já importunamos muito vocês. Ah, antes que eu me esqueça, talvez a minha mãe me acompanhe na terça, para a prova dos docinhos.

E as notícias boas não param de chegar, pensei, rabugenta.

— Ótimo. — Eu me forcei a sorrir. — Tenho certeza de que vocês vão adorar. Providenciei os melhores docinhos da cidade. Até encomendei algumas flores para que você entre no clima.

Ela deu um gritinho, batendo palmas, e arrastou o noivo pouco disposto para a varanda do prédio ao lado.

Nicolas grunhiu assim que eles estavam longe o bastante, relaxando na cadeira.

— Preciso alertar que vou deter você caso tenha a intenção de assassinar esse cara. Mas só porque eu odiaria te ver trancada em uma cela.

— Não gosto de você quando é sensato, sabia? — zombei.

Seus lábios se esticaram em um sorriso cínico.

— Você não gosta de mim em ocasião nenhuma, *namorada* — frisou.

Arriei os ombros, exaurida. Ainda não havia terminado.

Nicolas tinha me ajudado a enfrentar o ataque de Fred e merecia uma explicação sobre o porquê de meu ex o enfrentar com tanta fúria. Era a única coisa certa que eu ainda podia fazer naquela história.

Inspirei profundamente, reunindo coragem para soltar toda a verdade.

— Nicolas, eu sinto muito. O Fred sugeriu que nós estávamos juntos porque...

— Relaxa — atalhou, esticando as pernas sob a mesa. — Eles viram o beijo no vernissage, e agora nos encontraram neste restaurante. Não precisa ser um gênio para deduzir o que eles estão pensando. Eu só estava implicando com você.

— Ah... — Agarrei a garrafa de cerveja, quente àquela altura, e tomei um longo gole. — Sim. Foi... exatamente isso.

Tudo bem, existem coisas que parecem certas, mas na realidade não são, ponderei, uma ideia se desenhando em minha mente. Eu queria muito dividir com Nicolas o absurdo do nosso noivado, mas a verdade estragaria tudo entre nós, justamente quando finalmente começávamos a nos entender, não é? Por que criar mais um conflito com o cara com quem eu dividia o apartamento? Além disso, eu não precisava nos desgastar em mais uma discussão se poderia pôr um ponto-final na farsa na manhã de terça-feira. Assim que Camila aparecesse para a prova dos doces, eu daria um jeito de lhe explicar que Nicolas e eu não estávamos mais juntos e tudo acabaria, sem que ninguém se ferisse. Era a solução perfeita.

— Mas sabe... — Sua voz me chegou aos ouvidos, me arrancando da abstração. — Agora eu entendo por que você me beijou ontem. Eu beijaria um sapo se isso me colocasse a dois metros longe do cara.

— O Fred tem dificultado as coisas, e isso me deixa muito irritada. Quer dizer, ele me enganou de todas as maneiras possíveis, mas age como se fosse o oposto. Quem ele pensa que é pra brincar com a minha vida desse jeito?

— Um covarde. — Ele cruzou os braços, o rosto ainda fulgurando com os resquícios de fúria. — Mas você já sabia disso.

Esfreguei a testa, rindo sem nenhum humor.

— Você me acha uma idiota, né?

— Eu nunca disse isso. — Algo além da raiva fervilhava sob a fachada serena, mas não consegui nomear. Mal conseguia desembaraçar minhas próprias emoções.

— Nem precisa. Eu sou uma mulher de quase vinte e seis anos que trabalhou dezesseis horas por dia nos últimos cinco anos a troco de um salário de estagiária. Sou a responsável pela produção do casamento do meu ex-namorado, de quem eu nem sabia que fui amante por um ano inteiro. Eu não conseguiria ser mais patética nem se tivesse tentado.

Aprumando a coluna, ele se endireitou na cadeira e ficou meio de lado para poder me encarar.

— Você não é patética, Mel. Esquentadinha, com certeza. Mas não patética.

— Para um filho de psicóloga, preciso dizer que você não herdou nadinha do talento da sua mãe. — Acabei rindo, agitada. Mas logo tornei a suspirar, infeliz. — O que me deixa louca é que o Fred sabe que o meu trabalho é importante e pretende usar isso contra mim. É tão... tão... cruel, na verdade.

Envergonhada, fixei a vista no outro lado da pequena vila, capturando de relance a imagem de meu ex afastando o cabelo do ombro da noiva com ternura, tão parecido com o jeito como me tocara tantas vezes, para murmurar alguma coisa em sua orelha. Sobre o quanto ele me achava incompetente ou como

Camila estava bonita? Qual das alternativas doía menos?

— Ele vai conseguir, né? — pensei alto. — Me tirar do caminho. É só questão de tempo até a Camila ceder à pressão e fugir com ele para Nova York — murmurei, ferida, pela primeira vez me dando conta de algo que, por conta de um coração machucado, até então eu deixara escapar. — E não vai ser difícil, porque em algum momento eu vou cair na provocação dele. Vou perder a Camila, o emprego, a segurança financeira da minha família e, por consequência, o meu nome. Nesse ramo tudo se resume a quem indica. Que noiva vai contratar a mulher que teve um caso com um dos noivos?

Havia algo muito mais dolorido que perder um namorado: perder o controle de tudo por alguém que não vale a pena.

— Mel... — Nicolas murmurou, perturbado, arrastando meus olhos para os dele. Especulei se era assim que os insetos se sentiam com relação à luz: sabem que é letal, mas não conseguem ignorar a beleza e seguem em direção à própria morte. Eu não conseguiria desviar o olhar do dele nem se minha vida dependesse disso. — Você está estragando tudo. Precisa se acalmar. Agora.

— Eu sei que estou estragando tudo. Essa é a questão. — Pisquei, sentindo as lágrimas se prenderem aos meus cílios. — Nos últimos tempos parece que eu não faço nada d-direito...

— Mas que diabos, Mel!

Não sei ao certo sob que ótica Nicolas enxergava as coisas. Definitivamente não era sob a mesma que eu, já que acreditou que a melhor maneira de me acalmar foi envolver uma das mãos na parte de trás do meu joelho, encaixar a outra em minha cintura e me puxar para si, prendendo minhas pernas entre as suas. Mas foi eficiente, admito. A proximidade me silenciou.

— Vai me ouvir agora? — demandou, urgente.

Se meu coração não estivesse retumbando tão alto nos ouvidos... talvez eu escutasse.

— Duas coisas — prosseguiu, vergando-se sobre mim, de modo que meu nariz ficou a meros centímetros de seu queixo. — A primeira, o Fred está olhando pra gente.

Umedeci os lábios subitamente secos.

— Certo. Q-qual é a segunda?

Nicolas comprimiu a boca até se tornar apenas uma pálida linha fina.

— Sinto muito, Mel. Vou ter que quebrar a promessa que fiz mais cedo.

— Que prom...

Não tive como concluir, pois sua boca se apertou contra a minha.

Eu não podia acreditar que Nicolas estava me beijando. Era tão... tão... inconcebível! Preparei-me para empurrá-lo e começar a gritar com ele. Estava prontíssima! Cheguei a cravar os dedos em seus ombros, só que... Em vez de meu peito ser alagado de indignação pelo beijo atrevido, foi incendiado por uma emoção violenta que me impulsionou para ele. Minhas pálpebras se fecharam sem um comando consciente, os dedos se enrolando em sua camisa para impedir que se afastasse. Experimentei mover os lábios. Só queria prová-lo, sentir seu gosto com mais clareza que na noite anterior. Juro que não pretendia ir além.

Nicolas era um caçador nato e eu não sabia nem manejar uma arma.

No entanto, minha sutil exploração resultou em um rugido gutural em sua garganta. O pouco controle de que eu ainda dispunha escorreu por entre meus dedos, e eu entreabri os lábios. O braço em minha cintura se estreitou, os dedos em minha nuca mergulharam em meu cabelo com vontade ao mesmo tempo que sua língua penetrava minha boca sem qualquer hesitação, exigindo, ofertando, implorando por mais e... sem mais nem menos, ele me soltou. Entregue como estava, eu não esperava por tal reação e tive que me segurar em suas coxas para não acabar caindo de cara no chão.

Então, longe, quase em outro planeta, ouvi alguém pigarrear.

— Prontos para fazer o pedido?

Sobressaltada, dei um pulo na cadeira, me desprendendo de Nicolas para enfrentar o olhar embaraçado do garçom.

— A-acho que nós precisamos de um pouco mais de tempo — balbuciei, espiando Nicolas por entre as pestanas.

Ah, meu Deus, ele continuava me encarando com as faces afogueadas, os lábios entreabertos conforme respirava com dificuldade, os olhos se metamorfoseando de um azul profundo para um negro absoluto, e ainda assim queimando, despertando todo tipo de zumbido em meu íntimo.

Escutei o garçom suspirar e imaginei que tivesse se afastado, não tenho certeza. Muitas perguntas embaralhavam minhas ideias.

Nicolas me beijara. E eu correspondera. Por que, se nem ele e nem eu estávamos interessados? Por que ele tinha me beijado daquela maneira sôfrega? Por que eu correspondera com a mesma paixão? Por que eu queria tanto que ele me beijasse de novo?

Porque você ficou louca por ele desde que o viu naquela igreja, uma vozinha sussurrou em meu coração.

Não. Claro que não. Eu não seria estúpida a esse ponto. Devia ter outra explicação. Até encontrá-la, eu precisava alertar Nicolas de que não haveria mais beijos entre nós, porque... porque... Por que mesmo?

Ah, certo! Aquilo não podia se repetir porque eu não tinha casos de uma noite. E mesmo que tivesse seria errado, já que agora dividíamos o apartamento. Quer dizer, eu não podia beijar meu colega de apartamento. Seria esquisito, para não dizer desconfortável e... humm... errado... Muito errado.

Mas por um momento pareceu tão, tão certo...

Não! Nada disso! Era errado e ponto-final.

Acho que minhas emoções estavam mais visíveis do que deveriam, pois Nicolas esfregou a boca, contrariado.

— Você está brava — constatou, a voz rouca enlouquecedoramente sexy.

Para meu tormento, meus mamilos corresponderam de um jeito totalmente inapropriado. Lutando contra as deliciosas sensações nas quais meu corpo nadava e a demanda urgente para que eu voltasse a colar minha boca na dele, cruzei os braços, rezando para que os bojos do sutiã fizessem sua parte e não revelassem nada.

Sem seu toque, porém, comecei a raciocinar — ou o mais próximo disso que meu cérebro encharcado de feromônios foi capaz —, fazendo uma rápida investigação de minhas emoções. Ainda presa em seu olhar obscurecido pelo desejo, a cortina de fumaça que sombreava minha mente nos últimos tempos se dissolveu, revelando tudo o que eu tentara esconder até de mim mesma. Ali estavam os batimentos cardíacos erráticos, a boca formigando de vontade da dele, a agitação sem sentido revolvendo minhas entranhas, os arrepios por todo o corpo que não passavam.

Não havia outra maneira de interpretar tudo aquilo: Nicolas Cassani me atraía. E muito, desde... saco, desde a igreja e o ensaio que não aconteceu. Essa era a razão pela qual ele me irritava tanto. Era por isso que eu perdia o controle sempre que estávamos juntos, que eu implicava tanto com ele, que fingia odiá-lo. Eu tentara afastá-lo de todas as maneiras possíveis, pois, no fundo, estava ciente de que minha atração por ele era maior que meu bom senso ou minha força de vontade. Não podia me sentir tão atraída por Nicolas. Naquele momento eu não me recordava o motivo, mas sabia que existia um. Quer dizer, ele era o tipo de cara que acenderia qualquer mulher com a visão em condição razoável. Mas eu não costumava me deixar guiar pelo tesão, sobretudo apenas dois meses após terminar um namoro catastrófico...

Ah! Ali estava o motivo pelo qual eu não devia me envolver com Nicolas nem com ninguém. Eu estava enrolada até o pescoço com os problemas causados pelo meu último namorado, para não mencionar que Nicolas tinha uma dezena de garotas esperando uma ligação, e o tipo de relacionamento que ele costumava ter com elas era algo que nunca funcionaria para mim. E, mesmo ciente de tudo isso, eu ainda queria grudar minha boca na dele e pagar para ver. Como aquilo podia ficar pior?!

Visivelmente desconfortável, Nicolas se remexeu na cadeira, como se espinhos tivessem brotado no assento.

— Mel, eu sei que prometi não te tocar. — Solto o ar com força, parecendo envergonhado. — E eu pretendia cumprir a promessa, eu juro. Mas você estava quase caindo no choro, e o Fred estava olhando pra nós. Eu não queria que ele te visse chorar por causa dele, que pensasse que conseguiu te desestabilizar desse jeito.

Nicolas não quis me beijar. Não de verdade. Só arranjou um jeito de me calar.

Era assim. Era assim que tudo ficava pior...

Eu não sabia o que era mais humilhante: o maior sedutor que eu conhecia me beijar por pena, ou eu ter retribuído o beijo e continuar desejando que ele me beijasse de novo.

Minha autoestima capenga tropeçou e começou a rolar ladeira abaixo.

— Tudo bem. — Enfiei o indicador entre as pulseiras, pescando a de lápis-lazúli (a cor exata dos olhos de Nicolas), e comecei a torcê-la na forma de looping. — Eu sabia que você estava atuando o tempo todo. Isso nem foi um beijo de verdade. Como ontem, quando eu te beijei no vernissage. Não foi pra valer. Eu não quis te beijar.

Pronto. Que ele soubesse que eu não estava a fim também. Eu podia estar atraída por ele — contra minha vontade, só para deixar claro —, o que não significava que queria algo com ele.

Sem pronunciar um único som, atento a cada um de meus suspiros, ele se reclinou de encontro ao espaldar da cadeira, parecendo querer incutir a maior distância entre nós. Pensei ter avistado uma pontada de decepção em seu semblante, mas devo ter me equivocado, já que ele abriu um sorriso que era puro atrevimento.

— Ainda bem que você se sente assim, ou eu começaria a me preocupar. A gente se conheceu dentro de uma igreja. Fiquei com medo de que pudesse ser algum sinal. — Alcançou sua cerveja e matou o que restava na garrafa.

De repente, enfiar o arranjo da mesa em seu nariz se tornou uma ideia muito, muito atraente.

— Faltou pouco para eu arremessar um dos santos na sua fuça naquela noite — aponte, carrancuda. — É claro que era um sinal de que a sua vida estava em risco.

Ele escrutinou meu rosto por tanto tempo que minha pele ameaçou derreter.

— É possível. — Sua voz estava baixa, rouca. — Estou começando a pensar que nunca estive em tamanho perigo.

Pela maneira como seu olhar cintilou, já não falava de arremessos de imagens sacras. Tudo dentro de mim começou a chacoalhar. Lentamente no início. Impetuosa e violentamente instantes depois, forte o suficiente para provocar rachaduras e desmoronamentos na redoma que eu tentava manter ao meu redor.

— Agora vocês estão prontos para fazer o pedido? — O garçom parou em nossa mesa outra vez, impaciente, abençoadamente me libertando daquela conexão com Nicolas. Os tremores continuaram, no entanto.

— Eu acho que mudamos de ideia quanto ao jantar...? — Nicolas arqueou uma sobrancelha, deixando claro que a decisão era minha.

— Por causa de um beijo? De jeito nenhum. — Aceitei o cardápio que o

garçom empunhava e o abri, encarando Nicolas e incitando-o a me contradizer.

Ele apertou os lábios, os olhos se enrugando nos cantos.

— Eu estava pensando no casal na outra varanda, Mel.

— Ah. — Enrubesci. Havia esquecido de Fred e Camila completamente. — Não. Não quero ir embora. Acho que estou a fim de uma massa hoje...

Eu me esforcei ao máximo para aparentar alguma calma durante o jantar, engolindo o ravióli de maçã com molho de gorgonzola sem sentir o gosto. Mas meu estômago não aguentou a tortura por muito tempo e desisti da comida algumas garfadas depois, esperando que Nicolas terminasse de devorar o filé do tamanho da minha coxa.

Uma hora mais tarde pedimos a conta, e quase desmaiei ao ver o valor — e me perguntei se as maçãs do ravióli haviam sido cultivadas em Marte para justificar custarem tanto. É claro que Nicolas se apressou em pagar. Não ficou nada satisfeito quando puxei o pequeno retângulo de couro preto e enfiei meu cartão ali dentro.

— Meu pedido de desculpas — lembrei a ele.

Ainda que nitidamente aborrecido, ele não discutiu mais, nem enquanto deixávamos o restaurante. Mas me acompanhou tão de perto pelo caminho de pedras que, mesmo com as mãos dentro dos bolsos da calça, seu cotovelo roçou em meu braço mais de uma vez, inflamando a agitação dentro de mim novamente. E essa nem foi a pior parte. Sem ter uma desculpa para recusar sua carona, acabei entrando no Jeep. Ficar trancada no carro com Nicolas por meia hora foi tão desconfortável quanto eu antecipara. Nenhum de nós falou nada, apenas o rádio e o ronco do motor eram ouvidos. O silêncio opressor perdurou o trajeto todo, até mesmo enquanto subíamos para o apartamento.

Soltei um sonoro suspiro aliviado ao passar pela porta e avistar a entrada do meu quarto. Eu precisava ficar sozinha e botar a cabeça em ordem. Não conseguiria com Nicolas por perto.

Ouvindo minha inquietação, Nicolas riu sem qualquer humor, jogando as chaves do carro sobre a mesa de trabalho.

— Acho que a noite não saiu do jeito que a gente esperava. Não foi boa ideia, afinal.

— Aceitar cuidar do casamento da Camila e do Fred é que não foi boa ideia.

— Puxei o elástico do meu rabo de cavalo, afrouxando um pouco o aperto. — Todo o restante só seguiu o curso.

Meu comentário criou um pequeno v entre suas sobrancelhas à medida que ele perambulava pela sala até parar bem na minha frente.

— Você podia pelo menos fingir que não foi tão ruim assim. Sabe, para preservar o meu ego e sustentar aquela parada de que todo mundo precisa me

amar, que você mencionou outro dia. Não estou me sentindo muito amado no momento — ele comentou, com fingida indignação. — Isso magoa, Mel.

Mesmo a contragosto, acabei rindo. Esse era o problema de Nicolas. Ele me levava a fazer coisas que eu não desejava, tipo rir de suas tiradas sarcásticas ou me sentir atraída por ele.

Afrouxar o penteado não foi boa ideia, percebi, ao sentir o elástico escorregar pelos fios lisos, e uma cascata pesada me cair pelos ombros. Meio fascinado, meio intrigado, ele moveu uma das mãos em direção ao meu cabelo. A atmosfera brincalhona evaporou de repente, o ar ficou mais denso, carregado de eletricidade e inquietude. No entanto, alguma coisa — a promessa que fizera mais cedo talvez — o fez mudar de ideia no último instante, e a deixou cair ao lado do corpo.

Um pouco decepcionada, muito confusa, demorei para ouvir o miado exigente. Olhei para baixo, para um Loki bastante irritado por não ser o centro das atenções. Meu gato se empertigou, sua mais nova caçada entre as presas.

— Ei, lindão. O que você encontrou dessa vez? — Eu me abaixei para pegá-lo, grata pela interrupção. Franzi a testa para o absorvente interno pendurado em sua boca, a ponta ainda dentro do que restava da embalagem. — Loki, como você conseguiu pegar isso? — Eu me endireitei, rindo meio sem graça. — Quase tenho medo de entrar no banheiro — confessei, arriscando espiar Nicolas.

— Enquanto ele estiver ocupado caçando os seus absorventes, não vai ter tempo de planejar uma emboscada pra mim, então, tá tudo bem — comentou, bem-humorado, ainda que um pouco daquela inquietação nublassem seu olhar.

Loki miou um agradecimento pela camaradagem. Com um pouco de atraso, percebi que era a primeira vez que ele aparecia na presença de Nicolas sem arreganhar os dentes ou eriçar os pelos.

— Bom... É melhor eu ir cuidar da bagunça — comecei a ir para o banheiro. — A gente se esbarra por aí, Nicolas.

Estava quase na porta do meu quarto quando ele perguntou:

— Que tal na noite de terça?

Meu gato se contorceu ao avistar a cama. Eu o coloquei no chão antes de enfrentar Nicolas de novo.

Sinuoso como um felino, ele dizimou a distância que nos separava, ficando tão perto que eu quase podia ouvir seus batimentos cardíacos.

— A Brasitecno vai exibir para o mercado o pendrive no qual eu estava trabalhando — explicou. — Eu vou apresentá-lo na abertura da festa, na terça-feira. Talvez a gente pudesse se encontrar lá... totalmente ao acaso, é claro... digamos, lá pelas sete? — A insinuação de um sorriso deixou o azul em seus olhos mais quente.

— Você espera que eu acredite que não consegue arranjar companhia pra uma festa? — tentei ganhar tempo, mentalmente repassando suas palavras à procura de outro sentido que não fosse “Nicolas está me convidando para sair”.

O que antes era apenas um esboço se concretizou em um largo sorriso desaforado.

— Levando em conta a sua reação, e o fato de ser a primeira pessoa que eu convido, a porcentagem de fracasso até agora é de cem por cento.

— Eu tenho evento na terça-feira. Um coquetel em uma clínica de estética — que aconteceria logo após o almoço e certamente me deixaria com a noite livre, mas ele não precisava ter todas as informações, certo?

— Que pena. — Exalou, tristonho. — Não posso convidar qualquer pessoa. É o meu local de trabalho, não quero confusão. A verdade é que o palco me deixa meio tenso. Seria bacana ter um rosto amigo por perto.

Minha resposta só podia ser uma: de jeito nenhum. Já bastava daquela história. Sobretudo agora que eu sabia que ele me atraía. Eu manteria distância de Nicolas; era a única coisa inteligente a fazer, e eu sabia muito bem disso. Mas minha boca e meu cérebro andavam discordando muito sempre que Nicolas estava por perto, e ouvi uma voz muito parecida com a minha dizer:

— Vou tentar dar uma passada, então.

Seus lábios se distenderam em um sorriso encharcado de testosterona.

— Ótimo. Vou te mandar o endereço depois. Boa noite, Mel.

Num gesto inocente, ele resvalou a pontinha do polegar ao longo do meu braço. Foi breve, suave como o toque de uma pluma, mas todas as minhas terminações nervosas se eletrificaram.

Lutando contra os arrepios que se espalharam pelo meu corpo, assisti a Nicolas entrar em seu quarto e encostar a porta sem fazer barulho. Cruzei os braços, os dedos refazendo o caminho onde o seu havia estado, onde eu parecia mais quente, mais viva. Seu delicioso perfume estava em meu cabelo, minha pele, minhas lembranças junto àquele beijo que acabara cedo demais...

— Boa noite — falei para o nada, me perguntando se eu fazia alguma ideia com que tipo de problema tinha acabado de concordar.

Porque Nicolas parecia saber o que estava fazendo. Eu não.

Encaixei a última vela dentro da taça e a acendi. O aroma de abacaxi espiralou no ar, se misturando aos docinhos, preenchendo a sala de apresentação com todo tipo de doçura. Fiz o mesmo com as outras duas, ajeitei um bem-casado na bandeja de prata, girei o suporte bailarina de camafeus para que ficasse alinhado com os outros pratos e avaliei se as três pirâmides de bombons tinham a mesma proporção, então me afastei alguns passos para apreciar o trabalho. Faltavam apenas as flores, que deviam ser entregues em... relanceei as horas no celular... a qualquer momento agora. Pretendia ir até o balcão na entrada perguntar a Gabi

se o entregador havia dado notícias, mas Fabiola, de quem eu estava fugindo desde a noite de sexta, passou pelo vão da porta.

— Tá legal. Se você vai continuar fugindo de... Uau! — exclamou, se aproximando da mesa devagar, embevecida com cada detalhe. — Não canso de me surpreender com o quanto você é incrível nisso.

— Ainda estou na dúvida se devia trocar os camafeus de lugar e tentar uma nova composição. Poderia ter mais espaço para as velas...

— Tá perfeito do jeito que está. — Ela apoiou as mãos em meus ombros, forçando-me a virar. — Agora para de fugir de mim e me conta logo o que eu quero saber. E capricha nos detalhes. Você finalmente criou juízo e deu pro Nicolas na sexta-feira?

— Claro. Ele está amarrado na minha cama agora mesmo pra que eu possa usá-lo mais tarde. — Revirei os olhos, me desprendendo dela, e fui afofar as almofadas do sofá.

— Sério? — O rosto da minha amiga reluziu de empolgação.

— Não.

Fabiola jogou as mãos para o alto, impaciente.

— Eu errei com você. Ainda não sei onde, mas errei *feio*. Quer dizer que não rolou nada? Nadica?

Devolvi a almofada ao seu lugar e me aproximei da mesa de vidro, erguendo a tampa do notebook.

— Não exatamente. Eu queria que você desse uma olhadinha numa coisa. — Apenas um assunto apagaria Nicolas da mente de Fabiola, e eu estava mais do que preparada.

— O que você quer dizer com *não exatamente*? — insistiu ela, vindo atrás.

— A gente até que se entendeu. — Liguei a máquina. — Quero dizer, ele compreendeu que eu não tentei usá-lo descadamente pra fazer ciúme no Fred. E, com o meu carma, o próprio Fred e a noiva apareceram e resolveram dizer um “oi”. Entre outros desaforos... — Fiz um breve resumo de tudo o que Fred havia dito na sexta anterior. — ... até o Nicolas perdeu a paciência. Eu estava a ponto de chorar. Aí ele me beijou e...

Fabiola se engasgou, caindo sentada na cadeira.

— Espera! Qual dos dois te beijou? O Nicolas ou o Fred?

— O Nicolas. Mas não quis me beijar! — me adiantei ao vê-la abrir um sorriso que quase partiu seu rosto ao meio. — Ele só queria me impedir de chorar na frente do Fred.

Eu me curvei sobre o ombro de Fabiola para abrir o arquivo no qual trabalhara nas madrugadas insones. Esperei o documento se expandir na tela para girar a máquina até ficar de frente para ela.

— Acho que você está escondendo coisas de si mesma — comentou Fabi, preocupada. — Tem certeza que ele só te beijou pra... — Ela finalmente olhou para o computador e qualquer assunto foi esquecido. — Ah, meu Deus, isso é o meu casamento? Você fez um projeto pra mim?

— Sua surpresa me ofende, Fabiola. Você achou que eu não ia preparar alguma coisa pro casamento da minha melhor amiga?

— Desculpa. É que você anda tão atolada... Não pensei que... Ah, Mel, é a coisa mais delicada e linda que eu já vi! — Meio hipnotizada, ela puxou o computador para mais perto, analisando atentamente o esboço que eu criara.

Abri um sorriso. Sabia que ela ia gostar. Eu simplesmente sabia. Além disso, o deslumbramento apagara Nicolas de sua mente, o que só podia ser boa notícia. Embora eu soubesse que não conseguiria evitar o assunto para sempre, e em algum momento teria que enfrentar a curiosidade da minha melhor amiga, esperava já ter entendido o que ocorrera com meu cérebro na noite de sexta-feira para eu ter concordado em acompanhar Nicolas na festa da Brasitecno que aconteceria no fim daquele dia. Eu não o vira no fim de semana. Mas, ao chegar dos eventos, sempre encontrava a casa arrumada. Não houve mais gemidos nas madrugadas.

Tá legal, eu realmente estava atraída por ele, mas até aí metade da população feminina e uns quinze por cento da masculina também estavam. Eu passara o dia anterior na casa dos meus pais e aproveitara um momento em que eles se distraíram com a limpeza do canteiro de rosas para dar uma vasculhada na internet em todos os sintomas que ele despertava em mim — ainda tinha esperança de encontrar uma resposta que não fosse “estou ligadona nele”.

“Química“, foi a resposta do amigo Google. Isso ou uma doença chamada disautonomia, o que me deu um pouco de esperança. Não, não a doença de nome esquisito. Mas, se o que provocava todas aquelas sensações pelo meu corpo sempre que Nicolas estava por perto era química, então eu ainda tinha uma chance; química é uma ciência exata, e, como tal, se há um problema é possível existir uma solução escondida em algum lugar. Eu só precisava encontrá-la. Até lá eu ia manter distância dele, decidi, puxando o celular do bolso do macacão longo. Enviaria uma mensagem para Nicolas me desculpando por não poder comparecer à festa. Que alternativa eu tinha?

Antes que eu pudesse digitar qualquer coisa, passos apressados me fizeram erguer a cabeça para a porta a tempo de ver Gabriela derrapar no tapete e por pouco não cair de cara sobre a mesa de doces.

— Mel! Você precisa ver uma coisa!

Nós três nos acotovelamos para sair da sala, mas parei ao cruzar o corredor e avistar o imenso arranjo de flores amarelas e vermelhas, com uma faixa branca

no meio e os dizeres “Descanse em paz”.

— Meu. Deus — balbuciei.

— Onde eu coloco a coroa? — perguntou o entregador.

— Na rua! — Empalideci. — Eu pedi um arranjo de casamento, não uma coroa fúnebre. Isso é uma agência de festas, pelo amor de Deus!

Erguendo o boné, ele conferiu a nota fiscal e então a estendeu para mim.

— O endereço tá certo.

Verifiquei o papel, pressionando os lábios para não gritar ao ler o nome da Allure no alto do documento.

Gabriela tocou a base do pescoço.

— Eu encomendei arranjos de rosas e orquídeas, do jeitinho que você pediu.

— Seus olhos marejaram. — Tenho certeza disso, Mel! Certeza absoluta! Especifiquei que deveriam ser brancas e entregues bem cedo.

— Deve ter sido um engano — garanti a ela. — Alguém provavelmente confundiu os pedidos.

— Dá tempo de trocar? — Fabiola perguntou ao rapaz.

— Sei lá. — Ele ergueu os ombros, apoiando as flores na perna. — Só faço a entrega.

— Eu vou lig... — comecei, mas o elevador se abriu de repente. Pela primeira vez desde que entrei na Allure, o pânico me dominou ao avistar outra pessoa sair da caixa metálica em vez de Sônia.

Camila passou pelas portas de vidro balançando as pesadas ondas castanhas e sua bolsa amarela.

— Meu Deus — Fabiola sussurrou, avançando para suspender o arranjo.

— Ai! — gritou o entregador, quando a estrutura de madeira atingiu seu joelho.

Pensei em ajudar Fabiola a carregar o pesado arranjo agourento, mas Gabriela praticamente se enfiou entre a folhagem, empurrando a coroa para a copa. Algumas flores ficaram pelo caminho.

— Ô! Vocês tão destruindo as flores — resmungou o entregador. — Agora vão ter que pagar!

Eu o peguei pelo braço, fazendo o mesmo percurso que o arranjo.

— É claro que nós vamos pagar. Agora mesmo.

— Eu acho bom. Senão vai sobr... Ei! — reclamou, quando o empurrei para dentro da copa e fechei a porta. Ouvi a chave girar do lado de dentro e a voz alterada de Fabiola tentando acalmar o rapaz, que implorava para sair.

Que ótimo. Agora sequestrávamos pessoas.

Mas eu não tinha tempo para pensar no que estava fazendo, pois Camila adentrou a sala principal da agência, observando as mesas vazias com a testa

franzida.

— Camila, que surpresa! — Corri até ela, sorrindo amarelo.

— Eu pensei que você estivesse me esperando — falou, confusa.

— Com certeza! Claro que estou! O pessoal ainda não chegou. Eu quis dizer que... humm... que surpresa ver você sozinha! — improvisei.

Ela segurou sua cara bolsa Chanel pelas alças, balançando-a feito um sino em frente às coxas.

— A mamãe teve que cancelar. Surgiu uma entrevista.

Enquanto ela me explicava que a melhor amiga também não apareceria porque conseguiu um horário para retocar sua harmonização facial, e Fred estava gravando um quadro novo para o jornal, ignorei o *bam! bam! bam!* na porta da copa o melhor que pude.

Infelizmente, Camila ouviu e começou a girar o pescoço.

Eu a surpreendi, agarrando seus ombros.

— Estou louca para que você prove os doces. Vamos?

Fingindo uma empolgação que não sentia, praticamente arrastei minha noiva para a sala de apresentação. Fechei a porta e me encostei nela assim que entramos, soltando um suspiro.

Camila também arfou ao ver a mesa de doces e um pedacinho de seu casamento tomar forma pela primeira vez.

— Deus do céu, Mel! — Levou as mãos ao centro do peito, a expressão muito parecida com a de Fabiola instantes antes.

Eu me recompus como pude, indo me juntar a ela ao lado da mesa.

— Tentei criar algo especial. Estou usando velas com o aroma que você queria. Me diga se achar muito enjoativo. Infelizmente nós tivemos problemas com o arranjo.

— Se você não mencionasse, eu nem teria notado. Está tão perfeito! Aposto que toda essa inspiração vem daquele moreno supergato que trabalha no mesmo andar que eu. — Piscou.

E ali estava minha chance de desatar aquele nó.

— Na verdade, o Nicolas e eu terminamos no fim de semana. — Soltei um dramático suspiro.

Pronto. Agora ele estava oficialmente livre, certo?

— O quê? — Seus olhos quase saltaram das órbitas. — Mas vocês pareciam tão apaixonados!

— Não temos muito em comum. Mas ele é um cara legal — adicionei prontamente. Não queria que Camila pensasse que Nicolas era um canalha, nem prejudicá-lo no trabalho. — Ainda vamos ser amigos, só não funcionamos mais como um casal. Ainda dói muito. Então, será que você poderia não tocar no

assunto com ele? Não quero que o Nicolas sofra mais do que já estamos sofrendo. — Corei, me odiando por mentir.

— Sim, é claro. Claro que dói. — Então ela girou sobre os saltos, a saia fluando ao redor dos quadris ao se sentar no sofá claro, e, para meu completo horror, começou a chorar.

Apanhei a caixa de lenços sobre a mesinha de centro e ofereci a ela, que levantou o rosto borrado de rímel.

— Desculpa. — Puxou um lençinho, apertando-o entre os dedos apreensivos. — Só estou triste. Vocês pareciam tão perfeitos juntos. Igualzinho ao Fred e eu. E de que isso adianta?

Ah. Tensão pré-casamento no ar.

— Tudo bem. Fica calma. — Eu me acomodei na beira da mesinha, friccionando seu antebraço. — É supernormal a noiva entrar em crise pouco antes do casamento. Mas vai passar. Juro. Vou pegar uma água pra você.

Ela agitou a cabeça energicamente, pressionando o lenço no cantinho dos olhos, tão pequena e desamparada naquele sofá que um calombo na garganta me impediu de engolir.

— Não quero nada, obrigada. — Abanou a mão, fungando. Depois riu. — Você deve me achar uma maluca. Estou mesmo meio pirada com todos esses hormônios. Mas é que eu e Fred também tivemos uma discussão horrível ontem. Estamos discordando sobre o futuro. Sobre o depois da festa.

— Aaaaaah...

Parecendo enjaulada dentro de si mesma, ela ficou de pé e perambulou pela sala, parando diante da mesa para pegar um bem-casado.

— Ele quer que eu deixe o meu cargo na Brasitecno e fique só no banco, porque... bom, é da minha família mesmo. — Puxou a fita dourada para desembulhar o doce. — Ele acha que eu vou ficar sem tempo para cuidar do nosso bebê. E não é verdade, Mel. Tudo o que eu faço no banco é falar com a imprensa, fazer algumas fotos e mais nada. Na Brasitecno eu coloco a mão na massa, consigo contratos, negocio preços, matéria-prima, participo de todas as decisões... E *adoro*. O que eu faço? Você precisa me ajudar.

— Eu?! — Pisquei, aparvalhada.

— Você é a garota mais sensata que eu conheço. — Deu uma mordida no bem-casado. — O Fred acha que eu estou sendo mimada. Não é porque eu sou herdeira do banco que eu vou passar pela vida deitada em uma rede tomando água de coco. Eu quero ir atrás do coco. Não sei o que fazer. Não quero renunciar à minha carreira. Também não quero que ela fique entre mim e o homem que eu amo... Nossa, isso está di-vi-no! — Enfiou o restante do doce na boca, gemendo. — O que eu devo fazer?

Se algum dia alguém me dissesse que eu estaria trancada em uma sala com a atual namorada do meu ex, ouvindo-a abrir o coração, eu teria gargalhado. Naquele instante, no entanto, eu só queria chorar. Camila não devia me contar aquele tipo de coisa. Eu era sua cerimonialista, não uma amiga. Nem nunca seria. Ainda que eu não contasse a verdade sobre o caráter do canalha que ela chamava de noivo, eu não podia desrespeitá-la oferecendo minha amizade. Isso sim seria traição: me tornar amiga da mulher a quem eu enganara — sem saber, mas fazia realmente diferença?

O que eu podia dizer a ela? Qualquer coisa parecia errada, porque tudo estava errado.

Eu me levantei, esfregando as mãos suadas nas pernas do macacão.

— Camila, eu... não posso te ajudar com isso, mas você é uma mulher forte e inteligente. Vai encontrar um jeito.

— Forte? — Ela brincou com a aba da forminha do doce. — Estou com medo de não ser uma boa esposa, boa mãe, de renunciar ao trabalho que eu tanto amo. A verdade é que eu estou apavorada de um dia acordar e não me reconhecer mais em meio a tantas mudanças.

Aquilo me surpreendeu. Eu acompanhava Camila fazia muito tempo e pensava nela como alguém segura de si, independente e determinada. Mas naquele momento eu estava de frente não com a personagem perfeita que ela inventara para enfrentar o mundo. Eu encarava uma garota normal — muito rica, é verdade —, que tinha desejos, sonhos e inseguranças, igual a qualquer outro ser humano. Minha resolução de manter nosso relacionamento no âmbito profissional esfarelou.

— Ei, não se preocupe tanto. — Toquei seu braço. — Ninguém vai se decepcionar com você, porque todos vão saber que você está fazendo o seu melhor. E isso já é muito, Camila. Na verdade, é tudo o que importa.

Ela sorriu, um pouco tímida, pegando mais um docinho da mesa.

— Obrigada, Mel. Acho que eu precisava ouvir isso. Desculpe te alugar com os meus problemas. — Abocanhou um camafeu. — Acho que essa carga hormonal anda mexendo comigo muito mais do que eu tinha me dado conta. Por exemplo, não consigo me decidir entre esses doces. Acho que vou querer todos eles. — Revirou os olhos e acabei rindo. — Ah, quase me esqueço. Conseguiu verificar a agenda? Sobre o meu jantar de noivado?

Eu queria dizer que não tinha uma data disponível. Um fim de semana ao lado dela e de Fred seria um pesadelo. O problema é que, se ela fosse qualquer outra noiva, uma que não fosse a do meu ex, eu teria concordado no mesmo instante. Ainda que me matasse, eu trataria Camila da mesma maneira que todas as minhas clientes.

— Nós vamos ter três eventos grandes neste fim de semana — contei a ela —, mas o próximo vai ser mais tranquilo, com duas festas menores. A equipe vai conseguir cuidar de tudo sem mim, se estiver bom pra você.

Camila concordou sem pestanejar. Mais animada, provou outros doces enquanto acertávamos os detalhes do jantar de noivado na praia. Fiz o melhor que pude para manter a animação enquanto a ouvia me falar de cada um dos doze convidados, mas foi tão exaustivo que depois que ela foi embora tudo o que eu queria era me deitar em posição fetal e gemer.

E isso foi antes de eu ligar para a floricultura e descobrir o que havia acontecido com minhas orquídeas.

— Eu estranhei o pedido — Vivian, a gerente da loja, confessou ao telefone. — Mas você sempre pede coisas diferentes, Mel. Por isso nem dei bola quando alguém ligou solicitando a troca. Me desculpe. Eu devia ter confirmado com você antes.

Só que ninguém na agência havia ligado pedindo uma troca, conferi assim que desliguei. Todo mundo já havia chegado, e nos reunimos na copa para planejar o sumiço da coroa antes que Sônia aparecesse e a visse.

— Como isso é possível? — Fabiola quis saber. — Como alguém soube que nós íamos encomendar flores?

Dênis torceu o nariz para o agourento arranjo apoiado na porta da geladeira.

— Acho que a questão é saber *onde* nós íamos encomendar — lembrou.

— Gente! — A expressão de Gabi se congelou com o mais absoluto pavor. — Será que algum concorrente tentou nos sabotar?

As faces de André se acenderam.

— Ou um cliente insatisfeito — murmurou por entre os dentes cerrados. — Aquele pintorzinho de merda avisou que iria se vingar.

Ergui as mãos espalmadas, me colocando no centro da copa apertada.

— Espera aí, gente. Teorias malucas não vão nos ajudar agora. O mais provável é que o autor seja alguém ligado ao casamento, e soubesse sobre a degustação dos doces. — *O noivo, por exemplo*, me dei conta.

Fred sabia que eu me encontraria com sua noiva para a escolha dos docinhos naquela manhã. E que eu encomendaria flores, porque eu havia dito a eles, na noite em que trombamos no Viela. Tanto ele quanto Camila tinham uma cópia do contrato com os nomes de todos os prestadores de serviços e fornecedores que seriam utilizados na cerimônia e na festa, incluindo a floricultura.

Ah, aquele filho da...

— Cadê o entregador? — perguntei aos meus amigos.

— Escapou graças ao André — Fabiola olhou torto para ele.

— Ele mordeu meu braço! — André mostrou as duas meias-luas vermelhas no

pulso. — O que eu devia fazer? Mordê-lo de volta?

— Seria mais inteligente do que deixar esse troço na agência. Se a Sônia chegar...

— Calma. Vou dar um jeito nele. — E em Fred, prometi a mim mesma, me agachando para segurar a base de madeira e suspender o pesado arranjo, começando a arrastá-lo para a saída de emergência.

Eu iria à festa da Brasitecno, afinal. Fred possivelmente acompanharia a noiva, e eu daria um jeito de falar com ele. Iria alertá-lo que era melhor não tentar mais nenhuma gracinha, caso contrário eu terminaria essa história organizando o primeiro velório da minha carreira.

Estiquei o pescoço, correndo os olhos pelo que parecia ser uma enorme sala de conferências convertida em salão de festas, à procura da farta cabeleira negra de Nicolas. Ignorei os olhares curiosos para o meu macacão preto com um decote generoso nas costas e minha bolsa gigantesca. Também prendera o cabelo em um rabo de cavalo alto e aplicara alguma maquiagem (graças a um empréstimo de Gabriela), do jeito que costumava me arrumar para os eventos da Allure. Aparentemente o pessoal da Brasitecno curti um pouco mais de brilho, o que era meio contraditório, pois quase não havia decoração no salão além de

pequenos arranjos sobre as mesas e um telão imenso atrás do palco exibindo fotos dos produtos desenvolvidos pela firma. Estava meio desalinhado. O tablado de madeira era o problema. Alguém na montagem tinha esquecido de utilizar o prumo. Um problema fácil de resolver. Eu só precisava encontrar o...

Detive o pensamento. Eu estava ali como convidada. Não a trabalho.

Uma mulher em um vestido longo cor de berinjela todo trabalhado no paetê passou por mim, torcendo o nariz para meu look casual. Precisei de um segundo para reconhecê-la.

— Helena! — saudei, surpresa.

— Melissa. — Ela piscou algumas vezes, sorrindo vacilante. — Não sabia que a organização era sua.

— Não é da Allure. Fui convidada. Ainda não vi a Camila. — *Ou o meu ex e futura vítima de um acidente envolvendo seu nariz e meu punho*, eu quis acrescentar.

— Ela não vem. Teve um mal-estar hoje à tarde. O obstetra recomendou que fizesse repouso. Vim representá-la, já que o Frederico se negou a sair do lado dela.

— Ah. — Saco. Eu teria que adiar o assassinato do Fred por mais algumas horas. — Espero que ela se recupere logo. Talvez seja melhor adiar o jantar de noivado, no fim de semana?

— Ela vai se recuperar, não se preocupe. *Nada* vai atrapalhar o casamento da minha filha — enfatizou, de um jeito quase selvagem. — Agora, se me der licença, preciso falar com Eduardo Lopes.

Com um aceno curto, ela borboleteou por entre os convidados até parar para falar com um sujeito alto, dono de uma careca lustrosa.

Pensei em esperar Nicolas no bar; posicionado em frente a uma porta dupla de madeira, parecia fornecer uma boa visão do salão. Antes que eu me movesse, um arrepio na nuca me fez virar, caindo nas profundezas de um oceano azul-escuro. O cabelo negro ganhou tons de caramelo sob a iluminação quente, o terno preto ressaltava sua compleição atlética, um sorriso no canto da boca atrevida, os olhos ainda mais azuis me absorvendo por inteira. Ao contrário de todo mundo ali, pareceu gostar do que via. Gostar muito. Soltei um suspiro entrecortado. Não percebi que havia prendido o fôlego desde que o avistara.

Demorei um pouco para notar que alguém falava com ele. Uma morena de cabelo comprido ondulado e uma franja lisa usando um vestido vermelho decotado feito de um finíssimo cetim. Meu estômago revirou ao reconhecê-la. Era a mesma daquela noite em que Nicolas e eu nos esbarramos no bar e eu derrubei cerveja nele.

Enquanto eu atravessava o salão, notei duas coisas, nenhuma delas boa

notícia: a primeira foi que Nicolas trabalhava todos os dias com uma Kardashian perdida. A segunda constatação foi que eles tinham um rolo, já que ela era seu encontro naquela noite do barzinho, o que me irritou muito além do que deveria, pois não estávamos saindo nem nada.

Dizendo alguma coisa para a mulher, Nicolas se apressou em me encontrar no meio do caminho, o olhar me percorrendo de alto a baixo.

— Você veio — falou ele, quase abismado.

— Eu disse que viria. Sabe, pra rir das piadas do seu discurso caso ninguém ache graça... Mas não posso ficar muito, Nicolas.

— Como a Cinderela. — Um sorriso que teria acelerado ainda mais o aquecimento global se desenhou em seu rosto.

Meu coração martelou contra as costelas sem que eu entendesse direito o motivo.

— Só que sem o sapatinho desconfortável e o vestido bonito.

— Acho que nós dois temos opiniões muito diferentes sobre sua roupa. — Então, quase imediatamente, fez uma careta, me dando a impressão de que não tinha intenção de mencionar minha aparência.

É, eu preferiria que ele não me elogiasse, mesmo que fosse apenas uma insinuação de elogio. Já era ruim o bastante me concentrar em respirar normalmente e ignorar toda aquela quentura em minhas bochechas.

Alguém passou ao meu lado e esbarrou em mim. Eu me precipitei para a frente, por pouco não estampando o batom na camisa branca imaculada de Nicolas, que me ofereceu suporte ao envolver uma das mãos em meu cotovelo. Fiquei ainda mais instável.

— Cassani! — O sujeito deu dois tapinhas no ombro de Nicolas, quase acertando minha orelha.

Achei melhor recuar um passo. Se ao menos minhas pernas cooperassem...

— Acabei de saber as novidades do *você sabe o quê* — continuou o sujeito de cabelo cinzento e óculos dourados, me espiando de viés. — Você acha mesmo que vai estar pronto até o fim do mês?

— Se tudo correr bem. — Nicolas encolheu os ombros, soltando meu cotovelo e fazendo a mão desaparecer nos bolsos da calça.

Ele estava tenso e procurava não demonstrar. Eu estava começando a desvendá-lo, constatei com certa surpresa.

Nicolas fez as apresentações, para descontentamento do homem chamado Renato Resende. Pela visão periférica, captei a morena ainda enraizada no lugar onde Nicolas a deixara, me encarando como se eu fosse um pedaço de cocô de cachorro preso na sola do seu sapato novo.

— ... vou torcer para que o desenvolvimento não encontre problemas — dizia

Resende, retomando a conversa. — Quero implantar o mais depressa possível. Gostaria que você me enviasse um relatório do andamento do *você sabe o quê*. — Elevou apenas uma sobrancelha peluda.

Mordi a bochecha para não rir. Já tinha entendido que o assunto era sigiloso.

— Claro — respondeu Nicolas, cordial. — Mando pra você assim que estiver pronto.

Contente com a resposta, Resende pediu licença e foi se juntar a um grupo do qual Helena fazia parte, para visível descontentamento da mulher. Aparentemente ela não era muito fã do cara. Mas, até aí, de quem Helena Bueno gostava? Como ela e Camila podiam ser tão diferentes?

— Esse cara é desconfiado, não? — comentei ao me voltar para Nicolas.

— Todo mundo na Brasitecno é meio paranoico. — Fechou a cara. — Não é à toa que gostaram tanto do Utopia.

— Utopia é o *você sabe o quê*?

Ele anuiu.

— É um sistema operacional em que eu venho trabalhando há um tempo. — Já que tudo o que eu fiz foi piscar feito uma tonta, ele acrescentou: — Algumas pessoas não confiam nem na própria sombra. O Resende, por exemplo, que também não acredita em nuvem de dados, escaneamento biométrico ou que caminhadas previnem infarto. Comecei a brincar com uma plataforma totalmente à prova de invasão, no ano passado. Acabei com um projeto viável de verdade nas mãos. — Então pressionou os lábios, se desculpando com o olhar. — Mas você não quer ouvir nada disso. Muito chato.

— Na verdade, eu quero sim. O Utopia é diferente das outras plataformas por quê?

— Basicamente, criptografia... — disse, parecendo satisfeito com meu interesse, e começou a me contar sobre o projeto que lhe abrira as portas na Brasitecno um ano antes.

Um garçom passou por nós, e Nicolas alcançou duas taças, me entregando uma delas sem interromper a explicação. Fiz o melhor que pude para acompanhá-lo, embora o seu perfume e o jeito como ele movimentava as mãos na empolgação de falar sobre o que amava me distraíssem. Mas acho que consegui apreender o essencial. O Utopia era uma espécie de rede privada, altamente protegida por criptografia e outra coisa cujo nome não me recordo que o deixava praticamente imune a invasões.

— Estou perto de finalizar o projeto — concluiu, arqueando a sobrancelha, parecendo surpreso com a própria capacidade. — Muita gente está ansiosa por isso. Especialmente... bom, eu.

Girei a taça entre os dedos, o vinho dourado dançando no cristal enquanto eu

absorvia tudo o que acabara de ouvir.

— Por que eu tenho a impressão de que esse é só um passo para outra caminhada? — comentei.

— Porque você é uma mulher inteligente e nada te escapa. — O sorriso que ele me deu era quase imoral. — A Brasitecno tem uma filial em Palo Alto. Estão examinando o currículo de muitos profissionais desde o início do ano, procurando novos CSOs para a unidade da Califórnia. Eles pretendem instaurar um novo modelo de cargo compartilhado. É uma oportunidade única para alguém na minha profissão.

Sem aviso, ele envolveu os dedos em meu cotovelo e delicadamente me puxou mais para perto de uma escultura brilhante de quase um metro de altura do logotipo da Brasitecno, nos desviando de dois rapazes engravatados que passavam apressados, não muito atentos ao que os cercava.

— CSO? — indaguei, para me distrair da sensação formigante que se espalhou rapidamente pelo meu corpo. Como raios ele fazia aquilo? Era algum tipo de feitiço ou coisa parecida?

Ele riu, esfregando a nuca.

— Desculpe. Esqueci que você não está familiarizada com os termos. Chief Security Officer é uma espécie de ciberxerife.

— Ah. E, se o Utopia funcionar, você pode ficar com uma das vagas — deduzi.

— É o que eu espero. E agora que eu te contei o grande segredo, vou ter que dar um fim em você. — Fazendo sua melhor imitação de bad boy, ele chegou mais perto, se curvando até nosso rosto estar na mesma altura. Meus joelhos se converteram em uma nuvem de fumaça.

Assim que recobrei um pouquinho do bom senso, percebi que aquela era uma chance incrível e fiquei feliz por ele. Por tudo que eu ouvira sobre seu talento, ele era um excelente profissional, merecia chegar ao topo do mundo. Mas isso significava outra coisa também, não? Em breve eu teria que procurar outro lugar para morar.

Um pouco chateada, experimentei o espumante. Era decente para uma festa daquelas proporções. Do outro lado do salão, avistei Helena recepcionando os convidados, fazendo as vezes de dona da festa. Nicolas me flagrou observando-a.

— Parece que a Camila passou mal e mandou a mãe no lugar — comentou, atraindo minha atenção para seu belo perfil. — A Helena é meio agressiva, principalmente com pessoas do sexo masculino. Mas eu ainda prefiro ela ao sujeito que tem cara de quem precisa peidar e não consegue. — Virou seu champanhe em um único gole.

— Quem? Ah... — Cravei os dentes no lábio inferior para deter a gargalhada.
— O Dênis me disse a mesma coisa quando viu o Fred na bancada do jornal pela primeira vez.

— Seu amigo tem mais juízo que você. Sério, Melissa, o que você viu naquele cara? Como um mané daquele conseguiu conquistar o coração de uma mulher inteligente feito você?

Eu me concentrei nas bolhas em minha taça, o rosto e pescoço quentes, parte embaraço, parte prazer pelo elogio. Não era a primeira vez que ele deixava escapar que admirava meu intelecto. Para manter o foco, me concentrei em sua pergunta, buscando em minhas lembranças o momento em que baixei a guarda com Fred.

— Não lembro, Nicolas. Aconteceu sem que eu percebesse. Não foi difícil gostar dele. Nós nunca brigávamos nem divergíamos em nada. Era tranquilo.

— Não tenho certeza se você está descrevendo seu relacionamento ou os efeitos de um sedativo. — As sutis linhas entre as sobrancelhas se acentuaram.
— Mas deve ser bom encontrar isso em alguém. Um porto seguro.

— Mas ele não era. — Foi a minha vez de ficar confusa. — Nunca foi assim entre a gente.

Eu não dividia minhas preocupações com Fred. Não aquelas que me faziam acordar gritando na madrugada. Prova disso era que nunca passei uma noite inteira ao lado dele. O que me fez pensar: o que realmente define um relacionamento? Sexo, risadas, um jantar bacana? E quanto a todas as pequenas coisas, as não tão belas, que afastam o sono e deixam as mãos suadas?

Fabiola tinha razão em dizer que eu nunca me mostrava para ninguém, nem para Fred. Perdida entre a recuperação de minha mãe e encontrar uma forma de conseguir ser promovida e ter uma vida financeira mais tranquila, eu colocara tudo em segundo plano, o que resultara em uma série de erros. Fred fora o maior dos meus equívocos. Se eu estivesse minimamente envolvida, teria notado que ele levava uma vida dupla. Mas não prestei atenção, não me importei nem me envolvi o suficiente, preferindo acreditar que o superficial bastaria — constatei com uma pontada de melancolia.

Esperei que Nicolas fizesse alguma piadinha. Mas eu estava descobrindo que ele era muito mais do que deixava flutuar na superfície, e apenas me deu um olhar complacente, parecendo realmente entender o que eu sentia.

— Nós temos isso em comum. — Ele tocou o dorso de minha mão com dois dedos. Já não me surpreendi com o disparo elétrico que me percorreu de alto a baixo. — Eu também não me entrego fácil.

— Sério? E eu aqui achando que você era um romântico incorrigível, com todas as namoradas e tudo mais...

— Não tenho namorada — atalhou, a expressão imperturbável. — Eu não costumo me envolver por tempo suficiente para isso.

— Me deixa adivinhar. — Tomei mais um golinho da bebida, estudando seu semblante. — Você amou muito uma mulher, mas ela partiu seu coração, e aí você resolveu que não ia mais se arriscar. Por isso, pula de cama em cama agora, saciando o corpo, mas mantendo o coração em segurança.

Seus olhos se enrugaram nos cantos.

— É essa a ideia que você faz de mim?

Não. Era mais provável que ele tivesse quebrado o coração de uma garota. Ou dez delas.

— Algum trauma de infância, então — arrisquei de novo. — Seus pais se odiavam. A vida em casa era um inferno, aí você evita se envolver porque não quer acabar preso em um relacionamento igual ao deles.

Sua risada atravessou o espaço que nos separava, vibrando em minha pele.

— Nem chegou perto.

Endireitei a coluna, avaliando-o com intensidade. Qual era a história de Nicolas?

— Tá legal. Última tentativa. Você é muito ocupado e não consegue manter um relacionamento nem com seu travesseiro. Sem tempo para se dedicar a alguém por mais de duas ou três noites. Aí fica com medo de fazer a escolha errada diante de um cardápio de opções tão variado — eu me dei conta. — É isso, né?

Um lampejo prateado cintilou nas íris ainda mais azuis naquela noite.

— Eu realmente passo pouco tempo em casa, como você já percebeu. — Ele se espichou para deixar a taça vazia no cantinho da coluna que sustentava a escultura. — Mas isso não é tudo.

Terminei minha bebida e fui apanhar o cristal que ele equilibrara na estátua, e depois o balancei em frente a sua cara.

— Esse tipo de descuido pode machucar algum convidado desatento ou bêbado. — Entreguei as taças ao garçom que passava, antes de me voltar para Nicolas e retomar o assunto. — Se a sua falta de tempo não é o problema para que você consiga ter um relacionamento duradouro, o que ainda falta?

— Nunca conheci alguém que me fizesse desejar mostrar quem eu sou de verdade, nem conhecer quem ela realmente é... — Sua expressão mudou, se tornou mais séria, compenetrada ao me observar por quase um minuto inteiro, um ponto de interrogação se desenhando entre as sobrancelhas.

Mesmo sem saber direito o motivo, minhas bochechas esquentaram, e falei a primeira coisa que me veio à mente.

— Ou seja, eu estava certa quando afirmei que o seu pau governa a sua vida.

Engasgando com o riso, ele se recompôs e voltou a agir como o Nicolas que eu conhecia e que me irritava até a morte.

— O meu pau nunca sai da sua cabeça, não é? — perguntou.

Bufei, arrependida de ter me desfeito das taças. Eu teria adorado usá-las para apagar aquele sorrisinho impertinente.

Antes que eu pudesse lhe dar uma resposta atravessada, um rapaz magro quase da minha altura deu um soco no braço de Nicolas. Apesar de volumoso, seu cabelo já rareava nas laterais da testa. Era bem gracinha, para ser honesta.

— Ei, Cassani! Sabe se o Leo está por aqui? Ah... Oi! — Um sorriso cresceu em meio ao cavanhaque escuro ao me estender a mão. — Marcelo Ávila, escravo do Nick no escritório de segunda a sexta. Solteiro e desimpedido à noite, fins de semana e feriados.

Dei risada, trocando um firme cumprimento.

— Melissa Gouvêa, da Allure Eventos oitenta e seis por cento do dia, seis dias na semana.

— E no restante do tempo? — Arqueou uma sobrancelha.

Pensei por um instante.

— Derrubo cerveja no Nicolas — brinquei, fazendo meu colega de apartamento rir. No entanto, sua expressão ficou vaga, dando a impressão de que contemplava um grande dilema. Achei melhor não saber o que o atormentava tanto.

Marcelo se animou ao avistar uma bandeja de canapés passar pertinho do seu nariz. Pescou três deles, enfiando um inteiro na boca.

— Então, Melissa, *você trabalha* com festas?

Uma chuva de migalhas decorou a manga do paletó de Nicolas.

— Se incomoda em esperar eu subir no palco primeiro para começar a atirar comida em mim? — ele se queixou, espanando a roupa.

— Há cinco anos — respondi ao mesmo tempo.

Engolindo o canapé, Marcelo me deu um sorriso animado.

— Quer dizer que a sua vida é uma festa?

— Não é tão interessante quanto parece. Eu estou na festa, mas não faço parte dela. Fico nos bastidores. — Cruzei os braços atrás das costas.

— A história da minha vida. — Os olhos do rapaz voaram para meu decote e por um momento muito doido pensei ter ouvido Nicolas rosnar para ele.

Uma terceira pessoa se juntou ao nosso grupo: a morena que falava com Nicolas mais cedo, tão contente em me ver quanto eu ficava sempre que avistava Sônia sair do elevador.

Parecendo ansioso, Nicolas me apresentou a Amanda Ventura, que, pelo que entendi, era sua parceira em diversos projetos.

Ah. Eles trabalham assim juntos.

— Acho que a gente se viu outro dia, no bar — puxei assunto.

— Não lembro. Querida, já que você é a produtora, poderia falar com o cara do som? Não quero que a minha voz saia alta demais. Também acho que deveriam interromper a circulação de bandejas durante a apresentação. — Ela me entregou sua taça, mantendo as unhas pintadas de vermelho cintilante longe, como se eu fosse uma ratazana morta há vários dias. E, se voltando para Nicolas com um sorriso estonteante: — Acho que seria bom nós repassarmos algumas falas.

Ele deu a Amanda um olhar duro, puxando a taça da minha mão para devolver a ela.

— Depois de cinco meses trabalhando no projeto, acho que nós não temos mais nada para repassar. E a Melissa é produtora de festas, mas não *desta* festa. Não está aqui para servir você. Ela é minha acompanhante.

— Deus do céu! — Tapou a boca, rindo. — Eu pensei... mas a roupa dela... — Avaliou meu macacão simples, bem diferente de seu longo brilhante. — Ah, me desculpe!

Nicolas a olhou atravessado. Em defesa da moça, sua máscara de culpa era quase convincente. Já eu tive que conter o impulso de arreganhar os dentes.

As luzes enfraqueceram sutilmente, e um *vuuuu-fiiiiii* agudo saiu das caixas de som.

— Vai começar! Precisamos ir, Nick — anunciou ela, impaciente.

— Vá na frente. Vou acompanhar a Melissa até a mesa.

Espalmando a base de minha coluna, ele começou a me conduzir para a área das mesas, largando para trás uma furiosa Amanda.

— Desculpa te fazer passar por isso, Mel. — Deixou escapar um suspiro exasperado ao parar ao lado de uma mesa no limite do salão. — Não pensei que seria assim.

— Até parece que é a minha primeira vez... Francamente, Nicolas, eu mereço um pouco mais de crédito. Trabalho com a Sônia faz cinco anos. Tenho Ph.D. em fazer carão e mestrado em fingir que estou escutando.

Sua risada grave e quente atravessou a ínfima distância que nos separava, vibrando em minha pele. Mas o riso morreu aos poucos, à medida que ele analisava o palco.

— Ei, você vai se sair bem. — Toquei seu braço. — Eles vão te amar no final da apresentação.

Como se fosse a coisa mais natural do mundo, ele aprisionou minha mão entre as suas.

— Não quero que me amem. Só o produto que ajudei a criar. Alguma dica de

especialista?

Eu me esforcei para perfurar a nuvem de confusão criada pelo seu toque e dar uma resposta objetiva.

— Bom... quebre o gelo. Pode ser qualquer coisa boba. Depois seja objetivo, vá direto ao ponto. Basicamente, é só deixar esse seu carisma ridículo assumir o controle e você vai conseguir vender hóstias abençoadas até para um demônio.

— É bom saber que pelo menos um de nós acredita nisso. — Levou minha mão aos lábios e beijou o dorso, se demorando um pouco mais que o necessário, o que transformou meus joelhos em geleia, naturalmente.

Dando a volta, ele se encaminhou para o palco naquela cadência confiante de sempre. Ainda instável, caí na cadeira, empurrando a bolsa pesada para o assento vazio ao lado, me perguntando quanto esforço ele fazia para manter a fachada. Não levou mais de cinco minutos para que ele subisse ao palco de braço dado com a bela mulher de corpo escultural, parando diante do microfone.

Nicolas foi o primeiro a falar, fazendo algum tipo de piada muito engraçada para quem entendia alguma coisa de TI, pois um coro de gargalhadas ressoou pelo recinto. Seus olhos vagaram pelas mesas, parando na que eu ocupava. Um sorriso enorme se desenhcou em seus lábios ao mesmo tempo que dava uma piscada. Retribuí com um aceno animado.

A insegurança quase imperceptível a um espectador menos atento foi suprimida, e Nicolas se apresentou com extrema desenvoltura. Apoiei os cotovelos na mesa, totalmente arrebatada por ele, mas a chegada de Marcelo me desconcentrou um pouco.

— Eles são fantásticos juntos, não é? — comentou, a atenção no casal no palco. — Não entendo por que ainda não reataram o namoro. — Empurrou um prato cheio de canapés para mim.

Recusei com um gesto de mão.

— Eles eram namorados? — eu quis saber.

— Já faz um tempo. Mas o que existia entre eles continua vivo, qualquer um percebe. Exceto eles mesmos.

Exceto Nicolas, corrigi mentalmente, observando Amanda e o jeito como olhava para ele.

Ah, meu Deus, eu estava certa antes. Alguém tinha *quebrado* o coração dele. E os cacos ainda pertenciam a Amanda, percebi com um aperto no peito, já que Nicolas nunca mais se envolvera a sério com ninguém. O encontro que eu testemunhara semanas antes fora uma tentativa de reconciliação? Por isso ele tinha ficado tão desconfortável quando ela chegou e o flagrou comigo?

Então por que ele me convidara para aquela porcaria de festa?

A menos que... Não. Ele não faria isso. Ou faria?

Nicolas estava me usando para provocar ciúme em Amanda?

— Ah, porra, me desculpe, Melissa. — Marcelo estalou a língua. — Sou um idiota. Vocês estão juntos. Eu não devia dizer essas merdas.

— Não se preocupe. Não estamos juntos. — Minha voz saiu estrangulada.

Uma chuva de aplausos reverberou pelo salão conforme Nicolas e Amanda encerravam a apresentação. Piscando, acompanhei as palmas meio entorpecida.

— Sério? — Marcelo girou na cadeira para me encarar. — Quer dizer que eu não corro o risco de o Cassani me arrebentar se eu te convidar para um drinque? Eu realmente adoraria te ver de novo.

Observei o par descer do palco e ressurgir perto das caixas de som, sorrindo um para o outro, como um daqueles casais de propaganda de viagem prestes a ter uma incrível noite de sexo. Era só questão de “onde”.

— Por que não? — eu me ouvi dizer a Marcelo, sem entender direito por que meus olhos ardiam tanto.



Fazia dez minutos que a apresentação terminara, mas Nicolas ainda não tinha voltado à mesa, detido pelos cumprimentos dos colegas, ainda sob o impacto da bela exibição do casal talentoso. Marcelo fora convocado a atender a uma exigência de Helena Bueno e ainda não retornara.

Sozinha na mesa imensa, completamente deslocada no evento da Brasitecno, achei que era hora de me mandar. Afinal, eu tinha cumprido meu papel, dando suporte a Nicolas durante a apresentação.

Apanhei a bolsa e fiquei de pé, pronta para escapulir, mas um peito largo preencheu meu campo de visão.

— Você já está indo embora? — perguntou Nicolas, alarmado. — Foi tão

terrível assim?

Fiz o melhor que pude para sorrir.

— Você foi ótimo. Nem deu pra perceber que estava nervoso.

Não sei se ele chegou a me ouvir, preocupado demais com o que vislumbrava em meu semblante.

— Você está triste — constatou baixinho, tirando do caminho a cadeira que Marcelo ocupara mais cedo a fim de chegar mais perto. — E nem se dê o trabalho de dizer que não está. Eu já te conheço bastante bem para saber que algo está te incomodando. O que foi? — Uma sombra obscureceu sua expressão. — O Marcelo disse alguma coisa que te perturbou?

Sim.

— Não. — Tentei me recompor. — Não tem nada a ver com o Marcelo. Só... eu só...

Algo semelhante a fúria, mas muito mais pungente, turvou seu olhar.

— Fred... — Um músculo pulsou em seu maxilar.

Bom, já que ele me lembrara...

— De certa forma. Eu vim para o evento não só para te dar apoio moral. Queria esclarecer um assunto com o meu ex. — Pronto. Que ele soubesse que eu não me abalara para aquela festa apenas para ajudá-lo, o que também era verdade.

Contei a ele sobre a troca das flores, que ouviu tudo com algo muito semelhante a raiva chispando atrás das íris azuladas.

— Como você sabe que foi ele? — Nicolas quis saber, assim que concluí.

— E quem mais seria tão idiota e covarde? — Cruzei os braços, e algo dentro da bolsa espetou minhas costelas. — Ele e a noiva têm o contato de todos os fornecedores e prestadores de serviço do cerimonial. Por isso, só me resta esganá-lo se eu quiser continuar cuidando do casamento da Camila. Ninguém nunca dá muita atenção ao noivo mesmo. Acho que não vão reparar se ela estiver sozinha no altar.

Ele aquiesceu, pressionando os lábios para conter o riso, mas seus ombros tremeram, o *he-he-he-he* sonoro atraindo a atenção de algumas pessoas da mesa ao lado.

Percebendo que éramos alvo de interesse de muitos dos colegas de Nicolas, achei prudente me sentar. Ele arrastou a cadeira para mais perto, ficando meio de frente para mim.

— Então você resolveu abrir o jogo — comentou, a voz um pouco rouca.

Virei o pescoço tão depressa que meu rabo de cavalo produziu um *vush* suave.

— Não. Claro que não. Por que você pensou isso?

— Você ia confrontar o cara na festa da empresa onde a noiva dele é vice-

presidente. — Cruzou as pernas, o tornozelo descansando no joelho com displicência. — Deduzi que ia escancarar o caráter dele pra todo mundo.

Eu não tinha pensado dessa forma ainda. Se levasse adiante minhas intenções e aparecesse na Lanza aos berros na manhã seguinte, atirando coisas em Fred, bom... não ia restar muito para a imaginação, ia?

— Ah, que saco. — Fechei a cara. — Já mencionei que eu detesto que você tenha razão?

— Já — assentiu com vigor.

Dei risada, mas meus ombros caíram.

— Droga. Por que ele continua fazendo essas coisas, Nicolas? Eu devia me concentrar em tudo o que tenho pra fazer antes de o fim de semana chegar e ser obrigada a me enfiar na casa de praia dos Bueno. Como se já não fosse ruim o bastante ficar cercada de areia. — Estremeci de leve.

— Você vai mesmo levar isso adiante. — Ele balançou a cabeça, contrariado. Os cabelos negros reluziram tons prateados sob a luz amarelada.

— Vou odiar cada segundo, mas não tenho alternativa. A Camila quer uma festa de noivado oficial. E eu preciso conhecer bem o terreno para a montagem do casamento. Estive lá só uma vez, para fazer o reconhecimento do local, mas vi pouca coisa. Faltam sete semanas para o casamento. Aí eu vou ser obrigada a aturar o Fred por dois dias inteirinhos. Sem você por perto para melar meus planos homicidas, a probabilidade de que eu afogue meu ex no oceano é de quatrocentos por cento.

Ele inclinou a cabeça para o lado, me observando com um pequeno v entre as sobrancelhas.

— Quando você viaja?

— Sexta que vem. O jantar vai ser no sábado e nem é para muita gente. Mas a equipe vai ficar pra cuidar das bodas de prata de um casal de médicos. Vou ter que enfrentar essa barra sozinha.

— Não necessariamente, Mel. — Ele batucou os dedos no tornozelo, um brilho diferente relampejando nas íris azuladas. Não era exatamente empolgação, mas chegava perto. — Eu podia ir com você.

— Quê?! — Ele tinha perdido a cabeça?

— Você me ajudou hoje. — Seu tom era sério, intenso. — Eu só vou retribuir o favor.

Minha mente criativa se apressou em me mostrar vívidas imagens de Nicolas na praia, gotas de água salgada escorrendo pelo corpo bronzeado, enquanto ele me observava daquele jeito que fazia meus joelhos se dobrarem. Se ele sorrisse, Deus do céu, eu estaria muito perdida, porque seu sorriso desconectava algo em meu cérebro, me deixando à deriva.

E era por isso que a ideia de ele me acompanhar ao noivado de Camila e Fred era tão estapafúrdia. Além de eu ter acabado de contar para a noiva que nós tínhamos terminado o suposto noivado. Se Nicolas me acompanhasse no fim de semana, a que outra conclusão ela poderia chegar além de que havíamos reatado? A farsa ressuscitaria.

E, é claro, eu não estava nem um pouco a fim de ser um brinquedinho na empreitada de Nicolas para recuperar Amanda.

— Não, Nicolas. — Balancei a cabeça energicamente. — De jeito nenhum. Não dá.

— Por quê? — Ele descruzou as pernas, e seu joelho esbarrou em minha coxa.

Uma corrente elétrica perpassou meu corpo, eriçando meus pelos. E era por causa *daquilo* que a sugestão não tinha o menor cabimento.

— Porque... — *Eu deixei todo mundo acreditar que você é meu noivo. Porque você está me usando para conseguir sua namorada de volta. Porque nada em mim funciona direito perto de você.* — Porque não seria profissional levar um amigo para o trabalho — improvisei, brincando com as pulseiras. Parecia bastante plausível.

No entanto, Nicolas não estava disposto a ser razoável.

— A Camila disse, no restaurante, que você podia levar alguém. Não seria um problema para ela. A menos que seja para você — provocou, erguendo uma das sobrancelhas.

Experimentei seguir por outro caminho.

— É questão de tempo até a Camila ou o Fred topar com você e um dos seus casos. Aí eu vou virar uma piada ainda maior do que já sou. A garota patética que vai fazer o casamento do ex-namorado, de rolo com um cara que tem mais mulheres do que grãos de areia na praia.

— Para começo de conversa, eu não tenho mulheres; eu me relaciono com elas. — Ele se virou na cadeira para que ficássemos cara a cara, o ultraje curvando a boca para baixo. — E não são tantas quanto você imagina.

— Se o número for maior que um, é muito. Não se esqueça de que eu durmo no quarto ao lado do seu.

Lembrá-lo de que eu podia ouvir suas festinhas na madrugada trouxe um pouco de cor às suas bochechas, ainda que continuasse bravo.

— Você acredita mesmo que eu iria propor um acordo desses se fosse para te constranger de alguma forma? — adicionou, ofendido. Bastante injuriado, na verdade. — Do que você tem tanto medo?

— Não tenho! — eu disse, mas minha voz tremeu e não consegui convencer nem a mim mesma.

O problema é que eu não costumava brincar com fogo. E Nicolas era uma

fogueira inteira.

Enquanto eu rolava uma turquesa da pulseira por entre os dedos, à procura de argumentos que pudessem convencê-lo de que sua ideia era absurda sem parecer uma garotinha com medo do bicho-papão, ele se aproveitou da minha hesitação para se curvar sobre mim, ficando tão perto que era possível discernir a pontinha de pelos escuros despontando no queixo anguloso recém-barbeado.

Eu queria sair correndo. Mas também queria que ele continuasse falando comigo. E chegando mais perto.

Melissa, sua idiota.

— Se isso tem a ver com aquele beijo no restaurante, fica tranquila. — Seu hálito sapecou minha face. — Não vai acontecer de novo. Não é para isso que estou me voluntariando.

— Ótimo. Porque é a última coisa que eu quero. — Umedeci os lábios.

— Eu também. Garanto que não vai ter nada parecido com aquilo. A menos que você me peça — insinuou, atrevido.

— É melhor sentar para não se cansar demais.

Trêmula e confusa, mantive os olhos nos dele, um pouco aborrecida por ele não dar pinta de estar remotamente afetado pela minha proximidade. Nicolas ainda raciocinava, ao contrário do que acontecia com meu cérebro, que aparentemente adquirira o intelecto de uma banana. Sua respiração ainda era estável, seu peito não retumbava feito um trio elétrico. A única coisa que evidenciava alguma mudança eram as pupilas mais largas, engolindo quase todo o anel azul, mas podia muito bem ser um efeito da iluminação do salão da Brasitecno.

— Posso te acompanhar nessa viagem? — ele indagou, sem qualquer traço de zombaria.

Não. De jeito nenhum. Nem ferrando. Ainda mais depois daquela pequena demonstração de que ele poderia me roubar o raciocínio com apenas um toque ou um olhar. Eu seria louca se concordasse em passar o fim de semana com Nicolas, especialmente agora que sabia que ele me usava para acertar sua história com Amanda.

A questão era que ser usada por Nicolas e lidar com todas as coisas que ele despertava em mim ainda era melhor que ficar sozinha com Fred e Camila durante o fim de semana. Se ele ia me usar, eu podia fazer o mesmo sem que isso pesasse em minha consciência, certo?

Além do mais, Nicolas havia prometido que não criaria nenhuma armadilha de sedução a menos que eu pedisse. E eu não pediria. Não mesmo. Se eu aprendesse a não me deixar afetar tanto com sua presença — algo que provavelmente exigiria alguma pesquisa e muitas orações para algum santo das

causas impossíveis —, então o que ele me propunha seria a saída perfeita para me impedir de afogar Fred no balde de champanhe assim que eu ficasse a meio metro dele.

— Ok, Nicolas. — Eu me ouvi dizer. — Você vem comigo.

Dentre duas soluções ruins, escolhi a que me machucaria menos.

Nunca me enganei tanto...

O Jeep verde reluzia feito jade sob o sol do meio da tarde, emoldurando a silhueta do homem recostado à carroceria em uma pose relaxada. Seus olhos se escondiam atrás de lentes escuras, o jeans escuro deixava suas pernas mais longas, e ele substituíra a camisa de escritório por uma camiseta branca, um pedaço da tattoo no bíceps fazendo uma aparição. Meu fôlego escapou em um sopro longo e trêmulo. Ninguém devia ter o direito de ser assim tão lindo depois de um dia de trabalho. Era injusto.

Tão logo me viu passar pela porta de vidro, ele se desencostou do carro e veio

me encontrar, sorrindo daquele jeito devasso. Um arrepio me subiu pela nuca, pois eu sabia — sentia — que ele me examinava de alto a baixo.

— Você não parece alguém que está indo para a praia. — Um dos cantos de sua boca se espichou.

— É exatamente essa a ideia que eu quero passar para a areia. Eu não a incomodo, ela me deixa em paz.

— Espero que você não fique chateada comigo por me bandear para o outro lado. Eu adoro o mar. — Ele me mostrou uma coleção de dentes brancos perfeitos.

Meu coração se atirou em uma cavalgada alucinada.

Para com isso!, ordenei. É só um sorriso bonito. É só um homem ridiculamente lindo. Lide com isso!

E que ótimo saber que ele pretendia ficar andando seminu e molhado durante todo o fim de semana. Como se eu precisasse de mais uma imagem de Nicolas pelado em minha mente. Eu meio que esperava me arrepender daquele acordo em algum momento, só não imaginei que seria antes mesmo de pegarmos a estrada.

— Falando sério, algum dia eu vou te ver com outra cor que não seja preto? — ele adicionou, bem-humorado.

Examinei minha calça de alfaiataria negra e a regata da mesma cor.

— Não se eu puder evitar. Eu gosto do preto. Combina com a minha alma obscura.

— Pelo contrário, Mel. — Ele se curvou para enlaçar os dedos na alça da minha mala. — Você é energia pura. Toda luz e calor. Feito uma tempestade elétrica na superfície do sol.

Algo semelhante à explosão de uma estrela aconteceu em minhas bochechas.

As coisas estavam diferentes entre mim e Nicolas desde a festa da Brasitecno. Ele cumpria sua parte no cronograma de limpeza, mantendo a bagunça sob controle, o que me surpreendera demais. Também não houve mais gritos e gemidos na madrugada. Se ele estava vendo alguém, levava as mulheres para outro canto, o que eu achava improvável, pois eu o encontrara quase todas as noites daquela semana trabalhando no sofá — apesar da bela mesa de trabalho no fundo da sala —, dando os últimos retoques no Utopia. Aí ele perguntava se eu já tinha comido alguma coisa e se queria acompanhá-lo em um sanduíche. Nessas horas, falávamos sobre nada muito relevante... basicamente nosso dia a dia ou alguma travessura do meu gato. Até Loki sentira a diferença. Ainda não se aproximava de Nicolas, mas já não se escondia dentro da mobília nem o observava com ares homicidas.

Infelizmente, eu ainda não tinha topado com uma maneira de não me sentir

atraída pelo meu colega de apartamento, mas tinha esperanças de que aconteceria em breve. Fabiola, é claro, discordava. Ela aparecera mais cedo para apanhar Loki e me entregar uma nécessaire novinha estufada de maquiagem — cortesia de Alan —, e não me deu ouvidos quando lhe pedi que parasse de fantasiar meu casamento com Nicolas, já que não ia rolar nada entre nós.

— Estou sentindo uma coisa boa, Mel — anunciara ela, empolgada. — Andei pensando e acho que talvez a simpatia tenha funcionado para você também, só que você ainda não deu uma chance para ela. E isso pode mudar nesse fim de semana!

Eu bufara e rira ao mesmo tempo. Até parece que uma maçã lambuzada de mel sabia mais da minha vida amorosa — inexistente — que eu.

— Isso é tudo? — A voz de Nicolas me chegou aos ouvidos, me arrancando do devaneio. — Pensei que você teria um milhão de tralhas para carregar. — Suspendeu a mala, fitando as sacolas de mercado em meu pulso.

— Consegui alugar todo o restante no litoral. Eu ia reservar quartos em uma pousada, mas a Camila insistiu que nós ficássemos na propriedade. Parece que tem uns chalés ou coisa parecida. Não cheguei a ver quando estive lá.

O jantar de noivado aconteceria na noite seguinte, mas a família Bueno iria naquela noite. Camila queria que o pai e a mãe se entendessem antes de os convidados chegarem, e me pediu para providenciar um jantar. Tália já devia estar a caminho também.

Nicolas e eu caminhamos lado a lado até o carro. Ele acionou um botão no chaveiro, destravando as portas.

— Estou feliz com o nosso arranjo — comentou, absorto, encaixando a argola do chaveiro na ponta do indicador. — Eu estava mesmo precisando de um pouco de distração. Começamos um novo projeto esta semana.

— Coisa complicada?

— Não muito. — Abriu o porta-malas, e eu me afastei para não acabar sendo atingida pela tampa metálica. — É uma plataforma de gerenciamento financeiro para pequenas empresas. O problema é que o produto precisa estar pronto em poucas semanas. Vai ser bem corrido.

— Bom, fico feliz de ajudar de alguma maneira. Estava me sentindo meio culpada por te alugar nos seus dias de folga. Tudo bem se a gente der uma passada num lugar antes de pegar a estrada?

Puxando o chaveiro do dedo, ele o atirou para mim.

— Você conhece o caminho.

A chave pareceu queimar minha pele, e eu a joguei de volta para ele. Nicolas não esperava pelo arremesso, e ela bateu em sua barriga, na alça da minha mala antes de cair sobre seu tênis de lona. Uma sobancelha grossa se elevou.

— É que eu não dirijo — expliquei, sem graça.

— Tudo bem — disse lentamente, se dobrando para apanhar o chaveiro.

Corri para a porta do passageiro, enfiando minha bolsa e as sacolas no banco de trás a tempo de vê-lo erguer um dos braços para fechar o porta-malas. Tive um vislumbre completo da tatuagem de bússola em meio à pele dourada em seu bíceps, um pedacinho de barriga chata aparecendo entre o jeans e a camiseta. Um pequeno abalo no baixo-ventre me fez apertar as coxas.

Eu me virei para a frente de imediato, o cheiro dele impregnado em cada centímetro da cabine dimensionando a magnitude do que estava prestes a acontecer. Eu passaria o fim de semana ao lado do meu ex, sua noiva e o cara que perturbava meu juízo apenas com um olhar, e que me usava para provocar ciúme em sua ex-namorada. Em que momento eu havia perdido o controle da minha vida daquela maneira?

Era tarde demais para mudar de ideia, concluí, ao sentir o carro sacolejar conforme ele abriu a porta e se acomodou atrás do volante.

— Pronto? — Deu a partida, me espiando por sobre as lentes do Ray-Ban de um jeito para lá de perturbador.

Nem um pouco.

Mas fiz que sim, recostando a testa subitamente febril no vidro, implorando ao universo que eu conseguisse sobreviver àquele fim de semana.



Nicolas estacionou o carro em frente ao portão da casa dos meus pais, se debruçando sobre o volante para dar uma conferida na fachada do sobradinho, no jardim vistoso, nas cadeiras na varanda.

— De alguma maneira eu sabia que você tinha crescido em um lugar assim.

— Seus olhos se enrugaram nos cantos.

— Não vou demorar. Prometo. — Soltei o cinto de segurança para apanhar as sacolas no banco traseiro e saltei.

Antes que eu pudesse impedir, Nicolas já estava fora do carro. Ao mesmo tempo a porta se abriu e minha mãe apareceu na varanda, a expressão radiante ao me ver.

— Melissa, o que você está fazendo em casa a esta hora? — Ela se apressou em atravessar o caminho de pedras no gramado e abrir o portão.

— O mercado estava cheio de ofertas. Aproveitei para pegar algumas coisas. Encontrei aquela aveia de que você gosta.

Ela me abraçou com força, deixando um beijo estalado em minha bochecha.

— Ah, meu amor, não precisava se preocupar. Você está tão bonita hoje. Parece brilhar... — Aí viu o belo rapaz atrás de mim e alisou a manga do vestido indiano bordado. — Ah! Por que não me contou que iria trazer um amigo, filha? Eu teria colocado uma roupa melhor.

Nicolas pulou para a calçada, encaixando os óculos na gola da camiseta.

— O que seria um pecado, já que o vestido é quase tão encantador quanto a senhora. Nicolas Cassani, amigo da sua filha. — Fez uma meia reverência. — É um prazer conhecê-la.

— Ah! Olivia Gouvêa. — Ela tocou as bochechas afogeadas, dando uma risadinha, e me espiou por entre as pestanas.

Eu sei, mãe, eu quis dizer. Acredite, eu sei.

— Por favor, entre. — Ela indicou o portão. — Eu ia passar um café agora mesmo.

— Não podemos demorar muito — expliquei, entrando. — Tenho um evento fora da cidade amanhã. Preciso estar lá para preparar tudo antes que a noite caia.

Mamãe me deu um olhar pesaroso.

— Você devia ir mais devagar, meu amor. Anda trabalhando muito além do que o seu corpo aguenta. Sei que você quer aprender o serviço, mas não vai adiantar muito se você ficar doente, não concorda, Nicolas?

— Hummm... sim, concordo — ele disse, devagar.

Mordi o lábio, frustrada. Certo. Ainda estávamos no período em que eu me dedicava a aprender todo o serviço.

A dieta rica em nutrientes benéficos para a memória e o novo medicamento a deixaram com um aspecto saudável e mais linda do que nunca. Lamentavelmente, não havia nenhum indício de que o remédio caríssimo estivesse surtindo algum efeito em seu cérebro nas últimas semanas. Ou naquele dia, como ficou claro.

Tudo bem. Quem sabe amanhã...

Sob a nuvem de abatimento, percebi que Nicolas me observava com uma interrogação no meio da testa. Droga, não imaginei que ele desceria do carro, por isso não tinha me dado o trabalho de explicar a condição clínica de minha mãe. Se ele mencionasse que eu já havia sido promovida fazia um mês ou qualquer outro assunto que a fizesse encarar o buraco em sua mente e se sentir perdida e amedrontada...

Eu queria empurrá-lo de volta para o carro, mas não dava mais, pois minha mãe enroscou o braço no dele e atravessou o jardim bem cuidado. Tratei de levar as compras para a cozinha o mais depressa que pude, quase atropelando meu pai, que tinha a barriga colada ao fogão, adiantando o jantar.

— Pela alegria no tom de voz da sua mãe, só podia ser você. — Seu bigode se esticou.

— Oi, pai. — Corri para cumprimentá-lo. — Um amigo veio comigo. Eu não mencionei a memória da mamãe, então é melhor interceder.

Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, mas eu já refazia o caminho por onde entrara, chegando à sala a tempo de ouvir minha mãe perguntar a Nicolas como nos conhecemos.

— Eu apareci bêbado no ensaio do casamento do meu primo — ele explicou, sentado no sofá com toda aquela altura, fazendo a mobília parecer dois tamanhos menor. — E a Melissa fez questão de apontar que era muito errado.

— Ah! — Ela riu. — A Melissa nunca me contou nada disso.

Eu tinha contado, sim.

— E o seu pai, o que ele faz da vida? — mamãe quis saber.

— Meu pai era contador. — Ele esfregou as mãos nas pernas da calça. — Ele faleceu faz alguns anos.

— Ah, não. Sinto muito. — Ela se esticou na poltrona para tocar o braço de Nicolas, aflita. — Sua mãe deve ter ficado arrasada.

— Ela tem melhorado. Um dia de cada vez. — A tristeza toldou a luz em seu olhar.

— Bem, mande lembranças a ela. — Mamãe deu dois tapinhas em sua mão antes de se endireitar. — E diga que se quiser aparecer para um chá será muito bem-vinda.

Então, uma linha solta na manga do vestido a distraiu. Ao erguer o rosto, mirou a janela e sorriu para uma borboleta que passava. Ao voltar a atenção à sala se assustou ao divisar o homem na ponta do sofá. Achei melhor interferir.

— Oi, mãe.

— Melissa! — Ela se iluminou, surpresa, vindo me abraçar. — Querida, não a vi entrar. O que você está fazendo em casa a esta hora?

Por sobre seu ombro, vi Nicolas franzir a testa.

— É só uma passada, mãe. Vou precisar ficar fora da cidade por uns dias.

— A trabalho? — Ela me segurou pelos ombros, se afastando para poder examinar meu semblante. — Eu comentei com o seu pai que acho que você anda se sobrecarregando. Eu sei que você tem pressa em aprender o serviço, sonha em um dia se tornar produtora, mas, meu amor, não vai adiantar nada se ficar doente... — Começou a me empurrar para o sofá, divisando Nicolas. Minha “chegada repentina” a distraíra e ele se apagara por completo de sua mente. — Ah, Melissa, por que não me avisou que iria trazer alguém? — Ela levou a mão a uma mecha cor de mel caída em seu ombro, corando. — Eu teria me arrumado um pouco.

Meu coração martelou na garganta assim que vi Nicolas se levantar lentamente, um profundo V entre as sobrancelhas.

Não diz. Não diz que já se conheceram. Não diz que já se apresentou.

Não sei ao certo se ele conseguiu ler minha súplica, mas se recompôs da melhor maneira que pôde e abriu um sorriso estonteante para ela.

— Eu acho que a senhora não deveria se preocupar com isso. Está encantadora. Nicolas Cassani, como vai? — disse ele, sem nenhum traço de escárnio, me fazendo quase desmanchar em uma poça de alívio.

— Olivia. — Ela corou, os cantos da boca vergados para cima. — É um prazer conhecê-lo, Nicolas.

Foi nesse instante que papai resolveu se juntar a nós, passando pela porta com um pano de prato ainda sobre o ombro.

— Sérgio, querido! — Ela foi recebê-lo com um beijo rápido. — Veja, a Melissa trouxe um amigo!

Fiz as apresentações e juro que vi Nicolas apertar a coluna e alisar a camiseta antes de trocar um cumprimento com meu pai. Papai foi simpático, fazendo perguntas educadas, mas parecia incomodado com alguma coisa.

A conversa enveredou para o jardim, e mamãe convidou Nicolas para conhecer o canteiro de jacintos. Eu pretendia ir atrás deles e conter qualquer possível dano, porém papai me interceptou antes que eu passasse pela porta. Pensei que pretendia me atualizar sobre algum progresso, mas ele tinha outras coisas em mente.

— Quem é esse rapaz, Mel?

Ali estava uma ótima oportunidade para contar ao meu pai que eu havia me mudado. Contudo, o jeito como ele espiava Nicolas através da janela da sala me fez reconsiderar.

— Nós somos amigos. Ele vai me dar carona até o litoral. — Fiz um rápido resumo sobre o noivado de Camila, e pedi que me ligasse caso precisasse de mim para qualquer coisa.

— Não precisa depender de ninguém. Você mesma poderia ir sozinha. É só pegar o carro — comentou, um pouco zangado, um pouco abatido.

— Eu não dirijo, pai.

— Outro assunto que você deveria reconsiderar, Mel. Você não pode deixar que...

— Eu estou bem assim — atalhei, me encolhendo. — Como foi a sessão de terapia ocupacional? Algum progresso?

Seu peito subiu e desceu conforme soltava o ar com força.

— Não, nada perceptível.

Eu já havia demorado demais, e o pessoal do bufê chegaria à casa de praia dos Bueno em duas horas, por isso achei melhor ir andando. Meu pai me acompanhou até o jardim, onde mamãe, ajoelhada diante das flores que tanto amava, contava sua história favorita a um Nicolas muito atento, agachado ao seu lado.

— ... segundo a mitologia grega, Jacinto foi um príncipe espartano muito belo, que cativou até mesmo os deuses. — Ela correu o dorso do indicador por um galho repleto de flores cor-de-rosa. — Em particular a Apolo, o deus da luz e do sol. Mas a história de amor dos dois terminou de forma trágica. Jacinto foi morto por outro deus, que teve seu amor rejeitado. Ele e Apolo nunca conseguiram ficar juntos. Esse canteiro é a minha própria iconografia, uma obra de arte criada pela natureza. Toda manhã, quando vejo o sol tocar os jacintos, penso que é o deus Apolo vindo abraçar seu amante.

— Eles parecem felizes. — Nicolas admirou as flores exuberantes.

Ela abriu um imenso sorriso.

— E não é que estão?

Ao notar minha presença, Nicolas ficou de pé, ajudando minha mãe a se erguer assim que anunciei que era hora de pegarmos a estrada.

— Ah, que pena. — Ela espanou o vestido para se livrar dos pedaços de grama. — Eu adoraria que vocês pudessem ficar para o jantar.

Claro que ela gostaria. Nicolas parecia fascinado com seu jardim. Ele não teria agradado mais minha mãe nem se tentasse. Expliquei outra vez que não poderíamos ficar e me despedi de meus pais, sentindo a costureira pontada no peito. Mamãe foi efusiva ao dizer adeus a Nicolas.

— Volte outra hora. — Ela lhe deu um sorriso luminoso, segurando sua mão. — Quero te contar sobre as rosas vermelhas.

— Existe uma bela história de amor por trás delas, desconfio — retorquiu, galante.

— E como não existiria, se elas são o maior símbolo da paixão? — Ela deu dois tapinhas em seu ombro. — Volte, querido, e eu vou contar tudo sobre

Adônis e Afrodite.

Nicolas prometeu que faria uma nova visita e parecia falar sério. Com prazer, percebi que ele havia gostado dela de verdade, tinha achado minha mãe interessante e não uma doente de quem deveria querer distância.

Mamãe tornou a se ajoelhar no canteiro, puxando as poucas ervas daninhas que perturbavam a paz das flores, enquanto papai nos acompanhava até a calçada. Ao pararmos ao lado do carro, ele aprumou os ombros e alisou o bigode antes de se dirigir a Nicolas.

— Você me parece ser um bom rapaz, mas os meus cabelos brancos sabem que de boas intenções o inferno está lotado. Veja lá o que vai aprontar com a minha filha.

— Pai! — Fiquei vermelha. — O Nicolas só foi gentil em me dar uma carona.

— O problema é exatamente esse, Mel. Quando os rapazes resolvem ser gentis com a minha filha. — Para Nicolas, adicionou: — É melhor você se comportar. A Melissa tem pai. E eu tenho a Matilde, não se esqueça disso.

— Ok, vamos indo. — Fui empurrando Nicolas para o carro.

— Tomem cuidado na estrada — ele gritou a nossas costas.

Continuei forçando Nicolas para a frente, me apressando em entrar no Jeep.

— Quem é Matilde? — perguntou Nicolas, já no banco do motorista.

— A espingarda que meu pai herdou do meu avô. — Suspirei, revirando os olhos.

— Seu pai gostou de mim tanto assim, é? — Rindo um pouco nervoso, ele deu a partida.

— Não se preocupe. Ela está enferrujada. Não funciona mais faz tempo.

O Jeep rugiu raivoso conforme ele manobrava e acelerava pela rua, e esse foi o único som que ouvi durante um longo período. Já estávamos na autoestrada atravancada de carros naquele fim de tarde de sexta-feira quando Nicolas decidiu quebrar o silêncio.

— Sua mãe parece ter gostado de mim — comentou, como quem não quer nada, atento à via.

— Bom, você se interessou pelas flores e pela história. É claro que ela te adorou.

— Mas ela não vai se lembrar de mim, vai? — Manteve a atenção no para-brisa.

Eu me concentrei na janela, encostando a testa no vidro, o ar-condicionado soprando diretamente em meu nariz. Ainda assim achei difícil respirar.

— Já não lembra, Nicolas. O acidente... — Umedeci os lábios secos, sem saber direito como continuar.

Sua mão, pesada e quente, cobriu a minha, frouxa sobre a perna, me forçando

a enfrentar seus olhos. Não encontrei pena ali, apenas uma preocupação genuína.

— Você não tem que me contar, Mel — proferiu, solene.

— Eu sei. Mas eu quero. — Acabaria explodindo se não colocasse um pouco do peso para fora. — O acidente foi bem sério, Nicolas. Um caminhão saiu de uma entrada da avenida e acertou a lateral do carro. Papai quebrou o braço. Mas mamãe estava no lugar errado e absorveu quase todo o impacto. Bateu a cabeça na estrutura de metal, o que provocou uma lesão no hipocampo. Ela passou mais de um mês no CTI até acordar do coma. Levou mais duas semanas para que nós percebêssemos que ela sofria de amnésia anterógrada... Ela se lembra de absolutamente tudo até o dia 15 de outubro, o dia do acidente, mas depois disso o seu cérebro não consegue reter nada.

Pela visão periférica, vi suas sobrancelhas se elevarem.

— Parecido com a personagem da Drew Barrymore naquele filme com o Adam Sandler?

— Mais ou menos. — Eu me encolhi, fixando a vista na lanterna traseira do carro a nossa frente. — O da minha mãe é mais parecido com o Alzheimer, só que sem a parte degenerativa. Assim que a mente dela vaga para outra direção, o cérebro apaga tudo o que aconteceu nos últimos minutos, como você percebeu.

— Imagino que isso não permita que ela seja independente — comentou, delicadamente.

— Não. Nem um pouco. Ela acorda e não vai para a escola porque o acidente aconteceu no Dia dos Professores, e a direção aproveitou a ausência dos alunos para fazer a dedetização. Ela ainda acha que meu pai trabalha, por isso todo dia ele inventa uma desculpa para justificar sua presença em casa, e precisa repeti-la várias vezes durante o dia até o sol baixar. Às vezes ela fica confusa ao me ver, porque meu cabelo está mais curto ou mais comprido... — Recostei a nuca no apoio do banco. — Por isso eu o uso preso nos últimos anos. Para não perturbá-la.

— Mas nem sempre funciona — declarou ele, entendendo minhas entrelinhas.

— Não. E é realmente horrível. Ela chora, fica agressiva porque não entende o que está acontecendo. No começo, nós tentamos ser honestos o tempo todo. Até arriscamos a ideia do diário, meio parecido como faz a personagem da Drew em *Como se fosse a primeira vez*, mas ela se distraía antes de chegar ao fim da página. Não funcionou. Nada funcionou. Eu sei que parece horrível, mas mantê-la no escuro é muito menos cruel que fazê-la sofrer a cada quinze minutos.

Toquei uma das pulseiras com a pontinha do polegar, me recordando da alegria de mamãe quando me vira abrir a caixinha. Meu coração bateu dolorido. Esse fora o último presente de aniversário que ganhei dela. Desde o acidente, não havia mais natais, aniversários, páscoas. Todo dia era 15 de outubro.

— Existe alguma esperança de cura? — ele quis saber.

— O neurologista não deu esperanças de que o quadro possa ser revertido, sobretudo porque já faz dois anos. — Eu me abracei, ainda fugindo de seu olhar.

— Mas, sei lá, o cérebro humano continua sendo um mistério para a ciência, não é?

— É, sim — concordou, com voz branda.

— Eu acredito que ela vai acordar em uma manhã e conseguir se libertar dessa prisão que sua mente se tornou. — Acompanhei com a ponta do dedo os números impressos na parte de baixo do vidro. — Acredito nisso todo santo dia. Aí venho vê-la ou ligo para ela e rezo. Mas... mas não aconteceu ainda.

Uou! De onde tinha saído tudo aquilo? Eu odiava me abrir daquela forma, e escancarar a gaveta daquelas memórias doía demais. Eu levaria dias para conseguir trancafiar as lembranças e voltar a respirar. Então eu estava ali, observando os carros na estrada sem realmente vê-los, me perguntando por que eu contara tudo aquilo a Nicolas.

Eu me preparei para assistir à compaixão assumir seu perfil. Era a reação comum de quem ouvia aquela história. No entanto, Nicolas não tentou me animar com falsas promessas, não me mortificou com olhares penalizados nem disse coisas que me machucariam mais. Em vez disso, seus dedos procuraram os meus, apertando-os com força, e não os soltaram, me dando a impressão de que se oferecia para me ajudar a carregar o peso, me convidando a dividi-lo com ele.

Devolvi o aperto, virando-me para a janela, não porque temesse que ele visse o quanto seu gesto me tocou, mas porque eu tinha muito medo de olhar nos olhos dele naquele instante e acabar aceitando a oferta.

Nicolas girou a chave, silenciando o motor. Saltei do carro, o vento que vinha do oceano agitando meu rabo de cavalo, lançando alguns fios em minha boca. Eu os puxei para trás, ajeitando a bolsa que ameaçou despencar de meu ombro, e inspirei fundo o perfume salgado, completamente arrebatada pela paisagem. O sol cintilava atrás da “casinha de praia” que mais parecia um resort em alguma ilha paradisíaca do Caribe, com uma fachada clara de linhas retas e muito vidro. Balaústres escuros rodeavam os dois terraços do segundo andar, e na lateral uma vidraça larga acompanhava quase todo o comprimento da casa. Lanternas

pendiam do teto na porta de entrada e ao longo de todo o térreo, até alcançar a piscina. Palmeiras e arbustos circundavam o imóvel, escondendo parcialmente o mar e seus matizes, que iam do azul profundo ao turquesa translúcido. Era fácil entender por que Camila escolhera se casar ali.

O *ping-ping-ping* da porta aberta ressoou pelo pátio, seguido de um baque surdo e o estalar de pedras conforme pés pesados as esmagavam ao rodear o carro.

Nicolas parou ao meu lado, dando um longo assobio.

— Quer dizer que é assim que gente rica de verdade vive.

— Uma pequena amostra — assinalei.

Não havíamos falado muito no trajeto até a casa de veraneio dos Bueno. Nicolas procurou engatar uma conversa, mas, com as emoções e as lembranças fora de controle, minhas vagas respostas monossilábicas contribuíram pouco para o papo, e ele acabou desistindo. O ronco do motor e um rock antigo no rádio foram tudo o que ouvi na maior parte dos sessenta minutos trancada com ele dentro do Jeep.

— Para onde eu levo as malas? — ele quis saber.

Empurrei uma das alças da bolsa, vasculhando seu interior até encontrar a Nikon da agência.

— A Camila disse que os chalés ficam no final da trilha de pedras. A família deve jantar aqui hoje. Vou aproveitar pra fazer umas fotos do lugar antes que o sol se ponha e o pessoal do bufê chegue.

— Tudo bem. Eu te ajudo. — Ele pegou a máquina fotográfica e estudou o equipamento por um breve segundo antes de apontar o foco para mim e disparar. Analisou o pequeno visor, ampliando o retrato com dois dedos, e sorriu, satisfeito. — Certo. Acho que peguei o jeito. Por onde você quer começar?

— Todo o exterior. — Saquei o celular e abri a câmera. — É onde a festa vai acontecer.

Nós percorremos o terreno, capturando cada detalhe do gramado, da piscina sinuosa, do jardim. Ao chegarmos ao deque baixo que levava à areia, parei para fazer mais algumas imagens. Nicolas, porém, se distraiu com a imensidão azul que se abria no horizonte. Seus contornos duros eclipsaram o sol de fim de tarde. Combinavam, percebi. A força bruta de seus membros e o cenário rústico pareciam feitos um para o outro.

O que só provava o quanto éramos diferentes e totalmente incompatíveis.

— Você sabe a sorte que tem por poder trabalhar em um cenário desses? — Distraído com a beleza do lugar, ele ergueu a câmera, se esquecendo por um instante que as fotos tinham um propósito diferente e que não daria para montar uma pista de dança no meio do oceano, mas achei melhor não falar nada. Ele

estava me ajudando de boa vontade, e, enquanto se distraísse com a Nikon, não teria tempo para focar a atenção em mim.

Depois de algumas andanças, decidimos explorar a trilha de pedras cinzenta que desaparecia atrás dos arbustos e coqueiros. Nicolas me acompanhava de perto, fazendo fotos sempre que encontrava um bom enquadramento.

— Do que mais você não gosta? — perguntou do nada ao pararmos na parte mais alta da trilha.

— Hã? — Capturei a imagem do terreno em aclave atrás da casa. Poderíamos aproveitar aquela área para dispor os equipamentos de som.

Ouvi as pedrinhas estalarem, denunciando sua aproximação.

— Além de areia, comida japonesa e qualquer coisa relacionada a cozinha — explicou, bem atrás de mim. — Do que mais você não gosta?

— De atrasos. E imprevistos também. Detesto os dois. — Eu me virei, um pouco surpresa por ele se lembrar da nossa conversa no vernissage. — Eu é que não sei muito sobre você. O que gosta de ouvir?

— Muita coisa. Uma das coisas que mais gosto de escutar é “o pagamento caiu na conta”.

— Sêrio? — Dei risada, retomando o passo. — É a minha frase preferida também, o que é bem estranho.

— O quê? A gente ter algo em comum? — Sem perder o compasso, ele apontou a lente para um ponto adiante e disparou.

— Não. Você não ter dito que sua coisa favorita era algo na linha “oh, não para, Niiiiiick!” — imitei a frase que me atormentara mais de uma vez nas madrugadas.

Seus lábios se separaram em um sorriso cafajuste que me fez enrubescer.

— Por isso eu disse *uma das* em vez de *a* favorita — destacou.

Tornei a me concentrar no cenário. Algumas pedras soltas da trilha rolavam à medida que progredíamos.

— Alternativo — ele comentou, me obrigando a olhar para ele.

— O quê?

— Meu gênero musical favorito — esclareceu, com um dar de ombros. — Rock alternativo, tipo o que ouvimos no trajeto até aqui. Radiohead, The Cure, Soundgarden. Minha banda favorita é Smashing Pumpkins. Adoro o trabalho solo do Jimmy Chamberlin. — Abriu os braços, desanimado. — “Lokicat” é uma das minhas preferidas dele.

— Tá brincando?! A gente tem um cantor preferido em comum?

— Fiquei tão chocado quanto você com a descoberta. — Ele assentiu com firmeza, fazendo uma careta desolada, e eu ri. — Preciso dizer que, agora que conheço seu gato, o nome que escolheu para ele caiu feito uma luva, porque o

Loki não é *mesmo* nenhum anjo.

Dei risada outra vez. Nicolas me acompanhou, parecendo satisfeito com minha reação. Por quê? Por que parecia importante para ele conseguir um sorriso meu?

— E você, além do Jimmy, o que gosta de ouvir? — indagou ao passarmos por uma área tomada por samambaias gigantescas.

— Eu falo pra todo mundo que é MPB. — Brinquei com um galho da planta e parei de andar. Daquele ponto, a vegetação se abria e era possível contemplar toda a propriedade.

Ouvi um clique. Eu me virei a tempo de vê-lo apontar a câmera para mim e disparar.

— Para com isso. — Enrolei o indicador na ponta do rabo de cavalo, um tanto perturbada com a atenção. — Eu não quero estar nas fotos. Só o cenário.

Clique. Clique.

— Desculpa. Me distraí com... essa luz. — Ele me deu um sorriso travesso de quem não se arrependia nem um pouco, mas baixou a câmera. — Você diz que é MPB, mas na verdade é...

— Basicamente, Justin Timberlake. — Gemi, rindo. — É paixão antiga. Não consigo evitar.

— “Can’t Stop the Feeling” — brincou, com um sorriso largo, me surpreendendo que conhecesse ao menos uma música do cantor que fora o grande amor da minha adolescência.

Uma sensação morna e doce começou a brotar dentro do meu peito e temi que ele pudesse vê-la, por isso retomei a marcha, esperando que a paisagem me distraísse do rebuliço em minha barriga.

Nicolas continuou me fazendo perguntas sobre as coisas de que eu gostava, as que eu odiava. Ouvia a tudo muito concentrado, como se o que eu dissesse fosse importante. Muito importante. E eu devolvia na mesma moeda. Pretendia investigar o motivo de todo aquele interesse — tanto dele quanto meu —, mas fizemos uma curva e o caminho de pedras abriu lugar para um longo deque de madeira clara.

— Cacete, tá de brincadeira comigo? — Nicolas meio riu, meio gemeu, parecendo não acreditar no que via.

Eu também estava com dificuldade para desgrudar os olhos do “chalezinho” que Camila mencionara. O bangalô flutuante a nossa frente poderia facilmente ter saído de algum folheto de turismo de Bora Bora. O deque avançava sobre o mar até alcançar a construção arredondada de madeira lisa, sustentada por grossas estacas submersas, visíveis graças à água cristalina.

— Você primeiro. — Ele se animou, indicando o deque com o braço.

Assentindo meio no automático, fui na frente, ouvindo a madeira ranger sob nossos pés, encantada demais com os peixinhos coloridos que passavam por baixo da ponte de madeira. Ao chegarmos à varanda que contornava todo o bangalô, Nicolas resolveu explorá-la enquanto eu me aventurava no interior da construção. Por dentro o chalé era ainda mais impressionante que do lado de fora: uma pequena antessala decorada em tons turquesa e branco acomodava um par de poltronas e um sofá pequeno. Em vez de um tapete, uma claraboia (ou seja lá o nome que se dê ao pedaço de vidro retangular encrustado no piso) permitia admirar a água cristalina sob o chalé. Deixei a bolsa no pequeno sofá e fui adiante, caindo diretamente no quarto de algum resort destinado exclusivamente a receber casais em lua de mel. A cama devia ter o tamanho do meu quarto, pelo amor de Deus. O piso de madeira deixava o ambiente ainda mais amplo, o tapete de aspecto macio sob os pés da cama combinava com o récamier claro posicionado ao lado da porta de vidro. Tecidos molengas presos ao teto compunham uma espécie de dossel gigante. Não havia nada além de papel estampado em delicados tons de cinza nas paredes: a grande obra de arte era emoldurada pelas três janelas voltadas para o mar.

Abri a porta ao lado do criado-mudo esperando encontrar outro quarto, apenas para dar de cara com um banheiro do tamanho da minha sala.

— Eu podia montar uma festa aqui — pensei alto.

— Ou organizar uma competição de natação — sugeriu Nicolas bem atrás, me sobressaltando.

Meus tênis guincharam conforme girei sobre os calcanhares, mexida com a maneira como ele preenchia o chalé todo. Antes, o ambiente ecoava e era tão aberto quanto um estádio de futebol. Com Nicolas dentro, se reduzira a um apertado armário de vassouras.

— Preciso conversar com a Camila a respeito dessa cabana. — Cheguei para o lado, para o caso de ele querer usar o banheiro. Nicolas não se moveu, porém. — Talvez ela e o noivo queiram passar a noite de núpcias aqui, antes de embarcarem para Nova York.

Ele relanceou a imensa cama, o dossel diáfano.

— O lugar parece ter sido decorado para esse fim.

Nicolas usava uma máscara relaxada, mas notei um pouco de rigidez na maneira como sustentava a coluna ereta ao percorrer com os olhos o restante do quarto e não encontrar nada além do sofá minúsculo. O frágil récamier poderia se partir em dois se Nicolas se esticasse nele.

Levei menos de uma batida de coração para compreender o que ele já havia constatado.

— Não tem outro quarto, né?

— Nem outro chalé. — Apertou as sobrancelhas. — A Camila não devia imaginar que mais alguém viria.

Ao contrário, eu a informara que Nicolas me acompanharia — como amigo, para me dar uma mãozinha caso eu precisasse, garanti a ela duas vezes, insistindo que nosso noivado fictício acabara de vez. Não era difícil imaginar o motivo que a levava a insistir tanto para que ficássemos no chalé: ela estava tentando nos aproximar. *Merda.*

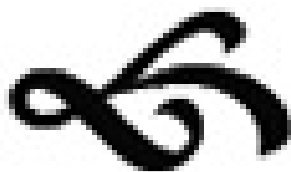
A tensão pesou no silêncio, fervilhando em minha barriga. Nicolas foi o primeiro a agir, escancarando uma das portas e retornando para a varanda. Ele se debruçou sobre o peitoril amadeirado e admirou o mar, correndo os dedos por aquela cabeleira negra, tentando desanuviar as ideias, desconfiei. Também precisei de um instante para recobrar alguma compostura.

— Vou dar um jeito nisso. — Forcei minha voz a sair. — Vou falar com a Camila mais tarde, e conseguir outro quarto. Agora eu... preciso ir esperar o pessoal do bufê.

— Tudo bem — ele disse, ainda de costas, os pensamentos perdidos no suave vaivém das ondas. — Vou trazer o carro aqui pra cima e descarregar as bagagens.

Fiz que sim, embora ele não pudesse me ver, e tratei de refazer o caminho que nos levava até ali, ignorando a imensa cama no centro do cômodo ao passar por ela. Tá legal, um problema de cada vez. Eu precisava cuidar do jantar daquela noite. Depois discutiria a situação do bangalô com Camila. Porque nós não iríamos dividir aquele colchão, certo?

Certo?!



As diáfanas cortinas suspensas sobre as paredes de vidro, que se abriam em sessões, separando a sala de estar da área da piscina, esvoaçavam com a brisa suave e fragrante do oceano. Ajeitei o arranjo de orquídeas brancas sobre o aparador atrás do sofá com dois quilômetros de comprimento e verifiquei se tudo estava no lugar. Não havia um único grão de poeira à vista graças à equipe de limpeza, que havia aparecido bem cedo e arrumado tudo para receber a família Bueno. Foram necessárias sete pessoas para dar conta do recado em tão pouco tempo. Só na sala de estar havia cinco sofás longos e diversas poltronas em tons cremosos. Uma larga escada em arco dividia o ambiente em dois, separando a sala de estar da maior sala de jantar que eu já vira. Ótimo. Teríamos lugares de sobra caso algum convidado de última hora aparecesse no jantar de noivado, na noite seguinte.

Com tudo arrumado, fui para a cozinha falar com a chef que eu adorava. Tália não era apenas boa, era responsável, e, exceto pelo roubo do caminhão, jamais tinha furado comigo. Ela e seus assistentes corriam de um lado para o outro pela cozinha gigantesca. Na bancada com pia embutida, a moça de pouco mais de um metro e meio de altura resmungava alguma coisa sobre caldos para um rapaz escondido dentro da geladeira de portas francesas. O delicioso aroma de salsinha e coentro envolveu meus sentidos.

— Tudo certo por aqui? — perguntei a Tália.

— No cronograma, Mel. — Sua faca tilintou contra o granito da bancada à medida que picava algumas ervas, assim como fez o anel em seu anular.

— Você está noiva?!

Suas bochechas enrubesceram.

— Eu sabia que a Lisa estava aprontando alguma desde aquela noite em que eu acordei e a flagrei enrolando um barbante no meu dedo. Ela nunca foi muito sutil. Uma das coisas que mais amo nela. Enfim... — Ficou ainda mais vermelha.

— Estamos adiantados. Vou deixar só as lagostas para mais tarde. Até o crêpe brulée já está semipronto.

— Ótimo. A família deve chegar por volta das oito. O jantar deve ser servido entre nove e dez horas.

— Estaremos prontos às oito e meia — anuiu, com firmeza.

Era por coisas assim que eu adorava Tália. Ela compreendia que cada segundo era importante. Antes que eu pudesse dizer isso a ela, Camila me ligou.

— Mel, tive um imprevisto — ela contou, um pouco apressada. — Não vou conseguir ir para o litoral esta noite. Apareceu uma reunião de última hora no banco. Mamãe também ficou retida.

— Ceeerto. — Eu me recostei à bancada, relanceando a quantidade de comida que Tália já havia aprontado. — Podemos reagendar para outro fim de semana.

Vou cancelar os serviços.

De imediato, a chef soltou a faca e apagou a chama do fogão, bufando.

— Não, não! — A voz aguda de Camila vibrou em minha orelha. — Cancelar, não. Só vamos adiar até amanhã. A festa vai acontecer normalmente. Devo chegar bem cedinho. Ah, e você vai ficar muito irritada se eu disser que a lista de convidados aumentou um pouquinho?

— Um pouquinho quanto? — Mordisquei a unha do polegar.

— Mais trinta pessoas. No total nós seremos quarenta e dois.

Eu não sabia se ria ou corria para me atirar no mar. Decidi me curvar e apoiar a testa subitamente latejante no mármore frio.

— Mesmo sendo ampla, a sala de jantar não acomoda quarenta e dois convidados, Camila.

— Eu sei. Por isso achei que devia avisar. Você pode pensar em alguma solução? Vamos manter tudo informal. E não se preocupe com os custos. Você tem carta branca. — Ouvi um ruído, e então a voz dela ficou abafada. — Não, esse documento não, Jocasta. Só os daquela pilha. — Mais chiado. — Mel, desculpe, eu preciso desligar. Nos vemos amanhã! — Ela encerrou a chamada antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa.

Não que eu não tivesse previsto algo do tipo. Reuniões familiares tendem a sair do roteiro com mais facilidade. Eu só queria que uma vez na vida meus clientes seguissem o cronograma e facilitassem minha vida. Era pedir muito?

Dedos finos tocaram meu ombro. Eu me endireitei a tempo de ver Tália começar a desabotoar o dólmã branco.

— Me deixe adivinhar — falou, aborrecida. — Ela colocou mais convidados na lista e quer que a gente prepare tudo para amanhã, que nem a fada madrinha da Cinderela.

— Por aí. — Eu me virei, apoiando o quadril na bancada. — Imagino que cada convidado vai chegar para o noivado em um horário diferente, mas o jantar está marcado para às seis da tarde. O que você acha de um brunch para quem já estiver por aqui pela manhã? Contei vinte e duas cadeiras na sala de jantar, e ainda tem os sofás.

— E quanto ao jantar?

— Para a noite estou pensando em... em... talvez um luau? — A iluminação me atingiu. — Sim, acho que seria a única solução para não haver contratemplos. Você consegue providenciar um menu inspirado na culinária balinesa, Tália? Os noivos têm uma história em Bali. Eu poderia seguir o mesmo estilo na decoração. Não vou conseguir criar nada muito elaborado sozinha.

Ela jogou a roupa de trabalho sobre o ombro, grunhindo.

— Pelo amor de Deus, Melissa, assim você me mata. Eu consigo, mas vou

precisar de mais pessoal.

— Você não é a minha chefe preferida à toa. Eu sabia! — Ergui a mão.

Ela bateu a palma na minha, meio desanimada, meio achando graça.

— Tudo bem! Não precisa me paparicar, eu já topei. Mas não invente mais nada!

Eu estava pronta para lembrá-la de que eu era paga justamente para inventar, mas ela havia topado, então achei melhor ir para a praia avaliar o espaço que utilizaríamos na noite seguinte. O sol quase tocava a linha d'água no horizonte, tingindo o céu em tons de roxo, rosa e azul. Eu me sentei na mureta de pedras que contornava um belo jardim, medindo o espaço com os olhos. Enquanto isso, a equipe de Tália foi se retirando, e foram embora antes que eu terminasse de esboçar a lista de tudo que precisaria providenciar ainda naquela tarde.

Nicolas me encontrou ainda na mureta um pouco depois, vasculhando a agenda do celular, em busca do número da empresa de onde eu costumava alugar mobília para situações como aquela. Ele manteve alguma distância ao se sentar ao meu lado, me analisando com cuidado.

— Alguma coisa deu errado — presumiu, acertadamente.

— A Camila mudou os planos. Eles só vêm amanhã, e com mais trinta convidados a reboque. O que me leva ao plano B, que, basicamente, consiste em surtar e ligar para um milhão de pessoas até conseguir tudo de que vou precisar, para em umas poucas horas começar a montar a festa. Totalmente sozinha — lembrei a ele.

Ele cruzou os braços, as mãos desaparecendo nas dobras das mangas da camiseta.

— E eu sou o quê? Um saco de batatas? — inquiriu, ofendido.

— Não posso aceitar a sua ajuda, Nicolas. Você não é parte da equipe da Allure.

— Eu vim aqui te ajudar, e é o que eu vou fazer. — A determinação endureceu seu maxilar anguloso.

— Isso não está em discussão. — Encontrei o contato da empresa de aluguel de móveis e pressionei o botão verde, colando o celular à orelha. — Esse é o meu trabalho, e não vou me aproveitar de você para conseguir executá-lo.

Pensei que ele fosse discutir. Chegou a abrir a boca, mas mudou de ideia, e nem era porque eu escutava a chamada se completar. Ele apenas continuou me observando, algo borbulhando sob a superfície azulada de seu olhar.

Não entendi o que era até ele ficar de pé e perambular pela areia perdido em pensamentos por um instante, para então se plantar à minha frente e, em um tom formal totalmente estranho, perguntar:

— Quer dizer que vamos ser só eu e você esta noite?

Era uma boa coisa estar sentada, pois todo o meu sangue correu para a sola dos pés.

Nicolas e eu ficaríamos totalmente sozinhos na cabana de lua de mel. Ninguém viria. Tália e seus assistentes haviam partido atrás de ingredientes para o novo cardápio fazia meia hora. Com a mudança no cronograma, eu me esquecera de falar com Camila sobre usar um dos quartos da casa.

De repente, esqueci como se respirava.

— Décor Noir, boa noite. — A voz aguda chiou em meu ouvido. — Alô?! Tem alguém aí? Alô?

Se mais um grão de areia colasse em mim, eu poderia ser confundida com um pedaço de carne à milanesa e terminar dentro de uma panela de óleo fumegante. As partículas ásperas se grudavam em meu cabelo, minha boca, sob minhas unhas (*Argh!*) e em cada centímetro da minha pele. Eu não me surpreenderia se meu ouvido tivesse se transformado em uma ampulheta.

Por que precisava ventar tanto justamente no momento em que tínhamos que escavar dezenas de buracos na areia?

O sol havia se posto, e trabalhávamos sob a iluminação de duas grandes

lanternas de LED que eu encontrei na garagem dos Bueno, junto com o furador de areia. A luz devia ser o suficiente para Nicolas notar meu humor sem que eu tivesse dito palavra alguma, pois a brisa salgada carregou sua risada para os meus ouvidos, quase entupidos de terra.

— Sabe... — Segurando a tocha de bambu pela base, ele a afundou no buraco aberto com um movimento firme. Enxugou a testa suada na manga da camiseta. — Algumas pessoas curtem a sensação de estarem cobertas de areia. De se conectar com o mundo, fazer parte dele.

— Sei bem do que você está falando. Eu me sinto assim toda vez que entro em uma loja de decoração.

Rindo outra vez, ele ajustou a altura da tocha, inclinando-a ligeiramente para fora da área de circulação, como eu havia mostrado a ele mais cedo, antes de empurrar a areia ao redor do cabo com o pé e fixá-la na posição. Não dava mostras de estar nem um pouco incomodado com os grãos minúsculos impregnados na pele, nos pelos dos tornozelos nem na barra dobrada do jeans. Na verdade, ele parecia ainda mais lindo do que dentro dos ternos caros. Eu me senti um pouco traída por ele aparentar ter saído de uma das páginas do catálogo da Calvin Klein enquanto eu mais parecia um presente embrulhado em casa.

Eu tentava muito manter as coisas em uma atmosfera profissional saudável, mas, poxa vida, havia um pequeno triângulo de suor e testosterona escurecendo a gola da camiseta, a parte de baixo grudada na barriga, revelando o abdome levemente definido que eu vira em toda sua glória mais de uma vez. Era perturbador, sobretudo porque o vibrar suave em meu estômago se intensificava.

Procurando rearranjar as ideias, me endireitei sobre os joelhos e avaliei o círculo que havíamos criado, o caminho margeado por gordas lanternas de vidro, do gramado até a areia, terminando na larga tenda branca que montamos pouco antes de o sol desaparecer.

Após o pequeno ataque de pânico relacionado a ficar sozinha com Nicolas no chalé nojento de tão romântico, consegui recobrar uns trinta por cento da minha capacidade intelectual e entrar no modo “crise”. Ao desligar o telefone, eu havia conseguido uma equipe de garçons, prataria, porcelana e cristais para o luau do dia seguinte. Mas ainda faltava a iluminação, e, sem André por perto, as chances de sucesso eram de -17. Então, Nicolas sugeriu que fôssemos até o vilarejo a cerca de cinco quilômetros dali, e me ajudou a encontrar tudo o que faltava em lojinhas e barracas locais. Eu me surpreendi com a familiaridade com que ele dirigira pelas ruelas, parecendo conhecer o lugar de uma ponta a outra.

— Essa foi a última. — Nicolas apoiou o furador de areia no ombro. — E agora?

— Isso é tudo por hoje — garanti a ele, batendo as mãos na tentativa de

limpá-las. Era apenas uma tentativa. Havia areia até em meus pensamentos. — Só vou conseguir concluir o restante da decoração amanhã, depois que a mobília chegar. Espero que não atrasem a entrega, senão eu vou me enrolar.

— Depois de ver o que você conseguiu em menos de três horas, acho que sua preocupação é totalmente descabida. — Seus pés produziram uma pequena neblina areenta conforme ele cruzava o círculo. Parou bem na minha frente e me ofereceu ajuda.

Eu aceitei, estapeando as pernas da calça.

— Eu não teria conseguido terminar tão depressa sem a sua ajuda — falei a ele. — Você foi... bom, foi bem útil, na verdade. Obrigada, Nicolas.

— Não me agradeça. Essa sua mente criativa e hiperativa é que fez tudo isso. Eu só meti alguns paus em buracos... Humm... — Esfregou o pescoço suado, deixando uma faixa de terra perto do queixo. — Essa é uma daquelas coisas que eu pensei que nunca diria em voz alta.

Eu ainda ria ao ajudá-lo a recolher a tralha que havia restado, e apanhamos nossas lanternas para encontrar o caminho de volta. Guardamos o equipamento numa espécie de garagem dos Bueno, onde caixas, pranchas e brinquedos aquáticos brigavam por espaço.

Aproveitei que Nicolas se distraiu com um jet ski (garotos e velocidade...) para escrever uma mensagem rápida para Fabiola querendo notícias sobre o evento da noite. Só que o sinal ali era muito ruim, e tive que esperar retornarmos à trilha do chalé para conseguir enviá-la. Soltei um suspiro aliviado ao bater os pés descalços no deque de madeira, uma chuva de areia caindo de minhas roupas, minha pele. Eu teria sorte se conseguisse me livrar de todos aqueles grãos antes de completar trinta anos.

Nicolas percebeu meu desconforto e riu.

— Não é assim tão ruim...

— Tem areia dentro do meu cérebro neste momento — apontei. — Tenho certeza de que, se você me virar de cabeça pra baixo agora, eu cuspo um tijolo... Ei, o que você está fazendo?! — Arfei ao ver Nicolas pendurar a lanterna no corrimão para envolver os dedos na parte de trás do colarinho e passar a camiseta pela cabeça.

— Resolvendo seu problema com a areia. — Jogou o tecido em qualquer lugar para trabalhar no botão da calça.

No segundo seguinte ele estava só de cueca. Uma Calvin Klein preta com o cós branco, pelo amor de Deus. O que ele pretendia, me enlouquecer?

— Nicolas! — Desviei os olhos para um ponto qualquer, sem realmente ver nada. — De que jeito tirar a roupa vai ajudar a fazer essa porcaria desaparecer? Ficar pelado é contra as nossas regras, lembra?

— Suas regras — objetou, lacônico. — Eu nunca concordei. E, mesmo que tivesse concordado, qual o problema em quebrar as regras de vez em quando? — A madeira estalou conforme ele apanhou a lanterna para chegar mais perto.

Recuei um passo.

— O problema é que você tá totalmente *pelado*!

— E você totalmente vestida. Sabia que o jeito mais eficiente de limpar areia é usando água? — Suspendendo sua fonte de luz, seu rosto pairou a centímetros do meu, as íris cintilando prateado feito as estrelas que despontavam no céu. — Alguma coisa valiosa nos bolsos?

— Nem pense nisso! — Cutuquei seu peito duro feito concreto. — Eu não vou entrar na água a esta hora. — Dei um passo para trás, já que Nicolas não pareceu me levar a sério, ficando encurralada entre ele e o corrimão do deque. — Nicolas, é sério! Eu não vou... *Arf!*

Um instante antes, eu estava presa entre seu corpo e a madeira, procurando uma rota de fuga. No seguinte, sem que eu entendesse direito como aconteceu, o mundo girou de um jeito estranho e eu estava sobre seu ombro, minha lanterna tombada no piso amadeirado, o facho luminoso apontando para o céu negro.

— Nicolas! Me bota no chão!

— Não posso. Se atender o seu pedido, você vai querer entrar no chalé e tomar um banho... Pare de se remexer. Vai acabar caindo. — Pendurando a lanterna na dobra do cotovelo, ele me segurou pela coxa para me ajeitar melhor em seu ombro antes de começar a andar. — Não quero que você se machuque.

— Eu não me machucaria se você me colocasse no chão.

Ele ignorou meu comentário e continuou avançando, retomando o raciocínio.

— Você vai querer tomar uma ducha, só que para isso vai espalhar areia pelo quarto todo, e depois vai reclamar dela o restante da noite e acabar fazendo uma lista de limpeza para a cabana.

— O nome é *planejamento de rotina doméstica* — corriji, percebendo a contragosto que sua lógica fazia algum sentido. Parecia algo que eu faria. — Prometo não reclamar. Nem fazer um planejamento.

— Desculpa, mas não acredito em você.

O assoalho estremeceu com a adição do nosso peso ao entrarmos na varanda. Ele se abaixou de leve, com medo de que eu batesse em algo, supus.

Ao perceber que dávamos a volta e nos aproximávamos da escadinha que desaparecia nas águas, tentei trazê-lo à razão.

— Nicolas, eu não posso entrar na água. Não vou tirar a roupa na sua frente.

— Não entendo por quê. Eu já te vi nua. E não tem nada em você de que deva se envergonhar — implicou.

O sangue desceu todo para o meu cérebro.

— Eu pensei que você estivesse fora. — Soquei suas costas. — Você não devia mencionar o incidente. Na verdade, devia era ter esquecido que aconteceu.

Ele resmungou alguma coisa, mas eu estava de ponta-cabeça, com a pulsação martelando nos ouvidos, e não pude ouvir direito. Soou algo parecido com “quem dera eu pudesse...”, mas posso estar enganada.

Ao avistar a escada, parei de me debater e me rendi, vencida.

— Tá legal. Me coloca no chão pra que eu possa tirar a roupa. Meu celular tá no bolso.

Ele titubeou, avaliando se eu o enganava. Preferiu me dar o benefício da dúvida e delicadamente me colocou sobre meus próprios pés.

Um pouco zozna pela proximidade, bufando para enfatizar minha irritação, comecei a desabotoar a blusa. Nicolas se apressou em ficar de costas e se ocupou em pendurar a lanterna em uma das colunas, criando uma poça dourada na água lá embaixo. Sem dirigir o olhar para mim, ele desceu as escadas. Escutei o momento em que ele mergulhou. Cheguei a cogitar uma fuga, mas desisti porque a) eu não queria areia dentro do quarto e b) Nicolas acreditara em mim. Mas levei todo tempo do mundo para me despir, depois dobrar as roupas e acomodá-las perto da porta do quarto, bem longe das escadas. Por fim, soltei o rabo de cavalo, sacudindo o cabelo para que me desse alguma cobertura, e avaliei minha lingerie. Ah, bom, podia ser pior. Meu sutiã mais confortável — um cor de maçã verde — era bem bonitinho, e, apesar de a calcinha de cós alto em um laranja berrante não combinar, pelo menos era comportada o suficiente para um mergulho noturno.

Respirei fundo antes de segui-lo escada abaixo, o que produziu um suave gemido sob meus pés. Parado no centro da poça de luz, ele se virou. Seu olhar quente subiu devagar pelo meu corpo até alcançar meu rosto. Tive que lutar para me manter parada, pois algo denso e violento queimava em meu íntimo.

— Então é aí que você esconde as cores — comentou, desinteressado, mas a rouquidão em sua voz me contou outra história. Uma que eu preferia não pensar naquele momento.

— Não enche.

Transpus mais alguns degraus, mas parei assim que a água morna lambeu meus joelhos.

— Que foi? — Ele franziu a testa.

— Eu vi uns peixinhos nadando por aqui mais cedo. E se tiver tubarão também?

Ele chegou um pouco mais perto, o lençol de água se agitando ao redor de sua cintura, e abriu os braços.

— Nunca ouvi falar de tubarões por estas bandas.

— Mas e se ti... — Algo tocou meu tornozelo.

Gritei, pulando para longe do que quer que fosse. Só que a escada era estreita, de modo que um dos meus pés passou direto. Caí na água. Por um momento, não havia em cima, embaixo, direita ou esquerda, e eu só me debati, sem sair do lugar.

Uma mão grande envolveu minha cintura instantes antes de o peito rijo se colar às minhas costas, me empurrando em uma direção. Emergi, cuspidando água.

— Você está bem? — Nicolas me virou em seus braços, afastando meu cabelo para longe do rosto, muito preocupado.

Em desespero, subi em Nicolas, prendendo as pernas em sua cintura e enterrando a cara em seu pescoço.

— A-alguma c-coisa tentou c-comer minha p-perna.

— Humm... — Ele espalmou o vão em minha coluna. — Aquele monstro terrível ali?

Espiei por entre seu queixo e a garganta os horríveis tentáculos marrons e verdes flutuando perto da escada. Era uma espécie de polvo deformado maligno ou... Apertei as vistas... Um emaranhado de algas?

Absurdamente sem graça, me soltei de Nicolas, os pés tocando a areia fofa, o que tornava meu quase afogamento ainda mais patético. A água mal me chegava à cintura.

Nicolas notou meu constrangimento e me deu um sorriso torto.

— Procure ver pelo lado positivo. — Afastou o cabelo ensopado com um gesto brusco. A tatuagem adquiriu um brilho alaranjado sob a parca luz da lanterna. — Pelo menos não tem mais areia até o chalé. Você vai estar cercada só de água.

E de Nicolas.

Seminu.

E aquela cama ridiculamente grande a poucos metros...

Deus do céu, de que maneira iríamos resolver a questão da cama? Eu não podia me enfiar na casa dos Bueno. Eram clientes, logo seria contra as regras usufruir de qualquer coisa que lhes pertencesse sem autorização. Eu só podia ocupar o espaço que Camila designara.

— Você acha que a Camila escolheu o chalé porque eu contei que você detesta areia? — perguntou.

— É... Pode ser.— *Ou porque eu a fiz acreditar que você era meu noivo, e nós tínhamos brigado, e ela está decidida a nos juntar de novo.*

Camila fez o que Fabiola teria feito, se tivesse a chance. Ela agira como... como alguém que se importava comigo.

Soltei um suspiro e afundei na água até o pescoço.

— Tudo bem. Passou da hora de nós tirarmos esse elefante branco do meio da sala. — Nicolas imitou minha postura para poder me encarar, totalmente sério. — Eu sei que você está preocupada com a questão da cama. E não precisa, Mel. Eu vou procurar um hotel pra passar a noite.

Depois de tudo o que ele fizera por mim naquele dia? De jeito nenhum. Além disso, eu não sabia se o queria longe.

— Não é isso. — Brinquei com uma mecha dourada que flutuava sobre a água próxima ao meu queixo. — É que a Camila parece... gostar de mim de verdade.

— E isso te incomoda — concluiu meio minuto depois.

Olhei para o céu. Sem as luzes da cidade grande para ofuscá-lo, o firmamento se transformara em um cobertor salpicado de brilhantes.

— Ela não devia gostar, Nicolas — admiti num fiapo de voz, voltando a atenção para ele. — Ando me esforçando para não gostar dela. Porque, se a Camila soubesse a verdade, não tenho dúvidas de que ela me odiaria. Permitir que ela goste de mim é meio que mentir para ela duas vezes.

Acho que ele entendeu, pois uma gravidade pouco característica endureceu sua mandíbula.

— Você sabe que é tão vítima nessa história quanto ela, não sabe? — inquiriu, direto.

— É mais fácil acreditar nisso estando do lado de fora. Me sinto culpada toda vez que falo com ela.

Envergonhada, dei algumas braçadas e fui me sentar em um dos degraus de madeira, a água dançando suavemente ao redor dos meus quadris. Como eu sabia que faria, Nicolas me seguiu, se abraçando à coluna que sustentava o chalé para que a movimentação da água não o empurrasse para trás.

— Eu sou uma pessoa má — murmurei, abatida.

— De jeito nenhum — contestou de pronto. — Difícil, teimosa, meio doida, sim, sim e sim. Má? Isso nunca.

Eu pretendia bufar para ressaltar minha irritação, mas acabei estragando tudo ao engasgar com o riso.

— Você morreria de fome se tivesse escolhido trilhar os caminhos da psicologia, como a sua mãe, sabia?

Com uma calma que destoava muito do que eu sentia, ele se soltou da viga e, sem pressa, veio ocupar o espaço ao meu lado. O degrau era estreito e a lateral de seu corpo se grudou em mim dos ombros aos quadris. Foi como mergulhar em um vulcão.

— Escute, Mel. Você é linda — proferiu com veemência. — Por fora e na essência. Eu te vejo como um programa complexo. Eu sei que vai me dar muita dor de cabeça, mas não consigo parar de admirar sua beleza ou tentar ler seus

mistérios nas quinhentas mil linhas em código-fonte. Você não pode permitir que ninguém te faça acreditar no contrário. Nem você mesma — adicionou com um discreto sorriso.

Eu pisquei, apesar de não ter certeza se havia entendido aquela última parte. Mas o restante do que ele dissera sugeria que... que eu o fascinava de alguma maneira?

O vento soprou minha pele molhada, me arrepiando. Ou talvez fosse a proximidade com Nicolas ou suas palavras, eu já não sabia.

— Mas, se isso te incomoda tanto — prosseguiu —, por que não conta a verdade pra Camila e para de se torturar desse jeito?

— Ela não acreditaria que eu não sabia sobre ela. Além disso, a Camila está grávida. — Passei um braço ao redor da cintura. — E se o Fred aprendeu alguma coisa com essa história e criou algum juízo? E se ele estiver disposto a levar o casamento a sério, ser um bom marido, um bom pai... Não posso ser a responsável por destruir as chances de eles terem uma família só para apaziguar minha consciência.

Virando-se de um jeito que suas pernas se embolaram nas minhas, ele encaixou as palmas quentes em meu maxilar e projetou toda a força daquelas íris, agora da mesma cor das águas noturnas.

— Você não é responsável por nada. — Sua intensidade me deixou sem ar. — O Fred é. Ele sabia dos riscos quando se envolveu com vocês duas, e deixou ambas no escuro. Ele é o culpado. Não você. Você é linda, inteligente e perigosamente corajosa. — Afastou alguns fios ensopados que se colavam em minha bochecha, e lá estava aquele olhar de novo, devassando cada recanto da minha alma, até mesmo aqueles que eu raramente me permitia tocar. — Mas esconde do mundo uma fragilidade que detesta admitir até para si mesma. E não tem problema não ser forte o tempo todo. Ninguém consegue. É exaustivo demais. Dolorido. E impossível pra qualquer um.

— Não pra você.

Seu riso ecoou pela noite, mas não havia calor, apenas uma tristeza profunda.

— É impossível principalmente pra mim, Mel. Vivo sorrindo para camuflar minhas feridas. Nem sempre consigo. E tá tudo bem. Eu posso tentar de novo amanhã. Até um dia não precisar me lembrar de tentar. — Ainda que eu não conseguisse dar um nome à emoção que retesou seus traços, eu a reconheci intimamente.

Senti o ar se movendo, as partículas se agitando entre nós dois naquela conexão que se formava sempre que estávamos juntos. Mas dessa vez ela parecia atada a um ponto específico, ligando meu peito ao de Nicolas. Meu corpo imediatamente se aqueceu, se arrepiou, ficou todo molenga, e eu me tornei muito

consciente do homem diante de mim. Um suspiro entrecortado me escapou. O movimento atraiu seu olhar para minha boca de imediato. Meio hipnotizada, assisti às pupilas se expandirem até quase engolirem todo o azul. Seus dedos se prenderam em minha nuca conforme se curvou, ficando tão perto que eu podia sentir seu gosto na ponta da língua. Elevei o rosto, à espera.

Por algum motivo, meu movimento pareceu atirá-lo em um tipo de tormento invisível e Nicolas fechou os olhos, inspirando fundo antes de me soltar e se apressar escada abaixo, impondo quase dois metros entre nós dois. A conexão não se desfez, porém, e continuou a pulsar com violência, me impelindo para ele.

Eu me levantei, o peito subindo e descendo rápido demais.

— Eu... estou ficando com frio. Acho que vou entrar. — Sem esperar por uma resposta, corri escada acima, desesperada para quebrar a estranha ligação que acabara de se formar entre nós.

Não tive sorte. Eu desconfiava de que não conseguiria parti-la mesmo se estivéssemos em planetas diferentes.

Parei na pequena varanda para recolher minhas roupas. O celular escorregou de dentro do montículo de tecido, se iluminando. Chequei a notificação; Fabiola enviara uma mensagem de voz. Subitamente alerta, preocupada com o evento daquela noite, apenas apertei o play, mantendo o telefone afastado do rosto com medo de estragar o aparelho com toda a água que ainda escorria do meu cabelo.

— *Meeeeel* — a voz dela ecoou pela noite. — *Não esquenta com nada. Nós temos tudo sob controle, só se concentra no que tem que fazer aí. Espero que você tenha tido o bom senso de já ter levado o sr. Olhos Azuis pra cama. Me conta tudo! Ele é mesmo tudo aquilo que...*

A tábua rangeu atrás de mim. Eu me atrapalhei ao pausar a gravação, quase derrubando o aparelho lá embaixo. Ao me virar, minhas bochechas queimavam, especialmente porque a expressão de Nicolas me disse que ele ouvira grande parte do que minha amiga havia dito.

— Aaaaaah... — Escondi o telefone atrás das costas. Talvez, se ele não o visse, esquecesse a mensagem. — Já te contei que a Fabiola tem problemas mentais?

— É mesmo? — Arqueou uma sobrancelha.

Ah, que ótimo. Enquanto eu ficava roxa até a raiz dos cabelos, ele se divertia.

— Sim. Ando pensando em interná-la. Acho que vou fazer isso assim que voltar. — Se eu não a esganasse antes. O que a Fabiola estava pensando?

O que o *Nicolas* estaria pensando?

Será que aquele arquear de sobrancelha indicava que ele refletia se eu havia ou não criado uma armadilha para atraí-lo para a cama? Ou apenas achava

engraçado me ver constrangida e tentava ocultar as próprias emoções?

Naquele momento, tudo o que consegui pensar foi empregar a maior distância possível entre mim e Nicolas.

— Eu vou... tomar um banho. — Sem hesitação, entrei no bangalô pela porta do quarto.

Não faço ideia de que maneira Nicolas reagiu; não tive coragem de checar.

Encontrei minha mala sobre a cama. Eu a abri, apressada, apanhando uma roupa limpa, afastando a nécessaire de maquiagem. Como não estava bem fechada, algo escorregou de dentro dela, caindo sobre o lençol branco. Encarei a embalagem gorducha de preservativos em completo horror.

— Fabiola! — Minhas faces arderam de indignação.

— Ei, Mel, o que você acha de a gente sair pra comer alguma coisa? — Nicolas passou pela porta sem aviso.

Depressa, envolvi os dedos na embalagem e a atirei em qualquer lugar. Para minha tristeza, o destino (ou minha falta de pontaria) a carregou caprichosamente em direção à porta, pousando com um *fiuuu* abafado sobre os pés molhados de Nicolas.

Os vincos em sua testa se aprofundaram ao se abaixar para pegá-la.

— A menos que você tenha outra coisa em mente. — Um sorriso sarcástico repuxou um dos cantos da boca.

— I-isso não é meu. — Não foi uma atitude muito adulta, mas, em minha defesa, era muito difícil pensar com alguma coerência quando o cara com quem se vai dividir o quarto era Nicolas Cassani e ele imaginava coisas que envolviam preservativos, e já estávamos seminus.

Desanimada, me sentei na cama. Aí me lembrei que ainda pingava e tornei a ficar de pé.

— Desculpa, Nicolas — falei. — Eu juro que não estou planejando te seduzir nem nada assim. É coisa da Fabiola. Ela está tentando me arrumar um namorado e acha que você seria o candidato perfeito. Tô com medo de examinar o restante da nécessaire e acabar encontrando, sei lá... um gogo boy.

Calmo e sem qualquer traço de embaraço, ele se aproximou, encharcando o bangalô com a poderosa carga de testosterona. Parou a meio metro, cruzando os braços daquele seu jeito que fazia as mãos desaparecerem, parecendo não acreditar no que ouvira.

— Por que ela acha que você precisa de ajuda nesse departamento?

— Porque eu normalmente preciso — cedi, a contragosto. — Não sou exatamente brilhante se o assunto é relacionamento. Só que eu não quero um namorado. Também não tenho casos. É a última coisa de que preciso agora. Não vai rolar nada entre a gente. — Garanti a ele e ao zumbido em meu ouvido.

— Porque nenhum de nós está interessado, não é? — Ele me observava fixamente, nem sequer piscava.

Apenas fiz que sim, mordendo o lábio inferior. Eu devia comemorar ao ouvi-lo dizer que não estava nem aí para mim, porque almejava reatar com Amanda. Em vez disso, meu peito ficou pesado, a ponto de o ar não penetrar nos pulmões. Era ridículo me aborrecer com um fato do qual eu já estava ciente. Então, por que meu coração pareceu se encolher até ficar do tamanho de um caroço de romã?

— Que tal a gente ir para o vilarejo comer alguma coisa? Tem um lugar que eu queria te mostrar. — E me devolveu os preservativos.

Apanhei a embalagem, o rosto quente.

— Tudo bem. — Qualquer coisa que nos tirasse daquele chalé.

A lua alta no céu parecia maior que o comum, tingindo o vilarejo em tons azuis prateados. Fora da temporada, as ruas estavam quase desertas, sobretudo àquela hora da noite. Umas poucas barracas se arriscavam no que deveria ser uma feirinha local. Observei, meio fascinada, Nicolas pagar pelos cannolis na barraca e sorrir para a garota daquele seu jeito espontâneo e extremamente charmoso, deixando a pobrezinha em estado semicatatônico.

— Aqui. — Ele me entregou o doce.

— Obrigada. A Sônia vai me matar se descobrir que eu estou passeando em

vez de estar perdendo a cabeça por algum problema. Tecnicamente, tô de serviço durante todo o fim de semana.

— Ela não vai descobrir. Você poderia parar de se preocupar tanto e se divertir? A ideia de te tirar do chalé foi justamente para fazer você esquecer do trabalho por algumas horas. — Ele abocanhou o cannoli.

Isso era o mais impressionante: de banho tomado, dentro de um jeans e uma camisa preta, Nicolas se dera o trabalho de me levar até um tranquilo restaurante à beira-mar — cercado de deques e sem areia à vista —, e fizera todo tipo de piada durante o jantar antes de me arrastar para a feirinha, só para que eu me sentisse melhor. Eu ainda não tinha certeza de como me sentia com relação àquilo.

Um pouco de creme escorregou de dentro do doce, se abraçando ao seu polegar. Ele o sugou devagar e eu precisei usar toda a minha força de vontade para me concentrar em inspirar e respirar, e manter longe da mente qualquer coisa relacionada a sua língua. Para ter uma desculpa e desviar o olhar, experimentei o cannoli. Gemi assim que a casquinha crocante se rompeu e minha língua foi inundada pelo creme doce, e Nicolas riu.

Nós caminhávamos sem pressa pelas ruas de paralelepípedos irregulares, vez ou outra chegando mais perto da calçada para dar passagem a um carro. Nicolas se esforçava para manter a animação, mas o saudosismo o dominou ao admirar a fachada de uma casinha. Ele estava ali, mas não estava.

— Você vinha com frequência pra esta região, não é? — puxei assunto.

Nicolas abocanhou o restante do doce, e cheguei a pensar que ele não me daria uma resposta. Mas eu estava enganada.

— Eu meio que cresci aqui. Meus pais se conheceram naquela praia. — Indicou com o queixo o vão entre duas casinhas, e a fatia de mar negro se espreitando entre elas. — O primeiro beijou rolou naquela pracinha. Foi no fim do verão de 1990. Nove meses depois, eu nasci. A gente vinha para cá todos os anos. Meu pai adorava esses cannolis. E adorava reclamar do preço. Mesmo assim comprava uma dúzia. — Um sorriso nostálgico iluminou seu perfil. — Eu não visitava este lugar desde que ele faleceu. Não conseguia vir sozinho.

Subitamente entendi que Nicolas não tinha escolhido um destino ao acaso. Ele me levava a uma de suas lembranças. Uma das mais doces, percebi.

Minha garganta se apertou.

— Como era o seu relacionamento com ele? — eu quis saber.

Envolvendo os dedos em meu cotovelo, ele me puxou para longe de um montinho de terra no meio da rua, fazendo cada célula do meu corpo vibrar. Então me soltou e enterrou as mãos nos bolsos, conservando a vista na rua semideserta.

— Não era tão fácil quanto com a minha mãe — explicou. — Ela acha lindo qualquer coisa que eu faça, mesmo que seja sujar o armário de molho enquanto preparo o espaguete. Mas meu pai era mais exigente. Bem mais. Lembro de contar a ele que tinha passado no vestibular, e ouvi-lo perguntar em que posição, quantos candidatos eu havia derrotado. — Riu, e naquele som eu reconheci o vazio da ausência. — Ficou furioso quando descobriu que eu era o terceiro da lista. Para ele, só existia uma colocação possível: o topo.

— Isso te incomodava?

— Às vezes sim. — Chutou uma pedra solta na via, escondendo o olhar de mim. A dor nele. — Eu sentia que nunca seria bom o bastante. Demorei pra entender que ele só me instigava a ir mais além. Meu pai sabia que me provocar era o jeito mais eficiente de me fazer querer contradizê-lo. E foi o que eu fiz a vida toda. Parece errado que ele não esteja aqui para assistir às minhas conquistas, minhas derrotas e tudo o que acontece entre uma coisa e outra. Foi por isso que acabei bêbado no ensaio do casamento do Max. — Meneou a cabeça, o olhar ainda no chão. — Eu tive dificuldade para aceitar a ideia de toda a família reunida exceto por um de nós.

Seu cotovelo esbarrou no meu. Pensei que tivesse sido acidentalmente até perceber que ele não pretendia se afastar. E nem eu.

— Como ele... — Mordi o lábio inferior para reprimir a curiosidade. Estava claro que era um assunto dolorido. Eu não queria cutucar suas feridas.

Mas Nicolas, com a incrível capacidade de ler minhas emoções, compreendeu o que eu queria saber e elevou o queixo, mirando as estrelas sem parecer realmente enxergá-las.

— Um infarto o derrotou, o que é realmente idiota. — A amargura endureceu seu maxilar. — Meu pai estava com os exames em dia. Não havia sinal de que o coração pudesse arrebentar a qualquer minuto. Minha mãe perdeu o chão. Por isso eu me diverti tanto com a sua sugestão de que eu pudesse ter crescido em um lar problemático. — Ele me espiou, um pouco mais relaxado. — Meus pais eram um desses casais apaixonados que fazem o estômago da gente revirar com tanta melação.

A conversa ganhava um tom íntimo demais. Eu não queria deixá-lo desconfortável, mas, ao que parecia, ele tinha tanta necessidade de me contar quanto eu de ouvir.

— Eu sinto muito, Nicolas — murmurei, um pouco balançada. — Eu não fazia ideia. Desculpa.

Ele sorriu, carinhoso.

— Não se desculpe. Foi bom ser lembrado da sorte que eu tive por crescer na minha família. Por tê-los norteando minha vida. — Esfregou a nuca e riu, meio

sem jeito. — Desculpa, Mel. Estou estragando o clima, né?

— De forma nenhuma. É bom finalmente te conhecer melhor. — Talvez porque ele tivesse tocado no assunto, e eu tentasse desvendar o mistério havia algum tempo, juntei uma coisa com a outra e finalmente entendi. — É isso que sua tattoo significa. O caminho de casa. Seus pais.

Bastante surpreso com minha dedução — ou que eu tivesse reparado assim nele —, Nicolas confirmou com a cabeça lentamente. Algo mais fervilhando em seu íntimo, e eu teria investigado mais a fundo se ele não tivesse tornado a olhar por onde ia.

— Sua mãe se recuperou? — eu quis saber.

— Ela reabriu o consultório de psicologia, retomou as palestras, entrou para uma ONG de proteção aos animais. Acho que se ocupar foi o jeito que ela encontrou de enfrentar a ausência.

Chegamos à pracinha pouco iluminada. Havia um ar quase lúdico no lugar e seus canteiros de hortênsias emoldurando uma fonte antiga, onde a silhueta de uma mulher envolta em tecidos se banhava eternamente. Mais à frente, um senhor de boina e suspensório sentado em um dos bancos dedilhava um acordeão. O lugar era pacífico, repleto de luz e, de alguma maneira, alegria. Enchi os pulmões com o delicado aroma de flores, mar e Nicolas.

Falar sobre os pais dele me fez pensar em meus próprios pais, na sintonia que tinham, e nos dias terríveis que se seguiram ao acidente, quando eu escutava meu pai soluçar escondido no banheiro enquanto mamãe lutava por sua vida no CTI e tudo era incerto.

— Deve ter sido difícil para você — concluí, contornando a fonte. — Sofrer com a perda do pai e tentar esconder para não deixar sua mãe pior.

Meu comentário o fez parar de andar para me observar com mais atenção, como se tentasse desvendar um grande enigma. O universo aprisionado naquelas íris azuis chapiscadas de estrelas douradas pareceu espiralar conforme ele chegava a uma conclusão.

— Foi assim com você e os seus pais. O acidente. — Não foi uma pergunta.

A conexão que eu sentira se formar mais cedo se fortaleceu. Era assustador e, de uma maneira que eu não conseguia explicar nem para mim mesma, também um alento. Então assenti, subjugada por um sentimento tão inquietante que comecei a tremer.

— Minha mãe ficou um mês no CTI. — Eu me abracei e fui me sentar na beirada da fonte. — Meu pai não saiu de perto dela. Eu morria um pouquinho a cada dia que ele insistia que eu fosse para casa dormir ou comer alguma coisa, e ter que sorrir, fingir que eu não estava com medo. E ele fazia o mesmo, o que tornou tudo duas vezes pior.

Calmamente, ele me contornou para se sentar do meu lado, apoiando os cotovelos nos joelhos, o rosto voltado para mim.

— Você morava com eles nessa época?

— Não. Eu já morava com a Fabiola fazia um ano. O plano era pedir as contas na Allure e ficar em casa cuidando da minha mãe. Meu salário era bem menor que o do meu pai. Parecia a coisa mais sensata a fazer. — Eu me encolhi dentro do vestido de mangas curtas. — Só que foi bem no meio da crise econômica, a fábrica que meu pai gerenciava começou a fazer cortes e ele foi demitido uma semana depois que minha mãe teve alta.

— Meu Deus, Mel... — Passando uma das mãos pelo rosto, ele soltou uma longa lufada de ar.

— Pois é. — Dobrei uma das pernas sob o quadril, ficando de frente para ele, e contemplei a mulher de pedra em seu banho infundável. — Aí eu fiquei responsável por todas as contas da casa, com um salário que mal dava para o mercado. Pelo menos consegui incluir meus pais no plano de saúde da Allure. Por isso aceitei fazer o casamento do Fred. Eu aceitaria qualquer coisa para manter meu emprego. Sou toda a esperança que eles têm.

Seu braço se moveu, entrando em meu campo de visão. Ele ia me tocar. Tinha toda a intenção. Mas por algum motivo mudou de ideia e deslizou os dedos pela massa de fios negros, enquanto eu tentava compreender por que me sentia tão desapontada.

— Você imaginou que seria assim? — ele quis saber, rindo sem nenhum traço de humor. — Quando era adolescente e pensava na vida adulta, imaginou que era tão complicado?

— De jeito nenhum. Eu pensava que ficaria milionária e que a comida simplesmente brotaria na mesa, pronta e quentinha, sempre que eu tivesse fome. E que ressaca era coisa que meu pai tinha inventado só pra me assustar e assim me manter longe do álcool.

Meu comentário aliviou a tensão, e sua risada, rica e contagiante, espantou o clima sombrio para longe. A brisa de primavera carregou os acordes doces e quase melancólicos do acordeão e nos envolveu em uma atmosfera mais colorida, vibrante. Parei para ouvi-lo, deixando a canção penetrar dentro de mim, acalmar a agitação em meu coração.

Para minha surpresa, Nicolas ficou de pé em um movimento rápido e me estendeu a mão. Apenas olhei para seus dedos, confusa.

— Posso ter a honra? — Ele me deu um sorriso meio de lado.

— Esse é exatamente o tipo de pesadelo que quase me fez sair correndo do Viela, sabia? — Eu me esquivei.

— É diferente. Só tem nós dois aqui.

Como argumento, relanceei o senhor a poucos metros de distância, trabalhando nas teclas do acordeão com novo ânimo, antes de me voltar para Nicolas, que ainda me ofertava a mão.

— Não é verdade. Não gosto de fazer papel de boba diante de estranhos.

— Mas as melhores coisas da vida são as mais bobas, Mel. — Seus olhos não se afastavam dos meus. — Desamarrar a gravata, encontrar grana no bolso de uma calça que não usa faz tempo. Observar a chuva pingar do telhado ou escorrer pela janela. Sair com os amigos para falar sobre absolutamente nada relevante. Dançar no meio da praça. Você não precisa ser durona o tempo inteiro — cochichou.

Lenta e delicadamente, ele se curvou em uma reverência e alcançou minha mão, me puxando para que eu ficasse de pé. Mantendo-me cativa em seu olhar, se abraçou à minha cintura, me atraindo para si até seu peito comprimir meus seios. Fiquei tonta. Seu perfume, sua proximidade, toda aquela quentura que vinha dele me deixaram com a boca seca. Em vez de rebater seus argumentos com outros — não que eu tivesse algum naquele momento —, apoiei a mão livre em seu peito e deixei que Nicolas me conduzisse. Por sobre seu ombro, vislumbrei o senhor do acordeão abrir um sorriso.

Nicolas roçou de leve o queixo em minha têmpora, e eu cerrei as pálpebras, fingindo que o restante do mundo não existia, me concentrando no *tum-tum-tum* potente de seu coração batendo junto ao meu. Não sei ao certo por que ele continuou me segurando tão apertado ou eu não me afastava. Ou melhor, sabia sim. Ficar perto dele daquela maneira calava a agitação dentro de mim. Nicolas conseguia me transportar para outro lugar, outro mundo, onde os problemas eram proibidos de entrar.

— Você nunca me contou se conseguiu resolver o impasse com o diretor — perguntei para me distrair, balançando naquele ritmo lento. — Ele ainda pensa que você é alcoólatra?

— Não, eu optei por ser franco. — Seu timbre grave e baixo vibrou em minha pele, arrepiando-me. — Conte sobre o mal-entendido. Por sorte, o Eduardo entendeu que eu não quis enganá-lo deliberadamente. Ainda tenho carta branca.

— Ah, qual é?! Por que com você tudo se resolve sem confusão? O que é que eu estou fazendo de errado? — Arqueei o pescoço para poder encará-lo. E me arrependi imediatamente, pois cáí naqueles dois lagos profundos, tão azuis que pareciam brilhar.

— Por onde eu devo começar? — Fez uma careta engraçada.

Meio bufando, meio achando graça, tornei a encostar a testa em seu queixo, apenas sentindo a melodia, nossa respiração entrar no compasso, a sensação de pele se tocando.

— Você não é tão ruim quanto eu imaginei — ele soltou um tempo depois.

— Nossa, obrigada! — comentei, azeda.

Nicolas riu de leve. Assim, tão colada a ele, seu riso aberto não era apenas gostoso de ouvir, mas de sentir.

— Eu me referia ao seu jeito de dançar — esclareceu, se divertindo. — Você é sempre tão tensa. Pensei que se refletisse em outros aspectos.

— Não sou tensa. A vida é que não facilita. Nem as pessoas.

Uma pausa.

— Ainda te deixo tensa? — Sua boca estava muito próxima do meu ouvido.

O “sim” escorregou para a ponta da língua, mas meu coração se apressou em me apresentar outra resposta. É claro que Nicolas provocava todo tipo de zumbido dentro de mim. Mas também... quietude, uma calma que eu não conseguia entender, e estava adorando saboreá-la. E foi essa a resposta que eu dei a ele.

— Não como antes — respondi, surpresa.

— Humm... — Sua mão subiu pelas minhas costas, espalmando o centro de minha coluna, onde meu coração batia com força. — Começo a ficar preocupado por não estar na lista de coisas que tiram o seu sossego.

— Não se preocupe com isso. Você continua no top três na lista de coisas que me atormentam.

A verdade era que Nicolas se tornara o maior dos meus tormentos. A cada segundo ele se mostrava mais gentil, interessado, atencioso e... bom, não dava para ignorar a embalagem. Ele era lindo de um jeito inquietante, uma espécie de ímã, me arrastando para si de maneira inexorável. Entregar-me parecia a única alternativa.

Seu queixo roçou de leve em minha têmpora, incitando que eu levantasse o rosto. Assim que o atendi, nossas bocas ficaram perto o bastante para que sua respiração sapecasse minha pele e meu juízo.

— Ótimo — proferiu, rouco. — Porque você encabeça a minha.

Um verniz sereno moldou seus traços, mas ele não foi capaz de esconder o que acontecia abaixo da superfície: um oceano furioso se agitava com ondas violentas.

Meu coração tropeçou antes de desatar a martelar em minhas orelhas. E isso foi antes de seus olhos se prenderem em meus lábios, as pupilas avançarem sobre o azul até conquistá-lo por quase completo. Fiquei zonz, quente, a algazarra dentro de mim se lançando em um crescente, e eu sabia que Nicolas seria o único capaz de silenciá-la.

— Pelo amor de Deus, filho, beija logo a moça! — alguém gritou, perfurando nossa bolha. — Ninguém nunca venceu a batalha com conversa.

Sobressaltada e confusa, avistei o senhor do acordeão gargalhando mais atrás, me dando conta de que a música havia terminado fazia algum tempo e que não estávamos sozinhos em um mundo particular. Eu me virei para Nicolas, o fogo violento ainda crepitando atrás das íris azuladas. Ele queria me beijar. E eu queria que ele me beijasse. *Ai, não.*

Sem graça, com a vista cravada no desenho de pedras portuguesas sob nossos pés, eu me afastei.

— A-acho melhor a gente voltar — falei, instável. — Vou acordar bem cedo amanhã.

Pela visão periférica, eu o vi anuir uma vez, ainda me observando. Então me apressei em tomar a direção de onde havíamos estacionado o Jeep, perturbada com o que estava sentindo e não deveria sentir. Nicolas e eu dividíamos o apartamento, não podíamos cair na armadilha de nos envolver. E ainda existia Amanda. Aquilo era um erro, e eu estava muito ciente disso. Mesmo assim, eu não conseguia parar de desejar que ele me beijasse.

Nicolas me deixava muito confusa. Se apenas com um olhar eu perdia o raciocínio, o que aconteceria se eu me rendesse ao grito insensato em meu peito e me colocasse em uma posição tão vulnerável? Como eu encontraria forças para lutar contra aquela atração se tudo dentro de mim implorava pelo toque dele?

Ele não disse nada no trajeto até o carro e continuou mudo ao manobrar pela estradinha de terra que levava à casa dos Bueno, a conexão pulsando entre nós com mais violência do que nunca. Eu me perguntei se seus pensamentos estavam tão confusos quanto os meus.

Passava das dez quando chegamos à mansão, e ele parou o Jeep ao lado da entrada do deque, mas não desligou o carro, me lembrando que ainda tínhamos um nó para tentar desatar.

Deus do céu, de que jeito dividiríamos a cama, com aquela energia viva latejando entre nós?

Eu namorava a ideia de dormir na banheira, mas um zumbido alto e um facho de luz intensa relampejou atrás do teto do bangalô, dissipando meus pensamentos. O helicóptero passou sobre o Jeep e se aproximou da mansão, as folhas dos altos coqueiros se agitando em todas as direções. Então desapareceu atrás do telhado.

Camila e Fred estavam ali. Pela primeira vez desde que eu soube do noivado, fiquei feliz com a presença deles; eu preferia enfrentar meu ex e sua noiva a entrar naquele chalé e encarar o que quer que estivesse acontecendo entre mim e Nicolas.

— Parece que meu trabalho ainda não acabou. — Engoli um suspiro de alívio.

— Certo. — Ele manteve as mãos no volante, admirando o chalé contornado

por um céu estrelado sem realmente parecer vê-lo. — Acho que vou voltar para o vilarejo e procurar um hotel.

— Nicolas, não é necessário...

— Nós dois sabemos que é extremamente necessário, Mel. — Ele se virou para que eu visse a intensidade do desejo que queimava dentro dele, enrouquecia sua voz. — Eu volto amanhã cedo.

Parte de mim concordou que era a coisa certa a fazer. Mas a outra metade, que a cada segundo ficava mais forte e barulhenta, essa não queria que ele se afastasse. Ou que fosse tão prudente.

— Bem... Até amanhã. — eu me ouvi dizer. Com sorte, a vibração entre nós já teria desaparecido no dia seguinte e tudo voltaria ao normal.

— Boa noite, Mel.

Desci do carro, tomando o caminho de cascalho acidentado que me levaria à mansão enquanto ignorava o melhor que podia os berros em meu peito, demandando que eu regressasse para perto dele. E por isso mesmo me obriguei a ir adiante. Eu tinha que descobrir uma maneira de romper aquele elo estranho que me arrastava para Nicolas. Tinha que deter aquele vínculo não apenas porque ambos esperávamos coisas diferentes de um relacionamento, nem por conta de sua infinita lista de amantes, ou a história com Amanda.

O problema estava em mim, mais precisamente no que acontecia naquele exato instante em meu coração.

O helicóptero já não estava mais no pátio quando entrei na casa pela porta da cozinha. Encontrei Camila parcialmente deitada num dos imensos sofás, uma pequena mala Louis Vuitton ao lado da mesinha lateral, e seu noivo se servindo de um pouco de uísque no bar no fundo da sala.

— Melissa! — A noiva se endireitou, abrindo um sorriso lindo. — Outra mudança de planos. O Fred insistiu que nós viéssemos hoje para ajudar com os preparativos.

Seu noivo fez um pequeno estardalhaço ao devolver a garrafa de uísque ao bar

antes de começar a circular por entre os longos sofás com um copo na mão, se mantendo de costas o tempo todo até parar diante da larga parede de vidro e admirar a piscina invisível em meio à escuridão.

Vozes vindas do segundo andar atraíram minha atenção para as escadas.

— Mamãe e papai também vieram — explicou Camila, ficando de pé.

— O jantar deve ser servido em uma hora — acrescentou Fred, sem se virar.

— Jantar? — repeti, estupidamente.

Girando devagar, ele me espiou por sobre o ombro, um brilho quase cruel cintilando nas íris castanhas.

— Sim, nós estamos morrendo de fome. Ou você não preparou nada para uma eventual chegada de surpresa?

De que jeito, se eu passei metade do tempo escavando areia?

Acho que Fred leu a resposta em meu semblante, pois levou o copo aos lábios esticados em um sorriso satisfeito ao mesmo tempo que sua noiva franziu a testa.

O filho da mãe tentava me fazer parecer despreparada, não é?

O que mais me irritou foi que ele meio que tinha razão. Por conta dos preparativos do dia seguinte (e da presença de Nicolas), me distraí da minha função e não me organizei do jeito que deveria. Mas, se tinha uma coisa que eu odiava mais do que não estar preparada para uma situação, era perder uma boa briga, o que, para ser franca, nunca acabava bem, como logo ficou claro.

— Claro que eu tenho tudo pronto. — Uma voz muito semelhante à minha praticamente rosnou.

— Perfeito! — Camila arqueou as costas e gemeu. — Vou tomar um banho e vestir alguma coisa mais confortável. Esses sapatos estão me matando.

Com a desculpa de cuidar do andamento do jantar, deixei os dois na sala e rumei para a cozinha, encostando a porta ao passar com o telefone já colado à orelha.

— Tália — sussurrei assim que ela atendeu. — Me acode! Camila Bueno acaba de chegar e espera um jantar em uma hora.

— Ah, caramba, Mel. — A ligação chiou com seu suspiro. — Acho que não consigo chegar a tempo. Depois de conseguir o material para amanhã, aproveitei a meia folga e corri para a casa da Lisa. Estou a oitenta quilômetros daí. Você vai ter que se virar sem mim. Mas eu deixei tudo semipronto. É só finalizar.

Eu ainda estava muda quando desliguei, porque tinha quase certeza de que não servir o jantar seria melhor para minha reputação do que eu me aproximar de uma panela.

O que eu iria fazer? Pedir uma pizza?

Não, não, não. Seria ainda mais humilhante que me arriscar na cozinha. Fred entenderia que eu não havia me preparado e, pior de tudo, conseguiria o que

queria: formar uma rachadura no muro de confiança entre mim e sua noiva.

Drooooooga!

Entrei no Google e procurei restaurantes nas redondezas. Mas já era tarde, e os poucos que encontrei estavam fechados. Desesperada, abri a geladeira e empilhei na bancada os potes de comida de que Tália iniciara o preparo. Dei uma espiada no conteúdo; a maioria se parecia com papa de bebê e a outra parte eu nem sequer consegui distinguir.

— Não sei o que essa comida fez para você... — A voz de Nicolas me fez virar para a porta que levava ao pátio. — Mas tenho certeza de que não pode ser tão terrível assim. — Ele me mostrou uma coleção de dentes brancos perfeitos.

— Nicolas! Pensei que você tivesse ido embora.

— Eu ia. Mas aí lembrei que estou aqui para te ajudar com o... — Sinalizou com o queixo as vozes abafadas de Fred e Camila no outro cômodo. Então me avaliou com atenção. — Você parece estar com problemas.

— Um daqueles. Estou tão ferrada que meu nome vai aparecer ao lado da palavra “perdedora” de hoje em diante, porque eu cometi um descuido primário. — Eu me afastei da bancada, secando as mãos suadas na saia do vestido preto. — A Tália está com a Lisa e não consegue chegar a tempo. E a Camila, os pais e o noivo esperam um jantar em uma hora. Só que eu não sei o que fazer com tudo isso, e o Fred deu a entender que eu sou incompetente, e ele meio que tem razão, porque, se eu não consigo cuidar das necessidades da Camila em um fim de semana, de que jeito posso ter a pretensão de cuidar do casamento extravagante dela? — Andei pela cozinha beliscando as pulseiras em um tique para lá de nervoso. — Eu preciso de alguma coisa decente para servir daqui a cinquenta e cinco minutos ou minha noiva e a minha carreira vão para o vinagre, e eu não tenho a menor ideia do que fazer com toda essa comida sem ter uma varinha mágica, e os restaurantes já fecharam e...

— Ei, calma. — Nicolas se plantou à minha frente, me segurando pelos ombros para me manter no lugar. — Respira, Mel.

— Estou tentando, mas não consigo. Também não consigo parar de falar. É tipo uma maldição. Eu fico nervosa, despejo um monte de palavras sem sentido e só pioro tudo, porque quanto mais eu me esforço para não falar mais eu falo e...

Curvando-se, ele envolveu os dedos quentes em minha nuca, esquadrinhando minha face.

— Agora me escute — exigiu. — Quero que você inspire fundo e conte até cinco antes de soltar.

— Mas...

— Só faça o que eu estou pedindo.

E eu fiz. Umas dez vezes. De início não foi muito fácil, mas a tranquilidade nas íris de lápis-lazúli me ajudou a controlar a agitação. Só um pouco. E Nicolas notou a mudança, o que não o impediu de avaliar minha face por um instante, provavelmente para ter certeza de que era seguro me soltar.

— Bem melhor. — Um quase sorriso se desenhcou no cantinho de sua boca. — Agora, o que a chef deixou pronto?

— Gosmas de todas as cores e... outras coisas que parecem ter sido vomitadas por um dinossauro. Só identifiquei as batatas cozidas.

Ele comprimiu os lábios, mas os olhos se enrugaram nos cantos.

— Certo. Vamos investigar as gosmas.

Suas roupas farfalharam conforme se movimentou pela cozinha para abrir os potes plásticos. Provou um pouco de cada um dos conteúdos, aquiescendo para si mesmo, como se soubesse de verdade o que estava fazendo.

— Tudo bem. Acho que ela pretendia servir sopa de mariscos, e, de acompanhamento... batatas sauté. Ou nós podemos fazer um purê. — Coçou o queixo. — As lagostas já estão cozidas. Podemos grelhar com algumas ervas.

— Você ouviu o que eu disse? Eu não sei nem cozinhar Miojo, que dirá grelhar alguma coisa com ervas. — O pânico ameaçou me sufocar outra vez. — Juro que eu já tentei aprender. Faço tudo direito, sigo os passos minuciosamente, mas algum espírito maligno se apodera da panela e ela explode. Sou um desastre na cozinha.

— Pra sua sorte, eu não. — O que antes era apenas um ensaio se firmou em um largo e selvagem arreganhar de dentes. — Acho que eu consigo preparar uma refeição decente em menos de uma hora. Já está quase tudo pronto.

O alívio me acertou feito uma bola de demolição, meus membros se afrouxaram de uma vez só. Abracei Nicolas pela cintura, pressionando a bochecha contra os botões de sua camisa.

— Você é o meu herói, sabia? — falei de olhos fechados, inalando seu delicioso perfume.

O grave *he-he-he-he* retumbou em seu plexo solar. Elevei o queixo, caindo direto em um plácido oceano. O pânico se dissolveu por completo, sobretudo porque ele acariciou minha cintura, me lembrando como era maravilhoso estar em seus braços. Por que eu não podia ficar agarrada a ele pelo resto da vida mesmo?

— Acho melhor esperar eu terminar antes de me considerar seu herói. — Fez uma careta engraçada. — Pode ser que saia uma grande gororoba.

Ah, é. Aquele era o motivo: tínhamos um jantar para aprontar. E Nicolas estava ali para me ajudar. Apenas me ajudar. Nosso acordo não envolvia abraços.

Eu preferia continuar na bolha de calma criada por Nicolas a retornar ao cruel mundo real com prazos apertados e ex-namorados sacanas, mas me forcei a soltá-lo, abrindo uma gaveta aleatória.

— Tá legal, como eu posso ajudar? — Ergui um utensílio vermelho com as bordas dentadas com um furo enorme no meio. — Amasso as batatas pra fazer o purê?

— Com o pegador de massa? — Arqueou uma sobrancelha, puxando o equipamento para devolvê-lo à gaveta.

Soltei um suspiro, recostando os quadris na bancada, as mãos inquietas batucando no mármore.

— Não posso ficar parada enquanto você faz todo o trabalho.

— O que normalmente faz numa situação dessas? — Começou a enrolar as mangas da camisa até a altura dos cotovelos.

— Cuido da mesa, das bebidas, fico perguntando para o chef se ainda vai demorar pra comida sair. Distrainho os clientes com vinho. Sinto um desejo incontrolável de me esconder no banheiro e chorar se algo sai errado...

Seus lábios se transformaram em uma pálida linha fina e ainda assim pareciam sorrir.

— Então faça isso tudo. Pode deixar a comida comigo.

É... provavelmente era melhor mesmo. Eu só atrasaria mais.

Comecei a ir para a sala de jantar preparar a mesa, mas me detive antes de passar pela porta, os dedos na maçaneta.

— Que bom que você resolveu ficar, Nicolas. E não digo isso porque você está salvando a minha pele. Não queria que dormisse num hotel — confessei, surpreendendo a nós dois. — Somos adultos. Podemos dividir uma cama. Não quero que você vá embora.

— Não? — repetiu, surpreso. E preocupado. — Mel, você não me deve nada. Não quero que faça nada porque pensa que me deve algum tipo de favor. Deixar você desconfortável é a última coisa que eu quero, por isso tem certeza do que está me propondo?

Não.

— Sim.

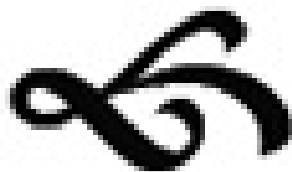
Nossos olhares se encontraram: foi parecido com misturar fogo e gasolina. Aquela vibração explodiu com violência pela cozinha, arrepiando minha pele, acelerando meus batimentos cardíacos, escurecendo os olhos de Nicolas.

Antes que eu pudesse entender o que se passava em sua mente, ele abriu o armário sob a bancada, avaliando seu conteúdo.

— Bom, acho que vai ser uma boa oportunidade para descobrir se o ruído de britadeira que eu escuto toda noite vem do Loki, afinal — zombou.

Tenho quase certeza de que ele queria aliviar o clima. As ruguinhas ao redor dos olhos indicavam isso, e até onde eu sabia eu não roncava. Mas os vincos profundos em sua testa me contaram que alguma coisa atormentava seus pensamentos. Seriam as mesmas questões que me faziam estremecer ao pensar em nós dois na cama gigantesca?

Ouvi Camila me chamar. *Tudo bem, tá legal*, pensei com meus botões ao deixar a cozinha. *Um problema de cada vez*. Eu precisava me concentrar no jantar. Era para isso que eu estava ali. Teria muito tempo para me preocupar em estar na mesma cama que Nicolas. Teria uma noite inteira.



Famílias, independentemente do saldo bancário — ou de possuir um banco —, sempre têm seus problemas. O que me surpreendeu foi Camila Bueno fazer parte desse grupo. Quer dizer, eu pensava que a vida dela fosse cor-de-rosa e cheia de glitter. Mas fazia meia hora que essa teoria havia virado fumaça.

Helena, acomodada na poltrona de couro caramelo bebericando um dry martíni, fuzilava o ex-marido esparramado no sofá junto à filha. Eu me mantinha neutra, em uma cadeira que mais parecia um ovo cortado pela metade, ouvindo o casal mais velho discutir a lista de convidados. Fred devia estar no banho, pois não o vi em parte alguma.

— Acho indelicado deixar meus sócios de fora — explicou o sr. Edgar Bueno, coçando a sobrancelha grisalha.

— Pelo menos uma vez na vida, Edgar, entenda que não se trata de você — rebateu Helena, cortante. — É o dia especial da Camila, e ela vai convidar quem quiser.

— Talvez eu possa adicionar um ou dois nomes na lista — Camila se apressou

em responder, desejando apaziguar os ânimos.

— Dois nomes? — rosnou o homem esquelético com uma farta cabeleira cinzenta. — Não posso escolher só dois dentre tantos, Camila. Vai afetar os negócios. Ninguém gosta de ficar de fora. Não devíamos desperdiçar a chance de reforçar alguns laços comerciais. Você nunca reclamou do dinheiro que gasta.

— Eu trabalho, pai — ela disse, magoada.

— E nem a sua amante reclama, não é? — retorquiu Helena. — Pretende trazer a vagabunda para o casamento da nossa filha?

Camila se levantou do sofá em um impulso e saiu correndo da sala.

— Veja só o que você fez! — Os olhos de Helena faiscaram.

— Eu? Foi você quem começou. Agora me lembro por que nos divorciamos... Fiquei de pé.

— Eu preciso verificar o andamento do jantar. Com licença — murmurei, evitando contato visual, e disparei para a cozinha, mas ainda era possível ouvir os gritos dos dois.

Passei pela sala de jantar, e, do lado de fora, na área da piscina, Camila fitava as águas, os braços cruzados, parecendo ainda menor que seu um metro e sessenta de altura.

Não é da sua conta. Só faça o seu trabalho e deixe que ela resolva os próprios problemas.

Mas a questão é que cuidar do bem-estar da noiva era minha preocupação número zero desde sempre, fosse ela a noiva do meu ex ou não. Com um suspiro derrotado, me juntei a ela no terraço.

Camila permaneceu de costas, mas gemeu ao me ouvir chegar.

— Acho que você percebeu que os meus pais não são como os outros.

— Você se surpreenderia. — Fui me sentar aos pés de uma das sinuosas espreguiçadeiras.

Meu comentário despertou seu interesse.

— Mesmo? — perguntou, vindo se juntar a mim no móvel de madeira.

— Ah, sim. Pais são sempre uma complicação. Sempre tenho em mente que um mais um é igual a dez. Às vezes doze. Irmãos, pais, amigos, padrastos e madrastas, tias, avós, madrinhas... Todos querem participar. No caso de pais separados, tudo é dobrado. Aí eu procuro convencer todo mundo a entrar em um acordo. Nem sempre consigo. É quando acontece o que eu chamo de “The Walking Wed”. Só posso torcer para sobrar algum sobrevivente no final.

Ela riu, secando o nariz avermelhado com a pontinha dos dedos.

— Não se preocupe com os seus pais, Camila. — Toquei seu ombro. — Eles vão chegar à conclusão de que o que importa é a sua felicidade. Mas, se você preferir, eu posso colocar um em cada ponta da mesa principal amanhã no jantar.

— Obrigada, Mel. Você é mesmo o máximo. — Ela deu risada de novo. Então respirou fundo, envergonhada. — Desculpe por aparecer depois de ter cancelado. Eu estava até feliz, porque assim você poderia ter umas horas de privacidade com o Nicolas no chalé e não me odiaria tanto por te arrastar para a areia. Mas o Fred achou que nós deveríamos estar aqui, resolvendo nossa vida...

Como se Camila o tivesse conjurado, Fred saiu da sala para a área da piscina, o cabelo claro ainda úmido brilhando em um tom amadeirado. Feito uma borboleta atraída pela flor, Camila correu para se encaixar na lateral do corpo do noivo e contar a ele sobre a discussão dos pais. Ele beijou sua testa, garantindo que tudo ia se ajeitar, mas vacilou assim que seu olhar encontrou o meu. Desagrado e apreensão endureceram seu queixo.

Bom, eu também não estava esfuziante com a situação, sobretudo porque a vinda inesperada da família, por insistência de Fred, se parecia cada vez mais com uma armadilha a fim de me desmoralizar diante da minha melhor cliente. *Filho da mãe.*

Para garantir que eu não terminaria aquela noite sendo fichada pela polícia, achei melhor sair dali. Fred se apagou dos meus pensamentos assim que entrei na cozinha e fui surpreendida com um menu completo com uma cara ótima. Nicolas tinha conseguido produzir um jantar de verdade, com lagostas, guarnição e até sobremesa.

Bem a tempo, porque cinco minutos depois a família se reuniu ao redor da mesa, e eu entrei no modo garçoneiro. Não foi a primeira vez que desempenhei o papel — para ser sincera, havia pouca coisa no mundo de eventos que eu ainda não tivesse feito —, mas foi a primeira que senti orgulho do que servi, e nem foi porque meu ex parecia ter sido picado por formigas ao contemplar o crustáceo de aparência apetitosa, e nem porque Helena provou uma garfada de lagosta e gemeu um sonoro *hummmmm*.

Graças aos céus, o dia da família Bueno havia sido tão longo quanto o meu, e Camila bocejou depois de se empanturrar com crême brûlée.

— Preciso de uma cama ou vou cair de cara no chão a qualquer momento. — A noiva massageou o pescoço.

— Não, espera aí — atalhou Fred, empurrando a sobremesa intocada. — Você não quer se inteirar dos detalhes de amanhã?

— Até quero. Mas estou cansada demais para pensar em alguma coisa que não seja o travesseiro, xanxão.

Meu ex não se deu por vencido e buscou apoio em Helena.

— E você, minha sogra, não tem nada que queira saber? Algum conselho sobre o vestido, talvez?

— Frederico, querido, meu vestido vai ser um deslumbrante Givenchy. —

Deu uma palmadinha em seu braço. — Não há qualquer dúvida a esse respeito. E, se houvesse, eu levaria o assunto a quem entende de alta-costura, não à cerimonialista.

Ah, Helena... sempre tão simpática e agradável...

— Estamos todos exaustos. — Camila dobrou o guardanapo aberto sobre a saia do vestido florido e o deixou ao lado do prato. — O jantar estava delicioso, Melissa. Meus cumprimentos ao chef. Não vamos mais precisar dos seus serviços esta noite.

Engolindo a vontade de fazer a dancinha da vitória e gritar um “Toma essa!” para Fred e seus planos frustrados, escapuli para a cozinha, mas a encontrei vazia. Disparei para a trilha, avistando a varanda toda iluminada ao passar pelas samambaias. Encontrei Nicolas sentado no chão da varanda recostado em um dos pilares, uma garrafa novinha do caro vinho branco que eu servira no jantar descansando ao lado do quadril, duas taças à espera. Havia também um travesseiro e um cobertor dobrados mais ao lado. Ele pretendia dormir ali fora?

— Você assaltou a adega dos Bueno? — Parei a poucos metros de seu pequeno oásis.

— Encare como o pagamento pelo meu trabalho de chef. Tá a fim? — Ele agarrou a garrafa e na outra mão equilibrou as taças vazias.

— Sim, por favor! — Desabei no assoalho a meio metro dele.

— E aí, o que eles acharam da comida? — perguntou, ansioso.

— Ah, ninguém gostou. Não conseguiram engolir sua gororoba. — Estalei a língua.

O vinho pairou a meio caminho dos cálices conforme ele empalidecia. Mordi a bochecha para não rir.

— Sério? — Ele ficou meio verde.

— Não. Eles adoraram tudo! — Abri um largo sorriso orgulhoso. — Helena até repetiu a lagosta, e, pelo tamanho da cintura dela, desconfio que ela não costuma repetir muita coisa além de oxigênio. Você arrasou, Nicolas. — Ergui a mão em um high five.

Apoiando a garrafa entre as coxas, ele bateu sua palma na minha, apertando as sobancelhas até quase se tornarem uma só.

— Alguém já te disse que você tem um senso de humor negro? — E me entregou a taça.

— Obrigada. — Girando sobre os quadris, passei as pernas para fora da varanda, balançando-as no ar. — Já disseram, sim. Geralmente dizem, quando eu estou sóbria. Onde você aprendeu a cozinhar desse jeito?

— Na época da faculdade. — Provou a bebida, abandonando a garrafa ao lado do travesseiro. — Dois anos morando sozinho à base de ovos mexidos foram um

incentivo e tanto.

— Eu já me sentiria vitoriosa se conseguisse fazer ovos mexidos sem queimar a panela ou alguma parte do corpo.

Ele riu outra vez, sorvendo mais um gole de vinho.

— Parece mais difícil do que na verdade é — declarou ele. — Só é preciso encontrar a motivação certa.

— Tipo... não morrer de fome?

— Algo assim. Não acabar no hospital por intoxicação alimentar também foi um excelente motivo.

Não sei por que me agradou saber que a sedução não o influenciara a aprimorar seus dotes culinários. Para me distrair da sensação morna em meu peito, beberiquei o vinho refrescante, sentindo os músculos se afrouxarem quase que imediatamente.

Nicolas ainda me observava e percebeu minha exaustão.

— O seu trabalho é emocionalmente desgastante — constatou, penalizado. — Por que você gosta tanto do que faz?

— Sei lá... — Olhei para as águas, que agora pareciam uma imensa poça de nanquim. — Apesar dos desafios, conseguir trazer para o mundo real o sonho de alguém me deixa feliz. Eu vejo os sorrisos, os olhos brilhantes deslumbrados com uma coisa que eu criei, e penso “é isso aí!”. É como se a felicidade fosse minha também. Meio parecido com... com...

— Com a fada madrinha da Cinderela — ajudou.

Acabei rindo e me virando para ele.

— Eu nunca seria a princesa. Não levo o menor jeito.

— Não tenho tanta certeza, já que você luta contra um dragão todo dia. — Segurando a taça pela parte bojuda, apoiou o braço no joelho dobrado, me analisando daquele seu jeito que me via por dentro. — Dois, se considerar sua chefe.

Ri outra vez, encantada com a facilidade com que ele conseguia melhorar meu humor com algumas poucas palavras. Era por coisas assim que eu amava Nicolas.

Quer dizer, amava falar com ele.

Não que eu o amasse romanticamente. Só gostava de conversar com ele. E do seu sorriso cheio de ruguinhas e dentes brancos e calor. E de sentir seu perfume em minhas roupas. E do jeito intenso e faminto que me beijara no Viela...

Que importância isso tem agora?

— Mas nem sempre meus dias são tão desgastantes... — Retomei o assunto para fugir dos meus pensamentos. Era mais seguro. — Normalmente eu faço meu trabalho sem enfrentar grandes problemas. Mas o Fred é um idiota. Sabia

que foi ideia dele aparecer, assim, sem avisar? Tenho certeza de que ele queria me fazer parecer incompetente com essa história do jantar. E quase conseguiu, se não fosse por você.

Ele girou a taça, observando o vinho dançar pelo cristal e murmurando um *hummm...*

— O quê? — eu quis saber.

— Não acho que seja por isso que ele tem se comportado desse jeito, Mel — disse, a contragosto.

— Claro que é. O que mais poderia ser?

— Eu diria que ele não gostou de saber que nós estávamos aqui sozinhos e veio impedir que isso acontecesse. — Fez um gesto indicando nós dois. — Acho que ele está com ciúme.

— Até parece. — Achei graça. — O Fred nunca foi ciumento, nem quando estávamos juntos.

Recostando a nuca na viga de madeira, ele me observou com intensidade por quase um minuto inteiro, até eu me esquecer de como se respirava.

— Você não se dá conta do que provoca nas pessoas, não é? — inquiriu à meia-voz.

— O que isso quer dizer?

Ele scrutinou meu rosto por um instante tão longo que minha pele começou a pinicar.

— É exatamente a pergunta que eu ando me fazendo, Mel.

Mesmo sem entender direito, meu pulso acelerou, e me tornei muito consciente de Nicolas. De sua presença, do espaço que ele ocupava naquela varanda, do calor que emanava, do som suave de sua respiração, e juro que quase pude ouvir as batidas de seu coração, fortes e aceleradas. Como era possível ser tão consciente da existência de outro ser humano daquela maneira?

Trazendo as pernas para dentro da varanda, abracei os joelhos.

— Eu devia entrar, Nicolas.

— Devia. — As linhas entre as sobrancelhas se aprofundaram.

Assenti, mas não encontrei dentro de mim nenhum desejo de sair de perto dele. Pensei que com tudo o que havia acontecido naquele dia... a correria para preparar o luau, depois o jantar, sua própria presença, que elevava o zumbido desafinado em minha mente... eu não conseguiria encontrar descanso. Mas mesmo ali, sentada no chão duro, eu sentia cada um dos meus músculos afrouxando seus nós. Engraçado, Nicolas era um dos principais motivos da minha inquietação. E parecia ser a cura para todas as minhas aflições, comecei a perceber.

Enumerei mentalmente tudo o que ele fizera por mim naquele dia, sem esperar

nada em troca, vislumbrando um lado seu que eu ainda não conhecia. Parecia que ele se esforçava para me provar alguma coisa, que desejava que eu confiasse nele.

A brisa soprou com mais força, agitando meu rabo de cavalo, me arrepiando. Eu me encolhi para manter o calor. Ouvi o farfalhar das roupas de Nicolas quando ele se levantou, as tábuas rangendo sob seus pés pesados, e então o cobertor envolveu meus ombros.

— Obrigada. — Elevei o rosto, segurando as pontas do tecido grosso a tempo de vê-lo se sentar ao meu lado, imitando minha postura.

Fitei o horizonte demoradamente, me deliciando com a sensação de o ar entrar completamente nos pulmões, preenchendo cada cavidade, assistindo ao mar negro e prateado lá embaixo se encolher e se espichar pela nesga de areia pálida.

— Não é tão ruim daqui de cima — cedi. — Eu acho que gosto.

Movimentei a cabeça para afastar um fio solto que me caía no olho e encontrei o ombro de Nicolas. Foi natural deitá-la ali. Assim como foi completamente certo ele passar um braço pelas minhas costas e pressionar a bochecha contra meu cabelo.

— Eu também gosto de onde estou agora — murmurou, rouco. — Muito.

Ficamos assim, abraçados, sem que nada mais fosse dito por um bom tempo. Pareceu tão certo deslizar pelas tábuas e me encaixar em seu corpo, ser envelopada por ele. Não tinha certeza se Nicolas se sentia da mesma forma. Talvez sim, já que ele continuou me segurando com intensidade. Acalentada pelo seu calor e seu delicioso perfume, pareando minha respiração na cadência da dele, com o murmúrio do mar a nos embalar, notei que, assim como acontecera na pracinha, Nicolas conseguira calar os gritos em minha mente. Todos eles, até os mais antigos, que me roubavam a paz fazia tanto tempo. Dessa vez consegui dar um nome àquela sensação extraordinária que eu experimentava em seus braços. Algo que eu pensara ter perdido havia muito tempo: paz.

Desconfio que adormeci em seus braços, pois a coisa seguinte de que me lembro é de Nicolas me colocar na cama e me cobrir com o lençol.

Segurei seu pulso ao vê-lo se endireitar.

— Não vai embora — implorei.

— Mel. — Respirou fundo, parecendo torturado.

— Você consegue calar... — Bocejei, os olhos se rendendo à exaustão. — Por favor, fica comigo.

— Calar o quê? — Sua voz era tão baixa que por pouco não se misturou ao murmúrio do oceano lá fora.

— A dor — balbuciei contra o travesseiro, incerta se ele chegara a me ouvir.

Senti a movimentação no colchão, e de repente havia calor ao meu redor outra

vez. Eu me aconcheguei mais a ele, mergulhando na deliciosa quentura, flutuando sobre as doces águas da inconsciência.

Naquela noite, pela primeira vez em muito tempo, não tive pesadelos. Sonhei com um lindo pôr do sol em uma praia com o mar azul-escuro, um riso rouco, grandioso como seu coração, uma mão grande envolvendo a minha e um par de pegadas estampando a areia conforme eu e Nicolas seguíamos juntos pelo mesmo caminho.

Eu estava queimando. O fogo se espalhava por toda a parte, cobrindo minha pele, meus lábios. Perdida em uma espécie de agonia prazerosa, deslizei as mãos sobre a pele macia que me envolvia, acompanhando com a ponta dos dedos os relevos do peito largo, onde o coração cavalgava com violência, espelhando as batidas do meu. A queimadura se concentrou em meu baixo-ventre quando minha língua invadiu sua boca, e eu remexi os quadris. Um gemido gutural reverberou no fundo de sua garganta, intensificando a dor entre minhas coxas, onde eu latejava por ele.

Mãos grandes e vigorosas se encaixaram em minhas costelas, e com suave insistência me empurraram de leve para trás. Abri os olhos de súbito, atordoada, ofegante, e me deparei com a expressão faminta e desesperada do homem que eu montava feito uma amazona.

— Me diz que tá acordada *e* consciente do que está fazendo — implorou Nicolas, sob a respiração pesada. — Estou tentando cumprir o juramento que te fiz antes de nós virmos para cá, mas está ficando muito difícil manter essa promessa.

Eu não podia discordar, sobretudo pela longa ereção pressionando aquela parte minha que tanto ansiava por ele.

— Ai, não! — Corando violentamente, pulei de cima dele, por pouco não caindo da cama.

Depressa, puxei o lençol e me enrolei nele porque... porque eu tinha de fazer alguma coisa além de ficar vermelha e querer me enfiar debaixo do colchão.

Nicolas ainda vestia os jeans da noite passada, mas tinha tirado a camisa ao se deitar. Ou *eu* é que havia me livrado dela durante meu ataque? Argh!

— Eu... aaaaaah... — Mantive o olhar no tecido branco. — Não sei como isso foi acontecer. Eu acho que estava sonhando com... ééééé... quer dizer...

— Ei, não precisamos fazer tempestade em copo d'água por causa disso. — Ainda sem fôlego, ele se ergueu sobre um dos cotovelos para cobrir os quadris com o travesseiro. Agradei em silêncio pela consideração. — Nem fazer estardalhaço por uma bobagem. O seu corpo buscou calor em uma manhã fria. — Deu de ombros. — Acontece.

Era fim da primavera, mas achei que sua desculpa esfarrapada era melhor que nada, e por isso assenti.

Pela visão periférica, eu o vi esfregar a nuca (a tatuagem no bíceps se movimentou sutilmente), bagunçando ainda mais o cabelo escuro. Meus dedos formigaram na ânsia de domar a massa negra. Também queria desenhar os contornos da tattoo com a língua, toda a curva do ombro, e depois descer para o peito e os pequenos mamilos escuros...

Toquei a base da garganta, onde meu pulso martelava. Eu não devia pensar em lambar Nicolas, sobretudo depois de tê-lo atacado. Era a segunda vez, pelo amor de Deus! Eu estava me transformando em uma beijadora em série.

— Vou... me arrumar. — Soltei a primeira coisa que me atravessou as ideias, escapando do colchão ainda embrulhada no lençol.

Dedos quentes e longos envolveram meu pulso delicadamente antes que eu desse um passo. Nicolas esperou que eu o encarasse para, em voz baixa e profunda, murmurar:

— Não cheguei a te agradecer ontem. No vilarejo. Foi bom ter você comigo.

Foi... foi mais fácil com você ali. — Ele se esticou, se curvando no limite do colchão para depositar um beijo demorado na palma da minha mão. — Obrigado, Mel.

Sem saber direito o que responder, apenas anuí e fui me refugiar no banheiro, me recostando à porta depois de fechá-la com um suspiro. Abracei a mão que ele beijara. Assim como meus lábios e cada pedaço de pele que ele havia tocado, ela também formigava.

Eu precisava me manter longe daquele homem, deixar a razão guiar meus passos de novo e me manter a salvo. O problema era que meu coração discordava e martelava com urgência, ansioso para retornar para os braços de Nicolas.

Tudo bem. Eu não precisava de um anel no dedo anular. Já havia me envolvido com homens apenas porque era divertido, para aplacar a solidão ou calar os hormônios de uma mulher sexualmente ativa de vinte e poucos anos. Não foram muitos, mas eu era capaz de manter um relacionamento físico sem envolvimento emocional. Só que com Nicolas era diferente. Como eu poderia me envolver fisicamente com ele se meu coração...

— Droga. — Fechei os olhos, recostando a nuca na porta.



Os convidados do luau começaram a chegar aos poucos, e perto das onze da manhã havia tanta gente circulando pela propriedade que não restou tempo para pensar em nada que não fosse trabalho, de modo que evitar Nicolas foi até fácil.

O sol já estava a pino quando esbarrei na noiva e suas amigas em um canto mais afastado da praia, estiradas nas cadeiras reclináveis.

— Mel! Mel! — Camila suspendeu os óculos escuros, rindo. — Você precisa

me salvar dessas malucas.

Camila me apresentara a elas mais cedo. A mais baixa, com o nariz arrebitado, era Melinda Freitas, herdeira de uma rede de supermercados. Juliana Vasconcelos de La Cruz por acaso tinha inaugurado uma petshop que já contava vinte lojas em todo o país, e também se tornara o rosto de uma ONG de proteção aos animais. Paris Romero Corrêa, a loira com ares de atriz da década de 1950, era prima de Camila, e ajudava o pai a gerenciar a frota de aviões da companhia fundada pelo bisavô.

— Precisamos do conselho de uma profissional! — Paris se empolgou, sugando metade do drinque azul decorado com morangos, a pele clara já avermelhada. — Estamos tentando chegar a um consenso sobre quem vai nos maquiar na cerimônia.

— Você não acha que a Flávia Castanheira é melhor maquiadora que o Magnum Arama? — me perguntou Juliana, deitada de bruços na esteira em um maiô cor de ouro envelhecido que a deixava parecida com uma poderosa deusa africana, os pezinhos empanados de areia se balançando no ar.

— Acho os dois incríveis — falei, com sinceridade.

— Mas a Flávia tem dedos mais leves — objetou Juliana.

— O Magnum entende tudo de contorno e de ressaltar o que nós temos de melhor. — Melinda se virou na espreguiçadeira, erguendo a alça do biquíni para verificar o andamento do bronzeado.

Paris encaixou o canudinho entre os lábios pintados de vermelho.

— Eu mesma poderia fazer o serviço — comentou, distraída. — Ninguém sabe maquiar a Mila melhor que eu.

— De jeito nenhum! — Juliana se empertigou na esteira tão depressa que seus cachos volumosos saltitaram. — Minha amiga não vai para o altar parecendo uma obra de Romero Brito. Nem pensar.

Paris se virou de lado, exibindo a barriga trabalhada por um excelente personal trainer, e fuzilou Juliana.

— Você só está dizendo isso porque da última vez que tentou fazer um esfumado ficou parecendo a noiva cadáver. Nenhum maquiador entende mais do rosto da Camila que eu. Faço isso desde que a gente tinha seis anos.

Camila me encarou, desesperada.

— Entende agora? — Suspirou.

— Ninguém nunca te ensinou que sombra azul entra na categoria dos carboidratos, Paris? — devolveu Melinda, ignorando o comentário da noiva. — Eles existem, mas não foram feitos pra gente consumir!

— O que você está insinuando? — A loira se sentou de súbito. — Que eu estou gorda e tenho mau gosto?!

Ah. Ótimo. Um The Walking Wed em pleno curso, e as taças estavam quase vazias.

Inspirei fundo, me preparando para a batalha. Entretanto, as garotas se calaram ao mesmo tempo, os olhares em algum ponto atrás de minhas costas.

— Me perdoem. Eu não pretendia interromper.

Mesmo que eu não reconhecesse as nuances e o timbre grave daquela voz, os pelos de meu braço fizeram um ótimo trabalho em avisar que Nicolas acabara de chegar. Lutei para manter a expressão tranquila e fingir alguma normalidade. Da última vez que o vi, eu o montava feito uma cowgirl.

Girei sobre os calcanhares, enchendo os tênis de areia, e fiz um aceno discreto. Ele o devolveu com um firme apertar de lábios, formando um meio sorriso emblemático, que eu não soube de que maneira interpretar.

— Não interrompeu nada! — Paris se levantou, e tive a impressão de que encolheu a barriga. — Acho que ainda não fomos apresentados. Sou a Paris.

— Como a cidade? — Ele franziu o cenho.

— Exatamente. Só que mais luminosa e quieeeente. — Ela piscou, enrolando a língua na pontinha do canudo antes de sugá-lo.

Ele riu de leve, coçando o pescoço, e descobri que eu não gostava nem um pouquinho de Paris.

Ou de Nicolas, naquele momento. Minha palma pinicou de desejo de atirar alguma coisa nele. Qual é? Ele ia flertar com a garota comigo bem ali?

Não que ele não pudesse, claro. Só pensei que... que ele havia tirado o fim de semana de folga de mulheres também. Francamente, não se pode namorar um sedutor, nem mesmo de mentirinha.

Então, assim que a loucura cedeu um pouco, me dei conta de uma coisa: se Nicolas agisse feito o antigo Nicolas, ele mesmo convenceria Camila de que tínhamos realmente terminado, e minha farsa acabaria, afinal.

Um pouco sem graça, Camila se levantou e fez as apresentações para suas amigas.

— O Nicolas trabalha na Brasitecno — explicou ela. — É uma das grandes promessas da empresa. Ele e a Melissa estão...

— Cuidando do luau desta noite — me apressei. A expressão de Camila murchou um pouco. *Argh!* — Tenho certeza de que vocês vão adorar. Talvez o Nicolas possa mostrar a vocês tudo o que nós fizemos ontem.

— Eu ia *amar!* — enfatizou Paris, indo se pendurar em seu braço.

Confuso, Nicolas me encarou em busca de resposta. Fingi não entender, avisando que precisava verificar o andamento do brunch, e rapidamente me afastei do grupo, sentindo o sangue tão quente que era capaz de transformar toda aquela areia em vidro.

Não era ciúme, chutei a areia com força, tossindo quando a nuvem de poeira me atacou. Eu apenas queria botar um ponto-final na farsa criada pela minha melhor amiga.

Se você prefere acreditar nisso..., uma vozinha irritante ecoou pelos meus pensamentos.

— Não enche o saco — resmunguei entredentes.

Estava quase na mansão, atravessando a área da piscina, mas estaquei no piso de pedras ásperas ao reconhecer uma boina e um par de suspensórios em frente à entrada, de onde João Pinot me observava com um jeito frio, acusador.

Não sabia que ele viria. Camila não chegou a me passar a nova lista de convidados.

Distraída, não percebi que alguém havia me seguido até ser puxada para dentro do jardim e empurrada para trás de um arbusto alto.

— Ei! O que... Fred?!

— Eu preciso falar com você — anunciou meu ex, dando um passo para fora da sombra de um coqueiro.

— Eu imaginei que quisesse. Preciso que você me entregue a sua lista de convidados. Os convites vão ser enviados na semana que vem. — Tentei dar a volta, mas ele agarrou meu pulso. — Me solte, Fred.

— Não. — Com um puxão brusco, me arrastou mais para dentro do jardim. Meus pés se encheram de areia.

— Você ficou louco? Alguém pode nos ver! — Eu me desprendi dele com um empurrão nada delicado. — Caramba, o que deu em você?

Com o olhar meio alucinado, ele levou as mãos à cabeça, andando de um lado para o outro no pequeno espaço entre dois arbustos.

— Tem razão. Estou louco! — explodiu. — Fico maluco toda vez que te vejo perto daquele cara. Fico pensando nele te tocando como eu toco...

— *Tocava*, Fred — atalhei, furiosa. — Nada entre nós pode ser conjugado no presente. E o que eu faço ou com quem eu faço não é da sua conta. Nunca foi.

— Como você pode dizer isso? — balbuciou, lívido. — Você não entende que eu não vou conseguir se você estiver por perto? Não vou conseguir dizer “sim” se você estiver lá! Não aguento saber que te machuquei. Não aguento mais sonhar com você e não poder te ligar. Não aguento ver a raiva no seu rosto sempre que a gente se encontra. Não aguento mais a saudade.

— Fred, não...

Mas minha súplica chegou tarde. Antes que eu pudesse piscar, ele me atacou. A urgência de seu beijo me pegou desprevenida e eu vacilei por um ínfimo segundo. O problema era que o abraço, o cheiro, os lábios, as batidas em seu peito... tudo era familiar.

Mas aí percebi algumas coisas. O beijo agora tinha gosto de peixe e vinho, o toque era um pouco bruto, não me puxando para si, mas me mantendo onde queria, e o perfume amadeirado tinha algumas notas doces demais que antes eu não percebera. Mas o mais importante era a rebelião em meu coração, e, por mais que soasse errado, não era por causa de Camila e o bebê. Tinha a ver comigo.

Ergui o joelho e o acertei na virilha. Fred cambaleou, surpreso, me encarando em completo horror.

— Nunca mais ouse me tocar. — Cerrei os punhos. — De hoje em diante, pense em mim como uma estranha. E, por favor, me deixe trabalhar em paz. Nunca mais se atreva a me sabotar, ou juro que vou perder a paciência.

A mais profunda confusão o fez entortar o pescoço.

— Não sei o que você quer dizer.

— Ah. Claro que não sabe. — Eu o encarei com desprezo. — Você é tão inocente e confiável, não é, Fred? Sabe, eu pensei que não pudesse te odiar mais depois de descobrir que você me tratou feito uma vadia.

— Eu nunca...

— Mas sabotar a minha apresentação foi a gota d'água — continuei, fuzilando-o com toda a raiva que fervilhava em mim desde que avistei a coroa de flores. — Eu nunca vou te perdoar por isso. E vou te caçar feito um cachorro se tentar algo parecido outra vez.

Em duas largas passadas, ele estava tão perto que eu podia ver os pontinhos castanhos da barba despontando em seu queixo.

— Melissa, eu nunca faria nada para te prejudicar. Você tem que saber disso...

— Não, Fred, é você quem tem que entender uma coisa. — Dei um passo para trás, impondo meu limite. — Nós terminamos o que nunca deveria ter começado. Pare de me atormentar, pare de enganar a Camila. Ela vai ser sua esposa, está carregando o seu filho na barriga, e não merece nenhuma das coisas que você andou aprontando. Você é egoísta, covarde e indigno dela. Mas pelo menos tente, Fred. Uma vez na vida procure não pensar só em si mesmo. Trate a sua noiva e a mim com respeito e *não* me procure mais. — Escapuli dali, circundando a piscina sem olhar para trás.

Estava quase na porta larga de vidro que se abria para a sala quando fui invadida pela sensação inquietante de que era observada. Eu me detive ao lado das espreguiçadeiras, examinando os arredores, mas não encontrei ninguém além de Fred saindo do meio das plantas, cabisbaixo.

As chamas das tochas tremulavam com a brisa noturna, mas ninguém além de mim parecia incomodado com os pequenos grãos de areia que ela espalhava. A DJ comandava o ritmo da festa, as bebidas desaparecendo das bandejas a uma velocidade impressionante. Os convidados se espalhavam na extensa mesa que eu e a equipe de garçons afundamos até a metade, criando uma espécie de chabudai longa. O bar fora iluminado com lanternas vermelhas. Mais ao lado, uma tenda feita de lenços abrigava as comidas, com um altar dedicado a um Buda dourado, rodeado de velas, flores e incenso. Eu nunca estive na Indonésia

— nunca tinha saído do país —, mas acho que consegui captar o clima de Bali, pois Camila não parava de sorrir. Ela estava sentada no futon roxo, cercada de almofadas coloridas e amigos, rindo de algo que Juliana dizia. Seu noivo debatia algum assunto com o futuro sogro.

Teimosamente, eu me esforçava para ignorar o que havia acontecido mais cedo, embora soubesse que assim que deitasse a cabeça no travesseiro a culpa me devoraria. Fred não devia ter me beijado. Não era certo. Nem comigo nem com sua noiva. Com que cara eu olharia para Camila? De que jeito conseguiria ocultar a culpa?

Eu me perguntei em que momento minha vida havia se tornado um pesadelo de mentiras e farsas.

Pelo menos o brunch saía de acordo com o planejado — exceto por um dos tios de Camila, que se excedera no álcool e tentara pular na piscina abraçado a uma garrafa de uísque. Até Fred me surpreendeu, evitando olhar em minha direção. Os pais dele haviam chegado no início da tarde. A mãe se parecia com uma daquelas bonecas de porcelana: feitas para se admirar através de uma redoma de vidro. Já o pai, apesar da figura sisuda, surpreendentemente fazia o estilo debochado, interagindo com os futuros parentes e amigos que não paravam de chegar, assumindo o posto de anfitrião ao lado de Helena, que o sr. Bueno parecia tão pouco interessado em ocupar.

A parte boa era que com a correria do almoço, seguida imediatamente dos preparativos do luau, meu tempo evaporara, de modo que evitar Fred, Camila e Nicolas foi fácil. Eu pretendia fazer o mesmo pelo restante da noite. Até porque Nicolas talvez dormisse em outra cama e facilitasse as coisas para mim, pensei, amarga, avistando-o perto de uma das tochas que havia fixado no dia anterior, recebendo as atenções de uma sorridente e embriagada Paris. Seu olhar cruzou com o meu, e virei a cara para o outro lado. Que fossem felizes juntos, blá-blá-blá.

Perto da tenda, o tio de Camila oscilou de um lado para o outro e... Ele discutia com o Buda?

Resolvi me aproximar, e com algum custo consegui convencê-lo a me acompanhar até a sala e seus confortáveis sofás. Mas ele tropeçou em uma lajota ao chegarmos à piscina e caiu sobre uma espreguiçadeira, rindo. Deixando um garçom de olho nele, fui para a cozinha a fim de pegar alguns docinhos e um café bem forte, e por pouco não trombei em João, que saía pela porta lateral.

— Como vai, João? — cumprimentei, por educação.

— Um pouco mais desmoralizado a cada dia, graças a você. Estava me perguntando de que jeito pretende arruinar esta festa, mas acho que já descobri. Você vai roubar o noivo. — Escondeu um riso perverso atrás do copo de uísque.

Minha expressão congelou à medida que uma fina camada de suor recobria minha pele, o coração despencando para a sola dos pés.

Contenção de imprevisto. Eu precisava de uma imediatamente.

— É claro que eu falo com o noivo. Sou a cerimonialista, afinal. Não é nenhuma surpresa. — Fiz minha melhor imitação de alguém despreocupado, esperando convencê-lo.

Nem cheguei perto.

— Não? — Engoliu o restante do uísque em um gole só. — Bom, vamos torcer para a Camila pensar da mesma forma assim que souber que você e o Fred se esconderam nos arbustos para *conversar*. — Segurando o copo vazio pela base, ele o empurrou para mim.

No automático, envolvi os dedos no vidro, recuando um passo conforme ele saiu para o jardim. Assisti João tomar o rumo do luau e desaparecer em meio às tochas luminosas.

Merda. Ele tinha visto Fred me arrastar para o jardim. E pretendia contar para Camila, dando a entender que, em vez de uma armadilha do meu ex, o ataque havia sido um encontro romântico. Eu devia ir atrás dele e impedi-lo. Implorar que não contasse a Camila ou... sei lá, aplicar uma gravata e levá-lo para bem longe dela, se fosse necessário. Contudo, assim que consegui fazer minhas pernas se moverem, elas me levaram para o lado oposto ao da festa. E não pararam nem mesmo ao afundar os pés até quase os tornozelos na areia fofa, me afastando cada vez mais do luau.

Quando dei por mim, estava em um canto isolado da praia, iluminado apenas pela luz prateada da lua cheia. Caminhei um pouco mais, até parar perto de um conjunto de pedras altas. Recostei-me em uma delas, fitando o mar por entre uma névoa turva. O vento frio do oceano soprava com força, transformando meu rabo de cavalo em um açoite. Passei os braços ao redor do corpo trêmulo, enregelado até o centro dos ossos, mas desconfiava que o vento litorâneo não fosse o responsável pela camada de gelo ao redor do meu coração.

João iria contar o que vira para Camila. Talvez ela não acreditasse nele de começo, mas voltaria a pensar no assunto mais tarde. Quem sabe ligasse o nervosismo do noivo a mim, já que ele parecia fora de si sempre que nos encontrávamos. Ela talvez o pressionasse, exigisse uma explicação. Ele acabaria contando a verdade, enfim, e minha vida desmoronaria toda de uma vez, só porque um dia dei meu coração à pessoa errada.

A paisagem se dissolveu em uma mancha borrada. Nunca é fácil encarar os próprios erros. O meu maior equívoco fora Fred. Eu tinha sido enganada por ele, mas também por mim mesma. Acreditara que o que existia entre nós seria o bastante, que a afinidade era o suficiente. Mas a verdade é que faltava algo tão

importante quanto, e eu sempre soube. Por isso tantas semanas antes, na época em que eu ainda pensava nele como “nós”, eu entrara em pânico ao pressupor que Fred me comprara um anel. Lembrava de me perguntar pelo que eu estava esperando na época.

Agora, fitando os milhares de pontinhos brilhantes sobre minha cabeça através de um véu embaçado de lágrimas, eu sabia a resposta. Eu queria respeito, afinidade, e aquilo que eu podia jurar que nunca desejaria. Queria alguém que realmente se importasse comigo, que eu pudesse contar, que me fizesse sentir segura para confiar meus problemas, meus pensamentos mais tolos, minhas ideias mais constrangedoras... minhas lembranças mais dolorosas. E queria dar tudo isso a ele também. Eu ansiava por alguém que fizesse meu estômago revirar, estremecer com um sorriso, um toque, um olhar. Desde sempre eu sonhava com alguém que me mostrasse seu verdadeiro eu e não fugisse ao vislumbrar o meu. Alguém que fizesse o ruído dentro de mim se calar. Eu queria... Ah, porcaria, eu queria um amor de verdade.

A areia chiou mais atrás. Eu me virei a tempo de ver Nicolas abrir os braços, num pedido de desculpas mudo. Ele me contornou e se recostou à pedra, os braços cruzados. Mesmo com a parca iluminação obscurecendo seu perfil, ainda podia ver o brilho azulado em seus olhos, os cantos da boca apontando para baixo.

— Por que você fugiu de mim o dia todo? — questionou, sem rodeios.

— Não fugi, Nicolas. Só... estive ocupada.

— Entendo. — Mas seu tom me dizia que ele não entendia coisa nenhuma. Encostado na pedra, ele analisou com mais atenção meu rosto molhado. — O que está provocando isso?

Pensei em inventar uma desculpa qualquer e guardar meus problemas só para mim. Mas eu estava farta de tanta mentira.

— O João Pinot sabe sobre o meu caso com o Fred e vai contar pra Camila. — Traguei saliva, ainda observando as ondas prateadas lambendo a areia pálida. — Se já não contou.

Ele ficou calado por um instante. Eu não tinha ideia do que se passava em sua mente. Não tive coragem de averiguar.

— E você não vai impedi-lo — concluiu, um instante depois.

Fiz que não com a cabeça, secando as bochechas com a ponta dos dedos, e me desencostei da pedra.

— Estou apavorada, Nicolas — eu disse para os seus tênis empanados de areia. — Mas também quase contente. Se alguém contar pra Camila sobre o que o Fred fez comigo, então eu não vou ter que contar.

Ele externou sua aversão com um bufar ruidoso.

— Algum dia você vai entender que não tem nenhuma obrigação de contar para a Camila sobre a traição do Fred? Ainda não percebeu que ele colocou vocês duas na mesma posição?

— Estou exausta. — Eu me encolhi, infeliz, dando alguns passos para longe dele antes de enfrentá-lo. — É como se eu nadasse contra a correnteza e nunca saísse do lugar. Sempre que acho que estou avançando, me vejo de novo no ponto em que comecei. Por que eu ainda insisto?

Espalmando as mãos na pedra escura, ele se endireitou com um impulso curto, vindo ao meu encontro.

— Porque você é Melissa Gouvêa — garantiu, inflexível. — Se alguém é capaz de aguentar tudo isso e se sair bem, é você.

— Fred me beijou, mais cedo. — Soltei de repente. — Ele armou uma emboscada, me arrastou para o meio do jardim e me beijou.

Eu não sei ao certo que reação esperava ver... Talvez repulsa ou coisa parecida. Mas definitivamente não imaginei que Nicolas seria dominado pela fúria.

— Contra a sua vontade? — Cerrou os punhos, o maxilar trincado.

Fiz que sim, começando a andar devagar, esperando que ele me acompanhasse. E foi o que ele fez.

— Eu esperava sentir alguma coisa além de raiva e nojo por ele ter forçado o beijo — continuei, simplesmente porque eu tinha que explicar a ele. — Sei lá, pelo menos um eco das coisas que costumava sentir antigamente, mas só havia... um vazio.

— Vazio? — perguntou, relaxando os ombros. Apenas um pouco.

— É. Tipo quando você é adulta e vai dar uma geral no guarda-roupa e encontra aquela boneca preferida. Ela ainda é bonita, mas ficou menor e não tão especial como era nas suas lembranças. O problema não é a boneca. Você é que cresceu... — Dei risada, sem graça. — Desculpa. Acho que estou falando besteira.

— Ao contrário. Eu entendi a analogia. — Distraído, ele se abaixou para apanhar uma pedrinha na areia, rolando-a entre os dedos. — Por exemplo, sexo casual já não funciona mais pra mim.

— Aaaaaah... Bom, dizem que acontece com todo homem. Não é vergonha nenhuma recorrer ao camaradinho azul. — Mordi o lábio. Implicar com ele era divertido demais.

Sua resposta foi abrir um sorriso atrevido.

— Francamente, Mel, a sua fixação com essa parte da minha anatomia é quase doentia.

Em vez de ficar brava com ele, me flagrei rindo — toda aquela proximidade

começava a bagunçar minhas ideias. Ele continuou me acompanhando, arremessando a pedrinha para cima vez ou outra, a areia produzindo um *vush-vush* suave sob nossos pés.

— O que eu quis dizer foi que sexo vazio sem envolvimento já não me atrai mais. — Ele retomou o assunto ao chegarmos a uma parte mais plana da praia e atirou a pedrinha no mar, que afundou com um *glup* sutil.

— O que mudou? — Parei de andar.

Os sons do luau nos alcançavam, a voz de Justin Timberlake ondulando pela brisa, nos envolvendo em uma atmosfera quase mágica.



*Cause I don't wanna lose you now
I'm looking right at the other half of me*



The vacancy that sat in my heart is a space that now you hold...

O vento soprou meu cabelo, lançando uma mecha do rabo de cavalo em minha boca. Nicolas a afastou com delicadeza. A pontinha de seu polegar resvalou de leve em meu lábio inferior.

— Tudo mudou, Mel. — O olhar se demorou em cada traço meu, a mão ainda em meu rosto. — Porque eu conheci alguém que me fez pensar: “Eu preciso de mais tempo com ela. Uma semana não é o bastante”.

Dessa vez não tive dúvidas de que ele experimentava o mesmo tremor que me fazia vibrar por dentro. Seus olhos adquiriram intensidade, reluzindo faíscas prateadas ao tracejar lentamente meu maxilar, o comprimento da garganta. Prendi o fôlego, as mãos suadas, o coração batendo alto em meus ouvidos ao sentir seus dedos deslizarem pelo contorno do meu ombro, todo o comprimento do braço até a palma se moldar em minha cintura. De repente tudo era fogo,

sobretudo em meu coração.

— Nicolas... — Umedeci os lábios, me segurando nas laterais de sua camisa.

— Sim? — Chegou ainda mais perto até seu peito esmagar meus seios, as íris azuis quase negras.

Eu me sentia nua diante dele. Todas as falhas, todas as imperfeições e medos, tudo exposto para que ele os visse. E, ainda assim, não senti desejo algum de me esconder ou fugir. Ele me via por inteiro e não se encolhia ao que tinha diante de si. Ao contrário, parecia mais fascinado a cada instante.

— Me peça, Mel — suplicou urgente, tomando meu rosto entre as mãos cálidas. — Por favor, me peça! Me liberte dessa tortura.

Eu não precisava perguntar o que ele me pedia com tamanho desespero. Tudo nele transmitia um único desejo: ele queria me beijar. Desesperadamente. Eu estava tão certa disso quanto de que é péssima ideia usar um sapato novo em uma festa importante. Mas ele não faria nada, porque tinha jurado não me tocar a menos que eu pedisse, e iria cumprir sua promessa ainda que isso o torturasse.

Tudo o que eu precisava fazer para evitar que as coisas entre nós saíssem de controle era dizer "não". Ou não dizer coisa alguma. Eu sabia que ele respeitaria minha decisão.

Entretanto, perdida no olhar faminto quase totalmente negro, a última coisa que eu queria era me afastar dele.

Arqueei o pescoço, me esticando na pontinha dos pés.

— Me bei... — Mas não precisei concluir a sentença.

Dominado pelo violento desejo, Nicolas enterrou os dedos em meu cabelo e mergulhou em minha boca.

Houve uma explosão violenta de cores e luzes no momento em que nossos lábios se encontraram; um novo universo nascia dentro de mim. Eu teria me apavorado se não estivesse tão arrebatada com sua beleza, afoita por desvendar seus mistérios.

Ao contrário daquela manhã, Nicolas não foi nem um pouco hesitante ou cuidadoso, e estabeleceu o ritmo, exigindo respostas enquanto fazia suas próprias demandas. A muralha que eu havia construído ao longo de uma vida inteira começou a se esfarelar, em um cataclismo. Nada restou além do sabor de

sua boca imperiosa me marcando a fogo, o martelar impetuoso de seu coração pulsando junto do meu.

Arqueei as costas quando ele intensificou o beijo, correspondendo com a mesma voracidade, sem medo de me entregar àquele doce abandono. Um gemido gutural ressoou em sua garganta, e ele me puxou para ainda mais perto, se curvando sobre mim, maciço, quente, afoito, cada pedaço dele grudado a cada centímetro do meu corpo. Nicolas me beijou até perdermos o fôlego, até o mundo começar a girar, até eu me perder completamente.

Mesmo ao interromper o beijo, ele continuou me abraçando apertado, a testa descansando na minha, as labaredas em seu olhar aniquilando meu juízo. Eu queria mais. Eu queria tudo sem me importar com o depois.

— Isso é loucura — ofeguei.

— Totalmente insano — concordou, em uma voz rouca e intensa, antes de voltar a capturar minha boca.

O segundo assalto foi ainda mais avassalador. Por um momento pensei ter perdido minha identidade, me tornado apenas energia e luz e frisson e arrepios. Isso era novo para mim. Eu jamais perdera o contato com a realidade daquela maneira. Nunca me senti tão arrebatada, submissa a minhas próprias vontades. Sempre estive no comando, ciente de minhas decisões e ações. Jamais ficara tão à mercê de meus próprios desejos. Fora muito bem-sucedida em me manter no controle durante todos esses anos.

Até encontrar Nicolas. Ele mexia comigo de um jeito diferente. Nicolas exercia um tipo de poder sobre mim que homem nenhum jamais teve. Não apenas sobre meu corpo, mas sobre minha mente, minhas emoções. E isso me apavorava. Eu suspeitava ter visto apenas um vislumbre da ponta do iceberg, porque um sentimento, que com muito custo eu mantivera trancafiado a rédeas curtas, lutava para se libertar bem ali, no centro do meu peito, conforme nós nos entregávamos àquela loucura. Uma minúscula parte minha sussurrava que não era sensato me abandonar a uma emoção daquela forma. Mas com o corpo colado ao de Nicolas, sua língua penetrando minha boca, suas emoções se misturando às minhas... como eu poderia fugir, se tudo em mim gritava para que eu o seguisse?

Eu o queria. Tão desesperadamente que o desejo se transformava em uma angústia física.

No momento em que pensei que fosse desmaiar, ele interrompeu o beijo, mas seus lábios não deixaram minha pele e traçaram uma trilha ardente que começou em minha bochecha e terminou na orelha.

— Você sente também, não é? — Mordiscou o lóbulo sensível. Estremeci de alto a baixo. — A inquietude, o desespero.

— Sim. — Eu me agarrei à sua camisa, arqueando o pescoço em uma oferta descarada, que ele mais do que depressa se apressou em aceitar.

O desejo saiu de controle, grande demais para que eu pudesse retê-lo, e afundei os dedos em seu cabelo, puxando-o de volta para minha boca. No entanto, em vez de atender a minha demanda, Nicolas perscrutou meus traços, o polegar desenhando meu maxilar, a adoração se misturando ao tesão, a incredulidade se juntando a um sentimento mais doce e veemente.

— Eu te quero, Mel — murmurou, rouco, seu peito firme colado ao meu me permitindo sentir suas batidas fortes, erráticas. — Com tanto desespero que às vezes penso que vou enlouquecer.

Meu próprio coração também cavalgava em um ritmo insano. Eu devia ter recuado e quebrado o contato, mas meus pés simplesmente se recusaram a ir para longe dele. A tensão no ar estreitou a corda dos nós que eu mesma havia amarrado, e pensei que fosse arrebentar. Algo realmente importante acontecia entre nós, e eu precisava descobrir o que era. Dessa vez eu não iria fugir.

— Nicolas, eu te...

— Viva a porra do amor! — A voz embriagada que eu conhecia bem atravessou a praia, atraindo minha atenção para o trecho onde acontecia o luau, me alertando para o fato de que Nicolas e eu não estávamos em um planeta só nosso.

Apertei a vista para a festa. Fred estava na área reservada à DJ e seus equipamentos, as pessoas se amontoando ao redor. Que merda ele estava fazendo?

— Um dia você pensa que é o dono do mundo, que é o cara mais sortudo. — Fred riu. — No outro, descobre que não passa da porra de um covarde. É o que eu sou. Um covarde que nunca admite os próprios erros e fere as pessoas...

Ah, meu Deus. Fred ia abrir o jogo para Camila. Na frente de toda aquela gente.

Eu me virei para Nicolas. Metade de mim queria mandar tudo para o inferno e continuar ali com ele. Mas a outra metade, a que se sentia culpada toda vez que olhava para Camila, essa se preparou para correr.

— Desculpa, eu preciso ir. — Eu me soltei dele, começando a andar.

— Espera. — Nicolas me segurou pela mão, me fazendo derrapar na areia. — Pensei que você quisesse que ele contasse a verdade pra Camila.

— E quero!

Eu me sentia como se estivesse debaixo d'água havia tempo demais e finalmente fosse conseguir chegar à superfície. Mas aquilo não era sobre mim. Era sobre Camila.

Foi assim que descobri algo que me perturbou demais: eu me importava com

Camila. Apesar de minha resolução de me manter distante e não me envolver, eu gostava dela. Não queria que ela sofresse, que experimentasse o sabor amargo da traição, nem passasse as noites se revirando na cama e se questionando por que o idiota a enganara, por que brincara com seus sentimentos daquele jeito, se fora um brinquedinho durante todo o tempo ou se ao menos a amara por cinco minutos que fosse. Mas, sobretudo, não queria que ela enfrentasse uma humilhação pública.

Existe uma enorme diferença entre fazer a coisa certa e agir da maneira correta. Contar tudo a ela seria agir da maneira correta. Contar a ela na frente de toda a sua família e amigos não destruiria só o seu coração: destruiria a sua alma.

— Eu realmente quero, Nicolas. Mas não assim. — Apontei para o palco. — Não com toda essa gente assistindo. Não posso deixar que ele a humilhe diante dos amigos, da família. Ela não vai aguentar. Eu preciso ir. — Eu me desprendi dele com delicadeza, implorando que compreendesse.

Esfregando a testa como se ela o matasse, ele riu sem qualquer humor.

— Tudo bem. Mas ainda vamos conversar quando isso terminar?

Concordei com a cabeça e imediatamente tomei o rumo do luau. A areia me atrasava um pouco, mas continuei indo adiante o mais rápido que podia, me perguntando por que ninguém fazia nada, por que ninguém tomava o microfone de Fred, por que eu achei que poderia lidar com aquele evento sozinha e por que Fred tinha que bancar o idiota justamente no momento em que Nicolas se declarava e me convidava a fazer o mesmo.

Os convidados formavam um cordão ao redor do palco, e tive que abrir caminho às cotoveladas.

— Xanxão, do que você está falando? — Camila quis saber.

Sem pensar no que fazia, me lancei para a frente e arranquei o microfone das mãos do meu ex. Sua expressão se apagou ao me reconhecer.

— Ok, sr. Lanza. Acho que a felicidade devia vir com um limite de graduação alcoólica.

Consegui alguns risos, mas a plateia aguardava que alguém explicasse o que estava acontecendo, sobretudo a noiva.

E isso foi antes de João sair de trás de um sujeito corpulento, sorrindo daquele jeito maquiavélico.

— Ah, deixa o cara falar — gritou, empolgado. — Estou louco pra saber como termina. E aí, Fred, o fato de ser covarde tem algo a ver com ter arrastado a cerimonialista gostosa para o mato hoje à tarde?

— O quê?! — Camila riu, empalidecendo.

Minha cara provavelmente ostentava um tom esverdeado, sobretudo porque eu tinha a atenção de todos. Avistei Nicolas mais atrás da plateia, os lábios

pressionados em uma pálida linha fina, e eu sabia que me jogar sobre o ombro e sair correndo rondava seus pensamentos.

Eu estava meio entorpecida, por isso não consegui evitar que Fred tomasse o microfone.

— É isso mesmo, João. — Fred deu alguns passos trôpegos para encarar a plateia. — O que eu quero dizer tem a ver com o meu encontro secreto com a Melissa hoje à tarde.

— Frederico, o que está acontecendo? — Helena exigiu, empinando o queixo ao parar ao lado da filha e espalmar seu ombro, protetoramente.

O sussurro das ondas e o murmúrio da brisa eram os únicos sons naquela praia. Até as respirações pareciam ter cessado enquanto todos esperavam Fred se explicar.

Eu me virei para encarar o homem que causara todo tipo de problema em minha vida e que estava prestes a humilhar a mulher que carregava seu filho no ventre.

Não seja idiota agora, implorei mentalmente. Não faça isso com ela.

— Eu falei com a Melissa hoje à tarde, e ela me fez entender... — Ele esfregou a testa. Por um instante horrível, pensei que Fred iria começar a chorar. Mas então ele se concentrou em sua noiva e deixou tudo sair. — Eu te amo, Camila. Eu sempre te amei. Você é uma mulher incrível, verdadeira, linda por dentro e por fora. Sempre estive do meu lado, me apoiando, mesmo quando eu fazia merda.

— Olha a boca — alguém gritou, fazendo todo mundo rir.

Exceto Camila. Ela olhava para Fred, embevecida.

— Eu não te mereço, Camila. — Engolindo grosso, ele se aproximou do limite do círculo, ficando a meio metro dela. — Hoje mais do que nunca eu entendo isso. Consigo ver tudo que fiz de errado na vida, todas as pessoas que eu magoei... Você merece mais que eu, um homem melhor do que eu sou. E eu quero ter a chance de me tornar esse cara, ser o homem que você e o nosso bebê merecem. Se você me permitir. — Estendeu a mão para ela.

Camila não hesitou um segundo sequer e aceitou a oferta, beijando-o, para delírio dos convidados.

Soltando um pesado suspiro — parte alívio, parte náusea —, fui para o fundo do palco e me forcei a desempenhar meu papel naquela história.

— Coloca uma música romântica — pedi à DJ. — Depressa!

— Qual?

— Qualquer uma... — Ah, espera! — “Everything”, do Michael Bublé — eu me lembrei de repente.

Assentindo, a garota de cabelo verde preso em duas marias-chiquinhas

começou a vasculhar seu acervo.

Camila arfou assim que a música começou a tocar e reconheceu os acordes.

— Fred! A nossa música! — Ela espalmou o coração. — Era isso que você e a Melissa estavam tramando no jardim?

Ele sorriu para ela, envolvendo-a nos braços.

— Nada saiu como eu planejei. E acho que foi melhor assim. — Começou a conduzi-la sob os aplausos dos convidados, que sacaram os celulares para registrar o momento.

Escapuli do palco pelos fundos e por pouco não caí em cima de Juliana, que tinha dificuldade para se equilibrar sobre as próprias pernas.

— Ei, num empurra *dezze* jeito, não — resmungou ela, se apoiando em meu ombro, exalando um forte odor de uísque. — O mundo já tá girando pra caramba *zozinho*.

— Você precisa de alguma coisa? — ofereci. Meio verde, ela fez que sim, tapando a boca. Comecei a empurrá-la para a casa. — Entendi. Banheiro.

Mas Juliana não foi além dos arbustos, despejando sobre eles tudo o que tinha no estômago. Segurei seu cabelo e a barra do vestido, retorcendo o nariz assim que meu próprio estômago iniciou um motim.

Quando não havia nada mais a ser expulso, eu a ajudei a se esticar em uma das espreguiçadeiras perto da piscina.

— *Vozê é tão legal. Eu amo vozê, Melizza. Zei que a gente zó ze conheceu hoje, mas eu já te amo.*

— Tá legal. — Dei risada, empurrando uma das pernas dela para cima da espreguiçadeira. — Você vai me amar ainda mais depois que eu pegar um pouco de gelo pra você.

— Ah, *zim*. Vou *mezzzmo...*

Fui entrando na casa, procurando alguém que pudesse ficar de olho em Juliana caso ela tivesse a péssima ideia de dar um mergulho na piscina. Avistei Paris e Melinda esticadas no sofá da sala e comecei a me aproximar.

— ... ele é tão atraente! — contava Paris, aos risos. — Não tive a menor chance. Agora que peguei o telefone do Nicolas, vou adiar a viagem a Lisboa. Pretendo passar o fim de semana passeando *nele*.

Ao ouvir o nome dele, estaquei no mármore, parcialmente oculta pela curva da escada.

— Mas e a Melissa? — Melinda rolou, ficando de lado. — A Camila acha que eles têm um lance.

— A Melissa praticamente o empurrou pra mim hoje à tarde. Se tinha alguma coisa, já morreu faz tempo.

Havia algo além de vergonha por ouvir a conversa alheia fervilhando dentro

de mim. A consternação, violenta e furiosa, se espalhou com tanta rapidez que cheguei a ficar tonta. Minha visão se tingiu de vermelho e eu queria muito, mas muito mesmo, quebrar alguma coisa, por isso achei prudente escapulir da sala antes que elas me vissem.

Idiota. Muito estúpida, pensei, ao atravessar a cozinha, me desviando da equipe de Tália. Daquele dia em diante meu nome constaria no dicionário ao lado da palavra “trouxa”.

Nicolas tinha marcado um encontro com Paris. Ele tinha me beijado daquela maneira sôfrega, quente e intensa, e o tempo todo tinha um encontro marcado com outra garota. Quantas vezes eu precisava ser enganada até aprender a lição?

Eu devia ter escutado meus instintos. Devia ter confiado neles. Mas *nãããã*, preferi me deixar cegar pelos hormônios e ganhara um belo par de chifres antes mesmo de ter um relacionamento.

Cheguei ao pátio dos fundos da casa, e o homem a quem minha raiva era destinada estava sentado em uma das muretas. Ele se levantou assim que me viu cruzar a porta.

— Eu estava te procurando — ele se apressou em dizer, mas vacilou, ao notar minha expressão. — Ei, você está bem?

Ah, como ele era dissimulado. Quase me convenceu de que estava mesmo preocupado comigo.

— Estou ótima. Na verdade, nunca estive melhor. Agora, se me der licença... — Comecei a fazer a volta.

Nicolas pulou na minha frente, bloqueando o caminho.

— Mel, o que está acontecendo? Por que você não me olha nos olhos?

— Estou ocupada. Não temos nada para conversar.

Tentei passar por ele, que se adiantou, dando um passo para o lado, impedindo que eu fosse adiante.

— É mesmo? Tem coragem de me olhar nos olhos e dizer isso depois daquele beijo?

— Foi só um momento de fraqueza. — Enrijeci a coluna. Gostaria que tivesse conseguido o mesmo feito em meu coração. — Eu estava frágil e você foi gentil. A verdade é que foi só isso, Nicolas. Não misture as coisas. Não estou interessada. É melhor procurar alguém que esteja. — Aparentemente ele já tinha procurado. — Obrigada por ter me acompanhado neste fim de semana. Já que eu fiz o mesmo por você na festa da Brasitecno, acho que estamos quites. Já pode ir pra casa. Vou pegar uma carona com a Tália. Não temos mais nada para conversar.

Uma emoção que eu já havia visto uma vez, no estacionamento do vernissage, transformou seu rosto em pedra, e ele ficou mais alto, mais largo. E distante.

Não esperei por sua explosão e comecei a me afastar a passos rápidos. Pensei tê-lo ouvido dizer “Não. Acho que não temos mais”, antes de as pedras chiarem conforme se afastava, mas não me virei para verificar.

Não acreditava que eu tinha feito papel de boba outra vez. Contrariando meu bom senso, eu tinha deixado que Nicolas chegasse perto demais. O ardor em meus olhos e o calombo em minha garganta confirmavam isso. Dentre todos os homens do planeta, por que fui confiar no maior pegador de que se tinha notícia? Por que fui burra a esse ponto?

“Eu te quero, Mel. Com tanto desespero que às vezes penso que vou enlouquecer”, dissera ele pouco depois de me arrebatrar com um beijo. E eu acreditei. Esse é o problema: os maiores mentirosos sempre parecem sinceros.

A verdade era que Nicolas não passava de um talentoso ator, desempenhando o ato de uma peça muito bem ensaiada, testada e aprovada por uma larga plateia. Eu era só mais um dentre centenas de rostos deslumbrados pelo espetáculo chamado Nicolas Cassani.

Ao menos eu descobrira a verdade antes que aquela história tivesse começado. Eu devia estar agradecida. Aliviada até. Mas então por que tudo o que havia em meu coração naquele momento era o peso da tristeza ameaçando me partir em duas?

O sol da manhã transformou a janela da minha sala em uma luminária, refletindo sobre a bagunça de tecidos e documentos sobre a mesa, de modo que tive que apertar a vista para a tela do computador para ter certeza de que tinha lido tudo direito. Alicia agendava um jantar para a noite daquela terça-feira. Como o casamento aconteceria naquele fim de semana e ela raramente queria falar comigo, tive um pressentimento ruim sobre o convite inesperado.

Antes que eu pudesse responder para minha noiva, outra ligou. Camila queria que eu a acompanhasse na primeira prova do vestido, agendada para aquela

noite. Tentei me esquivar, contando sobre o jantar com Alicia, mas ela insistiu que poderia me esperar. Mandaria o motorista me buscar no restaurante, de modo que não conseguí escapar.

Fechei os olhos, massageando as têmporas latejantes, e não percebi que alguém tinha entrado em minha sala sem que eu percebesse, até que ergui as pálpebras e a cara de Fabiola preencheu meu campo de visão.

— AAAAAAAAH! — gritei, saltando da cadeira. — Fabiola, você quase me mata de susto!

— Desculpa, pensei que você tivesse me ouvido entrar. Estou morrendo de curiosidade, Mel. Você precisa me contar tudo o que aconteceu com o Nicolas. Vocês se acertaram?

— Não, e nem vamos. E não quero falar sobre isso. — Tudo o que eu queria era esquecer da existência dele.

Eu não o via desde a noite de sábado. Depois de desmontar o luau e acertar o pagamento das equipes de apoio, eu subira para o bangalô apenas para descobrir que Nicolas seguira meu conselho e havia partido. Tália me dera uma carona até a casa dos meus pais. Com a desculpa de investigar se a mamãe havia tido alguma melhora (não tinha), fiquei com eles até o começo da noite de segunda-feira. Meu pai me oferecera carona, mas fiquei com medo de que ele quisesse subir e descobrisse que eu agora morava com um homem, por isso agradeci a oferta, chamei um Uber e fui para casa.

Antes de ir para o terceiro andar, parei no apê da Fabi para pegar Loki. Graças a alguma intervenção divina, minha melhor amiga estava no banho e eu escapei do interrogatório. Ao entrar em casa, em vez de Nicolas, Loki e eu encontramos a câmera que ele usara para fotografar a propriedade dos Bueno sobre sua mesa de trabalho, sem nenhum sinal dele, o que achei bom. Não estava com humor para confrontá-lo de novo. Eu dera uma espiada nas fotos que Nicolas fizera com a Nikon ao me deitar. Engraçado, tinha certeza de tê-lo visto clicar em minha direção por mais de uma vez. Aparentemente ele me enganara nisso também, porque tudo o que encontrei no cartão SD foram fotografias da paisagem e do terreno. Eu ouvira a porta da frente bater por volta das duas da manhã. Cheguei a apanhar os fones de ouvido e esperei que o *nhec-nhec-nhec* começasse, mas tudo o que ouvi no quarto ao lado foi quietude. Nicolas estava sozinho.

Naquela manhã, temendo trombar com ele a caminho do banheiro, me obriguei a ficar na cama até ouvi-lo ir para o trabalho, perto das sete e meia. Fabiola já tinha ido para o centro da cidade conferir as toalhas que eu havia encomendado para o casamento de Alicia. Pensei que a correria do dia esfriaria a curiosidade de minha amiga, mas só serviu para incitá-la mais, logo percebi.

— O que aconteceu, Mel? — Fabiola se sentou na beirada da mesa. — E nem

vem me dizer que não aconteceu nada. Você está com cara de quem quer chutar alguma coisa. O que aconteceu naquela praia?

— Eu também queria saber — a voz aguda demais proferiu da porta.

Fabiola pulou da mesa no mesmo instante em que me endireitei ao avistar nossa chefe adentrar a sala com uma cara parecida com a do palhaço do *IT*: *A Coisa*.

— O que aconteceu no noivado de Camila Bueno? — Sônia me fulminou.

— Algumas mudanças de última hora. Dentro do possível, acho que correu bem...

— Bem? — Ela atirou algumas folhas de papel sobre meu teclado. Apanhei uma delas, onde uma foto em preto e branco fora impressa, de Juliana curvada sobre a bromélia e eu segurando seu cabelo fazendo uma careta. Na página seguinte, o tio de Camila, bêbado, mijava na piscina. Em outra, Nicolas e eu frente a frente no pátio dos fundos com apenas alguns centímetros nos separando. A raiva era muito evidente na maneira como eu apertava os dentes. Já Nicolas, a mão a meio caminho do meu braço, parecia... devastado?

— Onde você conseguiu essas fotos? — perguntei, atarantada.

Por que ele parecia tão magoado? Quer dizer, eu tinha melado seus planos, e esperava algum tipo de frustração, mas dor? *Não, não, não*. Devia ser um daqueles casos de fotografar o instante errado, e a câmera eternizara o momento em que sua face se moldava em um sentimento diferente, dando a impressão de outra coisa.

Mas quem nos fotografara? Não me lembrava de avistar ninguém por perto...

— Não é incrível o que um e-mail é capaz de fazer? — Sônia sorriu daquele jeito que me gelava a alma. — O que aconteceu, Melissa? Você sabe que é terminantemente proibido flertar com um convidado. — Apontou para minha foto com Nicolas. — Regra número um nesta agência: não se envolva com clientes.

Traguei saliva.

— Eu sei. Ele não é cliente. Ele é...

— Da equipe de apoio local — ajudou Fabiola. — Do staff da Tália.

Nossa chefe me avaliou por um segundo mais longo do que minhas glândulas sudoríparas podiam aguentar.

— Espero que isso não se repita — Sônia alertou, um milênio depois. — Que ninguém me acorde com fotos pouco lisonjeiras da minha produtora. Este é o primeiro e o último alerta, Melissa. Não me teste. — Ela saiu da sala cuspidando fogo e seguiu na direção dos elevadores.

Eu me deixei cair na cadeira, quase no mesmo instante em que o restante do pessoal invadiu minha sala.

— Desculpa ter ouvido. — Dênis encolheu os ombros, sem jeito. — Mas a porta estava aberta e a Sônia não economiza no volume. Quem mandou esse e-mail?

— Essa filha da putagem, você quer dizer. — André trincou os dentes, se recostando no batente. — Alguém quis te ferrar grandão com essas fotos, Mel.

Gabriela mordiscou a unha do polegar.

— Alguma ideia de quem possa ter feito uma coisa dessas?

— Quem mais? — rosnou Fabiola. — O crápula do ex dela, é claro.

Soltei um suspiro.

— Não pode ser, Fabi. O Fred estava dançando com a Camila no instante em que esta aqui foi tirada. — Puxei a foto de Juliana. — Desconfio que possa ter sido o João Pinot. Ele estava no luau e ainda está com raiva da gente. Até tentou me desmoralizar na frente de todo mundo. Já que não conseguiu, enviou as fotos pra Sônia. Só pode ter sido isso.

Os olhos de Gabriela quase saltaram das órbitas.

— Ah, caramba! Isso explica muita coisa! Foi ele que entupiu as privadas no vernissage!

Dênis assentiu, andando alguns passos pela sala apertada.

— Parece louco, mas faz sentido — ponderou ele.

— De que jeito? — André quis saber, confuso. — Por que o cara ia se sabotar?

— Porque a exposição estava sendo um fiasco. — Eu me dei conta. — Desde o incidente com a tela, os jornais não param de falar dele.

— Éééé! — Fabiola concordou depressa, beliscando o lábio inferior. — Ele nos usou como estratégia de marketing!

— Eu não duvidaria. — André franziu o nariz. — Estou começando a perder a paciência com esse cara.

Eu quase ri.

— Gente, calma aí. São só suposições. Não podemos provar nada. Mas prometo que vou ficar mais atenta. No momento, tenho coisas mais importantes que o João para me preocupar.

— Um certo moreno de olhos azuis muito sedutores? — Piscou Fabiola, inocente. Eu a fuzilei, mas minha amiga preferiu me ignorar, como sempre. — Nem vem com essa de me fazer esquecer o assunto. Estou cada dia mais convencida de que o Nicolas é o cara da simpatia. O seu cara! Pensa bem, Mel. Você fez a simpatia e aí o Nicolas começou a pipocar em tudo que é canto.

— O nome disso é carma. — Dei um muxoxo.

— Ou a simpatia funcionou — insistiu ela. — Só que a gente ainda não se deu conta porque você é teimosa feito uma porta e ainda não deu uma chance para o

amor verdadeiro.

Meu verdadeiro amor combinaria um fim de semana na cama de Paris?

Pressionei as têmporas, subitamente latejantes.

— Fabiola, eu já disse que isso não existe. E, mesmo se existisse, o Nicolas não é o meu cara. Me faça um favor: esqueça essa história.

— Concordo — André murmurou da porta, de braços cruzados. — Não é porque você se envolveu com a pessoa errada que tem que obrigar todo mundo a fazer o mesmo.

Ela se virou para fuzilá-lo com tanta rapidez que uma de suas ondas chicoteou meu olho.

— Eu te dei autorização para avaliar o que é certo ou errado pra mim, André?

— Empinou o nariz. — Porque eu não me lembro disso. Minha vida particular não é da sua conta. Se preocupe com o desastre que é a sua.

— Pelo menos eu não preciso me preocupar se vou chegar em casa e encontrar uma aranha dormindo no meu travesseiro.

— Tudo bem, já chega de confusão. — Bati as mãos no tampo da mesa com tanta força que as canetas pularam dentro do porta-lápis. — Temos muita coisa pra fazer hoje. Vou ter que sair mais cedo. A Alicia marcou um jantar de última hora, e eu estou com um pressentimento ruim. Depois vou acompanhar a Camila na primeira prova do vestido. Dá pra esse dia ficar pior?

Ainda meio fora de si, Fabiola decidiu descontar sua ira em mim.

— Não entendo esse seu mau-humor. — Jogou as mãos para cima. — Não dá pra ficar com uma cara melhorzinha depois de passar dois dias na praia com o Nicolas?

— Mas que saco, Fabiola! Para! Só para! Você não gosta que o André se meta na sua vida. Como acha que eu me sinto quando age assim comigo?

— Alguém tem que ter a coragem de te alertar, caso contrário você nunca vai parar de se esconder. Estou cansada de te ver se escondendo da vida usando o trabalho. Assume a liderança na Allure para fingir pra si mesma que tem controle sobre alguma coisa, mas você não tem. É ótima para decidir o que fazer em um momento de crise nos eventos. Mas, se a crise é na sua vida pessoal, ah, aí você paralisa, exatamente como aconteceu depois do acidente.

— Chega, Fabiola. — Fiquei de pé.

Ela pisava em terreno perigoso e sabia muito bem disso.

— Eu... vamos fazer um negócio aí... — Gabriela começou a se retirar, puxando André pelo braço. — Vem, André.

Clareando a garganta, Dênis se colocou na frente de Fabiola.

— Fabi, acho que você devia se acalmar um pouquinho antes que... — ele começou.

Ela o empurrou para o lado, irritada demais para notar que perdia a linha. Em vez de parar de me atormentar com assuntos com os quais eu não conseguia lidar, contornou a mesa e parou a poucos centímetros de mim, elevando o queixo para me enfrentar de igual para igual.

— Não posso parar, Mel — ela esbravejou, os olhos em chamas. — Não posso porque estou cansada de te ver fugindo de tudo. Você não tem mais vida desde que a sua mãe foi parar naquele CTI. Você nem sequer decidiu namorar o Fred, simplesmente aconteceu, igualzinho a todo o restante da sua vida. Só acontece.

— Fabiola... — Dênis tentou, envolvendo o braço em sua cintura para empurrá-la porta afora. — Vem tomar um ar.

— Não, Dênis. Ela precisa ouvir. — Ela se desprende dele e se virou para mim. — Você está fazendo a mesma coisa com o Nicolas. Nós duas sabemos que você está na dele, mas vai pensar demais, ficar com medo demais e acabar não fazendo nada. E daí se der errado? — Abriu os braços, impaciente. — E daí se você se ferrar? E se nada disso acontecer e você for feliz? Para de se esconder. Essa sua autopunição já foi muito longe.

— Você não sabe o que está dizendo — falei, firme, e ainda assim minha voz tremeu.

— Eu sei, sim, Mel. Eu estava do seu lado o tempo todo. Eu te vi se recolher em um canto, vi a culpa tomar conta de você e deixar esse trapo de mulher no lugar, que vive nos bastidores feito uma sombra e age como se não merecesse ser feliz por culpa do que aconteceu. Você nunca vai entender que não teve...

— Chega! — gritei, a visão turva. — Não quero falar sobre esse assunto. Você não tem o direito.

— Nem você tem o direito de se castigar por conta de um motorista bêbado! — Apontou o dedo para minha cara. — Precisa voltar a viver de verdade, não continuar com essa coisa que anda fazendo, de só respirar. Pare com toda essa merda de se esconder, e aí eu vou parar de me preocupar com você, droga!

Suas palavras reverberaram pela sala, seguidas de um silêncio moribundo. Meus olhos pinicavam. Imagino que ela tenha percebido o quanto me machucara, pois abriu a boca para dizer alguma coisa. Desistiu no último instante, porém, e saiu da sala pisando duro.

Pressionando os lábios fartos até se tornarem uma linha fina esbranquiçada, Dênis contornou a mesa para afagar meu ombro.

— Melzinha...

— Sim. Ah... — O véu difuso distorceu minha visão, meu amigo saindo de foco. — Eu preciso fazer algumas ligações agora.

— Mel... — começou, e eu me encolhi.

Suspirando, ele me deixou sozinha, tendo a delicadeza de fechar a porta depois de passar por ela. Desabei na cadeira, encarando meu reflexo na tela agora apagada do computador. Passei os braços ao redor do corpo, cerrando as pálpebras com força, incapaz de enfrentar a imagem. As palavras de Fabiola haviam provocado uma rachadura em meu escudo, e a agonia ameaçava se enrolar em minha garganta feito uma serpente. Tentei mais do que nunca compartimentar meus sentimentos, trancafiá-los numa caixinha e enterrá-los em um canto da alma, da mesma maneira que fizera tantas vezes nos últimos dois anos.

Mas falhei.



Parada na entrada do restaurante escolhido por Alicia, investiguei as mesas com o olhar, o coração prestes a sair pela boca. O lugar tinha um quê de filmes antigos da década de 1950, com sofás azuis, paredes de madeira avermelhada e um suntuoso pendente de cristais bem no centro do teto. Alguém com a estatura de Nicolas poderia se machucar. O aroma de molho de tomate fez meu estômago vazio revirar. A ideia de me encontrar com a família Cassani e a possibilidade de Nicolas estar presente eram tão agradáveis quanto tatuar a cara da minha chefe na bunda.

Ok, talvez ele não apareça, tentei ser positiva. Quem sabe Nicolas estivesse ocupado demais entre as coxas de Paris para se lembrar do jantar do primo...

Mas minha teoria caiu por terra ao avistar a cabeleira negra perto da ponta da mesa comprida. Vacilei, sugando uma enorme quantidade de ar. Minha primeira reação foi desejar correr para ele, me esconder na segurança de seu abraço e lhe contar da discussão com Fabiola, do medo de que ela pudesse estar certa sobre

tudo o que dissera. Aí me lembrei de que seus pensamentos provavelmente estariam ocupados com as coisas obscenas que pretendia fazer com Paris e eu quis enfiá-lo dentro da panela de molho.

Alguém falava com ele — Marcus —, mas seu olhar foi atraído para o ponto onde eu estava, como se tivesse um radar que acusasse minha exata localização. Ele escrutinou meus traços e, ao contrário das outras vezes em que nos encontramos, não sorriu. O azul se transformara em dois icebergs.

Endireitando os ombros, vesti uma expressão profissional — levemente alegre, porém atenta — e comecei a me espremer entre as mesas para me juntar à família. Nunca me senti tão tensa por encarar uma reunião antes, e, se levasse em conta que eu estava organizando o casamento do meu ex, era algo a ser considerado.

Marcus parecia totalmente relaxado implicando com Júlia. Seu Julius e Max riam, mas Mirna reprovava o marido e o filho mais velho com um abaixar de sobrancelhas, ao passo que Alicia parecia tensa. A noiva também arrastara (embora eu desconfiasse que fosse o contrário) sua amiga Mariana e o namorado dela, Breno.

Se Alicia precisava de tanta gente... viria chumbo grosso por aí. *Saco.*

Tentei ocultar meu nervosismo e cumprimentei todo mundo antes de procurar um lugar para me sentar. Fiz uma careta ao perceber que a única cadeira vaga era entre Júlia e Nicolas.

— Nicolas. — Puxei o menu para ter para onde olhar. — Pensei que não viesse.

— É o casamento do meu primo — comentou, seco, levando o chope à boca. — Eu te disse que era importante.

— Bom, você me disse muitas coisas. — Fechei o cardápio e o deixei no centro da mesa. — Nem todas verdadeiras... — Dei de ombros, examinando cada um dos rostos. — Amaya não vem? — perguntei à noiva, dando falta de uma das madrinhas.

— Não — explicou ela, apanhando a garrafa de vinho para servir uma taça. — Teve um problema na lavanderia da família.

— O Paulo foi socorrê-la — acrescentou Max, apanhando a taça que a noiva lhe entregou e se esticando o suficiente para me entregar a bebida.

— Obrigada, Max.

Mari beliscou um pãozinho na cesta ao centro da mesa e o mergulhou numa pasta rubra.

— Pelo menos o imprevisto não foi no dia do casamento — comentou ela. — Já é alguma coisa.

— Ou na véspera — Marcus resmungou, emburrado, brincando com a rolha

do vinho. — Tomara que ninguém estrague o casamento dessa vez.

— Marcus! — Mari corou. — Não foi isso que eu quis dizer.

— Ninguém estragou nada da primeira vez — contestou Max ao mesmo tempo, um diálogo silencioso se desenrolando entre ele e o irmão.

O Cassani mais jovem se virou para sua noiva assim que ela tocou seu ombro.

— Você vai mesmo querer entrar nesse assunto? Porque era eu quem trabalhava com a Samantha — interveio Júlia, séria.

— Eu sei, Pin. — Ele se encolheu, envolvendo os dedos de uma mão no apoio metálico do pneu da cadeira de rodas. — Desculpa. Não queria te fazer pensar nela agora.

— Então não pense mais nisso também.

— Exatamente — rebateu Max. — A Alicia e eu vamos casar no sábado e isso é tudo o que importa agora.

— É isso aí — concordou Alicia, mas franziu as delicadas sobrancelhas, a boca levemente separada.

Ah, não. Minhas noivas sempre tinham aquela expressão antes de me dizer que o zíper do vestido estourara, a madrinha estava bêbada ou que o padrinho pegara uma virose. Vinha chumbo grosso. Eu podia sentir.

Antes que eu pudesse perguntar qual era o problema, Breno, sentado de frente para mim, começou a rir.

— Ainda não consigo acreditar nisso. A Alicia era a última pessoa que eu imaginaria casada. Bom, ela e o Nick — gracejou.

O tom grave de Nicolas vibrou bem ao meu lado, provocando uma coceira em meu estômago.

— Tava demorando... — resmungou.

— Por que você diz isso, Breno? — Julius quis saber da ponta da mesa. — A Alicia é um encanto de menina.

— E o Nick um rapaz maravilhoso — ajudou Mirna, admirando o sobrinho com carinho. — Vai ser um bom marido um dia.

— Se a poligamia passar a ser aceita pela socie... ai, Marcus! — Breno gemeu quando a rolha acertou sua pálpebra esquerda.

— As pessoas *mudam* — frisou Marcus por entre um sorriso congelado.

— Não precisava me cegar para dizer isso. — Breno esfregou o olho lacrimejante. — Eu só quis dizer que seria preciso um novo Big Bang para que o Nick se torne monogâmico.

Pela visão periférica, vi Nicolas tomar um bom gole de chope antes de abrir um daqueles seus sorrisos desafortados.

— Eu não sabia que a minha vida particular seria o assunto principal desta reunião — alfinetou. — Mas fiquem à vontade. Finjam que eu não estou aqui.

— Material é que não falta — murmurei, carrancuda, retirando da bolsa a pasta do projeto do casamento de Alicia e Max. Era melhor acabar logo com aquilo ou eu iria me atrasar para a prova do vestido de Camila.

Virando-se na cadeira, Nicolas preencheu todo meu campo de visão.

— Pode explicar o que quer dizer com isso? — exigiu, com uma expressão enganosamente confusa.

Eu me concentrei em amontoar o contrato de Alicia, batendo os papéis na mesa para alinhá-los com mais força do que o necessário.

— Lamento, mas estou aqui a trabalho, não para entreter você. Aquela garota parece interessada, de qualquer forma. — Apontei com o nariz para a bela mulher de cabelo crespo e boca carnuda duas mesas adiante, que o comia com os olhos.

Ele não mordeu a isca, ocupado demais em me encarar de cara feia. Ignorando-o o melhor que pude, me virei para o restante da mesa, percebendo com muito atraso que era observada.

Um pouco sem graça, querendo aparentar algum controle, sorri para Alicia.

— Acho que nós podemos falar sobre casamentos futuros em outro momento. Vou adorar ajudar. — *Exceto o de Nicolas. O dele, não.* — Precisamos repassar o que cada um vai fazer. É importante que vocês cheguem cedo na igreja. E sóbrios — não resisti.

E me arrependi quase no mesmo instante. Nicolas me contara que aparecera bêbado porque foi o único jeito que encontrou de enfrentar a ausência do pai num importante evento familiar. Ainda que eu quisesse distância dele, não queria tocar em assuntos que o ferissem.

Estava pronta para lhe pedir desculpas, mas ele se antecipou, erguendo as sobrancelhas de um jeito cômico para o tio.

— Acho que a indireta é pra você, tio Julius.

— Ah, meu Deus! — Mirna espalmou o centro do peito, rindo. — Isso é algo que o seu pai diria, querido.

— Sim — concordou seu Julius, rindo em meio a uma careta. — Falar com você é muito semelhante às conversas que eu tinha com o meu irmão. É um inferno... Eu não podia ser mais grato.

Nicolas deu um curto sorriso, e tratei de me concentrar na papelada e não no rebuliço em meu estômago.

— Ei — chamou Alicia, atraindo a atenção de todos. — Eu queria dizer uma coisa. O motivo pelo qual eu marquei este jantar. — Umedeceu os lábios, tensa. Max apertou seus dedos, assentindo uma vez. Inspirando fundo, ela observou cada um dos presentes antes de soltar: — Eu mudei de ideia.

— Ah, cacete... — Nicolas silvou baixinho.

— O quê?! — Marcus empalideceu, por pouco não derrubando chope na calça. — Você vai abandonar o meu irmão às vésperas do casamento?

— Maximus, o que você aprontou? — a voz de seu Julius se elevou.

— Nada. — Max mirou o imenso lustre, suspirando. — Se vocês esperarem a Alicia terminar...

— Minha querida! — Mirna tocou o braço da noiva. — Tenho certeza de que é só uma desavença. Vocês vão superar.

— Por que você não me contou, Lili? — Mariana se inclinou sobre a mesa para encarar a amiga, magoada. — Eu comprei um vestido tão lindo e nem vou usar?

— Pessoal, acho melhor a Alicia terminar — arrisquei.

Ninguém pareceu me ouvir.

— Vocês não podem se separar agora — prosseguiu Marcus, manobrando ligeiramente a cadeira para encarar o irmão. — São como queijo e macarronada. Não faz sentido um sem o outro.

— Na verdade, queijo faz sentido com muita coisa. Goiabada, pizza... — ponderou Breno, e eu juro que, se pudesse, Marcus teria se levantado da cadeira de rodas e desferido um soco em seu nariz.

Aquilo estava saindo de controle rápido demais.

— Pessoal! — tentei de novo. — Vamos nos acalmar.

Júlia se inclinou na cadeira, os olhos sorrindo para mim por trás dos óculos.

— É inútil, Melissa. Eles não vão te ouvir. Nunca ouvem ninguém. É quase uma tradição da família. Espere que a surdez seletiva passe e aí diga o que precisa. — Deu de ombros. — É o que eu costumo fazer.

— Surdez seletiva? — Achei graça.

— Você entende bem do assunto... — Nicolas resmungou do outro lado, girando o descanso de papelão do copo por entre os dedos. — Não costuma ouvir o que as pessoas dizem. E, se ouve, distorce tudo.

Dei a ele meu sorriso mais luminoso.

— Me desculpe, pode repetir? Não escutei o que você disse.

— Não, não ouviu. — Seu olhar faiscou de um jeito perigoso. — Nem uma única palavra.

— Se está se referindo ao pequeno espetáculo que fez na praia, eu preciso te dizer que ouvi, sim. E tenho que parabenizá-lo. Você é ótimo atuando, Nicolas. Quase me fez acreditar em toda aquela bobagem que você usa indiscriminadamente pra seduzir as pessoas. Deve estar bastante frustrado por não ter funcionado comigo, né?

Ele arremessou a bolacha de papel de volta à mesa, cruzando os braços.

— Frustrado não é exatamente a palavra, Melissa.

— Tem razão. — Assenti com vigor. — Canalha cai muito melhor em você. A coitada da Paris sabe onde está se metendo ou você não contou as regras pra ela, que nem tentou fazer comigo?

Seus ombros se endureceram.

— O *quê*? — inquiriu, revoltado. — O que a Paris tem a ver com qualquer coisa?

E ali estava ele de novo, atuando. Nicolas era realmente bom em dissimular. Quase chegou a me convencer de que não tinha ideia do que eu estava falando. *Cretino*.

Um pouco tarde demais, percebi que ninguém mais falava, e oito pares de olhos interessados acompanhavam minha interação com Nicolas. Fiquei vermelha.

— Hã... acho que... você poderia explicar melhor o que quis dizer, Alicia — falei, sem graça.

Ela fez que sim uma vez.

— O Max e eu marcamos este jantar porque queríamos explicar que nós mudamos de ideia quanto a casar na igreja. Eu quero que a cerimônia aconteça na mansão do vô Narciso.

Nicolas ainda estava atento a cada respiração minha, me perturbando o juízo, por isso levei um segundo a mais para entender o que minha noiva acabava de dizer. Apenas continuei admirando a herdeira de Narciso Moraes de Bragança e Lima, à espera de que ela terminasse a piada.

Porque só podia ser uma brincadeira. Alicia tinha escolhido a capela charmosa onde seus pais haviam se casado mais de duas décadas antes. A decoração da igreja, a festa que aconteceria no salão do Paradise depois, cada mínimo detalhe planejado para aqueles cenários. Três planos de contenção foram cuidadosamente elaborados em cima daquele prospecto. Sem mencionar o trabalho terceirizado do bufê, o aluguel do equipamento de iluminação, a equipe de apoio, os convites enviados havia mais de um mês. Ela não tinha dito que queria alterar tudo isso para o casamento, que aconteceria no domingo. Só podia ter algo muito errado com meus ouvidos.

Mas, a julgar pela culpa nos imensos olhos azuis de Alicia, minha audição ia muito bem, obrigada.

Comecei a transpirar. *Ah, cacete...*

— Quero me casar na mansão onde o vovô me criou — repetiu.

E não pensou em me dizer isso antes, digamos, quando perguntei onde queria se casar?!

— Isso pode ser um problema? — Max se adiantou, ao notar meu horror.

Um problema tão grande que eu realmente preferiria não ter que enfrentar.

— Eu quero que seja na mansão, Mel — insistiu ela, comovida. — Na igreja, em vez de pensar nos meus pais, vou lembrar de tudo o que o Marcus passou e... não dá.

Abraçando-a pelos ombros, Max a puxou para seu peito, a mandíbula retesada. Dona Mirna se concentrou no prato vazio, recebendo palmadinhas consoladoras do marido, mas ele também tinha dificuldade em engolir.

Júlia afundou os dedos no guardanapo, parecendo controlar suas emoções com muita dificuldade. Marcus a envolveu nos braços, sussurrando alguma coisa ao pé da orelha.

Nicolas esfregou o polegar sobre uma mancha imaginária na toalha, os ombros curvados. Até Mari e Breno ficaram mexidos com a lembrança.

É, eu estava acompanhando o drama da família. Eu mesma preferia evitar passar diante daquela igreja, se pudesse. Mas o que Alicia me pedia era impossível. Nem com um milagre eu conseguiria providenciar um casamento decente, livre de imprevistos, com apenas quatro dias restantes.

— Alicia — pigarreei. — Não é tão simples. Uma mudança dessas, tão em cima da hora... Muita coisa pode dar errado.

— Não ligo. Eu não tô preocupada com a festa.

Max beijou sua testa, algo intenso e doce rolando naquela troca de olhares. Então o noivo dirigiu sua atenção a mim.

— Só queremos sacramentar a nossa união; o resto não importa. É possível, Melissa? Podemos transferir o casamento para a mansão?

A atenção da mesa toda se voltou em minha direção. A de Nicolas era a mais perturbadora, porque, pela primeira vez desde a praia, não vislumbrei amargura em seu semblante.

Quatro dias para alterar todo o projeto que levava meses para ser concebido? Eu nem teria tempo de formular um esboço precário. Teríamos de improvisar. Uma cerimônia para poucos convidados não necessariamente é mais simples. As chances de que alguma coisa — ou muitas — desse errado não se resumiam apenas a uma probabilidade, mas a uma questão de “o quê” e “de que jeito”.

Esfreguei a testa, me perguntando se estava tudo bem começar a chorar... Noventa e seis horas para colocar em prática um casamento sem nenhum plano de contingência. Sem um plano principal! Eu devia estar louca por ao menos *cogitar* tamanha maluquice.

Entretanto, os olhos da noiva, grandes e brilhantes demais, imploravam em silêncio para que eu concordasse. Meu coração se apertou. Seu Narciso era importante para ela. Eu soube disso desde a primeira vez que falei com Alicia, e ela me contara que por muito tempo foram apenas eles dois. Agora que estava sozinha no mundo, tudo o que restava do pai-avô eram lembranças e a saudade

que transparecia em seu olhar.

Cerrei as pálpebras e sacudi a cabeça, ciente de que iria me arrepender da decisão antes mesmo de pronunciá-la.

— Ok, Alicia. — Suspirei, vencida. — Vamos trazer seu avô para o casamento.

Ela gritou, abraçando o noivo, enquanto eu virava a taça de vinho, até então intocada.

Se eu pensei por um momento que a discussão de antes podia ser classificada como acalorada, era porque não conhecia muito bem os Cassani. Eles começaram a falar ao mesmo tempo, sugerindo coisas que eu tinha dificuldade em anotar.

Levei um tempo para perceber que Nicolas era o único que não falava. Ele me observava meio de lado na cadeira, o olhar sombreado por uma emoção difícil de decifrar.

— O quê? — inquiri, um pouco ríspida.

— Foi isso o que aconteceu no sábado. Por algum motivo você acha que eu estou interessado na Paris, a garota que você me deixou de babá porque teve medo de enfrentar aquele beijo na cama. Você pensou que eu estivesse brincando com você.

— Eu aprendi da maneira mais difícil a identificar quando alguém quer me enganar.

Um músculo em seu maxilar saltou.

— Não, acho que você não aprendeu nada — resmungou, me surpreendendo ao se levantar e olhar para os noivos. — Eu topo, seja lá o que vocês decidirem. Me atualizem depois sobre o que eu tenho que fazer.

— Você já vai? — Marcus pareceu surpreso. — Nick, espera. A gente ainda nem pediu a comida.

— Não vai dar, Marcus. — Batendo no ombro dele ao passar, depois no do noivo, Nicolas saiu do restaurante, empurrando a porta com força o bastante para fazê-la estremecer nas dobradiças.

Que grande idiota, pensei, anotando tudo o que estava sendo debatido. Abandonar os preparativos do casamento do primo para se enfiar na cama de uma garota. Mas o que eu poderia esperar de alguém que saía por aí dizendo para as pessoas que ele as queria com tanto desespero que às vezes pensava que enlouqueceria, para em seguida combinar um encontro com outra?

Max ergueu a mão, conseguindo certo espaço.

— Acho que, se todo mundo ajudar, vamos conseguir facilitar as coisas para a Allure. Talvez o Nick possa informar os convidados sobre a mudança de local.

— Se ele conseguir resolver seus problemas. — Alicia contemplou a cadeira

agora vazia. — Alguém sabe o que está acontecendo com ele?

— Não, mas aposto que tem mulher na jogada. — Mari puxou o menu e começou a examinar os pratos.

Breno gargalhou de um jeito que me fez pensar em um urso.

— Essa deve ser a piada do ano, Mari. O Nick de coração partido?

— Desculpa, Breno — interferiu Júlia, empurrando os óculos para cima. — Mas acho que a Mari pode estar certa. Bem que eu tentei arrancar alguma coisa do Marcus, mas ele se nega a confirmar minha teoria.

— Porque é assunto dele. — Marcus fez o copo de chope vazio dançar sobre a toalha. — É melhor deixar o cara.

Minha caneta congelou sobre o papel.

— Que teoria? — eu me ouvi indagar. E me odiei por isso.

— De que ele está apaixonado — declarou Júlia ao mesmo tempo que Marcus grunhiu. — Ele não consegue ouvir metade do que a gente diz, anda num mau humor que não tem nada a ver com ele, e sempre responde “nada” quando alguém pergunta o que anda acontecendo.

— Pode ser problema no trabalho, coitadinho — Mirna interveio, preocupada. — A Marta me disse na semana passada que ele anda sob muita pressão na empresa.

— Não sei se o Nicolas ia dividir esse tipo de assunto com a mãe — ponderou Max. — Mas sua teoria faz sentido, Júlia. Ele não tem saído. Passou o domingo todo com o Marcus.

— E ontem à noite — ajudou Júlia.

— Depois de ter sumido o fim de semana todo... — Breno pensou alto, me encarando desconfiado. — Vocês estavam discutindo alguma coisa sobre o fim de semana agora há pouco, não estavam?

— Ah... hã... O Nicolas... me ajudou num evento. — Esfreguei o nariz, sem graça.

— Aaaaaah! — Júlia pressionou os lábios, e mesmo assim eles sorriram.

— É mesmo? — Alicia me avaliou com curiosidade.

Já seu noivo arqueou uma sobrancelha, surpreso. A expressão dos demais era semelhante, exceto por Marcus, que se esticou para apanhar o cardápio que Mariana abandonara sobre o tampo a fim de me encarar, boquiaberta.

— Acho que a gente devia pedir a comida em vez de especular sobre a vida do Nick — resmungou o caçula dos Cassani, meio corado.

Concordando com ele, mirei minhas anotações sem realmente ver nada. Eles tinham entendido tudo errado. Não havia nada entre mim e Nicolas. Se ele realmente tivesse sentimentos por mim, por que dera seu número para Paris? É claro que eles estavam equivocados.

Desisti de tentar desvendar as ações de Nicolas e me concentrei em todas as mudanças que seriam necessárias para o casamento de Alicia acontecer em apenas quatro dias. Era nisso que eu tinha que focar. Por meio minuto, quase consegui.

Massageei as têmporas latejantes ao entrar no ateliê de Irina, e me perguntei se as outras pessoas também sentiam uma vontade louca de jogar tudo para o alto e ir vender miçangas na praia de vez em quando.

Aquele dia não ia ter fim?

Acompanhar Camila à prova do vestido me fazia encolher por dentro. Não por medo de Fred aparecer — ele não seria tão idiota a esse ponto. Eu sei que já tinha beijado Fred milhares de vezes, mas no fim de semana fora diferente. Eu não queria beijá-lo. Eu me sentia violada, exposta e muito culpada. Na casa de

sua noiva, no dia do noivado, um beijo forçado era mais do que eu podia suportar.

Eu queria ir para casa, me trancar no quarto e cair na cama abraçada a Loki, fingindo que o restante do mundo não existia. Em vez disso, ali estava eu, mostrando uma empolgação que não sentia ao me encontrar com Camila. E Paris. Nicolas não tinha saído correndo do restaurante para encontrá-la?

Então por que ele deixara o jantar com a família como se suas calças estivessem em chamas?

Cumprimentei as garotas com uma empolgação forçada. Irina, uma mulher de quase quarenta com um incrível cabelo cor-de-rosa, levou Camila para o provador, de modo que fiquei sozinha com Paris, vendo a assistente da estilista apoiar a bandeja na mesinha entre os dois sofás e servir o vinho em duas taças. Paris aceitou. Eu apenas fiz que não com a cabeça.

— *Argh!* — resmungou Paris depois de provar a bebida. — Pelo que a Irina cobra pelos vestidos, pelo menos podia servir às clientes um champanhe francês decente, não esse fricante medíocre. — Sorveu o restante do vinho.

Eu apenas sorri sem graça para a assistente da estilista.

— A Camila parecia ansiosa com a prova. — Tentei mudar o rumo da conversa.

E imediatamente me arrependi.

— E quem não estaria? Ela não para de engordar. — Abanou a mão que segurava a taça vazia e me avaliou por um instante. — E aí, como vai o seu lance com o Cassani?

— Não vai. Não estamos juntos.

Sua cara se iluminou mais que a própria Torre Eiffel.

— Ah, ótimo! Quer dizer que está tudo bem se eu ligar pra ele, né? Consegui o telefone dele com a Camila. Pretendo convidá-lo para sair neste fim de semana.

Eu apenas pisquei. O que ela tinha acabado de dizer?

— Ele... não foi o Nicolas que te deu o número?

Curvando-se para a mesinha, ela tornou a encher sua taça.

— Acho que ficou meio sem jeito, com você lá. — Suspirou, sonhadora. — Ele é realmente um gentleman, não é? Eu nem sabia que ainda existiam caras assim por aí, senão já teria ido atrás.

Então... então Nicolas não estava interessado em Paris?

“Eu te quero, Mel. Com tanto desespero que às vezes penso que vou enlouquecer.”

Ah, merda.

Quer dizer, uma parte minha queria se pendurar no lustre de cristais de tanta

euforia ao constatar que ele não estivera brincando comigo. A outra metade só desejava me afogar no balde de gelo. Eu tinha feito de novo. Por medo de me machucar, acabara tirando conclusões erradas e afastando Nicolas. Foi por isso que ele abandonou o jantar da família? Eu o acusara de estar com Paris... Depois de ele ter aberto o jogo comigo na praia.

Ah, meu Deus!

Eu tinha que falar com ele. Tinha que me desculpar e... e ver o que aconteceria depois. Ansiosa, receosa e tantos outros adjetivos que eu mal conseguia respirar, eu me levantei, equilibrando a bolsa no ombro, pronta para dar no pé. A porta do provador se abriu antes que eu me movesse, e a estilista flutuou pelo tapete naquele vestido feito de tiras de seda colorida.

— Muito bem, ela está pronta! — anunciou Irina. — Aqui vem minha mais bela criação!

Paris também se levantou para assistir à amiga atravessar o vão da porta espelhada dentro do vestido salpicado de cristais desde a barra até a cintura e parte do corpete.

— O que acham? — Camila enrolou o dedo em uma das ondas que lhe caía nos ombros.

— Milaaaa! — arfou Paris, abanando o rosto. — Ai, meu Deus do céu! Você é a deusa Swarovski!

— Eu sei. Está demais? — Ela espalmou a barriga, insegura. — A barriga ficou mais evidente, né?

— Que nada. Você está incrível! Eu nunca vi nada tão lindo!

Um pequeno sorriso curvou sua boca cheia, o olhar ansioso me procurando, em busca de aprovação. Ela não entendia que eu não podia avaliar nada naquele momento? Que só queria ir atrás de Nicolas?

— É o vestido perfeito pra você, Camila — falei, com sinceridade. — Digno de uma princesa.

— Foi nisso que me inspirei — contou Irina, embevecida com sua criação. — É a minha obra de arte. O que você vai usar no cabelo?

— Ah, não! — Camila tocou as bochechas. — Deixei no carro. Pode pegar para mim, Paris?

Prestativa, a estilista acompanhou Paris até a porta. Camila deu alguns rodopios em frente ao espelho, experimentou se balançar de um lado para o outro e então suspirou. Não aquele tipo de suspiro de alguém em um vestido feito de estrelas. Era parecido com os que eu deixava escapar sempre que Sônia me chamava na sala dela.

— O que foi, Camila? Não gostou de alguma coisa?

— Eu adorei. É perfeito. Eu só... — Abriu os braços, caindo no sofá. A

armação da saia se eriçou. — Mel, posso confiar em você?

O “claro” voou para a ponta da língua. Mas graças a Fred eu não podia realmente dizer isso a ela, não é?

A fim de ganhar tempo, me ocupei em servir uma taça de vinho. No entanto, Camila interpretou meu silêncio de outra maneira.

— Ainda não divulguei para a imprensa, mas eu decidi me afastar da Brasitecno por uns tempos — contou, com um sorriso melancólico. — Esse mês vai ser meu último como vice-presidente.

Mas ela não parecia resolvida a nada. Haviam resolvido por ela.

— Tem certeza de que é isso mesmo que você quer? — perguntei, delicadamente. — Você não parece feliz com a ideia.

— O bebê vai precisar de mim. — Ela acariciou a quase imperceptível protuberância em seu ventre. O diamante em seu dedo se misturou aos cristais do vestido. — Quero cuidar dele. Mas eu não sei se estou pronta.

— Camila, nenhuma mulher está pronta para ser mãe, mesmo se pensa o contrário. É o que as minhas noivas dizem. E as mães das noivas. Você vai ser uma mãe maravilhosa.

— Vou?

O assunto já estava para lá de desconfortável e tudo o que eu queria era que Paris voltasse logo com a porcaria da presilha.

— Claro que sim. Você é cuidadosa, responsável e tem um coração imenso. Essa criança tem muita sorte de ter você.

Piscando rápido, ela me surpreendeu ao atirar os braços ao redor do meu pescoço, me sufocando.

— Sabe qual é a melhor parte desse casamento, Mel? Foi ter conhecido você. Não esperava encontrar uma amiga. Mas eu encontrei.

Eu também a segurei mais firme. Teríamos sido grandes amigas se Fred não tivesse estragado tudo.

Dando risada, ela se afastou e deu algumas batidinhas sob os olhos molhados.

— Desculpe, Mel. A proximidade do casamento anda me deixando muito emotiva. Nem acredito que faltam só três semanas!

Eu a admirei por um minuto inteiro, tão frágil, tão inocente, e não consegui mais. Não consegui mais enganá-la.

— Camila, eu preciso te contar uma história.

O quê? O que você está fazendo?!

— Está bem. — Ela piscou, atenta.

Pare. Pare agora. Só vai magoar a nós duas, comandeí a mim mesma. Mas a verdade subiu para a garganta e eu não consegui retê-la. Já bastava de meias verdades.

— É sobre esse cara. — Mantive a atenção no pespontado do couro do sofá, acompanhando as linhas duplas com a pontinha do indicador. — Nós nos conhecemos numa livraria e começamos a sair dias depois.

— Está falando do Nicolas? — indagou, meio confusa.

— Eu o conheci antes do Nicolas. Ficamos juntos por um ano. Alguns meses atrás, uma amiga o viu comprando um anel de noivado e eu entrei em pânico.

— Por quê?

— Estou focada na minha carreira. Além disso, a taxa de divórcio é mais alta que o PIB de alguns países. — Abanei a cabeça, rindo sem qualquer humor. — Esse não é o ponto. O caso é que eu pensei que ele tinha comprado o anel para mim.

— E não era?!

Traguei saliva, fingindo examinar as bolhas que subiam pela minha taça, esquecida ao lado do balde de gelo.

— Não. Ele tinha uma namorada fazia muitos anos, e eu nunca soube de nada. Fui sua amante sem nem saber disso.

— Não! — Ela ficou de pé com um salto, tomada pela indignação, como qualquer amiga leal reagiria. Isso me matou um pouco. — Por que os homens agem como se nós fôssemos uma mercadoria a ser... Opa! — Sem equilíbrio, começou a tombar para o lado. Eu a amparei antes que caísse sobre a mesinha.

Ela ergueu o rosto mais pálido que a renda que lhe cobria o corpo e se esforçou para sorrir.

— Eu acho que me levantei rápido demais. — Mas sua mão voou para o ventre.

Passei seu braço sobre meus ombros, bastante preocupada com o tom azulado de seus lábios.

— É melhor ficar sentada. Vou pegar um pouco de água. — Comecei a conduzi-la de volta ao sofá, mas nós duas paramos petrificadas ao avistar a mancha vermelha no couro branco.

Eu me virei para o espelho, avistando a imensa e agourenta mancha rubra na saia da noiva. Camila também a notou.

— Ah... meu... Deus...

— Mila! — gritou Paris da entrada da sala, a tiara de diamantes escorregando por entre seus dedos e caindo com um baque abafado pelo carpete, antes de se lançar para acudir a amiga.

Eu ajudei a noiva a chegar ao sofá, cobrindo a mancha vermelha com o balde para que ela não tivesse que olhar para todo aquele sangue, e me agachei em meio aos cristais para segurar sua mão fria.

— Camila, me escuta — pedi, no tom mais calmo que consegui manejar. —

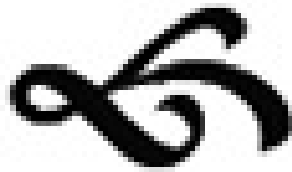
Vamos te ajudar a sair desse vestido, aí vamos para o hospital e tudo vai ficar bem. Quem é o obstetra que está te acompanhando?

— Eu tenho o número! — disse Paris, revirando a bolsa em busca do celular.

Com a ajuda de Irina, comecei a trabalhar nos botões nas costas do belo vestido arruinado, o coração apertado de angústia conforme um soluço doloroso ecoava pelo recinto.

— Vai dar tudo certo — repeti. — Você vai ver.

Camila tornou a concordar com a cabeça, fazendo um esforço hercúleo para manter o choro sob controle, e eu corri para o provador para apanhar suas coisas, o coração aos pulos, rezando para que eu não tivesse acabado de dizer mais uma mentira a ela.



Eu subia as escadas do prédio, me concentrando no tremular da lâmpada fluorescente, ignorando o que acontecia em meu estômago.

Meu Deus, que pesadelo. Camila tinha tido um descolamento ovular. Comecei a transpirar enquanto o médico nos explicara a mecânica, e não tenho certeza se compreendera tudo. A parte em que ele afirmara existir risco de aborto, essa eu tinha compreendido. Camila precisava de repouso, nenhum estresse e rezar para que os remédios fizessem sua parte. Isso era tudo.

O medo de que ela pudesse ter entendido minha história e se exaltado, levando àquele resultado, me apavorava. O pensamento ainda assombrava minhas ideias quando encaixei a chave na porta e entrei em casa, me sentindo tão velha quanto o próprio mundo. Apenas Loki apareceu para me receber, ainda que Nicolas estivesse em casa, constatei, ao passar pelo seu quarto e vislumbrar a luz amarelada pela fresta sob a porta. Eu teria dado tudo o que tinha na vida para

bater naquela porta e apenas ouvir sua voz, sentir seu cheiro, me deixar distrair por ele.

Mas havia tanto a ser explicado... e não me restavam forças para suportar uma nova onda de culpa, de modo que, depois de cuidar de Loki e tomar um banho para me livrar do cheiro de hospital, fui para a cama, a mente pulando de um problema para o outro — Nicolas, Fabiola, a mudança de local do casamento de Alicia, Camila.

Sem pensar no que fazia, passei a mão no telefone.

— Melissa! Está no trabalho, meu amor? — perguntou minha mãe. Ao fundo, ouvi o farfalhar de um livro sendo fechado misturado ao ronco do meu pai.

— Não. Já estou em casa. Te acordei?

— Não, querida. Eu estou lendo um livro sobre... sobre... Nossa! Não lembro de ter começado esse. Como isso é possível?

Quase pude ouvir seu cérebro zunindo em busca de uma explicação para o título que ela não se recordava de ter escolhido ao ir para a cama.

— Talvez esteja distraída. — Eu me deitei, enrolando os dedos na ponta do travesseiro e me odiando por mentir para ela. — Acontece com todo mundo.

— É... talvez seja isso mesmo. Não fui para o trabalho hoje. A escola aproveitou o recesso para dedetizar as salas...

Ela continuou me falando as mesmas coisas que contava todos os dias nos últimos dois anos, e eu só ouvi, lutando para não cair no choro e ao mesmo tempo sentindo um alívio tão grande por ainda poder ouvi-la que era quase dor.

Assim que desliguei, Loki pulou sobre o colchão para se acomodar no travesseiro. Apaguei a luz para não incomodá-lo e me abracei a ele, os olhos ainda abertos, perdidos na escuridão. Pensei que teria outra noite insone, mas devo ter adormecido em algum momento, pois a próxima coisa de que me lembro é de me perder em uma agonia tão aguda que não conseguia respirar, o coração prestes a saltar pela boca, lágrimas gordas descendo pela bochecha, a garganta ardendo pelos gritos desesperados enquanto as imagens de metal retorcido, sangue e luzes vermelhas piscavam atrás das minhas retinas.

— Mel! Mel, acorda! — Fui sacudida.

Ergui as pálpebras, vasculhando o quarto à procura da minha mãe. Tudo o que encontrei foi a cara preocupada de Nicolas.

— Você está segura. Está em segurança. — Seus dedos se contraíram em meus ombros. — Está tudo bem.

Agitei a cabeça ferozmente antes de me atirar sobre ele, agarrando-o desesperada pelo pescoço; um bote salva-vidas em meio a um mar turbulento. Lágrimas desciam pelo meu rosto sem que eu pudesse impedi-las, a dor e o medo esmagando meu peito, como se ainda estivesse presa entre as ferragens.

— Foi só um pesadelo — sussurrou em meu ouvido, acariciando minhas costas ao mesmo tempo que me mantinha pressionada contra o peito. — Não está acontecendo agora. Você está em casa, está segura. — Beijou meu cabelo e continuou a traçar círculos lentos em minha coluna.

Escondi o rosto na curva de seu pescoço e continuei a chorar. Se ele se incomodou por eu estar empapando sua camiseta, não deu mostras e continuou me abraçando enquanto eu liberava o peso de meu coração em soluços convolutos.

Precisei de muito tempo para conseguir me recompor, e, mesmo depois que parei de tremer e os soluços se transformaram em lágrimas silenciosas, seus braços continuaram a me envelopar, seguros. Em meio à agonia, me lembrei de que havia agido tão errado com ele, e ainda assim ali estava Nicolas, me consolando, murmurando palavras carinhosas em meu ouvido, o que só me deixou pior.

Secando as faces com as costas das mãos, me desprendi dele, a vista nos lençóis amarfanhados.

— Desculpa, Nicolas. — Funguei. — Não queria te acordar de novo.

— Não se preocupe com isso. Eu só... me parte o coração te ver desse jeito, Mel.

Por entre os cílios molhados, vi sua mão se mover em direção ao meu cabelo. Mas ela congelou a centímetros do meu rosto, à medida que seus olhos se arregalavam.

— Você estava com ela! — Engoliu com dificuldade. — No dia do acidente. Você estava com a sua mãe.

Eu queria dizer a ele que aquele assunto era particular, que eu não queria sequer lembrar, muito menos falar a respeito. Ao menos era o que eu dizia a mim mesma. Em vez disso, sufocada pelas palavras que lutavam para se libertar, não fui forte o bastante para contê-las.

— Estava — respondi. — Era eu que estava dirigindo. Eu bati o carro e deixei minha mãe daquele jeito. Fui eu, Nicolas.

Junto com as palavras, as lembranças também escaparam, me arrastando de volta para o pior dia da minha vida.

— Querida, você está parecendo um zumbi! — papai diz na calçada em frente ao prédio da agência.

— Sérgio, não seja implicante. — Mamãe olha feio para ele. Mas me analisa com mais atenção. — Você realmente parece cansadinha. Quando foi a última vez que teve uma noite inteira de sono?

— Foi... aaaaaah... — Antes de Fabiola começar a sair com o tal de David. Os dois estão na fase “transar a qualquer hora, em qualquer lugar”. Paredes finas estúpidas! — Não lembro. Mas vou ter folga na segunda. O que vocês

fizeram hoje?

— Bem, não muita coisa. — Mamãe enlaça o braço no meu e começa a me conduzir pela calçada. — Hoje é Dia dos Professores. Deveríamos ter conselho de classe, mas a diretoria resolveu aproveitar a janela para dedetizar o prédio. Estamos com uma infestação horrível de formigas. Aproveitei a folga para fazer uma limpa no jardim, pela manhã. Depois o seu pai e eu fomos até o shopping. Ele queria comprar uma furadeira nova, mas não gostou dos preços.

— Aí, como estávamos aqui perto... — os lábios de meu pai se esticam sob o bigode escuro —, resolvemos dar uma passada e perguntar se você tem tempo para nos acompanhar em uma pizza.

— Eu preciso estar no salão de festas daqui a duas horas. Mas acho que dá tempo.

Meu pai cutuca minha mãe com o cotovelo.

— Não falei? Filha minha nunca recusaria pizza. — Então, se volta para mim. — Pensamos naquela pizzeria que você adora desde criança.

— Ah, pai, seria um sonho. Mas ela fica do outro lado da cidade. Conheço um lugar bacana no caminho do salão. Deve estar pouco movimentado a esta hora, e eu teria um pouco mais de tempo com vocês.

Meu pai sorri e indica o carro no final do quarteirão, atirando as chaves para mim.

Fico um pouco nervosa ao dar a partida e ajeitar os retrovisores. Estou habituada a conduzir a van da agência, muito mais robusta e alta que o velho Corolla do meu pai.

— A tia Mirian ligou — me conta mamãe, empoleirada entre os bancos dianteiros. — Ela está pensando em passar uns dias em Buenos Aires, na semana do Natal. Nos convidou para ir com ela.

— Ótimo. Vocês nunca saem. Muito menos tiram férias. Coloca o cinto, mãe.

Ela revira os olhos enquanto meu pai ri ao meu lado. Mas ela faz o que eu pedi, se acomodando meio de lado para poder me ver pelo espelho.

— A questão — continua — é que ela não convidou apenas a mim e ao seu pai. A gente não viaja em família faz tanto tempo, Mel...

Solto um suspiro.

— Mãe, você sabe que eu não posso. A semana antes do Natal vira uma loucura de formaturas, casamentos, festas de empresa. Não dá pra mim.

— Nem por uns dois dias? — Papai mantém a atenção na avenida expressa. — Você vai mesmo me deixar sozinho com sua tia?

Dou risada. Papai e tia Mirian nunca se entenderam. Acho que tem a ver com ele ter quebrado um anão de jardim no primeiro almoço de Páscoa como marido da mamãe.

— Desculpa, pai. Não vai dar mesmo.

Ele estala a língua.

— Não existe álcool suficiente no mundo para que eu possa sobreviver a uma semana com a Mirian.

Mamãe ri baixinho.

— Ah, não seja tão duro com a minha irmã. A Mirian não implica com você por mal. Ela age assim com todo mundo. Não pode evitar. E ela não te atormentaria se você se esforçasse para se entender com ela. A coitadinha até fez o pudim que você gosta na última vez que a visitamos.

— Você não diria isso se tivesse provado o doce — rebate ele. — O que ela colocou nele? Papelão?

Os dois continuam discutindo, e eu sorrio. Assim são Sérgio e Olivia desde que consigo me lembrar. Qualquer assunto leva a um debate, para dali a poucos minutos alguém flagrá-los aos beijos, escondidos em algum canto da casa.

O sol de fim de tarde transformou o para-brisa do carro em um arco-íris quente, cintilando pequeninas estrelas dançarinas no painel. O vento que entra pela janela agita meu cabelo, preenchendo a cabine com os muitos aromas da cidade. Eu teria sorrido ao sentir o vento em meu rosto. Adoro a sensação, mas não dessa vez. Ainda que buzinas, motores e gritos espiralem pela rua, há uma quietude no ar. Não uma quietude pacífica. É mais como se o planeta estivesse prendendo o fôlego.

Eu estou.

— Meu Deus! — meu pai ofega.

Olho para o lado e me deparo com a grade de um caminhão a poucos centímetros do nosso carro, entrando em um dos acessos da avenida a toda a velocidade. Tento mudar de faixa e sair da frente dele, mas um ônibus me fecha. Não tenho tempo para pensar no que fazer e manobro o volante para a esquerda, atingindo o ônibus.

O mundo para de repente, mas meu corpo continua em movimento. Sou arremessada com violência para o lado, e mal tenho tempo de registrar qualquer coisa antes de o caminhão nos acertar um segundo depois. O para-brisa se converte em confetes afiados, os pequenos cristais flutuam diante de meu rosto, mas não escuto nada além do pulso do meu coração sendo afogado pelos gritos agudos do metal afundando dentro da cabine.

O movimento cessa. Estou desorientada, uma dor terrível na mão esquerda. Com esforço, olho para meu pai. Ele está desacordado, o braço em uma posição estranha. Quero soltar o cinto para ajudá-lo, mas algo muito errado aconteceu com minha mão esquerda. Eu me viro no banco e, em vez de minha mãe, vejo apenas metal retorcido e um pedaço de céu. Então, avisto um braço estático

banhado em sangue no meio das ferragens...

Estremeci com a recordação, passando os braços ao redor do corpo. A cama estalou um resmungo conforme Nicolas se remexeu, inspirando fundo.

— Levou uma eternidade para que o resgate chegasse — contei baixinho, as pérolas coloridas em meu pulso saindo de foco. — Eu era a única consciente no carro, e acompanhei tudo. As faíscas da máquina que cortou o metal, os gritos dos paramédicos e bombeiros dizendo que minha mãe era prioridade, pois estavam perto de perdê-la. Eu queria segurar a mão dela, falar com ela, mas tinha medo de tocá-la e sentir sua temperatura. Aí eu só fiquei ali, implorando para que Deus não a tirasse de mim. Ela ainda tinha pulso ao ser resgatada, mas sofreu uma parada cardíaca a caminho do hospital. Ficou no CTI por quarenta e cinco dias. Papai teve o braço fraturado em cinco pontos. E mesmo assim ele não me deixava ficar com ela. Eu estava com tanta raiva... tanta raiva de tudo, Nicolas, até dele. — Sequei as bochechas com a ponta dos dedos. — Por um tempo, eu achei que ele estivesse me punindo. Depois entendi que ele só tinha medo de perdê-la. Nossa vida foi revirada do avesso, e tudo o que aconteceu comigo foram alguns cortes e três dedos quebrados. — Ri, sem qualquer humor.

Nicolas cobriu minha mão com a sua, apertando-a.

— Não, não faz isso. — Sua voz tremeu. — Não se torture desse jeito por uma coisa sobre a qual não teve controle algum.

Saltei da cama como se ela estivesse em brasa.

— Aí é que está. Eu *tinha*, Nicolas. — Andei de um lado para o outro, ainda fugindo de seu escrutínio. — Era eu que estava no volante. Se eu fosse mais experiente... se tivesse mais familiaridade com o Corolla... se eu não tivesse sugerido outra pizzaria... Minha mãe está presa dentro de si mesma, sem uma chance real de cura, e me trata como se nada tivesse acontecido, porque não se lembra. O motorista também se safou. Se recusou a fazer o teste de bafômetro, e tudo o que aconteceu com ele foi perder a carteira por um ano. — Eu me virei para ele, enfrentando seu olhar assombrado. — Eu morro um pouco toda vez que ela me abraça, Nicolas. Porque...

— Não acredita que mereça o amor da sua mãe. Nem o de ninguém... — ele murmurou, se levantando da cama devagar. — Você acredita que não mereça o amor de ninguém depois do que aconteceu.

Eu me retraí ante suas palavras cruas.

— É por isso que você evita o envolvimento. — Ele atravessou o quarto, uma distância de apenas quinze centímetros nos separava. — E é por isso que anda fugindo de mim. Porque nós estamos envolvidos e nem você mesma consegue negar esse fato. Você se acha indigna de ser amada. Já que não foi punida pelo acidente, pelos seus pais ou pela justiça, você mesma resolveu que faria isso. Meu Deus! — Esfregou a testa com raiva, parecendo perdido em um tipo novo de agonia. — Foi por isso que ficou tão mexida quando eu, muito idiota, disse que você se divertia destruindo a vida das pessoas. Você acredita que seja verdade.

Recuei um passo, envolvendo os braços ao redor do corpo. Nicolas não permitiu que eu me afastasse e acolheu meu rosto entre as mãos cálidas.

— Melissa, você está errada! — afirmou, meio alucinado. — Completamente errada. O acidente não foi sua culpa. Você não podia prever que um motorista bêbado iria cruzar o seu caminho. Não pode se responsabilizar por uma coisa que não podia controlar. Você foi vítima, assim como os seus pais.

— Se eu tivesse mais experiência, poderia ter feito algo diferente.

— Já parou para pensar que talvez *tenha* feito? — Afundou os dedos em meu cabelo. — Que jogar o carro contra o ônibus possa ter evitado uma tragédia maior? Já considerou que, em vez de ser a culpada pelo estado da sua mãe, você pode ter sido a responsável por todos vocês ainda estarem vivos?

— Eu não quero falar sobre isso. — Escorreguei de seu toque, me virando para a janela.

O som de seus pés pesados ecoou pelo quarto conforme parava atrás de mim.

— Mas você precisa. — Sua voz vacilou. Ele pigarreou. — Precisa entender que não foi sua culpa, nem o acidente, nem o que o Fred fez com você e a Camila. Você se acostumou a chamar a responsabilidade para si, por causa do trabalho, mas não pode levar isso para a vida. Ninguém consegue viver desse jeito. Você precisa aprender que não é responsável pelas ações das outras pessoas. Eu não quero te machucar mais dizendo tudo isso, mas você precisa ouvir a verdade. E parar de ter medo dela.

Apenas meneei a cabeça. Não conseguia lidar com mais nada naquela noite.

— Eu estou cansada, Nicolas. Por favor, me deixe sozinha.

Em vez de me atender, ele me contornou até dominar todo o meu campo de visão, e em uma voz firme e baixa disse:

— Não.

— Estou pedindo para você sair do meu quarto — murmurei para sua camiseta.

— Não. O que você me pede é para sair da sua vida, como fez no sábado. Se

for isso mesmo o que você quer, eu vou embora e prometo não te perturbar mais. Mas vai ter que me expulsar da sua vida olhando nos meus olhos.

Arqueei o pescoço, pronta para pedir que ele me deixasse em paz, porém, ao mergulhar dentro das íris profundas, as palavras se dissolveram.

Ele me deu um meio sorriso atormentado.

— Não consegue, não é?

— Nicolas, por favor... — Esfreguei as têmporas, confusa.

— Eu sei. Eu sei que você quer fugir. Mas dessa vez eu não posso deixar, Mel. Não posso. Não consigo. — Trincou a mandíbula. — Você ainda não entendeu que eu vou continuar aqui? Sempre aqui, porque eu me importo. Melissa, eu te...

— Para! — gritei, os olhos rasos d'água. — Não quero ouvir. — Eu me afastei dele tão depressa que bati a bunda na cômoda, e tudo que estava em cima do móvel estremeceu.

Mas ele não parou e continuou avançando.

— Não dizer não muda a maneira como eu me sinto com relação a você. Eu ainda vou estar aqui para o que você precisar que eu seja. Seu amante, só um amigo, um ombro ou um ouvido, não importa. Eu vou continuar aqui, Mel, prometo. Até quando você vai continuar fingindo que não compreende isso? — Seu olhar intenso, penetrante, me fazia promessas que sobressaltavam meu coração desavisado, que começou a pular mais rápido que um coelho, batendo tão alto que eu temi que ele ouvisse.

Ah, por quê? Por que sua voz tinha que provocar aqueles arrepios em minha pele? Por que ele tinha que ser tão lindo e prestativo e gentil e ter um cheiro tão delicioso e um sorriso tão perigoso? Por que ele tinha que ser tão doce quando eu havia feito tudo errado com ele?

Suas bochechas inflaram conforme expeliu o ar com força, bastante exaltado.

— Eu sei que você saiu de um relacionamento faz pouco tempo, que o cara foi um canalha e que ainda está ferida. — Ele empurrou o cabelo para trás, com raiva. — Mas, cacete, Mel, eu também sei que você sente essa... essa inquietude que fervilha entre nós. Aconteceu desde a primeira vez que nos encontramos, naquela igreja. Você também sentiu. Eu vi nos seus olhos. E toda vez que experimenta essa atração, tesão, chame do que quiser... você dá no pé, exatamente como agora.

— Você é muito convencido se acha que sabe como eu me sinto com relação a qualquer coisa. — Não sei ao certo como consegui produzir uma resposta. Meu cérebro estava em modo avião: estava ligado, mas nada se conectava.

Nicolas tinha visto demais. Muito mais do que eu desejaria mostrar, até para mim mesma. Eu não havia feito um bom trabalho enganando a nós dois. Nicolas

mexera comigo naquele dia na igreja, de uma maneira que me assustara tanto. Do mesmo jeito que faziam suas palavras agora.

Cogitei a hipótese de sair correndo do quarto e me esconder no banheiro, mas meu sexto sentido me alertou que eu não chegaria à porta antes de ele me alcançar.

Num gesto para lá de inquieto, ele esfregou a boca, bufando.

— Não sei? — Chegou mais perto, se curvando de leve até sua respiração se misturar à minha, e descansou a mão sobre a veia em meu pescoço. Não tive esperanças de que ele não percebesse a dissonância em minha pulsação. — Pode me dizer que aquele beijo na praia não rondou sua cabeça a cada maldito segundo? Pode me dizer que não fantasiou um milhão de vezes como aquele beijo na cama terminaria? Pode me dizer que não sente o ar vibrando neste exato momento? Ou que o seu sangue não está fervendo e a sua boca não está formigando de vontade da minha?

Ele não devia me dizer aquelas coisas, sobretudo porque seu hálito quente chamejou minha pele e minha concentração. Não devia mencionar beijos, nem me segurar daquela maneira, ou me olhar como se eu fosse a coisa mais incrível do mundo. Dificultava demais manter alguma coerência.

— Você disse que não estava interessado. — Minha voz mal passou de um sussurro.

— Você também. Parece que nós dois dissemos qualquer baboseira para resistir ao que realmente queremos. Sobre o beijo...

— Não temos que discutir esse assunto! — atalhei antes que ele proferisse as palavras que estragariam tudo.

— Esse é o seu plano? — Escrutinou meu semblante com aquela intensidade que deixava meus ossos moles. — Fingir que não aconteceu?

Quem dera eu pudesse. Era tarde demais para mim. Tarde demais para apagar da memória o que eu havia sentido em seus braços.

— Porque eu não consigo — confessou à meia-voz. — Não vou me desculpar por aquele beijo. Não me arrependo nem um pouco. Talvez devesse, mas não sinto nada além de uma vontade louca de te beijar outra vez.

Era difícil ouvir alguma coisa com a pulsação apitando em meus ouvidos, mas fiz o melhor que pude para me concentrar em suas palavras. Se por um lado eu estava assustada com o beijo, por outro eu queria beijá-lo por não se desculpar por ter me beijado. Meio confuso, eu sei, mas era assim que eu me sentia perto dele quase sempre, e esse era o problema.

— Eu não posso fazer isso. Não posso. — Comecei a me afastar na esperança de... ah, sei lá. Eu mal conseguia respirar. — Não posso me envolver com você. É um erro.

— Por quê? — Trincou o maxilar, os olhos em brasas. — Contra o que estou lutando? Seu ex canalha, seu senso de preservação, meu histórico ou...

Era impossível pensar em alguma desculpa com seu olhar me queimando daquela forma, então acabei lhe dando a verdade.

— Não é o que você fez ou faz, Nicolas. Mas o jeito como eu reajo a tudo relacionado a você. Não tenho controle. Fico à deriva. Isso me apavora.

— E o que te faz pensar que comigo é diferente? — Ele afastou o cabelo da testa, frustrado. — Sempre que estou perto de você eu me sinto um maldito adolescente que não sabe nem onde colocar as mãos. Principalmente porque eu quero colocá-las *em* você. No seu cabelo, no seu braço, no seu rosto... em você toda. Não reparou que eu estou sempre me esforçando pra deixar as mãos longe do seu corpo? E que eu nunca consigo?

Sempre que estávamos juntos, Nicolas mantinha as mãos presas — nos bolsos ou nas axilas ou em qualquer coisa que pudesse agarrar. Era esse o motivo?

Mesmo que meu consciente tivesse deixado a informação passar, meu corpo não tinha. E se recordava de todas as vezes em que Nicolas casualmente deixou um dedo roçar meu braço, minha mão. Às vezes ele usava o cotovelo, em outras o joelho...

— É diferente. — Engoli com dificuldade. — Estou falando de realmente perder o controle. De... de me perder.

Em uma batida de coração, seu rosto pairou a centímetros do meu nariz. A proximidade fez o ar se agitar ao meu redor.

— É tarde pra mim, Mel. Eu já me perdi faz tempo. — Ele segurou meu rosto nas mãos em concha, o polegar acompanhando a curva do meu lábio inferior. — Você é o meu nada.

— Nada? — repeti, mortificada, envolvendo os dedos em seu pulso. Acabei esbarrando no relógio frio.

— O *meu* nada. — enfatizou, grave. E lá estava aquele olhar outra vez, consumindo o ar dos meus pulmões e minha sanidade. — O nada que eu respondo sempre que alguém me pergunta por que eu ando tão distraído. Porque eu sorrio sem motivo. O “não é nada” que eu digo para mim mesmo depois de ter passado outra noite acordado pensando em você. E, acredite, eu tenho dado essa resposta o tempo todo ultimamente. — Afastou com a ponta dos dedos alguns fios que me encobriam a visão.

Estremeci com o breve contato.

— Nicolas...

Com um movimento delicado, ele girou a mão de modo que a minha escorregou de seu pulso para a ponta de seus dedos e a guiou até o centro do peito, espalmando-a sobre o martelar frenético sob suas costelas. Então me

abraçou pela cintura e com um puxão sutil me trouxe para ainda mais perto.

— Eu acho que você também não consegue respirar direito perto de mim. E o seu coração... — deslizou o polegar pela minha bochecha, ao longo do meu pescoço, se detendo na suave depressão na base, onde minha pulsação latejava. — ... também bate fora do ritmo quase o tempo todo. Me perco um pouco toda vez que te vejo ir embora. E sempre que eu te encontro... cacete, Mel, imagino que seja parecido com ser reanimado por um desfibrilador. Eletricidade pulsante e violenta. — Seus dedos se enroscaram nos fios em minha nuca. — Você sente?

Nicolas também sentia tudo aquilo? Todas aquelas emoções que me atordoavam... ele as experimentava também?

Cativa pelas chamas em seu olhar, que pareciam consumi-lo por inteiro à espera de uma resposta, um sentimento quase visceral me assaltou, fechando minha garganta, e tudo o que pude fazer foi assentir, impotente.

— Então... — Tomado pelo desespero, ele tocou meu queixo para que eu olhasse em seus olhos, para que eu vislumbrasse a gloriosa explosão dentro deles. — ... como você pode acreditar que nós vamos conseguir fugir um do outro, Mel?

Perdida em um canto muito além da razão, agarrei sua camisa, pronta para... não sei bem. Empurrá-lo talvez. Mas a conexão poderosa percorreu meu corpo de alto a baixo, explodindo no centro do peito com a força de dez bombas atômicas. Eu sentia Nicolas como uma extensão de mim, uma parte que me faltava, e agora experimentava uma completude insana, quase visceral. E ele a sentia também. Suas pupilas se alargaram engolindo quase todo o azul, o peito subia e descia rápido demais, o coração retumbando com violência sob minha palma.

“Como você pode acreditar que nós vamos conseguir fugir um do outro?”, sua voz ecoou dentro de mim.

Com um gemido, parte fúria, parte desespero, enredei os dedos em seu cabelo e o puxei para minha boca.

Indômito. Voraz. Lascivo. Foram essas as palavras que surgiram em minha mente enquanto Nicolas me devorava com lábios, dentes e língua, rompendo todas as barreiras que eu havia construído a duras penas. Aquela parte de mim cujo controle eu havia perdido desde que o conhecera assumiu as rédeas, e eu enlacei seu pescoço com os braços, impaciente para ficarmos ainda mais juntos.

Não havia qualquer hesitação ou cuidado; ao contrário, a emoção que o guiava era crua e violenta. Eu partilhava do mesmo sentimento inquieto e febril, selvagem tal qual o homem que me beijava. O que eu sentia não podia ser

controlado, refreado ou esquecido. Eu não queria que fosse.

Tudo dentro de mim explodiu em doze mil cores à medida que suas mãos escorregaram pela minha silhueta, me desbravando com a pontinha dos dedos, reivindicando, ao mesmo tempo que se inclinava para me devorar por inteira. Eu lutava por ar, mas me recusei a me separar dele. Desconfiei que o mesmo pensamento lhe ocorresse, pois Nicolas me abraçou com ainda mais urgência, a língua exigindo meus segredos, me entregando os seus. Meus pés perderam o contato com o chão. Pareceu natural enrolar as pernas em sua cintura. Um som gutural vibrou em sua garganta conforme caímos na cama. Seu corpo pesou sobre o meu em um encaixe perfeito, e, ah, eu o sentia em todos os lugares certos. Ambos gememos, e eu sabia onde aquilo ia acabar. E não encontrei em mim qualquer desejo de impedir. Era como Nicolas havia dito: não conseguiríamos resistir ao inevitável.

Ainda me beijando, Nicolas puxou a camisa pela parte de trás da gola, atirando-a em algum lugar. Eu o toquei o máximo que pude, descobrindo a força de seus ombros, os entalhes em suas costas, as montanhas e suaves reentrâncias no peito rijo, os pequenos mamilos arrepiados. Eu precisava senti-lo na ponta dos dedos, conhecer os detalhes tatuados a fogo em minha mente desde aquela noite no hotel. Nicolas era quente, todo duro por baixo da pele macia. Eu queria lambe cada pedacinho dele. Mas não tive tempo. Nicolas decidiu colocar um ponto-final na brincadeira e nos levar para águas mais profundas. Meu corpo era norteadado pelo dele, o controle não mais me pertencia. O mais maravilhoso é que havia recíproca. Tudo em Nicolas estava à minha espera, cada pedacinho ansiando pelo meu toque, que eu o reivindicasse.

As peças de roupa caíram no chão em uma deliciosa dança erótica de beijos, arranhões e apertões, e eu me atrapalhei um pouco para alcançar a gaveta do criado-mudo e pescar o pacote de preservativos que Fabiola enfiara na minha mala. Nicolas nos rolou para o lado até que eu estivesse sobre ele, algo entre fascínio e admiração relampejando em sua expressão ao admirar meu corpo desnudo. O desejo transformou as duas íris azuis em azeviche e ele me puxou para sua boca faminta, provando meu queixo, minha orelha, minha garganta ao mesmo tempo que os dedos mapeavam minhas costelas, subindo, subindo até apanhar um de meus seios na mão em concha. Então os lábios úmidos e quentes se fecharam sobre um mamilo. Perdida naquela deliciosa tormenta, arqueei as costas, me oferecendo ainda mais a ele, e gemi alguma coisa ininteligível, as unhas cravadas em seus ombros. Nicolas deu início a uma deliciosa tortura, beijando e mordiscando cada centímetro da minha pele, me levando à beira do precipício que separava a sanidade da loucura, e eu estava mais do que pronta para o grande mergulho.

Ofegante e desesperada por ele, não aguentei mais e me ergui sobre os joelhos, me encaixando sobre aquela parte dele que me parecia tão vital naquele instante. Mas ele envolveu as mãos em minha cintura, me contendo. Uma parte dele dava mostras de querer ir mais devagar, admirar cada pedaço meu, prová-los, mas a outra rugia, faminta e impaciente. E foi essa parte mais brutal de Nicolas que acabou vencendo a batalha. Ele me empurrou para baixo ao mesmo tempo que impulsionou os quadris para o alto. Então ele estava em todos os lugares, ao meu redor, dentro de mim, em minha mente, me preenchendo de maneira tão plena que tudo começou a vibrar. A energia que me mantinha viva triplicou de tamanho, girando em uma espiral inexorável...

— Cacete, Mel. — Nicolas enterrou o rosto em minha garganta, se agarrando a minha coxa como que para não perder o controle conforme me alcançava cada vez mais fundo.

Já eu não tive a menor chance. O núcleo de energia ficou grande demais, e me agarrei a Nicolas com desespero um instante antes de a explosão violenta se detonar. Flutuei rumo ao infinito, em um eco de poeira cósmica, me tornando parte de algo muito maior que eu.

Aos poucos, comecei a sentir a gravidade agindo sobre meu corpo outra vez, me tornando consciente do homem completamente inerte sob mim, respirando com dificuldade em minha garganta.

Com algum custo, soergui as pálpebras, me deparando com as veias proeminentes em seu pescoço, tamanho o controle que impunha sobre si mesmo. Agarrei seu cabelo, puxando-o delicadamente para que pudesse ver seu rosto. Ele me encarou com nada além de fogo, a boca se distendendo em um sorriso lento, abismado e meio presunçoso.

Eu o teria mandado ir para o inferno se ele não tivesse espalmado meu traseiro, e com um giro ágil e fluido invertido nossas posições. O movimento tornou a reacender a energia em meu íntimo, célula por célula. E isso foi antes de ele impulsionar os quadris, indo tão fundo, alcançando tanto de mim, que eu podia jurar que tocava minha alma. A cada estocada Nicolas tomava mais um pouco de mim, me dava muito de si. Nós nos oferecíamos, nos abandonávamos um ao outro numa entrega total, sem ressalvas. E quando ele se retesou, vergando o tronco para trás para me alcançar de todas as maneiras possíveis, se rendendo a mim em completo abandono, não tive escolha que não fazer o mesmo e me perder com ele em um ápice violento, enterrando as unhas em seu traseiro, com medo de me dissolver no violento êxtase.

Jamais tinha sido assim. Nunca foi tão intenso ou poderoso quanto aquela conexão com Nicolas. Eu sentia tudo, potencializado aos milhares, e ao mesmo tempo nada restara. Toda a tensão, meus conflitos, meus medos, tudo

desaparecera como mágica. O alívio foi tão absoluto que um soluço me escapou. E depois outro.

E então muitos.

Imediatamente Nicolas se ergueu sobre os cotovelos, pálido.

— Eu te machuquei? — Rolou para o lado, o que só me fez chorar ainda mais, pois ainda não estava pronta para me separar dele. — Pelo amor de Deus, eu fiz alguma...

— Não! — Balancei a cabeça freneticamente, escondendo o rosto em seu peito. — Você n-não me m-machucou.

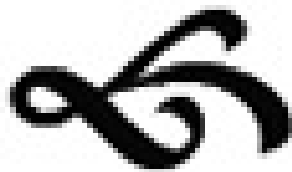
Ainda ofegante, ele tocou meu queixo e avaliou minhas faces molhadas, tomado pelo desespero.

— Por que você está chorando? — perguntou, num fio de voz dolorido.

— Eu não s-sei! Só... fica c-comigo.

Ele vacilou, mas acabou passando os braços pelas minhas costas. E com mais ímpeto à medida que eu desistia da briga e me rendia às emoções desordenadas. Eu não sabia direito o que estava acontecendo. Sentia que Nicolas enfiara as mãos dentro do meu peito, arrancara todas as minhas angústias com um único puxão violento e cru. Era a primeira vez que eu me entregava com tamanha rendição. Não estava preparada para a enxurrada de sentimentos embaralhados.

Eu havia me despedaçado anos antes, naquele acidente. E acontecia de novo agora em seus braços, mas de maneira diferente. Não havia ruínas, apenas pedaços soltos, aguardando que eu os reunisse e os devolvesse ao lugar original. Algumas vezes é preciso tempo, cuidado e muita cola para consertar o que foi estilhaçado. Nem sempre se consegue devolver as partes aos lugares certos; o dano é grande demais e sutilezas não funcionam. A única maneira de conseguir se refazer é mandar tudo pelos ares de novo, como uma construção em que se percebe que o ângulo está errado quando as paredes já estão altas. Tudo o que resta é implodir e recomeçar do zero depois que a poeira abaixar. Era ali que eu me encontrava naquele momento: em meio a uma cortina poeirenta. Mas dessa vez de pé diante dos meus destroços, em vez de soterrada por eles. Eu não encontrara apenas prazer nos braços de Nicolas. Eu me reencontrara.



Abri os olhos e me deparei com o criado-mudo de madeira escura e, sobre ele, uma bandeja com um copo de água, uma xícara de chá e... aquilo era tequila?

— Eu não sabia de qual deles você ia precisar... — a voz de Nicolas soou baixa ali perto.

Prendi o lençol entre os braços e me ergui sobre os cotovelos. Ele estava sentado na beirada da cama, totalmente vestido, os ombros curvados, as mãos unidas em frente à boca em uma postura que não podia ser interpretada de outra maneira senão como desolada.

Segurando o lençol para mantê-lo no lugar, corri os dedos pelo cabelo para afastá-lo do rosto, mas acabei presa em alguns nós. Era uma boa coisa Nicolas estar tão determinado a encarar a parede. Eu estava uma bagunça completa. Exceto pela minha mente: eu me sentia forte, centrada, e tão leve quanto uma bolha de sabão, por isso não entendi de imediato por que ele parecia tão arrasado.

— Mel... — a voz lhe fugiu. Ele pigarreou mantendo o olhar no chão. — Eu não tenho certeza do que eu fiz, mas sinto muito. Me desculpe. Eu me deixei levar, me perdi em você e não percebi que tinha algo errado.

Em meio à bruma deliciosa que embotava meus sentidos, lampejos do que acontecera havia pouco atravessaram meus pensamentos: a perfeita união com Nicolas, o prazer extremo, a tormenta de emoções extravasada em lágrimas gordas até que eu adormecera, exausta.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele se ergueu sobre as pernas e começou a andar de um lado para o outro, como se desejasse escapar — de si mesmo, logo descobri.

— Eu não percebi que estava te machucando. — Ele engoliu em seco. — Física ou emocionalmente ou... ou as duas coisas juntas. Você devia ter falado — adicionou, num tom tão destruído que meu coração ficou pequeno e seco feito uma uva-passa.

Ah, Nicolas...

— Você não fez nenhuma dessas coisas — eu me apressei.

Sua resposta foi um contrariado resmungo ininteligível.

Ajoelhando-me no colchão, me arrastei até a beirada, um pouco desajeitada por causa do lençol, e estendi o braço para segurá-lo pela camiseta e impedir que continuasse com aquele vaivém perturbado. Esperei que ele olhasse para mim e, em voz alta e segura, afirmei:

— Você não me machucou de maneira nenhuma.

Comprimindo os lábios, ele correu o polegar pela minha bochecha ainda úmida, numa objeção soturna.

— Nicolas, foi exatamente o oposto, eu juro — falei, urgente. — Eu chorei porque foi intenso demais para que eu tentasse conter. Eu não soube o que fazer. Nem sei se poderia ter feito alguma coisa depois de uma experiência tão forte. Eu nem sequer sabia que algo assim pudesse existir.

Ele abriu a boca. Tenho certeza de que pretendia argumentar, mas algo no que eu disse perfurou sua bolha de autocomiseração.

— O que você está me dizendo? — Encrespou o cenho.

Puxei sua camisa num pedido silencioso. Ele me atendeu e o colchão afundou de leve conforme se sentava de novo, ainda que conservasse algum espaço entre nós.

Eu odiava aquela distância, por isso segurei o lençol sobre os seios e pulei para o colo dele.

— Que eu não me sinto viva assim desde... faz muito tempo. — Toquei seu queixo áspero, me perdendo um pouco ao me recordar da sensação dele em minha pele. — Eu jamais me entreguei a ninguém desse jeito — confessei, baixinho.

— Nem eu. — Exalou com força, afastando com a ponta dos dedos a massa emaranhada que me caía no rosto, e a enroscou atrás da orelha. — Sinto que deixei uma parte minha com você.

Eu entendia exatamente ao que ele se referia, e isso era um problema, porque eu desconfiava que aquilo significava que eu o...

Ok, ok, ok, eu não tinha tempo para análises naquele momento, porque dedos quentes e ásperos se encaixaram em meu pescoço, o polegar afagando minha mandíbula, insistindo que eu erguesse o rosto. Com os muros todos no chão, Nicolas olhou diretamente para minha alma desnuda.

— Você está dizendo a verdade — concluiu à meia-voz.

— E você não sabe como é difícil e embaraçoso.

Com um pesado suspiro, Nicolas cerrou as pálpebras antes de se curvar para plantar um beijo demorado na minha testa.

— Você me assustou. Pensei que tivesse te perdido pra sempre. — As chamadas

em seu olhar tremularam.

Meus joelhos também. A maneira desesperada como ele proferiu a última parte, como se me perder fosse matá-lo ou algo assim, produziu um calombo em minha garganta, ao mesmo tempo que uma quentura se esparramava pelo meu peito.

— Na verdade, pensei que tivesse te perdido na noite de sábado — confidenciou, envolvendo minha cintura com o braço.

Ser lembrada daquela noite me esfriou por dentro, varrendo a exultação que compartilháramos havia pouco para baixo do colchão.

— Nicolas, eu falei a primeira coisa que me veio à cabeça no sábado, não o que sentia. — Esfreguei as palmas úmidas no lençol. — Disse coisas que não eram verdade. Não realmente.

Ele apenas permaneceu imóvel, me observando.

Uma fina camada de suor brotou entre meus seios.

— Eu ouvi a Paris contar para a Melinda sobre o fim de semana que ela planejava para vocês dois. Ela tinha o seu número... Não, Nicolas! — implorei quando ele começou a protestar. — Me deixa terminar antes que eu perca a coragem, por favor.

Ele externou sua objeção com um bufar sonoro, mas permaneceu em silêncio.

— Eu sei que entendi tudo errado — prossegui —, que você não deu seu telefone para ela. Ela pegou com a Camila. Mas na hora eu não sabia, e pensei que se você pretendia sair com a Paris, então o beijo e tudo o que você me disse antes não teriam significado nada para você. Deduzi que você só queria brincar comigo.

— Quer dizer que sou eu quem paga a conta dos erros do seu ex? — Nicolas fez uma careta desgostosa. — Muito justo.

— Eu sei. Desculpa. Eu... — Friccionei a testa, na esperança de desembaralhar as ideias. — Eu não devia ter reagido daquela forma. Você não é da minha conta.

— Não sou? — perguntou, consternado.

Soltei um suspiro. Estava farta de remar contra a corrente.

— Eu não consigo lidar com a ideia de você e Paris juntos. *Odiei* pensar que você estava a fim dela.

Ele cruzou os braços, um dos cantos da boca apontando para o teto.

— Então você sabe como eu me sinto quando penso que você se encontra com aquele idiota engomadinho, e que ainda vai continuar vendo o cara por mais um tempo.

Pisquei, surpresa.

— O Fred é trabalho — repliquei no automático.

— Era o homem que você amava até dois meses atrás.

— Muita coisa aconteceu nos últimos dois meses. — *Você aconteceu*, quase deixei escapar.

— Eu sei. — Coçou o pescoço, meio constrangido, meio se divertindo. — Mesmo assim, ainda quero esfregar a cara dele no asfalto quente.

Nada estava saindo do jeito que eu imaginara. Nicolas não devia me dizer aquele tipo de coisa. Fazia meu coração se encher de esperança e medo.

Gemendo, escorreguei de seu colo e caí de costas na cama.

— O que nós estamos fazendo, Nicolas? — Soprei uma mecha que atacou minha boca.

Sinuoso e poderoso feito uma pantera, ele se esticou ao meu lado, apoiando a cabeça na mão.

— Eu não sei direito. — Ele encaixou os dedos da mão livre em minha cintura. — Mas pela primeira vez me parece a coisa certa.

Seu toque, a urgência em sua voz, a maneira como me admirava, como se vislumbresse até os cantos mais sombrios de minha alma e não se assustasse nem um pouco com o que encontrava, terminou de ruir o muro que eu havia construído entre nós, revelando o que eu procurava esconder até de mim mesma.

Fred me machucara de jeitos que eu nem sabia que podiam me ferir. Terminar o relacionamento não colocara um ponto-final na nossa história. Meus sentimentos seguiram adiante, mesmo anestesiados, e era tão difícil entendê-los às vezes... O que eu não tinha percebido até Fred me beijar na praia era que a distância e o tempo andaram fazendo sua parte. De algum jeito, sem que eu percebesse, eu começava a emergir da bruma espessa, no vazio profundo deixado por sua ausência, e avistava o horizonte outra vez. Eu estava saindo da névoa, contemplando uma bifurcação onde me defrontava com o desconhecido. Nicolas me aguardava em uma delas.

Sabe, eu nunca havia apostado minha felicidade em outra pessoa. Ao contrário de Fabiola, a solidão nunca me assustou. Tinha meus pais, amigos leais, meu emprego. Eu não precisava de um homem para ser feliz, para me sentir plena. Decididamente, não precisava de Nicolas. Mas não precisar não é a mesma coisa que não querer. E eu queria Nicolas. Muito!

Eu estava pronta para seguir em frente? Francamente, não tinha a menor ideia, sobretudo porque Nicolas era uma aposta perigosa e eu não era de assumir riscos. Planejava tudo nos mínimos detalhes até a exaustão, antevendo possíveis problemas e já elaborando planos de contenção antes mesmo que fossem necessários. Entretanto, com Nicolas eu não era capaz de traçar uma estratégia, nenhum plano para me manter a salvo, nenhum pensamento além de que eu queria desesperadamente estar com ele.

Eu queria Nicolas na minha cama, no meu corpo, na minha vida. Essa era a verdade do meu coração, aquela que eu andava escondendo de mim mesma. Ainda que apavorada, eu queria que ele ficasse comigo. Queria descobrir por que as coisas não pareciam tão difíceis quando ele estava por perto, por que meu coração batia fora do ritmo, e eu sentia um desejo imenso de correr para ele assim que as coisas ficavam feias. Também desejava desesperadamente saber se ele experimentava alguma daquelas coisas.

— Sabe o que é mais esquisito? — Contornou meu umbigo com a pontinha do indicador, enlouquecendo minha pulsação. — Eu sempre soube que seria diferente com você. Você mexeu comigo de um jeito louco, Mel.

— Bom, acho que você tem um vasto conhecimento nesse assunto para poder comparar.

— Não é tão grande assim. — Interrompeu a carícia em minha barriga.

Dei a ele um olhar enviesado.

— Nicolas, eu durmo no quarto ao lado.

— É verdade. — Grunhindo, ele imitou minha postura, dobrando o braço atrás da cabeça. — E você não sabe como isso me atormentou.

Rolei no colchão para apoiar o queixo em seu peito.

— Como assim?

— Eu fiquei louco por você desde que te vi na igreja, Mel, de um jeito que eu não conseguia explicar nem para mim. — Seu peito subiu e desceu com uma longa respiração. Minha cabeça acompanhou o movimento. — Quando propus que nós dois morássemos juntos, metade de mim queria que você recusasse. Seria mais seguro pra mim. Mas você aceitou e minha vida virou um tormento. Eu fugi de você, me convenci de que não era tão especial assim, que havia outras mulheres lindas no mundo, e eu só estava fantasiando. Aí eu tentei te tirar da cabeça com sexo casual. Só que não deu certo, porque, assim que acabava, o rosto que eu queria ver era o seu. Não era justo com as garotas com quem me envolvi... e nem comigo. Por isso eu desisti.

— Ah... — Não consegui conter o sorriso.

Nicolas beijou minha palma antes de me aprisionar em seu olhar, que cintilava incríveis reflexos prateados.

— Você não entende o que faz comigo. — Distraído, ele começou a brincar com a ponta dos meus dedos. — Eu mesmo não entendia por que tudo dentro de mim tropeça ou explode sempre que você me olha. Agora eu sei. Depois desta noite, eu entendi muita coisa. — E me deu um sorriso curto e contido, a princípio. Muito largo e repleto de segundas intenções instantes depois.

Esperei que ele dividisse sua descoberta comigo. Talvez elucidasse minhas próprias emoções. Em vez disso, ele me puxou para cima até meu corpo recobrir

o seu, e ergueu o pescoço, a boca procurando a minha. Pensei que ele me beijaria como das outras vezes: com força, urgência, desespero. Ainda havia muito disso — eu podia sentir na maneira que seus dedos se agarraram ao meu cabelo, a outra mão subindo vagarosa pela coxa —, mas tudo ficou à margem, conforme seus lábios se movimentavam sobre minha pele sem pressa, carinhosos e firmes, me provando devagar, saboreando cada instante. Eu não estava pronta para tanta doçura, e ela explodiu dentro de mim com violência e correu livre, dizimando minhas certezas, aniquilando qualquer dúvida e medo do que viria depois. O futuro não importava. Nada importava. Apenas Nicolas.

Em uma batida de coração, ele estava sobre mim, meio atrapalhado na batalha de me desembrulhar do lençol. Rindo, tentei escapar dele, mas tudo o que consegui foi ter os pulsos imobilizados na altura das orelhas. Eu me contorci sob ele quando correu a língua pelo meu pescoço, o nariz resvalando de leve minha clavícula até depositar um beijo em minha axila. Enfim, empurrou o lençol para o lado, os dedos quentes provocando a pele sensível de um mamilo. Curvando-se, ele tomou minha boca, e qualquer pensamento se dissolveu na urgência de seu desejo, de modo que não tardou para que as coisas — eu, no caso — saíssem de controle. Consegui liberar as mãos e comecei a despi-lo, uma tarefa que eu estava descobrindo ser muito prazerosa. Nicolas era melhor que todos os presentes de Natal juntos.

No entanto, em vez de tornar a fazer coisas indecentes comigo quando não havia mais nenhuma barreira entre nós, ele se equilibrou nos cotovelos, uma porção de linhas se desenhando em sua testa.

— Que foi? — Ofeguei, envolvendo seus quadris com as pernas. — Qual é o problema?

— Estou um pouco preocupado com o jeito que você vai reagir a isso tudo amanhã de manhã — confessou, tristonho.

— Da mesma maneira que estou reagindo agora. Bom, não — pensei melhor. — Espero já não estar tão sem fôlego.

Seus lábios se espicharam, mas o sorriso não chegou aos olhos.

Presa sob ele, aproveitei para deslizar os dedos na manta macia de pelos escuros em seu tórax.

— Estou falando sério, Nicolas. Não vou me arrepender — garanti. Como ele não pareceu convencido, adicionei: — Posso assinar um documento, se você quiser.

— Sabe que não é má ideia? — Ele ergueu as sobrancelhas de um jeito engraçado e espalmou meu traseiro para que eu não saísse de onde estava à medida que se esticava para o criado-mudo e abria a gaveta. — Tem papel aqui?

— Para com isso. — Dei risada, derrubando-o de costas no travesseiro.

— Eu preciso de garantias. — Ele segurou meu pulso e olhou para o teto, batucando em minhas pulseiras enquanto ruminava as ideias.

Então fixou a vista nas pedrinhas coloridas e abriu um sorriso quase diabólico. Antes que eu pudesse piscar, ele enganchou um dedo em uma delas — a de lápis-lazúli — e a passou pela minha mão, rapidamente rolando-a pelo seu pulso largo, tomando cuidado para não arreventá-la.

— Pronto. — Examinou as bolinhas escuras ao redor do punho e assentiu para si mesmo, satisfeito. — Vou ficar com esta, para te lembrar de que você quis tanto quanto eu que esta noite acontecesse.

— Não preciso de um lembrete. E quem me garante que não é você que vai ficar todo esquisito amanhã?

— Justo. — Mordeu o lábio, e, depois de refletir por um segundo, se virou de lado para desabotoar o relógio. O couro ainda estava quente ao se fechar em meu pulso fino. — Para te lembrar de que eu vou estar em algum lugar, ansioso pra te ver de novo a cada volta que o ponteiro der.

Dei risada, mas, já que ele havia tocado no assunto... Como seria o dia seguinte? Caramba, Nicolas e eu morávamos juntos. Ele estava habituado a casos de uma noite, e eu não. E se ele aparecesse com uma mulher na noite seguinte? E se ele não aparecesse e nós dois acabássemos na cama de novo? O que significaria? Que estávamos namorando? Ficando? Só curtindo?

Deitado de lado, ele me abraçou até que nossos corpos se colassem de alto a baixo.

— Pare. — Mergulhou o rosto em meu cabelo, a mão aberta na base da minha coluna.

— Parar o quê?

— De pensar tanto, Mel. — Beijou um ponto particularmente sensível em minha garganta. — Eu quase posso te ouvir. Eu sei que você adora complicar tudo. Mas não tem que se preocupar com coisa alguma, porque nada precisa mudar — garantiu.

Percebi que tudo nele havia despertado e tive que me concentrar muito no que estava sendo dito. Aquilo era importante.

— Nicolas, isso não é possível. Tudo *já* mudou.

Ele se afastou apenas o suficiente para alinhar nossos rostos.

— Ah, eu sei. Eu me lembro de cada delicioso detalhe. — Empurrou meu cabelo para trás do ombro, deixando a mão vagar pelo meu colo, a curva de um seio... — Mas não estou falando do sexo, Mel. Me refiro às consequências. Nada precisa mudar. É só a gente não deixar que esta noite acabe.

— Não consigo imaginar como isso seria possível.

— Mas eu sim. — Seus lábios cálidos encontraram meu ombro. Meu pescoço.

O lóbulo sensível. Humm... Justamente quando eu começava a me empolgar, ele interrompeu as carícias e endireitou a coluna, despejando o poder daquelas gemas cintilantes sobre mim. — Nada precisa ser muito diferente do que já era. Aliás, vou esperar que você me envie um planejamento com no mínimo três colunas sobre o nosso lance. Não aceito menos. — E me deu um sorriso torto.

Acabei rindo, mas minha mente girava sem controle. Então esse era o acordo, as regras que ele mencionara uma vez, segundo as quais ninguém se feria. Eu podia fazer aquilo? Depois daquela noite, de todas as coisas avassaladoras que senti, eu seria capaz de manter meus sentimentos fora da equação?

— Só vamos curtir o que temos — proferiu, sério, me empurrando delicadamente para trás para se encaixar entre minhas coxas, os ombros maciços pairando sobre mim. — Não vamos deixar a noite acabar. Não vai ser tão difícil quanto parece. Por exemplo, o que você acha de daqui a pouco tomar café da manhã comigo num lugar que eu conheço? Muito assustador?

Uma mecha negra lhe caiu sobre o olho esquerdo. Eu a afastei devagar, adorando a sensação de poder tocá-lo.

— Não — confessei. — Não parece assustador pra mim.

— Pronto. Vamos começar por aí.

Algo altamente inflamável reluziu no fundo de seus olhos ao se curvar para me beijar, e ninguém disse mais nada por um bom tempo. Estávamos sem fôlego, muito próximos de perder o controle, mas ele interrompeu as carícias para me olhar longa e demoradamente.

— E se eu te fizer chorar de novo? — Encrespou a testa.

Agarrei os fios macios em sua nuca e os puxei de leve para ter acesso a sua boca.

— Espero estar com tanta sorte assim — confidenciei em seus lábios.

O desafio cintilou naquele sorriso feroz e se abaixou para dar início a uma trilha de beijos ardentes, que começou em minha orelha, passou pelo queixo, todo o pescoço, e continuou descendo, descendo... e um pouco mais...

Embora o choro não tenha dado as caras outra vez, Nicolas me provou que aquela era minha noite de sorte. Muita sorte.

A padaria escolhida por Nicolas era um daqueles lugares deliciosos com pães, docinhos e biscoitos de todos os tipos decorando cada superfície do balcão e prateleiras, na área reservada para as mesas. O perfume de pão quentinho e café fresco aguçou meu estômago.

— Como você encontrou esse lugar? — perguntei enquanto ocupávamos uma mesa mais ao canto, com os pratos cheios. Diferentemente daquela vez no restaurante, Nicolas se sentou bem ao meu lado.

— O dono era amigo do meu pai. A gente sempre vinha pra cá quando estava

na cidade. Está vendo aquele trincado no espelho? — Indicou a peça atrás dos cestos de pãezinhos. — Eu fiz aquilo com uma bolada, sem querer, quando tinha nove anos.

Outra lembrança importante para ele, reparei. Nicolas parecia disposto a me mostrar seus segredos mais íntimos, além dos que revelara naquela madrugada.

— E você era bom no futebol? — puxei conversa, abocanhando um cannoli.

— Não muito. Sempre fui melhor com as mãos.

Subitamente, um lampejo invadiu minha mente: as mãos de Nicolas, grandes e quentes, sobre minha pele nua. Em *toda* parte... E então a boca refazendo o mesmo percurso.

A noite anterior ainda me parecia uma fantasia elaborada pela mente criativa de alguma romancista despudorada. Meu corpo estava dolorido pelas exigências de Nicolas — e as minhas próprias — e ainda assim eu não conseguia parar de sorrir, corar e me recordar de todas as coisas indecentes que ele havia feito comigo. E não conseguia encontrar nem uma única gota de arrependimento. Não havia uma única célula em meu corpo que desejasse apagar aquela noite. E estava mais do que ansiosa para que o dia passasse logo e eu pudesse voltar para casa. No fim das contas, eu era capaz de não deixar a noite acabar, afinal.

— Basquete é mais a minha praia — disse Nicolas, me arrancando do devaneio.

— Ainda joga?

Apanhando sua xícara, ele resmungou um “ãrrã” antes de sorver um gole de café.

— Sempre que posso. Ou se o Marcus está na cidade. Ele encontrou um bando de caras pra formar um time. Às vezes um deles me empresta a cadeira e eu jogo também.

— Vocês dois são muito próximos — observei. — Você e o Marcus.

Seus joelhos quase batiam no tampo, e precisou afastá-los para não derrubar tudo sobre a mesa. Acabei com um deles pressionado contra minha coxa, numa cena semelhante àquela que protagonizamos no avião.

— O Marcus é um dos meus melhores amigos — contou ele, absorto —, uma das melhores pessoas que eu conheço. Fico feliz que ele tenha encontrado paz depois de tanto sofrimento. A Júlia salvou meu primo dele mesmo.

— Mas você perdeu seu soldado — eu o lembrei, evitando pensar na quantidade de mulheres com que Nicolas se envolvia. A negação podia ser uma bênção.

Não sei bem como aconteceu. Nicolas se virou para ficar de frente para mim e, de alguma maneira, acabei com as pernas entre as dele.

— Perdi. — Envolveu as mãos na parte de trás dos meus joelhos, refletindo

sobre alguma coisa. Sacudiu a cabeça, rindo, e apanhou seu bauru. — Me conta sobre os seus amigos.

— Você conhece a maioria. É difícil manter qualquer relacionamento fora da Allure...

Também comecei a comer, externando minha preocupação com Dênis e Felipe, o quanto eu achava que eles combinavam, e o problema que enfrentavam por conta das agendas. Falei de André e suas desventuras no Tinder. E que Gabriela se apaixonava com a mesma facilidade com que se desapaixonava, e muitas vezes era difícil acompanhá-la. Contei sobre Fabiola, e o quanto eu estava preocupada com o casamento dela e de Alan. Eu ainda não confiava no cara. Confessei que não conseguia imaginar minha vida sem ela, apesar de todas as maluquices que ela inventava envolvendo a minha pessoa, e acabei mencionando a história da maçã.

— A Fabi é dessas que acham que dá pra encomendar o amor. — Mordi mais um cannoli, limpando com um guardanapo de papel um pouco do açúcar que se grudou no meu queixo. — Aí ela cismou que a simpatia funcionou, que o Alan é o amor da vida dela e que você é o meu. Ela me atormentou tanto com essa história que eu quase comecei a acreditar que era mesmo... Que foi? — perguntei, ao vislumbrar um lampejo prateado iluminar os olhos de oceano.

Tarde, *muito* tarde, me dei conta de que tinha dito a palavra que começa com “a”.

Meeeerda.

— Aaaaaah... Acreditar que a simpatia me trouxe um cara, não amor — corriji, depressa. Meus dedos procuraram auxílio nas pulseiras, encontrando o couro frio do relógio. Servia. — Eu não estou apaixonada nem nada. É claro que eu não estou. Nós só estamos curtindo. Isto nem é um namoro. Não que a gente necessariamente precise namorar para se apaixonar... — *Argh, cale a boca.* — Ok, acho que já tomei café demais. — Então lembrei que nem tinha provado ainda. *Droga!* — Eu quis dizer, açúcar. Comi muito açúcar de estômago vazio. Melhor tomar o café puro mesmo. Ou café nenhum, porque às vezes me causa dor de estômago e eu vou ter um dia bastante turbulento pela frente, com as mudanças do casamento do seu primo e tal. — Enfiei o que restava do último cannoli na boca. — *Exxe cannoli é a coixa maix* incrível do *munfo*, sabia?

Estendendo o braço pelo encosto da minha cadeira, ele se curvou para mim e abriu aquele sorriso que fazia flores desabrocharem em pleno inverno, o mesmo que me dera depois de me secar com extrema delicadeza logo que saímos do chuveiro naquela manhã.

— Sabia. — Fogo azul consumiu suas íris, e desde a noite passada... e aquela madrugada... e aquela manhã... eu sabia bem o que aquele brilho significava. —

A coisa mais incrível que já encontrei.

Um arrepio delicioso me subiu pela coluna e foi se alojar em meu ventre, uma distração mais que bem-vinda. Caso contrário, eu teria que enfrentar minha frase impensada e não sabia se estava pronta. Não ainda.

Eu precisava falar com a Fabi. Ela talvez tivesse um vislumbre do que estava rolando entre mim e Nicolas, já que eu falhava em entender. Queria lhe contar que ele havia dito coisas que mexeram comigo e perguntar a ela se alguém já a tirara do ar apenas com um beijo. Desejava ouvi-la blasfemar assim que eu contasse que Nicolas tinha me feito chorar de um jeito maravilhoso. Já tinha acontecido com ela? O que aquilo significava?

Mas as palavras duras que ela me dirigira na manhã anterior ainda latejavam em meu peito, e todo o meu contentamento murchou.

— Não quero ir trabalhar — admiti, com um suspiro.

— Nenhum adulto que se preze quer. — Nicolas deu risada, voltando a comer. Ele não tinha entendido.

— Eu não quero ir trabalhar porque ontem eu discuti com a Fabiola. Ela disse coisas que realmente me magoaram — confessei, brincando com a pulseira do relógio em meu braço.

Meu comentário o surpreendeu. Eu também estava abismada. Não sei de onde aquela confissão espontânea saiu. Eu não dividia aquele tipo de coisa com ninguém, exceto com Fabi.

— Ainda não estou pronta para falar com ela. Só que...

— Só que não falar com ela também dói — conclui suavemente, acariciando meu rosto.

Fiz que sim, inclinando a cabeça em direção ao seu toque, absorvendo seu calor.

Não sei que rumo seus pensamentos tomavam, mas, pelo véu obscuro que apagou a luz em seu olhar, não era um bom lugar para se estar, concluí. Fosse lá o que o atormentava tanto, pensei que ele guardaria para si mesmo. No entanto, Nicolas parecia empenhado em me mostrar tudo o que havia dentro de si.

— Eu briguei com meu pai um dia antes de ele ter o infarto — contou, os pensamentos a quilômetros de distância. — A gente andava se desentendendo bastante nos últimos tempos. Foi uma bobagem que eu fiz no trabalho e caí na besteira de contar pra ele. O engraçado é que não me lembro a última coisa que ele me disse. Já tentei puxar pela memória um milhão de vezes, mas não consigo. Só me recordo das últimas palavras que ele ouviu de mim. “Algum dia você vai me deixar em paz, pai?” — citou, em uma voz sem vida. — Queria que a última coisa que ele ouviu de mim fosse diferente.

Meu coração ficou do tamanho de uma semente de morango. Tomando

cuidado para não bater o cotovelo na xícara sobre a mesa, me estiquei para tocar seu queixo áspero.

— Mas ele sabia, Nicolas. É claro que ele sabia disso. Você não pode se culpar por uma coisa sobre a qual não tinha nenhum controle. Não pode deixar a culpa te destruir por dentro como... — Mordi o lábio inferior, surpresa com minhas próprias palavras e a direção que tomavam.

— Como você tem feito — completou, à meia-voz.

— É muito diferente. — Eu me encolhi, soltando seu rosto.

— Não, Mel, é exatamente igual — contrapôs com intensidade, apertando minha coxa. — Eu não sabia que o meu pai ia nos deixar pouco depois de brigar com ele. Você não sabia que um idiota ia assumir o volante do caminhão depois de secar uma garrafa de cachaça. Você não pode me dizer para não me sentir culpado sobre algo que eu disse se você mesma se condena por uma coisa que estava totalmente fora do seu alcance.

Meu olhar vagou para a entrada da padaria, suas palavras espiralando dentro de mim feito um redemoinho. Porque Nicolas não podia estar certo.

Mas e se... E se ele tivesse alguma razão? E se, ao escolher atirar o carro contra o ônibus, evitei que o caminhão nos acertasse em cheio? E se, em vez de ter destruído mamãe, eu a tivesse... E se eu não fosse a vilã daquela história?

E se fosse assim, o que mudaria? Mamãe continuaria a não se lembrar de nada, suas memórias recentes iam continuar se apagando a cada vez que a vida lhe distraísse.

Nicolas tinha razão em uma coisa: eu ainda a tinha. Não importava de que maneira, nem se ela não se lembrava do último presente que lhe dei no Natal, que eu havia sido promovida. Eu ainda podia ligar para ela sempre que a vida ficava pesada demais. Ainda tinha seu amor. Sempre teria.

Alguém acenou na entrada, me arrancando do turbilhão de pensamentos. *Marcelo*, verifiquei, parecendo contente ao se aproximar da nossa mesa.

— Que bom te encontrar, Melissa! — ele foi dizendo, esfregando a barba. — Eu queria te ligar para marcar o nosso jantar, mas você esqueceu de me dar o seu telefone.

O olhar de Nicolas disparou para Marcelo, e juro que vislumbrei ali uma pitada de... irritação?

Puxando a cadeira, Marcelo franziu a testa para a cara fechada de Nicolas, avaliando de relance minhas pernas encaixadas nas dele, sua mão em minha coxa, minhas bochechas incendiadas.

— É claro... — gemeu, desanimado.

— O que você está fazendo aqui, Marcelo? — exigiu Nicolas, com cara de poucos amigos, soprando seu café antes de tomar um gole.

— Você falou tanto deste lugar que eu fiquei com vontade de conhecer. Marcamos a reunião aqui. Não chegou a ver a minha mensagem?

— Não. Eu estive um pouco ocupado ontem à noite. — Ele me espiou por sobre a borda da xícara e piscou.

— Pura sorte estar aqui, hein? — observou Marcelo, antes de algo na entrada lhe chamar a atenção, e ele acenar.

Eu me virei a tempo de ver Amanda, iluminada tal qual uma árvore de Natal ao fixar os olhos em Nicolas. Demorou um segundo a mais para notar minha existência. Sua expressão derreteu.

— Não sabia que você traria alguém para a reunião. — Ela forçou um sorriso ao ocupar a cadeira ao lado de Nicolas. — Arranjou uma assistente?

— Não. — Abaixando a xícara, Nicolas sacou a carteira e depositou o dinheiro ao lado do pires, sob o olhar estarecido da moça. — Não vim para a reunião, Amanda. Meu expediente começa daqui a quarenta minutos e eu vou aproveitar a liberdade enquanto ainda posso. Preciso levar a Melissa para a agência agora. — Ele ficou de pé.

Meio sem jeito, fiz o mesmo.

— Eu não me importo de pegar um ônibus — garanti a ele.

— Mas eu me importo.

A morena cruzou os braços, fulminando Nicolas.

— Sério, Nick? Vão escolher os novos CSOs na segunda-feira. Precisamos traçar uma estratégia para que todos nós tenhamos uma chance. Estou decepcionada. Pensei que você soubesse quais são as suas prioridades.

— E eu sei. Vejo vocês no escritório. — Ele me pegou pela mão e começou a me conduzir para fora do restaurante.

Tropecei em meus próprios pés para acompanhá-lo e tive de segurá-lo pela parte de trás do paletó para que ele percebesse que eu tentava pará-lo.

— Eu realmente não me importo de pegar uma condução, Nicolas — assegurei a ele. — Você devia ficar. Parece importante.

— Isso também é. — Apertou meus dedos.

Eu queria bater nele por ser tão estúpido. E depois beijá-lo por ser tão adorável. Comovida, examinei nossos dedos entrelaçados — os meus finos e pálidos; os dele bronzeados e largos.

Tudo bem?, as íris azuis indagaram, tomadas pela reserva.

Estava? Não era a primeira vez que Nicolas segurava minha mão, mas estávamos diante de conhecidos — dele, pelo menos. Não parecia algo que duas pessoas que estavam apenas “não deixando a noite acabar” fariam.

Mas o toque, pele com pele... parecia tão certo. Por isso engoli meus receios, um tanto trêmula, admito, e fiz que sim, dando uma última espiada na morena

irritada que discutia com um aparvalhado Marcelo.

— Amanda parece bastante focada na carreira — comentei ao chegarmos à calçada. Nicolas me puxou para o lado para dar passagem a uma senhora que passeava com seu chihuahua. — Parece bastante competente também. Além de muito bonita.

— É, ela é tudo isso.

Não sei que resposta eu esperava. Não parecia existir outra, afinal Amanda era mesmo linda e devia ser competente, pelo que pude perceber na apresentação da Brasitecno. Nicolas só... sei lá, podia sofrer de cegueira momentânea sempre que estivesse perto dela.

O tráfego era intenso àquela hora da manhã, e, mesmo escolhendo um trajeto alternativo, ficamos detidos no engarrafamento. Mas meus pensamentos continuavam naquela padaria e no que Amanda havia dito. Decidiriam quem ocuparia os cargos de CSOs na unidade da Brasitecno em Palo Alto na segunda-feira. E Nicolas tinha grandes chances de ficar com um deles. Metade de mim torcia para que ele conseguisse e a outra... bom... ainda não sabia ao certo por que resultado rezar.

Ainda estava perdida em pensamentos quando Nicolas encostou o carro a vinte metros da entrada do prédio da Allure. Em vez de se despedir e ir para o trabalho, ele desligou o carro e desceu para abrir minha porta, todo gentil.

Fomos diminuindo o ritmo ao nos aproximarmos do prédio, relutantes em nos separarmos e voltar para o mundo real.

— Como é trabalhar com a ex? — Eu me ouvi indagar. Ele me admirou, meio surpreso. Ergui os ombros. — O Marcelo me contou que você e a Amanda namoraram.

— E foi antes ou depois de ele te chamar pra sair? — Estreitou os olhos.

— Por que você não quer me contar sua grande história de amor?

Apertando os lábios, ele me puxou para o cantinho da calçada, nos tirando do caminho dos mais apressados.

— Não é a minha grande história, Mel. Só uma história — explicou, relutante. Luzes de alerta em todas as cores espocaram em minha mente.

— Foi tão ruim assim? Ah, meu Deus, já sei. Ela te flagrou na cama com outra mulher — chutei.

Ruguinhas se formaram no cantinho de seus olhos.

— Não.

— Tudo bem, então você a flagrou na cama com outro. Não, com outra! — corriji, empolgada, embora o jeito que a moça se portasse perto de Nicolas desmentisse minha teoria, mas nunca se sabe. O amor não tem sexo definido. — Ela hoje vive feliz com a namorada nova... Eu gosto bastante dessa alternativa,

agora que parei para pensar...

— Eu a flagrei na cama do meu colega de quarto. — Ele coçou uma sobrancelha com o polegar e se recostou à fachada revestida de granito do prédio vizinho ao que eu trabalhava. — Eu a conheci no primeiro dia de faculdade. Estávamos no mesmo curso. Mas só nos envolvemos no último ano. E foi...

— Intenso? — Acabei rindo, mas na verdade queria me encolher em posição fetal. Por que tinha que ser a mulher mais linda que eu conhecia pessoalmente a tocar o coração de Nicolas?

Por quê, meu Deus?

— Muito rápido — assentiu. — Eu estava apaixonado. Pensava que ela também. Aí, num dos fins de semana em que eu fui pra casa dos meus pais, bateu saudade dela e resolvi retornar ao campus um dia antes. E a encontrei na cama do meu colega de quarto. Nós terminamos e seguimos por caminhos separados todos esses anos, até nos reencontrarmos na Brasitecno, no ano passado.

— Tá...

Em minha mente, vi Amanda se debruçar sobre a mesa para lhe entregar algum documento, o botão da camisa mais aberto do que pediria a etiqueta profissional, exibindo seus atributos a Nicolas em uma oferta descarada, e ele...

— E era por isso que eu não queria te contar. — Solto um suspiro exacerbado, se endireitando. — Essa sua mente criativa está inventando um milhão de cenários que não existem, para uma história que acabou tem sete anos.

— Eu não estou criando cenários onde ela te arrasta para uma sala e arranca sua roupa coisa nenhuma. — Mordisquei a unha do polegar. — Por que eu faria isso? A gente nem namora. Eu só... estou surpresa que você a veja todo dia e... ah... não fique todo mexido.

Apoiando uma das mãos na parede atrás de minha cabeça, ele se inclinou sobre mim.

— Eu prometi que não ia mentir pra você, e não estou mentindo agora. A Amanda e eu acabamos de vez. Eu a vejo como uma colega de trabalho muito competente. Só isso. E, só para você saber, exceto pelos banheiros, toda a área da Brasitecno é monitorada por câmeras.

Ele disse mais alguma coisa, e eu adoraria ter prestado atenção ao que ele falava com um sorriso tão lindo, mas mal o ouvi. Estava completamente absorta em minhas próprias reações ao perceber que ele fora muito franco afirmando que haviam acabado, o que significava que Marcelo tinha entendido tudo errado e Nicolas não pretendia reatar com a ex. O alívio que senti ao constatar que ele não estava brincando comigo foi sem precedentes. O que me assustou foi o que ficou à margem, me espionando de longe. Não era apenas aquela raiva insensata

que parecia me envenenar, nem o desejo de manter Nicolas longe de Amanda... de Paris... de qualquer outra garota. Era mais selvagem, quase primitivo, e totalmente inesperado. Eu não esperava me sentir assim. Não antecipei que imaginá-lo com outras mulheres deixasse um gosto tão amargo em minha língua e meu peito tão pesado.

— Você está saindo com alguém? — perguntei, para minha própria surpresa.

— O que você acha? — escarneceu.

— Bom, com o meu histórico recente, o que eu *acho* é completamente irrelevante. Prefiro ouvir você a fazer deduções.

Segurando-me pela cintura, ele se encaixou em mim das coxas ao peito, e tocou meu queixo para alinhar nossos olhares.

— Não estou saindo com mais ninguém, Mel. A única pessoa com quem eu estou envolvido é você. A única com quem eu quero estar é você. — Sua intensidade e franqueza eram tamanhas que minha boca ficou seca. — Você está saindo com mais alguém?

Preso na profundidade das íris iridescentes, neguei devagar.

O sorriso que ele me deu deixou minhas pernas com a firmeza de um brigadeiro.

— Eu gostaria de manter as coisas assim. — Correu o polegar pela lateral do meu pescoço, seu coração martelando de encontro aos meus seios. — E você?

— Também quero — murmurei.

Uma emoção intensa tomou conta dele... assombro, encantamento, como se tivesse diante de si a mais extraordinária das criações. A mais preciosa delas. Reconheci naquelas íris azuis as mesmas coisas que eu vislumbrara desde que Nicolas me olhara pela primeira vez: tesão, urgência. Mas havia mais agora, um sentimento profundo que vez ou outra ele deixava transparecer e em que eu tinha muito medo de botar um nome.

Meu pulso zuniu alto nos ouvidos, o estômago revirando numa agri-doce expectativa que abafava os gritos em meu cérebro de “O QUE ACABOU DE ACONTECER AQUI?”, conforme ele envolvia os dedos em meu pescoço e se curvava para reclamar minha boca.

O beijo foi impaciente, afoito e tão intenso que fiquei sem ar. Então houve a mudança. Minha história com Nicolas sempre fora marcada por explosões, desespero, desejo. Isso tudo ainda estava presente, mas apenas em segundo plano. A doçura com que ele me provava fazia promessas... Foi ali, na calçada do prédio da Allure, envelopada por seus braços, seu cheiro, perdida em seus lábios, que eu compreendi que Nicolas não estava apenas se divertindo, curtindo o momento, prolongando a noite anterior.

E nem eu.

Depois de ter problema com a tenda, com as flores, com o pergolado, com a entrega das bebidas e de um dos músicos se acidentar no box enquanto tomava banho, tudo estava pronto para o casamento de Alicia e Max, naquele fim de tarde de domingo. Nem eu conseguia acreditar! Até o clima contribuía. O sol ainda brilhava sobre umas poucas nuvens, a brisa suave agitava delicadamente os tecidos e as flores enroscadas no pequeno altar no gramado da mansão.

Claro que toda a correria cobrava seu preço, e eu sentia a conta em cada uma das juntas. Tudo em mim doía. Eu havia dormido aproximadamente cinco horas

durante os últimos quatro dias. Mas valera a pena. A mansão, onde desde o ano passado funcionava uma espécie de ONG direcionada à educação de crianças carentes, havia sido transformada para receber o enlace, com um ar romântico e moderno, combinando com os noivos. Minha parte preferida eram as luzinhas que recobriam o domo da tenda, minúsculas estrelas cadentes iluminando os arranjos nas mesas — uma miscelânea de flores brancas de diversos tamanhos e texturas — junto de velas baixas em copos de cristal, e o pergolado sobre o altar ricamente enfeitado com tecidos e flores, diante de bancos escuros de madeira com futons brancos, onde Fabiola dava os últimos retoques no tapete de flores.

Relanceei as horas no relógio de Nicolas. Quase seis. Alicia queria que a cerimônia começasse no crepúsculo. Max devia chegar a qualquer momento. A noiva havia passado a noite na mansão em seu antigo quarto, mas eu não conseguira falar com ela ainda. Mariana não permitira, alegando que a noiva precisava de alguns momentos sozinha, o que me deixou muito preocupada. É normal acordar um pouco emotiva no dia do casamento, sobretudo se uma pedra fundamental na vida da noiva falta, e Alicia perdera o avô fazia pouco tempo. Mas uma vizinha insistia que isso não era tudo, e eu precisava saber o que estava acontecendo. Esperaria mais dez minutos e, se não tivesse notícias, ia entrar naquele quarto nem que tivesse que passar por baixo da porta. Já bastava de improviso naquele casamento.

Naquele século!

Depois de analisar o terreno e ficar satisfeita com o resultado, comecei a regressar para a mansão. Um braço apontando um celular para a casa surgiu por entre a grade. Corri para a entrada.

— Nada de fotos — alertei, empurrando a mão de volta.

Adriele Sampaio, da revista *Tempo*, ex-*Fatos&Furos*, responsável pela coluna de fofocas do mundo dos ricos, que sempre criava algum tipo de confusão em todos os eventos que comparecia, me fuzilou.

— Você não vai conseguir impedir o trabalho da imprensa — disse a jornalista, dona de uma brilhante cabeleira castanha muito lisa.

— Você pode fazer o que quiser, Adriele. Mas do portão para fora. Este é um evento particular. Por favor, respeite a privacidade da família.

Eu teria tido mais sorte se tivesse pedido a ela para começar a latir, pois, em vez de se afastar, enfiou o pé entre as barras e subiu na grade para conseguir uma foto da tenda. Chamei alguns seguranças e dei ordens expressas para que ninguém sem convite cruzasse aqueles portões. Depois fui verificar o andamento do bufê. Dênis estava na cozinha, repassando as últimas instruções com a equipe de garçons.

— A Alicia deu sinal de vida? — perguntei a ele.

— Não. Nem a Mariana. O que está acontecendo? Elas não deixaram a maquiadora entrar. — Apontou para a moça sentada num banco alto, se empanturrando de canapés, a maleta prateada equilibrada nas coxas.

Eu começava realmente a ficar preocupada.

— Vou subir e tentar descobrir, Dênis. A Alicia já devia estar pronta a essa hora. Tem algo muito errado.

— Como assim? O que aconteceu com a Alicia? — alguém questionou da porta. O noivo, de cuja chegada ninguém me informara.

— Max! — Colei na cara o sorriso que mais usava no trabalho. Aquele que dizia “Tenho tudo sob controle. Fica calmo”. — Não sabia que você já tinha chegado. Está muito elegante.

O cabelo dourado fazia um belo efeito com o terno cinza-claro, a gravata azul-marinho ressaltando o brilho esverdeado de seu olhar, agora preocupado.

— Acabei de chegar. O Marcus está estacionando o carro. — Atravessou o cômodo em três largas passadas, nos deixando cara a cara. — O que aconteceu com a Alicia?

— Acordou com saudade do avô — improvisei. Mais sorrisos, dessa vez pesarosos. — Hoje ela vai sentir mais falta dele que nunca.

Max apertou a ponte do nariz.

— Eu sabia que não devia ter permitido que ela passasse a noite nesta casa, sozinha. Vou falar com ela...

— Nada disso! — Pulei na frente dele, bloqueando o caminho. — Não pode ver a noiva antes do casamento.

Ou tentei bloquear, já que Max parecia um tanque de guerra disposto a avançar sem se importar com o que tinha pela frente. Dênis, bem mais alto e largo que eu, me ajudou na tarefa, colando o ombro ao meu.

— Ela precisa desse momento, Max — expliquei, pendendo para o lado quando ele insistiu em nos contornar. — Se conectar com o avô, senti-lo por perto para, então, estar pronta para o passo mais importante da vida dela. Foi por isso que ela quis dormir aqui, lembra?

— Pelo amor de Deus, Max, você não pode deixar a Alicia em paz por meia hora? — perguntou a voz que me arrepiava de alto a baixo desde a primeira vez que a ouvi.

“Nicolas”, suspirei, ao relancear a porta da cozinha. E lá estava ele: o cabelo negro bem penteado, o paletó azul-claro sobre a camisa branca, a gravata lilás acentuando ainda mais o delicioso tom bronzeado de sua pele. E a boca, ah, a boca... tão suculenta e macia que meus lábios formigaram com a lembrança de seu gosto, de seu toque. Ele me deu um curto sorriso e meu coração errou uma batida antes de se lançar em uma cavalgada desenfreada conforme seu olhar

faminto passeava pelo meu tubinho preto frente-única, meu cabelo preso em um rabo de cavalo alto, meus lábios, conferindo se tudo continuava exatamente como deixara naquela manhã. Tive que lembrar que estava ali a trabalho e que agarrá-lo era muito, muito errado.

As coisas entre nós haviam se aprofundado nos últimos dias. Nicolas e eu passáramos todas as noites juntos — o que explicava, em parte, as poucas horas dormidas. Ah, ele bem que tentava me convencer a dormir tão logo eu botava os pés em casa. Mas, bom, a atração sempre falava mais alto. Não que eu estivesse reclamando. Longe disso. Só me preocupava a maneira como começávamos a nos entender. Parecia que estávamos juntos havia uma década, e não cinco dias.

— Ainda tem esse lance de o noivo não ver a noiva antes do casamento — mencionou Dênis, e eu me forcei a voltar a atenção para Max.

Nicolas atravessou a cozinha para alcançar o primo. Ao passar por mim, seu polegar resvalou na parte interna do meu pulso, nem um pouco acidentalmente. Meu corpo inteiro se acendeu.

— Vamos lá, Max. — Pendurou um braço nos ombros dele, sacudindo-o de leve. — Se a Alicia precisar de você, manda te chamar. É melhor se acalmar e beber alguma coisa. Você está começando a suar, e ninguém vai querer abraçar um noivo fedendo a queijo.

— Tudo bem. — Max esfregou a testa e olhou de mim para Dênis. — Mas se ela precisar de qualquer coisa...

— Nós sabemos onde te encontrar — respondemos em uníssono.

— Relaxe um pouco, Max — insisti. — Vai dar tudo certo.

Ele assentiu, ainda que relutante. Nicolas deu um tapinha em suas costas para incentivá-lo a se mover, empurrando-o porta afora. Eu poderia beijá-lo por isso. E por vários outros motivos. Ou mesmo sem motivo algum.

— Obrigada — fiz com os lábios para ele antes que passasse pela porta.

Nicolas devolveu com uma piscada e um sorriso torto. Distraído, por pouco não trombou em Marcus e em uma mulher magra de cabelo cinzento e traços marcantes.

— Ah, Maximus, meu sobrinho, como você está bonito! — Marta Cassani alisou a lapela do paletó do noivo. — Acho que nunca vi um noivo mais elegante.

— Com essa juba, tia? — implicou Marcus. Aí ele prestou atenção à cara do irmão. — Que foi?

— A Alicia acordou com saudade do seu Narciso — explicou, pálido.

A mulher de pouco mais de um metro e sessenta espalmou o centro do peito.

— Pobre menina...

— Que foda, Max — grunhiu Marcus ao mesmo tempo. — Quer beber

alguma coisa?

— Nós estávamos indo fazer isso — contou Nicolas. — É álcool ou tranquilizante de cavalo, Max. Tenho um amigo veterinário. Você escolhe.

Rindo um tanto nervoso, o noivo optou por acompanhar o irmão e o primo até o bar. Isto é, apenas Marcus, já que Marta me encarava tão firmemente do outro lado da bancada que Nicolas vacilou por um instante.

— Você deve ser a Melissa. — Sorriu, maravilhada. — Já ouvi muito sobre você. Você é uma moça muito bonita. — Abriu um sorriso semelhante ao do filho. — E muito determinada, pelo que ouvi dizer.

— Obrigada. — Forcei-me a sorrir enquanto por dentro eu gritava “Ele falou de mim para a mãe?!”

Ah, espera. Não. Claro que não. Eu era a responsável pelo casamento do sobrinho de Marta. Era assim que ela me conhecia.

— A Melissa também é muito ocupada — se apressou Nicolas, segurando os ombros dela. — Vamos deixá-la trabalhar, mãe.

Mas Marta não se moveu e continuou a me observar.

— Meu Nick também é assim. Dedicado ao trabalho e aos amigos. — O orgulho aprofundou os sutis vincos ao redor de seus olhos. — Sempre pensando no melhor para os outros. Tem um coração grande demais para o seu próprio bem. Às vezes acho que isso faz mal para ele. E é muito responsável, Melissa. Tanto com a família quanto com o trabalho. E tem um excelente salário. Vai ser um marido maravilhoso algum dia.

Pisquei algumas vezes. Ela estava fazendo o que eu achava que estava fazendo?

Dênis engoliu a risada ao passo que Nicolas contemplou o teto, as mãos nos quadris estreitos.

— Agora é uma boa hora, Deus — resmungou. — Não precisa ser clemente. Faça seu pior.

— Eu só estou dizendo a verdade! — Ela deu um tapinha no seu braço. — Dificilmente alguém vai encontrar um homem mais comprometido que você. Ou bonito. — E para mim, com um largo sorriso, acrescentou: — Imagine que belas crianças ele vai gerar!

Engasguei com a gargalhada, fingindo uma crise de tosse fajuta. Dênis se apressou em dar palmadinhas em minhas costas, embora seus ombros também se sacudissem.

Revirando os olhos, Nicolas colocou um fim naquela história ao enroscar o braço ao da mãe.

— Vamos, mãe, antes que você decida me leiloar e me constranger um pouco mais. — Começou a guiá-la para a porta. Não tive dúvidas de que a jogaria no

ombro para levá-la para longe de mim, caso dona Marta não cooperasse.

— Não sei por que você ficou tão irritado — comentou ela, acompanhando seu passo. — Você sabe que eu estou esperando que você sossegue o facho. Veja só os seus primos! Você devia seguir o exemplo deles. Casar e me dar netos! Netos, Nicolas! Eu não estou ficando mais jovem aqui...

Eu já não podia mais ouvi-los. Em parte porque eles estavam longe o bastante, em parte porque Dênis uivava de tanto rir, debruçado sobre o balcão, e por pouco não derrubou uma bandeja de canapés.

— E eu que achei que a minha mãe me fazia passar vergonha. — Meu amigo enxugou os olhos. — Meu Deus! Coitado do Nicolas.

— Também estou com um pouco de pena. Ele nunca me contou que a mãe estava determinada a casá-lo.

Meu comentário atraiu sua atenção, um brilho malicioso cintilando nas profundezas cinzentas.

— Por falar nisso, o que foi aquela troca de olhares? — Ele se ergueu sobre os cotovelos, os dedos batucando no mármore. — Vocês pareciam estar lendo a mente um do outro.

— Não sei do que você está falando. Pode checar o som com o André? Vou dar uma olhada na Alicia. — Mantendo a vista longe dele, me encaminhei às pressas para as escadas no fundo da cozinha. Não que estivesse fugindo do assunto. Só era muito difícil fazer alguém entender algo que eu mesma não compreendia ainda.

Certo, eu me sentia diferente perto dele, o coração num constante estado de agitação. Mas também havia uma serenidade capaz de apaziguar minha alma. Existia mais que desejo se costurando entre mim e Nicolas. Mais doce e pacífico, e crescia exponencialmente a cada vez que ele me beijava, falava comigo, sorria como ainda agora, ou nos enroscávamos na cama. E a única pessoa para quem eu queria abrir meu coração e derramar todos os medos não estava falando comigo. É verdade que eu também não a procurara, em parte por conta da loucura que tomara a agência na última semana devido ao casamento de Alicia e Max, em parte porque Fabiola me magoara de verdade.

Parei diante do quarto de Alicia e bati. Não obtive resposta. Tentei de novo, chamando pela noiva. Tudo o que recebi foi silêncio. Preocupada, forcei a maçaneta e fui entrando. A cama desarrumada e a profusão de lencinhos de papel amassados sobre o edredom revirado não eram um bom sinal.

— Não está tão ruim assim... — A voz de Mari me fez girar em direção ao banheiro. A porta estava entreaberta, me dando um vislumbre do perfil da morena. — Você só precisa relaxar um pouco. Toma. O vinho deve ajudar.

Meu alarme interno disparou. Examinei o ambiente à procura do vestido e não

o encontrei. A combinação noiva nervosa, vestido branco e vinho tinto sempre acaba em um total desastre. Noivas deviam ser proibidas de se aproximarem de geleia, batom líquido, café, refrigerante escuro e, sobretudo, vinho tinto. Vodca é permitido.

Apavorada que a bebida pudesse macular o lindo vestido, voei para o banheiro, abrindo a porta com um empurrão. Alicia, sentada na bancada, a mão a meio caminho da taça com o líquido rubro que a amiga oferecia, gritou ao ver que me interpus entre elas e apanhei a bebida. Soltei um suspiro ao avistar o belíssimo vestido pendurado em segurança no gancho na porta, atrás de Mariana.

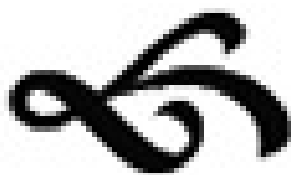
Mas o alívio durou pouco. Apenas uma fração de segundo. Só até eu registrar os detalhes da noiva esbelta embrulhada em um roupão felpudo. Diante daquela visão, uma garrafa de vinho ensopando um vestido de noiva minutos antes da cerimônia parecia fchinha.

Sua boca muito vermelha tinha um aspecto queimado, provavelmente em decorrência da alta temperatura corporal. Seu rosto mais parecia uma página de ligue-os-pontinhos, coberto por bolhas avermelhadas. Havia mais no pescoço e, eu podia apostar, em todo o restante dela.

— Puta merda! — Arfei.

— Eu sei! — Os olhos azuis vítreos se inundaram.

Não era para menos. A noiva não estava chorosa de saudade do avô — não apenas por isso. Alicia tinha acordado no dia do seu casamento com catapora.



Sentada aos pés da cama, Mariana chegou para o lado para que o dr. Felipe examinasse Alicia. Eu não conseguia me manter parada, perambulando da porta para a janela alta e de volta para a porta. Espiei por entre a cortina diáfana. As

luzes haviam sido acessas, já que o sol começava a se esconder na linha do horizonte. A maioria dos convidados chegara e se espalhava pelo terreno. Avistei o noivo próximo ao altar, rodeado pelo irmão, Nicolas e dois amigos, parecendo absurdamente tenso, como se sentisse no ar que alguma coisa estava errada.

O médico desligou a lanterna e removeu o palito da língua da noiva.

— A catapora atingiu as amídalas, mas as retinas estão bem — ele anunciou. — Essa era minha maior preocupação. Não há muito o que fazer além de tomar um analgésico e usar uma pomada para aliviar a coceira. Procure não estourar as bolhas ou vai ganhar uma coleção de cicatrizes.

— Beleza. — Ela se ajoelhou sobre o colchão. — Quer dizer que é coisa à toa, né?

Recolhendo seus instrumentos, o rapaz de quase dois metros e uma farta cabeleira cacheada os acomodou na valise.

— Não é bem assim, Alicia. Você deve evitar ao máximo locais com muita gente. Suas defesas estão enfraquecidas. Uma gripe pode se transformar em pneumonia caso a catapora atinja os pulmões. Recomendo que evite contato com qualquer doente a fim de evitar complicações.

— Acha melhor adiar o casamento, doutor? — perguntei, ignorando a fisgada no peito ao dizer as palavras em voz alta.

— Eu diria que é aconselhável — anuiu, seguro.

Da cama, a noiva chapiscada de bolinhas vermelhas se empertigou.

— Não vou cancelar nada. Eu vou me casar hoje nem que seja de pijama e pantufa.

— De jeito nenhum — Mariana e eu dissemos ao mesmo tempo.

O médico apanhou sua valise.

— Sinto muito, Alicia. Imagino que a situação seja frustrante, mas acredito que seu noivo vai preferir vê-la bem a colocar uma aliança no seu dedo hoje. — Então se virou para mim. — Me ligue se houver qualquer mudança no quadro.

Eu lhe agradei, conduzindo-o até a porta. Dênis aguardava do lado de fora, recostado à parede, a expressão enevoadada de preocupação. E de desconforto. Tá legal, ligar para o ex-namorado pedindo um favor não era exatamente algo que alguém coloca na agenda.

— E aí? — Ele se adiantou. — Como é que ela está?

Balancei a cabeça.

— Relativamente bem, mas vamos ter que adiar de novo.

— Não vou adiar coisa nenhuma! — esbravejou a noiva lá de dentro.

Lutei para não grunhir. Ou começar a chorar.

— Dênis, poderia acompanhar o dr. Felipe até a porta? — *Me desculpe,*

acrescentei mentalmente.

Pressionando os lábios até se tornarem apenas uma linha pálida, meu amigo fez que sim, indicando com o braço que o ex fosse na frente. Sem perder tempo, retornei ao quarto, parando ao lado da cama para observar minha noiva mais bonita, agora com aspecto de plástico-bolha.

— Por que você não procurou um médico assim que os sintomas apareceram? — perguntei, sem entender.

— Porque não achei necessário. — Encolhendo as pernas, ela se abraçou aos joelhos. — Nem o Max soube, e olha que não foi fácil esconder dele. Era para ser só uma febre à toa! Eu pensei que essa coisa fosse espinha! — Apontou para as bolotas no pescoço. — O que eu vou fazer agora? Não posso adiar de novo.

— Fica calma, Lili. — Mariana dobrou uma das pernas ao se sentar na beirada do colchão para afagar seu braço. — A Mel vai dar um jeito em tudo.

Elas me encararam com expectativa, esperando que eu produzisse uma solução brilhante para fazer todas aquelas bolhas desaparecerem num passe de mágica.

Mas o que eu podia fazer? Não tinha uma varinha de condão escondida na bolsa — infelizmente. Comecei a revirar as ideias, andando a esmo pelo quarto. Acabei diante da janela. A noite já se espichava, tingindo a linha do horizonte em tons de azul, rosa e roxo. Daquele ponto era possível divisar a tenda em toda a sua exuberância, a prataria sobre as mesas reluzindo feito espelhos e as velas e luzes dando a impressão de que estrelas haviam descido do céu para abençoar aquela união. Foi tão difícil conseguir produzir algo tão rico em detalhes em tão pouco tempo. Tanto esforço e suor. Tanta beleza... Mas o mais difícil de contemplar era a ideia de procurar Max, que já não estava mais à vista, e contar a ele que não haveria casamento. De novo. Ainda me lembrava da expressão soturna dos noivos ao anunciarem que adiariam a cerimônia logo após o sequestro de Marcus. Não podia acreditar que Alicia e Max teriam que passar pela mesma situação, sob meus cuidados.

Mas que opção eu tinha? Colocar sessenta pessoas em contato direto com Alicia e dar início a um surto de catapora pela cidade ou piorar o estado dela?

O som de uma manada subindo os degraus me fez virar para a porta.

— Ai, Deus! Max! — Os olhos de Alicia se arregalaram. — Ele não pode me ver assim. Alguém fecha a porta!

Mas não houve tempo. Max irrompeu no quarto, esbaforido e pálido. Nicolas veio atrás e bastou uma rápida olhada na garota na cama e a minha expressão desalentada para entender o que estava prestes a acontecer.

Max estava meio verde ao se ajoelhar diante de sua noiva, pronto para tocá-la, mas não pareceu encontrar um ponto sem bolhas. Mari se levantou, dando

espaço a ele. Imagino que Alicia tenha atingido o limite, pois começou a chorar. Max saltou para a cama no mesmo instante e a envolveu em seus braços, delicadamente pressionando os lábios em sua testa. E ofegou.

— Meu Deus, Alicia, você está ardendo em febre. O que o médico disse? — questionou ele.

Já que tudo o que ela fez foi soluçar um resmungo, o noivo buscou respostas em minha expressão e na de Mari. Ele nos ouviu repetir cada palavra do médico, assentindo vez ou outra, muito sério, sobretudo ao ouvir a recomendação de que Alicia não se esforçasse. Perto da porta, Nicolas sugou o ar com força, mas não fez nenhum comentário assim que explicamos que o dr. Felipe recomendara o adiamento.

Para minha surpresa, em vez de desespero, tudo o que Max expressou foi preocupação.

— O que eu devo fazer? — sondei. Estava louca para dar alguma privacidade a eles, mas precisava de uma definição.

Os noivos se entreolharam. Uma troca silenciosa aconteceu. Imagino que o argumento de Max tenha sido convincente, pois Alicia gemeu, caindo de costas no colchão.

— Não posso permitir que ela se canse e coloque a saúde em risco — ele ponderou, em tom grave. — O jardim é imenso. Ela não vai conseguir atravessá-lo. O que nós iríamos fazer hoje seria apenas oficializar algo que já sacramentamos no coração. Vamos adiar — disse Max, sem qualquer hesitação, e encarou Nicolas numa súplica silenciosa para que ele assumisse as rédeas e o ajudasse com a família.

Assentindo, Nicolas espalmou uma mão em minhas costas, enlaçando o braço de Mari com a outra, e começou a nos levar para fora.

Fechei a porta depois de passarmos por ela, vislumbrando Marcus e Júlia aos pés da escada, a frustração do Cassani mais novo ao se ver impossibilitado de chegar ao segundo andar. Mari se apressou degraus abaixo para lhes dar a notícia.

Eu parei no patamar, respirando fundo, frustrada.

— Não dá pra acreditar que isso está acontecendo.

— Não acredito que eles vão passar por isso de novo. — Nicolas se curvou e apoiou os cotovelos na balaustrada, o olhar perdido em um ponto lá embaixo. — Eles estão sonhando com esse momento faz tanto tempo.

— Não tenho como curá-la, Nicolas. — Eu me retraí.

Ele me deu um sorriso tristonho, uma mecha encobrindo parcialmente o olho direito.

— Eu sei disso. Se tivesse qualquer coisa que você ainda pudesse fazer, tenho

certeza de que já teria feito.

Suas palavras rodopiaram em meu cérebro como um furacão de intensidade cinco. Nicolas acreditava que eu poderia salvar o dia. Alicia e Mari também tinham confiado que eu faria o melhor que pudesse para ajudá-la.

Eu tinha mesmo feito tudo ao meu alcance? Não havia uma alternativa escondida em algum lugar? Nem umazinha?

Do alto das escadas, ouvi Marcus xingar e empurrar as rodas da cadeira com tanta raiva que quase se tornou um borrão indistinto ao deixar a sala. Júlia apenas admirou a mobília requintada, esperando que ela lhe apresentasse uma solução.

Não sei quanto a ela, mas as engrenagens do meu cérebro começaram a trabalhar mais depressa.

E se Alicia só tivesse que descer as escadas? E se eu pudesse delimitar o número de pessoas com quem ela teria contato, resumindo-se apenas ao juiz de paz e aos padrinhos? Desde que todos fossem vacinados, tivessem contraído catapora e não estivessem doentes, é claro. E se eu pudesse substituir a mobília por bancos e arranjos? O ambiente era amplo o bastante...

Endireitando a coluna, Nicolas tocou meu braço.

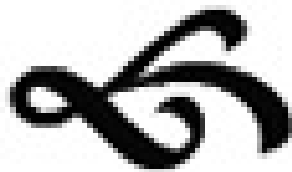
— É melhor eu dar a notícia pra família toda. — Começou a descer a escada.

— Não. Espera! — Eu o segurei pela parte de trás do paletó antes que saísse do meu alcance.

Do segundo degrau, Nicolas me observou, questionando.

Apenas abanei a cabeça, me pondo em movimento.

— Não faz nada ainda, Nicolas. Me deixa falar com os noivos primeiro. Acabei de pensar numa coisa meio maluca, mas que talvez possa funcionar.



No belo quarto do segundo andar da mansão dos Lima, eu tremia e suava, como se quem estivesse prestes a caminhar até o altar fosse eu. Ajeitei uma mecha do cabelo que se desprendera do penteado da noiva e me afastei para dar uma olhada nela.

O vestido ficou deslumbrante em seu corpo esguio. Em um lindo tom off-white, tinha pouquíssimas aplicações de renda no decote alto, que deixava apenas a linha do pescoço visível. O crepe ondulava em suas curvas suaves, fluindo em delicadas dobras até roçar o piso. Ela desistira da maquiadora e aplicara apenas um pouco de rímel e um batom rosa clarinho. Seu cabelo cor de aveia foi puxado para trás em um coque meio despenteado, evidenciando seus traços delicados. Minúsculos brincos de pérolas reluziam em suas orelhas, mas o que deixava Alicia tão deslumbrante era o brilho de felicidade que exibia no olhar.

— Chegou a hora — anunciei.

— Tudo bem. — Ela inspirou fundo uma vez. E mais uma. E outra ainda. — Tá legal, como é que eu tô? Muito ruim?

Eu lhe estendi o buquê de narcisos amarelos com um largo sorriso.

— Alicia, você está tão linda que ninguém vai conseguir prestar atenção na catapora.

O comentário acrescentou um pouco de cor aos málares bem marcados, deixando-a ainda mais encantadora. Ouvimos uma batida na porta. O pai de Max entrou, mas parou diante da visão da nora.

— Você parece uma pintura, minha querida — a voz de Julius embargou. — Seu avô, esteja onde estiver, deve estar inchado de orgulho. Eu estou.

O sorriso dela ficou maior.

Puxei uma longa respiração ao acionar o pequeno rádio em meu ouvido.

— A Alicia está pronta — avisei.

— Os padrinhos e o noivo já estão a postos — a voz grave de Dênis fez cócegas em meu ouvido. — Família Cassani pronta.

— Músicos no aguardo do sinal — anunciou Fabiola. — Noivo e padrinhos em posição.

— Tudo certo com o telão e o equipamento de som — se adiantou André.

— Os convidados já estão nas mesas, vidrados no telão, esperando que o casamento comece — concluiu Gabriela. — Tudo pronto.

Ok, manter o pessoal na tenda, acompanhando o casamento em uma transmissão ao vivo, fora o único jeito que eu encontrara de aquele casamento acontecer sem prejudicar a saúde já frágil de Alicia ou iniciar uma epidemia. Max rejeitara a ideia, temendo que Alicia pudesse piorar com qualquer mínimo esforço. Mas a noiva... bom, Alicia me olhara como se eu fosse uma super-

heroína ou algo assim, e em um átimo de segundo enxotou o noivo do quarto para começar a se arrumar. Os amigos e parentes dos noivos compreenderam o drama, e, apesar da estranheza da situação, embarcaram com animação na minha ideia. André e Fabiola cuidaram de toda a parte de som e vídeo.

Afofei a saia do vestido da noiva uma última vez, conferi se a posição dos braços dos dois estava alinhada e assenti.

— Esperem a música começar. Contem até dez e aí desçam. — Eu estava pronta para correr para as escadas no final do corredor, mas Alicia se esticou para pegar minha mão.

— Obrigada pelo que fez, Mel. — Sua voz tremeu um pouco. — Por me dar este momento. Nunca vou me esquecer.

Não pude deixar de sorrir de volta. Era por isso que eu me esforçava tanto, dava o meu sangue. Para que as pessoas, por um dia, uma noite, sentissem que a vida era perfeita, mesmo que seu corpo estivesse coberto de bolhas.

— Apenas divirta-se. — Pisquei para ela e saí para o corredor.

Eu praticamente voei pelas escadas que davam na cozinha, contornando a bagunça de garçons, meio esbaforida na pressa de chegar à sala. Ajoelhado no primeiro degrau, Dênis acendeu a última vela das duas longas fileiras que margeavam as escadas — as mesas lá fora tinham sofrido um assalto, mas era um pequeno preço diante das circunstâncias. A mobília fora acomodada no antigo escritório de seu Narciso, onde agora funcionava o da fundação criada por Alicia no início do ano. O centro da vasta sala fora preenchido por milhares de flores brancas, que seguiam até o altar (o pergolado também fora depenado), e os padrinhos e pais do noivo, sentados nas duas fileiras de cadeiras, acompanhavam Max andar de um lado para o outro, impaciente.

Em frente à garagem, os músicos aguardavam o comando. Eu me aproximei da janela e fiz um sinal para a garota do violoncelo; os trompetes se ergueram, o violinista assumiu a posição e os primeiros acordes da “Marcha nupcial” penetraram a sala e dissolveram a tensão, o ar vibrando com a cadência divertida e alegre do jazz, repleto de promessas de um final feliz.

Max soprou o ar com força, agitando os ombros. Todos se levantaram assim que Alicia surgiu no alto da escada. As respirações ficaram suspensas por um segundo, naquele instante mágico de deslumbramento coletivo. Vinda não sei bem de onde, uma borboleta azul ziguezagueou escada acima, pousando caprichosamente no buquê. A noiva riu com gosto. Auxiliada por Julius, mantendo a postura altiva da princesa que Alicia Moraes de Bragança e Lima nascera para ser, ela ergueu um dos lados da saia e começou a descer os degraus. Pantufas multicoloridas de patas de dinossauro surgiram sob o vestido delicado. Mordi a bochecha para não rir. Alicia nunca foi muito tradicional mesmo.

Quebrando o protocolo, o noivo abandonou seu posto para se posicionar aos pés da escada, pronto para pegá-la caso precisasse. Os olhares dos dois se travaram, a explosão de sentimentos se espalhando pela sala em ondas cálidas. O amor era palpável, explícito, compartilhado, como eu imaginava que tinha que ser.

A borboleta bateu as asas e voou no instante em que Julius entregou a bela noiva ao seu primogênito. Max beijou a testa dela antes de se abaixar, passar o braço atrás de um dos joelhos da noiva e começar a carregá-la até o altar, para delírio do pessoal na tenda.

Minha visão ficou turva. Ah, tudo bem. Eu estava no ramo fazia algum tempo, e, está certo, alguns enlacs eram mais frios que o coração de Sônia. Mas outros... o que eu testemunhava naquele instante, por exemplo... eram a razão pela qual eu me apaixonara pela profissão. Sempre foi sobre o amor.

Sem pensar, fechei os dedos ao redor do pulso, sentindo a textura das pedras misturadas à frieza do metal do relógio e procurei o par de íris azuis mais profundas que qualquer oceano. Ele me observava havia algum tempo, percebi. Por um momento, tudo ao meu redor se resumiu ao martelar do meu coração e ao homem me encarando do outro lado da sala parecendo... me dizer tanta coisa. Promessas solenes e licenciosas das quais eu já não sabia se tinha medo.

O rádio em meu ouvido soltou um agudo apito, me sobressaltando.

— Mel — André chamou no ponto eletrônico. — Será que você pode dar um pulinho na entrada da casa?

— A caminho — respondi, abrindo os braços para Nicolas num desanimado “Preciso ir.”

— Como a Cinderela — fez com os lábios, os olhos se enrugando nos cantos.

Eu ainda ria quando escapei pelos fundos e saí para o gramado. Mas toda a diversão se foi assim que avistei sirenes azuis e vermelhas piscando diante dos portões da mansão.

— Qual é o problema, André? — perguntei ao rádio, começando a correr para a entrada da propriedade. — O que está acontecendo?

— Alguém fez uma denúncia anônima — anunciou, nervoso. — A polícia veio investigar se estamos contrabandeando drogas na festa.

Da janela da sala, vi as luzes vermelhas das viaturas tremeluzirem, tingindo de cor-de-rosa parte da tenda, agora lotada. Alguns olhares se espichavam, curiosos, outros mais assustados para o que acontecia na casa. Pior de tudo, Camila, Fred e a mãe apareceram bem no meio da confusão. Mas não tive tempo de avaliar o que qualquer um deles poderia estar pensando, pois a família Cassani se reunira na sala, e Fabi e eu os acompanhamos, tentando fingir um pouco de calma, servindo água a eles e oferecendo palavras de consolo enquanto os policiais revistavam a casa. Acho que não enganamos ninguém.

— Tudo limpo na casa — anunciou o capitão Vargas, descendo as escadas e atraindo minha atenção para seu imenso bigode grisalho.

— Foi o que eu disse logo que você chegaram. — Depositei a bandeja no cantinho da mesa. — Isto é um casamento. A noiva está doente, pelo amor de Deus. — Indiquei Alicia, sentada no altar, fuzilando o homem de uniforme de um jeito muito preocupante.

— Lamento o incômodo. — O sujeito alisou uma sobrancelha. — Recebemos uma denúncia de que comercializariam cocaína aqui esta noite. Tínhamos que verificar.

Max bufou, relanceando o mandado judicial bastante amassado em suas mãos.

— Isso é ridículo. — Ele meio riu, meio rosnou. — Vocês já revistaram cada um dos convidados, os empregados, a casa, as moitas no jardim, a comida, acabaram com o bolo, e a única droga que encontraram foi o antitérmico que o médico receitou para a Alicia. Por favor, poderiam se retirar agora ou pretendem destruir alguma outra coisa?

— Calminha aí. — Nicolas pousou a mão no seu ombro e o forçou em direção a uma das cadeiras.

Max fez menção de se levantar de novo, mas Marcus empurrou as rodas de sua cadeira e se plantou na frente do irmão.

— Não me obrigue a te derrubar no dia do seu casamento — resmungou por entre o maxilar trincado.

Com medo de que o policial criasse caso com o tom revoltado do noivo, achei melhor acompanhá-lo até a porta. Da frente da garagem, ele fez um sinal para seus companheiros, indicando a viatura. Observei o carro passar pelos portões sob uma chuva de flashes enquanto os seguranças trabalhavam na inútil tarefa de conter os jornalistas.

Saco. Vou ter que enviar uma nota bastante criativa à imprensa, pensei, enquanto fechava a porta.

Bem atrás de Mirna, Fabiola me deu uma olhada que dizia “e agora, o que a gente faz?”.

Só havia uma coisa a fazer: gerenciar a crise.

— Eu nem sei como me desculpar — falei, mortificada, para os recém-casados. — Isso nunca aconteceu antes. Não sei por que alguém pensou que seria engraçado pregar uma peça dessas. Eu lamento muito não ter conseguido impedir que eles entrassem. A denúncia foi feita ontem.

— Não foi culpa sua — cuspiu Alicia, ficando de pé. — Foi daquele cretino!

— Clóvis? — Uma sombra dominou o semblante de Max. — Você acha que foi ele?

— Só pode! Quem mais teria interesse em estragar o nosso casamento? Ele já

tentou uma vez, lembra? Mas se ele pensa que vai arruinar esse dia perfeito, errou feio.

— Exatamente. — Eu me recostei no altar ao lado de Alicia e cruzei os braços. — A imprensa deve estar se questionando sobre a batida policial. Vou redigir uma nota explicando que foi uma brincadeira de mau gosto, só que para que ela tenha alguma veracidade, preciso que vocês ajam normalmente. Sei que estão nervosos, mas a festa precisa continuar, agora mais do que nunca.

— A Mel tem razão. — Nicolas bateu no ombro de Max, ainda bravo. — Nós precisamos mostrar pra imprensa e pra quem tentou melar o casamento que o plano deu errado. E o melhor jeito é ficarmos bêbados.

— Finalmente alguém disse uma coisa sensata — articulou Marcus, menos carrancudo.

Deixei a família organizando sua própria contenção de crise e fui para a tenda dar início à festa. O DJ abriu os trabalhos ao mesmo tempo em que o bar começava a fornecer drinques. Não demorou muito para que o incidente fosse esquecido e as conversas e os risos ecoassem pelo terreno da mansão dos Lima. O telão foi religado, exibindo em tempo real a dança dos noivos na sala.

Nunca me esforcei tanto para manter as aparências. Cuidei para que as taças estivessem sempre cheias, os pratos nunca ficassem vazios, os banheiros providos do necessário. Eu terminava de reabastecer o kit de higiene no lavabo quando Fabiola entrou sem bater.

— Algum problema? — perguntei, imediatamente tensa.

Ela ergueu as mãos, rindo.

— Relaxa. Só vim fazer xixi. Tá tudo certo. — Começou a desabotoar a calça de alfaiataria.

Diferentemente dela, não encontrei alívio algum.

— Ainda não consigo relaxar, Fabi. — Eu me encostei à bancada, batucando os dedos no mármore frio. — Não sei como vai ser amanhã. Estou preocupada com o que a imprensa vai dizer.

— Se descabelar agora não vai adiantar. Você vai dar um jeito. É ótima nisso.

Minhas bochechas inflaram conforme eu soprava o ar com força e assentia. Ela foi lavar as mãos e eu me preparei para sair. No entanto, minha amiga se esticou para enroscar os dedos molhados em meu pulso. No instante seguinte, me sufocava em um abraço, seu cabelo atacando minha cara.

— Desculpa, Mel. Sobre as coisas que eu falei no outro dia. Sinto muito. Eu realmente acho que você não pode continuar se escondendo do mundo desse jeito, mas podia ter sido mais gentil ao me expressar. Eu só queria que parasse de acreditar que não é digna de ser amada. Porque você é. — Sua voz vibrou com a emoção. — Muito digna. Muito amada.

— Tudo bem. — Soprei uma de suas molinhas, que faziam cócegas em meu nariz. — Você sempre foi intrometida. É uma das coisas que eu mais amo em você.

Rindo, ela me apertou com tanta força que o fecho frontal do meu sutiã se desencaixou.

— Eu sou mesmo intrometida, mas só com as pessoas que eu amo. Odeio brigar com você.

— Eu também. — Foi a minha vez de segurá-la com mais força. — E, só pra você saber, acho que eu precisava ouvir algumas daquelas coisas. Eu fujo da vida, sim. E estou tentando mudar isso.

Afundando as unhas nos meus ombros, ela se afastou o suficiente para me observar com uma cara esquisita.

— O que foi que você disse?

Meio sorri, meio fiz careta. Admitir que eu já não queria mais me esconder era um grande feito. Gigantesco. Mas, então, o que acontecia agora? Qual era o próximo passo?

Fabi me observou por um longo instante e chegou a se curvar para dar uma boa conferida em meu semblante.

— Nossa, a sua pele está incrível. — Ergueu uma das sobrancelhas. — Você tá usando base?

— Não.

— Sério? Você tá tão reluzente e... — Ela se interrompeu, e ouvi o exato instante em que a mente de minha amiga produziu uma justificativa. Seu queixo quase caiu no chão. — Ah, meu Deus do céu! Você finalmente criou juízo! Você transou com o Nicolas!

Dei risada, me desprendendo dela para arrumar o sutiã.

— Como é que você pode pensar nisso depois de passarmos por uma batida policial e prepararmos um novo cenário em menos de duas horas?

— Sou movida a romance, amiga. Agora me conta tudo! Quem tomou a iniciativa? Onde aconteceu? Ele faz um típico amante ardente de livro de banca ou está mais pra professor com profundo conhecimento da biologia feminina?

— Nós duas temos que voltar para a festa agora. — Girei a maçaneta e saí do banheiro.

Não foi uma surpresa ela vir atrás de mim meio aos pulinhos.

— Melissa Gouvêa, nem pense que vai me engambelar. Eu quero os detalhes picantes. Não vou parar de te atormentar até me contar tudo. Como ele reagiu quando soube do noivado fictício?

O comentário me fez parar na entrada da cozinha, agora funcionando a um ritmo frenético.

— Eu não contei, Fabi. Já resolvi tudo com a Camila. Ela até deu o telefone do Nicolas pra amiga. Essa história acabou de vez.

— Que bom. Não quero que nada mele seu romance com o Nicolas. — Ela apertou minha mão e ergueu o braço para examinar melhor o relógio no meu pulso. — Caramba. Ele te deu o relógio dele? A coisa tá séria assim?

— Não... sei direito — confessei.

Eu não sabia exatamente para onde Nicolas e eu estávamos indo. A coisa de não deixar a noite acabar parecia não estar funcionando bem, mas, ainda que muito assustada, eu estava a fim de descobrir no que aquilo ia dar.

— Parece que a gente tem muito assunto pra pôr em dia — ela concluiu, animada.

Tínhamos mesmo, de modo que combinamos passar nossa folga juntas no dia seguinte.

Ao retornar à tenda, a lua já estava alta no céu, e nenhum dos convidados parecia ter a intenção de se mandar, sinal de que estávamos fazendo um bom trabalho. Meio à margem, observei o gramado iluminado por centenas de luzinhas, atenta a qualquer possível problema. As mesas sob a cobertura estavam parcialmente ocupadas. Os convidados se espalhavam pelo terreno em grupos, à vontade, enquanto o telão fixado no pergolado exibia a dança lenta da noiva, com as pantufas de dinossauro apoiadas sobre os sapatos lustrosos do noivo, dançando coladinho uma balada. Júlia e Marcus também dançavam no centro da tenda, em uma sucessão de rodopios e olhos nos olhos que era fácil confundi-los com os recém-casados. Mariana passara um pouco da conta e tropeçava na barra do vestido, ao mesmo tempo que Breno insistia para que ela comesse um pedaço de bolo. A mãe de Nicolas ria de algo que dona Berenice dissera. Seu cardiologista, que fora promovido a marido havia alguns meses, contava a dona Mirna sobre o cruzeiro de lua de mel que ele e dona Berê haviam feito, e que pretendiam repetir a dose assim que Marcus e Júlia se casassem. Amaya e seu namorado estavam perdidos em uma conversa sussurrada.

Meu olhar cruzou com o de Nicolas, no bar. Sob aquela iluminação, ele mais parecia algo inventado pela minha imaginação do que um homem de carne, osso e muitos músculos, como eu bem sabia. Eu estava preocupada com ele. Com todos os Cassani reunidos, a ausência do pai devia ser ainda mais sentida. Sorrindo de leve, ele me deu uma piscada, apaziguando um pouco meu coração.

Tornei a me concentrar na festa e acabei analisando a mesa dos Bueno. Imediatamente, fiquei alerta. Eu não podia ouvi-los, estavam do outro lado da tenda, mas, pela expressão corporal de Fred e o franzir de testa de Helena, pareciam debater algo muito desagradável. Por um instante, pensei em me aproximar e investigar, mas Camila me flagrou, uma rosa de chocolate e flor de

sal a caminho da boca.

“Vou querer estes aqui também”, gesticulou, apaziguando meus nervos.

Ela parecia corada e bem-disposta, e eu me enchi de alívio. Ainda me lembrava de sua palidez cadavérica enquanto seguíamos para o hospital, em parte pelo sangramento, em parte pelo medo de perder o bebê. Era um alívio saber que ela se recuperava, e ambos estavam bem.

Um braço quente e forte serpenteou pela minha cintura, o tórax largo se colando às minhas costas.

— Estou com problemas. — Inspirou em meu cabelo. — Não consigo mais fingir que você não está aqui.

— Concordo. — Fechei os olhos, sentindo tudo dentro de mim vibrar ao moldar meu corpo ao dele, me deixando afundar no refúgio que era Nicolas. — Como você está lidando com tudo?

— Surpreendentemente, estou bem. Meio saudosista, mas isso não é algo ruim. De maneira alguma. Já você me parece exausta.

— Esta noite parece ter trezentas e oitenta e três horas.

— Que tal tirar uma folga? Só por cinco minutos! — ele se apressou assim que girei em seus braços, horrorizada. — O mundo não vai acabar se você descansar por cinco minutos. Você não parou um instante sequer desde a batida policial. Deve estar precisando de um tempinho para botar os pensamentos em ordem.

— Mas ainda não posso. Alguma coisa pode dar errado e...

— Você ter que sair correndo para salvar o mundo. Eu sei. — Puxou a pontinha do meu rabo de cavalo. — Mas não precisa ir pra longe. — Indicou com o queixo o banco entre a tenda e a garagem, parcialmente oculto por uma árvore larga. Seus lábios se repuxavam nos cantinhos de um jeito quase diabólico ao acrescentar: — Você tem duas opções. Ir andando até lá ou em cima do meu ombro. Seja lá o que escolher, o resultado vai ser o mesmo.

— Você não ousaria... — Recuei um passo, me desprendendo dele.

— Você ainda não aprendeu nadinha sobre mim? — Avançou todo maciço, lindo e muito determinado.

Eu me recordei da noite no chalé, de estar sobre seu ombro, e meu estômago se assanhou. Estar sobre Nicolas, de qualquer maneira que fosse, era exatamente o que eu queria. Mas eu estava a serviço, cercada de convidados, e achei que o espetáculo policial tinha sido o suficiente para aquela festa, de modo que comecei a atravessar o gramado, sem pressa.

— Pareço estar tão mal assim? — perguntei, ao passarmos pela árvore cuja copa se acendia graças aos minúsculos fios de luzes enroscados aos galhos.

A brisa fresca do começo da noite carregou os acordes de uma balada,

balançando os cordões de luzes sobre nossas cabeças, que se refletiram nos olhos de Nicolas: um céu particular que não me perdia de vista nem um único segundo sequer.

Eu ainda não sabia de que maneira classificá-lo em minha vida, mas a certeza de que algo maravilhoso estava acontecendo entre nós se amalgamava em meu coração. Não era só o fogo que eu via em suas íris cintilantes, nem a ternura na curva de seus lábios. Havia preocupação, bem-querer, respeito, entendimento. Se fosse possível, eu teria guardado todos aqueles preciosos sentimentos em um cofre e os protegido com minha própria vida.

— Não parece mal. — Ele observou os arredores antes de me empurrar para trás da árvore, me prendendo entre seu corpo e o tronco. — Você parece alguém que precisa ser beijada. Imediatamente.

Sua boca encontrou a minha ainda aberta em um sorriso, mas a diversão logo foi deixada de lado e nenhum de nós falou nada por um bom tempo. Nicolas me beijou até cada um dos meus músculos tensos se dissolver em um emaranhado gelatinoso.

Quando nossa respiração perdeu o compasso e eu pensei que fosse desmaiar, ele me pegou pela mão e praticamente me obrigou a sentar no banco a poucos metros dali. Por um minuto, meu corpo estranhou a posição, se retesando antes de relaxar gradativamente e eu começar a sentir que a conta de tanto esforço físico viria em uma dose cavalgar.

— Vem cá. — Enlaçando minha cintura, ele me puxou até que minhas costas se colassem ao seu peito. Do bolso interno do paletó, fez surgir uma garrafa de champanhe e me entregou. — Beba antes que sua folga acabe.

— Você precisa parar de roubar as bebidas dos meus eventos. — Envolvi os dedos no gargalo. — E de me oferecer o espólio.

— Você sempre pode recusar...

— Não sou tão forte assim. — Beberiquei um longo gole direto da garrafa. A mistura perfeita entre a acidez e o cítrico envolveu minha língua, escorregando para minha garganta suavemente.

Ele se curvou até sua boca roçar meu lóbulo sensível.

— Você é muito mais forte do que pensa, Mel. Sabe que não teve responsabilidade nenhuma, não é? Na batida policial. — Pressionou o queixo em minha têmpora.

— Eu... — Descansei a nuca em seu ombro, observando as luzes por entre a folhagem, e suspirei. — ... estou tentando me convencer disso. Eles tinham um mandado.

Suas mãos deslizaram pelo meu braço e diminuíram o ritmo ao envolver meu pulso, desenhando círculos lentos e demorados sobre um ponto particularmente

sensível sob as pulseiras, e gemi baixinho. As mesmas sensações de sempre foram despertadas por seu toque — descargas elétricas, pulsação errática, arrepios por toda parte —, e também fui inundada por uma mistura de paz e calma que aquietou minha mente agitada e me deixou com a consistência de uma água-viva.

— Eu encontrei os noivos dançando na sala — disse em minha orelha, puxando a garrafa para deixá-la ao lado do meu quadril e oferecer o mesmo tratamento ao meu outro punho. — Estavam tão absortos um no outro que nem perceberam minha presença.

— Eu sei. Pensei que o Max fosse ter um treco quando viu a Alicia doente. Ele nem pensou na pequena fortuna que iriam jogar no lixo se adiassem o casamento de novo. Nem nos convidados, nem em toda aquela comida... Alicia era tudo o que importava. Deixá-la mais confortável possível, se antecipar às necessidades que ela ainda não tinha se ligado que tinha. Obrigada — falei, logo que Nicolas me devolveu a garrafa.

Terminando com meu braço, tão mole que caiu sobre a coxa dele e ficou por ali mesmo, Nicolas alcançou os nós em meu pescoço e começou a dissolvê-los com a pontinha dos polegares. Entortei o pescoço para lhe dar mais acesso. Não tinha percebido o quanto meus músculos estavam tensos até ele me mostrar. *Se ele pudesse ir só mais um pouquinho para a esq... aaaaaah, sim! Bem ali!*

— O Max é louco por ela — comentou, sem interromper a massagem. — Fico feliz que eles finalmente tenham conseguido oficializar a união.

— Eu também. Você consegue imaginar estar num relacionamento igual ao deles? Em que um antecipa as necessidades do outro? — Virei o rosto, resvalando o nariz em seu queixo áspero.

Uma emoção nova escureceu seu olhar conforme liberava meus ombros e me encarava com intensidade.

— Não, não consigo imaginar como deve ser isso. — E me deu um curto sorriso, cheio de significados, que deixou minha boca seca.

Eu estava aprendendo a ler Nicolas.

E começava a entender a mim mesma.

Havia um tempo em que eu tinha entendido que o que eu sentira por Fred ou qualquer outro homem tinha sido apenas um eco, uma estação de rádio mal sintonizada. Nicolas era a banda de heavy metal tocando com os amplificadores na potência máxima, um som cru e nítido, que preenchia a cavidade sob minhas costelas por completo.

Ainda presa em seu olhar, a cortina que eu mantinha a duras penas caiu, e enxerguei o que se passava dentro do meu peito havia muito tempo. Depois do acidente, qualquer cara que provocasse em mim um ínfimo tremor era mais que

o bastante para que eu batesse em retirada. Eu dizia a mim mesma que queria evitar complicação, que não tinha tempo para nada... Mas a verdade era que não conseguia me perdoar por ter batido o carro e deixado minha mãe incapacitada. Eu não... não me via como alguém que merecesse a felicidade. *Por isso fiquei com Fred por tanto tempo*, me dei conta, atordoada. Era seguro.

Nicolas, por outro lado, fazia tudo em mim sacudir, até minhas convicções, por isso eu o evitara, inventara desculpas, criara problemas para afastá-lo, pois sabia que, se eu desse ouvidos àquele frêmito em meu peito, tomaria um caminho sem volta.

E de nada adiantara porque, mesmo me esforçando, os sentimentos fincaram raízes, perfuraram os muros para criar seus alicerces. A verdade é que eu estava desesperada e profundamente apaixonada por Nicolas Cassani.

Não sei como ou quando aconteceu. Eu havia me cercado, me escondido sob a redoma. Funcionara até eu encontrar Nicolas. Uma rachadura surgiu na estrutura, então mais uma conforme eu o conhecia, e outra em nosso primeiro beijo. E outras tantas vieram depois, até o buraco ser grande o suficiente para que ele invadisse meu mundo particular e o revirasse.

Nicolas era meu oposto em quase tudo. Enquanto eu ponderava, ele agia sem pensar. Eu tinha medo de atravessar a ponte, ele simplesmente pulava na água e nadava até o outro lado. Eu receava, ele flertava com o risco. Mas de alguma maneira sua bagunça começou a se encaixar em minha ordem, me mostrando um lado meu que eu não conhecia. Uma Mel mais leve e descontraída, mais selvagem também. Por mais que tenha me assustado, não pude expulsá-lo do meu mundo. Em vez disso, entrelacei os dedos aos dele e quis que ficasse ali comigo, que continuasse me mostrando o seu próprio universo complexo, trouxesse leveza e luz aos meus dias com aquele sorriso de canto de boca, no olhar onde a criação do mundo parecia ter se originado, suas tiradas sacanas que me faziam querer bater nele e imediatamente beijá-lo.

Eu me apaixonara por Nicolas. Por cada pedacinho dele desde... desde que o vira tropeçar naquela igreja. Eu me apaixonei por ele instantaneamente, e tentei sufocar o sentimento não só porque tinha um namorado na época, mas porque a intensidade do que sentia me apavorara. Nicolas me ajudara a me libertar dos grilhões que eu mesma criara e me fizera olhar para dentro de mim, encarar quem eu realmente era. E não me encolher diante do que via.

Naquele momento, sentada sob a árvore iluminada, olhando no fundo de seus olhos, de sua alma, eu quis que ele entendesse que, mesmo petrificada, eu estava pronta para mergulhar com ele naquele sentimento e toda sua plenitude, porque, toda vez que ele me sorria, em algum lugar no universo um novo sol nascia. Eu queria fazê-lo sentir todas as coisas loucas que ele me despertava. Salvá-lo da

mesma maneira que ele estava me ensinando a me salvar de mim mesma.

Uma necessidade quase visceral de dividir com ele tudo o que sentia, cada um dos meus segredos, me fez girar no banco, prender os dedos em sua nuca e encará-lo sem nenhum véu ou máscara. Não queria mais me esconder, nem mesmo as partes que eu mesma preferia não afrontar. Como a patética história do noivado de mentira, decidi.

— Nicolas, eu queria te contar uma...

— Mamãe, aonde você vai? — alguém gritou ali perto. — Mamãe, o Fred já foi buscar o carro!

Sobressaltada, soltei Nicolas a tempo de ver Camila acenar da entrada da casa para Helena, que passou pela porta e desapareceu lá dentro.

A presença das duas estourou nossa bolha, me advertindo de que havia uma festa para comandar. Os convidados começavam a ir embora, e eu precisava retornar ao trabalho.

Deitei a testa no ombro de Nicolas, suspirando.

— Droga, eu tenho que voltar.

— Tudo bem. — Beijou meu pescoço, subindo a mão pelas minhas costas. — Eu posso esperar. Eu posso esperar por você a vida toda, Mel.

Ele me beijou, se demorando um pouquinho a mais do que deveria (não que eu me opusesse), e então, com alguma relutância, se levantou e tomou a direção da festa. Contornei a árvore, por pouco não trombando em Camila.

— Ah! — Ela se iluminou. — Eu estava mesmo imaginando por onde você andava.

— É, hummm... — Fiquei vermelha. — Eu precisei me sentar um instante.

— Claro que sim. — Espiou Nicolas, já perto da tenda. — O casamento foi incrível, Mel. Estou pasma com tudo o que você conseguiu agilizar em menos de duas horas. Deve estar exausta, ainda mais depois daquela brincadeira sem graça envolvendo a polícia.

— Foi um pesadelo — admiti, mortificada. — Já vivi muita coisa nesse mundo de eventos, mas acho que essa foi a mais absurda.

— Não fique chateada. O imprevisto não tirou o brilho de nada, especialmente da noiva. Não pude vê-la pessoalmente, por causa do bebê, mas ela parecia radiante no telão. O seu Narciso estaria explodindo de orgulho. Essa menina foi a razão da vida dele. Uma pena que eu e ela nunca tenhamos conseguido ser muito amigas. Mamãe achava que Alicia era péssima influência. — Riu, sem graça.

Em outras palavras, toda a vida de Camila havia sido controlada por outra pessoa.

Sinalizei o banco que Nicolas e eu ocupáramos havia pouco. Ela me

acompanhou pelo gramado e deixou escapar um gemido ao se sentar.

— Fiquei tão feliz em te ver hoje, Camila, ainda mais com um aspecto tão saudável. Como se sente?

— Estou bem. Um pouco apreensiva, mas fisicamente está tudo certo comigo e com ele. — Espalmou a barriga, levemente inchada. — Ando tomando mais cuidado, quero estar forte no casamento. As próximas duas semanas vão se resumir em ficar deitada me empanturrando de doces enquanto vejo TV.

Já eu me sentia aliviada. Ela e o bebê estavam bem, e não havia nenhum rancor em sua expressão. Minha tentativa de lhe contar a verdade não desencadeara o quase aborto.

— Imagino que você esteja ficando maluca — deduzi.

— Bom, ontem cheguei ao cúmulo de contar as dobras da cortina do quarto. Duas vezes! — Riu de leve. Mas estava séria ao voltar a falar. — O episódio do quase aborto me fez entender que eu preciso pegar mais leve comigo mesma, diminuir o ritmo. Não posso pensar só em mim agora. É por isso que estou me desligando da Brasitecno antecipadamente. Já fiz o anúncio à diretoria. Amanhã vai ser minha última reunião como vice-presidente.

— Sinto muito, Camila. Eu sei que você adora esse trabalho.

Os dedos sobre a barriga se fecharam, protetores.

— Adoro mesmo. Mas eu amo mais esse pinguinho de gente que ainda nem conheço. — Ao erguer o rosto, tinha um novo brilho nos olhos. — Quer dizer que você e o Cassani reataram.

— É, bem... — Corei um pouco. — Estamos... nos entendendo. Muita coisa ainda está incerta.

— Não no que eu puder ajudar. — Cutucou meu braço com o cotovelo. — Espero que não esteja chateada comigo por ter dado o número dele para a Paris. Você precisava de um empurrãozinho para perceber do que estava abrindo mão. E funcionou. Vocês dois têm tudo a ver. É por isso que eu fico mais tranquila com a decisão que tomei.

— Que decisão? — inquiri sem entender, embora meu sexto sentido me alertasse de que a resposta iria doer. Muito.

— Sobre Palo Alto — esclareceu. — Ele deve ter comentado alguma coisa. Vamos criar o primeiro cargo compartilhado da Brasitecno. Duas pessoas vão desempenhar a mesma função, com uma carga horária menor. Segundo pesquisas, o rendimento é muito maior se o profissional não está sobrecarregado. O Cassani era o favorito para ocupar uma das vagas. Ele não só conquistou a confiança da diretoria como deixou todo mundo boquiaberto com um projeto chamado Utopia. A mente desse cara é incrível, Mel. Ele seria perfeito para a vaga de CSO. Jovem, talentoso. Só que...

— Só que...? — Minha voz saiu mais alta do que devia.

Ela puxou o cabelo por sobre o ombro, brincando com a pontinha de suas ondas.

— Só que o Nicolas não é solteiro. — E me deu um sorriso cheio de culpa. — Apesar de ele ser a primeira alternativa da diretoria, com muito jeitinho eu expliquei que as coisas haviam mudado e o Cassani já não era mais solteiro, e ele provavelmente não renderia muito se se afastasse da noiva agora.

Eu a contemplei em completo horror.

— Você disse o *q-quê*?!

— Trabalho não é tudo, Mel. Eu aprendi da pior maneira possível. — Bateu em minha mão dormente.

Eu não sentia nada abaixo do pescoço àquela altura. Tive que lutar contra o torpor e pulei do banco, como se ele me ferroasse.

— Camila, você não pode fazer isso!

— Eu sei que não devia me meter, mas também sei que você teria feito o mesmo por mim. Vocês estão apaixonados e finalmente se acertaram. Não precisa mais temer que ele vá para o outro canto do mundo. O Nicolas é um profissional brilhante, tem um futuro incrível dentro da empresa, então vai ficar tudo bem.

— Não! Não! Não! — Levei as mãos à cabeça.

Meu Deus, ele sonhara com essa promoção por anos. Não podia perdê-la por minha causa. Ele iria me odiar assim que soubesse.

— Ah, mamãe! Estou aqui! — Ela acenou para a mulher, que não cheguei a ver.

Eu tentava respirar, mas o mundo girava rápido demais. Ainda estava desconexa ao vê-la se levantar, ouvi-la dizer que Fred havia chegado e me soprar um beijo antes de descer a pequena colina para enlaçar o braço ao da mãe, que me estudou com cara de poucos amigos, como de costume.

Enraizada no lugar, o cérebro muito perto de entrar em colapso, precisei de um tempo para conseguir forçar meu corpo a funcionar de novo e correr atrás dela.

— Camila, espera!

Mas ela e Helena já desapareciam dentro do Range Rover branco. Pela janela do motorista, Fred me deu um curto cumprimento antes de acelerar.

— Espera. Por favor, espera! — Continuei correndo atrás do veículo, mesmo depois de vê-lo atravessar os portões duplos. — Por favor, você não pode fazer isso! — Arfei, à beira das lágrimas.

Alguns repórteres ainda ali fizeram algumas fotos minhas, antes de se darem conta de que eu não era uma convidada. Recuei de volta para o jardim,

tropeçando na raiz de um arbusto, e por pouco não terminei de cara no chão.

Tateando às cegas, encontrei o tronco de uma árvore e me apoiei nela, na esperança de voltar a respirar. Mas a culpa obstruía minha garganta.

Nicolas aceitara o emprego na Brasitecno não apenas pelo salário exorbitante, mas porque tinha a ambição de por meio dela atingir o ponto máximo em sua profissão: o Vale do Silício. Ele se dedicara a cada projeto, passara horas com a cara enfiada no computador, sempre pensando mais adiante, mirando a Califórnia. E chegara perto. Meu Deus, tão perto que poderia sentir o cheiro dos cabos de fibra ótica. E por minha culpa ele teria que esquecer tudo isso, porque Camila diria um grande e gordo "não" a ele no dia seguinte. Ele perderia sua grande chance, o sonho de uma vida inteira, construído com muito suor e sacrifício, porque eu tinha a boca grande demais. Em meu desespero para manter meu emprego, permitira que a farsa do noivado prosseguisse, colocando em risco a carreira de Nicolas. Eu atropelaria o homem que eu amava sem nem sequer lhe dar a chance de correr. E ele nem desconfiava disso.

Tonta, apoiei as costas na árvore, a mesma onde poucos minutos antes Nicolas e eu tínhamos nos beijado e a vida era perfeita. Meu coração latejava com violência, as mãos suadas e pegajosas vibrando sem controle, alguma coisa bloqueando a passagem; o ar não chegava aos pulmões. Eu estava presa entre as ferragens novamente.

Só que dessa vez os bombeiros não viriam me resgatar. Nada nem ninguém poderia me salvar. Ou a Nicolas. Eu arrasaria com o futuro dele, da mesma forma que destruía o de mamãe.

Existe algo de muito trágico em descobrir o que exatamente queremos da vida. Porque o destino, a própria vida, o carma, ou seja lá o que rege a nossa sorte, de alguma forma enlouquece e de um instante para o outro a razão do nosso desejo se torna a única coisa que jamais poderemos ter. Por que isso? Quem foi o idiota que criou essa regra?

Não encontrei alívio algum ao entrar em casa naquela madrugada, com Nicolas me seguindo de perto. Nem mesmo quando Loki pulou de cima de sua almofada preferida do sofá para me recepcionar. Eu me sentia como se um

ônibus estivesse amarrado à minha cintura. O que Camila havia dito não me saía da cabeça. Respirar ficava mais difícil a cada segundo, sobretudo porque Nicolas continuava sendo maravilhoso comigo de um jeito que eu definitivamente não merecia. Não depois de destruir tudo o que ele havia construído com tanto esforço.

— Você está calada esta noite. — Nicolas atirou as chaves do carro sobre a mesa de trabalho e pendurou o paletó e a gravata no encosto da cadeira.

— Só cansada...

Assim que a festa terminara, e eu e a equipe iniciáramos a desmontagem, eu insistira para que Nicolas fosse para casa. Mas ele se recusara e até ajudara André a carregar a van, de modo que eu não tinha tido um instante sozinha desde que Camila soltara a bomba de que eu melara a promoção de Nicolas.

Ele iria perder sua grande chance porque eu fora idiota demais e não ponderara sobre as implicações de inventar um noivado. É claro que teria consequências. Tudo sempre tem. Meu Deus, de que maneira eu poderia encará-lo e contar que tinha destruído qualquer possibilidade de seu grande sonho se concretizar?

— Mel, o que foi? — ele perguntou, parado no centro da sala, visivelmente preocupado. — E nem vem com essa de dizer que não foi nada porque eu sei que alguma coisa está te comendo por dentro. Está escrito em vermelho na sua testa. O que está acontecendo?

Ainda sem saber como entrar no assunto, perambulei pelo cômodo em busca de iluminação, o tempo todo sentindo o peso de seu olhar. Parei diante da mesa dele, brincando com a pontinha de um envelope branco que escapulia de dentro do livro, e me surpreendi ao ver meu nome nas costas do envelope.

Ouvi suas roupas farfalharem à medida que ele se aproximava e parava bem atrás de mim.

Tentando ganhar tempo, ergui o envelope, agitando-o no ar.

— Posso?

Comprimindo os lábios, contrariado, ele assentiu. Escorreguei o dedo pela aba e de dentro do envelope puxei dois retângulos em papel rígido. Li as informações uma vez. Meus olhos dispararam para Nicolas.

— Ingressos para o show do Justin Timberlake, na Argentina?

— O Dênis me contou que vocês vão ter uma janela de três dias no fim do próximo mês. E que você tem algumas folgas para tirar. Eu também tenho algumas. Aí eu pensei que talvez nós pudéssemos escapar por uns dias. Só você e eu, sem mais nada para nos atrapalhar.

Não sei se ele percebeu o que havia acabado de fazer, mas eu sim. Nicolas fizera planos para nós para dali a um mês e meio. Seu gesto indicava que ele

pretendia estar por perto por muito tempo ainda.

— Eu tropecei na notícia de que o seu cantor preferido estaria em Buenos Aires — explicou, um pouco ansioso —, e achei que seria uma boa desculpa pra te arrastar comigo pra algum lugar. Eu poderia dizer que nós vamos aproveitar a cidade, conhecer alguns museus, dançar um tango... Quer dizer, eu dançaria. Você só iria pisar no meu pé.

Meus olhos marejaram. Por que ele tinha que ser tão incrível?

— Mas a verdade — prosseguiu — é que eu planejo te manter ocupada no quarto do hotel por um período tão longo que provavelmente não vai sobrar tempo pra fazer nenhuma dessas coisas. Mas a intenção é o que conta, certo? — Ele me deu um daqueles seus sorrisos enviesados que me aqueciam por dentro ao me puxar pela cintura e moldar seu corpo ao meu.

Como eu sabia que aconteceria assim que ele me tocasse, qualquer problema ficou do lado de fora da fortaleza que Nicolas erguera para mim. Por um precioso segundo, me permiti me perder na sensação de paz, no calor que preencheu meu peito dilacerado. Eu queria dizer "sim" ao seu convite. Queria fugir com ele para qualquer lugar e esquecer o restante do mundo. Queria que aquele abraço durasse para sempre. Queria ser muda e nunca ter dito nada para Camila. Mas eu dissera, e agora tinha que contar a ele e lidar com sua ira, ou... pior ainda, sua mágoa.

Uma coleção de rugas decorou sua testa.

— O que está provocando isso? — Ele segurou minha mão. Só então percebi que a ponta do meu indicador estava quase roxa, tamanha a força com que eu torcia as pulseiras ao redor dele. — Você sempre brinca com essas pedrinhas quando está tensa, nervosa ou assustada. O que está havendo, Mel?

Ali estava minha chance. Tudo o que eu tinha que fazer era libertar as palavras que ensaiara mentalmente durante o trajeto até em casa.

Cometi um erro. Para não perder o emprego, fingi para a mãe ultraconservadora de uma cliente que estava noiva. A gente estava morando junto fazia pouco tempo, aí você acabou entrando na história. Só que a cliente era a Camila. Eu não sabia que vocês trabalhavam juntos. Ela te tirou da disputa da vaga na Califórnia porque acha que você vai casar comigo. Me perdoe.

Como ele poderia me perdoar? Eu tinha tido todo o tempo do mundo para confessar o que havia feito e escolhi não fazê-lo, porque pensei ter tudo resolvido. Eu não seria mais estúpida nem se tentasse.

Fitei os ingressos e engoli em seco.

— Por que você fez isso? — Minha voz mal passou de um sussurro.

— Porque... — Ele grudou o quadril ao meu, abraçando-me com mais vigor.

— ... eu quero te fazer feliz. Eu te... — ele se interrompeu, apertando os lábios e os olhos, dando a impressão de que queria engolir as palavras de volta.

De tudo o que ouvi, o que não foi dito martelou insistentemente em meu peito.

— Ama? — eu me ouvi perguntar. — Você me ama?

Soerguendo as pálpebras, Nicolas soprou o ar com força e delicadamente guiou minha mão até o centro do peito, onde seu coração pulsava, furioso.

— Eu amo, Mel — proferiu em desespero, mas também com um tipo de alívio profundo. — Eu amo você. E já tem um tempo. Acho que começou naquela igreja, quando te ouvi dizer para o policial que meus primos eram seus noivos. Foi tão estúpido e ao mesmo tempo tão doce. Não entendi o que aquela comichão no peito significava nem por que a repentina vontade de te abraçar era tão visceral. Precisei de muito tempo para compreender o que estava acontecendo comigo. Porque de repente sair com outras mulheres já não era tão divertido quanto antes, porque eu procurava nelas algo que só encontrei em você. Só quando esbarrei em você naquele bar eu entendi por que tudo isso acontecia.

Eu me lembrava daquela noite como se tivesse acontecido fazia cinco minutos. Eu quase beijara Nicolas um pouco antes de Amanda aparecer.

— Você me contou que havia aceitado cuidar do casamento do seu ex por causa dos seus pais — prosseguiu, o indicador acompanhando a curva do meu queixo. — Acho que nunca admirei tanto uma pessoa. Aí a Amanda chegou. — Fez uma careta. — Tínhamos combinado um drinque para discutir os rumos do Money Bin... É um projeto que andou nos dando alguma dor de cabeça. Por alguma razão eu não queria que você pensasse que estávamos saindo. Foi assim que eu soube que tesão não era a única coisa que você despertava em mim. Por favor, não entre em pânico — suplicou à meia-voz, encaixando as mãos em meu maxilar.

Meus batimentos cardíacos saltavam mais rápido que uma britadeira. O amor que eu sentia por ele triplicou de tamanho, e pensei que meu coração não fosse aguentar.

Eu amo você. Eu amo você. Eu amo você, pulsava com desespero.

Eu devia ter me assustado. Talvez fugido e me escondido em algum canto até conseguir respirar de novo. Mas não fiz isso. Nem ao menos me movi, hipnotizada pelo que também via dentro dele, de sua alma, de seu coração. Enxerguei nele o que às vezes tivera apenas um vislumbre, já que ele se esforçava muito para esconder. Agora exibia o sentimento em toda a sua grandeza e intensidade. Era avassalador. Gigantesco. E todo meu.

Desesperada para fazê-lo entender, fiquei na pontinha dos pés. Sua boca me encontrou no meio do caminho. Imprimi naquele beijo tudo aquilo que se

abrigava em meu peito e era dele. Só dele. Não esperei que ele fosse fazer o mesmo, que eu seria inundada por seus sentimentos em uma doação e entrega mútuas. Naquele beijo afoito e desesperado, Nicolas me mostrou o quanto eu significava para ele, traduzindo em toques e carícias o que eu acabara de vislumbrar em seu coração. Foi tão intenso que meus olhos ficaram úmidos. Eu me agarrei a ele com mais ímpeto. Ele tinha que saber que eu o amava, como ele era importante para mim. Que me matava saber que eu o decepcionaria.

Inesperadamente, ele arqueou as costas para correr o polegar pela minha bochecha.

— Ei, por que você está chorando? — perguntou, preocupado. — O que está acontecendo, Mel?

— Eu só estava pensando... — Minha voz embargou. Clareei a garganta. — ... só estava pensando que eu nunca me senti assim antes. Eu quero fazer a coisa certa, Nicolas. Quero ser uma pessoa da qual você se orgulhe de ter ao lado.

— Me orgulhe mais? — Ele achou graça, beijando a pontinha do meu nariz úmido. — Não sei se seria possível. Eu já te acho incrível pra cacete, Mel.

Não, eu não era nem um pouco incrível. Eu destruía sonhos. Talvez por isso me esforçasse tanto na Allure. Se eu me dedicasse bastante para transformar os sonhos das pessoas em algo palpável, quem sabe fosse absolvida pelos que eu aniquilava.

— Eu nunca quis te magoar. Você precisa acreditar nisso. — Agarrei sua camisa. Uma lágrima escorreu pela minha bochecha. — Tudo o que eu fiz, de todos os meus erros, eu nunca tive a intenção de te machucar.

— Eu sei. — Ele capturou minha lágrima com os lábios. — O que você está tentando me dizer?

— Que eu amo você — murmurei, perdida nas profundezas das íris azuis. — Eu amo você, Nicolas. Eu realmente te amo e nunca...

Mas ele não esperou que eu concluísse. Meio incrédulo, meio extasiado, Nicolas tomou minha boca de assalto, ardente e impiedoso. Acabamos no sofá, seu corpo maciço e quente pesando sobre o meu, e não demorou para que nos perdêssemos um no outro. O que aconteceu ali foi ainda mais forte, intenso e visceral que qualquer experiência anterior que eu tivesse tido. Nós uníamos nossos corpos, mas também o coração, nossa essência, nos misturando em uma coisa só, criando algo novo. Um mundo só nosso.

Mais tarde, ele me carregou para o quarto, e ali me amou sem pressa, curtindo cada toque, cada suspiro ou gemido. Depois que tudo se aquietou, exaustos e lânguidos, com o desejo enfim saciado, ele me abraçou bem apertado e assim ficou até pegar no sono, e eu senti que ainda fazíamos amor. Eu poderia ter contado a verdade a ele. Mas escolhi ficar calada, fingindo que não existia um

mundo fora daquele quarto. Um mundo onde eu ferrava com tudo.

Ainda me recordo de cada detalhe daquela noite, como se tivesse acontecido havia cinco minutos. Como eu poderia esquecer, se aquela foi a última vez que estive nos braços de Nicolas?

Recostada à cabeceira da cama de Nicolas, eu o admirava terminar de se vestir com o coração martelando contra as costelas. A delicadeza com que colocava os botões para dentro das casas destoava da ansiedade em seu semblante, tenso demais para notar meu estado de nervos.

— O quê? — Ele se virou, a testa encrespada, cuidando dos punhos da camisa.

Não tão distraído assim...

Eu passara a madrugada toda velando seu sono, a cada segundo mais e mais

resolvida a lhe contar tudo. Era a única coisa certa que eu ainda podia fazer por ele. Desde que ele acordara, eu procurava um jeito de fazer a verdade sair, mas, sempre que eu tentava, as palavras fugiam e eu me engasgava. *Só mais um instante*, eu dizia a mim mesma. *Apenas mais um sorriso, apenas mais um daqueles seus olhares*. Só mais um beijo, e então o momento escorria por entre meus dedos.

Como naquele instante.

— Você está muito elegante — acabei dizendo.

— Estou? — Abriu os braços para que eu avaliasse o terno escuro, o cabelo penteado de um jeito meio bagunçado. Ajeitando o paletó nos ombros com uma sacudidela, ele soprou uma pesada respiração. — Estou é bem nervoso com essa reunião, isso sim. Muita coisa pode acontecer hoje.

Mirei uma dobra no lençol, incapaz de encarar a esperança que o iluminava por inteiro.

Deduzi que Nicolas confundiu minha culpa com outra coisa, pois se sentou na beirada da cama e tocou meu queixo.

— Não fique assim. Seja lá o que aconteça nessa reunião, não vai mudar nada entre a gente. Eu prometo, Mel. Vamos dar um jeito. Pensar numa solução.

Eu não podia aguentar mais. Não dava para continuar a enganá-lo. Puxei uma grande quantidade de ar, pronta para soltar a verdade em um só fôlego.

— Não é isso... — proferi num fiapo de voz. — Nicolas, eu preciso...

Seu telefone começou a tocar sobre o criado-mudo. Mais tenso do que deixava transparecer, ele pulou para apanhá-lo.

— Alô? Oi, mãe. — Seus ombros relaxaram de leve. — Sim, é hoje. Eu não sei. Claro que eu ligo. Fica tranquila, dona Marta, não vou fazer nada ilegal. Pode deixar...

Eu me enrolei no lençol e me sentei sobre as pernas, aguardando com ansiedade que ele encerrasse a ligação e me ouvisse. Entretanto, assim que se despediu de Marta, mal teve tempo de abaixar o telefone antes que tocasse outra vez.

— Marcelo. É, estou de saída. Ok, te encontro lá. — Enfiou o aparelho no bolso do paletó, estalando a língua. — Saco.

Fiquei alerta.

— Algum problema?

— Lembra que te contei que o Money Bin andou dando trabalho? — Ele apanhou a bolsa transversal jogada no chão e a passou pelo corpo. — Vamos apresentá-lo para o cliente esta tarde, e o Marcelo tropeçou em um bug no script agora há pouco. Imagino que seja um erro de sintaxe, mas ele não conseguiu detectar ainda. Acho mais fácil depurar. Preciso ficar de olho no processamento

do algoritmo, então eu tenho que correr agora. Por que você não aproveita a folga para dormir um pouco mais? Você teve uma semana e tanto. — Segurando meu queixo, ele me beijou de leve.

— Nicolas... — comecei.

O telefone dele tornou a tocar. Dessa vez era Amanda. Com uma piscada, ele saiu do quarto sibilando um “Te vejo mais tarde”. Joguei as pernas para fora do colchão. Uma bolota laranja pulou sobre minhas coxas.

— Loki, já preparo o seu café. Aguenta aí. — Eu o coloquei sobre o travesseiro e fiquei de pé, pronta para correr... se os lençóis não se embolassem em minhas pernas. — Droga. Nicolas, espera!

Mas ele não me ouviu, e a porta da frente bateu antes que eu pudesse me desprender do lençol.

— Cacete! — Chutei o tecido para longe. Meu gato se assustou e pulou sobre as patas, os pelos em pé. Gemi, desolada. — Desculpa, Loki. — Caí de costas no colchão. Meu gatinho veio se sentar sobre meu peito, esfregando a cabeça em meu queixo. Afundei os dedos nos pelos fofos. — O que eu faço, Loki? O que ainda posso fazer nessa história?

“Servir meu café da manhã”, pareceu dizer, miando impaciente. Meu telefone começou a tocar em algum lugar na sala. Abraçando meu gato, fui procurá-lo por entre as roupas jogadas pelo chão. Eu o encontrei parcialmente escondido sob o sofá. Meu peito ardeu ao reconhecer o número.

— Oi, mãe. — Justamente quem eu mais queria ouvir.

— Espero que não esteja muito ocupada. Não quero incomodar.

— Você não incomoda. — Eu me soltei no sofá. Loki lutou para se libertar, indo investigar minha bolsa entreaberta, esquecida no chão. — Estou de folga hoje.

— Ah, que maravilha. Eu também. Estou cuidando do jardim esta manhã. Queria te contar uma coisa curiosa. Ontem os jacintos estavam lindos, em botões gordos, e agora só há talos e folhas. Acho que algum gato comeu as flores. Será que são venenosas? Você sabe alguma coisa sobre isso?

Esfreguei a testa dormente.

— Não sei. Acho que não são, não. — Até porque ninguém havia devorado suas plantas, apenas sua memória, suspirei, melancólica. A culpa ameaçava me engolir, e dessa vez não era relacionada a minha mãe. — Mãe, eu preciso de ajuda. — Ela podia não se lembrar, podia esquecer o assunto antes mesmo que eu o concluísse, mas ela ainda era minha mãe.

— Ah, querida, por que não disse logo? Como eu posso ajudar?

— Não sei se pode. Se alguém pode. Aconteceu uma coisa horrível, mãe. Eu precisei mentir um tempo atrás e prejudiquei alguém. Vou prejudicar — corrigi,

desejando me tornar tão pequena quanto um grão de poeira e desaparecer no ar.

A linha ficou muda por um instante.

— Não há nada que você possa fazer, filha?

Meu gato colocou meio corpo para dentro da minha bolsa, miando contente. Eu me espichei para puxá-lo antes que se machucasse com alguma coisa, depois fechei o zíper.

— Não sei, mãe. Exceto contar a ele, mas estou com medo. Acho que ele vai me odiar.

Ela ficou em silêncio por tanto tempo que pensei que tivesse se distraído com alguma coisa e se esquecido de que eu estava na linha. Mas mamãe ainda estava ali, ainda se lembrava.

— Bem — começou, depois de uma eternidade —, eu sempre acreditei que, se você seguir seu coração, por pior que seja o resultado de alguma atitude que tomou ou está prestes a tomar, nunca será tão ruim assim. A maior violência é a que cometemos contra nós mesmos, Mel. O julgamento, as expectativas impossíveis de alcançar, o medo. Contar a verdade, não ao outro, mas a si mesmo, e ser verdadeira com suas crenças é libertador. Você precisa ouvir o que o seu coração está dizendo, meu amor, e então tomar sua decisão.

Mesmo depois de desligar, as palavras da minha mãe rodopiavam pela minha cabeça feito um cata-vento, sem encontrar um lugar para se assentar. O que meu coração estava me dizendo? Além de que amava Nicolas, o que ele queria que eu fizesse?

Desistindo de interpretar o silêncio em meu peito, cuidei de Loki antes de ir me arrumar, vestindo a primeira coisa que encontrei pela frente — meu macacão preto favorito —, e descí até o primeiro andar.

— Estava esperando você aparecer para me agradecer — Fabi foi dizendo ao abrir a porta, perdida entre as dobras do imenso roupão de Alan. — Por ter te dado minha maçã. Sou sua fada madrinha ou... — Aí notou minha expressão e se aprumou. — Que foi?

Não esperei que ela fechasse a porta para começar a despejar tudo o que Camila havia dito na noite anterior e o que estava prestes a acontecer dentro de... relanceei o relógio de Nicolas... saco, uma hora e meia.

Minha amiga me levou para a cozinha e começou a preparar um chá enquanto eu jogava a bolsa aos pés do banquinho e contava a ela, cada vez mais assustada, que nós tínhamos aniquilado qualquer chance de Nicolas ser promovido.

— Eu não sei o que fazer, Fabi. — Afundei os cotovelos na mesa, escondendo o rosto entre as palmas. — Não posso deixar que ele perca sua grande chance por culpa dessa farsa idiota. Quando foi que a minha vida se tornou esse monte de mentiras? Eu não sou assim, Fabi. Eu sou dessas pessoas que fazem tudo

direitinho, que gostam de seguir regras.

— Vai ver esse é o problema. Você não sabe fazer do jeito errado.

Eu me levantei de imediato.

— Você acha? — ironizei, jogando as mãos para o alto, e acidentalmente esbarrei em alguma coisa sobre a geladeira. Tentei pegá-lo antes que se espatifasse, mas havia uma espécie de gosma nele, de modo que a porcelana escorregou por entre meus dedos e se arrebentou no piso em uma centena de caquinhos melecados. — Caramba, Fabi, desculpa.

Eu me agachei para recolher a sujeira, tomando cuidado para não rasgar os dedos nos cacos, fazendo uma careta para a gosma escura, que fedia horrores. Que droga era aquela?

Pretendia perguntar, mas com certo atraso constatei que minha melhor amiga havia se transformado em uma estátua de olhos esbugalhados.

— A simpatia! — Fabiola tapou a boca, arfando. — Você destruiu a simpatia!

Ela ainda guardava? Não era à toa que fedia tanto. Aquela maçã devia ter ido para o lixo havia pelo menos dois meses. Depressa, comecei a juntar os cacos e os pedaços molengas de fruta podre sob o olhar vidrado de Fabiola.

— Me perdoa, Fabi, foi sem querer. Vou comprar outro prato pra você.

Meu comentário a liberou do transe.

— Quem liga para o prato, Mel?! — Ela se abaixou para segurar meus pulsos.

— Não percebe o que acabou de acontecer? A simpatia foi desfeita. Você quebrou o feitiço. — Cutucou com a ponta da unha um pedaço preto com alguns pontos de bolor. — Quebrou mesmo!

O “essa coisa de feitiço não existe” me subiu pela garganta. Tudo bem, se eu fosse bastante honesta comigo mesma teria que admitir que fora depois de eu ter feito a simpatia que Nicolas começou a aparecer em todos os lugares. O encontro no avião, na casa de dona Elza, no bar...

Mas meu cérebro já tinha coisas demais para lidar para começar a fantasiar algum tipo de magia trazendo Nicolas para mim. Por isso tratei de limpar a bagunça, na esperança de que não ver a maçã destruída aliviasse a tensão de Fabiola. Após lavar as mãos, me sentei à mesa com ela e aceitei o chá, inspirando o aroma adocicado de camomila, desejando que seu calor penetrasse em meus poros e afugentasse o gelo que cercava meu coração conforme ela retomava o assunto que me levava até sua casa.

— Quer dizer que o Nicolas não sabe que a Camila interferiu na decisão da diretoria. — Fabiola batucou as unhas na caneca da Hello Kitty. — E provavelmente não vai ser informado por mais ninguém. Quer dizer, a Camila não me parece ser o tipo de pessoa que diminuiria o mérito do outro candidato dizendo algo do tipo “já que o Nicolas não pode, vai você mesmo”.

— Não. — Eu me retraí. — Ela não faria isso.

Aproximando a bebida do nariz, ela inspirou seu perfume antes de tomar um gole.

— Então é isso, Mel. Não há mais nada a fazer. Você se complicaria toda se confessasse pra Camila que mentiu. Desse jeito o Nicolas nunca vai saber.

Inquieta demais para me manter sentada, deixei a caneca na mesa e comecei a andar pela cozinha bagunçada.

— Mas eu vou, Fabi. De que jeito eu vou poder olhar pra ele depois disso? Eu mal consegui agora há pouco. Não vai demorar para que ele entenda que tem algo muito errado. E aí eu vou acabar perdendo a melhor coisa que já me aconteceu porque eu sou covarde demais pra fazer a coisa certa.

É claro que eu me sentira muito mal por não contar a Camila sobre meu romance com seu noivo. Mas eu agira movida por apenas um pensamento: minha mãe. O problema é que ocultar a verdade se tornou uma bola de neve, uma sucessão de mentiras, e agora as consequências dos meus atos me caçavam feito um tigre faminto. Para manter meu emprego e a segurança que ele representava, eu sacrificaria o de Nicolas. Não era justo. Nem um pouco.

— Eu odeio o Fred — resmunguei para a geladeira branca. — Tudo isso é culpa dele.

— Isso, amiga, deixa sair tudo. Extravasa essa raiva.

— Se ele fosse um cara legal, nunca teria me dado mole, a gente nunca teria namorado e eu estaria feliz da vida cuidando do casamento da Camila Bueno, e não aqui, bolando uma maneira de salvar a carreira do homem que eu amo. Só que nenhum plano vai me ajudar, e eu não posso fazer nada pelo Nicolas. Nada de nada de droga nenhuma. Estou cansada de não fazer nada. Exausta!

Dias antes, Fabiola me acusara de nunca tomar decisões quando o assunto era minha vida. E ela tinha razão. Escolhas me apavoravam, sobretudo porque eu sempre optava pela alternativa que depois se revelaria um engano. Meu histórico não me deixa mentir. O acidente, Fred, aceitar cuidar do casamento do meu ex... Tinha sido assim nos últimos dois anos.

Até aquele instante. Até o futuro de Nicolas estar em risco. De jeito nenhum ele iria pagar pelas minhas escolhas — ou falta de juízo, que seja. Ele não podia perder tudo o que construíra a duras penas porque se apaixonara por mim. Eu não ia permitir, nem que para isso eu tivesse que... que...

Observei a cara meio verde de preocupação de minha amiga do outro lado da mesa, o coração batendo alto em meus ouvidos à medida que um plano se delineava em minha mente. Bom, não exatamente um plano, mas uma parte era melhor que nada.

Certo, a ideia podia não funcionar da maneira que eu esperava, e havia a

possibilidade de eu engrossar a estatística do desemprego, mas, quer saber? Estava farta de deixar a vida me atropelar. Estava de saco cheio de ser uma princesa indefesa esperando ser resgatada do alto da torre. Torre essa onde eu mesma me trancara.

A crueldade tem muitas faces. Muitas vezes age sorrateira, dentro do indivíduo, sem que ele perceba, se alimentando de pequenas doses — de culpa, medo, arrependimento — até se fortalecer o suficiente e mostrar sua cara feia. Então é tarde, ela já se enrolou ao seu peito em um abraço letal, envenenou sua alma e tudo de mais bonito que ali habitava. A perversão é ainda pior porque você mesmo a convidou a entrar, perdida em um flagelo infinito e inescapável. Eu me perdera na escuridão, sufocada pelo arrependimento, temendo o monstro que eu mesma havia criado. Permanecera ali até um pontinho brilhante cintilar em meio às sombras e ir crescendo pouco a pouco, um facho de luz por vez, e eu ficar frente a frente com o monstro. E perceber que, apesar da cara feia, eu podia vencê-lo. Nicolas era meu raio de luz, a esperança pulsando junto às batidas do meu coração.

Toquei o relógio em meu pulso, desenhando com a pontinha do indicador os contornos do visor frio, como se dessa forma também pudesse tocar Nicolas.

Dizem que, para poder enxergar a saída, você precisa se deixar cair até o fundo do poço. Eu caíra, ouvira o baque do eco. E bem ali, na cozinha apertada e bagunçada de Fabiola, com o cheiro de Nicolas impregnado em minha pele, entendi algo que até aquele momento me escapara: eu já não tinha mais medo do escuro.

É, eu sempre lamentaria ter sugerido aquela pizzaria, ter me sentado atrás do volante. Mas eu teria julgado meu pai com o mesmo ímpeto cruel que dedicara a mim mesma se fosse ele na direção? Se minha mãe estivesse dirigindo naquele dia? Por que eu precisava ser tão dura comigo mesma o tempo todo, me cobrar tanto? Por que eu não podia aceitar que não era perfeita, que cometia erros?

Eu podia, e Nicolas me fizera entender isso. Não exatamente ele, mas os sentimentos que ele despertara em mim. Ao me abrir para ele e para o amor, a compaixão encontrara uma fenda por onde entrar. Se eu ainda era capaz de amar e suportar ser amada, podia muito bem começar a me perdoar por algo muito além do meu controle. Na verdade, desconfiava já estar no meio do processo.

E era por isso que eu não podia ficar parada, assistindo a Nicolas entrar na mira do caminhão, seguindo pela autoestrada onde a colisão seria iminente. Eu tinha que agir. Depressa.

— Ih. Não sei se gosto dessa sua cara — minha amiga gemeu, recolhendo as canecas.

— Tudo bem, eu também não tenho certeza. Mas ainda existe uma chance

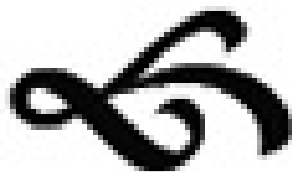
para o Nicolas, Fabi. Ele não precisa sofrer a colisão. Eu posso tirá-lo do carro.

Equilibrando as canecas sobre um prato sujo, ela recostou os quadris à beira da pia e cruzou os braços, visivelmente preocupada.

— O que você vai aprontar, Mel?

Eu me abaixei para pegar a bolsa jogada perto do banquinho antes de envolver os dedos nos de minha amiga.

— Te conto no caminho.



Fabiola parou o carro diante da entrada do prédio da Brasitecno. Durante o dia, a fachada de janelas azuladas transformava o edifício em um espelho gigante, me dando um vislumbre do meu próprio reflexo e da apreensão que entortava minha boca.

— Você não pode estar *seriamente* pensando em entrar nesse prédio e contar pra Camila que andou mentindo para ela. — Minha amiga desengatou a marcha.

— Não tem outro jeito, Fabi. É isso ou o Nicolas vai perder a grande chance da sua vida. Ele ia ser promovido. Eu estraguei tudo com a farsa do noivado.

— Se é assim, eu é quem devia entrar e falar com a Camila. — Fez uma careta, os dedos contornando o volante. — Já que fui eu quem começou essa história; você só se deixou levar.

— Ela não iria acreditar. Tenho que me apressar. A reunião deve começar daqui a quinze minutos. — Puxei a maçaneta, apanhando a bolsa no assoalho do Chery.

A mão delicada de Fabiola se agarrou ao meu braço antes que eu pudesse sair correndo.

— Mel, tem certeza do que vai fazer? — Ela me deu um longo olhar

preocupado. — Você parou pra pensar que, se esse seu plano maluco der certo, o cara que você ama vai embora do país?

Meu peito queimou ao pensar em Nicolas indo para a Califórnia e me deixando para trás. Mas que opção eu tinha?

— Essa é a questão, Fabi. Não tem mais a ver comigo. Tem a ver com o Nicolas e o que eu ainda posso fazer para ajudá-lo. — Soprei um beijo e saltei.

Depois de dar meu nome ao rapaz da recepção e explicar, com a melhor expressão desesperada — nada difícil naquele momento —, que eu precisava falar com Camila urgentemente, tive que esperar ele ligar para o sexto andar e alguém autorizar minha entrada. Horas se passaram antes de ele me entregar um crachá e eu poder correr, desabalada, para os elevadores. Apertei os botões uma vez, impaciente. E então mais uma. Estava prestes a começar a socar o painel, mas as portas se abriram antes. Minha pressa era tanta que não esperei nem mais um segundo e fui entrando, atropelando alguém que descia.

— Ei, Melissa! — Marcelo me segurou pelo cotovelo para me desgrudar de seu peito. — O que você está fazendo aqui?

— Eu preciso falar com a Camila. — Ajeitei a bolsa no ombro, que ameaçou ir para o chão. — É bem urgente. Muito urgente. Tipo caso de vida ou morte!

Minha expressão devia estar tão fora de controle quanto minhas emoções, pois ele voltou para dentro da caixa metálica e apertou o número sete.

Uma música clássica tocava nos autofalantes, provavelmente na intenção de tranquilizar os ocupantes, mas teve o efeito oposto em mim. À medida que os números no painel iam crescendo, meu estômago se revirava. Estava a ponto de vomitar ao seguir Marcelo pelo sétimo andar, surpresa que o escritório se parecesse com... bom, um escritório comum, com mesas compridas repletas de computadores e pessoas teclando sem parar. Acho que eu esperava algo mais tecnológico em uma empresa de tecnologia. Tipo inteligência artificial e cadeiras flutuantes.

O lugar era imenso, ocupando toda a largura do prédio. Mais ao fundo, no que parecia ser uma sala de ideias, com tapete de figuras geométricas coloridas e pufes gigantescos em couro branco, avistei Nicolas e Amanda. Ele estava tenso, avaliei, seguindo Marcelo de perto. Os ombros encurvados, o pescoço rijo, um perpétuo V entre as sobrancelhas. Amanda disse alguma coisa, com um sorriso luminoso, e ajeitou o nó da gravata dele. Nicolas assentiu, recuando um passo, meio desconfortável.

Como acontecia desde a primeira vez em que nos encontramos, seus olhos vagaram pela sala e se detiveram em mim. Surpresa, contentamento e confusão lhe vergaram os lábios.

“O que você está fazendo aqui?”, pareceu perguntar.

Eu não tinha tempo para explicações, então apenas acenei, trombando com Marcelo, que havia parado diante de uma mesa.

— Prontinho. Está entregue — ele anunciou. — Só não sei se você vai conseguir falar com a Camila agora. A reunião começa daqui a cinco minutos.

— Vou ser rápida.

Só que Jocasta, a secretária de Camila, não estava a fim de liberar a passagem ou ouvir minhas súplicas.

— Aceita um cafezinho enquanto espera? — A moça de cabelo cinzento indicou com o braço a mesinha e a cafeteira de expresso ao lado de um largo vaso de ráfia.

— Eu... sim. Eu adoraria beber alguma coisa pra me acalmar.

Ela me deu um olhar engraçado. Meio tarde, percebi o que tinha dito e comecei a rir. Fui preparar um café, acompanhando pela visão periférica Nicolas atravessar o escritório e vir em minha direção. Ah, merda. Com aquelas pernas longas ele me alcançaria em menos de um minuto.

Droga. Não tinha outro jeito. Eu ia ter que me valer do velho truque...

— É pra colocar esse potinho onde? — Balancei a cápsula de café.

— No orifício na parte de cima da cafeteira.

— Aqui? — Apontei para o reservatório de água.

Tá legal, eu era péssima na cozinha, mas até eu sabia usar uma máquina daquelas. A questão é que dissimular a respeito de algo óbvio geralmente desperta curiosidade. E alguns risos, é verdade, mas, desde que nenhuma madrinha estivesse se engalfinhando no chão, eu não tinha problema em fazer papel de boba vez ou outra.

E funcionou com Jocasta, que, me avaliando de um jeito engraçado, abandonou seu posto para me ajudar com a Nespresso. Cheguei para o lado para lhe dar mais espaço. Experimentei mais um passo. E outro ainda. Então disparei para a porta com a plaquinha cromada onde estava escrito "vice-presidente executiva" em letras pretas brilhantes.

— Ei, espera! — gritou Jocasta. — Você não pode entrar...

Mas eu já estava dentro e fechei a porta um instante antes de Nicolas despontar em meu campo de visão, parecendo muito confuso.

— Mel! O que aconteceu? — exclamou uma surpresa Camila atrás de uma mesa imensa forrada de documentos. Mais atrás, um armário com prateleiras onde se amontoavam diversos livros relacionados a administração. Um porta-retratos com uma foto de Fred em meio à neve me encarava de volta. Eu me encolhi como se ele realmente pudesse me ver.

Bastante assustada, me aproximei da mesa dela, mas não me atrevi a sentar na cadeira de couro cinza.

— Desculpa entrar assim, Camila, mas eu preciso muito falar com você.

— Estou vendo. Detesto ter que fazer você esperar, mas você me pegou num momento ruim, Mel. Entro em reunião daqui a... — Conferiu o caro relógio em seu pulso. — ... três minutos.

— É justamente sobre a reunião que eu vim falar. Você precisa colocar o Nicolas de volta na disputa do cargo de CSO.

Ela pressionou os lábios, as mãos congeladas sobre o calhamaço de papel.

— Mel...

— Nós não estamos noivos — soltei sem parar para tomar fôlego. — O Nicolas e eu. Não estamos noivos nem nunca estivemos. Eu deixei você acreditar numa mentira.

Em vez de ficar furiosa com a revelação, ela abriu um sorriso brilhante.

— Eu sei o que você está tentando fazer e acho muito fofo. De verdade. — Tornou a mexer nos documentos, à procura de alguma coisa. — Mas não precisa ficar preocupada. Eu expliquei que o Nicolas tem um futuro brilhante na empresa e falei sério... Onde está a porcaria da caneta?

— Eu tenho uma. — Apoiando a bolsa no encosto da poltrona, comecei a vasculhar meus pertences. — Camila, é sério. Não estou dizendo essas coisas para proteger o Nicolas. Na apresentação do seu projeto, o Nicolas e eu tínhamos acabado de nos mudar para o apartamento, mas éramos apenas colegas. Menos que isso, na época. A gente mal se entendia.

— O quê? — Ela riu, nervosa.

Eu havia conseguido sua atenção. Tomei fôlego antes que perdesse a coragem.

— A sua mãe parecia resistente em me ter por perto, porque eu sou solteira. Eu precisava muito desse contrato. A minha chefe ia me demitir se eu te perdesse. Então, quando a Fabiola disse que eu estava noiva, eu permiti que você acreditasse nela para não perder o emprego. — Estendi a caneta.

Camila a pegou no automático, o olhar cravado em mim.

— Você mentiu?

— Sinto muito, Camila. — Achatei a mão sobre o inferno que acontecia em minha barriga. — Muito mais do que você pode imaginar.

Contei o passar dos minutos por meio das mudanças na expressão de Camila. Primeiro veio a descrença, depois a negação, seguida de perto pelo ultraje, até culminar em mágoa.

— Não acredito nisso — murmurou, em um fiapo de voz. — O Nicolas armou isso com você? Vocês dois...

— Não! — Eu me apressei, alarmada. — Ele nem sabe dessa história ainda. Eu não contei, porque... bom, estou morrendo de vergonha. Não sei se ele vai rir ou... ou me mandar para o inferno. — Ok, eu estava me desviando. Eu ainda não

podia pensar na reação de Nicolas. Salvá-lo era imperativo. — Sei que você deve me odiar agora, mas, Camila, eu tinha que te contar. Porque, se você o impedir de concorrer ao cargo de CSO, vai punir o Nicolas por um erro meu. Todo meu. Ele não merece.

Batucando minha caneta na mesa, seu olhar permaneceu no meu, uma emoção após a outra turvando seu semblante, espelhando seus pensamentos.

— Eu não entendo. — Ela agitou a pesada cabeleira. — Você me enganou e usou o Nicolas para conseguir a conta a troco de quê? Eu queria que você fosse minha cerimonialista.

— Mas sua mãe não. E nem o seu noivo — falei devagar.

— Esse é outro ponto que eu não consigo entender. — Fixou a atenção no vaivém da caneta. — O Fred é sempre educado com todo mundo, menos com você. Ele perde as estribeiras sempre que... que... — Parando o movimento, entortou o pescoço ao aproximar a esferográfica no rosto, muito confusa. — Engraçado... eu dei uma dessas para o Fred no ano passado, mas ele perdeu. A dele tinha sete brilhantes na tampa... oh...

Oh-oh.

Luzes vermelhas e sirenes altas explodiram em minha mente à medida que eu assistia Camila tocar as sete pedrinhas incrustadas na tampa preta da caneta que Fred me dera no Natal, dizendo que a comprara pensando em mim, para trazer sorte aos novos contratos.

— Onde você conseguiu essa caneta, Melissa? — Camila a soltou sobre a papelada como se o verniz brilhante fosse ácido em seus dedos.

Meu coração martelou contra as costelas. Comecei a tremer e não dei resposta alguma.

— Onde você conseguiu a caneta, Melissa? — Sua voz subiu algumas oitavas.

— Eu... eu ganhei do meu namorado — balbuciei no automático.

— Do Nicolas?

Sacudi a cabeça, em pânico. Tinha que tirar Nicolas daquela história de uma vez por todas e só havia um jeito: ouvir o que meu coração implorava fazia tanto tempo, ainda que o resultado me destruísse.

— Não. Não do Nicolas. Ganhei do cara que eu pensei que fosse meu namorado, aquele que me enganou por um ano. — Minha visão embaçou, um torno invisível se fechando ao redor de minha garganta. Precisei respirar fundo algumas vezes antes de conseguir murmurar: — Ganhei essa caneta do Fred, Camila.

Minhas palavras rodopiaram pela sala da vice-presidente da Brasitecno e no semblante pálido da garota atrás da mesa. Eu teria as engolido de volta se pudesse. Camila procurava rebater o que ouvira; estava claro na maneira como ela se abraçava para não rachar ao meio. Tudo o que eu mais queria era poder dizer que era mentira, que seu noivo não fora infiel e não tinha enganado a nós duas. Mas eu não podia.

Acredito que em algum lugar da minha mente eu sabia o tempo todo que contaria a verdade a ela quando decidi procurá-la. Eu só não quis pensar, me

acovardar, como acontecera das outras vezes em que tentei ser franca. Mesmo assim, dar ouvidos ao meu coração doía demais. Mamãe se esquecera de mencionar essa parte.

— Meu Deus! — Ela se levantou num rompante. A cadeira escorregou pelo piso liso de madeira e colidiu com a estante de livros. O retrato de Fred tombou na prateleira. — Você e o Fred? Você e o *meu* Fred?!

— Eu não sabia que ele tinha alguém. O Fred nunca me contou. Eu juro que nunca soube sobre você, Camila. Até onde eu sabia, ele era solteiro. Foi no que ele me fez acreditar.

— E, depois que descobriu que não era, preferiu ficar calada. — Seus olhos estavam ejetados de fúria. — Você é minha cerimonialista!

— Eu não queria ser! — objetei, desesperada. — Mas, se eu não conseguisse o contrato, eu seria demitida. Não posso ficar desempregada, Camila. Minha mãe precisa de tratamento médico. Sou toda a renda da minha família.

Se ela chegou a me ouvir, não deu mostras e saiu de trás da mesa, avançando em minha direção feito uma leoa disposta a defender seus filhotes com a própria vida.

— Eu quis contar! — Recuei um passo. — No dia em que você passou mal. Aí eu fiquei apavorada que isso pudesse ter provocado o sangramento e... Camila, eu fui a outra sem saber. Eu não sabia o que fazer!

— E mentir pareceu a solução? Eu te contei coisas íntimas — vociferou. — Eu te pedi conselhos, você segurou minha mão enquanto a gente ia para o hospital. — Riu, meio histérica, me dando um olhar mortal. — Vocês ainda estão juntos?

Sacudi a cabeça desvairadamente.

— Claro que não! Eu não fiz nada pelas suas costas. Não desse jeito. O Fred e eu não temos nada desde que ele me contou sobre vocês dois e...

— Chega. — Ela me pegou pelo braço e me arrastou pela sala com mais força do que se esperaria de alguém com sua compleição física. Em seguida me empurrou porta afora. — Você é ótima em dissimular. Quase acredito que está sendo sincera. Mas eu não sou a tonta que você e o Fred presumem.

— Por favor, me escute! — Tropecei em meus próprios pés. — Eu e o Fred não estamos juntos.

— Escutar a vagabunda que teve um caso com o meu noivo e fingiu ser minha amiga? — Trincou a mandíbula. — Alguém que fingiu estar noiva de um cara só para ser promovida? Você me enganou esse tempo todo! Enganou o Cassani. E desconfio que continue enganando, porque isso é tudo o que você faz, tudo o que você é: um horrível engano.

Suas palavras me atingiram bem na boca do estômago. Ela estava machucada,

era natural que despejasse sua ira sobre mim. Eu me lembrava de ter feito a mesma coisa com Nicolas, logo após descobrir a cafajestagem de Fred. Não era pessoal, tentei me convencer. Ainda assim, cada palavra me atravessou o peito.

Alguém arfou ali perto. Meio no automático, me virei de leve a tempo de ver Jocasta tocar o pescoço, a expressão lívida. A meio metro dela, recostado à mesa da secretária, Nicolas nos observava um tanto perdido, descrente.

Eu quis chorar. Ele ouvira cada palavra de Camila.

— Nicolas... — comecei.

— Você sabia, Nicolas — disse Camila ao mesmo tempo, se voltando para ele —, que essa dissimulada inventou que vocês estavam noivos só para conseguir produzir o meu casamento? E depois foi morar com você, se *envolveu*, só para sustentar a farsa?

O mundo pareceu girar mais devagar conforme ele se endireitava e vestia uma máscara impassível muito assustadora.

— Isso é verdade? — Não havia entonação em sua voz. — Você fingiu que nós estávamos noivos para conseguir o contrato?

— Sim, mas... — devolvi em uma voz miúda, me aproximando alguns passos dele.

O alerta naquele trincar de queixo me pregou ao chão. A tormenta silenciosa que ocorria em seu íntimo enregelou seus olhos azuis sempre tão calorosos. Mesmo com quase dois metros nos separando, minha pele se arrepiou com as ondas gélidas de ira contida por um autocontrole prestes a ruir.

Um *ooooh* coletivo me alertou que todo o escritório nos observava. Queria ter sentido vergonha ou algo assim, mas tudo o que havia dentro de mim era medo. Nicolas me encontrara no bar no dia em que eu me acertara com Camila, e eu recusara a oferta de dividirmos o apartamento, para apenas alguns dias depois ligar para ele dizendo que mudara de ideia. Não era difícil adivinhar a que conclusão ele chegava.

Como se me visse pela primeira vez e não gostasse nem um pouco do que vislumbrava, ele empurrou o cabelo para trás com raiva, rindo de um jeito tão desolado e sem vida que desejei me enfiar em um buraco qualquer e nunca mais sair.

— É claro... — murmurou, ainda rindo aquele som alquebrado, antes de me dar as costas e avançar pelo escritório a passos largos.

— Nicolas, espera! — Eu me apressei para acompanhá-lo.

Mas ele não esperou — nem sequer se virou — e prosseguiu abrindo caminho por entre o corredor de mesas, os ombros endurecidos tanto quanto o olhar que me dispensara antes. Fui o mais rápida que pude ao driblar seus colegas, mas, antes que eu pudesse chegar até ele, as portas se abriram e ele entrou no

elevador. Escolhi as escadas, descendo os seis lances a toda a velocidade, na esperança de ainda conseguir alcançá-lo lá embaixo. Meus pulmões ardiam quando cheguei ao térreo, e mesmo assim voei para o elevador apenas para descobrir que ele tornava a subir. Nicolas devia ter descido.

Sem parar para tomar fôlego, passei voando pelas catracas, ficando na pontinha dos pés para examinar toda a entrada da empresa. Meu telefone começou a vibrar no bolso do macacão.

Nicolas!

Sem olhar para o visor, eu o levei à orelha.

— Nicolas, me deixa...

— Como se atreve? — cuspiu Sônia. — Como ousa atirar o nome da minha agência nesse lamaçal? Eu acabei de receber uma ligação de Helena depois de ver aquelas fotos tenebrosas.

— Que fotos? — Subi no meio-fio, me esticando ainda à procura de Nicolas.

— Eu avisei, Melissa. Avisei para não cometer nenhum erro. Alertei para não brincar com o nome da minha agência. Você cometeu suicídio profissional quando se envolveu com Frederico Lanza. Não precisa se dar o trabalho de aparecer na agência amanhã ou em qualquer outro dia. Você não faz mais parte da Allure. — Desligou.

Afastei o aparelho, observando a tela se apagar. Com o coração pulando na garganta, contemplei o horror do que acabara de acontecer. Eu aceitara cuidar do casamento do meu ex, me sujeitara a todo tipo de humilhação, enganara Camila, Nicolas, tudo para evitar aquele resultado. E não adiantara porcaria nenhuma. Eu não fazia mais parte da Allure. Acabara de perder a única fonte de renda da minha família.

Gostaria de dizer que a dificuldade financeira que iríamos enfrentar era o que me tirava o fôlego e dilacerava meu coração em milhares de cacos. Deveria ser. Mas não era, porque, naquele instante, Nicolas pensava que eu o usara para conseguir Camila.

Avistei a cabeleira escura no meio do estacionamento. Meus pés tomaram aquela direção sem que eu precisasse ordenar; Nicolas era o único caminho para mim. Por algum milagre, consegui alcançá-lo antes que entrasse no Jeep.

— Não é o que você está pensando — falei, sem fôlego, quando cheguei perto o bastante para que ele pudesse me ouvir. — Eu não aceitei dividir o apartamento com você por causa da Camila. Eu sei que pode parecer que foi, mas eu juro que não, Nicolas.

Ele continuou indo adiante sem vacilar.

— Nicolas, para e me escuta, por favor. — Apertei o passo. — Nós temos que conversar.

— Não, não temos.

Ao alcançá-lo a poucos metros de onde o Jeep fora estacionado, seu perfil enrijecido pela fúria me disse que uma tempestade violenta se aproximava com velocidade. Meu sexto sentido me alertou que ela desabaria sobre mim. Eu devia correr. Em vez disso, pulei na frente dele, impedindo que entrasse no carro.

— Temos, sim. Você está pensando uma coisa que não é verdade. Se me deixar explicar...

Enfim, uma reação.

Honestamente, acho que eu preferiria a indiferença de novo, se pudesse ter escolhido.

— Não. Me deixa *te* explicar uma coisa. — Ele me segurou pelos ombros, o maxilar contraído, prestes a triturar pedregulhos com os dentes.

Pensei que fosse me chacoalhar ou coisa assim, mas tudo o que ele fez foi contrair os dedos e me fuzilar com os olhos inflamados pela fúria. E pela dor.

— Não me trate feito um idiota mais do que já me fez, Melissa. — Sua boca se retorceu com desprezo. — Eu lembro. Lembro de você dizer que tinha conseguido o contrato, e que não iríamos dividir o apartamento. Só que aí você pensou melhor. Percebeu que acabaria se enrolando com a sua cliente e perderia a promoção, e me fez de seu brinquedinho.

— Não foi assim. — Neguei com a cabeça, as ideias se misturando umas às outras, dificultando que eu pensasse com coerência. — Você entendeu tudo errado. Eu não aceitei morar com você por nenhuma farsa. Eu só não aguentava mais ouvir a Fabiola transando no quarto ao lado. Eu não sabia que você trabalhava com a Camila até vocês se encontrarem no vernissage. Se eu soubesse, jamais teria seguido adiante com a farsa do noivado. Eu pretendia te contar...

— Mas não contou. — Ele me soltou abruptamente, uma veia saltando em seu pescoço.

— Eu estava envergonhada demais! — Ele não entendia? — Você já sabia o que o Fred tinha feito comigo. Eu não queria que pensasse que eu era uma idiota completa. E eu fui mesmo, admito. Mas o que você e eu temos é...

— Menos do que nada — atalhou, consternado. Era como se tudo dentro dele tivesse passado por um furacão de magnitude oito: nada ficara de pé. — O que nós tivemos foi uma grande farsa que você criou sem me avisar.

Suas palavras me atravessaram feito um machado. Eu me recordava de ter dito algo semelhante a Fred ao descobrir que fora a outra. Anestesiada, dei a chance a ele de me contornar e entrar no Jeep. A batida da porta me despertou, e precisei correr para alcançar a maçaneta antes que ele travasse as portas.

— Saia. — Uma faísca perigosa obscureceu seu semblante assim que pulei no

banco do passageiro.

— Não. Desculpa, mas não posso deixar você ir embora pensando que eu te enganei. Não é verdade, Nicolas. Eu me envolvi com você porque me apaixonei, não por um artifício.

Inspirando fundo, ele pressionou a ponte do nariz.

— Melissa, eu estou a um suspiro de perder a cabeça. Esse não é o melhor momento para me testar.

— Se eu sair agora, você nunca mais vai me dar a chance de dizer o que realmente aconteceu. Por favor, só me escuta.

Ele socou o volante. Acho que percebeu que me assustou, pois esfregou a têmpora na esperança de alcançar alguma clareza ou acalmar seu temperamento. Então se recostou no assento, batendo a nuca com força no apoio. Já que não voltou a me expulsar do carro, me agarrei à oportunidade e deixei tudo sair.

— Tanto a Helena quanto o Fred me queriam longe do casamento — fui dizendo. — A Helena tem algum problema com o ex-marido, acho, e desconfia de qualquer mulher que considera bonita. Eu ia perder não só o emprego, Nicolas, mas o plano de saúde também. Aí a Fabiola disse que a Helena não precisava se preocupar porque eu estava noiva e inventou que o noivo era você.

Ele permaneceu calado fitando o teto, o perfil impassível.

Espera. Estava faltando informação. O que era mesmo? Eu me esforcei para puxar pela memória, mas o desespero funcionava como uma espécie de bolha, não me permitindo acessar o que precisava. Tive que prosseguir do jeito que dava.

— Eu tentei desfazer o mal-entendido, mas a Sônia me promoveu e... tudo saiu de controle. — Envolvi os dedos na alça do painel, apertando-a com força. — Mas eu procurei a Camila na primeira chance que tive e inventei que a gente tinha terminado. O problema é que ela não acreditou e tentou nos juntar, por isso nos hospedou no chalé. Ela queria que a gente se acertasse.

— Convenientemente para você, foi o que aconteceu — ironizou.

Tudo dentro de mim se encolheu.

— Eu sei que pode ver a verdade nos meus olhos — implorei baixinho. — Você sempre conseguiu me ver por dentro, mesmo quando eu quis me esconder. O que nós temos é real. Pelo menos pra mim.

— O que nós temos. — O riso baixo e dolorido ecoou pelo carro, mas não lhe chegou à alma. — Está falando da mentira que inventou e eu cáí feito um idiota? — Virou o rosto encolerizado para mim. — Você me usou para conseguir o que queria! Não se importou com os meus sentimentos, nem com as consequências desse seu joguinho.

A máscara que ele usava desde que ouvira Camila dizer aquelas coisas

horríveis se desmantelou. Minha visão ficou turva ao contemplar sua dor, seu desespero, a mágoa travestida de fúria, seu coração ferido.

— Isso não é verdade, Nicolas. Eu não fiz joguinhos. — Soltei a alça e tentei tocá-lo. — Cometi um erro, mas...

Ele segurou meu pulso, me contendo. Pensei que fosse me empurrar, mas a atração que sempre havia entre nós explodiu na pequena cabine do Jeep.

— Sabe o que me dá mais raiva? — Seus dedos se fecharam em meu pulso. — É que eu *ainda* não seja capaz de não me enganar. Porque eu te olho agora e penso que vejo através do disfarce rígido que você costuma usar. Que eu enxergo um coração assustado, a fragilidade que você se esforça para esconder do mundo e de si mesma. — Ele se curvou em minha direção, o nariz a centímetros da minha bochecha. — Aconteceu na primeira vez que eu te vi. Desde então vejo um mundo onde eu me encaixo perfeitamente, porque foi feito para mim. E, muito idiota, eu espero que em algum momento você encontre tudo isso dentro de mim também. Mas nunca passou de um delírio. Eu fui só um estratagema para que você pudesse alcançar os seus objetivos. E não sou um deles.

— Você está enganado. — Minha voz mal tinha som. — Eu encontrei, sim. Vejo todo meu futuro em você. Pela primeira vez eu sei para onde estou indo. Eu amo...

— Pare! — Fechou os olhos, o aperto em meu pulso se intensificando a ponto de as contas das pulseiras se enterrarem em minha carne.

— ... eu amo você, Nicolas. Eu te amo como jamais amei alguém, e vou continuar a...

Com um rosnado, ele me puxou pelo braço, me fazendo cair em seu peito e esmagou minha boca com ferocidade. Era mais um ato desesperado para me calar do que uma promessa de que aquela conversa teria um final feliz. Ainda assim, naquele beijo eu vi uma vida inteira, como num filme ainda não criado. Um passeio pelo parque no fim de tarde. Nicolas na cozinha, preparando o jantar, enquanto eu reclamava sobre alguma bobagem do trabalho. Na cama, tão emolados que eu não sabia onde ele começava e eu terminava. E então abraçados entre os lençóis, rindo, dormindo, sonhando juntos. Um banco no parque, Nicolas acariciando minha barriga proeminente. Uma criança de cabelo escuro em seus braços, e o amor escapando em ondas de meu corpo. Uma briga sem motivo, palavras duras, gritos irracionais, portas batidas... e a reconciliação apaixonada depois. Seu cabelo mudando de cor gradativamente, o preto se transformando em prata. Sulcos em seu semblante contando a passagem do tempo, a nossa história. E as íris azuis contornadas de cílios cinzentos ainda guardavam o mesmo arrebatamento do instante em que nossos olhares se

cruzaram pela primeira vez naquela igreja...

No entanto, ele se afastou de súbito. Por mais que eu tenha me empenhado em agarrá-las com unhas e dentes, as cenas foram desbotando até se dissolverem em um nada absoluto.

Esfregando o rosto com as duas mãos, Nicolas passou o cinto pelo tronco e deu a partida no carro, mirando o painel. O som das portas sendo destravadas ecoou pela cabine e pelo meu peito com a violência de uma bomba atômica.

— É melhor você ir — murmurou, em um tom sem vida, alquebrado.

Passei os braços ao redor do peito, fazendo o melhor possível para ignorar a carnificina que acontecia sob minhas costelas, tentando me convencer de que tudo ia ficar bem. Eu ia dar um jeito. Só precisava de um plano de contenção. Mas sua expressão dura me impediu de acreditar que um dia nossa história continuaria a ser escrita e teria um final feliz.

Teria apenas um final.

Eu o tinha perdido.

Meio morta por dentro, abri a porta do carro e desci. Mas me virei para ele uma última vez.

— A parte mais difícil disso tudo é saber que você me acha capaz de dissimular dessa maneira. De todas as pessoas no mundo, você foi o único para quem eu me mostrei de verdade, Nicolas. Com todos os meus medos, todas as minhas faltas. Pensei que você tivesse me visto. — Uma lágrima me escapou. Esfreguei as costas da mão para me livrar dela. — Mas não viu, não.

Ele insistiu em mirar o para-brisa, mas sua testa vincou. Antes que ele pudesse dizer algo que me machucaria ainda mais, fechei a porta suavemente e comecei a me afastar do Jeep, a dor ameaçando me dobrar ao meio. Uma silhueta pequena surgiu por entre os carros em meu campo de visão embaçado, crescendo até eu distinguir os contornos de Fabiola.

— Eu vi vocês do carro. O que foi que aconteceu lá dentro? — Ela me tocou em tantos lugares quanto pôde. Por um instante, o alívio ao saber que todas as partes do meu corpo estavam intactas produziu um suspiro suave. Ela não entendia que a ferida estava do lado de dentro? — Por que vocês estavam gritando um com o outro?

— Ele n-não acredita em m-mim, Fabi. E-ele pensa que eu me envolvi c-com ele pra sustentar o n-n-noivado de mentira. — As lágrimas começaram a descer em um ritmo cada vez mais veloz. — Eu e o Nicolas... acabou pra sempre.

— Ah, Mel! — Ela me sufocou em um abraço.

Escondi o rosto em seu cabelo, extravasando a agonia que me tirava o ar.

Por entre seus cachos escuros e a visão borrada, assisti ao Jeep passar por nós em alta velocidade e deixar o estacionamento.

Não houve música melancólica, chuva torrencial ou qualquer uma dessas baboseiras que os filmes pintam em nosso cérebro quando o grande amor se retira da sua vida. Os carros na rua continuaram em movimento, as pessoas na calçada a ir para seus compromissos, o sol teimou em brilhar, ignorando que meu mundo estivesse implodindo naquele exato instante. A vida prosseguiu, me deixando para trás aos pedaços, exatamente como fazia Nicolas.

Todo mundo sempre fala sobre recomeçar, contar uma nova história, manter a esperança, blá-blá-blá... mas ninguém nunca diz a verdade: recomeçar é uma droga. Dói, é cansativo e nunca sai como a gente planejou.

— Saco! — Joguei o telefone sobre o sofá e apanhei uma almofada, enterrando o rosto nela para liberar minha frustração em um grito que fez a garganta arranhar.

De cima da manta vermelha sobre o sofá listrado, Loki se abaixou sobre as patas, bufando em solidariedade.

— Eles não aceitaram te receber? — perguntou Fabiola de seu quarto.

— Não. — Abaixei a almofada sobre as coxas, afundando a cabeça no encosto do sofá. — Não está funcionando. Eu devia desistir.

Ela apareceu sob o batente de calcinha e sutiã, a toalha enrolada no cabelo.

— Calma, Mel. Faz só uma semana. Se dê um tempo. Vai rolar um emprego quando você menos esperar.

Eu não tinha tanta certeza. Não fora à toa que Sônia dissera ao me demitir que eu cometera suicídio profissional. Não depois da desastrosa matéria de Adriele Sampaio na semana anterior, sobre o casamento de Alicia e Max.

EXCÊNTRICO, DESORGANIZADO E ILEGAL: ASSIM FOI O CASAMENTO DA NOSSA GATA BORRALHEIRA FAVORITA.

Cada palavra do artigo havia se tatuado em meu cérebro e, aparentemente, no de todos os envolvidos no mundo dos eventos. Nenhuma agência estava disposta a me contratar nem para servir café. Pudera: a jornalista não economizara detalhes sobre a cerimônia dentro de casa, longe da maioria dos convidados, dando a impressão de que Alicia era excêntrica e mimada em vez de uma noiva doente. Claro que Adriele não se esquecera da batida policial e dedicara quatro parágrafos inteiros ao assunto.

Mas essa nem era a pior parte. O verdadeiro pesadelo eram as imagens de homens engravatados e mulheres em vestidos caros correndo em todas as direções, Gabriela agarrando os cabelos com o olhar perdido em uma viatura logo à frente. Policiais carrancudos revistando os convidados, examinando as bolsas das mulheres. Havia uma minha bebendo champanhe direto da garrafa, rindo com Nicolas sob a árvore iluminada, e a repórter acrescentara a legenda: “Produtora ocupada demais para dar atenção aos detalhes”.

Eu não entendia. Adriele tinha passado pela segurança e perambulado pela festa sem ser notada? Como era possível que ninguém tivesse visto a garota fazendo um verdadeiro book do casamento?

O que eu iria fazer agora? Tudo o que eu sabia era organizar festas. Se nenhuma agência me daria uma chance, o que restava? A grana que eu tinha no banco — graças ao aumento salarial e a uma vida inteira contando moedas — duraria apenas mais algumas semanas. Eu ainda nem tivera a coragem de contar aos meus pais que havia perdido o emprego. Desejava ao menos lhes dar um fiapo de esperança. Eu estava ficando sem tempo e sem nenhuma perspectiva concreta.

— Você está sob muita pressão. — Fabiola desprendeu a toalha da cabeça, apertando-a de encontro às suas ondas escuras. — Aconteceu muita coisa ao mesmo tempo. Você precisa relaxar um pouco. O que você acha de a gente sair?

— Fabi, eu tô a zero.

— Eu ainda tenho algum no vale-refeição. Vamos, Mel. A gente precisa reagir!

— Não tô muito a fim. Desculpa. — Eu me encolhi ante a ideia de me apartar daquele sofá.

Com os ombros arriados, ela veio se sentar ao meu lado. Loki reclamou que mais alguém se atrevesse a ocupar seus domínios e pulou para cima da mesinha para enfatizar sua insatisfação.

— Sabe de uma coisa? — Ela deu uma palmada no meu joelho. — Eu estou feliz de te ver de coração partido.

Bufei, ainda encarando o teto.

— De todas as amigas legais que existem por aí...

— Estou falando sério. Você finalmente mergulhou com tudo em alguma coisa, saiu da apatia. Tinha se fechado para o mundo desde o acidente e agora as portas do seu coração estão destrancadas de novo.

— É, e veja só o bem que isso me fez...

Eu sufocava a dor o melhor que podia, lutando para enterrá-la num canto do coração onde jamais voltaria a tocar ou ser tocada por alguém. Mas, ao me abrir para Nicolas, eu me abria para o mundo, e já não conseguia mais compartimentar.

Sua ausência deixara um buraco em mim, que se alimentava do meu amor e continuava a crescer a cada dia. Uma tortura agonizante que me fazia pensar que eu não sobreviveria a mais um dia. E toda manhã eu acordava e descobria que estava errada.

Eu passara os últimos anos afugentando o amor, e, quando ele me encontrara e eu estava pronta para correr em sua direção, acabei estragando tudo. O mais doloroso era o fato de eu saber que amaria Nicolas para sempre. Era ele aquele anseio sem nome tremulando em meu peito havia tempos.

Ainda me sentia perdida, aos pedaços, como se tudo tivesse acontecido meia hora antes e não uma semana atrás...

Para ser sincera, não sei o que teria feito sem Fabiola. Depois de me encontrar no estacionamento da Brasitecno naquela manhã horrenda em que eu perdera tudo em uma única tacada, ela me levava para minha casa e ficara comigo, me deixando ensopar sua blusa. Chorei por muito tempo, até meus olhos arderem e eu pensar que poderiam arrebentar com a pressão, até me engasgar com a dor, meu nariz queimar de tanto assoá-lo. Fabi ficara comigo até a noite cair, e tive que praticamente forçá-la a ir para casa. Bastava uma de nós com problemas no relacionamento. Eu ainda soluçava ao ver os primeiros raios de sol tocarem a janela do meu quarto. Imaginei que Loki fosse capaz de sentir o cheiro da minha tristeza, porque ele não saía do meu lado, como se dissesse: “Ei, não chora.

Você ainda tem a mim, e eu sou melhor que qualquer humano”.

Nicolas não dormira em casa naquela noite. Uma parte de mim esperava tal desfecho. A outra, a maior, a que era louca por ele, alimentava a esperança de que ainda existiria uma chance para nós se ele realmente me ouvisse. Porque ele me amava. Eu tinha tanta certeza disso quanto que havia cinco dedos em cada pé. Eu vira sua dor e o seu desespero ao me expulsar do carro naquela manhã triste. A devastação que apagara a luz de seus olhos ao ouvir as deduções errôneas de Camila. Ele não acreditara em mim. Essa parte era a que mais me feria. Porque, apesar de tudo, eu não podia condená-lo. Eu fizera tudo errado. Minha mentira saíra de controle, e, sob a ótica que Camila apresentara a ele, parecia mesmo que eu o envolvera em uma trama maldosa para conseguir alcançar um objetivo. O que me matava não era o fato de ele não me perdoar por ter ocultado a farsa do noivado, mas duvidar dos meus sentimentos. Justamente ele, para quem me abri de maneira que jamais havia feito.

Então, só me restara sair do apartamento. Eu não suportaria ver a acusação em sua expressão outra vez. Me afastar seria a única chance de conseguir esquecê-lo. Se é que havia mesmo uma chance.

Eu anunciara a Fabiola que pretendia voltar para a casa dos meus pais quando ela veio me ver na manhã seguinte ao término.

— Deduzi que seguiria por essa linha — dissera ela ao preparar o café, que eu não sentia desejo algum de beber. Meu estômago revirado não permitiria. — Estava pensando se você não quer se mudar lá pra casa. Não precisa ajudar com o aluguel. Seremos só nós duas de novo.

Uma sirene ecoara em meio ao meu cérebro embotado. Pela primeira vez prestei atenção à tristeza que curvava seus ombros, e que não tinha nada a ver comigo.

— O que aconteceu? — eu perguntara, preocupada.

— O Alan e eu terminamos ontem à noite. — Ela se recostara na pia, erguendo a mão agora sem nenhum adorno, e me contou que fazia uma semana que Alan pedira para que ela não entrasse no meu antigo quarto. Ele estava montando um home office para eles, e não queria que ela visse até que estivesse pronto.

Só que era apenas um artifício para mantê-la longe de Carmem, que tinha retornado ao apartamento clandestinamente. Ao me deixar sozinha e ir para casa, ela encontrara a porta do suposto home office entreaberta e fora entrando... bem na hora em que Alan alimentava sua aranha de estimação com uma barata viva. É claro que minha amiga surtou. É óbvio que foi até a lavanderia e voltou armada com duas latas de inseticida e as esvaziou no quarto. Nenhum dos insetos ou seu relacionamento sobreviveu. Ela estava arrasada. Não pela morte

da aranha, naturalmente.

— O Alan ficou gozando da minha cara — me contara ela —, ficou dizendo que eu era muito mulherzinha, que estava fazendo escândalo a troco de nada. Não vou dividir minha vida com alguém que não compreende minhas limitações, não entende os meus medos e ainda faz pouco-caso deles. Isso não é amor, Mel.

— Sinto muito, Fabi. — Eu afagara uma onda negra pesada que lhe caía no ombro.

— No fundo, acho que eu sabia que ia acontecer. O Alan e eu nos esforçávamos demais para dar certo. Não devia ser assim. E, é claro, tem o lance de você ter quebrado a simpatia... — Ela me espiara por entre os cílios longos úmidos.

— Você é uma mulher racional, Fabi. Não pode acreditar no que está dizendo. — Embora eu mesma tivesse seguido por aquela linha uma vez. Será que o Nicolas teria reagido à verdade da mesma maneira se eu não tivesse arreventado o prato com a maçã?

— Não, eu não acredito de verdade — confidenciara em uma voz quase infantil. — Mas gosto de fingir que sim, porque aí eu não preciso me responsabilizar por sempre me envolver com o cara errado... Volta pra nossa casa, Mel. Nem que seja só por uns tempos. A gente passa por essa merda toda juntas.

Naquele instante, com o coração estilhaçado em tantos pedaços que eu não sabia se um dia conseguiria reuni-los outra vez, percebi o quanto seria fácil me entregar à devastação, me deixar seduzir pela dor e me perder naquele vale árido sem vida. Apenas uma coisa me impedia: Fabiola. Minha melhor amiga precisava de mim. Às vezes, tudo o que se precisa é uma fagulha de esperança para escapar do inferno. E Fabiola era uma fogueira inteira, mais que o bastante para que eu pelo menos tentasse. Por isso eu aceitara a oferta, e no final daquela tarde todas as minhas coisas estavam outra vez no apartamento 112.

Mais tarde naquele mesmo dia, eu subira para deixar o dinheiro do aluguel e a chave no terceiro andar, e encontrara Nicolas, ainda em roupas de escritório, parado diante da porta do meu quarto vazio, as mãos nos bolsos da calça. Ele se virara ao me ouvir entrar, o olhar azul-escuro pousando em mim. Ainda que eu tivesse lutado contra, a eletricidade me percorreu de alto a baixo, o coração até então entorpecido saindo de sua apatia, pulsando com força. Minha primeira reação foi correr para ele e me esconder em seu peito, inspirar seu delicioso perfume, seu calor, e restaurar a redoma que sempre me cercava. Mas consegui reprimir meus instintos. Nicolas não queria meu amor. Não acreditava nele.

— Levei minhas coisas pra casa da Fabiola. Trouxe minha parte no aluguel. — Eu me curvara para depositar o envelope com a grana sobre a mesinha de

centro. — Ia passar a chave por baixo da porta quando saísse.

Respirando fundo, ele correrá os dedos pelo cabelo escuro, despenteando-o daquele jeito que eu amava antes de atravessar a sala e parar a dois metros de mim.

— Você não tem que se mudar, Melissa — dissera em uma voz contida, me observando atentamente. — Este lugar também é seu.

Não, não é mais.

— Não posso continuar vivendo com alguém que me acha capaz de fazer coisas tão horríveis, Nicolas. — Enfiei o dedo na argola do chaveiro, separei a chave e a rodei pelo aro para desprendê-la. Cheguei um pouco mais perto e a estendi a ele.

Ainda me encarando, Nicolas pegara a chave. Nossos dedos se tocaram por um ínfimo segundo. O frisson explodira em meu peito, viajando rapidamente para todo o resto de mim. Nicolas também foi afetado; o rosto ganhou cor, as pupilas se expandiram e dentro delas pensei vislumbrar algo que eu queria tanto acreditar que era verdadeiro. Mexida, doida para sair dali, precisei me esforçar para manter a fachada, e me agarrei às pulseiras, retorcendo-as por entre dois dedos. Os olhos rápidos de Nicolas acompanharam o movimento e se detiveram em meu pulso. Mais especificamente em seu relógio.

— Ah... eu... ainda estou com ele porque... queria te devolver pessoalmente. — Tremendo de leve, eu trabalhara na pulseira de couro marrom, meio atrapalhada. — Já que você me deu ele quando... — Não, não era boa ideia evocar a memória do momento em que ele prendera o relógio em meu braço. — Não estou com ele por causa do que simboliza nem nada parecido. Simbolizava — corrigi, instável. — Era só pra não perder mesmo. Na verdade, eu tinha até me esquecido. Acabei me acostumando com ele no pulso e nem percebo mais que estou usando. É tipo procurar os óculos pela casa toda para descobrir que ele estava na cara o tempo inteiro. Pelo menos é o que o meu pai faz... — Mordi a parte interna da bochecha para impedir que o fluxo sem sentido prosseguisse, e, enfim, consegui desencaixar a peça do pulso. Eu me senti nua sem ele.

Engolindo um suspiro melancólico, estendi o pesado relógio para Nicolas, que apenas o observou com uma máscara inexpressiva e não fez movimento algum.

— Não sou esse tipo de cara — anunciou ele, atento a cada linha em minha expressão. Nem sequer piscava. — Eu dei pra você. Agora é seu, Melissa.

— Você me deu o relógio para me lembrar de que estaria em algum lugar pensando em mim. Mas a nossa noite terminou. — Eu engolia com dificuldade. — Não preciso mais dele.

Passaram-se alguns segundos antes de seus dedos se fecharem ao redor dos meus. A sensação de estar em casa me percorrerá de alto a baixo. Estávamos tão

próximos que seu calor perpassava o tecido do meu vestido. Ele escrutinara minha expressão, procurando sua própria resposta. Não sei ao certo o que encontrara. Eu mal conseguia me concentrar em inspirar e expirar. Seja lá o que tenha visto em mim o fizera recuar e se concentrar no relógio em sua palma, o polegar acompanhando os desenhos do visor. Então rapidamente o guardou no bolso da calça.

— Eu devolveria sua pulseira se ainda a tivesse. Mas perdi. — Ele esfregou o nariz, subitamente interessado no envelope que eu havia colocado sobre a mesinha de centro.

— Tudo bem. Não era importante. — Só que era. Nós dois sabíamos disso. Seu recado não podia ser mais claro, podia?

Se ficasse ali mais um instante, eu acabaria caindo no choro de novo, e isso era a última coisa que eu queria. Por isso dei meia-volta, indo para a porta. Mas Nicolas se esticou, enroscando o indicador no meu. Eu o admirei por sobre o ombro, caindo naquele lindo oceano de águas escuras.

Nicolas abriu a boca algumas vezes; parecia procurar as palavras certas para externar o que sentia. Antes que eu pudesse me encher de esperança, ele cerrou os olhos com força. Ao soerguer as pálpebras, acompanhou com o olhar cada traço do meu rosto por um eterno segundo.

— Se cuida, Mel — disse por fim, me soltando.

Eu não o vira mais desde então. Uma semana sem notícias dele. Uma semana daquela agonizante e inútil tortura interminável à espera de uma mensagem, uma ligação, uma batida na porta que, eu sabia, jamais aconteceria.

Era melhor assim, tentava me convencer. Evitá-lo e me concentrar em retomar as rédeas da minha vida. Eu precisava encontrar um emprego antes que a pequena reserva que eu tinha no banco acabasse. Riscar Nicolas da minha vida era a coisa mais sensata a fazer.

Essa foi a maior mentira que já contei para qualquer pessoa...

Mesmo furiosa por Nicolas não acreditar em mim, eu estava preocupada com ele. A imprensa não mencionara o rompimento do noivado de Camila, e eu não fazia ideia se ela e Fred ainda estavam juntos. Eu tinha deixado de segui-la no Instagram. Mas o que teria acontecido com a promoção de Nicolas? Ele ficara com a vaga ou minha tentativa de salvá-lo só piorara tudo?

— Ok, chega. — Fabiola atirou a toalha úmida em minha cara, me arrancando do devaneio. — Se eu não sair esta noite vou acabar ficando louca. Vou aproveitar minha folga no bar, e você vai comigo, goste ou não disso!

Tudo bem, uma parte minha não queria ir para nenhum lugar longe do sofá, das barras de chocolate e do meu gato. Mas a outra parte, aquela que sempre governou meus passos, se recusava a ceder o controle da minha vida para o

desespero. Por isso fui trocar de roupa enquanto Fabiola terminava de arrumar o cabelo.

Eu passava o vestido de malha preta pela cabeça, explicando a Loki que as gavetas eram áreas proibidas para suas garrinhas curiosas pela centésima vez, quando minha mãe ligou. Eu havia falado com ela mais cedo, mas é claro que ela não se recordava. Mamãe me contou as coisas de sempre — a folga, a dedetização, seus jacintos, e imaginei que estivesse diante do canteiro, pois demonstrou o mesmo espanto ao constatar que as flores de sua memória não estavam mais no jardim.

— Algum animal as devorou. Só pode ter sido um gato — disse ela. — Estou preocupada, Mel. E se as flores forem tóxicas para os bichinhos?

— Talvez não seja isso, mãe. — Equilibrei o telefone entre o ombro e a orelha para esticar o vestido sobre os quadris ao mesmo tempo que Loki me ignorava totalmente e pulava para dentro da gaveta.

— Mas e se for, filha? E se alguém perder seu bichinho de estimação por minha causa? E se eu fizer alguém sofrer por culpa do meu amor pelas plantas? — Seu nervosismo ameaçou sair de controle. — Fico imaginando...

— Ei, acabei de lembrar que outro dia vi um repelente de pets — atalhei, antes que ela mergulhasse no vórtice do desespero. — Vou comprar um e levar pra você amanhã, está bem?

E aí eu contaria que eu havia perdido o emprego. Era a coisa certa a fazer. Não podia esconder a novidade por muito mais tempo, de todo jeito.

— Repelente de pets? — repetiu ela, espantada. — Isso existe, Mel?

— Existe, mãe. Vi outro dia em uma loja de jardinagem. Não se preocupe, nenhum gatinho vai passar mal por causa dos seus jacintos.

Consegui acalmá-la o suficiente para levar a conversa para outro rumo, e em menos de um minuto ela já não se recordava mais do caso das flores desaparecidas. Como sempre, eu morri um pouquinho mais. O novo medicamento não surtira efeito algum ainda, e eu não conseguiria comprar uma nova caixa antes de conseguir um emprego — um dos bons!

Ignorando meu próprio desespero, terminei de me arrumar e tirei meu gato de dentro da gaveta. Dez minutos depois, Fabiola e eu descemos as escadas e avistei ainda dos degraus Luna e sua cunhada paradas sob o vão da porta de vidro larga.

Beatriz se despediu com um beijo estalado e voou escada acima, as sacolas balançando no pulso ao acenar para nós. Já Luna segurou a porta aberta, sorrindo.

— Uma saída só de meninas — ela comentou, sonhadora. — Lembro das risadas, a coleção de copos vazios sobre o tampo, não me sentir uma jaca...

— Não sei do que você está falando. Você está incrível. — Apontei para o vestido com mangas ciganinha verde-água, que intensificava ainda mais o tom naturalmente bronzeado de sua pele, deixando seus olhos ainda mais verdes.

— Obrigada. Foi presente da minha avó.

— Nem me fale da sua avó! — As bochechas de Fabiola se estufaram conforme bufava. — A simpatia dela se provou uma furada.

Mesmo surpresa, Luna começou a rir.

— Eu me meti em uma enrascada das grandes por conta da magia cigana — confidenciou ela —, por isso compreendo a sua frustração.

Fabiola se aproximou da moça, interessada.

— Sério? Foi com magia cigana que você conseguiu aquele deus em forma de homem?

Cutuquei minha amiga com o cotovelo, mas Fabiola não percebeu. Se Luna chegou a se irritar com o comentário, disfarçou com uma gargalhada.

— De certa forma, foi exatamente assim que o Dante e eu acabamos juntos, Fabiola.

— Tá vendo? — Fabi acusou, estreitando os olhos para mim. — Eu falei pra acreditar no poder da maçã, mas você nunca, nunca, nunca me escuta! Só pode ter dado errado porque você fez de má vontade. Ainda por cima espatifou o prato depois.

Fitei o teto ao mesmo tempo que Luna gargalhou de novo. Fomos juntas para a calçada. Do outro lado da rua, avistei Dante dentro do Twingo azul-claro, acenando.

— Bem, é melhor eu ir — anunciou a jornalista. — O Dante e eu estamos decorando o quarto do bebê. Na verdade ele está. Eu só fico sentada observando ele trabalhar. — Fez uma careta. — A gente se vê em algum evento por aí.

Eu me retraí involuntariamente. Não haveria mais eventos para mim. Nunca mais. Meu Deus, o que eu iria fazer? Onde conseguiria dinheiro para sustentar meus pais?

Imagino que minhas emoções estivessem mais visíveis do que eu gostaria, pois Luna tocou a base da garganta.

— Ah, não! — Ela ofegou. — Você não trabalha mais na Allure?

Pressionei os lábios e apenas assenti. Ainda era muito errado ouvir alguém dizendo aquilo.

Com seu cérebro de jornalista, Luna ligou os pontos e compreendeu o que havia acontecido. Uma parte, pelo menos.

— A matéria da Adriele! — Seus olhos quase escaparam das órbitas.

— Não exatamente... — comecei.

— Também não ajudou — Fabiola disse ao mesmo tempo.

— ... mas eu queria entender como ela conseguiu entrar — completei. — Como a Adrielle fez tantas fotos sem ser vista por ninguém?

A morena afastou um cacho que a brisa suave soprou em seus olhos claríssimos.

— Mas ela não entrou, Mel. Um dos convidados deu as fotos pra Adrielle.

— O quê? Quem? — Fabiola e eu perguntamos em uníssono.

— A Adrielle não revelou a fonte, mas garantiu ao Dante que era bastante confiável. — Luna mudou o peso de uma perna para a outra. — A pessoa nem cobrou pelas imagens, só exigiu que seu nome não fosse divulgado. Acho que não queria ficar mal na fita com os noivos.

Aquilo não podia estar certo. A lista enxuta dos convidados de Alicia e Max era composta de amigos e parentes. Quem teria interesse em vê-los passar pelo estresse de ter a intimidade exposta nos jornais? E por quê? Não fazia sentido.

— Luna, eu gostaria de falar com a Adrielle — falei, apressada.

— Posso te dar o telefone, mas não sei se ela vai atender esta noite. O Dante tinha vetado a matéria do casamento da Alicia. Queria que a Adrielle apurasse mais a fundo a história da batida policial. Ele odeia sensacionalismo. Mas a Adrielle fingiu não escutá-lo e subiu o artigo antes que o Dante percebesse. Ele ficou furioso. Cheguei a pensar que a demitiria. — Apoiou a mão sobre a barriga, as pulseiras douradas em seu pulso capturando a luz do poste ali perto. — Acho que o Dante só não colocou a Adrielle na rua por causa da lealdade. Ela abandonou o antigo emprego para segui-lo na *Tempo*. Por isso eu acho que não vai conseguir falar com ela. A Adrielle está cobrindo um lançamento no Terraço Blargio, depois de passar uma semana nos classificados como punição. Não vai pisar fora da linha por uns tempos, se distraindo com o telefone, por exemplo. Mas se quiser tentar...

De toda forma, ela ditou os números e eu anotei na agenda do celular. Não que descobrir o culpado pelo trote mudaria alguma coisa. Mas eu precisava saber. Queria entender. Senão por mim mesma, pela noiva que tinha confiado em meu trabalho.

— Meio sinistro isso tudo — comentou Fabi depois que nos despedimos de Luna e seguimos para onde ela estacionara o carro. — Quem pode ter feito uma coisa dessas com a Alicia e o Max?

— Não tenho a menor ideia, Fabi. Eu conferi a lista de convidados e do pessoal da equipe de apoio. Três vezes. Todos eram íntimos dos noivos ou pessoal de nossa confiança. Ninguém novo.

— Exceto pela Camila e o noivo. — Arqueou uma delicada sobrancelha. — Escutei a Alicia comentar com a Mariana que os convidou por educação, depois de encontrá-los no vernissage. Parece que a Camila meio que forçou o convite.

A Alicia e ela nunca se deram muito bem.

— A Camila me contou. Mas por que a Camila iria querer melar o casamento da Alicia?

A menos...

A menos que a vítima não fossem os noivos, uma vizinha buzinou em meu cérebro.

Tropecei em uma rachadura da calçada e me escorei no Chery à medida que uma linha de raciocínio se desenrolava. E se Camila tivesse descoberto sobre meu caso com Fred? E se sua insistência em me ter à frente do casamento fosse uma armadilha para me desmoralizar completamente, como acabou acontecendo?

Não, espera. Era de Camila Bueno que eu estava falando, pelo amor de Deus. A garota que obedecia a mãe sem reclamar. Tudo bem que eu já me enganara antes, mas Camila seria capaz de planejar algo tão vil?

Eu não podia acreditar nisso. A dor que eu vira em seu rosto ao contemplar a caneta que Fred me dera e entender tudo fora real. Visceral. Se não tivesse sido ela, restava apenas... Fred.

E se a pessoa que deu as fotos para Adriele fosse a mesma que entupiu os banheiros no vernissage? A mesma que trocou meu arranjo por uma coroa? A mesma que enviou as fotos do noivado para Sônia? Alguém podia ter feito as fotos por ele e lhe passado mais tarde...

Ah, meu Deus, e se alguém não quisesse prejudicar Max e Alicia, mas a cerimonialista? E se fosse alguém que me alertara que me afastaria de Camila de um jeito ou de outro?

E se Fred não fosse apenas um canalha, mas um monstro que agira por debaixo dos panos, sorrateiro feito uma enguia, armando todos aqueles incidentes com o intuito de me fazer parecer incompetente e assim me afastar de uma vez por todas de sua noiva?

“Se você não vai desistir dessa ideia”, Fred dissera na noite em que nos encontramos no bar, ao saber que eu e Camila tínhamos nos acertado. “Então eu vou ser obrigado a interferir.”

Fred era o grande responsável pelo fim da minha carreira? Em vez de acidentes, todos os problemas que eu enfrentara nos últimos eventos foram um plano bem arquitetado pela mente sacana do meu ex?!

— Mel? — Fabiola estalou os dedos a centímetros do meu nariz. — Você tá aí?

Pisquei algumas vezes, antes de observá-la através de um véu vermelho.

— Sim, Fabi, ainda tô aqui. Mas preciso que você me leve num lugar...

Dizem que até mesmo a estupidez tem limites. Eu sou a prova viva de que a máxima não é verdadeira. Fabi parou o carro próximo à entrada do Terraço Blargio, avaliando a movimentação, e pareceu concordar comigo.

— Mel, isso é loucura. Não podemos invadir uma festa — ela alertou, preocupada.

— Nós não vamos. Só eu vou. Além disso, eu meio que estou curtindo a inversão de papéis, pra variar.

Ela me dirigiu um olhar que questionava minha saúde mental. Tudo bem, eu

também estava em dúvida. Mas o que eu podia fazer? Eu precisava falar com Adriele e descobrir se Fred estava por trás do fim da minha carreira. Eu *tinha* que saber! Eu tentara falar com a jornalista durante o percurso até ali, mas Luna estava certa e só consegui deixar três recados na caixa postal de Adriele.

— Você não vai fazer isso sozinha nem ferrando. — Fabi me olhou de cara feia. — Se você pensa que eu vou te deixar se lascar...

— Só me escuta — atalhei, me virando no assento para encarar sua revolta. — Eu já ferrei com a minha carreira. Com a do Nicolas. Não posso arriscar a sua também.

— Mas...

— Eu tenho que fazer isso sozinha, Fabi. Você disse que queria que eu parasse de fugir. Agora me deixa fazer isso.

— Odeio quando você usa minhas palavras contra mim. — Ela deu um muxoxo contrariado, mas destravou as portas. — Tudo bem, vou te esperar no bar com o pessoal. Se acontecer qualquer coisa...

— Eu te ligo. Prometo. — Soltei o cinto e desci do carro.

Penetrar na festa a pleno vapor no Terraço Blargio não foi exatamente um desafio. Perdi as contas de quantos eventos organizei naquele salão no centro da cidade. Eu sabia, por exemplo, que, se eu passasse pelo terraço coberto por uma estrutura preta vazada, daria em um pequeno jardim com sofás de junco e couro bege, ficando bem longe da garota na entrada do salão, que riscava os nomes dos convidados à medida que chegavam. Um pouquinho atrás de um dos sofás, entre o canteiro de hortênsias e um poste de ferro, havia uma passagem estreita usada pela organização, e foi por lá que me esgueirei. Acabei nos fundos do edifício, onde os carros de serviço foram estacionados, e continuei em frente sem olhar para os lados. Eu teria chegado ao salão principal sem que ninguém me abordasse se alguém não tivesse gritado meu nome enquanto eu atravessava a larga cozinha.

— Melissa! — exclamou Tália, embaçada pelo vapor da panela que mexia com vigor. — O que você está fazendo aqui?

— Eu... aaaaaah... eu tenho uma reunião. A pessoa não podia me encontrar em outro lugar.

— E por que você entrou pela entrada de serviço?

Inferno. Por que Tália não podia simplesmente fingir que era burra?

— Ah, é que... não pareceu educado entrar pela frente. Eu preciso ir... — Eu me esquivei de duas garçonetes, que se apressavam em empilhar taças sobre a bandeja, e fui saindo.

No entanto, Tália entregou a colher para sua assistente e correu para me interceptar antes que eu pudesse passar pela porta vaivém preta, me puxando

para longe da entrada a fim de dar passagem às duas garotas, uma mecha escura escapando de sua touca.

Através do visor redondo, constatei que o salão estava lotado. Encontrar Adrielle levaria um tempo.

— Eu soube da sua demissão — comentou Tália, entristecida. — Aquela matéria foi pouco lisonjeira, mas nem de longe razão para uma demissão. A Sônia devia estar fora de si pra te entregar assim de mão beijada para o mercado. Devem estar se estapeando por sua causa.

— Na verdade, não. Ninguém me quer depois da matéria e das fotos que saíram na *Tempo*. Meio que virei uma pária.

— Ah, não, Mel, sinto muito. — Enfiou os fios de volta ao lugar, impaciente. — É por isso que você veio aqui hoje? Vai tentar uma abordagem mais arrojada? Suspirei, vencida.

— Não, Tália. Acho que fui sabotada e vim tirar isso a limpo.

— O quê?! — Seu queixo quase se desprende do crânio.

Fiz um breve resumo do que acontecera, expliquei minhas suspeitas, e que Adrielle era a única pessoa que sabia a verdade. Minha chef preferida tinha uma expressão de assombro tão grande que até sua equipe parou para observá-la. Droga, eu estava atraindo atenção demais.

— Por favor, Tália, não me denuncia para a equipe de segurança — supliquei baixinho. — Eu só quero descobrir se a minha carreira foi para o lixo por um capricho de um canalha. Eu juro que não pretendo estragar a festa. — Apenas a cara de Fred, caso minhas suspeitas estivessem certas. Porque, se elas se confirmassem, eu iria atrás dele. Ah, se iria.

Tália titubeou, e por um momento horrível pensei que ela chamaria os seguranças. Mas então ela revirou os olhos e me empurrou para a porta. O aroma de flores, bebidas e gente saturava o ar, e era difícil se locomover sem esbarrar em alguém. Homens e mulheres em trajes sociais ostentavam joias e relógios que provavelmente equivaliam ao PIB de um pequeno país, e alguns fizeram uma careta para meu vestido de malha simples. Fingi não perceber e me estiquei na pontinha dos pés, analisando o largo salão à procura da jornalista, sorrindo para não atrair muita atenção. Mas o sorriso logo desapareceu. O mesmo aconteceu com minha respiração assim que meu olhar encontrou o do meu ex.

Meu outro ex.

Nicolas, quero dizer.

Foi meio como naqueles filmes românticos em que a garota avista o amor da sua vida do outro lado do salão, a luz diminui e o focaliza, a multidão se dispersa, sorrisos se espalham pelos rostos dos amantes e só existem eles dois no mundo. Só que a multidão não abriu caminho, a luz não ficou mais fraca, nem o

holofote enfocou Nicolas. Ele também não sorriu.

O súbito calor em meu peito me garantiu que ele me observava fazia algum tempo. Foi o que bastou para que minha pele esquentasse e meu pulso perdesse a linha.

Eu não tinha tempo para dissecar minhas emoções, pois Nicolas se esquivou de um grupo e se colocou na direção que o traria até mim. Todas as mulheres e um cara se viraram para admirá-lo.

Saco. Eu não podia falar com ele. Ficar cara a cara com Nicolas de novo e fingir que não o amava, que não sentia tanto a sua falta que mal conseguia respirar, era mais do que eu poderia suportar. No entanto, fugir não era uma opção. Não mais. Se eu tinha aprendido alguma coisa com os últimos acontecimentos da minha vida, é que, se você passa a fugir de um problema, dá a ele a chance de começar a te perseguir.

Tudo bem. Ia acontecer em algum momento. Eu só precisava enfrentar Nicolas para poder seguir em frente. Ao menos era o que dizia a *Cosmopolitan*, a *Marie-Claire* e um site chamado saindodafossa.com.br.

É claro que eu fantasiara um milhão de cenários para aquele encontro, um milhão de coisas que diria a ele. Mas agora, vendo-o chegar mais perto a cada batida da música, minha mente era apenas uma tela azul.

Limitei-me a respirar e manter o pânico sob controle. Uma coisa era enfrentar o problema em minha imaginação. Outra era interagir com o problema no mundo real.

Ah, que se danem as revistas e o site idiota.

Eu não tinha que passar por isso. Se pelo menos eu conseguisse convencer meus pés a se moverem...

Não houve tempo para mais nada, pois Nicolas se plantou a minha frente com toda aquela altura.

— Oi — falou, afastando o paletó para esconder as mãos nos bolsos da calça cinza.

Todos os pelos do meu corpo se apressaram em ficar de pé para cumprimentá-lo, embora uma não tão sutil decepção esperneasse em meu íntimo.

Mas o que eu esperava que ele dissesse? Que acreditava que eu o amava, que se sentia miserável sem mim, me tomasse em seus braços e me beijasse de um jeito que nada mais existisse além de nós dois e o futuro lindo que teríamos juntos?

Droga, sim. Era exatamente o que eu esperava.

Você é uma idiota, Melissa.

Tomando fôlego, forcei um sorriso.

— Oi, Nicolas. — Eu me afastei um passo para não acabar inspirando seu

perfume e acidentalmente perder o foco. — Que surpresa te encontrar aqui.

Uma semana não era tempo suficiente para grandes mudanças, eu sabia disso. Mas foi um alívio perceber que seu cabelo estava exatamente como eu me lembrava, que o terno lhe caía nos ombros daquele jeito que o deixava parecido com um astro de Hollywood, que o queixo barbeado trazia aquele ar atrevido de sempre. Os olhos, porém, estavam diferentes. Havia uma reserva que antes não existia, e sob eles, meias-luas escuras. Ele não andava dormindo muito. Prefери não pensar nas possíveis causas.

— Posso dizer o mesmo. — Ele quase sorriu. Quase. — O que você está fazendo no lançamento da plataforma de gerenciamento financeiro da Brasitecno?

— O quê?!

Observei o salão buscando uma pista e a encontrei perto da mesa de canapés: um imenso painel em tons de azul com a cara sorridente de Fred. “Money Bin. O gestor financeiro eficiente e fácil de usar, recomendado pelo economista Fred Lanza, do *Jornal da Manhã*.”

Eu me lembrava vagamente de Nicolas mencionar o projeto, naquela manhã em que tudo desandou entre nós. Eu me volvei para ele, horrorizada.

— Fred é o garoto-propaganda do seu projeto?

— Do projeto da Brasitecno que eu ajudei a construir — corrigiu, massageando o pescoço com uma das mãos. — A vida tem um senso de humor do caralho.

— É o que parece...

Por um momento, ficamos em silêncio, nos encarando apenas para desviar o olhar — ao menos eu desviava. Sem saber o que dizer, esperei que ele pusesse um fim àquele encontro agonizante. Em vez disso, Nicolas ficou ali me observando sem dar mostras de que pretendia se afastar. Parecia procurar algo. Minha sensatez, possivelmente. Se ele não pretendia ir embora, então por que não ia eu?

Alguém me deu um encontrão, me empurrando para o lado. Nicolas espalmou minhas costas para me ajudar com o equilíbrio. O calor que vinha dele me envolveu por inteiro, num abraço cálido do qual eu sentia tanta falta. Durou apenas um átimo de segundo, pois ele me soltou quase que imediatamente.

O quê? Me tocar agora o queimava?

— Como está o Loki? — Tornou a enfiar a mão no bolso da calça.

— Um pouco irritado por eu estar em casa o dia todo, ocupando seus domínios, mas fora isso está bem.

— Por que você não me contou que foi demitida? — indagou, sem rodeios. — Eu só soube ontem, depois de esbarrar no Dênis, que você perdeu o emprego faz

uma semana. Quando me devolveu a chave, você já tinha sido demitida. Por que não me contou?

— A oportunidade de mencionar o assunto não surgiu. Eu preciso ir, Nicolas.

— Experimentei dar a volta e passar por ele, mas teria tido mais êxito se tivesse tentado me transformar em uma lâmpada.

— O assunto não surgiu... Tem certeza? — Nicolas bloqueou o caminho com o próprio corpo, ficando tão perto que o ar mal passava na estreita lacuna entre seu peito e o meu. — Tem certeza que não poderia ter mencionado quando entregou o dinheiro do aluguel, sabendo que iria precisar dele mais tarde?

Eu o encarei, a mágoa fervilhando muito perto da superfície.

— Não precisa continuar fingindo. Só me deixe em paz. Já fez isso antes. Não vai ser difícil agora. Por que você ainda se importa com o que acontece comigo?

— Pressionei os lábios, irritada comigo mesma. Eu não pretendia tocar no assunto. Nem soar tão amarga.

— O que você acha, Mel? — A dor empalideceu seu perfil.

Não sei ao certo quem de nós dois se moveu. Tudo o que sei é que subitamente tive que entortar o pescoço para poder olhá-lo nos olhos, e ali dentro avistei algo que ele guardara só para mim. Em meio ao inferno estéril que eu andava vivendo, a esperança encontrou um lugar fecundo para fincar sua semente. Ainda havia uma chance para nós?

O categórico “não” veio na forma de uma morena curvilínea embrulhada em um vestido verde-água.

— Nick, aqui está você! — Amanda encaixou o corpo ao de Nicolas, as unhas esmaltadas de vermelho brilhante roçando o pescoço dele. — Preciso da sua ajuda para convencer a Helena a implantar o Money Bin no escritório do Banco Bueno. — Então, ela finalmente me notou e o sorriso radiante estremeceu. — Ah, oi! Eu não tinha te visto ainda, querida. Tudo bem com você?

Não era bem aquele tipo de reencontro que eu havia imaginado. Em minha mente, Nicolas correria em minha direção, enquanto ao fundo tocava alguma música de Justin Timberlake ou Alicia Keys, aí nos beijaríamos e tudo ficaria bem. Também tinha a versão dois, em que ele confessaria que não sabia mais viver sem mim, que tudo estava esquecido e aí me beijaria e tudo ficaria bem. Tinha a número três, quatro e cinco, mas todas tinham o mesmo desfecho: Nicolas me beijaria e tudo ficaria bem. Em nenhum deles uma morena de parar o trânsito se agarrava a ele.

— Estou ótima! — Forcei um sorriso na base do desespero.

— Que bom. — Deliberadamente, suas unhas pontudas percorreram o peito de Nicolas de um lado ao outro, numa clara demarcação de território.

Eu gostaria de dizer que me senti feliz ao constatar que ele seguia em frente.

Nicolas era um cara legal — o mais incrível que eu já conheci, para ser franca — e merecia encontrar a felicidade, mesmo que eu não fizesse parte dela. E uma metade de mim sentia tudo isso. Mas a outra, aquela que encontrara em Nicolas não um apoio, um arrimo, mas uma base sólida para que eu pudesse me assentar... essa parte desapareceu naquele momento.

Fiz um esforço hercúleo para sorrir para o homem que eu amava, enrolado por Amanda.

— Eu preciso ir. Boa festa para vocês.

— Melissa, espere... — ele começou.

Mas não esperei. Abri caminho por entre os convidados, avançando sem ver nada diante de mim conforme a lança atravessava meu peito. Nicolas e Amanda estavam juntos. Ou estariam em algum momento nem um pouco distante. Ele estava mexido e ela mais que disposta a lhe oferecer o ombro e todas as outras partes do corpo. Era só questão de tempo...

Estava tão desorientada que não percebi que alguém vinha na mesma direção até trombar em cheio com ela. Ergui o rosto para me desculpar e me deparei com um par de olhos cor de chocolate amargo bastante enraivecido.

— Fred!

— Você e eu precisamos conversar — ele disse, por entre os dentes cerrados.

Antes que eu pudesse retrucar, ele segurou meu braço e começou a me arrastar para a área do salão reservada aos funcionários, cumprimentando com um sorriso forçado algumas pessoas com quem cruzávamos.

— Ei! — reclamei ao ser empurrada para dentro de uma saleta sem nenhuma gentileza ou hesitação.

Não havia janela na sala, apenas alguns retângulos de vidro fosco no alto da parede, e eu mal conseguia divisar o vulto furioso perdido entre as sombras, parado diante da porta.

Ouvi um clique suave instantes antes de a luz explodir em minha retina. Precisei de um segundo para ajustar a visão, captando parte da mobília do Terraço Blargio que não fora usada naquela noite amontoadas em um canto, transformando o cômodo em um corredor estreito. E Fred bloqueava a porta.

— O que você pensa que está fazendo? — Empinei o queixo. — Eu quero sair, Fred. — Arrisquei passar por ele, mas meu ex me agarrou pelos ombros com força.

— Eu é que pergunto. Que porra você está fazendo aqui? — cuspiu, furioso. — De que maneira pretende ferrar com a minha vida hoje, Melissa? Qual é o plano?

Com um empurrão brusco, eu me esquivei de suas mãos, por pouco não batendo as costas em uma cristaleira italiana que eu costumava usar na

decoração da mesa de café, e o fuzilei com toda a raiva que entorpecia meus membros.

— Não sou eu quem articula esquemas para ferrar com a vida alheia, Fred. Esse é você. Sorrateiro e ardiloso. Você planejou desde o início ferrar com a minha carreira, não é? Eu sabia que você era um covarde. Só não imaginei que também fosse cruel. Você destruiu minhas chances de emprego só pra encobrir sua sujeira!

— Você se destruiu sozinha quando procurou a Camila. Não me culpe por isso! — esbravejou, emanando tanta raiva que cheguei a dar um passo para trás. — Você não podia ter mantido a boca fechada. Você *tinha* que contar sobre o nosso caso. A Camila me deixou por sua causa! O meu filho vai nascer longe de mim por culpa sua!

— Por sua culpa, Fred. Sua! Foi você que nos colocou nessa situação. Pare aí mesmo! Não se aproxime! — alertei ao vê-lo dar um passo em minha direção, a expressão transtornada por uma raiva que eu nunca vira em um rosto humano.

Tarde, muito tarde, percebi que estava trancafiada naquela sala diminuta com meu ex colérico.

— Por quê? — Ele sorriu de um jeito odioso, continuando a avançar. — O que você vai fazer? Gritar para todo mundo ouvir que eu sou um canalha? Você já contou para a única pessoa que importava!

Recuei de novo, buscando uma rota de fuga. A única que existia era a que ele bloqueava. *Droga*. Sem alternativa, tentei passar por ele, mas Fred me segurou pelo braço, me empurrando com força para o outro lado. Bati com tudo contra a cristaleira, a saleta girando rápido demais.

A cara desfigurada pela fúria invadiu meu campo de visão desorientado.

— Sabe como eu quero torcer esse seu pescoço? — Fred me sacudiu. Minha nuca bateu com força contra o vidro, produzindo um ruído agudo, ameaçando se estilhaçar.

Então, eu estava presa às ferragens de novo, o vidro flutuando em um milhão de cacos diante do meu rosto. Comecei a gritar.

Um urro gutural ressoou pelo cômodo apertado segundos antes de o aperto em meu corpo desaparecer com um solavanco que me derrubou no chão. Ainda perdida na agonia de cacos e metais retorcidos, um som que não pertencia ao acidente penetrou a névoa. Eu me agarrei a ele, permitindo que me levasse para fora daquele pesadelo. Conforme minha vista ganhava foco de novo, senti o par de mãos segurando meu rosto com o mais suave dos toques, as íris de lápis-lazúli me encarando com desespero.

— ... fala comigo, Mel. Ele te machucou? Ele encostou em você? Você está ferida?

Fiz que não, sentindo um ponto particularmente dolorido na parte de trás do crânio.

— Só um pouco zonza — proferi no automático, vislumbrando meu ex caído no chão feito um saco de batatas, um fio rubro escorrendo da narina esquerda.

Com incrível delicadeza, Nicolas me ajudou a ficar de pé.

— Vou te levar para um lugar mais confortável. Vem. — Me abraçando pela cintura, começou a me conduzir para a porta.

— Melissa, espere... — a voz de Fred soou atrás de mim. — Eu não pretendia te machucar. Você me conhece. Sabe que eu não faria isso. Você só... continuou me provocando...

Por sobre o ombro, examinei o homem ainda no chão, com o estômago revirado. É claro que ele me culparia por isso. Fred sempre fora um covarde, jamais assumia o que fazia.

— Não, Fred, eu não conheço. Eu poderia ter te perdoado por me enganar por tanto tempo — minha voz soou alta, estável, surpreendendo a mim mesma. — Mas eu nunca vou te perdoar por esta noite ou por ter sabotado meu trabalho.

— O quê? — perguntou Nicolas, cortante. A julgar pela ira que curvou seus lábios para baixo, eu não tinha dúvidas de que ele pretendia dar mais uns bons socos em Fred.

Eu não era totalmente contra a ideia, mas não queria que Nicolas se metesse em encrenca, por isso o segurei pela frente da camisa. O toque pareceu acalmá-lo — ou o suficiente para que meu ex saísse dali com todos os membros atados ao corpo.

Admirei Fred, o homem que eu um dia amara, sentindo nada além de náusea.

— Você pôs em risco a segurança da minha família, Fred. O que eu tenho de mais sagrado. Se a sua intenção era me destruir, o seu plano deu errado. Porque eu vou lutar duas vezes mais duro. Vou ser duas vezes mais determinada, e, de alguma maneira que eu ainda não sei, eu vou me refazer. Eu sei que vou. E vou fazer isso de cabeça erguida. Já você nunca vai poder dizer o mesmo. Não depois de descer tão baixo e agredir de todas as formas a mulher que um dia jurou amar.

Ainda meio instável, Fred buscou apoio na parede para se levantar. Nicolas se moveu levemente, se colocando à minha frente ao mesmo tempo que me empurrava para trás. Parecia pronto para pular sobre Fred. E contente com a solução.

Envolvi os dedos em seu braço para impedir que fizesse uma besteira.

— Era disso que você estava falando ainda agora? — Fred esfregou as costas da mão no nariz. Uma linha vermelha manchou o punho da camisa branca. — Você acha que eu sabotei os seus eventos?

— Eu sei que foi você, Fred. — Engoli a mágoa. — Você prometeu que me

afastaria da Camila. E conseguiu.

— Você só pode ter ficado louca. — Riu. — Eu não fiz nada além de tentar convencer a Camila a fugir comigo para Nova York. Por que eu iria provocar a ira da mulher que já estava furiosa comigo e incitá-la a procurar minha noiva para contar que eu fui infiel? Nem eu sou tão idiota assim, Melissa.

Pisquei algumas vezes. Colocando as coisas daquela maneira, até que fazia sentido. Mas, se não tinha sido Fred nem Camila, quem teria mandado as fotos para a revista? Quem teria motivos para me sabotar? Ou será que eu estava deixando minha imaginação voar para longe e nenhuma das situações tinha a ver comigo, e sim com Alicia e Max?

Minha perturbação devia estar muito aparente, pois Nicolas se virou para encaixar uma das mãos na base da minha coluna e me empurrou para a porta. Contudo, parou sob o batente para observar Fred sem qualquer expressão.

— Se eu souber que você esteve a meio metro da Melissa sem que ela deseje isso... — advertiu em uma voz baixa e calma que achei tremendamente assustadora. — ... o nariz não vai ser a única coisa que eu vou quebrar em você. — Com isso, me levou para fora da sala.

Entorpecida e confusa, com os pensamentos espiralando com a força de um furacão, deixei que Nicolas me conduzisse de volta ao salão, para uma área menos movimentada perto da saída. Ele me fez sentar no sofá dourado e se ajoelhou diante de mim, me examinando com atenção.

— Você está pálida demais. Respire fundo, Mel.

Eu fiz o que ele ordenou, porque naquele momento parecia melhor que alguém assumisse o controle por mim. Velhos hábitos custam a morrer.

Nicolas me ajudou, marcando o ritmo com a própria respiração, e eu o imitei, enquanto um pensamento se repetia em minha mente. Alguém tinha tentado me ferrar e eu nem sequer percebi. E por que desconfiaria? Eu não tinha inimigos. Mal conseguia manter os amigos, que dirá tempo para cultivar inimizades. Por que alguém teria se dado o trabalho de me tirar da Allure? Se não fora Fred, Camila, quem restava?

João Pinot seria capaz de ir tão longe? Mas ele nem tinha comparecido ao casamento de Alicia...

Assim que minha respiração encontrou um ritmo mais saudável, Nicolas fez uma minuciosa avaliação do meu corpo e contornou com a pontinha dos dedos as marcas vermelhas que as mãos de Fred deixaram em meus ombros e no antebraço. E rosnou.

— Aquele filho da... — Fez menção de se levantar.

— Não, não, não. — Enlacei seu pulso. — Por favor, fica comigo. Não quero ficar sozinha agora.

Parte dele queria me atender, mas havia aquela outra, a que queria ir atrás de Fred e também deixar marcas pelo seu corpo, demandando que ele se movesse. Ele apertou a ponte do nariz, fechando os olhos com força e inspirou fundo algumas vezes. Precisou de quase um minuto inteiro para vencer a batalha interna e assentir para mim, relaxando a postura.

— Posso pegar alguma coisa pra você? Uma bebida, talvez? — ofereceu. Fiz que não. Ele suspirou, se levantando. — Tudo bem. Vou te levar para algum lugar menos tumultuado. Você parece ter chegado ao limite.

Assenti, no automático. Então suas palavras fizeram sentido e me obriguei a ficar de pé.

— Não. Não! — eu me apressei. — Eu não posso te causar problemas de novo. Eu ainda não consegui me perdoar por ter destruído o seu futuro profissional. Não vou atrapalhar seu romance também. Eu vou chamar um táxi. Obrigada por me ajudar com o Fred. Ele parecia louco de raiva. Acho que eu devia ter calado a boca e não o atijado ainda mais. Por um momento eu cheguei a pensar que ele realmente ia me bater. Obrigada por... por aparecer. Quer dizer, eu teria dado um jeito. Eu sempre dou. Mas estou grata, de qualquer forma.

Se eu não estivesse tão mexida com tudo o que tinha acontecido e ouvido nos últimos minutos, eu teria notado que Nicolas se enrijeceu por inteiro, uma sombra escura eclipsando a luz dentro dele, deixando apenas as trevas. Mas eu não percebi. Não até ele dar um passo à frente, e, numa voz sombria e baixa, perguntar:

— O que você acabou de dizer?

— Que eu estou grata de qualquer forma — repeti. — Estou mesmo, Nicolas.

Uma fagulha perigosa atravessou seu semblante conforme ele estreitou ainda mais a distância entre nós e praticamente colou o nariz ao meu.

— O que você tem a ver com os rumos da minha carreira, Melissa?

Ah, droga...

— Eu... ééééé... — Mordi o lábio inferior, olhando para os lados, implorando por inspiração divina. Mas tudo o que havia era gente empetecada rindo com drinques nas mãos, e eu tinha acabado de dizer a ele que não estava com sede. Eu estava por conta própria. — ... sei lá o que estou dizendo. Eu só... humm... estou nervosa e... aaaaaah... perdi o controle da língua.

— Não. — Seu queixo enrijeceu. — Quando começa a tagarelar, você mal respira. Emenda uma palavra na outra até ficar zonha. Não existe hiato.

Em meio à confusão de sentimentos, a raiva resolveu fazer uma aparição.

— Quer dizer que agora você quer me ouvir, é? — Comecei a ir para a saída.

Com duas passadas largas, ele estava diante de mim, grande e maciço, bloqueando o caminho.

— Sim. Quero — respondeu sem qualquer vacilo, encaixando uma das mãos em meu maxilar. — O que você não está me contando?

— Você não quer me ouvir. — Enrosquei os dedos em seu pulso, disposta a... não sei ao certo. Empurrá-lo talvez. Ou puxá-lo. Eu estava confusa, e seu perfume fazia muito pouco pela minha sanidade. — É como você disse outro dia: o que nós tivemos foi menos que nada, lembra? O assunto está ence... — A frase ficou suspensa no ar junto com minha respiração assim que a ponta dos meus dedos esbarrou no calombo em seu pulso. As pequenas lápis-lazúlis enfileiradas rolaram para fora do punho da camisa, cintilando pequeninas estrelas azuladas.

Ele ainda usava minha pulseira! Nicolas ainda usava o elo que havíamos trocado em nossa primeira noite juntos. Ele não havia perdido coisa nenhuma. Ele só não quis me devolver.

Por quê? Por que ele ainda a mantinha? Por que ainda a usava? Será que ele ainda...

— Olha pra mim, Mel. — Delicadamente, ele elevou meu queixo para que eu enfrentasse sua expressão alucinada. — Olha dentro dos meus olhos e me diz se o que vê é *nada*.

E eu, muito burra, fiz o que ele pediu. Caí em um lago de desespero e dor, onde ele se afogava. Nicolas estava sofrendo. Tanto, tanto, que desejei me dissolver nas batidas do seu coração se isso pudesse salvá-lo daquele vórtice de amargura.

Ao mesmo tempo, a esperança me assaltou com violência, retumbando na base do pescoço e em meu coração ferido.

— Me escute — ele implorou, urgente. — Nós precisamos conversar. Mas não aqui. Eu só preciso de um minuto. Pode me esperar aqui?

Fiz que sim uma vez, ainda hipnotizada pelo azul magnético que era seu olhar.

Assentindo para si mesmo, Nicolas se embrenhou no mar de pessoas e eu tratei de controlar o galope de meu coração. Podia não ser nada. O que ele queria me dizer podia ser apenas uma conversa amistosa sem qualquer significado que não iria acertar as coisas entre nós.

Mas talvez fosse, e o pensamento era tão poderoso que precisei buscar lucidez em uma taça de vinho. Era melhor eu me acalmar um pouco, ponderei, me dirigindo para a mesa de canapés, onde descansava uma bandeja de drinques. Precisaria estar atenta a tudo que seria dito.

Apanhei a bebida, sorvendo metade dela em um único gole. A dois metros

dali, reconheci Marcelo. Ele falava com uma garota baixinha de cabelo trançado. Pensei em dar um "oi" — um pouco de conversa fiada me ajudaria a sossegar as batidas insanas em meu peito — e cheguei a me aproximar, mas parei antes de alcançá-los ao ouvir o nome de Nicolas.

— ... não dou dois meses para eles estarem noivos — dizia ele para a menina de feição arredondada. — O Cassani não vai resistir aos avanços da Amanda. Que homem resistiria?

— Eu soube que a Brasitecno ofereceu um apartamento em Professorville — ela comentou. — Eu visitei o bairro uma vez. É supercharmoso, muito arborizado. O Nick vai adorar dar longas caminhadas pela vizinhança todo fim de tarde.

Marcelo riu com gosto.

— Maria Clara, ele vai estar muito ocupado na cama da Amanda todo fim de tarde para pensar em caminhadas. Olha só pra eles. — Indicou com o copo de uísque o lado oposto do salão.

Seguindo a direção que ele apontava, avistei Nicolas e Amanda perto do bar. Ela tocava seu braço com bastante intimidade conforme Nicolas discorria sobre alguma coisa, o semblante fechado em uma expressão preocupada.

— Ele ficou com a vaga de CSO. — Ofeguei, mais alto do que pretendia.

Marcelo me ouviu e se virou, parecendo confuso ao me ver a dois passos dele.

— Ei, Melissa. Ainda não tinha te visto aí.

— Ele conseguiu a vaga, não é? — insisti.

— E você tinha alguma dúvida de que ele conseguiria? — Exibiu um amplo sorriso. — O filho da mãe é brilhante. Ele e a Amanda vão dividir o cargo em Palo Alto.

Ah, meu Deus. Nicolas não queria conversar sobre reatarmos. Porque ele ainda se importava comigo, pretendia me contar que ele e Amanda estavam indo embora do país juntos antes que eu soubesse por outra pessoa. Uma batida dolorosa ecoou pelo meu peito, calando-o. Em meio à agonia que sua partida me lançou, constatei que eu tinha conseguido salvar sua promoção. Não arruinara seu futuro. Apesar de minha interferência, ele ficara com a vaga.

Metade de mim queria dançar por saber que eu não roubara sua grande chance. Eu havia perdido tudo, mas Nicolas estava a salvo, então, valera a pena. A outra... bom, essa discordava da outra metade, e se recolheu em um canto para prantear seu desespero.

Nicolas ia se mudar para a Califórnia. Iria viver em outro país, com outro idioma, outros costumes. Não demoraria para a solidão o esmagar. E Amanda estaria lá para consolá-lo. Em algum momento ele se deixaria levar e se entregaria ao esquecimento nos braços dela. Eles se apaixonaram anos antes,

talvez os sentimentos reavivassem e os dois retomassem o romance de onde haviam parado. Eu ouvira centenas de histórias semelhantes de minhas noivas. Nicolas faria de Amanda a sua vida. Seria o seu nada, o seu para sempre.

O ar desapareceu do salão. Respirar era impossível.

— Moça, você está bem? — questionou a garota baixinha, trocando o peso de uma perna para outra como se estivéssemos em um navio em alto-mar. — Parece pálida.

— Estou... é claro. Bem... — Eu tinha que sair dali. Eu tinha que ir para bem longe naquele instante e impedir que Nicolas me contasse tudo isso. Eu não suportaria.

Dando um aceno entorpecido para o par, me dirigi para a saída, passando pelos arcos da entrada sem realmente vê-los.

Se eu não estivesse lutando para respirar e ignorar o massacre que ocorria em meu peito, teria notado que alguém me seguia até a área externa do Terraço Blargio e me colocado em guarda. Mas não percebi nada. Não até Helena Bueno agarrar meu braço com força e me empurrar em direção ao jardim na entrada. Pega de surpresa, caí sentada no banco de ferro e por pouco não terminei dentro do arbusto de hortênsias.

Qual era o problema daquela gente? Ninguém mais sabia dizer um “eu preciso falar com você”?

— Como se atreve a aparecer aqui esta noite? — Helena exigiu, furiosa. — Você simplesmente não sabe quando se retirar, não? Não percebe que perdeu a batalha? O Frederico nunca vai ser seu, vagabundinha interesseira!

Fiquei de pé, encarando de cima o rosto frio de Helena.

— Escuta aqui, minha senhora, está passando dos limites! Que direito acha que tem de falar comigo nesses termos?

Com algum atraso, compreendi duas coisas. A primeira foi que ela parecia pronta para pular em meu pescoço e dilacerá-lo com os dentes. A segunda e a mais importante foi que ela me dirigira aquele mesmo olhar em todas as vezes em que nos encontramos, apenas mascarara o desprezo com um tom de voz polido. Helena antagonizara comigo no instante em que nos conhecemos. Por quê? Por que a mulher que era dona de um império financeiro se preocuparia com uma simples produtora de eventos? Nossos caminhos nunca haviam se cruzado até aquele instante. A única coisa que me ligava a ela era sua filha e seu... e seu...

— Você sabia! — arquejei, piscando depressa. — Sabia desde o início sobre mim e Fred. Por isso se esforçou para me tirar do projeto durante a apresentação. Você sempre soube e... e... meu Deus... — Pressionei os lábios para não gritar à medida que a lucidez me atingia com um raio violento.

Eu havia desconfiado que meu ex tinha me sabotado, pois em todas as ocasiões em que algo dera errado Fred estivera envolvido. Eu me deixara cegar pela raiva, e um aspecto me escapara até Fred apontá-lo naquela noite: por que ele irritaria a única pessoa que poderia destruir seu noivado? Quanto a Camila... tudo bem, eu já havia sido enganada antes e não podia confiar em meu julgamento, mas não conseguia realmente acreditar que a garota de temperamento gentil e um tanto submisso seria capaz de articular um plano tão ardiloso.

Não obstante, havia alguém que não apenas seria capaz, mas também marcara presença em cada um dos meus fiascos profissionais. Alguém que os acompanhara de perto, escondida nas sombras, sussurrando ideias estapafúrdias no ouvido dos meus clientes... tipo não usar um cavalete para sustentar uma tela recém-pintada, me dei conta. Alguém que me advertira sobre suas intenções, mas eu, muito distraída com meus próprios problemas, não dera a devida atenção.

“*Nada* vai atrapalhar o casamento da minha filha”, me alertara Helena na festa da Brasitecno. Eu deduzira que ela se referisse a um péssimo serviço de bufê ou de maquiador, não que fosse uma ameaça. Uma ameaça direta a mim.

Ah, Melissa, sua burra.

Helena saíra da agência após a apresentação do projeto do casamento da filha com uma cópia do contrato em mãos, um documento onde estavam listados todos os serviços que seriam usados no cerimonial, incluindo a floricultura. Ela também sabia sobre a prova dos doces — eu lembrava de Camila mencionar que a mãe pretendia acompanhá-la, mas um imprevisto a impedira de comparecer. Nem Fred nem Camila poderiam ser os autores das fotos do noivado que chegaram no e-mail de Sônia; eles dançavam no momento em que eu fora clicada perto da piscina ajudando Juliana. Ele também estava com Camila durante o casamento de Alicia, cuidadoso e preocupado com a noiva grávida.

“Eu acabei de receber uma ligação de Helena depois de ver aquelas fotos tenebrosas”, Sônia avisara ao me demitir.

Não fora Fred. A pessoa que se empenhara tanto para me tirar do caminho era... era...

— Foi você — balbuciei, com tudo abaixo do pescoço meio dormente. — Você armou pra que eu fosse descreditada. Você queria que eu fosse demitida para me manter longe do Fred. Não foi ele que tentou destruir minha carreira. Foi *você*, Helena.

— Eu não tentei, meu bem. — Ela abriu um sorriso selvagem, me arrepiando de alto a baixo. — Eu *consegui*.

Observei a mulher diminuta, o cabelo preso em um coque bem-feito que a fazia parecer uma fada, mas era apenas uma fantasia cínica para ocultar a maldade por baixo de todo luxo e delicadeza. Helena fora a responsável por eu ter perdido a confiança da minha chefe com tantos erros, por ninguém no mundo dos eventos querer ouvir meu nome. Eu estava acabada porque aquela mulher assim decidira.

— Como? — inquiri, entorpecida. — As flores... a denúncia falsa para a polícia...

— Você não faz a menor ideia de como o mundo funciona? Duas notinhas ali,

a promessa de um emprego para o filho no banco... — Abanou a mão. — A maior dívida do ser humano é ser corrompível.

Não. Não era.

— Eu não entendo... Não teria sido mais simples dizer a verdade pra Camila? Ter confrontado o Fred? A mim?

— E acabar com a felicidade da minha filha? — Ela deixou escapar uma risada curta e fria que me arrepiou até os ossos. — Eu tinha que criar uma distração para você. Mantê-la ocupada o bastante para que deixasse suas garras longe de Frederico. Mas minhas sutilezas pareceram não surtir efeito, já que você o agarrou na festa de noivado! Eu vi vocês dois aos beijos. Um convidado também viu! Morri de vergonha...

— O que você viu foi um ataque. — Trinquei os dentes.

Ela escolheu me ignorar.

— Eu soube que você era a razão da distração de Frederico assim que Camila comunicou que queria você à frente do cerimonial. Havia alguns meses que ele andava distante, sempre no celular à espera de uma ligação, uma mensagem. Reconheci os sinais que vi em meu ex-marido pouco antes de flagrá-lo com minha secretária. Quando a conheci e vi a maneira como ele olhava para você, tive certeza de que era a vagabunda que andava atormentando o pobrezinho.

Uma cortina vermelha encobriu minha visão, os dedos se fechando em punho ao ouvir o tom pejorativo que ela me dedicava e o condescendente para com Fred.

— O *pobrezinho* enganou sua filha e a mim durante um ano.

— Eu conheço o seu tipo. — Seus saltos repicaram nas pedras do terraço conforme ela experimentava alguns passos, me medindo de alto a baixo. — Gosta de tirar o sossego de homens de bem, os cerca, se insinua, e não desiste até conseguir o que quer. No caso, um homem rico, sem se importar com o lar que está destruindo.

Choque não chegava nem perto de me descrever naquele momento. Era tudo tão nojento, distorcido por uma mente arcaica moldada pela ideologia de que homens são seres indefesos diante dos atributos femininos, que não consegui formular uma palavra inteira, apenas engasgos, dando a chance de Helena continuar com o ataque.

— Frederico teve um momento de fraqueza, sim, e está pagando muito caro por ter se envolvido com uma qualquer. Mas ele aprendeu a lição. Camila irá perdô-lo em breve, e eles se casarão. Já você, vai ficar sem absolutamente nada, e sabe por quê? — Ela parou diante de mim e empinou o queixo. — Putas são descartáveis e substituíveis. Existem milhares de vocês por aí, servindo apenas para um propósito. Mas é com mulheres como Camila, uma moça direita, de

família, de caráter, que eles se casam. Você foi só diversão, meu bem.

Cheguei ao limite da paciência.

— Foi por uma *puta* feito eu que seu marido te abandonou? — perguntei, com um sorriso cínico.

Eu devia ter esperado por uma reação semelhante. Só estava enfurecida demais para manter a guarda, e a palma de Helena estalou ardida em minha face. Empurrei para trás o cabelo que me caiu no rosto e encarei a mulher que arrasara com meu bom nome.

— Você se deu conta... — fiz um tremendo esforço para manter a voz estável — ... de que destruiu o vernissage de um garoto, quase estragou o casamento da Alicia, filha de um de seus amigos, e tramou até contra a própria filha ao sabotar a prova de doces? Eu pretendia dizer que você está louca. Mas não é verdade. Você não é maluca, Helena. É cruel.

— Tudo na vida tem um preço. Você devia saber disso. Não recebeu a conta por ter ido atrás da Camila, para tentar salvar a carreira do outro pobre coitado que enganou? — Arqueou uma das sobancelhas, nem um pouco abalada. — Você está arruinada, Melissa. Vai passar cada um dos dias miseráveis que lhe aguardam se arrependendo de ter atravessado o caminho de Camila. Eu garanti isso. — Com os ombros eretos, ela girou sobre os calcanhares e passou por alguém que nos observava da entrada com a expressão perplexa.

Nicolas me encarava fixamente perto dos arcos, e, a julgar pela maneira como a incredulidade congelara sua expressão, ele tinha escutado tudo.

Sem forças, me deixei cair no banco, entorpecida demais com a descoberta de que Helena Bueno, uma das mulheres mais importantes e ricas do país, destruíra minha carreira por pura crueldade. O que Helena não se dera conta ainda era que mentiras e artifícios nunca solucionam nada, só provocam mais dor. Ela agira por baixo dos panos, traçando estratégias estoicas que culminaram no resultado que tanto se esforçara para evitar: partir o coração da filha.

Uma parte minha estava aliviada. Era reconfortante colocar um rosto na sombra que andava me perseguindo. Mas a outra parte, a desempregada e sem ideia de como conseguir grana para manter minha família, essa estava em pânico. Helena Bueno me queria fora do mercado de trabalho, e pessoas poderosas feito ela sempre conseguem o que querem.

Os sapatos lustrosos de Nicolas invadiram meu campo de visão. Ergui o rosto.

— A Helena está por trás dos desastres nos meus eventos. — Ri, desamparada. — Ela absolveu o Fred por ter enganado a filha e me culpa por tudo o que aconteceu. Ela acha que tem esse direito...

Atordoada com tudo o que havia descoberto, não notei a sombra indistinta que parecia apagar a luz dentro dele. Não até Nicolas ocupar o lugar ao meu lado

naquele banco, os joelhos afastados, as mãos unidas entre eles, e me encarar de um jeito que me fez querer bater em retirada.

— O que a Helena quis dizer com você pagar o preço para me salvar?

A bochecha ainda quente pela bofetada ardeu ainda mais.

— Aaaaaah...

— Que preço é esse, Mel? — exigiu, inflexível. — O que foi que você fez?

— Eu... humm... não sei direito o que ela quis dizer. Ela estava... hã... bêbada, acho.

Mas ele não caiu na minha encenação e ficou de pé, começando a caminhar de um lado para o outro pelo terraço, absorto em seus próprios pensamentos.

— Você foi atrás da Camila para contar a verdade sobre você e o Fred — murmurou, mais para si mesmo, os pés esmagando as pedras em um ritmo inquieto. — Mas não pôde esperar a reunião acabar. Você teve que falar com ela porque... queria impedir a reunião. Porque você... conhecia o resultado...

Ele parou de andar e quase deu para ouvir as peças do quebra-cabeça se encaixando em seu cérebro. Seus olhos pousaram em mim, tão largos que era possível divisar a parte branca ao redor do anel azul-escuro.

— ... o resultado não me favorecia — concluiu, perplexo. — De algum jeito, você conhecia o resultado e tentou impedi-lo. — Levou as mãos ao cabelo. — Meu Deus, por isso estava tão abalada quando nós chegamos em casa. Você sabia que eu não tinha chance desde o casamento do Max, porque a Camila te contou. — Ele se adiantou um passo, os braços caindo ao lado do corpo. — Só não consigo entender de que maneira perder a promoção está relacionado a você.

Cansada demais para inventar uma desculpa ou para me levantar daquele banco e fugir dele, passei os braços ao redor do corpo e lhe dei a verdade toda.

— Por conta da farsa do noivado, Nicolas — suspirei, exausta. — Foi assim que eu me meti entre você e o cargo em Palo Alto. A Camila nos viu juntos, imaginou que nós tivéssemos reatado o compromisso e que você não renderia tanto com milhares de quilômetros entre nós. Ela convenceu a diretoria de que você seria mais bem aproveitado ficando no Brasil. Eu não podia permitir que isso acontecesse. Aí tentei explicar para ela que eu tinha inventado o noivado e... bom... as coisas saíram de controle. Eu sabia que isso poderia acontecer.

— E mesmo assim você foi atrás dela. — Contraiu a mandíbula.

— Era o único jeito de fazê-la mudar de ideia. Você não podia perder a sua grande chance por um erro meu. Sinto muito por ter te causado problemas. Muito mais do que eu consigo dizer.

— Esse foi o preço. Você arriscou sua carreira para salvar a minha. — Esfregou a boca, consternado. — Que diabos, Melissa.

Meu celular começou a tocar. Suspeitei de que fosse Fabiola, querendo saber

se eu ainda não havia sido presa. Minha amiga teria que me perdoar e esperar um pouquinho mais. Eu precisava explicar a Nicolas toda a verdade, não podia me distrair de novo, de modo que, depois de alguns toques, a ligação caiu.

— Não fiz um sacrifício. Eu corrigi um erro — prossegui, enfrentando sua raiva. — Só deixei a história do noivado ir adiante porque eu precisava manter meu emprego, Nicolas. Foi uma mentira desesperada para assegurar o tratamento da minha mãe, a manutenção da casa. Em nenhum momento imaginei que te prejudicaria tanto, ou teria posto um fim muito antes. — Eu me abracei para manter o calor. — Eu tentei te contar sobre o noivado. No mesmo dia em que tudo aconteceu. Mas você apareceu com uma garota e... depois... depois, a gente começou a se entender... Eu não quis estragar o que estava rolando entre a gente, ainda que não entendesse direito o porquê. Me envolver com você não teve nada a ver com a Camila. Só com o que senti naquela igreja na primeira vez em que nos encontramos.

Tive a impressão de que ele queria se aproximar. Chegou a dar um passo, mas mudou de ideia e recuou no último instante, friccionando a testa conforme minha explicação se assentava, me dando a chance de espiar o que acontecia dentro dele. O inferno, pelo que pude perceber.

— Por que você não me contou o que pretendia fazer? — perguntou, em uma mistura de desespero e fúria. — Eu jamais teria permitido que você fizesse uma coisa tão... tão...

Prendi o fôlego, aguardando, esperando pela conclusão. Antes que isso acontecesse, meu celular começou a tocar de novo. Era melhor atender ou Fabiola acabaria ficando realmente preocupada. Colei o aparelho à orelha sem desgrudar os olhos de Nicolas.

— Fabi, tá tudo bem. Eu posso te ligar daqui a alguns min...

— Desculpe, filha — meu pai atalhou. — Você teve notícias da sua mãe?

— Falei com ela mais cedo, pai — expliquei, observando Nicolas, ainda furioso, esfregar o rosto e soltar um profundo grunhido frustrado. — Por quê?

— Ela disse alguma coisa sobre sair de casa ou algo parecido? — A nota trêmula em seu timbre varreu por completo qualquer outro pensamento para longe.

— Não, só as mesmas coisas de sempre.

— Meu Deus... — ele murmurou. Era quase um soluço.

— Pai? Tá tudo bem aí? Cadê a minha mãe?

Meu tom urgente arrancou Nicolas de seu tormento particular e trouxe seu olhar agora alerta para o meu.

Dessa vez um soluço de verdade soou do outro lado da linha. Saltei do banco em um pulo, oscilando. As mãos de Nicolas me ampararam. Ele também sabia

que algo estava errado.

Muito errado.

— Pai?! — repeti, trêmula. — Cadê a minha mãe, pai?

— Eu não sei, Mel. — A voz dele se partiu. — Sua mãe desapareceu. Não consigo encontrá-la em lugar nenhum. A Olivia sumiu.

— Não consegue ir mais rápido? — perguntei a Nicolas, quicando no assento agarrada à alça no painel do Jeep, impaciente com o fluxo intenso de carros àquela hora da noite.

— Estou indo o mais depressa que posso. — Mas pisou mais fundo no acelerador. — Me explica outra vez o que seu pai sabe.

Forcei minha mente agitada a se concentrar e ordenar os fatos em uma lógica.

— Ele entrou no banho perto das seis. Dez minutos depois, quando desceu e foi procurar minha mãe, ela já não estava mais em casa. — E isso já fazia quase

quatro horas.

Papai descera para o térreo e encontrara o macarrão pulando na panela sobre a chama acesa do fogão, a tábua com o tomate picado ainda na pia, o celular da minha mãe esquecido sobre a mesa, a bolsa dentro do vão do armário. Ele estava na delegacia naquele momento. Dona Ana, a vizinha da esquina, estava em nossa casa, para o caso de mamãe aparecer. Nenhum dos dois dera notícias ainda.

— Eles discutiram? — Nicolas quis saber, pragmático. Ao menos um de nós conseguia manter certa tranquilidade.

— Não. — Passei um braço ao redor do peito. — Mesmo que tivessem, mamãe teria se esquecido em segundos. Ele a procurou pelo bairro inteiro. Ninguém na vizinhança a viu.

— Para onde ela teria ido a esta hora? Algum palpite?

Recostei a testa no vidro frio, esperando conseguir anestesiar os gritos ali dentro. Não tive sorte.

— Ela se lembra a mesma coisa todos os dias, Nicolas. Acredita que está de folga e não tinha nenhum compromisso para esta noite. Já revirei as ideias em busca de uma pista, mas não há nada. Minha mãe está perdida em algum lugar, sem dinheiro, documento, celular e memória. Esse medo nos acompanha faz tempo. Por isso nunca a deixamos sozinha. Se ela se perder e ficar nervosa por não compreender onde está ou como foi parar lá, de que maneira vai conseguir encontrar o caminho para casa?

— Se ela estivesse com o celular, eu talvez conseguisse rastreá-la...

Eu quase ri.

— Ela mal se lembra de fechar a porta, desligar o fogão. Nunca se lembraria de pegar o celular, a bolsa. O único jeito de rastreá-la seria implantar um GPS nela...

— De fato... — concordou, distraído pelos próprios pensamentos.

— Eu não quero pensar nas coisas horríveis que podem acontecer, Nicolas, mas as imagens ficam dançando na minha cabeça e...

Meu corpo investiu contra a porta conforme Nicolas embicou o carro em uma vaga sem aviso. Antes que eu pudesse me endireitar, ele enredou os dedos em minha nuca.

— Ei, respira. — Seu olhar ansioso se travou ao meu. — Bem fundo.

— Mas...

— É uma ordem, Melissa.

Assenti, lutando contra o carço em minha garganta, e me concentrei em inspirar, expirar e na voz segura de Nicolas.

— Vamos encontrar a sua mãe. — Um brilho determinado faiscou em suas

íris azuis. — De um jeito ou de outro, vamos encontrar a sua mãe e levá-la para casa. Eu prometo.

Sua certeza era tão inabalável que um fiapo de esperança começou a brotar, por isso assenti.

— Quando você falou com ela pela última vez? — Ele me soltou para poder engatar a ré, entretanto permanecemos parados. — Talvez sua mãe tenha dito algo que possa nos ajudar a localizá-la.

Abanei a cabeça, a esperança começando a murchar.

— Foi hoje, pouco antes de sair de casa. Ela me disse o mesmo de sempre. Me contou sobre a folga e o canteiro de jacintos. Estava intrigada com o sumiço repentino das flores. Mas o assunto se apagou da mente dela antes mesmo de desligarmos. Meu único palpite é que ela tenha se recordado de algum assunto de antes do acidente e ido até a escola para resolvê-lo ou algo parecido.

Ele assentiu uma vez.

— Vamos começar por aí, então — anunciou, já esterçando o volante.

Eternos vinte minutos se passaram até chegarmos ao bairro onde meus pais moravam e o fluxo de carros diminuir. Estávamos próximos da escola, e levei o telefone à orelha — pretendia ligar para meu pai na esperança de que tivesse notícias —, mas Nicolas me impediu, segurando meu pulso delicadamente.

— Use o meu. — Puxou o celular do bolso do paletó, pressionando o polegar no botão de leitura digital a fim de desbloqueá-lo. — É melhor deixar sua linha desocupada. Sua mãe pode ligar.

— Boa ideia. Obrigada. — Apanhei o aparelho pronta para digitar os números, mas, assim que relanceei a tela e vi a foto que ele usava como papel de parede, meio que parei de pensar.

Nela, samambaias altas e um pedaço de mar azul-esverdeado emolduravam minha silhueta. Eu enrolara dois dedos na pontinha do rabo de cavalo, um sorriso tímido vergando meus lábios, os olhos baixos em parte pelo acanhamento, em parte pelo prazer de ser admirada pelo fotógrafo.

Eu me lembrava do momento exato em que Nicolas apontara a câmera fotográfica e disparara, naquela tarde na praia. Pensei que ele estivesse apenas implicando comigo, já que, ao descarregar o cartão de memória, só encontrei imagens da propriedade dos Bueno. Ele as salvara para si? Quando? E por que mantinha a foto como fundo de tela no celular se estava de partida para a Califórnia?

Sem entender, espiei Nicolas, que sustentava a atenção na avenida. A luz fornecida pelo painel não era intensa o suficiente para que eu pudesse ler sua expressão. Pela maneira que seu queixo contraiu, as sobrancelhas apertadas em concentração, tive a impressão de que ele estava a quilômetros de distância.

Ok, ele pode nem se lembrar da foto. Quer dizer, estava tão habituado que podia nem reparar que ainda estava li. Acontece, certo?

Ou talvez ele ainda te ame, uma vozinha perigosa sussurrou em meu coração.

Com um esforço hercúleo, me forcei a me concentrar no sumiço de minha mãe e digitei o número do meu pai. Ele atendeu no segundo toque e me contou que conseguira registrar a ocorrência, mas a polícia ainda iria apurar as informações antes de iniciar uma busca.

Eu me despedi dele para então tentar Fabiola.

— De quem é esse número? — perguntou, esbaforida, após reconhecer minha voz. — Melissa Gouvêa, o que foi que você aprontou dessa vez? Diz que não está na delegacia!

— Fabi, minha mãe sumiu. — Esfreguei a têmpora.

— Ai, cacete! Quando?

Expliquei meio por alto, e, como eu sabia que faria, Fabiola se prontificou a ajudar nas buscas. Ela ainda estava no bar com nossos amigos, de modo que eles se dividiram em dois grupos para procurar em hospitais. Nunca me senti mais grata na vida.

Tratei de publicar o pedido de socorro em todas as minhas redes sociais, usando uma foto de mamãe, sorridente e orgulhosa ao lado dos seus preciosos jacintos floridos. Admirei a imagem por um tempo, engolindo com dificuldade. E se ela tivesse entrado em um ônibus? E se, em vez de um municipal, ela tivesse subido em um ônibus que a levaria para outra cidade, outro estado?

Torci as pulseiras em meu punho até cortar a circulação. E se não a encontrássemos? E se eu nunca mais a visse outra vez?

— Eu me encontrei mais cedo com a dona Elza — Nicolas disse do nada.

Agradecida por ouvir algo além da balbúrdia que eram os meus pensamentos, devotei toda a atenção a ele.

— Pretendia avisar que vamos entregar o apartamento — prosseguiu, compenetrado —, mas, em vez disso, participei de um funeral.

— Ah, meu Deus, quem morreu?

— O Precioso — suspirou, transtornado, acionando a seta enquanto espiava o retrovisor para mudar de faixa. — Um gato assassinou o papagaio a sangue-frio.

— O... o quê? — Ah, não. Não podia ser Loki. Ele não estava acostumado a vadiar pelas ruas. Iria se perder também e...

— O gato da dona Carlota invadiu o apartamento — explicou antes que eu surtasse... mais. — Eu e a dona Elza investigamos o caso, e chegamos à conclusão de que o gato entrou pela área de serviço. Foi terrível. Havia penas por toda a sala.

— Coitadinha. Ela deve estar arrasada.

Dobrei uma das pernas, sentando-me sobre o pé. Nicolas também se moveu atrás do volante, inclinando-se de leve para mim, de modo que ficamos um pouco mais próximos.

— Está mesmo. — Abanou a cabeça, tristonho. — Ela não parava de chorar, repetia sem parar que o Precioso merecia um enterro decente. Não tive coragem de dizer a ela que iria perder os inquilinos e o papagaio no mesmo dia, aí ofereci meus préstimos. Ela ligou para as amigas e marcou o funeral. Eu encomendei uma coroa de flores para o Precioso e depois ajudei no serviço de chá.

— Meu Deus. — Deixei escapar uma risada. — Você está inventando...

— Queria dizer que sim. — Puxou uma pena verde de dentro do bolso do paletó. — Ela me deu isso antes que eu conseguisse escapar. Não tive coragem de jogar fora. Pareceu desrespeitoso. Agora vou ter que fazer um funeral para a pena também.

Eu sabia o que ele estava fazendo. Nicolas percebera os caminhos pelos quais minha mente seguia e me ajudava a resistir ao chamado das sombras, me distraíndo de mim mesma. E estava funcionando. Mais ou menos, já que mencionar dona Elza me lembrou do apartamento que até uma semana antes era a minha casa. A *nossa* casa.

Eu queria saber se ele já retirara suas coisas do apartamento, talvez me oferecer para devolver a chave para dona Elza, mas não consegui abrir a boca. Abordar o assunto obrigatoriamente o levaria a me contar que estava indo embora do país com Amanda, e eu não estava pronta para ouvi-lo dizer nada disso em voz alta.

Dois quilômetros depois, Nicolas encostou o carro em frente à escola onde minha mãe lecionava desde os tempos de solteira, e eu desci antes mesmo que ele tirasse a chave da ignição e a chamei até meus pulmões arderem. Ele me ajudou, vasculhando por entre as frestas do gradeado, gritando seu nome. Mas não havia ninguém àquela hora da noite, nem mesmo a quem pedir alguma informação.

Então voltamos para o carro e eu instruí Nicolas a seguir pelo trajeto que ela costumava fazer, mantendo meio corpo para fora da janela, chamando por ela. Ao passarmos pela farmácia, Nicolas achou que deveríamos arriscar a sorte. Ninguém se lembrava de ter visto minha mãe.

Continuamos as buscas, parando sempre que encontrávamos alguém para mostrar a foto de mamãe, descrevendo as roupas que meu pai dissera que ela usava, apenas para ouvir um “Sinto muito, não a vi”. Meu pai e Fabiola também não tinham informação alguma. Foram duas horas de andanças e de um nada absoluto.

Não sei em que momento comecei a chorar. Talvez chorasse o tempo todo e

não tivesse percebido ainda. Nicolas fez o que pôde para me consolar, primeiro, com palavras, e, quando elas não mais surtiram efeito, parou o carro no estacionamento vazio em frente a uma loja de materiais de construção e me envelopou com os braços. Ele me deixou chorar, a cada soluço me segurando com mais força, apertando os lábios contra meu cabelo num consolo mudo tão desamparado quanto o meu.

— Ela pode estar em qualquer lugar. — Solucei em seu ombro. — Pode estar ferida, ter sido sequestrada por algum perverso que...

— Ei, não. Não desista ainda.

— Não vou. Eu só... estou com medo. — Agarrei a frente de sua camisa, fechando os olhos bem apertados. — Com muito medo.

Delicadamente, ele tocou meu queixo, implorando em silêncio que eu o enfrentasse.

— Mel, nós vamos encontrá-la — proferiu, resolutivo.

— Como você pode ter tanta certeza? — Minha voz mal tinha som. — Como pode me garantir isso?

— Porque... — Seu polegar deslizou pela minha bochecha, apagando minhas lágrimas. — ... eu quebrei a promessa que te fiz. Não vou falhar de novo.

Não entendi o que ele quis dizer. Nicolas nunca me prometera nada. Nosso relacionamento se baseara em uma longa noite de sonhos, que chegara ao fim. Antes que eu pudesse investigar o que ele quis dizer com aquilo, meu celular começou a tocar.

Ambos pulamos no assento do Jeep. Em minha pressa para atender, com os dedos trêmulos e o coração aos pulos, deixei o celular cair no porta-moedas ao lado do câmbio. Nicolas o pegou, me mostrando a tela. Não reconheci o número.

Ele o estendeu para mim, mas fiz que não, com medo de começar a tagarelar e não ouvir o que seria dito. Como sempre acontecia, Nicolas entendeu minhas entrelinhas e atendeu, tendo a presença de espírito de colocar no viva-voz para que eu também pudesse acompanhar.

— Ah, oi. Meu nome é Aisla. Esse é o telefone da Melissa? A moça que fez a postagem sobre a mãe perdida?

— Sim, é dela — respondeu Nicolas, a esperança latejando naquele trincar de mandíbula. — Você tem alguma informação que possa nos levar até a Olivia?

Então ela proferiu as palavras que trouxeram cor de volta a minha vida.

— Tenho sim. Eu estou com ela.

O movimento no terminal urbano era fraco a poucos minutos de encerrar os trabalhos do dia. Com os dedos engastados aos de Nicolas, eu acompanhava os números gigantes pintados nas pilastras de cimento, à procura do ponto 23 em um misto de desespero e ansiedade. A garota que encontrara minha mãe dissera que ela estava bem, mas eu só acreditaria nisso depois de colocar os olhos nela. Papai estava do outro lado da cidade e levaria mais de uma hora para chegar, de modo que consegui convencê-lo — após muita relutância — a nos esperar em casa.

Dezoito... Dezenove...

— Ali! — Nicolas apontou para o final do longo e largo corredor de ônibus.

Meu coração ameaçou explodir assim que avistei a mulher de cabelo ondulado, sentada em um banco perto das escadas.

Enquanto corria de mãos dadas com Nicolas, eu a analisei de alto a baixo, absorvendo tanto dela quanto minha inquietação permitia. Mamãe parecia cansada, abraçada a uma sacolinha branca, mas sorria para a moça ao seu lado. Não encontrei nenhum sinal de ferimentos. O alívio foi tão grande que meus joelhos ameaçaram ceder.

Ela se virou para ajeitar a saia bordada e me viu, a expressão se iluminando ao se levantar.

— Melissa! — arfou assim que pulei sobre ela em um abraço desajeitado que desequilibrou a nós duas, e só não caímos porque eu ainda tinha os dedos entrelaçados aos de Nicolas.

Meio rindo, meio chorando, inspirei o delicado perfume de jasmim, temperos e sal. O que quer que tivesse dentro da sacola que ela segurava entre nós duas se enterrou em minha barriga, mas ainda assim eu não a soltei. Não a soltaria nunca mais.

— Melissa, meu amor, por que você está chorando? — mamãe quis saber.

— Só estou feliz, mãe — funguei. — Tão feliz que a felicidade parece não caber dentro de mim.

— Ah. Bem, se é assim, eu também fico feliz. — Ela espalmou minhas costas, me apertando contra seu peito, fazendo a sacolinha entre nós farfalhar.

Eu ri, fungando, preenchida por um alívio avassalador.

Um pouco mais atrás, ouvi Nicolas murmurar um “Graças a Deus” e entendi o nome do que eu sentia naquele momento: gratidão. Eu estava tão grata por ter minha mãe de volta que não sobrava espaço para nada mais. A raiva e a consternação que me acompanhavam desde o acidente se dissolveram, e pela primeira vez em muito, muito tempo o ar preencheu cada cantinho dos meus pulmões. Os ombros já não pesavam mais.

A garota loira de cabelo comprido se levantou do banco, parecendo contente com o final da história. Soltei minha mãe e a mão de Nicolas apenas para agarrar a moça e proferir uma enxurrada de agradecimentos.

— *Qué isso*, imagina. — Ela deu algumas batidinhas sem jeito em minhas costas. — Foi um prazer ficar de papo com a sua mãe.

Eu a soltei, secando o rosto.

— Como você a encontrou? — eu quis saber.

A moça, que se chamava Aisla, me contou que tinha saído do metrô e pretendia seguir para seu ponto de ônibus quando trombou com minha mãe,

desesperada e confusa, sem entender onde estava.

— Eu me perdi? — indagou mamãe, genuinamente surpresa. Eu já imaginava. — Por que eu não me lembro de nada disso? Aliás, o que nós estamos fazendo num terminal? Sua tia está vindo nos visitar?

— Não, mãe. — Apertei sua mão com força. — Ninguém está vindo. Você veio pra cá sozinha.

— Mas... mas... — Ela começou a ofegar.

Dividida entre lhe dar a verdade e lhe causar mais aflição e protegê-la da própria angústia, dei a chance a Nicolas de se adiantar.

— O que importa é que nós a encontramos — proferiu ele, assentindo. — O restante pode esperar.

Mamãe se deu conta de sua presença pela primeira vez e tocou seu braço, sorrindo, e seus medos e dúvidas foram esquecidos. Eu agradei Aisla mais uma vez e ofereci uma carona até sua casa, mas a garota gentilmente recusou, avisando que seu ônibus acabava de encostar na plataforma.

De mãos dadas com minha mãe, Nicolas e eu começamos a guiá-la em direção ao estacionamento. Como eu esperava que acontecesse, mamãe se distraiu com um rapaz tocando Beatles em um banjo em um dos portões. A sacola que ela carregava escorregou do pulso e se enroscou entre nossas mãos.

— Eu adoro essa música — ela comentou, balançando a cabeça no arranjo das batidas de reggae no qual o rapaz performava “Let It Be”. — Me traz tantas recordações... Seu pai a cantarolava o tempo todo assim que começamos a namorar, Mel. Ele era um tremendo sedutor. Ainda é. — Suas bochechas se encheram de cor. — Imagino que vocês, jovens, nunca vão entender a importância que os Beatles tiveram para minha geração. Mas pergunte à sua mãe, Nicolas. — Ela descansou a mão na curva de seu braço. — Aposto que ela e o seu pai também tiveram uma história com alguma canção dos Beatles, e que hoje ela ouve e sente que o seu pai ainda está por perto.

Ah, os Beatles. Já havia perdido as contas de quantas vezes eu chegara em casa da escola, do trabalho ou de onde quer que fosse e flagrara meus pais dançando agarradinhos no meio da sala. Não duvidava que os garotos de Liverpool também fizessem parte da história dos pais de Nicolas, só achei engraçado ela mencionar porque... porque...

Meu olhar disparou para minha mãe e eu tropecei em meus próprios pés, revirando os últimos cinco minutos em minha mente.

Não. Eu não a apresentara a Nicolas de novo. Seu nome nem sequer fora mencionado. Empaquei no piso de concreto, a sacolinha balançando entre nós feito um sino. Meu coração saltava mais depressa que um coelho, a esperança se espalhando dentro de mim com a força de uma avalanche.

Ela... ela se lembrava de Nicolas? Mamãe se lembrava que conhecia Nicolas?!

Acho que ele também percebeu a novidade, pois franziu o cenho, diminuindo o passo até ele e mamãe também pararem.

— E tiveram — respondeu Nicolas, meio confuso. — Minha mãe ainda não consegue ouvir “Yesterday” sem chorar.

— Imagino, pobrezinha... — Estalou a língua. — As pessoas pensam que se preparam, mas a verdade é que ninguém nunca está pronto para dizer “adeus” ao amor da sua vida. Não consigo imaginar o quanto ela deve sofrer com a ausência de seu pai. Eu gostaria de conhecê-la um dia desses, Nicolas. Traga ela na próxima vez que vier nos visitar, querido. Vou ter muito prazer em recebê-la. Poderíamos preparar um jantar para vocês. O Sérgio faz um risoto de bacalhau divino.

— Ela iria adorar. — Ele buscou meu olhar.

Pisquei por quase um minuto inteiro, o peito subindo e descendo rápido demais.

— Mãe... — Umedeci os lábios trêmulos. — Você se lembra do Nicolas?

— Ora, Melissa, e de que jeito eu iria esquecer se ele foi o primeiro rapaz que você levou para casa desde que saiu da escola? — Então se virou para ele. — Ah, meu querido, se você soubesse o que os gatos fizeram com os meus belos jacintos...

Os olhos de Nicolas continuavam em mim. Eu estava petrificada, com medo de estar entendendo tudo errado, fantasiando ou... sei lá, acabar de coração partido outra vez. Ainda assim, nenhuma das coisas que ela citara foram mencionadas nos últimos minutos. A morte do senhor Cassani, a tristeza de Marta, o próprio Nicolas... Fui incapaz de reprimir o sentimento que começava a galopar em meu peito, de modo que tudo o que fiz foi assentir, esperando que ele entendesse minha súplica silenciosa.

Por favor, continua. Fala com ela. Continua fazendo que ela te conte coisas.

E Nicolas entendeu.

— Não me diga, Olivia... — proferiu, com um meio sorriso estonteante.

— Não restou nem uma única flor. — Ela agitou a cabeça, abalada. — Isso por si só já é uma tragédia. Mas fica pior porque eu não sei se os jacintos são tóxicos para animais. Eu não consigo parar de pensar que um animalzinho possa adoecer por culpa do meu amor pelas flores. Se a minha filha perdesse aquele gato gorducho que ela salvou faz algum tempo, ficaria arrasada. A Melissa adora o Loki. Você já o conheceu? Ele é a coisa mais dengosa do mundo.

— Acho que tive uma impressão diferente do gato da Mel, no começo. — Esfregou o pescoço, rindo um pouco.

Mamãe desdenhou com um gesto de mão.

— Isso porque o pobrezinho passou maus bocados até encontrar a minha filha. Tem horas que a raça humana me decepçiona... — Ela pescou um fio de cabelo meu que se prendera na manga de seu paletó.

E era ali que ela se perdia. Esperei que ela se distraísse com algo e então me contemplasse, espantada e confusa, questionando o que estava fazendo num terminal urbano.

Mas não foi o que aconteceu dessa vez.

— De qualquer forma — continuou ela —, eu fiquei preocupada que pudesse machucar o bichinho de alguém. Ainda bem que a Mel conhece esse repelente para bichos de estimação. Eu não sabia que isso existe. Nem o Tião, da casa de ração lá do bairro, sabia, e mencionou que talvez eu tivesse mais sorte aqui no centro. E ele estava certo. Foi uma sorte eu ter algum dinheiro no bolso. Saí de casa despreparada. — Riu sem graça.

Com a visão embaçada, os dedos trêmulos, abri a sacola para verificar o que ela havia comprado: um frasco de repelente para pets.

Ah, meu Deus! Ela não me perguntara sobre as flores serem tóxicas por acaso. Ela me procurara porque se lembrava de Loki! Como eu não percebi que ela se lembrava do meu gato?

As lágrimas começaram a descer depressa conforme eu me dava conta de que minha mãe havia armazenado uma nova memória. E já estava acontecendo havia algum tempo.

Ergui o rosto para ela, tudo dentro de mim se dissolvendo em uma cascata de lágrimas que lavavam meu rosto, minha alma, meu coração. Nicolas me abraçou pelos ombros e se curvou para murmurar baixinho em minha orelha:

— Ei. Assim você vai assustá-la.

— Ela lembra de você — eu disse, rindo e chorando ao mesmo tempo. — Ela lembra!

— Você não devia ficar tão surpresa. Eu sou inesquecível, e o mundo todo me ama, certo? — citou a bobagem que eu havia dito naquele avião tanto tempo atrás, me fazendo rir.

Eu teria rido de qualquer coisa, porque mamãe ainda estava lutando. Ela continuava tentando transpor o muro que o acidente criara. E estava conseguindo. Um tijolo por vez, mas ela ainda lutava.

Eu me lancei contra ela, apertando-a com tanta força que sua coluna estalou.

— Melissa! Filha! Eu não consigo respirar — reclamou. Afrouxei o aperto. Só um pouco. Suas mãos carinhosas e protetoras afagaram minhas costas. — Minha querida, acho que cochilei no carro. O que nós estamos fazendo num terminal? Alguém vai viajar?

Tonta de tanta alegria, não fui capaz de pensar em uma resposta que não fosse

a verdade.

— Não, mãe. Você se perdeu. E não se lembra disso porque anda tendo problemas de memória desde que eu bati o carro. Me desculpa, mãe. Eu fiz o melhor que pude pra evitar a colisão, mas não deu.

— Meu Deus, Mel, você se machucou? — Preocupadíssima, ela se afastou para correr as mãos pelos meus ombros, meus braços, minhas costelas, à procura de algo quebrado, como sempre fazia quando eu contava do acidente; seu primeiro pensamento era para mim.

Eu me recordei de toda a dor que me acompanhava durante os últimos anos, a culpa que eu carregara nos ombros, as feridas que não se fecharam até eu encontrar Nicolas e ele me mostrar que a vida segue seu próprio curso, que não temos poder sobre nada.

Beijei o dorso de sua mão.

— Sim, mãe. Me machuquei profundamente. — Uma lágrima desceu pela minha bochecha, se empoçando na curva do meu sorriso. Ela abriu a boca, agitada. — Mas estou bem! — eu me apressei, rindo. — Agora vai ficar tudo bem.

E dessa vez ia mesmo.



Nicolas acionou o freio de mão e desligou o carro diante da casa onde eu havia crescido. Meu pai, no portão, se apressou em abrir a porta traseira, para tomar minha mãe nos braços com tanto ímpeto que seus pés saíram do chão.

— Graças a Deus. Graças a Deus, Olivia — papai disse, pertinho do cabelo dela. — Ah, graças a Deus, você está bem.

— Sérgio, meu amor. — Ela riu, batendo em seus ombros. — Não na frente

das crianças.

Nicolas e eu, já fora do carro, acabamos rindo. Meio a contragosto, papai a soltou apenas para me abraçar forte. Depois trocou um demorado aperto de mão com o homem ao meu lado.

— Obrigado por tudo o que você fez por nós hoje, Nicolas — proferiu, solene.
— Estou à sua disposição para o que precisar.

— Quer dizer que eu não vou mais conhecer a Matilde? — Nicolas entortou uma das sobrancelhas.

Meu pai gargalhou, dando palmadinhas no seu ombro.

— Isso é outra história. Outra história, rapaz.

— Sérgio! — mamãe o fuzilou. — Você ameaçou o Nicolas com a Matilde?

Meu pai deu de ombros, nem um pouco arrependido.

— Eu só expliquei que ele não devia fazer a nossa filha chorar. Continua valendo.

— Ah, Sérgio, assim você mata a nossa filha de vergonha. — Ela corou, enlaçando o braço ao dele, e o guiou para o portão. — Vamos entrar antes que você resolva constrangê-la ainda mais.

Com os olhos, eu os acompanhei desaparecerem na varanda e ressurgirem na janela da sala. Imagino que mamãe tenha dito alguma coisa que o fez compreender que algo havia mudado — tudo havia mudado —, pois ele a analisou muito a sério antes de começar a gritar:

— Olivia... — Riu em meio a um soluço. — Olivia! — Ele beijou sua testa, os olhos, o nariz...

— Parece que ele ganhou na loteria. — Nicolas se recostou à lataria do Jeep.

— Começo a temer pelo coração dele — brinquei. Mas estava séria ao acrescentar: — Obrigada por me ajudar esta noite, não apenas me dando carona e... com o Fred... por tudo, Nicolas. Acho que eu não teria conseguido sem você.

— Teria sim. Você é capaz de fazer tudo o que quiser. Mesmo que seja uma idiotice. — Ele aprumou a coluna, se desencostando do carro para chegar um pouco mais perto, o semblante moldado em uma expressão torturada. — Você nunca devia ter arriscado sua carreira pela minha. Eu jamais teria permitido que você fizesse uma coisa tão estúpida.

— Bom, era uma decisão minha, não sua. Aprenda a lidar com isso — impliquei. — Ainda não tenho nada em vista, mas eu vou dar um jeito. Você vai ver.

— Eu não duvido. Só... — Friccionou a testa, a expressão angustiada a ponto de meu coração se apertar. — Mel, eu sei que você teve uma noite dos infernos. E que deve estar doida pra ficar com a sua mãe, ainda mais agora, que ela se lembra de algumas coisas, então... será que nós poderíamos marcar um café ou...

qualquer outra coisa um dia desses?

Tudo em mim se apressou em responder um alto e sonoro SIM. Queria dizer tanta coisa a ele... Que eu o amava desesperadamente e o queria em minha vida. Que fizesse parte dos meus planos, porque ele *era* o meu plano mais audacioso.

Uma pena que levei tanto tempo para compreender o quanto eu queria tudo aquilo que jurava não existir. Nicolas me ensinara tanta coisa... Que dividir os problemas com alguém não me tornava fraca, apenas mais forte, centrada. Que eu não precisava ser tão dura comigo mesma, que ter sua mão na minha pelo caminho acidentado facilitava transpor cada um dos obstáculos. Que seu sorriso se tornara meu farol, a luz me guiando para fora das sombras.

Mas não pude dizer nenhuma dessas coisas a ele. E, dessa vez, não porque as palavras se recusavam a sair — ao contrário, tive que pressionar os lábios bem apertados para contê-las — ou porque tinha medo de ouvi-lo dizer que estava indo embora.

O que me impedia de despejar os anseios do meu coração sobre ele eram os pequenos detalhes daquela noite. Minha foto em seu celular, a pulseira ainda em seu pulso. Não sabia o que andava rolando entre ele e Amanda. A julgar pela maneira como ele largara tudo para me acudir naquela noite, era muita presunção supor que ele ainda tinha sentimentos por mim?

Se eu despejasse tudo o que fervilhava em meu coração, ele talvez titubeasse, talvez repensasse sua decisão de aceitar o cargo na Califórnia. Talvez até desistisse, e, se isso acontecesse, eu não suportaria. Não podia pedir que escolhesse entre mim e sua carreira, não importava que para tanto me dilacerasse no processo. Nicolas havia me salvado de tantas maneiras, até de mim mesma. Era hora de eu fazer o mesmo por ele. Por isso me esforcei para manter as emoções longe do rosto e abri um sorriso que me partiu em três.

— Acho melhor deixarmos as coisas como estão, Nicolas — falei, baixinho.

Sua expressão se desmantelou, e por uma horrível fração de segundo pensei ter avistado algo realmente devastador dentro dele.

— É claro. — O pomo em sua garganta estremeceu conforme engolia com força e mirava uma rachadura na calçada. — Eu já imaginava que você me diria isso. Eu só pensei que... Mas é claro que você tem razão. Foi idiotice ter perguntado. — Os cantos de seus lábios se curvaram, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos.

Sem convite, um fragmento da conversa que tivemos nas escadas do bangalô serpenteou por meus pensamentos.

“Vivo sorrindo para camuflar minhas feridas”, dissera ele.

Minha resolução fraquejou.

— Nicolas... — comecei.

— Você deve estar louca pra entrar — atalhou, apressado. — Não vou mais segurar você. Boa noite, Mel. — Sem que seus olhos chegassem a qualquer lugar perto de mim, ele deu a volta e entrou no carro.

Meus pés arriscaram um passo, capturados pelo magnetismo de Nicolas, mas dessa vez eu os forcei a manter a posição e deixá-lo ir atrás de seu grande sonho. O Jeep arrancou a toda a velocidade, e eu permaneci ali, passando os braços ao redor do corpo, vendo-o desaparecer no final da rua, ciente de que, apesar de nossa história ter um fim, meus sentimentos seguiriam inabaláveis.

O tipo de amor que eu experimentara com ele deixara uma marca indelével em minha alma, e eu a carregaria para sempre, um lembrete de quão bonita a vida pode ser. Eu amara completa e intensamente, e tinha sido amada da mesma maneira. Eu me entregara por completo e o recebera em retorno. Nenhuma distância ou tempo me tiraria isso. Nicolas partiria em busca de uma nova vida, mas uma parte dele ficava ali comigo, em meu coração. Da mesma maneira que a cada metro que ele se distanciava, eu sentia uma parte de mim se desprender para acompanhá-lo por onde quer que ele fosse.

Olhei para o céu, implorando ao universo que fosse gentil com ele, que retribuísse toda a bondade que existia em seu imenso coração, que ele fosse feliz como merecia, mesmo que eu não estivesse por perto para testemunhar.

Foi naquele terrível instante de extrema agonia, observando o homem da minha vida partir levando consigo um grande pedaço de mim, que eu compreendi o real significado do amor.

Debruçada sobre o notebook equilibrado entre as coxas, eu terminava de preencher o cadastro para uma vaga de emprego em uma loja no shopping. No entanto, antes que eu pudesse apertar o "enter" e finalizar, uma bolota de pelo laranja passou por entre o arco do meu braço e se sentou muito confortavelmente sobre o teclado.

— Loki, eu sei que você não está de acordo, mas eu preciso de um emprego, seja ele qual for.

Meu gato estremeceu as orelhas, afundando a mandíbula na letra A, que

começou a piscar no campo de endereço, bagunçando tudo.

— Tá legal, sua soneca primeiro. — Afaguei seu pescoço.

Eu estava preocupada com ele. Loki passava muito tempo dormindo, já não caçava, quase não brincava. Eu o levava ao veterinário no começo da semana, que me dissera que a mudança de casa podia ser o fator da tristeza. Não pude deixar de questionar se ele também estava sofrendo com a ausência de nosso antigo colega de apartamento...

Vinda da cozinha, mamãe sorriu ao passar por mim, mas parou dois passos depois, os olhos arregalados.

— Mel! Esse é o gato que comeu as minhas flores!

— Mãe, esse é o Loki — lembrei a ela.

Ela piscou algumas vezes e tocou a bochecha vermelha.

— Ah, sim. Claro que é.

Ao ouvir a voz dela, Loki ergueu a cabeça e soltou um miado dengoso, ao qual minha mãe foi incapaz de resistir. Ela veio pegá-lo e o aninhou nos braços, acariciando os pelos ruivos com um sorriso bobo na cara.

— Quer me ajudar a dobrar a roupa? — perguntou a ele. — Você gosta de se esconder na pilha, não é, safadinho? — Começou a subir a escada. — Mas antes eu preciso de um banho. Andei mexendo naquele repelente. Não vá pensar que eu quero afastar você. Só dos canteiros, porque pode ser perigoso para você, Lokizinho...

Eles desapareceram no andar superior e, sorrindo, retomei o cadastro no site de vagas de emprego.

Tudo ainda era novo para nós. Papai e eu levamos mamãe ao médico no dia seguinte ao seu desaparecimento e relatamos ao neurologista o milagre que ocorrera. Mamãe fizera diversos exames e testes, mas nada foi muito conclusivo. Não importava que a tomografia não mostrasse qualquer avanço ou que os testes aplicados pelo médico tivessem o mesmo resultado dos anteriores. Mamãe estava armazenando novas lembranças... Que eu havia perdido o emprego e voltara a morar com eles na semana anterior, por exemplo. Podia parecer pouca coisa, mas, para alguém que estava presa em um looping temporal eterno, era todo um novo universo.

É claro que Fabiola não gostara do novo arranjo. Eu também sentia muita falta dela, mas papai e eu nos revezávamos em casa e na rua, em busca de um emprego. Mesmo que sua cabeça estivesse um pouco melhor, minha mãe ainda precisava de supervisão em tempo integral. A ideia de que a qualquer momento ela pudesse se lembrar de algum assunto que a levaria a sair de casa de novo me mantinha acordada madrugada a dentro.

Levantei os olhos da tela ao ouvir o portão se abrir. Meu pai pareceu prostrado

ao entrar na sala, arriando os ombros ao se soltar no sofá que Loki ocupara instantes antes. Eu estava louca para saber como fora a entrevista de emprego. Papai não me dera muita informação antes de ir para a rua naquela manhã; só dissera que tinha conseguido uma entrevista. Pela maneira como soltou a pasta sobre o colo e afrouxou a gravata, entendi que não se saíra bem e não quis chateá-lo.

— Com calor? — Fechei o notebook. — Quer que eu pegue uma cerveja?

— Mais tarde. Onde está a sua mãe?

— Acabou de subir para tomar um banho. — Apurei os ouvidos. Nenhum barulho de chuveiro. — Mas acho que ela acabou se distraindo.

Um *zuuup* soou pela sala quando ele puxou a gravata do colarinho, observando o computador com interesse.

— O que você estava fazendo? — questionou, curioso. — É um daqueles joguinhos?

— Terminando de preencher uma ficha para uma vaga em uma loja de sapatos do shopping. Também mandei currículo hoje de manhã para uns cinco lugares diferentes. Tive resposta de uma clínica de estética. Precisam de uma recepcionista.

Meu pai bufou, alisando os bigodes.

— Seria um pecado desperdiçar seu talento em uma clínica. — Dobrando uma das pernas, apoiou o tornozelo no joelho e começou a desamarrar o sapato. — E não digo isso porque sou seu pai.

— A gente precisa de grana, pai. — Passei um braço ao redor do peito.

— Eu sei. — Ele arrancou o sapato e a meia, gemendo ao balançar os dedos. — Por isso eu aceitei a oferta de emprego uma hora atrás.

Pisquei por quase um minuto inteiro antes de, em uma voz esganiçada, conseguir perguntar:

— Você conseguiu a vaga?!

Ele assentiu, o bigode se espichando largamente.

— Recebi uma ligação ontem à tarde. A L&L Cosméticos estava procurando um contador de confiança e alguém me indicou para o cargo. — Seus olhos cintilaram. — A empresa teve alguns problemas de desvio de dinheiro no passado. A dona Alicia quer que eu fiscalize cada centavo que sair do caixa.

Rindo, pulei sobre ele e por pouco não o derrubei da poltrona. Um emprego estável era o milagre pelo qual andávamos rezando.

— Pai, isso é incrível! Quando começa?

— Já comecei. — Deu um tapinha na velha pasta de couro marrom em seu colo. — O salário é bom, Melissa. Com direito a plano de saúde. E mais uma coisa: a dona Alicia não quer levantar suspeita nem criar mal-estar na empresa,

de modo que vou trabalhar de casa. Até me deram um computador. Vou poder cuidar desta família outra vez e ainda ficar perto da Olivia. Parece que Deus atendeu a todas as minhas preces.

Ah, meu Deus, só pode ter sido o Dênis quem fez a indicação. Ele era o melhor amigo de Júlia, agora cunhada de Alicia, que desde a semana anterior assumira a presidência da empresa que herdara do avô, sob a supervisão do antigo CEO. Eu daria uma festa em homenagem ao meu amigo.

Não, mandaria fazer uma estátua dele e a deixaria bem no meio da sala!

— Então... — Papai bateu de leve em meu joelho. — Agora que as coisas voltaram ao lugar certo, você vai poder se preocupar mais com você mesma.

— Pai...

— Eu sei que você não se importa, Mel. E não sabe o quanto me orgulho da mulher que eu e sua mãe criamos. Mas eu me importo de te ver mal alimentada e cansada, correndo de um lado para o outro sem parar para respirar porque carrega o mundo nas costas. Já passou da hora de você se ter como prioridade, querida. Além disso, estou me sentindo um super-herói nesse momento. — Abaixou as sobrancelhas. — Não me tire isso. Vá fazer algo que alguém da sua idade faria. Vou contar a novidade para a sua mãe. — Ele se levantou e alisou meu cabelo antes de se curvar para pegar o sapato e a gravata e tomar o rumo das escadas.

Sozinha de novo, contemplei o vazio assimilando as palavras de meu pai, sem ter ideia de como ser alguém da minha idade. Minha primeira reação foi pegar o telefone e contar a novidade a Nicolas. Cheguei a abrir a agenda e selecionar o nome dele, mas me lembrei a tempo de que não era mais assim que as coisas funcionavam e desisti.

Eu não o via havia uma semana, e parte de mim esperava que ele me ligasse, mas é claro que ter recusado seu convite o mantivera afastado. Por mais de uma vez pensei em ligar para ele e dizer que havia mudado de ideia. Aí me lembrava da chance única que ele teria na Califórnia e recuava.

Loki entrou na sala sem que eu percebesse e pulou para o sofá, se sentando sobre o notebook, para depositar, todo orgulhoso, sua mais nova caçada na carcaça metálica: uma das rosas vermelhas do jardim da mamãe.

— Muito galante, senhor Loki. — Afaguei sua mandíbula, inundada de alívio ao vê-lo retomar as caçadas.

Deleitando-se com a carícia, ele fechou os olhos, entortou o pescoço para me dar mais acesso e começou a ronronar. Continuei brincando com ele, mas meus pensamentos giravam com rapidez. Eu ainda tinha que arranjar um emprego, obviamente, mas já não precisava mais me preocupar com o tratamento da minha mãe, em manter as contas da casa... Essas foram as razões que me

motivaram a levantar da cama por muito, muito tempo. Sem elas, o que me restava? O que aconteceria agora?



Avistei o barzinho em que costumávamos parar depois do expediente e desci do ônibus. No fim das contas, segui o conselho do meu pai e liguei para meus amigos para comemorar a grande novidade. Por sorte não havia evento naquela noite e eles estavam livres.

Mesmo sendo terça-feira, o bar estava lotado. Acho que a vida moderna não facilita para ninguém. Enfim...

Meus amigos se apertavam em um dos sofás vermelhos entre as portas do banheiro e o canto do bar. Fabiola acenou, sinalizando com incontida felicidade as garrafas iluminadas sobre as prateleiras de vidro em frente à parede de espelhos, atrás do bar.

Depois de muitos abraços e sorrisos, meus amigos ficaram me encarando como se eu tivesse acabado de sair de uma espaçonave vinda de um planeta distante. Aguardei que o garçom colocasse os copos de chope sobre a mesa, confiando que a chegada das bebidas lavasse as caras emburradas.

Não dei sorte.

— Qual é, gente? — Dei risada, tensa. — Eu não saí de casa para vocês ficarem com pena de mim. Só perdi o emprego.

— E o namorado — murmurou Gabriela, à beira das lágrimas. — Tadinha de você, Mel. E de mim, que fiquei com a bomba de assumir a sua função. Agora a Sônia fica dizendo que vai fritar o meu fígado no jantar toda vez que eu faço besteira. E besteira é só o que eu sei fazer. Eu nem lembro onde coloquei as chaves de casa, de que jeito vou comandar um evento?

Eu também estava surpresa. Imaginei que Sônia transferiria minhas responsabilidades para o Dênis — era o mais preparado —, mas ela optara por Gabi, deixando a garota em pânico.

— Você vai se sair bem — assegurei a ela. — Só precisa se habituar à nova responsabilidade.

— Eu não quero me habituar. Só tenho vinte e três! Quero gastar meu tempo pensando no que vou usar na balada, não ser a pessoa responsável por ela. Credo! — Estremeceu. — Eu nem sei se eventos é mesmo a minha praia.

André virou seu copo em uma longa talagada.

— Não é... Ai! — reclamou quando meu pé acertou sua canela. — Eu só estou querendo ajudar.

— A gente sabe. — Fabiola revirou os olhos. — Não que seja a melhor maneira nem a mais delicada.

Sentado ao meu lado, Dênis estalou a língua.

— Ainda não acredito que você não está mais lá. Não é a mesma coisa. Parece errado.

— Vocês vão se acostumar. — Recostei a têmpora em seu ombro.

— Não vamos, não — murmurou Fabiola, carrancuda.

Dênis se apressou em concordar.

— Você existe sem a Allure, Melzinha. Não sei se o contrário pode ser dito.

— É. — André apanhou o saleiro para derramar um pouco de sal nas costas da mão e lamber. — A Sônia já percebeu que fez merda. Por isso fica gritando com todo mundo...

Falar da chefe pelas costas era o esporte favorito dentre os funcionários da Allure, e eles se lançaram em uma conversa animada. Respirei aliviada. Ao menos mais ninguém me encarava como se eu estivesse prestes a ser oferecida em sacrifício.

Estávamos na quarta rodada, e o assunto se voltara para a última desventura de André no Tinder.

— ... me perguntou se tinha problema ter filhos — contou ele, já um pouco alto. — Eu falei que não tinha problemas com isso, e quis saber que idade o dela tinha. Aí ela tocou a barriga e disse: “doze semanas. E quanto a ter o seu nome na certidão, tem alguma objeção?”

— Não é uma merda que todos sejamos uma negação em relacionamentos? — Dênis bufou, rindo.

— Me tira dessa. Meu coração está desocupado. — Gabi fincou o olhar em um cara do outro lado do bar, recostado à parede em uma pose meio bad boy. — Bastante vago. — Espremendo-se para passar atrás da cadeira de André, ela atravessou o bar e abordou o cara.

— Até que o amigo dele é bem bonitinho... — comentou Fabiola, vertendo um bom gole, o olhar no rapaz de camisa listrada.

André revirou os olhos.

— Lá vem... — resmungou, de cara amarrada, puxando o copo de Gabi.

— O quê? — Ela se virou tão rápido para ele que uma de suas ondas quase mergulhou na bebida.

Mantendo os olhos no sujeito de cabelo preso em coque e barba farta, ele se recostou na cadeira.

— Cara boa-pinta, com roupa descolada do jeito que você gosta. Só que ele tá dando condição para seis mulheres diferentes. — Apontou uma por uma ao longo do bar. — Mas isso não vai te impedir. Ao contrário, só vai te deixar mais ligadona nele. Aí você vai se apaixonar e quebrar a cara e ficar perturbando todo mundo com essa história por um mês.

— Sério, André, essa sua mania de se meter na minha vida já passou dos limites. Por que você não procura outra pessoa para azucrinar?

Matando o que restava da bebida de Gabriela, ele ficou de pé.

— Tem razão. Não sei por que ainda perco tempo me preocupando com você — resmungou antes de deixar a mesa.

Minha amiga engasgou de indignação.

— Não, não. Nada disso. A palavra final não vai ser sua coisa nenhuma. — Ela saiu correndo atrás dele.

— E lá vamos nós de novo... — Dênis e eu dissemos em uníssono, antes de cairmos na gargalhada.

— Como você está de verdade? — ele perguntou mais tarde.

— Tentando, Dênis. — Meus ombros arriaram. — Tentando não pensar, tentando esquecer, tentando respirar, tentando seguir em frente.

Carinhoso e solidário, ele passou um braço pelos meus ombros.

— Mel, tem certeza de que ficar longe do Nicolas é o que você realmente quer? Eu o encontrei na casa do Marcus um dia desses.

Minha mente se tornou uma tela em branco em 0,3 segundos, a atenção toda em Dênis.

— Ah. — Eu me soltei dele para examinar o cardápio sem realmente ver nada. — Ele... humm... está bem?

— Tem certeza que quer ouvir a resposta?

Pressionei os lábios, movimentando o queixo em um sinal que não era nem sim nem não.

— O Nicolas estava agendando passagens para os Estados Unidos — confessou, infeliz. — Deve se mudar daqui a dois meses.

— Ah... isso é... é bom.

Minha reação não foi a que ele esperava, percebi.

— Você já sabia, né? — Estreitou os olhos.

— Já. Ei, eu ainda não te agradei pelo que fez pelo meu pai. — Tratei de mudar de assunto. Pensar em Nicolas ainda doía demais. — Você foi sensacional, Dênis. Eu nunca vou poder retribuir o favor. Obrigada de verdade.

— Mel, do que... — começou, mas sua postura mudou de repente.

Com um pouco de atraso, notei a presença do rapaz de cabelo encaracolado parado diante da nossa mesa, encarando meu amigo, inquieto.

— O que você está fazendo aqui, Felipe? — a voz grave de Dênis pareceu reverberar por todo o recinto.

— Estava te procurando. Sua mãe me disse que o encontraria aqui. Podemos conversar? Por favor?

Fiquei na dúvida se devia me meter entre eles numa espécie de barreira, na esperança de bloquear qualquer possibilidade de que Dênis terminasse a noite magoado. Era meio estúpido, mas eu já tinha tomado quatro chopes, o que explicava algumas coisas.

No entanto, meu amigo não esboçou qualquer reação de que pretendia se levantar, fosse para ouvir Felipe ou para se afastar dele.

— Tudo bem, que seja aqui mesmo. — O jovem médico soltou uma curta exalação trêmula. — Eu sei que eu te deixei na mão, que coloquei a minha carreira em primeiro lugar. Agora percebo que fiz tudo errado, porque, por mais que seja bacana ganhar reconhecimento no hospital, de que adianta conseguir qualquer coisa que seja se depois do plantão eu não vou poder te contar? Se eu pudesse, voltaria no tempo, para o dia do casamento da dona Berenice, e recomençaria a nossa história. Mas não posso. Também não vou pedir que você me perdoe. Apenas que me escute — adicionou. — Só mais essa vez.

Relanceei Dênis, que mantinha a expressão composta, mas seus olhos claros guardavam um brilho sutil, um desejo. Ele queria que Felipe continuasse falando. Queria ser convencido.

E aquela era a minha deixa.

— Eu... humm... preciso ir ao banheiro — comentei, escapulindo dali o mais depressa possível.

Avistei Gabriela piscando as pestanas para o cara de coque, mas não consegui encontrar Fabiola ou André em nenhum lugar. Resolvi dar um tempo no terraço, onde alguns frequentadores geralmente fumavam. Parecia vazio. Só que, ao passar pela porta, por pouco não tropecei em um casal que se agarrava em um beijo para lá de indecente.

— Me desculpem... — murmurei, dando meia-volta. Mas parei sob o batente e tornei a olhar para... Fabiola e André?

Eles estavam tão perdidos um no outro que não registraram minha presença e continuaram engalfinhados em um beijo afoito e sôfrego que os poria para fora do bar se não se controlassem.

Ah! No fim das contas, toda aquela implicância entre eles não passava de tesão contido!

Eu me recordei das vezes em que André aparecera na agência com um pacote de bolo de chocolate, o favorito de Fabi, alegando que havia feito uma receita grande demais, mas ele se esquecia de arrancar o adesivo da confeitaria da esquina. Ah, meu Deus, ele estava apaixonado pela Fabi fazia um tempão, me dei conta, com bastante atraso. Ele realmente tinha feito um bom trabalho em esconder dela e de todo mundo o que sentia. E Fabi, confusa com Alan, nunca o olhara de outra maneira. Até aquela noite. Por que não percebi antes que eles faziam sentido? Todo o sentido do mundo?

André talvez fosse o tal cara que ela pedira para a maçã. Eu torcia para que fosse.

Decidi me encostar no balcão central, evitando pensar em minha maçã e no que ela me trouxera. Até quando iria doer tanto?

Graças à acústica do lugar, o volume naquela área era ensurdecedor, e tive que gritar meu pedido para o barman. Mal tive tempo de me acomodar no banco alto quando meu telefone começou a tocar. Meu coração se alvorçou — ele nunca deixaria de esperar por Nicolas. Mas é claro que não era ele.

Por que Tália estava me ligando?

— Até que enfim consegui falar com você — ela foi dizendo tão logo atendi a chamada.

— Tália, se é sobre eu ter invadido a festa...

— Não, não é sobre a festa — ela me cortou, um pouco sem graça. — Você ainda está procurando emprego?

— Sim. Por quê, soube de alguma vaga?

O falatório e a música alta me desconcentravam, e tive que tapar o outro ouvido e pressionar o telefone contra a orelha com mais força para ouvir o que Tália dizia.

— Ah, sim, eu soube. Eu quero te fazer uma proposta, Melissa Gouvêa.

Meu coração pulou para a garganta.

— Eu aceito!

— Você nem sabe do que se trata, doida. — Tália riu de leve.

— Exceto se você disser que me quer na cozinha, e acho que depois de tantos anos trabalhando juntas você não seria maluca a esse ponto, aceito qualquer colocação. Lavar panela, carregar equipamento, esfregar o chão, atender telefone, descarregar caminhão, qualquer coisa. Eu aceito qualquer coisa, Tália.

Um copo de chope foi colocado a minha frente. Agradei ao barman com um gesto de cabeça, que me deu uma piscada antes de ir atender outra moça.

— Eu pensei em um desafio um pouco maior — explicou Tália. — Estou cansada de eventos, Mel. Essa rotina de carregar tudo pra baixo e pra cima, aí quebram minha louça porque alguém não tomou o devido cuidado ao embalar... tudo isso está me deixando louca. Eu tenho um dinheiro guardado e decidi investir tudo no meu próprio restaurante.

— Uau! Isso é grande!

— Eu sei. Estou bem assustada — confessou, insegura.

— Não devia. — Suguei a espuma cremosa do chope. — Todo mundo ama a sua comida. Não tenho dúvidas de que o seu restaurante vai ser um sucesso.

— Tomara que você esteja certa... — Exalou o ar com força, e eu quase podia ver a tensão entortando suas sobrancelhas finas. — Mas, para que seja mesmo um sucesso, vou precisar da sua ajuda.

— O que você quer que eu faça?

A chef mais talentosa que eu conhecia se calou por um segundo. Eu me levantei do banco, me afastando um pouco do balcão ao ouvir um chiado. Pensei que a ligação tivesse caído, mas ela só estava respirando fundo.

— O caso é o seguinte, Mel — prosseguiu, hesitante. — Eu tenho tanto jeito com decoração e estratégias de marketing quanto você tem com as panelas. A Lisa até que entende um pouco de decoração, mas ela está toda enrolada no observatório. Acredita que está perto de provar a existência de um exoplaneta e... enfim, ela não vai conseguir me ajudar agora. Aí eu pensei, se você embarcar na ideia, poderíamos unir o que cada uma de nós tem de melhor. Quero que você use seu talento e transforme meu restaurante em um lugar mágico. De sucesso, se possível.

— Você quer que eu seja sua decoradora e cuide do marketing, é isso? — perguntei, empolgada, a mente disparando pelas diversas possibilidades.

Mas ela trouxe meus pés de volta à Terra ao dizer:

— Não é bem isso. Eu quero uma coisa diferenciada. Um lugar que surpreenda, que se reinvente toda semana. Eu quero uma produtora particular para o Viva! Você gosta do nome?

— Gosto. — Pisquei algumas vezes. — Mas ainda não entendi o que você quer que eu faça.

— Não esquenta. Eu estou mais confusa do que o normal. Já tomei uma taça de vinho pra comemorar. — Riu de leve.

Agora fazia mais sentido. Tália não costumava rir à toa.

— Eu quero que você continue fazendo o que sempre fez, Mel — avançou, em um fôlego só. — Eu cuido da comida, e você de todo o restante. Vai ser

como antes, só que sem a Sônia fungando no seu cangote. Trinta e cinco por cento da receita de lucros está bom pra você?

— C-como? — resmunguei, entorpecida, me soltando no banco.

— Ainda não entendeu, Mel? Quero que você seja minha sócia!

Conferi mais uma vez a disposição dos talheres, se os sousplats estavam alinhados nas mesas de madeira escura, alisei a toalha de linho e girei o pequeno arranjo de gerânio para que desse as boas-vindas aos clientes. Corri os olhos pelo salão principal, as cadeiras estofadas em tons terrosos, a imensa moldura ao redor de plantas em uma das paredes. Na outra, a adega gigantesca envidraçada que consegui arrancar de um fornecedor como um empréstimo era a grande atração. Os lustres lembravam galhos de árvore, se espalhando pelo teto feito uma copa. De algumas janelas se entrevia o terraço e a fonte em estilo italiano,

que produzia um suave burburinho relaxante. Mesmo que apenas a pequena equipe de garçons se esparramasse pelo salão, o Viva! transpirava vida, casando perfeitamente com o nome que Tália escolhera.

Era isso. Estávamos prontas para a inauguração. Eu mal podia acreditar. Não só que eu conseguira traduzir o sonho de Tália em mobília e louças como também meus próprios sonhos, aqueles que eu nem sabia que tinha.

O que Tália me propusera dois meses antes me intimidara. Qual é? Justo eu, sócia de um restaurante? Além disso, a ideia de transformar o Viva! em um ponto badalado, sem esquecer de manter certa magia no ar, me tirara o sono, e mais de uma vez pensei em desistir. Aí a voz de Nicolas sussurrava pelos meus pensamentos, me garantindo que eu era capaz de fazer tudo o que eu quisesse, e eu fingia que acreditava. E funcionou.

Não demorou para que eu percebesse que o trabalho não era muito diferente do que eu fizera na Allure nos últimos cinco anos — negociar preços de decoração, cuidar da iluminação no restaurante, contratar as flores, a distribuição de mesas para facilitar a circulação e ainda parecer acolhedor, enviar release para a imprensa, criar um certo mistério e gerar expectativas... Isso eu sabia fazer e muito bem.

Mal podia acreditar nos rumos que minha vida tomava. De uma hora para outra parei de encarar o fundo do poço para começar a escalar. Claro que outros aspectos dela ainda continuavam nebulosos. Mas era tão bom saber que eu ainda podia controlar uma pequena parte. Talvez em algum momento, eu conseguisse solucionar os outros problemas também. Porque o Viva! ia dar certo. Eu podia sentir!

— Mel! Mel! — Tália saiu correndo da cozinha e quase tropeçou em uma cadeira em sua pressa.

— O que foi? Diz que não tem nada pegando fogo. Eu nem cheguei perto da cozinha!

— Não, boba. Dá uma lida nisso! — Ela me entregou o celular.

Eu me encolhi ao reconhecer o logotipo da *Tempo*, mas me obriguei a ler a matéria.

Será inaugurado hoje uma das maiores promessas gastronômicas do país. A renomada chef Tália Bandeira, a preferida dos ricos e famosos e presença

confirmada em eventos grandiosos, se uniu à talentosa Melissa Gouvêa, uma das produtoras de eventos mais importantes do mercado, para criar uma proposta ousada. O restaurante Viva! Cozinha contemporânea promete saciar o paladar e os olhos dos mais exigentes, um refúgio da correria do dia a dia em um ambiente para se perder na passagem do tempo. As portas do Viva! se abrirão hoje à noite pela primeira vez, mas o sucesso já se confirmou. Não há mesas disponíveis para esta semana. Um grande Viva! para as novas empreendedoras.

Luna assinava a matéria.

Um largo sorriso se espalhou pelo meu rosto. Eu enviara o convite da inauguração para ela e Dante na semana passada, mas uma festa de família os impediria de comparecer. Eu só pretendia lhe agradecer por ela ter me ajudado, ainda que indiretamente, a descobrir as armações de Helena. Não imaginei que ela mencionaria o Viva! na revista, de maneira tão elogiosa. Uma frase em especial me fez erguer o rosto para Tália.

— Isso é sério? Estamos sem mesas?

— Nem uma única disponível até o fim do mês! — Ela me abraçou com força, rindo. — Somos um sucesso e ainda nem abrimos as portas!

— Com licença — disse Ana, a hostess que trabalhara em alguns dos meus eventos como garçoneiro e que tinha uma paciência incrível com gente impaciente. — Alguns convidados já estão esperando na varanda.

— Espera! Espera! — gritou a garota de cabelo crespo preso em um coque fofo, passando pela porta da cozinha abraçada a um vaso de lança-de-são-jorge.

Lisa havia saído mais cedo do observatório para a grande noite da noiva e se vestira para a ocasião. O tom verde-água da frente-única de cetim transformava sua pele negra em veludo, os olhos pareciam ainda maiores e brilhantes ao examinar o ambiente.

— Uau! Está incrível. Eu trouxe isto para dar sorte. — Ela me entregou o vaso.

— Obrigada, Lisa.

— Você não acredita em amuletos, Lisa. — Tália achou graça.

— Não. — Ela abriu um sorriso estonteante. — Mas você, sim. Uma pesquisa feita na Universidade de Hertfordshire, na Inglaterra, comprovou que amuletos

só funcionam porque quem os possui acredita nisso. Não que de fato atraia sorte, mas a pessoa se sente mais confiante. E isso é o que vocês duas precisam agora. E de um beijo de boa sorte, é claro. — Ela lançou os braços finos ao redor dos meus ombros e beijou minha bochecha. — Boa sorte, Mel. Vai ser incrível, estou sentindo uma energia boa aqui. — Então me soltou para segurar o rosto da namorada entre as mãos e grudar a boca na dela.

A lembrança de Nicolas me beijando daquele jeito terno me fez girar sobre os calcanhares e ir até a entrada do restaurante, acomodando o vaso sobre a mesa alta na entrada.

Eu lhe enviara um convite em nome do Viva!, mas até aquela tarde ele ainda não confirmara presença. Tudo o que eu sabia era que ele estava de partida para a Califórnia, mas não tinha certeza da data. Eu estava dividida. Uma parte de mim queria vê-lo desesperadamente. A outra temia o reencontro.

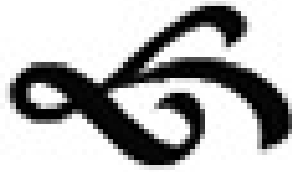
Eu não o vira nas últimas oito semanas. Em meio à correria para conseguir colocar o restaurante em ordem para a inauguração, eu me distraí da ausência o melhor que podia, mas não era fácil. Eu ansiava dividir cada segundo do meu dia com ele. As noites eram ainda piores; era quando sua falta era mais sentida, mais dolorida. Mas eu estava resistindo. Precisava aguentar por ele. Toda manhã, acordava e pensava: só preciso suportar sua falta até o fim deste dia. E me valia da mesma artimanha ao cair na cama. Eu meio que me comportava como uma ex-dependente, vivendo um dia de cada vez.

Aproximar-me da porta fez a equipe de garçons se movimentar, perfilando-se ao lado da entrada. Pela janela, avistei um grupo de pessoas aguardando na varanda do casarão do início do século 20. Esfreguei as palmas suadas nas pernas do macacão.

Eu me virei para minha sócia. Lisa correu para ocupar uma das mesas, mais ao fundo. Juntas, Tália e eu fomos até a porta e paramos para tomar fôlego.

— Pronta? — Ela pegou minha mão, sacudindo meu braço.

— Nem um pouco. — Dei risada, devolvendo o gesto. — Mas vou fingir que estou.



O relógio marcava oito horas e não havia uma única mesa disponível. A matéria de Luna atraía clientes; muitos deles aguardavam no terraço, saboreando um dos drinques do nosso cardápio. Eu fazia as vezes de garçomete no momento em que meus pais chegaram. Mamãe estava elegante em um vestido preto com estampas em tons de azul e branco, o cabelo solto caindo em ondas sobre os ombros.

Seu Sérgio Gouvêa parecia dez anos mais jovem, e não apenas por causa do paletó novo comprado com seu próprio salário, nem pelo fato de se sentir útil ao ingressar no mercado de trabalho de novo. Era a discreta melhora de mamãe que o fazia sorrir o tempo todo feito um adolescente. Ele estava radiante ao conduzi-la para dentro do Viva! e avaliar o belo salão.

— Se eu ficar mais orgulhoso — sua voz embargou —, é provável que estoure. Seu restaurante é o lugar mais bonito do mundo, Mel.

— Este restaurante é seu? — Mamãe arfou, espalmando o coração. — Você comprou um restaurante e não me disse nada?

— Aaaaaah... Eu queria que fosse surpresa — improvisei.

Ok, as mentiras não tinham acabado de vez e possivelmente nunca iam terminar. Mas agora elas existiam para simplificar a vida da mamãe e não provocar inseguranças ou estresses desnecessários. Era menos cruel que fazê-la chorar em completo desespero a cada duas horas.

Contudo, se ela fosse direta e questionasse por que não se lembrava de ter feito um bolo, de ter pintado as unhas de cor-de-rosa ou por que Loki e eu estávamos morando com eles, nós lhe dávamos toda a verdade, e eu notava que mamãe se esforçava para acompanhar e se concentrar no que eu dizia, para reter a informação em seu cérebro lesionado.

Na última consulta, o neurologista nos explicara que seu cérebro jamais recuperaria a parte perdida no acidente, que ela não voltaria a ser o que era. Mas a cada semana ela conseguia reter mais uma memória, ainda que fosse apenas se recordar que eu tinha um gato ou o nome dele. Tudo bem que ainda emendasse a

dedetização da escola na maioria dos diálogos. Algumas coisas se embaralhavam em sua mente, e a realidade ficava um pouco distorcida. Ela misturava fatos do que se lembrava, do dia anterior ao acidente, com algumas lembranças recentes em uma grande miscelânea de informações não reais. Podia não ser o resultado perfeito para algumas pessoas, mas não para nós. Papai e eu estávamos nas nuvens.

Pelo jeito como encarou meu pai naquele instante, tive a impressão de que ela tinha muitas perguntas para fazer a ele. Eu os acomodei em uma mesa com uma bela vista para o terraço e o muro coberto de rosas trepadeiras. Minha mãe se iluminou ao admirá-las. Eu pretendia me sentar com eles por um instantinho, mas avistei meus amigos na entrada do Viva! e fui recepcioná-los.

— Mel! — Fabiola virou o pescoço para todos os lados, deslumbrada. — Acho que nunca vi nada mais lindo. Ficou perfeito! Tipo, todas as suas melhores ideias juntas.

— Espere até provar os pratos da Tália — brinquei. — Isso sim vai te deixar de queixo caído.

— Parece algum restaurante chique na região da Toscana. — Dênis me cumprimentou com um beijo. — Supondo que eu soubesse como é um restaurante chique na região da Toscana.

Felipe, engravatado e lindo ao lado dele, arqueou uma sobrancelha.

— Boa ideia. Isso encerra a discussão quanto ao destino da nossa lua de mel. Vamos para a Itália. — Ele se curvou para beijar minha mão, todo galante. — Está incrível, Melissa. Você e o restaurante.

Felipe e Dênis haviam se acertado de vez e decidiram oficializar o relacionamento em uma ensolarada manhã de sábado, no cartório municipal. A mãe de Dênis não cabia em si de tanta alegria. Não era difícil entender o porquê. Dênis não parava de sorrir. Eu teria amado produzir algo para eles, mas os noivos preferiram guardar a grana para a lua de mel, de modo que acabamos na casa de Dênis em uma feijoada deliciosa preparada por dona Magda e dona Berenice que terminou só de madrugada. Júlia e Marcus marcaram presença, e a semelhança entre ele e seu primo Nicolas era quase insuportável.

— Estou tão feliz que vocês vieram. — Sorri contente para meus amigos. — Fiquei com medo de que algum evento os impedisse de vir.

— A gente esquematizou bem. — Gabriela lambeu os lábios assim que o garçom passou por nós com uma bandeja de risoto de camarão. — A Sônia não gostou muito da novidade, é claro. Mas ela nunca gosta de nada do que a gente faz mesmo.

— Só me tira uma dúvida. — André passou um braço pela minha cintura, me sacudindo. — É verdade que amigos de longa data ganham bebidas de graça?

Fabiola deu um peteleco na orelha dele.

— Aí o Viva! iria falir antes do fim de semana — zombou.

Um garçom apareceu e começou a levá-los para a mesa. Eu pretendia ir atrás, mas Fabiola me puxou para perto do balcão do bar em estilo anos 40, onde duas garotas se desdobravam para atender os pedidos do salão e os que aguardavam na espera.

— Olha só — começou minha amiga —, não é porque você agora é sócia de um restaurante chique que não possa voltar lá pra casa. O Viva! fica muito mais perto do meu apartamento do que da casa dos seus pais. Minha porta está arreganhada para você e o Loki.

— Obrigada, Fabi, mas você e o André estão curtindo o começo do namoro e eu não vou atrapalhá-los. Na verdade eu falei com os meus pais sobre me mudar para mais perto do Viva! Pensei em alugar uma quitinete ou coisa assim. Vai depender do rendimento do restaurante.

Ela relanceou as mesas e deu risada.

— Então você vai alugar um duplex com vista para o parque muito em breve.

Nós nos afastamos para dar passagem a um garçom e sua bandeja repleta de pratos sujos. Aproveitei para admirar minha amiga por um minuto inteiro, ainda fascinada com o brilho que nunca mais deixou seu olhar desde que ela e André se acertaram.

— Que foi? Tá sujo? — Esfregou a bochecha.

— Você está diferente. Parece feita de glitter — citei.

Seu sorriso se tornou maior.

— Nunca senti nada mais bonito, Mel — suspirou, sonhadora. — Tem horas que eu fico com medo do meu coração virar do avesso, de tão inquieto que fica perto do André. E, ao mesmo tempo, ele me traz uma paz que eu não sei explicar direito...

— Uma inquietude serena — concluí por ela, um par de íris azul-escuras dançando atrás de minhas pálpebras.

Minha melhor amiga percebeu a mudança em meu espírito e murchou.

— O Nicolas não apareceu, né?

— Eu já esperava. — Encolhi os ombros. — De certa forma, acho melhor assim. Não sei se eu suportaria vê-lo, caso ele aparecesse acompanhado.

— Mesa para dois? — alguém disse atrás de mim.

Girei sobre os calcanhares, dando de cara com Marcus e Júlia.

— A gente se fala depois — Fabiola tocou meu ombro, indo se juntar aos nossos amigos na mesa ao lado da dos meus pais.

Abri um sorriso para os recém-chegados.

— Sejam bem-vindos ao Viva!

— Parabéns, Mel — Júlia me estendeu a mão, parecendo maravilhada. — O restaurante é muito bonito.

— Estou louco para saber se a comida é tão impressionante quanto tudo aqui. — Marcus empurrou a roda da cadeira, abrindo caminho para o garçom, e fez uma careta engraçada tão semelhante à que fazia seu primo que meu coração errou uma batida, desejando que, em vez de verdes, gemas azuis como lápis-lazúli me fitassem de volta.

Recompondo-me como pude, pedi que me acompanhassem até um dos poucos lugares restantes, discretamente removendo uma das cadeiras para que Marcus pudesse se encaixar à mesa.

— Será que você poderia se sentar um minutinho? — pediu Júlia, parecendo um pouco tensa.

— Ok — respondi devagar, me acomodando diante dos dois.

— Não viemos só para conhecer o Viva! — ela explicou, piscando rápido. — Nós queríamos contratar você.

— Me contratar?

— Pra cuidar do nosso casamento. — Marcus enlaçou os dedos nos da noiva sobre o tampo da mesa.

Não consegui deixar de sorrir.

— Eu fico feliz e realmente lisonjeada por terem pensado em mim, mas eu não faço mais festas. Cuido do Viva! em tempo integral.

— Nós imaginamos. E pensamos se a festa não poderia acontecer aqui — insistiu Júlia, avaliando o terraço através da porta de vidro quadriculada. — Você tem toda a estrutura, a comida, bebidas. Só teria que reservar uma parte do salão para o casamento.

— Nem são tantos convidados. — Marcus brincou com o anel no dedo anular dela, os olhos em mim. — Só nossa família e alguns poucos amigos. Umas trinta pessoas no máximo.

— Quer dizer, precisaríamos de umas dez mesas. — Júlia empurrou os óculos pelo nariz. — Não vai atrapalhar o andamento do restaurante...

Observei a garota de traços delicados e clássicos tipo Audrey Hepburn, desconfiada.

— Esse é seu jeito de impedir que a sua tia convide a cidade inteira, não é? — investiguei.

— Também. — Júlia riu e corou ao mesmo tempo. — Nós queremos algo pequeno, simples, que seja a nossa cara. Você fez um trabalho lindo no casamento do Max e da Alicia. Além disso, você foi uma das responsáveis por a gente se entender.

— Eu? — Arqueei as sobrancelhas.

— Sim — Marcus se divertiu com minha surpresa. — Tempos atrás, você não cancelou o contrato assinado pela dona Berê, do casamento de faz de conta que a Júlia inventou pra acalmar o coração doente da tia, o que forçou ela a topar fingir ser a minha cuidadora enquanto eu interpretava o noivo. Foi nesse período que nós nos apaixonamos. — Ele encarou a noiva, os olhos verdes parecendo dois tons mais claros enquanto as bochechas dela ficaram dois mais vermelhas.

— Por favor, Mel. Você não poderia pelo menos considerar? — Júlia pediu, quase com desespero. — Estou muito perdida. Nem sei por onde começar. Já deveríamos ter voltado para a Alemanha a esta altura, mas houve um imprevisto. — Corou ainda mais.

Os cantos da boca de Marcus apontaram para o teto e eu juro que ele pareceu ficar mais alto e largo.

Eu não devia nem mesmo considerar. Júlia e Marcus eram clientes da Allure. Foram um dia, pelo menos. Não parecia ético. Só que... de todos os meus arrependimentos profissionais, aqueles dois simbolizavam o maior deles. Nunca me perdoei por não ter impedido o sequestro de Marcus durante o ensaio. Eu devia ter cuidado melhor da segurança dele. De todos. Agora eu poderia ajudá-los, de alguma maneira...

— Tenho que falar com Tália, a minha sócia.— Tornei a abanar a cabeça. — Não posso decidir nada sozinha. Se ela não vir problema, eu topo.

— O Nicolas tem razão. — Marcus abriu um sorriso largo. — Você é a garota certa.

— Aaaaaah... — Era sobre trabalho. Nicolas comentara sobre meus serviços de cerimonialista. *Só isso*, repeti mentalmente, tentando convencer meu coração a parar de se portar mal. — Ele... como ele... humm... — Mordi a bochecha para impedir que a avalanche de perguntas escapasse.

O casal se entreolhou por um instante. Marcus me dirigiu um olhar penetrante e abriu a boca, mas, antes que produzisse uma sílaba, um alvoroço na entrada do restaurante solicitou meus serviços. Eu me desculpei e fui checar o que provocava tamanha comoção. Estava a cinco metros da porta e reconheci a voz enraivecida antes mesmo de avistar a cara feia de Helena.

— ... não sabe com quem está falando — vociferava ela para Ana, de nariz empinado. — Qualquer restaurante tem uma mesa para Helena Bueno.

Um pouco mais atrás, Camila sustentava o olhar nas pedras que revestiam a parede da varanda, nitidamente envergonhada. Paris parecia se divertir com a cena, bebericando o drinque de cortesia, acompanhando a discussão bem de perto com animação.

Parei ao lado de Ana, nem um pouco alterada com a grosseria da mulher que tinha metade do seu tamanho.

— O que está acontecendo? — eu me dirigi à garota.

— Esta senhora não compreende que nós estamos lotados e que ela precisa aguardar uma mesa. — Ela piscou suas longas pestanas ao mesmo tempo que Helena ia de irritada para furibunda em 0,3 segundos ao me reconhecer.

— Ah, isso vai ser bom — murmurou Paris, sugando o canudinho da bebida azul, entreolhando de mim para a mãe de sua melhor amiga.

Helena franziu o nariz, me examinando de alto a baixo.

— Eu sabia que tanta incompetência não era gratuita — disparou ela, de cara amarrada. — Me arranje uma mesa. Vá, depressa. Já perdi tempo demais.

Uni as mãos na altura do estômago e vesti meu sorriso profissional.

— Lamento, senhora, mas, como a Ana explicou, estamos com lotação máxima. A senhora vai ter que esperar. — O “igual a todo mundo” ficou suspenso no ar.

As duas dezenas de pessoas na varanda nos observavam com interesse, mas Helena não percebeu que atraía atenção, ocupada demais em me dirigir um olhar feroz.

— Eu sou Helena Bueno. Ninguém diz “não” para mim. — Aprumou os ombros e tentou entrar.

— Sempre tem uma primeira vez, não é mesmo? — Bloqueei o vão da porta com o corpo.

Roxa de vergonha, Camila tocou o ombro da mãe.

— Mamãe, pelo amor de Deus, tem jornalistas lá dentro — disse, mortificada. — Você já não se constrangeu o bastante?

Entretanto, a mulher não deu mostras de ter ouvido a filha e continuou me fuzilando.

— Saia da minha frente, coisinha insignificante, ou eu vou fazer uma reclamação formal contra você. Exijo falar com o gerente. O proprietário!

Meu sorriso ficou ainda maior.

— Na verdade são duas proprietárias, e você está falando com uma delas.

Por um instante, pensei que ela cairia dura no chão pela maneira que uma veia saltou em seu pescoço. Mas ela era mais forte — e cruel — do que eu supunha, e buscou confirmação com Camila, que apenas deu de ombros. Paris sugou o restante de sua margarita Curaçao, assentindo firmemente para Helena.

Quer dizer que Camila sabia que eu era uma das sócias e viera mesmo assim. Não tive tempo de interpretar o significado do gesto, já que Helena bufou.

— Eu nunca vou perdoar você por isso, Camila. — Então dirigiu sua ira em minha direção. — Quanto a você, saiba que eu jamais teria me sujeitado a tamanho desprazer se tivesse sido informada que esta espelunca era sua. Não me admira que tenha problemas de organização. Você é sinônimo de incompetência.

— Não houve nenhum contratempo até você aparecer — retruquei, incisiva. — Exatamente como aconteceu nas outras ocasiões. A diferença é que dessa vez você não vai poder agir por debaixo dos panos. Se quiser falar mal do Viva! por aí, fique à vontade, Helena. Mas não vai passar disso, difamação de uma pessoa amarga. — Desci o degrau, o olhar fixo no dela, e em voz baixa e calma anunciei: — Você não é bem-vinda neste restaurante.

— Não vou precisar mover uma palha para que esse restaurantezinho desande. — Trincou os dentes, o olhar queimando. — Você vai afundá-lo sozinha. Pessoas iguais a você nunca conseguem o que querem, meu bem. Pode tentar o quanto quiser. Nunca vai construir nada de bom.

Olhei por sobre o ombro para os rostos animados dos clientes, meus pais mais ao fundo com as cabeças unidas partilhando a sobremesa, seus sorrisos, o orgulho... Bem ao lado, meus amigos brindando alguma coisa. Pelo visor da porta da cozinha, Tália ria de algo que Lisa lhe dizia... O perfume de felicidade se misturando aos muitos aromas que vinham dali. E eu ajudara Tália a criar isso tudo. Eu era uma das responsáveis por proporcionar aquela noite perfeita para tantas pessoas.

Com o peito inflado de orgulho, voltei a atenção para a mulher que tentara me arruinar por puro capricho e lhe dei meu sorriso mais radiante.

— Mas eu não tentei, Helena. Eu *consegui*.

Se minha vida fosse um conto de fadas e eu a princesa, esse seria o momento em que Helena se transformaria em um dragão furioso e cuspiria fogo para todo lado. Na vida real, tudo o que ela pôde fazer foi urrar, ficar ainda mais vermelha e me dar as costas. Os saltos repicavam sua indignação ao tomar a trilha de pedras no gramado que levava à calçada.

Um pouco trêmula pelo confronto, observei a mulher deixar a área do restaurante, com a certeza inabalável de que aquela seria a última vez que eu me preocuparia com ela. Helena já não me metia medo.

Os clientes à espera do jantar pareceram um pouco frustrados ao verem que o embate não terminaria em um banho de sangue, mas logo se animaram com a chegada de um garçom e uma bandeja nova de drinques. Paris entreolhou Camila, Helena, a bandeja reabastecida, e de novo a amiga, que fez um sinal com o queixo.

— Saco. Sempre perco a melhor parte — resmungou a loira, entregando a taça vazia para Camila antes de partir no encalço de Helena.

Imaginei que Camila faria o mesmo. Em vez disso, ela continuou me encarando.

— Será que nós podemos conversar um minutinho, Melissa? Em um lugar mais reservado? — Retorceu os dedos ao redor da taça longa. Não havia mais

anel em seu anular.

Entreguei sua taça para Ana e indiquei o interior do restaurante, guiando-a para a sala dos fundos. Camila me seguiu de perto, admirando cada detalhe do belo salão com o mesmo encantamento que demonstrara ao assistir à apresentação de sua festa de casamento. Meu Deus, parecia ter acontecido em outra vida.

Meus amigos avistaram a visitante e foram dominados pelo espanto. E horror. Fabiola fez menção de se levantar e não tenho dúvidas de que pretendia se colocar entre mim e Camila. Fiz um discreto aceno de cabeça. Se Camila estivesse ali com o intuito de causar problemas, já tivera sua chance.

Ao passarmos pela mesa dos meus pais, minha mãe me segurou pelo pulso e sorriu tristonha.

— Ah, filha, você se atrasou demais. Seu pai já pediu a sobremesa. — Indicou a fatia de tarte Tatin pela metade. — Quando a Sônia vai compreender que os funcionários também têm vida própria? — Então disparou um sorriso amistoso para a moça ao meu lado. — Como vai, querida? Você também trabalha na Allure?

— Hã... não, senhora — respondeu uma confusa Camila.

Fiz as apresentações rapidamente e me desculpei com meus pais, alegando ter um problema importante para resolver. Então levei Camila para a pequena sala que eu e Tália usávamos como escritório/depósito de tralhas.

— Não esperava trazer ninguém para cá esta noite. — Eu me desculpei pela bagunça de louças, cristais, amostras de tecidos e documentos que eu ainda não tivera tempo de organizar, indicando que ela se sentasse na poltrona estampada com figuras geométricas em frente à mesa.

Camila chegou a se aproximar, mas preferiu permanecer em pé.

— Você não contou para a sua mãe que foi demitida da Allure? — indagou, perplexa.

— Conte sim. Pelo menos umas cem vezes nas últimas semanas. Minha mãe tem problema de memória por causa de um acidente de carro. Ela não armazena novas lembranças. Não *armazenava* — corrigi. — Faz dois meses que ela começou a apresentar uma discreta melhora. Estou confiante.

— Você não mentiu. — Ela se retraiu, mortificada. — Foi pela sua mãe que aceitou cuidar do meu casamento.

Assenti, impotente.

— Eu não podia arriscar meu emprego, Camila. Na época, era toda a renda que os meus pais tinham.

— Mas arriscou tudo para salvar a promoção do Nicolas — assinalou, franzindo a testa.

— Eu... para algumas pessoas, lutar não é uma escolha, é a única alternativa. Ela tocou a barriguinha saliente.

— Compreendo o que você quer dizer — murmurou, seu olhar perdendo o foco. — Pensei que o Fred também fosse uma dessas pessoas.

Um mês antes, o rosto de Camila e Fred estamparam as principais revistas e portais de notícias anunciando o fim do noivado. Fred saíra de férias no jornal, e Camila desaparecera dos radares dos paparazzi. Eu queria muito saber se ela estava aguentando, se havia algo que eu poderia fazer para ajudar, mas fiquei na minha. Já havia ultrapassado todos os limites com ela.

— Camila... — Minha voz falhou. Clareei a garganta. — Eu juro que não sabia que ele era comprometido. Eu jamais teria me envolvido se tivesse desconfiado de que o Fred tinha alguém.

— Eu sei. — Ela suspirou, puxando uma mecha castanha para enrolá-la no dedo, tensa. — Ele me contou.

— Como... como você está? — eu me atrevi a questionar.

— Como se me protegesse de um furacão com um guarda-chuva. — Deixou escapar um riso nervoso. — É a primeira vez na vida que assumo o controle de tudo, que decido por mim mesma. Resolvi passar uma temporada em Nova York. Tem esse curso que eu quero fazer. Vou aproveitar o tempo antes que o bebê nasça. Desconfio que não vou ter horas livres depois disso. — Ela deu a volta na mesa para ficarmos cara a cara. — Eu precisava falar com você antes de viajar para dizer que lamento muito pelo jeito como a minha mãe interferiu na sua carreira. Eu não sabia, Mel. Eu juro.

— Eu sei disso, Camila. Espero que não me entenda mal, mas não tem nada da sua mãe em você.

Um arremedo de sorriso se desenhou em seus lábios.

— Sabe o que eu mais odeio nisso tudo? — perguntou, com um ar melancólico. — É saber que nós duas teríamos sido grandes amigas se não fosse pela cafajestagem do Fred. E agora nunca vamos ter essa chance.

— Bom, alguém me fez entender que nunca é tempo demais.

Ela assentiu, a boca se espichando nos cantinhos lentamente.

— Quem sabe um dia eu arrisque uma mesa? — Indicou o salão movimentado com a cabeça.

— Vou deixar seu lugar reservado. E alguns drinques para a Paris.

Rindo, ela se retirou e eu fiquei ali na porta, observando-a sumir do restaurante. No fim das contas, não éramos tão diferentes assim. Camila e eu confiáramos no homem errado e agora nos esforçávamos para refazer nossa vida. Torci de todo coração para que ela conseguisse deixar tudo para trás e recomeçar. Uma nova cidade, novos amigos, um novo curso, quem sabe até um

novo amor...

— Boa sorte, Camila — murmurei para o nada.

Eu adoraria ter ficado na saleta um pouco mais e posto minhas emoções em ordem, mas queria ficar um pouquinho com meus pais antes que fossem para casa, de modo que me apressei para o salão.

— Pronto, mãe. — Puxei a cadeira. — Eu já... — Pretendia me sentar, mas congelei ao constatar que havia mais alguém na mesa deles.

Meu coração martelou contra as costelas, querendo se libertar de sua prisão e pular sobre o homem que lentamente se levantava, os incríveis olhos de lápis-lazúli grudados nos meus.

— Nicolas... — arfei.

Depois de três semanas sem nenhuma notícia, ali estava Nicolas, ainda mais lindo que em minhas lembranças. A camiseta cinza-clara com gola v acentuava seu bronzeado, o jeans e os tênis de lona preto o faziam parecer mais longilíneo. O cabelo estava um pouco mais longo do que na última vez em que nos vimos, se curvando de leve perto da orelha e na nuca. A barba por fazer me contou que ele andara ocupado nos últimos dias, o que explicava as meias-luas sob os olhos e os malarres mais proeminentes. Subindo um pouco mais o olhar, mergulhei no oceano azul-escuro, experimentando outra vez aquela deliciosa e poderosa

conexão.

— O-oi. — Corri uma das mãos pelo rabo de cavalo para conferir se eu estava apresentável, depois de todo o corre-corre da noite.

— Oi. — Seus olhos me sorriram. — Desculpe aparecer sem avisar. Não tinha certeza se iria conseguir chegar a tempo.

— Tudo bem. Fico feliz que tenha aparecido. — Mas o que eu queria dizer era: “O que isso significa?!”

Um metro atrás, meus amigos pareciam assolados pela mesma questão e se inclinaram até o limite das cadeiras na tentativa de captar alguma coisa.

— Eu não podia ir embora sem antes conhecer o seu restaurante — esclareceu Nicolas, em tom um tanto formal.

— Ir embora? — minha voz saiu esganiçada.

Ele assentiu, o olhar nunca se afastando de meu rosto.

— Embarco para a Califórnia daqui a quatro horas. Vou daqui direto para o aeroporto.

— Ah... — Procurei manter a expressão, mas tudo em mim começou a derreter.

Fingi puxar um fio imaginário da calça do macacão, temendo que ele ouvisse os gritos em meu coração.

Nicolas estava indo embora. Partiria atrás de seu sonho. Era o que eu queria, certo? Que ele tivesse sua chance. Então, por que eu queria me esconder sob a mesa e me encolher em posição fetal?

— Melissa, filha, veja o que Nicolas me trouxe! Não é uma gracinha? — Mamãe balançou o colar em seu pescoço, de onde pendia uma pedra quadrada da cor de chocolate ao leite.

— É lindo, mãe — eu me forcei a dizer.

Meu pai estendeu o braço sobre o tampo para apertar o ombro de Nicolas e sacudi-lo com entusiasmo.

— Isso vai mudar a nossa vida, Nicolas. Sua mãe deve ter um orgulho danado de você, filho. Seu pai também, onde quer que esteja. — Meu pai comprimiu os lábios engolindo meio bigode, parecendo... emocionado?

Nicolas deu um aceno curto, o maxilar apertado com força, uma máscara inexpressiva para ocultar o que sentia. Mas eu sabia. O comentário de papai o acertara no ponto mais sensível, aquele que sempre movia Nicolas a ir além, chegar ao topo, como o pai sonhara.

Mas o que eu queria saber era por que meu pai parecia à beira das lágrimas, por que Nicolas trouxera um presente para minha mãe e se ele estava ali sozinho.

Estava pronta para especular, mas mamãe colocou o guardanapo ao lado do prato de sobremesa agora vazio e ficou de pé.

— Com licença, meus queridos. O suco de melancia com laranja é divino, mas acho que não deveria ter pedido aquele terceiro copo. Preciso fazer uma visitinha ao toalete. — Ela piscou para mim.

Meu pai também ficou de pé, murmurando um “Eu te acompanho, Olivia”. Se eu não soubesse que a ideia de ela sair do banheiro, não reconhecer onde estava e acabar se perdendo de novo o atormentava dia e noite — uma possibilidade que me tirava o sono constantemente —, pensaria que meu pai armava para me deixar sozinha com Nicolas. Antes de segui-la, porém, ele se curvou para envolver um braço ao redor do homem a minha frente, dando dois tapas barulhentos em suas costas.

Pisquei, surpresa, fitando Nicolas.

— O que foi que eu perdi? — perguntei tão logo ficamos sozinhos. — O que você fez para deixar meu pai caidinho por você desse jeito?

Nicolas achou graça.

— Acho que ele só está contente com o colar. É um GPS — explicou, o olhar refletindo faíscas prateadas. — Vocês vão poder monitorar a localização da sua mãe em tempo real. O cordão também é um medidor de frequência cardíaca. Se houver alguma grande alteração, ele envia um aviso para o número cadastrado. Já baixei o aplicativo e ensinei o seu pai a usar. Não precisa mais perder o sono com medo de que a sua mãe se perca outra vez.

— Sério? — murmurei sem ar. — Não sabia que esse tipo de coisa existia, senão já teria ido atrás faz tempo. Meu Deus, isso vai mudar tudo. É... — Meus olhos embaçaram. — Eu nem... eu não... nem sei...

— Eu sei — ele disse simplesmente. — Eu sei, Mel.

Nós nos encaramos por um minuto infinito, meu corpo inteiro pinicando de saudade do dele. Ele foi o primeiro a recuar, olhando ao redor meio embaçado. Meus amigos imediatamente fingiram discutir alguma coisa no cardápio que André segurava... de cabeça para baixo. Rezei para que Nicolas não notasse.

Por sorte, ele estava tão admirado com o restaurante quanto eu ficara ao entrar ali pela primeira vez.

— Você conseguiu algo realmente especial, não é? — comentou, fascinado e... orgulhoso.

Uma sensação morna se espalhou pelo meu corpo todo e se concentrou no centro do peito.

— Mas vou confessar... — E me deu um meio sorriso abusado. — Fiquei preocupado quando soube que você abriria um restaurante.

— É compreensível. A Tália não acreditou que eu não levo o menor jeito na cozinha e me obrigou a fazer um bolo na semana passada. Ela não tem nenhum

senso de autopreservação. — Soltei um suspiro. — O resultado foi algo que pode ser usado tanto como artigo de defesa pessoal quanto na construção civil. Bastante resistente.

O *hehehehe* retumbante do qual eu sentia tanta falta preencheu o restaurante e enterneceu seu semblante. Fui dominada pela sensação de que tudo estava certo no mundo. Mas durou pouco. Apenas até eu ver o casaco marrom amontoado na cadeira.

— Então, você vai morar em Professorville? — Forcei alguma empolgação em meu tom.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Como sabe sobre Professorville?

— O Marcelo me contou, no lançamento do Money Bin — expliquei. Diversos vincos decoraram sua testa. Suor começou a se empoçar entre meus seios. — Já devolveu o apartamento?

— Não — respondeu, distraído. — Ainda não consegui retirar minhas coisas e entregar o apartamento. A dona Elza foi visitar um parente ou algo assim. O Marcus vai cuidar da mudança.

Eu tinha dificuldade em manter a fachada. Não ajudava muito que seu cheiro, seu sorriso, ele todo tenha deixado meu cérebro com a consistência de um pudim. Nervosa, enganchei o indicador na pulseira de turquesas. Nicolas não me perdia de vista, e seu olhar acompanhou o movimento.

Eu me forcei a soltá-las.

— Imagino que esteja empolgado — deixei escapar a primeira coisa que me ocorreu. — Vai finalmente viver seu grande sonho. Não é todo mundo que tem essa chance.

Em vez de me responder, ele deu um passo à frente, ficando tão perto que o ar mal passava entre seu peito e o meu.

— O que deu errado, Mel? — perguntou, sem preâmbulos. — O que deu errado entre a gente?

— Ah. — Eu me concentrei na gola da camiseta. — Acho... acho que algumas coisas não são pra acontecer. Talvez... talvez não fosse tão certo assim, afinal. — E, porque eu não suportaria mentir para ele novamente, acrescentei: — Ou o momento fosse errado.

Ele abanou a cabeça energicamente.

— Não acredito nisso. Em pessoa certa na hora errada... Se é a pessoa certa, então o momento também é. Porque quando se encontra alguém que preenche todos os vazios dentro da gente, tudo muda. O mundo, os desejos, os sonhos. Tudo.

Enfrentei o peso de seu olhar, o coração galopando no peito à medida que suas

palavras se assentavam e me preenchiam de... eu não sabia ao certo. Esperança e medo, talvez.

— Ou então eu estou falando besteira. — Correu uma das mãos pelo cabelo, rindo. — Ando dormindo pouco. É melhor me ignorar. — Fez uma careta. — Eu não podia ir embora sem falar com você, te ver assumindo as rédeas da sua vida de novo.

— Não podia? — sussurrei.

— Claro que não. Ainda somos amigos, certo? — Ele me observou atentamente, sem sequer piscar.

— Ah... — Engoli com dificuldade, me esforçando para não demonstrar meu desapontamento. — Sim, é claro. Amigos.

Era difícil decifrar o que se passava dentro dele, sobretudo porque eu não conseguia entender nem o que acontecia comigo. Antes que eu chegasse a algum lugar, Ana parou ao lado de Nicolas.

— Melissa, desculpa interromper. — Enroscou uma mecha atrás da orelha ao espiar o belo exemplar da espécie masculina que tinha diante de si. — Temos um problema. O estoque de bebidas geladas está acabando. Não previmos um movimento tão grande.

— Já resolvo isso.

Assentindo, atirou um sorriso sedutor para Nicolas e requebrou os quadris por entre as mesas. Mas acho que Nicolas não percebeu seu interesse, pois continuou a me admirar como se eu fosse uma difícil equação matemática. Isso vindo de um cara que era fera em TI dizia muita coisa...

— Eu... eu... preciso...

— Precisa ir — completou, tristonho, se curvando para apanhar o casaco na cadeira. — Também está na minha hora. O check-in começa daqui a cinquenta minutos.

Eu não estava pronta para me separar dele. Ainda não. Nem sabia se em algum momento estaria, então me ofereci para acompanhá-lo até a saída. Nós caminhamos lentamente por entre as mesas, pela varanda agora mais tranquila, e pelo caminho de pedras no gramado. Ele mantinha as mãos nos bolsos do jeans, mas por mais de uma vez seu cotovelo encontrou minhas costelas, meu braço, me transportando para outra época, outra noite em que protagonizamos uma cena parecida onde ainda havia a possibilidade de existir um *nós*. Imagino que fosse possível ouvir o tilintar de copos, o som de talheres contra a porcelana, as conversas... Mas eu não escutava nada além do pranto em meu peito. Nicolas estava indo embora.

A brisa noturna balançou meu rabo de cavalo e arrepiou minha pele. Ou talvez fosse efeito de Nicolas. Passei os braços ao redor do corpo. Acho que ele estava

mais atento do que pretendia demonstrar, pois abriu o casaco e se virou para envolvê-lo em meus ombros. Mas, em vez de se afastar, como eu esperava, ele continuou segurando as pontas do casaco. Perdida naquele meio abraço, assolada por uma miríade de sensações, sufocada pela saudade que não seria saciada, ergui o rosto e em seus olhos pensei ver... o reflexo de minha alma.

Um pouco sem graça, ele recuou para retomar o passo. Por mais que eu quisesse adiar o momento, inevitavelmente chegamos à calçada.

— Bom... — comecei.

— Bom... — repetiu ele.

Não dava mais para protelar. Eu tinha que lhe dizer "adeus".

— Boa sorte na Califórnia. — Empreguei um tom animado que não chegou a enganar nem a mim mesma. — Se as coisas ficarem difíceis demais, lembra que eu estou aqui cuidando de um restaurante.

Ele riu de leve.

— Um baita incentivo.

— Também vou estar aqui torcendo por você — complementei. — Sempre, Nicolas.

— Eu também, Mel. — Ele chegou mais perto, a face esculpida em uma expressão insondável. — Onde quer que eu esteja, você sempre vai estar nos meus pensamentos.

O casaco ameaçou cair de meus ombros, me lembrando de sua existência. Com um profundo pesar, eu o fiz escorregar pelos braços.

— Obrigada por vir esta noite. Foi bom ter você aqui. — Estendi a peça a ele.

Nicolas a pegou, mas, assim como eu, não soltou de imediato. O mesmo ocorreu com nossos olhares.

— Foi bom. — Sua voz era baixa, rouca. — A melhor coisa que já me aconteceu.

Não tenho certeza de quem de nós dois se moveu primeiro. Tudo o que sei é que em um segundo nós nos encarávamos, no outro minha bochecha pressionava o tecido macio de sua camiseta, seus braços me envelopavam tão apertado que quase me dividiram em duas. Envolvida por ele, de olhos fechados, deixei minha testa pender em seu ombro, inspirando seu perfume, experimentando a deliciosa sensação de ser preenchida por Nicolas uma última vez.

Ficamos daquela maneira por um longo tempo, sem que nenhuma palavra fosse proferida. Apenas... abraçados. Desejei como nunca que o relógio pudesse parar e nós ficássemos presos em um looping infinito, onde eu e Nicolas estaríamos juntos para sempre.

Mas, na vida real, o mocinho só beijou o cabelo da garota.

— Eu sei que você adora cuidar de tudo e todos — murmurou ali. — Só não

se esqueça de se incluir na lista, promete?

— Vou tentar me lembrar — falei contra sua camisa.

Com relutância de ambos os lados, nós nos soltamos ao mesmo tempo. Eu não suportaria vê-lo ir embora outra vez. Há um limite de até onde um coração partido pode aguentar.

Fitei seus tênis, a vista turva.

— Adeus, Nicolas.

Sem olhar em sua direção, comecei a regressar para o restaurante. Pretendia me esconder em algum canto e extravasar a dor que me tirava o fôlego, por isso tomei o sentido do terraço. Estava tão perdida em minha própria angústia que não vi que um vulto saltou da varanda até me empurrar para o terraço.

— Eu não sei se te dou uns tapas e grito com você — Fabiola tropeçou nos próprios pés, buscando apoio no muro coberto de flores — ou se te interno num manicômio.

— Fabi, não é um bom momento. — Comecei a contorná-la.

André e Dênis apareceram, bloqueando a passagem.

— Que momento melhor do que esse — Fabiola disse às minhas costas —, em que você deixa o amor da sua vida IR EMBORA?

Girei sobre os calcanhares.

— Você não entende? Ele está indo pra Califórnia! Não tem mais espaço pra mim na vida dele.

— Ah, é? É por isso que ele veio te ver antes de embarcar para outro país?

Exausta e sem forças para discutir, fui me sentar na beirada da fonte.

— Fabiola... ele veio reafirmar sua amizade. — Devolvi aos prantos. — *Apenas amizade.*

Ela se espremeu na mureta de cimento frio e por pouco não caiu na água. Tive que segurá-la pelo braço para ajudá-la a se firmar.

— E você, tapada como sempre, acreditou. Ah, Mel. O que mais o cara poderia oferecer depois de não ter acreditado em você? O Nicolas está envergonhado. Não enxerga isso? Ele prometeu que estaria sempre ao seu lado, mas te deixou na mão quando você mais precisou. É isso que ele pensa. Foi por isso que ele foi atrás da Alicia e sugeriu que ela entrevistasse o seu pai.

— O quê?! Não, Fabi. Você está confundindo as histórias. Foi o Dênis que conseguiu a entrevista. — Busquei a confirmação nas íris cinzentas do meu amigo.

Com a correria em que minha vida se transformara nos últimos dois meses, não tivera tempo de questionar como ele conseguira marcar a entrevista para meu pai.

Só que Dênis me deu uma resposta diferente da que eu esperava.

— Não, Melzinha. Não fui eu. Eu nem sabia que estavam procurando um contador.

— Por que você acha — prosseguiu Fabiola, batendo na minha perna — que, em vez de cuidar da própria vida, o Nicolas parou tudo o que estava fazendo para criar um dispositivo que ajuda a localizar pessoas com problemas de memória?

— O GPS é dele? — Engasguei. — É invenção dele?

— Quer adivinhar o motivo? — Ela me fuzilou. — Não, duvido que você consiga sozinha, porque você dificilmente enxerga alguma coisa se o assunto é seu coração. Mas eu te ajudo: o Nicolas queria cuidar de você, deixar a sua vida mais fácil. É um projeto pessoal, não tem nada a ver com a Brasitecno. Me pergunta o nome da porra do GPS. — Fabiola franziu o nariz, irritada. Antes que eu pudesse abrir a boca, ela cuspiu: — Multi Essential Locator 1. MEL 1. Pode me chamar de louca, porque na verdade a única maluca aqui é você por deixar esse cara sair da sua vida sem nem lutar.

— Por que toda essa gritaria? — Tália surgiu na entrada lateral, ajeitando o chapéu.

André se recostou na parede, coçando o queixo.

— O Nicolas veio ver a Mel, aí ela o deixou ir embora depois de o cara ter dado uma prova do caralho do quanto ela é importante pra ele — explicou.

Atordoada, encarei Fabiola, o coração batendo na base da garganta, ainda sem entender.

— Como... como sabe de tudo isso? — consegui questionar.

Minha amiga apontou um dedo imperioso para Dênis, que se encolheu.

— O Nicolas visitou o Marcus ontem — confessou, visivelmente chateado. — Jantamos juntos e lá pelas tantas ele estava totalmente bêbado e deixou escapar sobre o MEL 1. Eu queria te contar, mas o Nicolas me fez prometer que não diria nada. Me fez dar a minha palavra, Mel. — Abriu os braços, desgostoso. — Ele está fazendo o que acha certo por você, já que pensa que o jeito como reagiu ao noivado falso não tem perdão.

Nicolas estava por trás do emprego do meu pai. E se dedicara ao GPS que trouxera paz imediatamente ao meu coração. Mas por quê? Por que em vez de se preocupar com a mudança para o Vale do Silício, ele parara tudo o que estava fazendo para me ajudar?

Adivinha, Sherlock?, uma vozinha irritada sussurrou em minha cabeça.

Fiquei de pé em um salto, encarando minha melhor amiga.

— Fabi, eu preciso que você me... — Eu me interrompi ao vê-la erguer o pescoço para me encarar com o olhar embotado e por pouco não tombar dentro da fonte, se eu não tivesse agido rápido.

Fitei André, que tinha dificuldade em se manter parado, sacolejando de um lado para o outro. Esperançosa, observei Dênis, pouco estável depois de algumas taças de vinho. Tália não podia abandonar a cozinha, e Gabriela nem sequer estava à vista.

Não tinha jeito. Eu teria que fazer aquilo sozinha.

— Eu preciso que você me empreste o carro, Fabi — falei, sem fôlego.

— O quê?! Sério?

Fiz que sim, sem me dar a chance de ponderar sobre o que estava prestes a fazer. Não de verdade. Tudo o que me ocorria era conseguir alcançar Nicolas antes que ele pegasse o avião.

Ela enfiou a mão no bolso da saia e jogou a chave para mim. Sem perder tempo, disparei para a calçada, mas ainda a ouvi gritar:

— Minha amiga está de volta!

Encontrei o Chery estacionado em frente a uma casa de muros altos, me sentei no banco do motorista, enfiei a chave no contato e... e o horror de dois anos atrás me atropelou sem dó. Eu ouvia os gritos do pneu, a buzina estridente, o vidro estourando, o som cortante de metal. Comecei a ofegar, as mãos paralisadas sobre o volante. Aprisionada na bolha nebulosa e distorcida do medo, minha respiração ficou cada vez mais curta.

Merda. Eu não vou conseguir.

Sem aviso, a voz de Nicolas ecoou pelos meus pensamentos, se sobrepondo ao martelar de minha pulsação.

“Você é Melissa Gouvêa. Se alguém é capaz de aguentar tudo isso e se sair bem, é você.”

Suor pegajoso brotou em minha testa, entre os seios, e cerrei os olhos com força, desejando escapar daquela jaula invisível. Eu me esforcei para encontrar um ponto de equilíbrio, um lugar seguro em minha mente, um lugar feliz. Tentei visualizar um pôr do sol, uma paisagem nas montanhas, eu dentro de uma loja de decoração de posse de um cartão de crédito ilimitado. Mas nada parecia me prender. Eu me concentrei mais uma vez em... um par de lápis-lazúli. Na intensidade da cor, na maneira como a tonalidade se modificava gradativamente, mais escura do centro para as bordas, no salpicado de ouro, que cintilava feito minúsculos sóis.

Conservando os olhos de Nicolas em frente às pálpebras, lutei a batalha mais difícil de toda a minha vida: contra minhas próprias limitações. Todo o meu corpo implorava para que eu sáísse daquele carro. Era tão mais fácil ceder. Tão mais fácil abdicar do controle total. Mas, se eu entregasse os pontos, sentia que jamais voltaria a ser dona de mim mesma novamente.

Em meio ao terror máximo, percebi duas coisas: se eu sáísse daquele veículo

agora, se cedesse ao medo, me tornaria refém dele outra vez. E, do outro lado, depois da montanha de horror, havia Nicolas, e tudo dependia exclusivamente de mim. Eu era a única que podia me libertar da prisão que eu mesma criara. E estava mais do que pronta para lutar pela minha liberdade. Por Nicolas.

— Eu posso fazer isso. Eu posso fazer isso. Eu posso fazer isso — recitei feito um mantra, ainda mantendo o rosto dele em frente à minha retina.

Emprestando sua força para edificar a minha, consegui abrir os olhos e inspirar profundamente uma vez. Uma segunda. E uma terceira vez. Ainda trêmula, com o estômago mais revirado que meus pensamentos, dei a partida.

Minhas mãos suadas escorregaram do volante e precisei secá-las nas pernas da calça para manobrar o carro para fora da vaga. Claro que eu continuava apavorada. Mas havia também outro sentimento. Era uma alegria misturada a alívio, um orgulho danado rodeado de satisfação pessoal. Eu tinha conseguido. Era capaz de dirigir de novo. Eu estava no controle do carro e de mim mesma. Eu, Melissa Gouvêa. Não o monstro que eu alimentara com largas doses de culpa durante todos aqueles anos. Eu havia vencido a última barreira, nada mais me prendia, e eu era, enfim, livre.

Meu primeiro pensamento foi que eu tinha que contar para Nicolas.

E se ele já estivesse no aeroporto? E se Amanda estivesse com ele? Ah, meu Deus, e se ele já tivesse passado pelo portão de embarque? Eu não conseguiria falar com ele porque não tinha dinheiro para uma passagem de ônibus, que dirá uma para os Estados Unidos. Sem contar que eu nem tinha passaporte — mais uma das ilusões hollywoodianas implantadas na mente de amantes de comédia romântica. A vida real é um pouco frustrante.

Estava quase na esquina, o farol abençoadamente aberto, por isso enfiei o pé no acelerador. Quase ao mesmo tempo um vulto desceu da calçada e entrou na frente do carro.

— Cuidado! — gritei, pisando no freio.

O carro parou abruptamente, e ricochetei no banco presa ao cinto de segurança, minha pulsação atingindo níveis pouco saudáveis para o ser humano. Desembarquei às pressas, o coração retumbando nos ouvidos enquanto mentalizava *de-novo-não-de-novo-não-de-novo-não*.

Quase desmaiei de alívio ao ver a figura de pé, ofuscada pelo farol, a um metro de distância do veículo.

— Desculpa. Eu não te vi a tempo. — Agitada e bastante trêmula, busquei apoio no capô. — Você está bem?

Ele deu um passo, entrando num ângulo diferente de luz e me dando a chance de distinguir seus contornos.

— Você estava dirigindo? — Nicolas quis saber, abismado.

Acelerado pela descarga de adrenalina, meu coração começou a cavalgar e me atirei contra ele, abraçando-o tão apertado pela cintura que mal conseguia respirar.

— Pensei que tinha te atropelado. — Arqueei o pescoço. — Pelo amor de Deus, o que deu em você para atravessar a rua desse jeito? Você podia ter se machucado!

— Mas não me machuquei. — Sua mão começou a desenhar círculos lentos em minhas costas. — Não fique tão nervosa. Eu estou bem.

Por tudo o que consegui alcançar dele, estava mesmo. Tomada de alívio, deixei a testa pender em seu ombro. Então, conforme cada músculo tenso em mim relaxava de uma vez só, percebi uma coisa.

— Você não devia estar a caminho do aeroporto? — Eu me desprendi dele.

— Devia? — perguntou à meia-voz, muito atento à minha expressão.

— Devia. Quer dizer, não devia. — Abanei a cabeça para clarear as ideias. — Eu estava indo atrás de você porque preciso saber como você... o que você... por quê, Nicolas? — concluí, meio enrolada.

Um motorista passou por nós, enfiando a mão na buzina.

— É melhor estacionar. — Nicolas me pegou pelo cotovelo, me puxando para a porta do Chery, ainda aberta. — Estamos atrapalhando o trânsito.

— Eu não ligo. — Bati a porta com um pouco mais de força do que deveria e elevei os olhos para ele. — Por que você arranhou emprego para o meu pai, por que se deu o trabalho de criar um dispositivo que vai ajudar a minha mãe? Por que fez tudo isso?

— Porque... — Inspirando fundo, ele se recostou ao Chery e fechou os olhos. — Porque eu te deixei sozinha quando você mais precisou de mim, Mel. Eu tinha que te compensar.

— Por quê? — insisti, impaciente.

Ele soergueu as pálpebras e se encolheu, mortificado.

— Porque eu sou um idiota e deixei meu orgulho levar a melhor sobre meu juízo. Eu acho que nunca acreditei realmente que você tinha me usado de forma tão cruel. Depois que esfriei a cabeça, tive certeza disso. Pretendia te pedir desculpas e falar com você quando voltei para casa no dia seguinte à nossa briga, mas você já tinha se mudado. Entendi o recado. Mesmo assim, tentei de novo no lançamento do Money Bin. Mas você não me deu a chance, aí o Fred aconteceu... Depois a Helena. Sua mãe... — proferiu com um suspiro pesaroso, admirando o céu escuro. — Você me pediu para deixar tudo do jeito que estava,

com toda razão. Sou o responsável pela sua demissão, pelo seu bom nome ter ido para a sarjeta. Se não tivesse te forçado a tirar alguns minutos de folga no casamento do Max, as fotos não teriam tido tanto impacto.

— Então, você fez tudo isso porque se sente culpado. — Engoli com dificuldade, a esperança esvanecendo.

— Quem dera fosse só culpa. — Seu olhar procurou o meu. — Não consigo deixar de me preocupar com você, de querer cuidar de você, te ver feliz. Você não sabe o quanto eu lamento pelas coisas que eu disse quando você me contou do noivado. Eu nunca vou me perdoar, Mel. Eu falhei com você. Prometi que estaria sempre ali e quebrei minha promessa.

O quê?! Era disso que tudo aquilo se tratava?

— E eu menti pra você, pra sua chefe, pra minha, e pra todo mundo. Eu não sou perfeita, Nicolas. E nem você. Ninguém consegue ser... Foi por isso que você me ofereceu sua amizade mais cedo? — lembrei de repente.

— O que mais eu poderia oferecer, depois do jeito que eu te tratei? — resmungou, abrindo os braços em total desalento.

Seu amor, seu grande idiota, eu teria gritado, se não estivesse com dificuldade para respirar, para manter a firmeza dos joelhos.

Dominado pela urgência, ele se desencostou do carro para enredar as mãos em minha nuca.

— Eu queria nunca ter te magoado e jogado fora a coisa mais importante que já me aconteceu — confessou, atormentado. — Fico me torturando com o que poderia ter sido, te procurando pela casa, nas ruas, à espera de que o destino me dê uma segunda chance e te traga de novo pra mim. Meus amigos dizem que eu preciso seguir em frente, mas de que jeito, Mel, se eu deixei todas as minhas esperanças e sonhos com você? Eu não quero outra mulher, não quero um novo amor, porque o meu coração já está repleto de você. Eu estava voltando para o restaurante pouco antes de você quase me atropelar. Ao te ver saindo do carro, pensei que minhas súplicas finalmente tinham sido atendidas. — Acariciou minha bochecha.

Refém das íris azuis abrasadas, com o coração pulsando na garganta, em meu estômago, tudo o que consegui perguntar foi:

— Por que você estava voltando para o restaurante?

Minha questão pareceu despertar algo nele. E se inflamou rapidamente, percebi, ao vê-lo ser assaltado pela urgência.

— Você mencionou Professorville mais cedo. Disse que o Marcelo te contou sobre o convite da Brasitecno para que eu assumisse o cargo de CSO, durante o lançamento do Money Bin. Fiquei pensando se não foi isso que te fez desaparecer do nada, depois de prometer que me ouviria. Eu me enchi de

esperanças de novo, Mel. Tinha que tentar. Precisava dizer que você me inspira — continuou, solene. — A ser uma pessoa melhor, a ter ideias melhores, a sair da cama e fazer a diferença no mundo... Eu amo você. — Enroscando o indicador em meu polegar, guiou minha mão até o centro do peito. As contas quase negras em seu pulso reluziram, exatamente como fizeram seus olhos. — Você é o amor da minha vida, Melissa.

Eu o contemplei por entre as lágrimas, o coração pulsando ansioso para se libertar de sua prisão e buscar abrigo no peito de Nicolas.

— Era isso — murmurei, escorregando a mão para seu pulso, para a pulseira que simbolizava o início de tudo. — Era isso o que você devia ter dito no restaurante, em vez de me oferecer sua amizade.

— Devia. Mas não imaginei que fosse o que você queria ouvir. — Deslizou o polegar pela lateral do meu rosto, secando a umidade com o mais suave dos toques. — Por favor, não chora. Não quero ser a razão das suas lágrimas. Não dessas. — Ele me deu um sorriso angustiado e, porque aquele era Nicolas, também carregado de segundas intenções.

Acabei rindo e fungando ao mesmo tempo.

— Por favor, me dê outra chance. — Ele deitou a testa na minha e cerrou as pálpebras com força. — Me aceite de volta, Mel.

As palavras proferidas com tamanho desespero instalaram um calombo em minha garganta.

— Não vá — pedi baixinho.

Nicolas abriu os olhos de imediato, e a avalanche de emoções dentro deles me deixou tonta. Reconheci a esperança, o anseio, o medo, o desejo. Mas era o amor que predominava.

— Por favor, não vá embora — repeti, trêmula. — Era o que eu devia ter dito, no restaurante. Era o que eu queria dizer, não só esta noite, mas em todas as vezes que você ia pra longe de... — Não pude continuar. Seus lábios não permitiram.

O mundo explodiu naquele beijo. A saudade, a dor visceral da separação, o amor desmedido que nos deixava ávidos, sedentos. Nós nos entregamos ao que sentíamos num abandono mútuo. Não era apenas desejo, mas uma necessidade insana da alma, do coração, de se doar, de pertencer. Cada carícia, cada suspiro e gemido, tinham seu próprio significado.

Senti sua falta.

Eu nunca mais vou me afastar de você.

Eu amo você.

Não havia um passado assim que ele me segurou com mais força, até meus pés perderem o contato com o chão. Não havia mágoa quando me agarrei ao seu

cabelo, temendo que a intensidade das emoções me arrastasse para longe dele. Naquela entrega absoluta havia apenas Nicolas e eu, e o universo maravilhoso que criávamos. Um mundo perfeito para nós. Um mundo feito de nós dois.

Uma buzina perfurou nossa bolha de felicidade.

— Tirem essa bosta do meio do caminho e arrumem um quarto!

Rindo em meus lábios, Nicolas me colocou de volta no chão, me admirando como se vislumbrasse um pedaço do paraíso.

— Eu acho que o cara pode ter razão. — Ele beijou minha testa. Meu nariz. O cantinho da boca. Meu queixo... — É melhor tirar o carro do meio da rua...

— Ele está certo só sobre o carro? — perguntei, me desmanchando com o arranhar áspero da barba em minha garganta, um delicioso contraste com a suavidade da boca quente.

— ... e depois eu vou te levar pra casa — completou, endireitando as costas para me encarar com uma fome inconfundível. Meu corpo reagiu no mesmo instante, se arrepiando, se aquecendo, derretendo por ele.

E, se por casa Nicolas se referia ao seu coração, estava ótimo para mim. Não havia lugar onde eu me encaixasse melhor.

Gentilmente, Nicolas abriu a porta do motorista e esperou que eu entrasse para então contornar o carro e se acomodar no banco do carona. Em vez de passar o cinto, ele se esticou sobre o câmbio para me beijar até ambos estarmos sem fôlego.

— Se você não quer ser presa por atentado ao pudor... — disse em meus lábios, as mãos desbravando minhas curvas — ... é melhor começar a dirigir.

— Se você deixar...

Ele se demorou um pouco mais, e, com um gemido dolorido, recuou, resignado. Dei risada, passando o cinto de segurança.

Aí eu me lembrei.

— E quanto ao Jeep?

— Meu carro é a última coisa que me preocupa agora. — Puxou a faixa preta presa à lataria e a cruzou pelo tórax. — Eu pego amanhã.

O clique do encaixe do cinto me fez despertar e dar a partida. Mas congelei atrás do volante conforme um pensamento atravessava meu cérebro com a delicadeza de um machado.

Nicolas deixaria o Jeep para trás junto com a mala e tudo o que ela representava.

— Ei, o que foi? — Ele tocou meu queixo. — Não precisa ter medo. Você vai se sair bem. Você é capaz, Mel.

— Não é isso. É que... — Fechei os olhos, suspirando. — Eu não queria que você tivesse que escolher entre mim e sua carreira. É por isso que não te procurei

antes. Não posso pedir que você faça isso.

— E não pediu. Mel, olha para mim — instigou baixinho, apertando minha mão. Eu o atendi, caindo diretamente nos dois lagos profundos. — Não ir esta noite pra Califórnia me encontrar com os investidores não significa que eu nunca mais vou para lá. Vou reagendar a passagem para amanhã à noite. Posso apresentar o projeto na quarta de manhã, como foi acertado, e embarco de volta para o Brasil na quinta.

— De volta? Eu pensei que fosse ficar por lá.

Ele riu de leve, relaxado.

— A única coisa que me motivou a pensar em me mudar de país era ficar longe de você. Eu sabia que, se permanecesse no Brasil, acabaria indo atrás de você, e pensei que você não quisesse isso. — Beijou minha palma. — Eu não preciso escolher entre você e a minha carreira. E, mesmo que fizesse uma escolha, seria minha decisão, não culpa sua. Você precisa parar de chamar toda a responsabilidade para si.

— Mas a vaga de CSO...

Ele se endireitou no banco, batendo a cabeça no encosto para fitar o teto.

— Eu estava torcendo para você esquecer essa parte. — Soltou o ar em uma áspera exalação.

— Por quê?

— Eu não ia pra Palo Alto esta noite. Ia pra Sacramento — explicou. Como tudo o que fiz foi continuar olhando para ele, acrescentou: — Eu declinei o convite da Brasitecno.

Minha cabeça ameaçou explodir.

— Você o quê?!

— Me escuta antes de começar a gritar comigo. — Ergueu as mãos em uma súplica. — Por muito tempo eu pensei que ir para o Vale do Silício fosse o que eu queria, o ponto mais alto da minha profissão. Depois de idealizar o MEL 1, inspirado por você, apresentei o projeto para a Brasitecno, e eles recusaram, alegando que não era o foco da empresa. Mas é o meu, Mel. Eu acredito nele. É por isso que eu estou me desligando da Brasitecno.

— Nicolas! — Ele tinha ficado maluco?

— Eu sei. Parece assustador. — Me deu um sorriso enviesado, reforçando minha teoria de que ele não estava bem das ideias. — Mas acho que finalmente encontrei meu lugar no mundo. Percebi que fazer a diferença, mesmo que seja na vida de uma só pessoa, é o que realmente importa. Neste momento, depois de ver o alívio do seu pai quando expliquei como o app funciona... e o seu... cacete, eu me sinto no topo do mundo.

Eu não teria ficado mais surpresa nem se ele afirmasse pertencer a uma

espécie extraterrestre. Uma bem sexy, é claro.

Soltei um pesado suspiro.

— Bom, de um jeito *muito* preocupado, fico contente em ouvir isso. Eu realmente me odiaria se te impedisse de ir atrás dos seus sonhos.

Seu cenho encrespou.

— Mas era o que eu estava fazendo ainda agora. Por isso eu estava voltando para o Viva!

Um imenso sorriso curvou meus lábios, e, antes que pudesse me impedir, eu o beijei. Minha visão embaçou com lágrimas de êxtase, de alívio, de paz e de certeza de que tudo estava no lugar certo. Porque ali, nos braços de Nicolas, era o meu lugar. E seria assim para sempre. Eu e Nicolas. Nicolas e eu. Por que um dia tive tanto medo?

— Mel, eu falei sério — ele disse sob a respiração, uma das mãos serpenteando pela fenda do decote do meu macacão. — Foram dois longos meses sem você. Não sei quanto controle ainda tenho. Vou acabar fazendo uma besteira.

— Certo! — Eu me endireitei no banco. Precisei inspirar algumas vezes antes de conseguir controle suficiente para colocar o carro em marcha.

Não foi fácil dirigir pela cidade e chegar ao prédio de três andares, e nem era por causa dos meus antigos traumas. Nicolas os silenciara com toques e beijos sempre que parávamos em um farol, de modo que a expectativa dizimou minha concentração. Por algum milagre, consegui estacionar o Chery em uma vaga próxima à entrada do prédio. Mal tive tempo de trancar as portas antes de Nicolas me pegar pela mão e correr em direção às portas de vidro do edifício.

— Espera. Não consigo acompanhar! — implorei em meio ao riso ao adentrarmos o prédio e tomarmos as escadas.

— Desculpa, é que estou com muita pressa. Estou esperando o momento de retomar de onde paramos faz tempo.

Eu o puxei com mais insistência. Nicolas me arrastou por seis degraus antes de perceber que eu queria detê-lo e parou para me encarar por sobre o ombro, um ponto de interrogação entre as sobrancelhas.

— Não quero só recomeçar — expliquei, sem jeito. — Eu quero que a gente fique junto de verdade. Não só na cama. Quero os jantares e dormir com você sem me preocupar com a manhã seguinte. Quero te contar que tive um dia difícil e que me conte o que aconteceu no seu. Sair pra passear e não temer o que eu estou sentindo nem o que você está sentindo. E quero te levar pra jantar na casa dos meus pais e... bom... quero que a gente seja um casal de verdade.

A surpresa arqueou suas sobrancelhas conforme ele girava até ficar de frente para mim. Bom, eu também estava bastante atônita com tudo o que havia dito.

— Você está me pedindo em namoro? — Ele me observou como se eu estivesse falando em tailandês.

— Se você precisa mesmo dar nome aos bois... — Revirei os olhos. — Mas, sim, é isso o que estou fazendo.

Descendo dois degraus para que nossos olhares se alinhassem, ele se curvou para mim, fungando de leve.

— O que você está fazendo? — indaguei.

— Checando se você está sóbria e se posso confiar no que está dizendo. Tomou alguma medicação hoje?

Arriei os ombros, gemendo.

— Tinha esquecido o quanto você é irritante. — Comecei a subir as escadas.

— Não, não, não. Peraí. — Ele me puxou pela cintura, me fazendo girar sobre os calcanhares. — Não pode voltar atrás agora. Eu só fiquei surpreso, e de maneira alguma discordo da sua ideia. Só acho que preciso te dizer uma coisa antes de a gente entrar em casa e eu começar a arrancar a sua roupa. — Subiu um degrau, colando o quadril ao meu, deixando claro que não haveria muita conversa depois que passássemos pela porta. — Acho que você precisa saber que eu sou um homem ambicioso. Namorado não é o único posto que eu espero ocupar na sua vida. Eu vou querer mais, Mel.

— Está falando de... daquilo que começa com c? — Meu fluxo sanguíneo despencou para os pés.

Nicolas assentiu com gravidade.

— Talvez você deva se preparar. Não vai demorar muito, eu vou te pedir pra casar comigo.

Eu ri, absolutamente nervosa.

— Qual é, Nicolas? A gente mal reatou. Você não pode me dizer uma coisa dessas. Não vou casar com você na semana que vem.

— É claro que não. — Enroscou os dedos nos passantes do meu macacão. — Você é a melhor produtora deste país, e todo mundo sabe disso. Mas nem você conseguiria organizar um casamento em uma semana. Um mês seria mais razoável.

— Ei! Eu sou superapta para produzir um casamento em uma semana. — Empinei o queixo, ofendida. — Nada muito elaborado, é claro, nem grande, e várias coisas teriam que ser improvisadas. Mas eu estaria totalmente pronta para um casamento na quinta que vem.

— Ótimo. Casamos na quinta-feira. — Ele se curvou para tomar minha boca.

Eu o detive, espalmando as mãos em seu peito, rindo outra vez.

— Nicolas, fala sério.

— Valia a pena arriscar. — Ele mirou o teto, soprando o ar em total desalento.

Então as íris azuis consumidas pelo fogo me encontraram. — Tudo bem. Vamos pensar nisso em outro momento. Agora precisamos focar em trazer suas coisas pra casa.

— Você espera que a gente viva sob o mesmo teto de novo? — Assombro não chegava nem perto de descrever o que eu sentia.

Quer dizer, eu sei que nós moramos juntos por quase três meses, mas era diferente. O que ele me propunha agora era outra coisa, uma realmente séria.

— Eu achei que estivesse implícito quando eu disse que você é o amor da minha vida. — Levando minha mão aos lábios, ele mordeu a ponta do indicador antes de sugá-lo e eu me perder por um instante. — Não quero passar um único dia sem você, Mel. Por que perder tempo indo de um canto ao outro da cidade se nós poderíamos aproveitar esses preciosos minutos ficando pelados juntos?

Tentei conter um sorriso, mas foi impossível. Era o pedido mais fofo que eu já tinha ouvido.

Espera aí. Eu estava considerando morar com Nicolas para valer? Como um casal?

— Isso é loucura — pensei alto, enrolando os braços em seu pescoço. — Morar junto é a mesma coisa que casar.

— Não, claro que não — rebateu imediatamente, pressionando minha palma contra o tum-tum-tum potente em seu peito. Sua outra mão escorregou pelas minhas costas até encontrar a curva do meu traseiro. — O que eu estou propondo é dividirmos o apartamento. E a vida um com o outro. E acordar junto todas as manhãs e praticar bastante nudismo pela casa. — Aquele sorriso sardônico que eu amava iluminou sua expressão. — Você também vai reclamar que eu deixei a toalha em cima da cama, e aí vai enfiar um cronograma de manutenção da casa na minha cara. Eu na certa vou dizer alguma coisa muito idiota, aí você vai brigar comigo, mas a discussão vai terminar na cama, porque é pra isso que uma discussão entre duas pessoas que se amam serve, não é?

— E eu aqui pensando que era para chegar a um consenso...

— Não. Tenho certeza absoluta que é só sobre sexo de reconciliação — zombou e eu acabei rindo. Mas não havia qualquer traço de brincadeira ao, em um tom reverente, proferir: — Também espero dividir com você tudo o que tenho, tudo o que sou, e, se eu tiver muita sorte, você vai fazer o mesmo. Enfim, em uma versão bastante resumida, é isso que eu estou propondo.

Eu já estava doida para cair nos braços dele, mas me detive. O que estávamos acertando era mais que um recomeço. Era toda uma vida.

— Entendi. Muito diferente de um casamento — brinquei.

— *Completamente* diferente — enfatizou, mas os cantinhos dos olhos se enrugaram.

O arrastar de tamancos me fez girar para o alto da escada. Dona Elza descia os degraus com muita agilidade para alguém daquela idade. A mulher de pouco mais de um metro e meio de altura parou na metade dos degraus, avaliou a bagunça que estava meu cabelo, meus braços ao redor do pescoço de Nicolas, a mão dele descansando em minha bunda, seus lábios borrados com meu batom. Então sorriu.

— Ah. Acho que me passaram o recado errado, sr. Cassani. Me informaram que o senhor pretendia entregar o apartamento, mas, pelo que vejo, mudou de ideia.

— Desculpe tê-la feito vir aqui à toa. — Nicolas se endireitou, mas não soltou minha mão.

Satisfeita com a resposta, ela nos deu um sorriso repleto de rugas e continuou a descer as escadas. Mas parou ao passar por nós.

— Assim que eu vi vocês dois, sabia que estavam destinados a se apaixonar. Eu não agi errado quando os forcei a morar sob o mesmo teto. — Deu um tapinha em meu queixo. — Não agi, não.

Boquiaberta, assisti a ela terminar de descer as escadas e desaparecer na calçada.

— Ah, meu Deus, não acredito nisso! — ofeguei, rindo. — A gente preocupado por tê-la enganado, mas na verdade foi ela que armou pra gente. Não dá para confiar nem numa senhorinha de oitenta anos... — Eu me calei ao me virar para Nicolas. As chamuscas se abravavam dentro dele, emanando o desejo imperioso em ondas cálidas.

Em um movimento tão rápido que eu mal registrei, ele me jogou por sobre o ombro e começou a me carregar escada acima.

— Nicolas, me coloca no chão. Você vai machucar as costas. Seja razoável — pedi, gargalhando, agarrando os bolsos de seu jeans.

— Eu até gostaria de ser, mas você ainda não aceitou morar comigo. Essa é a batalha da minha vida, Mel.

Ele me carregou até o apartamento e só me colocou sobre minhas próprias pernas depois de passarmos pela porta; sua camiseta estava no chão antes que ela se fechasse. Meu macacão se amontou aos meus pés e saiu voando para algum lugar ao tombarmos no sofá. A saudade nos guiava e as coisas saíram de controle rapidamente, sobretudo quando ele me puxou para cima e se encaixou entre minhas coxas. Perdida entre beijos e mordidas, calculei mal meus movimentos e meu pé acertou em alguma coisa na mesinha de centro.

— Ai, não, me desculpe. — Eu me desprendi dele para impedir a queda do... de um prato com uma maçã melecada?

Admirei a fruta partida lambuzada de mel, os cravos espetados na parte branca

formando meu nome em uma das metades. Meus olhos marejaram ao mesmo tempo que o riso me subiu pela garganta.

Encarei Nicolas, que esfregava o pescoço, bastante sem jeito.

— Ah... — Suas bochechas se encheram de cor, os olhos de diversão. — Eu precisava de toda a ajuda que conseguisse. Achei que não custava arriscar a sorte e te encomendar pra maçã.

Devolvi a simpatia ao seu lugar com cuidado, mentalizando um agradecimento. Tá legal, eu ainda não acreditava que a maçã tivesse me trazido Nicolas, afinal, nossa história começara naquela capela, muito tempo antes de Fabiola me obrigar a fazer a simpatia. Mas eu não podia negar que fora depois de espetar os cravos que nossos caminhos se cruzaram de vez. Fosse a fruta, o universo, a sorte... quem quer que fosse o responsável por trazer o amor para mim, eu sempre seria grata. E faria todo o possível para ser merecedora de tamanha felicidade. Eu havia aprendido com meus erros. Não teria mais medo, nunca mais me perderia pelo caminho. Teria a mão de Nicolas para me guiar pelo rumo certo.

Mas trancaria aquele prato em um lugar seguro assim que tivesse a chance, apenas por precaução.

Os dedos ansiosos encontraram a curva da minha cintura, contornando meu traseiro, deslizando de leve pelas minhas coxas.

— Pelo menos fiz direito? — ele quis saber.

Voltei a me encaixar em Nicolas, ignorando a pilha de caixas ao lado da longa mesa de trabalho agora vazia.

— Fez, sim. — Agarrei seu cabelo, forçando-o de leve para baixo. — De agora em diante, não vamos mais nos perder. Eu juro.

Com um movimento rápido, sustentando a base da minha coluna com uma das mãos, ele rolou até que eu estivesse presa entre ele e o sofá. Nossos corpos se moldaram um ao outro num encaixe tão certo que fiquei sem ar.

— Nunca mais. — Com a paixão queimando em seu olhar, Nicolas me beijou com intensidade, selando o juramento de maneira quase sagrada.

Nossos corações colados um ao outro, interligados por aquela incrível conexão, martelaram em uma violenta batida cadenciada, fazendo suas próprias promessas.

Nunca mais.

Até que enfim!

A cozinha do Viva! estava de cabeça para baixo àquela hora da noite. Apesar de ser um casamento para poucos convidados, Tália caprichara nos detalhes, criando um cardápio especial para o enlace de Marcus e Júlia. Teríamos muito trabalho nas próximas horas para deixar o restaurante pronto para a noite seguinte, já que a festa se aproximava do final.

Eu me virei para conferir a bandeja, ajeitando um docinho.

Do outro lado da bancada, minha sócia soltou um sonoro suspiro.

— O bolo já está no salão. — Tália secou a testa na manga do dólmã. —

Terminei por hoje.

— Perfeito, Tália. Pode ir pra casa. Eu organizo tudo depois.

— Valeu. A Lisa está me esperando para vermos seu seriado preferido. Eu provavelmente vou dormir antes da abertura, mas a intenção é o que conta. — Ela desabotoou o blusão e o pendurou em um gancho ao lado da imensa geladeira industrial. — Ah, quase esqueço. — Puxou do bolso um pedaço de papel. — Uma moça ligou enquanto você estava dando os últimos retoques no terraço. Queria saber sobre a disponibilidade do salão para um casamento em dezembro.

— Não temos mais nenhuma data para este ano. Estamos lotados.

No fim das contas, eu continuei no universo dos casamentos, de certa maneira. Depois de discutir com Tália sobre a proposta de Júlia, e minha sócia achar a ideia incrível, a notícia de que eu estava de volta ao ramo dos casamentos se alastrou pela cidade rapidamente. Ao contrário do que acontecera com as agências, as noivas ainda me queriam. Júlia e Marcus eram os primeiros noivos de uma lista abundante. Eram tantos os agendamentos que precisamos estipular datas fixas no calendário do Viva! para não atrapalhar o andamento do restaurante. Também não tínhamos uma única mesa disponível pelos próximos três meses.

Tália deixou escapar uma risadinha.

— Ah, como eu sonhei ouvir isso... Já viu o faturamento deste mês? — Ela me entregou o papelzinho dobrado.

— Ainda não tive tempo. — Abrindo o papel, examinei os números no rodapé da página e quase caí para trás. — Esse é o faturamento bruto?

— Líquido. Já estávamos indo bem. Aí a sua ideia de vender o serviço de bufê para festas fez os lucros dispararem. Eu sabia que ter você no comando era puro ouro. Somos um sucesso, sócia. — Ela ergueu a mão.

Bati, meio entorpecida. Era muita grana. Sete vezes mais que o meu salário de produtora da Allure, que já era extraordinário.

— A gente tem mais taças? — Gabriela passou pela porta vaivém, meio esbaforida. — Alguns convidados estão sem. O noivo quer fazer um discurso. Talvez role mais um brinde.

— Ali. — Tália indicou a prateleira com os cristais no fundo da ampla cozinha. — Mas não devia ser um dos padrinhos a discursar?

— Eles já discursaram — expliquei, guardando o documento no bolso do vestido. — Mas o Marcus quer dizer algumas palavras. Parece importante. Ele está bem nervoso pra alguém que acabou de casar.

— Acho que vou dar uma espiada! — exclamou Tália. — Não quero perder nada romântico. Esses dois são a coisa mais fofa que eu já vi, e olha que estou

nesse ramo faz tempo.

Eu concordava com ela. O casal optara por receber as bênçãos no terraço do Viva! O altar montado no pátio de pedras fora posicionado em frente ao muro alto repleto de rosas trepadeiras. Eu adicionara um arco com mais delas. Fora ali que Marcus e Júlia proferiram seus votos diante de um padre, um juiz de paz e as pessoas que mais amavam. Júlia estava encantadora em um vestido branco com detalhes em preto, criado pela própria mãe — Berenice chorara o tempo todo. Marcus também não contivera a emoção ao beijar sua noiva no final da cerimônia e quase a engolira, arrancando risos de quem assistia.

Eu acompanhara tudo de um dos bancos, vendo Dênis no altar lutando para manter a fachada ao testemunhar o final feliz de sua melhor amiga. Nicolas também era um dos padrinhos, e seus olhos se fixaram aos meus no instante em que o casal se virara nas cadeiras para trocar os votos sagrados, e tive que morder a bochecha para não acabar com a maquiagem borrada.

Como eu também não queria perder nada, me apressei a ajudar Gabriela a encher duas bandejas com taças, ainda distraída com os números do Viva! Eu não teria que me preocupar com dinheiro, se continuássemos assim, e, a julgar pelas reservas — de mesas e do salão —, não tinha dúvidas de que estávamos só começando. Se três meses antes alguém me dissesse que eu obteria sucesso profissional comandando um restaurante, eu teria caído na gargalhada. A vida é realmente extraordinária.

— Por que você está com cara de que viu alguém pelado? — Gabi me espiou por entre os fartos cílios.

— Só estou chocada com o faturamento do Viva! Grana alta, Gabi. *Mesmo*.

— Ah, Mel. — Depositando uma taça na beira da bancada de mármore, ela me abraçou pela cintura, espremendo o rosto em meu peito. — Estou tão feliz. Isso significa que você vai poder pagar meu salário de verdade.

— Você pensou que não poderia? — Empurrei a taça mais para o fundo, para que ela não a derrubasse com o cotovelo. — E mesmo assim aceitou o emprego?

— Eu gosto daqui. — Ela me soltou, tornando a trabalhar nos cristais. — Ninguém grita comigo nem ameaça usar minha cabeça como chaveiro se eu faço merda.

Caí na risada. Era tão bom ter Gabi por perto de novo.

Gabriela não resistira aos rompantes de fúria de Sônia e pedira as contas, no mês anterior. Fui atrás dela assim que Fabiola me ligou contando. Seu sorriso contagiante era o que faltava na porta do Viva! Ela aceitara o emprego sem pestanejar, uma das coisas mais incríveis sobre Gabriela — e mais preocupantes também.

Minha ex-chefe então fez a coisa certa e promovera Dênis a produtor. Meu

amigo estava tenso, ainda se adaptando às responsabilidades, mas eu não tinha nenhuma dúvida de que ele logo superaria a apreensão inicial e se tornaria o maior produtor de que a cidade já tivera notícias.

Fabiola estava aliviada. Sônia contratara três novos funcionários, de modo que ela finalmente pôde abandonar a função de quebra-galho e se dedicar inteiramente à criação de peças de divulgação e conceitos das festas. André ainda tinha que comparecer aos eventos e cuidar dos equipamentos, mas parecia tranquilo. Na verdade, pouca coisa o incomodava desde que ele se mudara para a casa de Fabiola, na semana anterior. Os dois viviam uma espécie de lua de mel antecipada e contavam as horas para que o grande dia chegasse — a melhor parte é que seria ali, no Viva! Eu não podia estar mais feliz. O casamento de meus melhores amigos seria o mais importante de toda minha carreira, e eu ia garantir que eles soubessem disso.

Gabriela e eu carregamos as bandejas para o salão principal e as equilibramos na mesa ao lado dos baldes de gelo abastecidos de espumantes. Avistei Max e Alicia se divertindo no karaokê. Os dois eram tão desafinados que chegava a doer os ouvidos. Mas Marcus, com sua bela noiva em seu colo, a conduzia em uma dança apaixonada, sem parecer se dar conta dos ganidos do irmão e da cunhada.

Como sempre acontecia, meus olhos foram arrastados para um canto do salão e capturados pelos de Nicolas. Ele ouvia alguma coisa que seu tio lhe dizia e abriu um sorriso largo — aquele que ele guardava só para mim.

— Mel, minha querida, você deve estar exausta — disse dona Marta, se aproximando sem que eu percebesse. — Não parou um instante sequer. Devia se sentar um pouquinho.

— Ainda não posso, dona Marta. O fim da festa significa mais trabalho.

Ela me deu um sorriso reluzente.

— Pelo menos deve estar orgulhosa. Foi uma linda cerimônia. É tão maravilhoso ver o Marcus vivendo de novo. E essa menina, a Júlia, é um encanto. É tão bonito quando duas pessoas se encontram dessa maneira... começam uma vida juntos... Fico sonhando com o dia em que vai ser o meu Nick. Aí eu vou saber que logo terei um bebê para preencher o meu colo. Uma bela garotinha de cachos loiros e imensos olhos azuis. Ou um menino de cabelo preto e sardas. — Ela me espiou, esperançosa.

— Eu... aaaaaah...

Uma mão larga e quente se encaixou em minha cintura, enviando uma onda elétrica por cada célula do meu corpo.

— Mãe, a tia Mirna está te procurando — anunciou Nicolas. — Parece urgente.

— Ah, minha nossa, será que aconteceu alguma coisa séria? — Ela tocou a base da garganta e foi atrás da cunhada, que ria de algo que dona Berenice lhe dizia.

Uma taça de champanhe apareceu sob meu nariz.

— Ela estava falando de netos de novo, não é?

Fiz que sim, aceitando a bebida e engolindo metade do conteúdo em um longo gole.

— Fico com medo de qualquer hora dessas ela se oferecer para ir com a gente para o quarto a fim de dar instruções de como fazer um bebê — comentei.

Ele estremeceu, fazendo uma careta que me fez gargalhar.

— Você perdeu a melhor parte da festa — comentou pouco depois, enrolando o dedo em uma mecha que escapara da minha trança lateral. — O tio Julius estava rebolando enquanto a dona Berenice cantava uma música do Sidney Magal. Ainda bem que o Marcus filmou tudo.

— Precisei ir buscar mais taças e conferir se a Tália tinha terminado os docinhos e... Ei, você não vai acreditar no faturamento do Viva! deste mês — lembrei de repente, puxando o papel do bolso.

Nicolas arqueou as sobrancelhas ao examinar os números. Sua expressão não podia ser descrita de outra maneira que não orgulhosa.

Essa era uma das coisas mais maravilhosas sobre Nicolas. Ele estava comigo de verdade, em todos os sentidos. Minhas vitórias eram também as dele, meus medos se tornaram os seus, meus sonhos agora eu dividia com ele. E vice-versa. Depois de retornar da Califórnia com um contrato astronômico e a cabeça cheia de ideias, quase explodi de orgulho, não apenas pela conquista financeira, porque essa parte era a que menos lhe interessava. Ele estava empolgado com a possibilidade de fazer a vida de centenas, talvez milhares de pessoas mais suave. Como eu poderia não me orgulhar?

Nunca me vi no papel de princesa de conto de fadas, mas Nicolas estava me mostrando que o final feliz existe para a fada madrinha também. Fabiola constantemente implicava comigo, dizendo que não era educado esfregar minha felicidade na cara dos outros, mas o que eu poderia fazer? Eu nunca fui mais feliz. Eu acordava sorrindo enroscada a Nicolas e adormecia da mesma maneira. Loki já não estava mais deprimido e adotara Nicolas de vez. Meu gatinho o perseguia pela casa, um zelo semelhante ao de uma mãe preocupada que seu filhote pudesse se meter em encrenca. Na noite da última segunda-feira, único dia da semana que o Viva! não abria as portas, eu aproveitara a folga para ajudar Fabi a procurar pela cidade o vestido de noiva perfeito, e ao voltar da rua encontrara Nicolas fazendo uma apresentação para o Loki do MEL 3 (uma coleira com localizador em tempo real), com slides de estatísticas e tudo mais. Meu

gatinho, sentado sobre as patas em sua almofada preferida, o encarava em absoluto horror. Como eu podia não sorrir o dia todo?

E as noites... ah, as noites eram preenchidas por suspiros. Nicolas me mostrava a cada anoitecer como a entrega era doce, quente e intensa. Eu com frequência chorava, e ele já não se assustava mais. Apenas me abraçava com força e me deixava extravasar a emoção grandiosa demais para ser aprisionada em meu peito.

É claro que papai não ficara exatamente entusiasmado ao saber que eu ia morar com um homem sem uma aliança no dedo, quando Nicolas apareceu para pegar minhas coisas. Mas, apesar da resistência inicial, ele acabou aceitando — acho que me ver feliz era mais importante para ele que convenções sociais. Já minha mãe era total e completamente apaixonada por Nicolas. Obviamente, ela também não conseguira resistir ao charme dele. E, se havia algo que Nicolas fazia bem, era ser galanteador. Mamãe nunca tivera a menor chance. Nem eu.

Minha mãe estava melhorando. Devagarinho, é bem verdade, e nossa vida se alternava entre os raros momentos em que ela conseguia se lembrar de que eu agora morava com Nicolas, que ele era o amor da minha vida, que eu era sócia de um restaurante, e os muitos em que me ligava para contar sobre a folga e a dedetização da escola. Entre dias bons e ruins, eu escolhera ser feliz.

Nicolas beijou a ponta do meu nariz, as mãos acompanhando minha silhueta.

— Eu já mencionei que este vestido é uma verdadeira tortura? — Suas pupilas se expandiram, engolindo o azul.

— Umas dez vezes, pelo menos.

Eu tinha pensado em usar um preto, mas Fabiola me convencera de que ao menos no casamento do primo do meu namorado eu poderia abrir uma exceção, e insistira que eu comprasse um novo em uma de nossas muitas incursões atrás do traje de noiva perfeito. Eu me apaixonara pelo vestido com saia lápis de um azul profundo que me lembrava tanto Nicolas. O decote em formato semicoração arrematado por alças largas caídas nos ombros era perfeito para aquela ocasião, arrumado, mas ainda me permitia ter movimentos. É claro que Nicolas gostara dele por um motivo muito diferente.

Tim-tim-tim.

Ele e eu nos viramos para o pequeno espaço reservado para a dança, onde o noivo girou a cadeira de rodas, batendo com o garfo em uma taça, atraindo a atenção de todos. Nicolas me puxou pela cintura, me encaixando na lateral de seu corpo, atento a Marcus.

— Este é o momento em que eu ficaria de pé, mas não vai dar. Torci o joelho jogando bola ontem — gracejou o noivo, arrancando risos de todo mundo, exceto da mãe, que lhe deu um olhar enviesado. — Eu e Júlia queremos

agradecer a presença de todos. Se vocês estão aqui hoje, é porque, de alguma maneira, fazem parte da nossa jornada, e somos muito gratos por tudo o que fizeram pela gente. Este é com certeza o dia mais feliz da minha vida. Quando me uni à mulher que significa tudo para mim. A mulher que me deu o mundo.

A tímida Júlia corou ao ser puxada para o colo do noivo. Gritos e assovios explodiram pelo salão. Nicolas era um dos mais entusiasmados. Max se apressou em pegar a taça da mão do irmão e voltar para perto de Alicia, aguardando o final do discurso.

— Mas o motivo desta celebração — a voz do noivo tremeu de leve — vai além de duas pessoas que encontraram uma na outra uma razão para continuar lutando, sorrir a cada nascer do sol. É o início de uma caminhada que pensamos que seria a dois. Mas a matemática da vida é diferente.

— Como assim? — Mirna ofegou.

Muito cavalheiresco, Marcus ajudou sua noiva a ficar de pé. Então, se curvou na cadeira no que pensei ser uma reverência. De certa forma, era isso mesmo, percebi, ao vê-lo tocar com as mãos e os lábios o ventre plano de Júlia.

Ah! Aquele era o imprevisto que impedira que o casal retornasse para a Alemanha e o motivo de um casamento tão apressado.

— Que filho da mãe... — Nicolas abriu um sorriso abismado. — Que grande filho da mãe.

O salão caiu em um silêncio profundo antes de explodir em gritos, palmas e abraços.

— Eu vou ser pai! — Marcus gritou a plenos pulmões, sorrindo de uma orelha à outra. — Ainda funciona!

— Marcus! — Sua noiva deu risada, meio corada.

— Pode ficar brava comigo, Pin. Eu deixo, porque eu vou ser pai! Eu vou ser pai!

Max o alcançou primeiro e o puxou para um abraço intenso, batendo nas costas do irmão com o punho, tendo problemas para ocultar a emoção.

Nicolas também foi cumprimentar os noivos. O problema é que todo mundo teve a mesma ideia e a bagunça saiu de controle. Eram tantas as mãos tocando Júlia, tantas as questões, que precisei interferir e levar os noivos até uma mesa enquanto a família se organizava ao redor deles e os fuzilava com perguntas.

— Quando descobriram?

— Já sabem o sexo?

— Pra quando é?

— Se for menina, ela pode se chamar Alicia?

Rindo da bagunça que eles faziam, me afastei para dar espaço para a família e fui me ocupar com a bandeja de docinhos. Reposicionava as taças de champanhe

para o brinde final quando Nicolas conseguiu escapar da confusão. Ele me observou trabalhar com um meio sorriso abobalhado.

— Que foi? — questionei, desconfiada.

— Só estava pensando que um dia vamos ser nós. — Indicou com o nariz os noivos antes de dirigir a força daquele olhar sobre mim. — Você sabe que nós vamos acabar assim, não é? Não vou te deixar alternativa.

— Você é muito convencido. — Terminei com as taças e notei que ele sorria de um jeito meio enigmático. A curiosidade levou a melhor. — Fala como se já tivesse tudo planejado.

Recostando-se meio de lado na parede clara, ele cruzou os braços sobre o peito.

— E eu tenho. Vai acontecer em uma noite especial, como esta. Você vai usar um vestido que vai tirar minha paz. — Seu olhar faminto passeou pelos meus contornos sem pressa. Ele tinha mesmo gostado do vestido. — Provavelmente vai ter flores e velas em algum lugar. E champanhe. — Ele me ofereceu uma das taças.

— Obrigada. — Aceitei, provando um gole. — Não é um início ruim. O que você vai usar?

— Algo parecido com isto. — Deu um peteleco na lapela do paletó. — A ocasião vai ser solene.

Apoiei o quadril na mesa, achando graça.

— E você por acaso pensa que um terno bonito, champanhe e algumas flores vão me convencer a casar com você?

— Não sou tão inocente assim. Por isso vou te levar para um lugar onde se esqueça do restante do mundo. — Espalmando a mão em minhas costas, ele começou a me conduzir para o terraço.

— Nicolas, eu tenho que...

— Já acabou, Mel. Tudo foi perfeito, e todo mundo adorou. Você já pode relaxar.

Ele tinha razão. Depois do anúncio da gravidez ninguém prestava atenção a mais nada. Por isso assenti e o acompanhei até o pátio onde ocorrera a cerimônia, meu lugar favorito do restaurante.

No entanto, minhas sandálias derraparam nas pedras do terraço, e eu pisquei algumas vezes. O altar desaparecera. O arco ainda estava lá, agora ladeado de tochas semelhantes às que Nicolas me ajudara a instalar na praia. No chão, velas dentro de copos de vidro, conchas de todas as formas e tamanhos se misturavam às pétalas rubras em um carpete cintilante perfumado.

Espalmei o peito. O cenário me parecia diferente e, ao mesmo tempo, familiar. Eu vira exatamente aquela cena, em minha mente, ao concluir a simpatia da

maçã.

No fundo do pátio, ouvi o portão se fechar. Olhei naquela direção a tempo de ver Gabriela e André se afastando. Fabiola, colada à grade, sorriu um tanto ansiosa. O que ela estava fazendo ali?

— Não fuja agora — fez com os lábios.

— De quê? Fabi... — Mas ela me deu as costas, seguindo os outros. Eu me virei para Nicolas. — O que está acontecendo?

— Te lembrar do momento em que nós dois percebemos que não poderíamos fugir do que sentimos será parte do meu plano. — Deu de ombros. — Eu vou precisar de ajuda nessa parte.

— Começo a ficar preocupada com esse seu plano — balbuciei, trançando as pulseiras uma na outra, aflita, pois aquilo se assemelhava cada vez menos a um planejamento e mais à concretização de um esquema muito bem orquestrado por Nicolas e meus amigos traidores.

— Imagino que esteja. — Delicadamente, ele pegou minha taça para deixá-la no beiral da fonte, e então me guiou pelo tapete de velas e flores. — Pensei que ouvir algo especial talvez ajude a acalmá-la — prosseguiu ao pararmos em frente ao arco, enlaçando os dedos aos meus. — A nossa música, quem sabe.

— Não temos uma música ainda.

— Não? — Arqueou uma das sobrancelhas no instante exato em que a voz de Justin Timberlake começou a sussurrar em algum lugar ali perto.



Aren't you something to admire, 'cause your shine is something like a mirror



And I can't help but notice, you reflect in this heart of mine...

Ah, meu Deus do céu!

— Aí eu vou olhar bem dentro dos seus olhos... — E foi o que ele fez. — ... e vou me abaixar em um joelho, porque é como eu me sinto diante de você, Melissa. De joelhos, rendido, arrebatado. — Sustentando o olhar, ele se agachou sobre um dos joelhos.

Meus ossos se transformaram em gelatina.

— Nicolas... — Engoli em seco.

— Eu sei. Você vai ficar com medo, por isso eu vou segurar a sua mão. Não apenas neste instante, mas em todos os bons, todos os ruins, pelo resto das nossas vidas. — Ele envolveu os dedos nos meus, a essa altura suados e trêmulos. — E aí eu vou dizer.

O retumbar do meu coração era ensurdecador. Espalmei a mão livre sobre ele, implorando que se aquietasse. Algo realmente importante acontecia naquele instante, e eu não queria perder nada.

Só que, em vez de meu coração, foi Nicolas quem se calou. Ficou ali, se equilibrando em um joelho, me observando com os olhos em brasa, a expressão endurecida pela emoção que tentava refrear.

— O quê? — encorajei, hipnotizada. — Vai me dizer o quê?

Ele abriu aquele sorriso de canto de boca que eu tanto amava.

Merda. Eu estava total e completamente ferrada, se ele ia me sorrir daquela maneira.

— Você é a junção de todos os meus melhores sonhos, Mel. Todos os meus planos mais brilhantes. Todos os meus desejos. Em você eu encontrei um lugar onde posso ser eu mesmo, onde sempre posso me esconder do mundo. Criar meu próprio mundo. Um mundo que é feito de você.

Ah. Meu. Deus.

— Não consigo imaginar felicidade maior que acordar ao seu lado todos os dias. — A sobriedade se apossou de sua voz. — A cada amanhecer, assim que acordo e vejo seu rosto, me pergunto o que eu fiz de bom nesta vida para merecer ter você nela. E nunca encontro resposta, por isso agradeço à minha sorte e rezo para que ela perdure por mais um tempo. *Para sempre* faz parte do final da prece.

Pisquei algumas vezes para desobstruir a visão, e duas lágrimas escorreram pelas minhas bochechas, mas não dei atenção. Apenas me concentrei em inspirar e expirar, e nas palavras que o homem que eu amava enlouquecidamente proferia, ajoelhado diante de mim.

— É assim que desejo passar os meus dias — continuou, veemente. — Os anos, as décadas. Ao seu lado. Sempre ao seu lado. Por isso eu quero muito saber, se você se sentir do mesmo jeito com relação a mim... — Pescou alguma

coisa no bolso da calça e com um movimento rápido virou minha mão, ainda na sua, para depositar uma caixinha preta de veludo em minha palma. — ... se você estaria interessada em usar este anel. Por todos os dias das nossas vidas.

Com os dedos trêmulos, alcancei a caixinha de veludo e inspirei algumas vezes antes de beliscar a tampa. Ela se abriu devagar, revelando aos poucos o delicado aro prateado que sustentava uma pedra oval da mesma cor da pulseira no pulso de Nicolas, o tom exato dos olhos que se tornaram meu farol fazia tempo.

— Saco. — Soltei o ar com força. — Eu já falei que odeio quando você tem razão?

— Já. — Sua garganta convulsionou à medida que engolia o nervosismo. — Sobre o que desta vez?

Puxando-o suavemente para que ficasse de pé, me estiquei na pontinha dos pés para travar os dedos em sua nuca.

— Você tem razão quanto a não me deixar alternativa — respondi, incapaz de não sorrir. — Eu quero todas essas coisas também. Não existe nada que eu queira mais do que ter você na minha vida para sempre.

Em Nicolas eu encontrara afinidade, respeito, ternura. Mas também todas as coisas loucas que nunca acreditei que existissem de verdade até experimentá-las: o estômago dando voltas, a cabeça leve, e eu estava aprendendo a conviver com a pulsação constantemente errática. Nicolas era o amor que eu idealizara e também aquele que habitava minhas fantasias mais secretas.

Tenho certeza de que estrelas explodiram em algum lugar ali perto conforme ele se curvou para me beijar com uma urgência tão violenta que meus pés saíram do chão.

— Eu amo você, Mel — murmurou, ainda me segurando contra a muralha de seu peito, meus pés se balançando frouxos no ar.

— Te amo, Nicolas. — Afastei com a pontinha do indicador uma mecha escura que encobria aqueles olhos tão lindos, mais brilhantes que nunca. — E, só para você saber, eu mudei de ideia faz um tempo sobre casamentos. Teria aceitado seu pedido mesmo se você tivesse dito “e aí, o que acha de a gente casar no fim do mês?”

— Eu sei. — Delicadamente, ele me colocou no chão, mas me manteve dentro de seu abraço. — Eu queria ter uma história melhor pra contar para os nossos filhos, um dia.

— Vai ser uma boa história.

Seu polegar passeou pelos contornos do meu nariz, da bochecha, todo o arco do maxilar, a curva da orelha, os olhos cheios de ternura e deslumbramento.

— A mais importante de todas, Mel. O título poderia ser “Como eu encontrei

a mulher mais complicada, implicante e irritante do planeta dentro de uma igreja” — ele recitou.

Comecei a protestar. Nicolas se apressou em depositar um beijo em minha boca, e, bom... seria muito rude de minha parte não retribuir, não é?

— Mas sabe? — murmurou, inspirando fundo ao deslizar a pontinha do nariz pela minha bochecha, meu queixo, a linha do maxilar... — Eu também poderia chamar a história de “Como eu encontrei a outra metade do meu coração”. Acho que gosto mais desse título... E você?

— Eu adoro. — Abri um sorriso largo, o coração quase não suportando tanta felicidade. — É perfeito, Nicolas.

— Não. *Isso* é perfeito. — Encaixando uma das mãos em minha nuca, a outra na lateral dos meus quadris, ele me puxou para ainda mais perto e me beijou com toda a paixão que vi arder em seu olhar.

É, ele tem razão, pensei, me perdendo em seus lábios. *Aquilo* é que era perfeito.

Agradecimentos

Contar a história da Mel foi o maior desafio da minha carreira, e sem o apoio e o amor de tantas pessoas eu jamais teria conseguido. Como você, meu leitor, que me incentiva e motiva a seguir em frente mesmo quando não sei ao certo para onde estou indo. Muito obrigada!

A Verus Editora, parceira de todas as horas, um gigantesco obrigada, em especial a minha editora, Raïssa Castro, e a Ana Paula Gomes e Raquel Tersi, que me deram a liberdade e o tempo de que eu precisava.

As betas mais incríveis que qualquer escritora sonharia em ter, Cinthia Egg e

Raquel Areia, vocês são incríveis!

Aline Benitez, você mora no meu coração. Rodrigo Perrotta, sorte a minha ter um amigo tão competente na área de TI. Sua ajuda foi essencial! Qualquer engano relacionado à profissão de Nicolas é totalmente meu.

Mamãe e papai, obrigada por nunca duvidarem. E, Carla, minha irmã favorita, obrigada pelo alívio nas noites de sexta. Como eu precisava! Amo vocês!

E, por fim, o meu muito obrigada aos dois responsáveis pelos meus sorrisos: Lalá e Adri. Eu jamais teria superado esse desafio sem vocês dois. Obrigada por nunca pararem de acreditar, me mostrarem que sou muito mais forte do que penso, por me salvarem de mim mesma. Vocês são os amores da minha vida. Como sempre, escrevi este livro para vocês!

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Amor sob encomenda

Site da autora:

<https://www.carinarissi.com.br/>

Facebook da autora:

<https://www.facebook.com/CarinaRissiEscritora/>

Twitter da autora:

<https://twitter.com/carinarissi>

Skoob da autora:

<https://www.skoob.com.br/autor/3380-carina-rissi>

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Epígrafe](#)

[Sumário](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[Agradecimentos](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)